



Richard L. Thompson

# Identidades alienígenas

O FENÔMENO UFOLOGICO MODERNO  
SOB A ÓTICA DA SABEDORIA ANTIGA



NOVA ERA



# **Richard L. Thompson**

## **Identidades Alienígenas**

**O FENÔMENO UFOLÓGICO  
MODERNO SOB A ÓTICA DA  
SABEDORIA ANTIGA**

Tradução de MÁRCIO POMBO

NOVA ERA  
2002

Dedicado a Sua Divina Graça A. C. Bhaktivedanta  
Swami Prabhupāda que escreveu Easy Journey to  
Other Planets.

### **Sumário**

Agradecimentos  
Introdução  
Epistemologia

Explicações para a origem do fenômeno ufológico  
Literatura védica e choque cultural

**PARTE 1** Um rastreamento da literatura sobre óvnis

1. A ciência e os objetos não-identificados

Relatos sobre óvnis por cientistas e engenheiros

Sobre cientistas que estudam óvnis

Estudos científicos recentes sobre óvnis

2. Contatos imediatos de diversos graus

Falsos relatos sobre óvnis

Sobre erros de percepção e falhas de memória

Um contato imediato bem corroborado

Um relato ao Congresso

*Un disco volante*

Marcianos, fertilizante e psiquiatria

Casos envolvendo crianças

Rastros e efeitos físicos

Efeitos eletromagnéticos sobre carros

Evidência fotográfica

3. O papel do governo

A CIA e a Comissão Robertson

O que estava acontecendo enquanto isto?

Exemplos de perseguições militares a óvnis

Casos envolvendo radar

O Relatório Condon

Mais eventos recentes

Conspirações sinistras

O desastre de Roswell

Alguns dos depoimentos filmados sobre o caso

Roswell

A vexaminosa questão dos corpos alienígenas

Desinformação e o MJ-12

4. Raptos por óvnis

O caso de Buff Ledge  
Histórico e frequência de casos de raptos  
Características genéricas dos raptos por óvnis  
Pequenos detalhes recorrentes  
Ferimentos e doenças  
Anatomia de uma alucinação?  
Sobre a evolução dos humanóides  
Sedução e genética  
O elemento medo  
Tempo perdido  
O papel da hipnose  
Avaliação psicológica dos raptados  
O fator psíquico  
5. Contatos, canais e comunicações  
O caso Adamski  
De raptado a contato  
O contato completo  
Filmes e fotografias  
Pistas de pouso, sons e amostras minerais  
Histórias confirmatórias  
Discrepâncias sortidas  
Extraterrestres bíblicos  
A hipótese da trapaça alienígena  
A qualidade das comunicações de óvnis  
Geringonças técnicas  
A teoria da intervenção genética  
Desastres e mais genética  
Conclusão  
**PARTE 2** Paralelos védicos aos fenômenos  
ufológicos  
6. Contato transumano na civilização védica  
Uma sinopse da visão de mundo védica  
Vimãnas

Outros mundos  
Humanóides  
A alma  
A hierarquia cósmica  
Elementos egocêntricos  
Origens humanas  
Contato  
Relatos védicos de fenômenos de contato imediato  
O bombardeio aéreo a Dvārakã  
Invisibilidade e flechas sensíveis ao som  
Levitação, ou Laghimã-siddhi  
Desaparecimento e reaparecimento  
Viagem corpórea através da matéria e do espaço  
O rapto de Arjuna por Ulüpi  
O rapto de Duryodhana  
Paralisia induzida e hipnose a longa distância  
Projeção de formas ilusórias  
O fator Oz  
7. A história dos vimãnas  
Máquinas na Índia antiga e medieval  
Robôs e outros autômatos  
Aviões  
O Vaimãnika-sãstra  
Vimãnas na literatura védica  
Vimãnas para todos os fins  
A cidade voadora de Hiranyapura  
Congressos aéreos dos devas  
A mansão aérea de Rãvana  
E os cavalos e quadrigas voadores?  
Vimãnas de Vaikuntha  
8. Observações modernas e antigas tradições  
As fadas  
Raptos e cruzamentos

Genética e origens humanas  
Súcubos e íncubos  
Visitas a outro mundo  
Dilatação do tempo  
Reinos paralelos e óvnis  
A raridade das naves aéreas em tradições ligadas a fadas  
Fadas e nãgas  
Os nãgas de Caxemira  
Visões e milagres — o caso de Fátima  
O milagre solar  
Os seres vistos em Fátima  
Fátima como um caso de contato com óvni  
A estrutura dos céus  
9. O caminho penoso  
Casos de monstros peludos  
Mutilações de gado  
A ligação com o helicóptero  
Pistas de solo em casos de mutilação  
Relatos humanóides em casos de mutilação  
Entidades ufológicas hostis aos humanos  
O caso de Cimarron, Novo México  
Incomum vestuário alienígena  
Ataques diretos a seres humanos  
Homens de preto  
Hostilidade de humanóides védicos contra humanos  
Guerras nas estrelas e suas conseqüências  
A trama do Rãmãyana  
A trama do Mahãbhãrata  
10. Energias grosseiras e sutis  
EECs e óvnis  
Os seres de manto branco

Forma física ou forma sutil?  
Efeitos físicos posteriores aos raptos por óvnis  
Experiências de quase-morte (EQMS) com gafes administrativas  
Óvnis e a reciclagem de almas  
Reciclagem de almas e o governo  
O físico, o sutil e o que está além  
11. Óvnis e religião  
Ātmã, Brahman e a evolução da consciência  
Transmigração e planos superiores  
Panteísmo e impersonalismo  
Compreensão de Brahman  
O papel de mãyã  
Apêndice 1 Casos de óvnis vistos pela Força Aérea americana  
Apêndice 2 Sobre a interpretação da literatura védica  
Apêndice 3 Casos indianos contemporâneos  
A dama da varíola  
A lança de Kārttikeya  
Encontro com uma Jaladevata  
Óvnis sobre Mãyapura

## **Agradecimentos**

O progresso no estudo da experiência humana sempre dependerá do somatório de esforços de muitas pessoas. Sou grato aos seguintes autores, investigadores e testemunhas de óvnis por terem me fornecido as importantes informações utilizadas neste livro:



George Adamski, Maury Albertson, Orfeo M. Angelucci, Thomas Bearden, Charles Berlitz, Michael Bershada, Ted Bloecher, Howard Blum, Charles Bowen, Lyle G. Boyd, Thomas E. Bullard, Bill Chalker, Aphrodite Clamar, Edward U. Condon, Ed Conroy, Gordon Creighton, William Curtis, James W. Deardorff, Terence Dickinson, Paul Dong, Barry H. Downing, Ann Druffel, George Earley, BritElders, Lee Elders, Don Elkins, Lawrence Fawcett, Edith Fiore, Raymond Fowler, Stanton Friedxnan, John G. Fuller, Paul Fuller, Timothy Good, Elmer Green, Barry J. Greenwood, Richard F. Haines, Richard H. Hall, James Harder, Richard C. Henry, William J. Herrmann, Charles Hickson, Cynthia Hind, Budd Hopkins, Linda Moulton Howe, Antonio Fluneeus, J. Allen Hynek, Philip J. Imbrogno, David M. Jacobs, Donald A. Johnson, Carl G. Jung, Parli R. Kannan, Gary Kinder, Alvin H. Lawson, Meade Layne, Desmond Leslie, Coral Lorenzen, Jim Lorenzen, Bruce S. Maccabee, Victor May Marchetti, William Markowitz, James A. McCarty, James E. McDonald, Eduard Meier, William Mendez, Donald H. Menzel, William L. Moore, Kanishk Nathan, Thornton Page, Ted R. Phillips, William T. Powers, Bob Pratt, Kevin D. Randle, Jenny Randles, Antonio Ribera, Franklin Roach, August Roberts, D. Scott Rogo, Carla Rueckert, Carl Sagan, John R. Salter, Virgilio Sanchez-Ocejo, Ivan Sanderson, David R. Saunders, Larry Savadove, Donald R. Schmitt, John F. Schuessler, Berthold E. Schwarz, Frank Scully, Michael Seligman, Margaret Shaw, Elizabeth Slater, Sherle Stark, William S. Steinman, Wendelle

C. Stevens, Ronald Story, Whitley Strieber, Barry Taff, Rolf Telano, Jacques Vallee, Jean-Jacques Velasco, Ed Walters, Francis Walters, Travis Walton, David F. Webb, Walter N. Webb, Roger Wescott, George Hunt Williamson, Jennie Zeidman e Lou Zinsstag.

Também sou grato a muitos outros autores, inclusive os seguintes:

D. P. Agrawal, S. Maqbul Ahmad, Vaman S. Apte, Santo Agostinho, Alice A. Bailey, Prithivi Bamzai, Raja Bano, John Bentley, Bhaktisiddhanta Sarasvatí Goswami Thākura, Sua Divina Graça A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupāda, Stephen E. Braude, David H. Childress, "William R. Corliss, Gustav Davidson, Ramachandra Dikshitar, Theodosius Dobzhansky, H. M. Elliot, Walter Y. Evans-Wentz, Roland Mushat Frye, Kisari Mohan Ganguli, Ronald Greeley, Robin Green, B. L. Greene, Edwin S. Hartland, Hudson Hoagland, Hridayānanda Goswami, Francis Johnston, G. R. Josyer, Walter Kafton-Minkel, Dileep Kumar Kanjilal, Terence Meaden, Janardan Misra, F. W. H. Myers, Christian O'Brien, Gustav Oppert, Satwant Pasricha, J. S. Phillimore, Marmaduke Pickthall, Papa Pio XII, Gary Posner, V Raghavan, IsaRashid, LouisaRhine, Robert Rickard, Kenneth Ring, William Roll, Steven Rosen, Michael Sabom, Sanātana Goswami, Bapu Deva Sastrin, Satsvarūpa Dāsa Goswami, Hari Prasad Shastri, George Gaylord Simpson, Zecharia Sitchin, M. A. Stein, Ian Stevenson, Swami Tapasyananda, J. A. B. Van Buitenen, Leonid L. Vasiliev, John A. Wheeler, H. H. Wilson e Thomas Wright.

Eu gostaria de agradecer a Raymond Fowler e a Jay Israel por suas críticas construtivas ao manuscrito e a Michael Cremo pela minuciosa e proveitosa análise do texto. Também agradeço a Thomas Doliner pela revisão do texto, a Christopher Beetle e a Dave Smith pela revisão e fotocomposição, a Robert Wintermate pelo layout e design, e a Hans Olson pela arte da capa. Outros que contribuíram para a realização deste projeto de diversas maneiras são Michael Best, Sigalit Binyaminy, Austin Gordon, James Higgens III, Tricia McCannon e Scott Wolfe.

Meus agradecimentos especiais a James McDonough e ao Hawaii Vedic College por terem investido na impressão do livro.

## **Introdução**

Hoje em dia, se corremos os olhos pelas prateleiras de uma livraria universitária, encontramos muitos livros descrevendo os triunfos da ciência. Estes livros abordam o estudo, pelos físicos, das leis que regem a matéria e a explicação da vida em termos de tais leis pelos biólogos moleculares. Apesar de certos cientistas ainda encararem a consciência como algo desconcertante, eles nos dizem, mesmo assim, que em breve este problema terá sido sanado mediante o estudo do cérebro. A ciência moderna, asseguram os livros, logrou compreender a evolução das espécies, a origem da vida a partir da sopa primordial e os processos formadores dos

planetas, estrelas e galáxias. Enquanto, por um lado, recuaram a fronteira da física fundamental para o big-bang, por outro, estamos a um passo do avanço decisivo que nos propiciará a Teoria de Tudo.

No entanto, estas mesmas prateleiras vez por outra exibem livros a respeito de provas anômalas que contradizem as teorias científicas aceitas. Fenômenos psíquicos, experiências fora do corpo, memórias de vidas passadas, criptozoologia (o Pé Grande, por exemplo) e anomalias arqueológicas estão incluídos entre as várias categorias de provas anômalas.

Nos últimos anos, contudo, a categoria anômala mais notável tem sido os óvnis — objetos voadores não-identificados. Lemos contracapas de livros afirmando que pessoas confiáveis viram algo inexplicável voando pelo céu. Outras anunciam visitas de alienígenas estranhos, além de sombrias insinuações acerca de uma série de conspirações e dissimulações misteriosas. Segundo estes livros, faz décadas que se vêm observando objetos voadores desconhecidos, os quais violam drasticamente as leis conhecidas da física. Declaram, também, terem algumas pessoas se encontrado com seres de aparência humana a pilotar naves estranhas e a ostentar poderes que contrariam tanto a ciência quanto o bom senso.

Há anos tenho me interessado pela relação entre a ciência moderna e a milenar visão de mundo védica da Índia. Tenho me detido, em particular, no contraste entre o modelo de vida mecanicista desenvolvido pela ciência moderna e o conceito

anímico que constitui o alicerce da filosofia védica. O modelo científico baseia-se em experimentos e em metucioso raciocínio — só que, ao reduzir a vida a uma combinação de átomos, priva-a de quaisquer propósitos e significados superiores. Reduz os valores humanos a padrões de comportamento produzidos pela evolução cultural e física. Tais padrões de comportamento, sendo dependentes de circunstâncias históricas casuais, pouco têm a ver com a natureza fundamental das coisas.

Em contraposição, a filosofia védica dá sentido à vida, vinculando-a em um nível transcendental de realidade; no processo, porém, introduz fenômenos e categorias que não encontram equivalentes no quadro teórico da ciência moderna. Isto naturalmente leva-nos a questionar acerca do paradeiro da verdade. Teria a ciência moderna já nos proporcionado um esboço completo dos princípios fundamentais da vida, ou talvez apenas uma exposição metuculosa, mas reduzida de certos aspectos limitados da vida?

Por conta desses interesses, é natural eu ter ficado um tanto intrigado ao começarem a aparecer os primeiros livros sobre óvnis nas seções de ciência das livrarias universitárias. Era como se eles tivessem surgido para elucidar algo sobre a natureza da vida, já que relatavam contatos entre seres humanos e outras formas de vida inteligente. Mas haveria realmente, naqueles relatos sobre óvnis, alguma verossimilhança?

Como tantas outras pessoas, eu sempre evitara o assunto dos óvnis por considerá-lo algo

desacreditado. A primeira vez que vi fotos de seres alienígenas em um livro popular (Intrusos, de Budd Hopkins), tive a impressão de serem produtos óbvios de um quadro psicopatológico, o que não alimentou minha atração pelo assunto. No entanto, lendo alguns desses livros com mais atenção, dei-me conta de que pareciam conter provas substanciais, embora anedóticas, de certas ocorrências bastante insólitas. Em particular, pareciam apresentar relatos contemporâneos de testemunhas oculares sobre toda uma gama de fenômenos vitais descritos em antigos textos védicos. Isto me levou a investigar o fenômeno dos óvnis mais a fundo e, por fim, a escrever este livro.

Este livro é um estudo comparado entre a literatura sobre óvnis e a literatura védica da Índia. Nos cinco primeiros capítulos, faço um amplo rastreamento do material sobre óvnis escrito desde fins da década de 1940 até o momento. Incluí este rastreamento com o intuito de dar ao leitor uma visão global dos relatos sobre fenômenos com óvnis. Muitos livros sobre óvnis tendem a excluir quaisquer relatos que não se enquadrem perfeitamente em algum sistema teórico. Apesar de ser natural, esta prática pode ser contra-producente, porque dados tidos hoje como inconseqüentes ou simplesmente errôneos poderão, mais tarde, à medida que for se ampliando a nossa compreensão, passar a ser significativos.

Os seis capítulos restantes introduzem a literatura védica e apresentam comparações detalhadas

entre fenômenos relatados em textos védicos e fenômenos correspondentes mencionados em relatos sobre óvnis. O material védico foi extraído, sobretudo, do Bhāgavata Purāna e do Mahābhārata. Recorri, também, ao Rāmāyana e a diversos textos medievais posteriores que seguem a tradição védica.

Chamo a atenção dos indólogos para o fato de que os Purānas, o Mahābhārata e o Rāmāyana são chamados de o quinto Veda no verso 1.4.20 do Bhāgavata Purāna. Portanto, tomarei a liberdade de usar o termo "védico" ao referir-me a eles, muito embora alguns eruditos insistam que este termo só pode ser aplicado corretamente ao Rg Veda.

Apesar de não ser nova a idéia de comparar relatos sobre óvnis com a literatura védica, até o momento isto não foi efetuado de forma acadêmica. A primeira tentativa neste sentido, de que tenho notícia, é o livro de 1953, intitulado *The Flying Saucers Have Landed* (Os discos voadores aterrizaram), de Desmond Leslie e do famoso contato George Adamski. Na primeira parte deste livro, Leslie cita uma série de trechos do Rāmāyana e do Mahābhārata descrevendo os vimānas, ou máquinas voadoras védicas, e uma série de trechos descrevendo armas extraordinárias usadas nos tempos védicos. Infelizmente, foram feitas traduções sobremaneira incorretas de muitos desses trechos, o que quase invalida o relato de Leslie.

Outros trechos mal traduzidos do Mahābhārata têm aparecido numa série de livros populares que

seguem os passos de Leslie. Eis um exemplo para mostrar quão desorientadoras podem ser essas traduções ruins. Leslie cita a seguinte passagem do Karna Parva na edição de Pratap Chandra Roy do Mahābhārata:

Karna ergueu aquela arma terrível e refulgente, a língua do Destruidor, a Irmã da Morte. Ao verem aquela excelente e ardente arma apontada para eles, os Rakshasas ficaram amedrontados. (...) O míssil resplandecente decolou penetrando o céu noturno e confundiu-se com a formação estelar... e reduziu a cinzas o vimana dos Rakshasas. A nave inimiga caiu do céu, fazendo um ruído terrível.

Esta passagem aparece no Drona Parva do Mahābhārata, e não no Karna Parva, e eis o que ela realmente diz na edição de Pratap Roy:

(...) aquela arma aterradora que parecia a própria língua do Destruidor ou a irmã da própria Morte, aquele dardo terrível e refulgente, Naikartana, foi então arremessado contra o Rakshasa. Vendo aquela excelente e ardente arma, capaz de perfurar o corpo de qualquer inimigo, nas mãos do filho de Suta, o Rakshasa, atemorizado, saiu voando em fuga. (...) Destruindo aquela ardente ilusão de Ghatokacha e perfurando-lhe diretamente o peito, aquele dardo resplandecente alçou vôo na escuridão da noite e penetrou numa constelação cintilante no firmamento. Tendo lutado... com muitos e heróicos guerreiros humanos e Rakshasas, Ghatokacha, proferindo



então diversos rugidos terríveis, caiu, sem vida, com aquele dardo de Sakra.

Em vez de reduzir um vimãna a cinzas, a arma matou o Raksasa Ghatokaca e, em vez de uma nave inimiga cair produzindo grande estrondo, o Rãksasa caiu enquanto proferia rugidos terríveis. Eu não sei como Leslie foi aparecer com esta versão tão mal traduzida, mas ela é típica de seu livro e de outros do gênero.

Entretanto, há uma grande quantidade de material na literatura védica sobre aeronaves, chamadas vimãnas, as quais apresentam surpreendentes semelhanças com os óvnis. Mais importantes ainda são os relatos védicos acerca do comportamento e dos poderes das raças humanóides que fazem uso dessas aeronaves. Existem muitos paralelos entre detalhes específicos desses relatos e detalhes correspondentes em casos de contato direto com óvnis. Estes paralelos constituem meu ímpeto principal para escrever este livro.

Jacques Vallee, em dois de seus livros, *Passport to Magonia* (Passaporte para Magônia) e *Dimensions* (Dimensões), explora os paralelos entre casos de óvnis e o antigo folclore celta e germânico. Em certo sentido, este livro é uma extensão do método comparativo de Vallee para o domínio da cultura indiana antiga. Contudo, visto ser muito mais rica do que a literatura existente sobre o folclore europeu antigo, a literatura védica pode nos proporcionar maiores iluminações sobre a natureza do fenômeno dos óvnis.

## Epistemologia

Muitas pessoas encaram a pesquisa sobre óvnis como algo intelectualmente pouco respeitável, e neste grupo de pessoas estão incluídos muitos daqueles que têm interesse pelo pensamento védico, quer de um ponto de vista acadêmico, quer de um ponto de vista religioso tradicional. Ao mesmo tempo, muitos pesquisadores sérios dos óvnis acham que a introdução de tão antiga mitologia na discussão em torno dos óvnis não é científica, podendo apenas acabar em inútil especulação mística. Por isso, parece-me importante justificar a minha intenção de escrever sobre o tema dos óvnis e literatura védica. Começarei fazendo algumas observações sobre as deficiências das provas relacionadas a óvnis, e em seguida demonstrarei como o estudo apresentado neste livro poderia ajudar a superá-las.

Uma fraqueza notável deste conjunto de provas é que parece não haver forma de realizar um experimento reproduzível que nos dê informação confiável sobre os óvnis. O fenômeno dos óvnis, estando além do controle humano, parece mais evasivo ainda do que muitos fenômenos meteorológicos raros que podem ser observados de modo sistemático sob condições apropriadas. O físico Edward Condon insinuou jocosamente uma possível razão para isto:

O enigma da veracidade sobre extraterrestres (VET) seria desvendado em poucos minutos se um disco voador aterrissasse no gramado de um hotel onde estivesse acontecendo uma convenção da Sociedade Americana de Física, e seus ocupantes desembarcassem e apresentassem um documento especial aos físicos presentes, revelando-lhes de onde vinham e a tecnologia do funcionamento de sua nave.

O problema é que os óvnis são relacionados, em muitos depoimentos, a seres humanóides que parecem ter poderes tecnológicos sobre-humanos. Se isto é verdade, então só poderemos estudar esses seres até o ponto em que eles estiverem dispostos a se revelar a nós. Porém, como sugere a observação de Condon, se "eles" existem, têm mostrado pouca disposição para cooperar com os investigadores humanos. Inclusive, há provas de que podem chegar a tentar deliberadamente manter as pessoas ignorantes quanto a suas atividades e sua verdadeira natureza. Como esta possibilidade não pode ser descartada a priori, pode haver uma dificuldade inerente à intenção de estudar fenômeno dos óvnis por métodos científicos tradicionais.

Todavia, mesmo que um fenômeno seja de todo imprevisível e incontrolável, ainda é de se esperar que deixe alguma prova "concreta" de que pode ser avaliado cientificamente. Onde estão as fotografias e as marcações de instrumentos que registram vôos de óvnis? Onde podemos encontrar

ferragens de óvnis ou provas físicas tangíveis de aterrissagens de óvnis e outras atividades?

Por incrível que pareça, existem muitos relatos com provas concretas da existência de óvnis, sob a forma de marcas de aterrissagem (páginas 89-92), registros fotográficos (páginas 96-100) e danos físicos sofridos por testemunhas (páginas 156-58 e 424-26). Além disso, há livros argumentando que autoridades governamentais detêm inúmeras provas de alta qualidade sobre óvnis, que são mantidas ocultas como segredo militar. Eu mesmo fiquei sabendo por intermédio de um engenheiro envolvido com testes de armamentos militares que, na década de 1950, oficiais da equipe técnica, conhecidos dele, costumavam tirar fotos de óvnis regularmente. Porém, estas mesmas fotos jamais foram reveladas ao público (páginas 46-48). Analiso este assunto controvertido nos Capítulos 1 e 3.

Apesar de efetivamente existirem provas concretas acerca dos óvnis, são pouquíssimo expressivas as provas às quais o público tem acesso fácil. E elas só passam a ter alguma significação no contexto de toda uma história envolvendo testemunhas cuja honestidade e competência possam ser avaliadas.

Isto fica ilustrado pelo exemplo seguinte. Em 1987, um mestre-de-obras chamado Ed Walters afirmou ter feito um videoteipe de um óvni que voava perto de seu quintal em Gulf Breeze, Flórida, que o Dr. Bruce Maccabee, médico e investigador de óvnis, fez a seguinte avaliação deste videoteipe:

Se a única informação sobre esta visão fossem o depoimento de Ed e o registro pictórico contido no próprio videoteipe, (...) eu iria seriamente considerar a hipótese de falsificação, a despeito da dificuldade demonstrada em se duplicar o videoteipe. No entanto, considerando todo o contexto da visão, com as outras testemunhas asseverando terem visto Ed filmar o óvni, concluo que Ed não produziu seu videoteipe usando um modelo. Pelo contrário, concluo que ele filmou um óvni de verdade.

Como em todos esses casos, o videoteipe, por si só, poderia ser um embuste. Maccabee conseguiu descartar esta hipótese, bastando-lhe, para isto, entrevistar as pessoas envolvidas na filmagem e avaliar o caráter e a motivação delas. Se a avaliação dele está certa, então, a fita mostra-nos a aparência de um óvni em particular, e deste modo fornece-nos uma prova útil. Porém, estando ele certo ou errado, a maioria das pessoas terá que depender do relatório dele para apurar a validade da fita. A única alternativa seria ir para Gulf Breeze e realizar outra investigação (conforme certas pessoas têm feito), mas, à medida que o tempo passa, esta opção torna-se cada vez menos viável.

Como podemos concluir, a maioria das provas sobre óvnis já disponíveis assume a forma de relatórios em que o depoimento de testemunhas e investigadores é de importância crucial. Visto não ser possível "providenciar" uma visão de óvnis onde e quando se quer, e como as provas

concretas tornam-se inexpressivas sem o acompanhamento de depoimentos, não há outra alternativa senão confiar nesses relatórios ou fazer novas investigações. E nossas próprias investigações vão apenas redundar em mais relatórios a serem lidos.

Neste livro, não me proponho a apresentar (exceto para um ou dois casos) os resultados de investigações pessoais de testemunhas de óvnis. Ao contrário, usarei provas extraídas de uma ampla variedade de relatórios disponíveis. Em consequência deste procedimento, não terei como provar a veracidade de nenhum dos relatórios citados. A comprovação, tanto quanto seja possível, só poderá ser obtida a partir da investigação aprofundada de casos específicos. Como não poderia deixar de ser, alguns dos casos por mim apresentados têm sido amplamente examinados e, segundo concluíram os investigadores, são autênticos. Contudo, não julgo ter autoridade para provar que eles estão certos ou para demonstrar que suas investigações foram de fato realizadas a cabo da maneira apropriada.

O objetivo de um amplo levantamento de dados é revelar os padrões genéricos que permeiam a prova registrada e, por este meio, elucidar as causas subjacentes aos mesmos padrões. Algo semelhante é feito no campo da arqueologia. Alguns arqueólogos realizam investigações a fundo de sítios em particular, enquanto outros empreendem amplos levantamentos de muitos estudos arqueológicos, sem se aprofundarem em nenhum estudo específico. É com base nestes

levantamentos que em geral são formuladas as teorias arqueológicas.

Por ser do meu interesse comparar os fenômenos dos óvnis com os fenômenos descritos na literatura védica, é necessário que se tenha uma compreensão ampla de ambos. No entanto, não procuro apresentar um panorama amplo da literatura védica, uma vez que se trata de campo tão vasto. Caso o tipo de estudo comparado ensaiado neste livro seja digno de ser levado adiante, seria proveitoso alguém fazer um levantamento mais genérico dos textos védicos com o objetivo de descobrir o que eles dizem a respeito das origens, das faculdades, da cultura e dos traços comportamentais de diferentes espécies de seres vivos inteligentes.

Como o meu rastreamento do material relacionado aos óvnis pretende ser amplo, é inevitável que combine um tipo de material relativamente bem comprovado com outro tipo que parece particularmente duvidoso. Incluí algum material duvidoso porque suprimi-lo resultaria num quadro falso da prova da existência de óvnis. Um quadro artificialmente saneado do cenário da ufologia não seria realista, e devo advertir o leitor de que, quando apresento provas para certas alegações, isto não significa necessariamente que as considero válidas. Em certos casos, meu objetivo é alertar o leitor para o tipo de material falso que pode ser encontrado.

Algumas declarações relacionadas aos óvnis, de aspecto duvidoso, são decerto falsas. Todavia, devemos ter cautela quanto à rejeição superficial

de coisas que consideramos falsas pelo simples fato de parecerem absurdas. Uma informação que a princípio soe absurda ou sem sentido poderá se mostrar bastante significativa ao ser analisada mais tarde, num contexto mais amplo. Uma prova só é definida como absurda em relação a uma visão teórica já aceita e, à medida que a compreensão teórica se desenvolve, o status absurdo ou anômalo a ela atribuído também pode mudar.

Segundo costumam dizer, um pensador científico e objetivo que dá ouvidos a "disparates" acaba comprometendo sua credibilidade. Talvez sim, mas prefiro sugerir ser essencial prestar toda atenção a todo tipo de prova caso queiramos fazer avanços verdadeiros no conhecimento científico. À medida que a ciência avança, idéias antes tidas como absurdas podem se tornar ortodoxas. Exemplos disto seriam a idéia de que os continentes singram pela superfície do globo ou a idéia de que os elétrons atravessam barreiras energéticas. Outras idéias há, é claro, que acabam por se revelar realmente inválidas, inclusive algumas das aceitas por cientistas convencionais. Para que este livro não ficasse extenso demais, não pude evitar a ênfase em alguns casos de óvni em detrimento de outros. Dei o mesmo tratamento ao material védico. Esperemos que o conjunto de casos por mim escolhido seja representativo e que os mesmos pontos possam ser ilustrados usando-se outro conjunto representativo de casos. Embora certos casos sejam mencionados repetidas vezes,



isto não quer dizer que eu os considere excepcionalmente significativos.

Como minha preocupação é rastrear padrões em conjuntos de relatos modernos e antigos, este livro pode ser considerado um estudo de folclore comparado. Decerto que é válido o estudo do folclore e, para muitos leitores, esta pode ser a melhor forma de fazer uma abordagem inicial do tema deste livro. No entanto, o pano de fundo de qualquer estudo de folclore será sempre procurar conhecer a verdadeira origem do folclore. Será o simples produto de uma imaginação fértil motivada por fatores psicológicos ou terá mesmo um fundamento na realidade objetiva? Na próxima seção, faço algumas observações preliminares sobre este tema.

## **Explicações para a origem do fenômeno ufológico**

Diz o ditado que "pretensões surpreendentes exigem provas surpreendentes". Esta criteriosa idéia gera um problema quando se trata de interpretar provas associadas a óvnis: o relato de uma prova surpreendente é por si só uma pretensão surpreendente a qual, por sua vez, exige mais provas surpreendentes. O resultado irônico disto é que um caso com provas elaboradas poderá parecer menos crível do que um caso com um número relativamente pequeno de provas.

Suponhamos, por exemplo, alguém que afirme ter visto um objeto voador diferente de qualquer veículo conhecido, feito pelo homem. Esta é uma pretensão surpreendente. Mas, se esta mesma pessoa apresenta uma fotografia do objeto à guisa de prova, tal fotografia representa outra pretensão surpreendente. Podemos muito bem supor que a foto não passa de um embuste.

Ao produzir uma série de fotos de alta qualidade como provas, sua pretensão torna-se ainda mais surpreendente, e nossas suspeitas de fraude poderão tornar-se ainda maiores. Ed Walters, de Gulf Breeze, Flórida, por exemplo, publicou um livro contendo muitas fotos extraordinárias de óvnis que ele afirmou ter tirado com uma Polaroid. Estas fotos foram julgadas genuínas por um físico ótico (Bruce Maccabee). Mas muitos leitores reagiram, dizendo que a própria qualidade delas pesava contra a sua autenticidade. Como declarou um crítico, "isto me lembra a advertência muitas vezes feita por detetives trapalhões: 'Se soa bom demais para ser verdade, provavelmente o é.' O caso de Gulf Breeze soa bom demais. (...)"

Para piorar as coisas, há provas sugerindo já ter havido embustes de óvnis em massa numa escala que exigiria uma soma considerável de dinheiro e mão-de-obra. Um possível exemplo disto é o caso do contato suíço Eduard Meier, que conta com o apoio — entre outras coisas — de fotos e filmes de alta qualidade, testemunhas oculares, fotos tiradas pelas testemunhas, gravações de sons de óvnis, pistas de óvnis e a análise profissional de amostras de óvnis feita por um destacado

engenheiro da IBM (veja páginas 209-23). Tanto quanto eu sei, embora ninguém tenha chegado efetivamente a provar que este caso é um embuste, é bem possível que o seja. Semelhantes casos só fazem acrescentar mais peso à idéia de que muitíssimas provas de alta qualidade são motivo de dúvida, e não de confiança.

Se os relatos sobre óvnis tornam-se mais duvidosos na medida em que há mais provas para apoiá-los, por que, então, deveriam ser levados a sério quaisquer relatos desta espécie? O motivo parece ser a existência de uma grande quantidade de relatos sobre óvnis, relatos aparentemente independentes e oriundos do mundo todo que tendem a ser muito semelhantes em conteúdo. Costumam ser feitos por pessoas respeitáveis que parecem não ter qualquer motivo óbvio para inventarem uma história bizarra e se exporem ao ridículo. Grosso modo, geralmente são apresentados cinco possíveis explicações para justificar isto:

1. Relatos sobre óvnis resultam de ilusões naturais ou percepções errôneas. Por exemplo: muitas pessoas confundem estrelas, planetas ou balões meteorológicos com óvnis.
2. Há casos de aberração mental que fazem as pessoas relatarem experiências com óvnis, muito embora não sejam verídicas. O conteúdo das histórias dessas pessoas provém de informação transmitida por meios normais (como a imprensa) ou de processos mentais ilusórios.

3. Existe um número considerável de pessoas que às vezes têm lapsos de desonestidade, apesar de terem reputação de honestas. Durante esses lapsos, elas criam histórias de óvnis, orientando-se por fontes normais de informação.

4. Há um embuste organizado que opera em escala mundial. Seus perpetradores induzem as pessoas a relatarem experiências com óvnis, valendo-se de métodos que abrangem desde suborno até o uso de elaborados efeitos especiais de Hollywood e técnicas de controle mental.

5. Mesmo sendo verdade que existem mentirosos, fraudadores e lunáticos, muitas pessoas que relatam contatos com óvnis experimentam fenômenos verdadeiros, os quais vale a pena observar e analisar com atenção.

É amplamente reconhecido o fato de a explicação 1 aplicar-se a muitos (mas não a todos) relatos sobre óvnis envolvendo objetos ou luzes vistos a uma longa distância no céu. Entretanto, não se pode aplicá-la a relatos de contato imediato, nos quais as pessoas vêem uma nave estranha e seres mais estranhos ainda, de perto. Se estes relatos não se tratam de mentiras, a única explicação convencional para eles é que envolvem estados mentais anormalíssimos.

A explicação 2 peca pelo inconveniente de muitos relatos sobre óvnis, inclusive os de contato imediato, serem feitos por pessoas normais as quais são tidas como sãs e responsáveis por seus semelhantes. Em muitos casos, pessoas que relataram contatos bizarríssimos com óvnis foram

testadas por psicólogos ou psiquiatras, que quais as julgaram livres de qualquer doença mental (páginas 83-85 e 183-87). Para mim, este é um dos argumentos mais fortes a favor da realidade dos óvnis. Uma boa quantidade de afirmações simples e diretas de pessoas normais e equilibradas pesa muito mais do que umas tantas fotos fantásticas.

Para contestar isto, pode-se argumentar quanto à possibilidade de haver um tipo especial de insanidade em que uma pessoa funciona normalmente a maior parte do tempo, mas apresenta lapsos de alteração da consciência em circunstâncias especiais. Neste estado alterado, a pessoa se submete a experiências alucinatórias, das quais se lembra mais tarde como se fossem reais. Por algum motivo, muitas dessas experiências envolvem contatos com óvnis e seus estranhos ocupantes.

Embora seja válido considerar semelhante hipótese, é muito importante que os pesquisadores demonstrem com nitidez o fato de que tal forma de insanidade existe antes de ser invocada para explicar as experiências das pessoas. Caso contrário, estará aberto o precedente para pessoas que ocupam posições de autoridade se valerem de acusações de insanidade de modo a perseguirem adeptos de crenças indesejadas.

Visto ser este um perigo gravíssimo, vale a pena analisá-lo mais detidamente. Tomemos a seguinte declaração do Dr. Gary Posner do Maryland General Hospital, numa carta ao Skeptical Inquirer:

Embora se possa atribuir muito do pensamento piegas de muitos para-normais à mera ingenuidade, (...) somos obrigados a considerar a possibilidade de que algumas dessas pessoas poderiam ser não apenas ingênuas como também atormentadas por certo distúrbio mental que se manifesta por um sentido falho da realidade, entre outros possíveis sintomas. A "esquizofrenia ambulatória" é uma entidade em que o paciente, em geral livre de sintomas, os desenvolve apenas sob certas circunstâncias (classicamente, sob estresse).

Dá para imaginar uma pessoa com visões "paranormais" sendo isolada ou ridicularizada como esquizofrênica ambulatória, muito embora "em geral isenta de sintomas". O fato de coisas ainda piores poderem acontecer é demonstrado por um documento intitulado Abuso político da psiquiatria na União Soviética, no final se afirma:

Os princípios estabelecidos pelo Instituto Serbsky de Psiquiatria Legal em Moscou ocupam lugar de destaque no método psiquiátrico soviético. Particularmente relevantes para o abuso psiquiátrico são as teorias do Dr. A. V. Snezhnevsky, eminente psiquiatra do Instituto e membro da Academia de Ciência da União Soviética. O conceito do Dr. Snezhnevsky para "esquizofrenia apática" — uma doença mental sem sintomas visíveis — tem sido usado em diagnoses psiquiátricas que vêm assegurando o

confinamento compulsório de inúmeros dissidentes conhecidos desde a década de 1960.

O ponto-chave é o fato de a esquizofrenia apática ou ambulatória não apresentar outros sintomas senão as crenças indesejadas — políticas ou paranormais — para cuja supressão é invocada. Apesar de também podermos usar esta tática para invalidar algum testemunho associado a óvnis, devemos evitar tal coisa, por ser tão não-científica quanto injusta.

Também devemos evitar a tentação de rotular alguém como sendo fraudador ou mentiroso com base no simples fato de tal indivíduo ter feito uma afirmação que nos soe absurda ou pouco plausível. No transcurso deste livro, apresentarei muitos depoimentos que soarão absurdos para muitas pessoas (inclusive para mim). Qualquer desses depoimentos poderia ser fraudulento, porém, só entrarei no mérito desta questão em casos em que conheço provas concretas da fraude.

Não existe um só caso citado neste livro em que eu possa provar que o depoimento não tenha sido fraudulento. Isto é inevitável considerando o fato de eu estar apenas examinando relatos escritos por outrem. Embora imagine que um percentual do material citado seja falso, não tenho como precisar qual poderia ser tal porcentagem. Apenas posso dizer que não encontrei prova de fraude suficiente para justificar a explicação 3, segundo a qual os relatos sobre óvnis feitos por pessoas aparentemente responsáveis são em geral (ou sempre) mentiras.

Jacques Vallee advoga a explicação 4 — a teoria do embuste mundial — para muitos incidentes envolvendo óvnis. No entanto, alguns casos de óvni, pensa ele, envolvem fenômenos paranormais genuínos. Quanto a mim, ainda não deparei com provas que me justificassem levar a explicação 4 a sério. Todavia, há motivos para se pensar que certos documentos sobre óvnis elaborados por autoridades militares e pelo serviço secreto dos Estados Unidos, façam parte de uma campanha organizada de desinformação (páginas 137-42).

Resta-nos a explicação 5, a hipótese segundo a qual muitas experiências com óvnis são devidas a um fenômeno verdadeiro, mas desconhecido. Conforme já mencionei, uma das razões mais convincentes para adotarmos esta explicação é que muitas pessoas aparentemente sãs das mais diversas partes do mundo têm feito relatos sobre óvnis. Apesar de esses relatos parecerem surgir de modo independente, um certo padrão repetitivo de características comuns estabelece um elo entre eles.

Pode-se argumentar, é claro, não ser possível provar que os relatos feitos em anos recentes sejam independentes, porque muitas são as formas pelas quais informações sobre óvnis podem se propagar de uma pessoa para outra. E neste contexto que se tornam úteis as comparações entre relatos sobre óvnis e a literatura védica.

Acontece que existem muitos paralelos pormenorizados entre típicos relatos sobre contatos imediatos com óvnis e certos relatos dos



textos védicos. A maioria dos contatos com óvnis que estarei examinando ocorreu em países ocidentais, onde a grande maioria das pessoas não tem a menor noção das idéias védicas. Assim sendo, podemos descartar a possibilidade de a maioria dos relatos sobre óvnis ter sido influenciada de alguma forma significativa pela literatura védica. Da mesma maneira, como foi escrita muito antes do período moderno de relatos sobre óvnis, a literatura védica não poderia ter sido influenciada por este material.

## **Literatura védica e choque cultural**

Até aqui tenho defendido o estudo do fenômeno ufológico, mas pouco disse para justificar a introdução da literatura védica neste estudo. Agora darei algumas sugestões sobre como os leitores deste livro poderiam abordar o material védico. Além disso, faço algumas observações adicionais sobre a interpretação dos textos védicos no Apêndice 2.

São muitas e diferentes as perspectivas sobre a literatura védica, mas, já que este livro foi escrito nos Estados Unidos, devemos analisar a típica reação americana ou europeia à visão de mundo védica. Para ser sucinto, esta reação costuma ser de choque cultural. Isto é conseqüência da esmagante estranheza do pensamento védico para a mente ocidental, aliada a objeções específicas procedentes de considerações religiosas, étnicas, políticas e científicas.

As objeções religiosas e étnicas se baseiam, infelizmente, em exclusivismo e acusações de exclusivismo. Como resposta, tudo o que posso recomendar é uma abordagem imparcial das idéias religiosas e étnicas de outros povos. Talvez o estudo do fenômeno ufológico nos ajude a superar barreiras firmadas em diferenças culturais no âmbito da sociedade humana, visto que estas diferenças podem ser atenuadas pelas diferenças entre sociedades humanas e aquelas de seres não-humanos inteligentes.

Talvez a melhor forma de superar mal-entendidos baseados em diferenças étnicas e religiosas seja discutir abertamente todos os aspectos das visões de mundo de diferentes povos. Para tal, seria necessário fazer um maciço estudo intercultural. Tal estudo, segundo minha própria convicção, resultaria num panorama unificado das culturas humanas mediante o qual seria possível atribuir uma realidade muito maior à visão de mundo de cada cultura do que permite a ciência moderna.

Semelhante estudo ultrapassa, e muito, o escopo deste livro. Mas, apenas a título de começo, eu poderia pedir ao leitor para comparar as idéias aqui apresentadas com as de Barry Downing, um pastor cristão com doutorado em ciência e religião, que tem escrito amplamente sobre os óvnis e a Bíblia. Uma questão levantada por Downing é a de que os óvnis podem fornecer provas que corroboram a realidade de certos fenômenos bíblicos, tais como as visitas dos anjos, que parecem mitológicas do ponto de vista de nossa perspectiva moderna.

Algo semelhante pode ser asseverado quanto à literatura védica. Segundo relatos védicos, os povos antigos costumavam manter contato regular com seres avançados de outros mundos. Se isto é verdade, e se os relatos contemporâneos sobre óvnis nos parecem estranhos, não deveríamos, então, achar a visão de mundo védica igualmente estranha? Não se deveria encarar a estranheza da visão de mundo védica como um motivo imediato para ser descartada e tachada de mitologia?

Isto nos transporta às objeções científicas à visão de mundo védica. Elas se originam de diversas áreas da ciência, inclusive a física, a biologia, a arqueologia e a cosmologia. Não tenho como examinar todas essas objeções neste livro, mas, pelo que observei, algumas objeções científicas à visão de mundo védica também se aplicam aos relatos sobre óvnis. São objeções às ações "fisicamente impossíveis" tanto dos óvnis quanto de seus ocupantes. Acontece que muitas dessas ações são paralelas a correspondentes ações impossíveis descritas em relatos védicos.

Estas observações vêm em defesa da realidade da visão de mundo védica. Porém, assim como o leitor poderá considerar folclóricos os relatos sobre óvnis, ele também poderá achar a literatura védica folclórica. Os paralelos salientados neste livro podem ser estudados a partir de um ponto de vista estritamente literário. No entanto, é natural indagar se haveria algo de verdadeiro por baixo destes paralelos. Minha sugestão é que, assim como os óvnis podem ser mais reais do que nosso condicionamento científico e cultural nos tem

permitido acreditar, o mesmo poderia se aplicar à visão de mundo apresentada na literatura védica.

## **PARTE 1**

### **Um rastreamento da literatura sobre óvnis**

#### **1**

### **A Ciência e os Objetos Não-Identificados**

Em setembro de 1967, o Dr. John Henry Altshuler trabalhava como patologista no Rose Medical Center, em Denver, Colorado. Ele ouvira falar de visões de óvnis ocorridas naquele estado — em San Luis Valley, para ser mais exato. De modo que, certo dia, por curiosidade, passou uma noite no parque do Great Sand Dunes National Monument para ver se conseguia observar algo.

Por volta das duas da manhã, vi três luzes brancas e muito brilhantes movendo-se lenta e simultaneamente abaixo dos cumes da montanha Sangre de Cristo. Eu sabia que não existiam estradas na parte superior daquelas montanhas escarpadas, de forma que as luzes não podiam ser de carros. Por certo, aquilo não era fruto da ilusão do movimento das estrelas. Aquelas luzes estavam abaixo dos cumes da cadeia de montanhas e se movimentavam num ritmo lento e constante. A certa altura, achei que estavam vindo na minha direção porque ficaram maiores. Então, de

repente, elas dispararam para cima e desapareceram.

Altshuler foi abordado no parque por policiais que, ao ficarem sabendo que ele era hematologista, levaram-no para ver um cavalo estranhamente mutilado, encontrado dez dias antes, não muito longe dali. Após ajudar os policiais com a investigação sobre o cavalo, ele se despediu em estado de grande ansiedade.

Implorei que ninguém revelasse meu nome ou de onde eu era. Estava incrivelmente amedrontado. Não conseguia comer. Não conseguia dormir. Estava morrendo de medo de ser descoberto, desacreditado, demitido e de perder minha credibilidade na comunidade médica. Aquela experiência de 1967 foi tão incrível para mim que eu a negava para todos, inclusive para mim mesmo. Era uma questão de auto-preservação, na tentativa de dar a mim mesmo uma apólice de seguro na profissão médica.

Subitamente, o Dr. Altshuler passou a correr o risco de ser publicamente vinculado a um assunto condenado pela sociedade. A reação dele pode parecer extrema. Porém, o ridículo e o ostracismo são castigos muito eficazes, e todos conhecem a inclinação das pessoas para fazerem uso deles. Altshuler visualizava a iminente destruição da carreira médica cuja conquista lhe custara anos de muito esforço. O mesmo temor, assombrando diversas profissões científicas e acadêmicas, pode exercer um forte impacto sobre a publicação e o

estudo de toda espécie de anômalos dados de observação.

Stephen Braude, professor de filosofia da Universidade de Maryland, salienta como o medo da rotulação social negativa afeta o estudo de fenômenos psíquicos. Os parapsicólogos, observa ele, tendem a evitar o estudo da psicocinese de grande alcance (PGA), na qual objetos pesados como sofás e mesas são vistos em movimento e levitando. Após enumerar alguns motivos teóricos e ideológicos para esta levitação, ele acrescenta:

Outros, acredito eu, ficam simplesmente embaraçados com a natureza extrema de muitos dos fenômenos relatados, e temem que seu interesse por eles venha a ser julgado como não-científico, tolo ou carente de sentido crítico. E tal medo tem fundamento. Historicamente, de fato, sérios investigadores de PGA têm sido muito maltratados por colegas cientistas.

É natural a nossa tendência para ridicularizar coisas que não se enquadram em nossos sistemas familiares de pensamento. Mas, infelizmente, um dos efeitos do ridículo é o fortalecimento dos limites impostos por tais sistemas. Ao dissuadir-nos de estudar a fundo os assuntos proibidos, o ridículo restringe nossa oportunidade de aprender algo sobre eles. A PGA, por exemplo, pode vir a ser realidade ou não passar de disparate, mas, enquanto as pessoas tiverem medo de investigá-la com mais minúcia, continuará sendo uma desconhecida duvidosa e vergonhosa para elas.

Outro efeito do ridículo é que ele dá margem ao florescimento de versões absurdas ou, irresponsáveis de determinado assunto. Sempre haverá pessoas inescrupulosas decididas a distorcer a verdade pelo simples desejo de enganar os outros ou de ganhar dinheiro fácil. Ao passo que tais pessoas não se deixam vencer pelo ridículo, o mesmo não se pode afirmar de eruditos sérios preocupados com sua reputação e posição intelectual. Deste modo, o ridículo tem o efeito perverso de estimular histórias ridículas ao mesmo tempo em que inibe a séria erudição.

Por muitos anos, o público em geral tem encarado o tema dos óvnis, ou objetos voadores não-identificados, como algo vergonhoso. Se este assunto vem à tona numa conversa informal, é bem possível que alguém comece a cantarolar a música tema do filme Zona do crepúsculo e faça alguma referência sarcástica ao National Enquirer. Esta é de fato uma arena propícia para se ridicularizar tudo que seja tachado de absurdo.

Isto poderia explicar parte do medo do Dr. Altshuler em ficar conhecido como uma testemunha de fenômeno ufológico. Naturalmente, ele jamais iria querer se sujeitar às chacotas de pessoas desinformadas. Mas que reação poderia Altshuler esperar de seus colegas cientistas e de pesquisadores cientificamente treinados dedicados ao estudo objetivo dos fenômenos naturais? Estas pessoas também não tenderiam a reagir a sua história com intolerância?

Acontece que o papel da ciência na história dos óvnis é de uma complexidade surpreendente. Em

certas ocasiões, cientistas respeitados têm argumentado com veemência que os óvnis envolvem tecnologia e mesmo princípios físicos desconhecidos da ciência. Nem todos os cientistas descartam o estado dos óvnis pelo simples fato de julgá-los um assunto marginal e insignificante. Estudos científicos sobre óvnis têm sido financiados pelo governo, enquanto conferências científicas têm sido realizadas e jornais científicos têm sido fundados no intuito de criar um fórum para se discutir provas deste fenômeno. Mas, mesmo assim, o ridículo desempenha um papel muito poderoso na postura dos cientistas quanto ao assunto.

Entre 1967 e 1969, o eminente físico Edward U. Condon liderou um estudo científico sobre óvnis sob os auspícios da Universidade do Colorado. O estudo foi financiado por uma verba governamental de 523 mil dólares e produziu um relatório final de bem mais de quinhentas páginas. Conforme mostrarei no Capítulo 3, este relatório — comumente conhecido como o Relatório Condon — contém fortes provas sugerindo que alguns óvnis podem ser veículos portadores de tecnologia desconhecida. Contudo, na conclusão do relatório, Condon diz que, provavelmente, os estudos sobre óvnis em nada contribuirão para o avanço do conhecimento científico.

É interessante conhecermos como esta conclusão foi comunicada à comunidade científica. Vou primeiro apresentar um editorial do prestigioso jornal Science, escrito por Hudson Hoagland em 1969, logo após a publicação do Relatório Condon.



Na época, Hoagland era presidente emérito da organização Worcester para Biologia Experimental e membro do conselho diretor da Associação Americana para o Progresso da Ciência (AAAS). Em seu editorial, Hoagland compara os relatos sobre óvnis às pretensões, por médiuns espiritualistas, em produzir ectoplasma e movimento em objetos. Conta, também, uma anedota sobre como ele e o mágico Harry Houdini haviam desmascarado um falso médium. Tendo instalado este pano de fundo, Hoagland faz as seguintes observações sobre os óvnis:

A dificuldade básica inerente a qualquer investigação de fenômenos tais como os da pesquisa psíquica ou dos óvnis é que a ciência jamais terá como provar uma negativa universal. Haverá casos que ficarão por explicar em virtude de falta de dados, falta de evidências contínuas, relatos falsos, imaginação fantasiosa, observadores iludidos, boatos, mentiras e fraude. Um resíduo de casos por explicar não justifica que se dê prosseguimento a uma investigação após provas esmagadoras terem refutado hipóteses sobrenaturais, tais como seres do espaço exterior ou mensagens dos mortos. Casos não comprovados jamais poderão servir de prova para hipótese alguma. A ciência lida com probabilidades, e a investigação de Condon acrescenta maciço peso adicional à já esmagadora improbabilidade de visitas de óvnis guiados por seres inteligentes. Conforme salienta com propriedade o relatório Condon, posteriores

investigações sobre óvnis serão mero desperdício. É de se esperar que, com o tempo, os alienígenas acabem sendo esquecidos, da mesma forma que aconteceu com o fato de o ectoplasma ser prova da possibilidade de comunicação com os mortos. É possível antever, contudo, que muitas pessoas continuarão a acreditar por seus próprios motivos psicológicos, os quais nada têm a ver com a ciência e as regras de evidência.

Hoagland estava convencido de que todos os relatos sobre objetos voadores não-identificados são produto de sentidos defeituosos, mentiras ou delírios. Estas contribuições negativas têm sido apresentadas em tantos casos que, segundo o argumento dele, é possível concluir que elas estão em todos os casos. No entanto, como a "ciência não tem como provar uma negativa universal", não é justo solicitar dela uma prova.

Só poderemos apurar se esta conclusão é válida ou não examinando com minúcia as provas da existência de óvnis. Mas a tática de Hoagland de vincular os estudos sobre óvnis às momices de médiuns espíritas farsantes é, sem dúvida, uma deliberada estratégia de ridicularização. Ao afirmar que algumas pessoas continuarão a crer por motivos psicológicos, ele exclui os estudos sobre óvnis do âmbito da ciência: se você estuda essas coisas, não é um cientista. Você é de fato um crente cujas declarações revelam crenças irracionais ao invés de hipóteses científicas.

Edward Condon também misturou os estudos sobre óvnis com espiritualismo e pesquisa

psíquica, tachando-os de pseudociência. Logo após concluir o seu Relatório, ele teceu os seguintes comentários num artigo intitulado "Óvnis que amei e perdi", publicado no Bulletin of the Atomic Scientists (Boletim dos cientistas atômicos):

Discos voadores e astrologia não são as únicas pseudociências que contam com um considerável número de seguidores entre nós. Já existia o chamado espiritualismo, agora existe a chamada percepção extra-sensorial, a psicocinese e inúmeras outras...

Em tempos antigos, o futuro era previsto de muitas maneiras que caíram em desuso, tais como o exame das entranhas de animais sacrificados ou presságios baseados no estudo do vôo de bandos de pássaros... Antes de se pôr a rir, lembre-se de que estas visões, tanto quanto os relatórios sobre óvnis, jamais mereceram de fato tanto estudo científico assim. Talvez precisemos de uma Agência Nacional de Magia para empreender um estudo amplo e caro de todos esses assuntos, inclusive o futuro estudo científico sobre os óvnis, se é que vai haver algum.

Onde a corrupção das mentes de crianças está em jogo, eu não acredito em liberdade de imprensa, nem em liberdade de expressão. Na minha opinião, editores que publicam ou professores que ensinam qualquer das pseudociências como fazendo parte da verdade estabelecida deveriam, ao se constatar sua culpa, ser publicamente açoitados e banidos para sempre do direito de continuar atuando no âmbito dessas profissões habitualmente honradas.

Condon estava certo, é claro, ao dizer que não se deve ensinar algo como fazendo parte da verdade estabelecida, ao menos que seja algo já demonstrado de forma substancial. Porém, no âmbito da ciência, sempre haverá opiniões variadas a respeito do que seja verdade, e o fato de não ser possível discutir livre e abertamente toda a gama de possibilidades só faz retardar o progresso científico. Ao que parece, Condon tinha suficiente confiança em sua capacidade de reconhecer o que é pseudociência para estar convencido de que a rígida exclusão da mesma não atrapalharia a livre busca de conhecimento.

Para entendermos a razão de os cientistas serem tão categóricos em rejeitar e tachar de falsa ciência as investigações sobre óvnis, devemos procurar nos transpor para a perspectiva teórica sobre a qual eles encaram o fenômeno ufológico. De modo a aprofundar este entendimento, vou examinar alguns pontos levantados por William Markowitz num artigo sobre óvnis publicado em Science em 1967 e reimpresso em 1980 num livro intitulado The Quest for Extraterrestrial Life (O enigma da vida extraterrestre).

Para Markowitz e muitos outros cientistas, o ponto inicial da dúvida é teórico. O problema com referência aos óvnis é que, em muitos dos casos relatados, as pessoas não os percebem como meros fenômenos naturais. Pelo contrário, parecem ser veículos controlados por alguma forma de inteligência, mas não construídos por seres humanos. Se tais veículos existem, então,

têm que proceder de algum lugar. Como a ciência não pode aceitar nada de etéreo, supradimensional ou sobrenatural, os veículos precisam originar-se como objetos sólidos e tridimensionais. Não sabemos da existência de instalações próprias para a fabricação de coisas semelhantes na Terra, além do que os demais planetas do sistema solar, segundo se pensa, não são habitados. Se os óvnis são veículos de verdade, isto quer dizer que devem ser visitantes de estrelas distantes. Esta é a chamada hipótese extraterrestre (HET).

Em seu artigo, Markowitz identifica-se como um perito em matéria de vôo espacial interestelar e aborda diversos esquemas para se realizar tal façanha. Todos esses esquemas baseiam-se no princípio do foguete, segundo o qual a matéria é expelida da traseira de uma nave, a qual, por sua vez, é propulsionada pela reação resultante. A viagem interestelar, conclui ele, não é possível pelo uso desses métodos, e por isso os óvnis não poderiam ser naves extraterrestres.

Os relatos publicados sobre óvnis, ressalta ele, costumam descrever objetos de cinco a cem metros de diâmetro que aterrissam e decolam. Argumentando que esses objetos teriam de voar na base da propulsão de foguete, ele diz: "Se fosse usada energia nuclear para gerar propulsão, então deveria resultar a cauterização do solo por conta de temperaturas de 85.000°C, e seriam detectados produtos da degeneração nuclear em quantidade equivalente à produzida pela detonação de uma bomba atômica." A partir disso,

conclui ele, os objetos relatados não poderiam ser naves espaciais extraterrestres, a menos que as leis da física estejam erradas. Todavia, ele diz: "Não discordo dos relatos de óvnis avistados, tampouco tentarei invalidá-los com minhas explicações. Concordo em que existem objetos não-identificados."

Ele aventa a possibilidade de conciliar os relatos sobre óvnis com a hipótese extraterrestre, atribuindo "diversas propriedades mágicas aos seres extraterrestres". Entre elas, incluem-se as faculdades de telecinesia e anti-gravidade, mas ele as rejeita logo. Também considera as "hipóteses semi- mágicas" que se baseiam em leis físicas conhecidas, mas incluem aspectos impraticáveis, tais como a conversão totalmente eficaz de matéria em energia. Ele também rejeita estas.

A hipótese extraterrestre é insustentável, conclui Markowitz, por ser fisicamente impossível fazer efetiva viagem entre as estrelas. Em contraste a esta conclusão, no simpósio da AAAS sobre óvnis em 1969, o astrônomo Carl Sagan sustentou a remota possibilidade de desenvolvimento de algum método de viagem interestelar. Porém, segundo sugeriu também, são mínimas as possibilidades de que outra civilização nesta galáxia venha a lançar uma bem-sucedida expedição para atingir a Terra.

Argumentou ele que, de  $10^{10}$  "lugares interessantes" nesta galáxia, no máximo  $10^6$  serão sistemas solares com civilizações que enviem expedições interestelares. Isto significa dizer que,

para cada lugar interessante ter uma boa probabilidade de ser visitado em determinado espaço de tempo, pelo menos dez mil expedições por civilização precisam partir em média nesse período. Para a Terra receber em média uma visita por século, por exemplo, seria necessária uma taxa de dez mil expedições por século em cada civilização. Isto significa cem expedições por ano em cada civilização. Dadas as grandes dificuldades envolvidas numa viagem interestelar, Sagan concluiu não serem plausíveis semelhantes taxas de expedição, e por isso improvável que os óvnis sejam visitantes interestelares.

É interessante o fato de Sagan ter questionado o motivo para as pessoas se aterem tanto à hipótese extraterrestre em relação aos óvnis. Perguntou por que elas não propõem serem os óvnis coisas tais como projeções do inconsciente coletivo, viajantes do tempo, visitantes de outra dimensão ou auréolas de anjos.

Conforme veremos, as pessoas têm levado tais hipóteses em consideração. No entanto, para os cientistas conservadores, todas elas se enquadram na mesma categoria biruta que os fenômenos psíquicos. Com seu perfil conservador por natureza, os líderes da comunidade científica limitam-se a considerar hipóteses que pareçam plausíveis no contexto de princípios físicos consagrados. Como a idéia de as pessoas estarem vendo veículos fabricados por alguma forma de inteligência não-humana parece contrariar abertamente estes princípios, os pontos de vista

de Hoagland e Condon acerca dos óvnis têm um atrativo natural para muitos cientistas.

## **Relatos sobre óvnis por cientistas e engenheiros**

Contrariando a previsão feita por Hoagland em 1969, tudo indica que nos últimos anos os óvnis não foram esquecidos por quantos têm inclinação para as coisas da ciência. Apesar de a comunidade científica em geral rejeitar a seriedade do assunto em suas publicações formais, muitos cientistas parecem levá-lo a sério em nível individual.

Em julho de 1979, por exemplo, a revista *Industrial Research Development* publicou uma pesquisa de opinião sobre as atitudes de "1.200 cientistas e engenheiros de todas as áreas de pesquisa e desenvolvimento". Em resposta à pergunta: "Você acredita na existência de óvnis?", 61% dos entrevistados disseram achar provável ou certa a existência deles, e 28% disseram considerá-la improvável ou incerta. A probabilidade de acreditar na existência de óvnis foi pelo menos duas vezes maior para os pesquisadores com menos de 26 anos do que para os com mais de 65, e constatou-se uma contínua oscilação em percentagens de crença entre estas duas faixas etárias.

No que concerne às visões individuais, 8% disseram ter visto um óvni, e 10% disseram talvez ter visto. Além disso, 40% disseram acreditar que os óvnis originam-se do "espaço exterior", 2%



acharam que eles se originam de algum lugar nos Estados Unidos, e menos de 1%, que eles são uma criação de países comunistas. Na opinião de mais de 25% dos entrevistados, os óvnis são fenômenos naturais.

Embora os cientistas também estejam ativamente empenhados em investigar óvnis, isto é feito fora das instituições científicas oficiais. Em alguns casos, eles realizam tais investigações individualmente e, em outros, trabalham em parceria com organizações dedicadas à pesquisa de óvnis. Estas organizações, apesar de às vezes estruturadas como se fossem associações científicas, não gozam de prestígio junto à comunidade científica. Exemplo disto é a Mutual UFO Network (MUFON). Em 1989, a junta consultiva desta organização contava com 96 membros. Destes, 65 tinham doutorado, a maioria em ciências naturais, e 16 eram médicos.

Um motivo para este interesse contínuo é o relato de muitas visões de óvnis por pessoas confiáveis, inclusive cientistas e engenheiros. A título de ilustração, vou começar apresentando uma visão relatada pelo astrônomo Clyde Tombaugh, o descobridor do planeta Plutão. Tombaugh discorre sobre sua experiência numa carta, datada de 10 de setembro de 1957, a um investigador de óvnis chamado Richard Hall:

Caro Sr. Hall:

Com referência à solidez do fenômeno que eu vi: minha esposa achou ter visto um débil fulgor de conexão atravessar a estrutura. Os retângulos

iluminados que eu vi mantiveram de fato uma posição fixa e exata entre si, o que tenderia a sustentar a impressão de solidez. Duvido que o fenômeno tenha sido algum tipo de reflexo terrestre, porque alguma semelhança a ele teria que ter aparecido muitas vezes. Faço muito uso da observação (tanto telescópica quanto a olho nu) no meu quintal, e nada daquele tipo jamais apareceu antes ou desde então.

Esta carta foi incluída em *The UFO evidence* (A evidência dos óvnis), uma ampla coletânea de relatos sobre visões de óvnis editada por Hall e publicada em 1964 por uma organização americana conhecida como Comitê Nacional de Investigações sobre Fenômenos Aéreos (NICAP). Eis outro exemplo, extraído deste documento óvni visto por um astrônomo:

Em 20 de maio de 1950, entre 12h15 e 12h20, o Dr. Seymour L. Hess, meteorologista, astrônomo e perito em atmosferas planetárias, observou, do pátio do Observatório Lowell um objeto brilhante e pelo menos parcialmente esférico no céu. Segundo seu relato do incidente, escrito uma hora após a visão, por certo o objeto não era nem uma ave nem um avião, já que não tinha asas nem propulsores. Embora parecesse ser muito brilhante quando visto contra o céu, ao passar entre Hess e uma pequena aglomeração de nuvens a noroeste, pareceu ser de cor escura. Com base na elevação e diâmetro angular do objeto, segundo percebeu com seu binóculo de quádrupla potência de

aumento, Hess calculou que ele media entre 1 e 1,5 m. A julgar pelo movimento das nuvens, que vagueavam em ângulos retos em relação ao movimento do objeto, avaliou que ele devia estar se locomovendo entre um mínimo de 160 e um máximo de 320 km/h. Contudo, ele nem ouviu nem viu qualquer sinal de motor. Desde 1964, o Dr. Hess tem dirigido o Departamento de Meteorologia da Universidade Estadual da Flórida.

Talvez seja significativo o fato de nenhuma dessas visões ter ocorrido no transcurso de observações astronômicas profissionais. O Relatório Condon continha uma declaração de Carl Sagan e cinco outros cientistas, segundo a qual "nenhum objeto não-identificado afora aqueles de natureza astronômica foi jamais observado durante estudos rotineiros de astronomia, a despeito do grande número de horas de observação dedicadas ao céu". Conforme salientaram eles, o Mount Palomar Sky Atlas contém cinco mil lâminas com um amplo campo de visão, o Harvard Meteor Project de 1954-58 inclui 3.300 horas de observação e a Smithsonian Visual Prairie Network apresenta 2.500 horas. Não obstante, "em todas essas lâminas e observações, não há um relato sequer de que algum objeto não-identificado tivesse aparecido ou sido visto".

O astrofísico Thornton Page reagiu à declaração de Sagan e seus colegas, frisando que "os telescópios astronômicos em uso praticamente não têm capacidade alguma de fotografar um óvni passando pelo campo telescópico". No entanto, a

Prairie Network, prosseguiu ele, cobriu 65% do céu rastreando objetos brilhantes numa área de cerca de 700.000 km<sup>2</sup> no centro-oeste. Era para ela ter conseguido localizar óvnis, mas não o conseguiu. Uma possível explicação para isto foi dada pelo astrônomo Franklin Roach, que passou mais de três décadas estudando o brilho do ar no céu noturno. A rotina de seus registros fotométricos, observou ele, não incluía o rastreamento de óvnis, ou objetos brilhantes não-identificados. De fato, não seria de se esperar que tais objetos constassem naqueles registros porque quaisquer fontes de luz parecidas com estrelas eram deliberadamente "subtraídas" e deste modo omitidas.

Contudo, à época do estudo sobre óvnis realizado por Condon, foi realizado um experimento para verificar o que aconteceria se não se omitissem as fontes de luz brilhantes:

Durante o Projeto Colorado, Frederick Ayer supervisionou o estudo minucioso de uma noite de observações no Observatório Haleakala no Havaí. Naquele caso, os analistas foram orientados no sentido de não subtraírem quaisquer deflexões. Todas as deflexões parecidas com estrelas foram então comparadas com as posições de estrelas e planetas conhecidos. Um tanto para nossa surpresa, em dois dos registros verificados perto da meia-noite foram constatadas deflexões inconfundíveis que não eram devidas a objetos astronômicos conhecidos.

Roach concluiu ser importante estabelecer uma cuidadosa distinção entre falta de relatos e falta de pesquisa sistemática de fenômenos anômalos. Ele também percebeu que seus registros mostravam que os óvnis, apesar de não serem objetos conhecidos, não davam indicação alguma do que eram de fato. (Apesar de não ter mencionado meteoros, presumo que ele cogitou esta óbvia possibilidade.)

O Relatório Condon citou um estudo de mais de quarenta astrônomos contido no chamado Relatório Blue Book N.º 8 de 31 de dezembro de 1952. Aparentemente, cinco dos quarenta astrônomos tiveram visões de óvnis — uma porcentagem tida como superior ao que seria verificado caso se considerasse a população como um todo. O autor desta seção do Relatório Condon observou: "Talvez isto seja de se esperar, já que, afinal, os astrônomos vivem observando o céu. Por outro lado, não é provável que eles se deixem enganar por visões de balões, naves aéreas e objetos semelhantes, como pode ocorrer com o povo em geral." Em seguida, ele teceu comentários sobre algumas discussões que teve com os astrônomos:

Não me apressei em ter uma conversa bem séria com alguns deles e em conscientizá-los do fato de algumas das visões serem de fato enigmáticas e nada fáceis de serem explicadas. Isto despertou-lhes o interesse, quase que imediato, de um indício de que a letargia deles deve-se, em geral, à falta de informação acerca do assunto. E, com

certeza, outro fator que contribui para eles não terem o menor desejo de conversar sobre essas coisas é o pavor de virarem notícia.

Portanto, na verdade, astrônomos vêem óvnis, muito embora não serem apresentadas provas da existência deles em estudos astronômicos. Poderia o pavor da publicidade estar induzindo os astrônomos a evitarem relatar suas observações de óvnis e a evitarem estudar ou chamar a atenção para as observações que são relatadas? Esta e outras perguntas nos instigam ao lermos como o investigador de óvnis Jacques Vallee despertou seu interesse por eles:

Passei a interessar-me seriamente pelo assunto em 1961, quando presenciei alguns astrônomos franceses apagando certa fita magnética onde nossa equipe de rastreamento de satélites havia gravado onze dados de ocorrência sobre um objeto voador desconhecido que não era avião, balão ou alguma nave conhecida que estivesse em órbita. "As pessoas ririam de nós se relatássemos isto!", foi a resposta que me deram na ocasião. "Melhor esquecermos tudo isto e não expor o observatório ao ridículo."

Na época, Vallee trabalhava como astrônomo profissional. Mais tarde, tornou-se cientista da computação e entre suas atribuições acumulava a direção de uma equipe de pesquisa contratada pela Agência de Projetos de Pesquisa Avançada nos Estados Unidos. Sua experiência no

observatório, além de estimulá-lo a encarar a pesquisa científica a partir de uma perspectiva bastante radical, lançou-o numa carreira de pesquisa sobre óvnis que rendeu muitos livros influentes sobre o assunto.

Apesar da notória tendência de suprimir dados e divulgar relatos incompletos, as visões de indivíduos responsáveis se tornam, sem dúvida, contribuições significativas e, conforme vão sendo divulgadas ou transmitidas oralmente, contribuem para a geração de uma corrente informal de interesse no assunto. Eis mais dois relatos de engenheiros, constantes em *The UFO evidence*:

(1) Enquanto caminhava numa noite de meados de outubro de 1954, o major A. B. Cox, formado pela Universidade de Yale, membro da Sociedade Americana de Engenheiros Mecânicos e da Sociedade de Engenheiros Americanos, observou um grande e acinzentado objeto discóide no céu acima de sua fazenda em Cherry Valley, Nova York. Em carta datada de 28 de dezembro de 1955 a Richard Hall, diretor assistente de correspondência do NICAP, Cox descreveu os incomuns padrões de vôo do objeto, que ele avaliava ter cerca de 12m de diâmetro e 1,5 a 2m de espessura. Movia-se como uma roda deslizando lateralmente, mas sem rotação. A certa altura, o objeto parou de repente para em seguida voar para o alto em ângulos aproximadamente retos em relação ao seu curso anterior. Isto despertou a curiosidade do engenheiro Cox, visto que a virada

foi mais brusca e mais rápida do que ele achava ser possível para um avião.

(2) Uma bem testemunhada visão de óvni ocorreu em 24 de abril de 1949, por volta das 10h30, no Campo de Provas White Sands da Marinha americana no Novo México. Charles B. Moore, aerólogo e engenheiro aerostático graduado, avistou, com uma equipe de quatro recrutas do Campo de Provas, um objeto branco cintilante e elipsóide enquanto trabalhava para o Departamento de Pesquisa Naval. Usando um teodolito ML-47 acoplado a um telescópio com potência de aumento 25, eles estavam rastreando balões meteorológicos quando localizaram o objeto cintilante, que subtendia um ângulo de cerca de 0,02 grau e era duas vezes e meia mais comprido do que largo. (Teodolito é um instrumento de precisão para medir a direção horizontal e vertical de um objeto visto através de um telescópio.) A olho nu bem como com o telescópio, eles avistaram o objeto não-identificado por aproximadamente um minuto, após o que ele sumiu de vista ao subitamente elevar-se de 25 graus acima do horizonte para 29 graus.

Moore lançou outro balão quinze minutos depois para avaliar as condições do vento. Este balão explodiu após atingir 28 quilômetros de altura e viajar apenas 20 quilômetros em 88 minutos, dando prova positiva de que o objeto não poderia ter sido um balão movendo-se a uma tal velocidade angular abaixo de 24 quilômetros de



altura. Naquele dia, Moore e seu grupo identificaram, segundo a aparência e o ruído do motor, cada avião que sobrevoou a plataforma de lançamento. Nada passou por cima daquela área que tivesse alguma semelhança com o cintilante objeto branco que eles haviam visto mais cedo.

Por vir da parte de um engenheiro, a visão de Cox é digna de nota, já que o comportamento do objeto por ele descrito era diferente do comportamento de qualquer fenômeno natural comumente conhecido ou de qualquer dispositivo feito pelo homem. Contudo, descrições semelhantes surgem de quando em quando em relatos sobre óvnis.

A visão no Campo de Provas White Sands é típica de toda uma categoria de relatos procedentes de engenheiros e técnicos vinculados à pesquisa militar. Uma dessas pessoas é o Dr. Elmer Green, da Clínica Menninger em Topeka, Kansas, que me transmitiu pessoalmente suas experiências de quando trabalhava como físico para o Centro Experimental da Marinha em China Lake, Califórnia, entre 1947 e 1957. Em 1954 ou 1955, ele era presidente da Divisão de Sistemas Ópticos, uma subdivisão do Grupo Interdisciplinar de Instrumentação. Era uma organização de cientistas e engenheiros profissionais, civis e militares, empenhados em gravar dados sobre testes armados em diversas bases militares. Eram testes de foguetes, mísseis teleguiados, bombas e naves aéreas. A Divisão de Sistemas Ópticos interessava-se especificamente por fotografia métrica, para o que usava câmeras de

rastreamento de alta-resolução, bem como fototeodolitos para determinar as trajetórias de foguetes e outros objetos voadores. Muitos destes equipamentos eram feitos por encomenda, atendendo aos mais elevados padrões profissionais.

Em função de seu cargo de liderança, Green ficava sabendo de freqüentes incidentes em que óvnis eram fotografados ao passarem voando pelo âmbito de visão das câmeras durante os testes armados. Além de ter ouvido falar de filmes de boa qualidade que haviam sido feitos a respeito dos óvnis, ele próprio viu diafilmes de óvnis em preto-e-branco feitos por pessoas de seu grupo. Conhecia uns quarenta ou cinqüenta profissionais que haviam tido alguma espécie de visão de óvnis durante os testes.

Em um dos casos de White Sands, um foguete V2 quase incendiou-se. Dois objetos de cerca de um metro de diâmetro desceram, circularam o V2 diversas vezes e subiram de novo, sumindo no céu. Como os fotógrafos gastaram todos os seus rolos de filme com os óvnis, o vôo do V2 foi cancelado até eles recarregarem suas câmeras.

O próprio Green viu um óvni na presença de Jack Clemente, que foi, em certa época, o fotógrafo chefe do Centro Experimental da Marinha em China Lake. Os dois estavam esperando a chegada de um bombardeiro AJ, que eles avistaram se aproximando a cerca de 240 metros. Enquanto o avião sobrevoava a área, eles viram um objeto com cerca de cinco metros de diâmetro voando a cerca de 120 metros abaixo dele. O objeto parecia

ser uma nave com estrutura mecânica. Tinha uma dianteira semicircular marcada com o que pareciam ser linhas de rebites, e uma traseira semicircular de menor tamanho e da cor do âmbar como um triângulo de artista. Num piscar de olhos, o objeto saltou para a asa do avião. Ali ele permaneceu como que sondando o avião por alguns segundos, e depois voou para longe a grande velocidade, sumindo de vista em 2,5-3 segundos. Com base em sua experiência com foguetes, Green avaliou sua aceleração a 100-200m/s<sup>2</sup>. O objeto não fez ruído algum nem apareceu no radar (embora outros óvnis tenham aparecido). Contudo, foi fotografado, e Jack Clemente escreveu um relatório sobre o incidente. Mais tarde, Clemente pediu para ver uma cópia de seu relatório e das fotos que o acompanhavam. Mas disseram-lhe não haver vestígio algum de tal relatório nos arquivos da base local. Segundo ele disse a Green, todos os filmes e fotografias de óvnis desapareceram, tendo sido presumivelmente enviados a Washington.

Perguntei a Green se ele alguma vez recebera ordem de guardar segredo das informações sobre os óvnis. Ele respondeu que, apesar de ter acesso a informações altamente sigilosas, nunca lhe haviam dito para manter segredo sobre os incidentes com óvnis. Tais incidentes nunca eram discutidos por autoridades militares, explicou ele. Não havia necessidade de ordenar sigilo sobre fenômenos que simplesmente não existiam.

Green percebeu que, mesmo parecendo mecânicos, os óvnis pareciam violar as leis da

física. Embora eles freqüentemente excedessem a velocidade do som, nunca foram produzidos ruídos sônicos. Suas manobras lembravam-no os movimentos de um feixe de luz projetado sobre uma parede por uma lanterna, e ele especulava que aqueles objetos poderiam ser estruturas projetadas de alguma forma em nossa massa espaço-temporal contínua.

Segundo disse ele, as pessoas de seu grupo experimentaram muito mais incidentes com óvnis no começo dos dez anos iniciados em 1947 do que no fim deles. Tão logo começou a trabalhar em China Lake, observou, ele via com regularidade os clarões das rajadas de ar expelidas por bomba atômica no centro de testes nucleares de Nevada. Conforme pôde notar, algumas pessoas especulavam sobre uma ligação entre as atividades dos óvnis e os testes nucleares. O motivo para o aparente acobertamento dos óvnis, segundo ele especulava, era o fato de as autoridades governamentais não quererem admitir sua incapacidade para entender os óvnis ou impedi-los de voar com impunidade por nossos céus.

Esta é uma história surpreendente que nos remete outra vez a questões envolvendo credibilidade, ridicularização e supressão de informação. Se a história é verdadeira, então, sem dúvida, pelo menos quarenta ou cinquenta cientistas profissionais sabiam da existência dos óvnis nos primórdios dos anos 50. Sendo assim, por que os óvnis não são reconhecidos abertamente por cientistas e líderes da sociedade? Esta história

introduz um elemento novo, o sigilo do governo, que será examinado no Capítulo 3. A eliminação sistemática de provas "concretas" por parte de autoridades governamentais aliada ao temor do ridículo e à perda da carreira podem explicar o motivo para que nenhum desses cientistas jamais tenha feito apresentações públicas convincentes de suas experiências, individuais ou coletivas, com óvnis.

## **Sobre cientistas que estudam óvnis**

Gerard Kuiper, do Laboratório Lunar e Planetário da Universidade do Arizona, discorda da idéia de poderem os cientistas se deixar controlar pela pressão social. Numa reunião na Academia de Ciências do Arizona em 29 de abril de 1967, ele disse: "Sinto-me na obrigação de corrigir uma afirmação que vem sendo feita quanto ao fato de os cientistas se intimidarem com respeito aos relatos sobre óvnis por temor ao ridículo. Como cientista praticante, declaro que isto é puro disparate." O cientista, salientou ele, "escolhe sua área de investigação, não por causa de pressões, mas sim por ver a possibilidade de promover algum avanço científico significativo".

Sem dúvida, em parte Kuiper está certo. Talvez alguns cientistas não tenham tido visões anômalas envolvendo óvnis, e talvez acreditem sinceramente que, se viessem a tê-las, haveriam de relatá-las abertamente. Outros talvez já tenham de fato avistado óvnis e mais tarde

suprimido suas observações ao depararem cara a cara com o temor de perderem suas carreiras. Isto, por sua vez, reforça a opinião do primeiro grupo, segundo a qual não tem havido visões sérias de óvnis.

Alguns cientistas profissionais têm se dedicado abertamente a investigações sobre óvnis. Contudo, as histórias deles também envolvem os temas da credibilidade e da supressão de dados. A título de ilustração, vou primeiro abordar as idéias de J. Allen Hynek, astrônomo e tarimbado consultor da Força Aérea para assuntos relacionados a óvnis. Com o passar dos anos, os pontos de vista de Hynek acerca dos óvnis mudaram bastante e, neste meio tempo, ele fez uma série de afirmações aparentemente contraditórias que geraram dúvida e confusão, entre outros cientistas, quanto ao tema dos óvnis.

Num artigo sobre óvnis, William Markowitz cita uma carta endereçada a Science na qual Hynek declara que, embora se diga que cientistas jamais fazem relatos a respeito de óvnis, na verdade, "alguns dos melhores e mais coerentes relatos têm-se originado de pessoas com formação científica". Em seguida, Markowitz cita uma afirmação de Hynek na Encyclopaedia Britannica, na qual se refere ao "fracasso da contínua e extensa vigilância de observadores treinados" no sentido de avistar óvnis. Para Markowitz, estas afirmações aparentemente contraditórias põem em dúvida a confiabilidade dos dados sobre óvnis.

Markowitz também cita uma carta do Dr. William T. Powers endereçada a Science em 7 de abril de 1967:

Em 1954, mais de duzentos relatórios do mundo inteiro tratavam da aterrissagem de objetos, muitos deles com ocupantes. Destes, cerca de 51% foram observados por mais de uma pessoa. De fato, pelo menos 624 pessoas estiveram envolvidas nestas visões, e apenas 98 das mesmas estavam sozinhas. Em dezoito casos com testemunhas múltiplas, algumas das testemunhas não tinham conhecimento de que alguém mais já tivesse visto a mesma coisa na mesma época e no mesmo lugar. Em treze casos, havia mais de dez testemunhas. Que fazer com relatos como estes? Um fato fica claro: não podemos simplesmente fingir que eles não existem.

Powers estava fazendo uma afirmação um tanto forte. Houve de fato mais de cem casos nos Estados Unidos em 1954 em que pelo menos duas pessoas tivessem visto um óvni aterrissar? Segundo Markowitz, em 1966, Hynek informou-o não ter relatos confiáveis de aterrissagens e decolagens de óvnis, tampouco registros de casos em que uma testemunha confiável tivesse visitado uma nave extraterrestre ou conversado com um ocupante. Esta declaração também encheu Markowitz de dúvidas.

No entanto, a declaração em si já era duvidosa. Num simpósio sobre óvnis realizado sob os

auspícios da AAAS em 1969, Hynek disse o seguinte acerca de contatos imediatos com óvnis:

Eu não seria um bom relator nem um bom cientista se rejeitasse dados de forma deliberada. Temos hoje registrados cerca de 1.500 relatos de contatos imediatos, metade dos quais inclui também a presença de ocupantes nas naves. Embora faça anos que estamos recebendo relatos sobre tais ocupantes, apenas poucos deles encontram-se registrados nos arquivos da Força Aérea. De modo geral, a equipe do Projeto Blue Book categorizou tais relatos, sumariamente e sem maiores investigações, como "psicológicos" ou birutas.

Hynek, conforme se poderia sugerir, julgava esses relatos duvidosos, muito embora não tivesse expressado suas dúvidas ao mencioná-los perante os membros da AAAS. Porém, em 1972, Hynek escreveu acerca de seu encontro com Betty e Barney Hill, duas pessoas que afirmavam ter falado com alienígenas a bordo de uma nave extraterrestre. Falando da "aparentíssima sinceridade" deles, ele disse "não haver a menor dúvida quanto à normalidade e sanidade dos dois". Este encontro com os Hill ocorreu por volta de 1966, próximo da época da declaração feita por Hynek a Markowitz.

As aparentes contradições nas afirmações de Hynek podem talvez ser atribuídas à evolução gradual de suas idéias acerca dos óvnis e à sua cautela quanto a fazer declarações públicas que



viesses a prejudicar sua credibilidade. Por muitos anos, Hynek foi professor de astronomia e titular do departamento de astronomia da Universidade Northwestern. Por cerca de vinte anos, a partir do início de 1948, foi, também, consultor científico da Força Aérea americana para assuntos relacionados a óvnis, e mais tarde atuou como diretor de uma organização civil de pesquisas sobre óvnis chamada Centro para Estudos sobre Óvnis (CUFOS).

Os pontos de vista de Hynek sobre óvnis mudaram muito com o passar dos anos. A princípio, era um cético declarado, para o qual os óvnis não passavam de loucura ou farsa inteiramente ridículas, fadadas a rápido declínio. Porém, por volta de 1979, ele já dava crédito sério a idéias que pareceriam ultrajantes para físicos conservadores como Hoagland ou Markowitz. Em sua introdução ao livro *The Andreasson Affair* (O romance de Andreasson), de Raymond Fowler, Hynek escreve:

Temos aqui "criaturas de luz" para as quais paredes não impedem o ingresso livre em recintos e para as quais é tão fácil exercer controle excepcional sobre as mentes das testemunhas. Se isto representa uma tecnologia avançada, então, com certeza, incorpora o fenômeno paranormal tanto quanto nossa tecnologia incorpora transistores e computadores. De alguma forma, "eles" se tornaram mestres no enigma da mente sobre a matéria.

Poder-se-ia perguntar por que um professor de astronomia publicaria semelhante declaração. Estava ele dizendo o que as "criaturas de luz" viriam a ser se existissem, e sustentando, ao mesmo tempo, um ceticismo saudável acerca da existência ou não das mesmas? Talvez, mas, segundo ele também disse em sua introdução ao livro, este representaria um forte desafio aos céticos que tivessem a coragem de fazer um exame honesto do texto, declarando, ainda, que o mesmo não mostrava o menor sinal de embuste ou artimanha.

Um resumo da posição de Hynek quanto aos humanóides dos óvnis consta em seu livro *The UFO Experience*, publicado em 1972:

Nosso bom senso, além de retroceder ante a própria idéia da existência de humanóides, provoca troças, ridicularização e piadas sobre homenzinhos verdes. Estes induzem-nos a desacreditar de todo o conceito de óvni. Talvez óvnis pudessem realmente existir, dizemos, mas humanóides? E se eles são mesmo fantasias de nossa imaginação, os óvnis comuns devem sê-lo também. Mas são defendidos por tantas testemunhas respeitáveis que não temos como encará-los como meras falhas de percepção. Acaso, então, todos esses relatores de óvnis seriam mesmo doentes?...

Ou será que tanto os humanóides como os óvnis revelam uma "realidade" paralela que por algum motivo manifesta-se para alguns de nós por

períodos muito limitados? Mas que realidade seria esta? Há um filósofo em casa?

Muitas de tais perguntas e muitas das informações a elas relacionadas são difíceis de compreender. De fato, contudo, não se podem desconsiderar os contatos com ocupantes: são por demais numerosos.

Contudo, as idéias que Hynek estava disposto a discutir em público, em 1966, eram muito menos radicais. Por exemplo: numa audiência do Comitê Nacional das Forças Armadas sobre óvnis em 5 de abril de 1966, perguntaram a Hynek se os óvnis seriam pilotados por seres extraterrestres ou não. Ele respondeu:

Não sei de prova alguma que confirme isto, tampouco conheço algum cientista competente que o saiba ou que acredite no envolvimento de algum tipo de inteligência extraterrestre. No entanto, devemos manter em aberto a possibilidade desta hipótese. (...) Mas não há, sem dúvida, provas reais do comportamento inteligente de ferragens.

Ao lhe perguntarem se procurava uma explicação para os óvnis baseada em fenômenos naturais, Hynek respondeu: "Sim." Conforme estas declarações dão a entender, em 1966 Hynek não achava que os óvnis fossem controlados por alguma espécie de inteligência. Todavia, em seu livro de 1972, ele diz que em primeiro de agosto de 1965 ocorreu uma série de eventos notáveis

nas instalações da Força Aérea americana perto de Cheyenne, Wyoming. Segundo declarou, estes eventos chegaram ao seu conhecimento na época por intermédio de sua ligação com o Projeto Blue Book. Eis os relatos registrados:

1h30 — O capitão Snelling, do posto de comando da Força Aérea americana perto de Cheyenne, "Wyoming, ligou para informar ter a estação de rádio local recebido de quinze a vinte telefonemas a respeito de um grande objeto circular emitindo diversas cores, mas nenhum som, avistado sobrevoando a cidade. Segundo relataram dois oficiais e um piloto-aviador da base de controle, após ser avistado sobrevoando diretamente a base de operações, o objeto passara a mover-se depressa em direção ao nordeste.

2h20 — O coronel Johnson, comandante da Base Aérea Francis E. Warren, próxima a Cheyenne, Wyoming, ligou para Dayton informando que o oficial comandante do posto de treinamento de recrutas em Sidney, Nebraska, avistou cinco objetos à 1h45...

2h50 — Nove outros óvnis foram avistados, e às 3h35 o coronel Williams, oficial comandante do posto de treinamento de recrutas em Sidney, Nebraska, relatou ter avistado cinco óvnis rumando para o leste.

4h05 — O coronel Johnson fez outra ligação telefônica para Dayton para informar que, às 4h, o

vôo Q registrou ter avistado nove óvnis: quatro para o noroeste, três para o nordeste e dois sobrevoando Cheyenne.

4h40 — O capitão Howell, do Posto de Comando da Força Aérea, ligou para Dayton e para o escritório do Serviço Secreto para informar que uma Equipe Estratégica de Comando Aéreo no Sítio H-2, às 3h, registrou um óvni branco e oval sobrevoando diretamente a área. Mais tarde, o Posto Estratégico de Comando Aéreo transmitiu o seguinte: a Base Aérea Francis E. Warren relata (Sítio B-4, 3h17) — um óvni 160 quilômetros a leste de Cheyenne em alta velocidade e descendo — oval e branco com linhas brancas em ambos os lados e uma luz vermelha brilhante em seu centro, rumando para o leste; registro de aterrissagem dezesseis quilômetros a leste da área.

3h20 — Sete óvnis avistados a leste da área.

3h25 — Sítio E registrou seis óvnis agrupados na vertical.

3h27 — G-1 registrou um óvni ascendendo e, ao mesmo tempo, E-2 registrou dois outros óvnis que se haviam juntado aos sete, totalizando nove.

3h28 — G-1 registrou um óvni descendo mais distanciado, na direção leste.

3h32 — No mesmo sítio, um óvni decola e aplaina.

3h40 — Sítio G registrou um óvni a 70° do azimute e outro a 120°. Em seguida, três vieram do leste, agrupados na vertical, passando pelos outros dois, para então todos os cinco rumarem para o oeste.

Para o espanto de Hynek, quando ele perguntou ao major Quintanilla, o oficial responsável pelo Blue Book, o que estava sendo feito para investigar estes relatos, Quintanilla respondeu que os objetos avistados nada mais eram do que estrelas. Se isto parece improvável, que eram eles, afinal? Tanto o comportamento ordenado dos objetos quanto sua tendência a sobrevoar instalações militares sugerem, de fato, uma orientação inteligente. Além disso, formatos ovais com luzes vermelhas brilhantes no centro são sugestivos de um design inteligente.

Em seu livro publicado em 1972, Hynek deu, sem dúvida, margem a que o leitor interpretasse estes relatos recebidos em 1965 como prova de uma inteligência desconhecida. Todavia, menos de um ano após recebê-los, Hynek disse ao Congresso que não "existem provas reais do comportamento inteligente de ferragens".

Analisei o desenvolvimento das idéias de Hynek com certa minúcia para ilustrar tanto o caráter extremo dos fenômenos ufológicos relatados quanto o impacto que isto exerceu sobre um cientista conservador que tentava estudar e entender estes mesmos fenômenos. Aparentemente, movido pela necessidade de proteger sua credibilidade, Hynek acabou fazendo declarações contraditórias que minaram a

credibilidade das provas ufológicas em geral. Ao mesmo tempo, é impressionante como se acentuou a sua disposição para levar a sério os fenômenos ufológicos mais extremos. Considerando o fato de Hynek ter demonstrado ser um pensador cuidadoso e criterioso, poder-se-ia indagar o que o levou a adotar, por fim, uma posição tão radical.

Embora em meados dos anos 60 Hynek menosprezasse a idéia de controle inteligente dos óvnis, um destacado cientista chamado James McDonald a defendia com veemência. McDonald era físico sênior do Instituto de Física Atmosférica e professor do departamento de meteorologia da Universidade do Arizona. Num depoimento público preparado para editores de jornal, ele apresentou o seguinte resumo de seus pontos de vista:

Concluo, após analisar a fundo centenas de destacados relatos sobre óvnis e entrevistar pessoalmente dúzias de testemunhas-chave de casos importantes, que o problema óvni é de suma importância científica. Longe de merecer ser tachado de "problema disparatado", conforme o tem sido durante vinte anos de desmando oficial, ele tem merecido a atenção da ciência, da imprensa e do público, não só dos Estados Unidos, mas também do mundo inteiro, por ser considerado um sério problema da maior importância. [...]

Apesar de sua probabilidade a priori parecer remota, a hipótese de os óvnis serem talvez sondas extraterrestres é, segundo sugerem, a

menos insatisfatória para explicar as provas ufológicas atuais.

O artigo de McDonald contém resumos de dezoito análises de visões de óvnis, bem como um comentário sobre a história da controvérsia ufológica e do papel que nela têm representado a ciência, o governo americano e as forças armadas. A este respeito, ele discorda da tão difundida idéia de que o governo esteja deliberadamente acobertando informações sobre óvnis. Pelo contrário, conclui ele, esta é "uma grande injustiça desencadeada por pessoas de limitada competência científica, que se sentem apalermadas diante de um problema tão confuso e constrangedor". Hynek também tendia à mesma conclusão.

O desmascaramento científico dos óvnis é outro tema abordado com certa minúcia por McDonald. Neste caso, ele faz menção específica do trabalho do Dr. Donald Menzel, astrônomo que foi em certa época diretor do Harvard College Observatory e escreveu livros atribuindo as visões de óvnis a erros de percepção de fenômenos astronômicos ou meteorológicos.

McDonald analisa a maneira como Menzel explica a supramencionada visão de óvni do astrônomo Clyde Tombaugh. Na concepção de Menzel, Tombaugh viu as janelas iluminadas de uma casa refletidas por uma pequena ondulação no limite de uma camada de cerração. À medida que esta ondulação avançava com seu movimento sinuoso, teria parecido que a casa refletida se locomovia



como um disco voador. Os comentários de McDonald a este respeito são sarcásticos:

Bem, pode ser que um leigo engula esta explicação. Mas, para quem tem noção básica de física da reflexão e, em particular, das propriedades da atmosfera, (...) é simplesmente absurda a sugestão de que há "camadas de cerração" com gradientes com índices de refração fortes o bastante para gerar reflexos visíveis de luzes de janela. Porém, nas explicações de Menzel, reflexos de luz originários de camadas de cerração são de fato uma vista e tanto. E é isto que eu não alcanço entender.

Apesar de o artigo de McDonald ter sido elaborado apenas para editores de jornal sem jamais ter sido publicado, ele chegou a escrever um artigo sobre óvnis para o jornal *Astronautics and Aeronautics* (Astronáutica e Aeronáutica). Trata-se do estudo minucioso de um episódio de julho de 1957, em que um RB-47 da Força Aérea, tripulado por seis oficiais, foi seguido por um objeto luminoso e altamente manobrável por cerca de uma hora e meia desde o Mississippi, passando por Louisiana e o Texas, até Oklahoma (veja páginas 225-26). Este caso é significativo por ter envolvido a observação do objeto simultaneamente pela visão humana, pelos radares da base aérea e do avião e pelo equipamento de alarme eletrônico do avião.

Lamentavelmente, a mesma edição que publicou este artigo também anunciou o óbito de McDonald, que parece ter cometido suicídio no deserto

próximo a Tucson em 13 de junho de 1971. Na nota de óbito incluiu-se a seguinte declaração, que nos remete ao tema de ridicularização, ciência e óvnis:

A história do problema óvni tem sido marcada por eventos incomuns e trágicos. Homens responsáveis por admiráveis conquistas científicas têm-se deixado levar por pontos de vista os mais controversos. Outros têm-se tornado vítimas de ataques mordazes ou, o que é talvez pior, do ridículo. MacDonald foi um deles.

## **Estudos científicos recentes sobre óvnis**

Em anos mais recentes, tem persistido a tendência da comunidade científica de desdenhar o assunto dos óvnis. No entanto, em 1982, treze professores de ciência de universidades americanas renomadas fundaram a Sociedade para Exploração Científica. O propósito explícito desta sociedade é promover o estudo de fenômenos anômalos que os cientistas tendem a negligenciar, e ela publica um jornal técnico de referência intitulado Journal of Scientific Exploration (Jornal de Exploração Científica). Além de vir publicando uma série de artigos sobre óvnis, este jornal também publica artigos sobre fenômenos paranormais.

Um dos artigos publicados no Journal of Scientific Exploration descrevia com bastante minúcia a reação da NASA a uma recomendação, feita em

1977 pelo assessor de assuntos científicos do presidente Carter, no intuito de se formar um comitê de inquérito sobre os óvnis. O autor do artigo, Dr. Richard Henry, fez algumas observações acerca dos motivos para a NASA ter rejeitado esta recomendação. O principal motivo era o medo do ridículo. Conforme palavras do próprio Henry, os óvnis são como um boneco de piche e, "uma vez que um cientista toque no boneco de piche, como é o meu caso, corre o risco de ficar cada vez mais grudado nele. Eu não tenho estômago para isto." Outro motivo importante era o fato de os estudos sobre óvnis solaparem os fundos já escassos destinados a outros projetos científicos prioritários.

Em 1977, o governo francês criou uma comissão civil de estudos científicos sobre óvnis. Esta comissão, inteiramente subsidiada com recursos federais, chama-se Grupo de Estudos de Fenômenos Aeroespaciais Não-identificados (GEPAN). A comissão produziu um relatório de quinhentas páginas em cinco volumes, que em 1978 foi resumido da seguinte forma pelo sociólogo Dr. Ronald Westrum:

A maior parte da obra foi dedicada a onze casos de alta credibilidade e grande estranheza (...) [que] foram estudados com bastante minúcia; apenas dois deles mostraram ter uma explicação convencional. Os outros nove dão a entender que a distância entre as testemunhas e os objetos era de menos de 250 metros. Dos cinco volumes do relatório, três foram inteiramente dedicados à

análise desses onze casos, todos, exceto um são anteriores a 1978. O mais antigo data de 1966. Dois deles tratavam de visões de humanóides.

A análise e a investigação de cada caso foram realizadas por uma equipe de quatro pessoas; a equipe contava com um psicólogo, que aplicava um exame psicológico paralelo, relevante para a avaliação do depoimento das testemunhas. Comparativamente, o esmero com que foram avaliados distanciamentos, ângulos e fatores psicológicos faz o grosso do Relatório Condon parecer muito medíocre. Em muitos casos, as investigações estabeleciam verdadeiros modelos didáticos de como as mesmas devem ser levadas a cabo.

A razão do número de casos sem explicação convencional para o número total de casos dependerá do processo de triagem utilizado para se chegar ao conjunto inicial de casos. Se os casos forem aceitos sem discriminação, então, esta razão poderá ser muito baixa, fato que poderá ser usado para argumentar que o "resíduo inexplicado" de visões é insignificante. O Projeto Blue Book, por exemplo, relacionou 10.147 visões no período de 1947 a 1965, 646 das quais, ou seja, cerca de 6%, foram tidas como inexplicadas. Em seu depoimento perante o Congresso em 5 de abril de 1966, o ministro da Aeronáutica Harold Brown descartou este pequeno resíduo, dizendo que, com efeito, devido às imperfeições contidas nos relatórios, não é de se esperar que tudo tenha explicação:

As restantes 646 visões relatadas são aquelas cuja informação disponível não fornece uma base adequada para análise, ou para as quais a informação sugere uma hipótese, mas não se pode provar que o objeto ou fenômeno que a explica tivesse estado aqui ou acontecido naquele dado momento.

Na França, os relatos sobre óvnis também foram investigados pelo Centro Nacional de Estudos Espaciais (CNES), o equivalente francês da NASA. Em 1989, J. J. Velasco, em depoimento feito numa conferência da Sociedade para Exploração Científica, dos Estados Unidos, afirmou que 38% dos casos de óvnis estudados pelo CNES permaneciam não-identificados como fenômenos naturais. Tudo indica, portanto, que o CNES utilizou procedimentos de triagem mais rígidos do que a Força Aérea americana, sendo que os casos estudados pelo GEPAN foram avaliados com mais rigidez ainda.

As conclusões do estudo do GEPAN contrastam agudamente com as conclusões de Harold Brown, ministro da Aeronáutica americano:

Para nove dos onze casos, concluiu-se que as testemunhas haviam presenciado um fenômeno material impossível de ser explicado como um fenômeno natural ou um invento humano. Conforme uma das conclusões da íntegra do relatório, por trás do fenômeno como um todo, existe uma "máquina voadora cujas modalidades

de sustentação e propulsão estão além de nosso conhecimento".

Desta forma, ao invés de verem falta de provas de uma explicação natural no "resíduo desconhecido", os cientistas do GEPAN viram provas positivas de uma máquina voadora inexplicável.

Em suma, o objetivo deste capítulo tem sido demonstrar que a questão ufológica tem merecido a séria atenção de um número razoável de cientistas respeitáveis, além de ter sido tema de debate em fóruns científicos oficiais. Isto sugere não ser possível simplesmente descartar o fenômeno ufológico como sendo algo disparatado ou pseudocientífico. Ao mesmo tempo, muitos dos fenômenos relatados parecem ser incompatíveis com abalizados princípios científicos, enquanto outros, de tão bizarros, violam as normas de bom senso vigentes na sociedade moderna. Muito embora alguns cientistas renomados tenham argumentado que os relatos sobre tais fenômenos deveriam ser estudados com seriedade, outros há que os têm denunciado com muita veemência. Isto, aliado à tendência natural das pessoas para rejeitar histórias bizarras, tem rodeado o tema ufológico com uma aura de ridicularização que acaba dificultando o estudo sério do assunto.

## 2

### **Contatos imediatos de diversos graus**

Nos Estados Unidos, costuma-se dizer que a história dos óvnis teria começado com a famosa visão de Kenneth Arnold, um homem de negócios de Boise, Idaho. Pilotando seu avião particular no estado de Washington, em 24 de junho de 1947, Arnold avistou nove objetos brilhantes e chatos voando enfileirados perto do monte Rainier, e comparou o peculiar movimento daqueles objetos ao de um disco ricocheteando sobre a água. Um repórter, inspirado pela descrição, cunhou a expressão "discos voadores", popularizada à medida que assomavam ondas de relatos sobre estranhos objetos vistos nos céus. Surpreendentemente, com o transcorrer dos anos, o número de relatos não diminuiu. Pelo contrário, além de persistir em países do mundo todo, o fenômeno prossegue até hoje.

Como já vimos, muitos desses objetos voadores não-identificados, ou óvnis, não se enquadram muito bem em teorias científicas consagradas, e por isso têm mostrado ser motivo de embaraço para os cientistas. Conforme se constatou, alguns deles eram estranhos o bastante para escandalizar a visão de mundo de praticamente qualquer pessoa. Neste capítulo, apresentarei uma visão geral dos típicos contatos com óvnis que as pessoas têm relatado.

Para começar, tecerei alguns comentários sobre minha forma de abordar as provas da existência de óvnis. Todo este conjunto de provas consiste em histórias narradas por testemunhas. Conforme mencionei na Introdução, mesmo "provas concretas" sob a forma de fotografias ou vestígios

de aterrissagem resultam insignificantes se não vêm acompanhadas de algum testemunho pessoal. Suponhamos que alguém apresente, por exemplo, uma amostra de metal de composição incomum e diga tratar-se de parte de um óvni. Considerando ser este um testemunho válido, a amostra de metal poderá revelar-nos algo sobre o material com que o óvni foi feito. Mas, sem este testemunho, a amostra não nos servirá para nada. Deste modo, a evidência crucial, em se tratando de casos de óvnis, é sempre anedótica — o que simplesmente quer dizer que ela consiste em testemunho humano.

Ao recontar as experiências das pessoas com os óvnis, eu costumo apenas narrar os fatos como me foram ditos. Entenda-se, contudo, que esta é, em geral, a história contada pela testemunha ao investigador. Em outros casos, trata-se daquilo que um autor extraiu do relato feito por um investigador sobre o que uma testemunha lhe contou. Poucos são os casos em que a própria testemunha me conta a sua história.

A abordagem segundo a qual confiamos no testemunho de outrem é de uso universal no âmbito da ciência. Por exemplo: o que sabemos do que Michelson e Morley fizeram em seu famoso experimento com o interferômetro depende por completo do testemunho humano e da transmissão deste testemunho por meio de relatos escritos.

Poucos levantariam objeções à história de Michelson e Morley. Contudo, no caso das bizarras histórias associadas aos óvnis, é possível objetar



que o testemunho humano não é confiável e salientar as muitas falhas da mente e dos sentidos humanos. Mesmo levando em conta estas falhas, o testemunho humano é tudo de que dispomos.

Sugiro ser errôneo fazer objeções a testemunhos bizarros só por eles serem bizarros. Fazê-lo seria legislar que apenas afirmações convencionalmente aceitáveis podem ser admitidas como provas. Isto seria correto se a natureza absorvesse nossas noções do que seria aceitável, mas é bem possível que a natureza não se comporte assim. Portanto, prefiro adotar a estratégia de dar crédito ao testemunho humano e reconhecer que as objeções a este falível testemunho também dependem do também falível julgamento humano.

Ao analisarmos relatos sobre óvnis, é importante termos um entendimento claro do que vem a ser um óvni. Este termo poderia ser usado para referir-se a praticamente qualquer coisa vista no céu, ou em terra, que pareça incomum ou inexplicável. No entanto, com base no uso social que remonta à época da visão de Kenneth Arnold, o termo em geral se refere a algo parecido com um veículo desconhecido e guiado por alguma espécie de inteligência. "Desconhecido" neste contexto significa que a manifestação observada não se assemelha a fenômenos naturais conhecidos ou a conhecidos objetos feitos pelo homem.

A expressão "veículo guiado por alguma espécie de inteligência" quer dizer que a manifestação ou se assemelha a um objeto fabricado, ou se comporta de determinada forma sugestiva de

inteligência. Por exemplo: se algo tem aspecto metálico, suavemente curvo e simétrico, podemos dizer que parece um objeto fabricado. Esta impressão se acentua ainda mais se o objeto parece ser dotado de janelas, portas ou trem de aterrissagem. Em alguns casos, embora só se veja uma luz distante, os movimentos da luz podem sugerir uma orientação inteligente. Deste modo, se a luz se movimentar em diferentes direções, as testemunhas poderão achar que não se trata de um meteoro ou um satélite. Se, além disso, a luz parecer mover-se de uma maneira que não seria de se esperar no caso de um balão ou uma nave aérea, então, poderão chamá-la de óvni.

Como podemos ver a partir daí, sendo um óvni considerado como qualquer coisa, menos algo não-identificado, a expressão "objeto voador não-identificado" é uma designação errônea. Chamar algo de óvni quer dizer que se trata de um tipo específico de fenômeno, conforme definido acima. Deste modo, por vezes encontraremos quem diga: "Não era um avião nem uma estrela. Era um óvni autêntico." Isto não significa que o fenômeno observado era autenticamente não-identificado. Significa, antes, que se deseja identificar o fenômeno como uma manifestação desconhecida que aparenta ser um veículo guiado por alguma espécie de inteligência.

Algumas das visões de óvnis envolvem luzes distantes vistas à noite, objetos de aparência sólida vistos durante o dia ou objetos detectados pelo radar. J. Allen Hynek classifica-as como luzes noturnas, discos diurnos e casos de radar. Nesta

última classificação, incluem-se visões por meio do radar em que, segundo se constatou, uma observação visual se correlacionava fortemente com observações de radar. Além disso, há os chamados contatos imediatos (CI), categorizados por Hynek da seguinte maneira:

CI1: Objetos vistos em terra ou a uma distância próxima do observador.

CI2: O mesmo que CI1, mas com nítidos efeitos sobre o meio ambiente, os observadores ou os instrumentos, tais como áreas chamuscadas, ressecadas ou impactadas, paralisia temporária da testemunha ou interferência com aparelhagem elétrica.

CI3: Visão de entidades alienígenas, quer sozinhas, quer acompanhadas de um óvni.

Os contatos imediatos do terceiro grau (ou CI3) envolvem material estranhíssimo. É comum histórias em quadrinho associarem discos voadores a "homenzinhos verdes". Desde fins dos anos 40, tem sido pouco divulgado o relato regular da presença, junto com os óvnis, de seres semelhantes aos humanos. Estes seres, dotados de variados formatos e tamanhos, costumam ter estatura baixa, mas raramente são verdes. Por tenderem a ter formas semelhantes à humana, são chamados de humanóides.

Em alguns casos, estes seres são apenas vistos, ao passo que, em outros, segundo se diz, eles se comunicam, quase sempre por telepatia. Na maioria dos relatos de casos CI3, os seres não

fazem captura física das testemunhas, embora às vezes as ensurdeçam ou paralisem-nas temporariamente. Nos últimos anos, contudo, tem havido muita publicidade em torno de um subgrupo dos casos CI3 em que, segundo se relata, alienígenas raptam humanos com agressividade e os levam a bordo de seus veículos. São os chamados raptos por óvnis ou contatos imediatos do quarto grau (CI4). Examinarei os casos CI3 sem rapto neste capítulo e deixarei os raptos por óvnis para o Capítulo 4.

Em ainda outro tipo de contato com óvni, não incluído nas quatro categorias de contato imediato, a testemunha estabelece uma relação amistosa com humanóides alienígenas, mantém prolongadas conversas com eles e pode até ser levada para passear em seus veículos. Estes chamados casos de contato, tidos como infames entre os investigadores de óvnis, costumam ser rotulados como embustes. Muitos provavelmente o são, mas, conforme argumentarei no Capítulo 5, parece haver uma série contínua de casos estendendo-se desde casos de CI4 até casos de contato plenos. Por ser muito difícil traçar uma nítida linha divisória entre esses dois tipos de casos, é preciso levar ambos em consideração em um estudo de provas da existência de óvnis.

As estatísticas sobre os números de visões de óvnis são sobremodo variáveis. Conforme mencionei no Capítulo 1, entre 1947 e o final de 1965, a Força Aérea americana acumulou 10.147 relatos sobre óvnis. É possível inclusive pensar que isto dá uma boa idéia de quantas visões de óvnis

realmente acontecem. Contudo, até 1981, o Centro para Estudos sobre Óvnis de Illinois já havia reunido, em um arquivo computadorizado chamado UFOCAT, cerca de sessenta mil relatos sobre óvnis oriundos de 113 países. Este arquivo, iniciado pelo Dr. David Saunders, após ele ter se vinculado à equipe Condon de estudos sobre óvnis, abrange o período de 1967 a 1981. Dentre os sessenta mil casos arquivados no UFOCAT, cerca de dois mil envolvem casos de CI3 e duzentos são casos de CI4.

Evidentemente, o número de relatos sobre óvnis em qualquer coletânea dependerá dos critérios de seleção e do número de pessoas empenhadas em coligir os citados relatos. Portanto, é muito difícil avaliar o número total de visões de óvnis em qualquer período de tempo determinado ou em qualquer parte do mundo.

Escrevendo em 1990, Vallee avaliou poder oscilar entre três mil e dez mil o número de casos de contato imediato de que se tinha conhecimento naquela época. Segundo argumentou ainda, a média de casos de contato imediato realmente relatados seria de um para dez. Tomando cinco mil como uma estimativa do número de casos conhecidos, isto significa dizer que poderão ter de fato ocorrido cinqüenta mil contatos imediatos. Como os casos conhecidos se concentram na Europa, nas Américas do Norte e do Sul e na Austrália, seria possível obter o dobro de casos, sustentou Vallee, se fosse possível realizar um rastreamento completo de casos no mundo inteiro.

Isto resultaria numa estimativa de cem mil contatos imediatos.

Segundo constatou Vallee, os contatos imediatos tendem a ser noturnos, atingindo um auge mais significativo às 21h e outro menos significativo por volta das 3h. No entanto, como as pessoas costumam estar dormindo entre 21h e 3h, o número de testemunhas em potencial é menor neste período. Fazendo uso da estatística para calcular o número de pessoas ativas fora de casa em diferentes momentos do dia, pode-se computar uma curva para contatos com óvnis por observador disponível. Ela apresenta crescimento regular a noite inteira e atinge seu auge por volta das 3h. Conforme sugeriu Vallee, esta curva poderia delinear um quadro fiel da atividade ufológica em função do momento do dia, o que implica um nível genérico de atividade quatorze vezes superior ao nível de fato relatado. Ele também observou que os casos de CI4 registram um auge pronunciado entre 20h e meia-noite.

## **Falsos relatos sobre óvnis**

Um aspecto notório da controvérsia em torno dos óvnis é o fato de as pessoas tenderem a confundir diversos objetos ou fenômenos conhecidos com óvnis. Isto é bem analisado no Casebook of a UFO Investigator (Histórico de uma investigação sobre óvni), de Raymond Fowler, que salienta algumas causas para falsos relatos sobre óvnis:

Objetos voadores feitos pelo homem: luzes de aviões, aviões de propaganda com sinais multiluminosos, o dirigível da Goodyear, exercícios militares de reabastecimento, aeroplanos amadores (asas-delta), pipas, fogos de artifício, balões de gás de criança, balões meteorológicos, balões de pesquisa de diversos tipos, lançamento e regresso de foguetes, nuvens de sódio e bário expelidas por foguetes para testes atmosféricos, satélites (e o regresso deles) e chamas caindo de naves militares.

Fenômenos naturais: miragens, relâmpagos, aves, meteoros (bolas de fogo, bólides), estrelas (por exemplo: Sirius, Capella e Arcturus no hemisfério norte), planetas (Vênus, Marte, Júpiter e Saturno) e a lua (freqüentemente quando cheia e próxima do horizonte).

Para se ter uma idéia da freqüência com que se fazem essas identificações equivocadas, comenta Fowler, nos primeiros seis meses de 1978, o canal receptor de informações do Centro para Estudos sobre Óvnis recebeu 452 relatos sobre óvnis atribuídos a objetos comuns. Entre estes, 210 eram de aviões, 127 de estrelas ou planetas e 54 de meteoros.

Devido à autocinese, um processo causado pelo movimento dos olhos, pode parecer que as estrelas estão se mexendo. Também pode parecer que existem corpos celestes acompanhando um carro em movimento porque, numa estrada reta, a posição deles em relação ao carro permanecerá a mesma. Um amigo meu, por exemplo, relatou ter

sido seguido certa noite por uma luz que pairava sobre o Oceano Pacífico enquanto dirigia de San Diego para Los Angeles. Mas Vênus, estando em muito destaque no céu noturno àquela época, teria estado visível à esquerda dele durante a maior parte da viagem.

Talvez ele tenha visto Vênus e pensado que era um óvni. Devo enfatizar, contudo, que o simples fato de se poder dar uma explicação deste tipo para determinado caso não significa que a mesma seja necessariamente correta. Pode ser que dados adicionais acabem por indicar que o objeto visto era mesmo incomum.

Outras causas para relatos falsos sobre óvnis são as alucinações provocadas por drogas, álcool ou insanidade mental. Há, ainda, os embustes — balões de gás, bumerangues e modelos fotografados por crianças, bem como fraudes requintadas criadas por adultos. Segundo salienta Fowler, os embustes — na maior parte das vezes travessuras de crianças em idade escolar — representam uma percentagem mínima dos relatos sobre óvnis.

As visões de objetos relativamente distantes poderiam ser atribuídas a leves erros de percepção ou a meros embustes. No caso de contatos imediatos simulados, porém, parece ser necessária alguma causa mais forte. Quando uma pessoa relata ter visto um humanóide de perto, fica parecendo que (1) ela realmente viu um ser incomum, (2) viu uma ilusão de semelhante ser projetada por uma causa desconhecida, (3) viu um embuste tramado por algum ser humano, (4)



experimentou uma alucinação, (5) usou de má-fé. Para avaliarmos as opções (4) e (5), é importante termos condições para averiguar o caráter, a saúde mental e as motivações pessoais das testemunhas de casos de contato imediato.

Ao passo que as testemunhas de certos casos são mentalmente desequilibradas, as de outros se revelam vigaristas, dispostas a conquistar dinheiro e influência explorando os ingênuos. No entanto, há inúmeros casos de testemunhas sãs e responsáveis que não lucram nem se tornam famosas com suas experiências e que costumam preferir o anonimato para evitar o ridículo. Nestes casos, encontram-se algumas das provas mais convincentes das experiências de contato imediato. Mas pode-se alegar, mesmo assim, que falhas de percepção e memória em pessoas mentalmente sãs poderiam gerar relatos sobre experiências bizarras. Discutirei esta possibilidade com mais minúcia na seção seguinte.

É possível que os relatos de pessoas mentalmente sãs também se devessem a embustes requintadíssimos, que poderiam ainda contar com um considerável apoio de verba e mão-de-obra. Por alguma razão nefasta, certos seres humanos poderiam raptar alguém e tentar transformar este delito num rapto por óvni. Fantasiados de alienígenas, os raptadores poderiam não só alterar a consciência da vítima com o auxílio de drogas e hipnose, mas também levá-la para um cenário alienígena de estilo hollywoodiano.

Há, de fato, casos em que algo deste tipo pode muito bem ter acontecido. Por exemplo: num caso

de rapto relatado por Jenny Randles, investigadora de óvnis britânica, uma mulher parece ter sido raptada, drogada e programada com sugestões pós-hipnóticas. Ao passar a lembrar-se, mais tarde, dos detalhes do episódio, ela repetiu o que um de seus raptadores comentou em tom divertido: "Vão pensar que são discos voadores."

Neste caso, os raptadores tinham aparência inteiramente humana, e o local para onde levaram a mulher parecia ser uma casa comum. Não ficaram bem claras as intenções deste rapto. Por que, por exemplo, dar-se ao trabalho de representar um falso rapto por óvni, e estragar tudo fazendo comentários diante da vítima? Conforme veremos adiante, contudo, muitos casos de contatos imediatos com óvnis apresentam aspectos que seriam bastante difíceis de serem simulados por seres humanos. Se conspiradores humanos estivessem simulando contatos imediatos com óvnis, seria necessário em geral, um tremendo investimento secreto em mão-de-obra e efeitos especiais de Hollywood.

Parece improvável que se esteja levando a efeito tamanho esforço. Contudo, devo mencionar um possível motivo para se representarem ocasionais embustes elaborados. Isto poderia estar sendo feito para confundir as pessoas com histórias falsas e — à medida que se expõem os embustes — convencê-las da fraudulência de todas as provas da existência de óvnis. Existe, também, o método de desiludir as pessoas, começando-se com um embuste crível para em seguida escalá-lo até o ponto de completa incredibilidade. Faço

menção disto apenas como uma possibilidade a ser levada em conta, e a examinarei com mais minúcia no Capítulo 3 (páginas 137-43).

## **Sobre erros de percepção a falhas de memória**

O psiquiatra Ian Stevenson faz algumas observações sobre erros de percepção e falhas de memória que podem ser aplicadas à avaliação de relatos sobre óvnis. Stevenson passou muitos anos estudando o que ele chama de casos espontâneos no campo da parapsicologia. São casos em que uma pessoa relata alguma experiência ostensivamente paranormal e fora do âmbito de uma situação laboratorial controlada. Entre eles, incluem-se impressões telepáticas e premonitórias, experiências extracorporais, lembranças de vidas passadas, casos de poltergeist e aparições. Especializando-se no estudo de memórias de vida pregressa em crianças, Stevenson estudou a fundo o uso de entrevistas com testemunhas como o principal método de pesquisar estes casos.

Apresentarei um resumo de algumas considerações tecidas por Stevenson quanto à avaliação da evidência de casos espontâneos. Apesar de ele não ter mencionado óvnis em sua análise, suas observações são bastante relevantes para a avaliação dos relatos sobre este fenômeno. Segundo um de seus primeiros comentários, os adjetivos "autêntico" e "comprobatório" aplicam-se

aos casos espontâneos. Um caso é autêntico se as testemunhas e o material relatado são confiáveis a ponto de se poder acreditar que os eventos em questão aconteceram conforme o relatado. É comprovatório se é autêntico e há justificativa para se pensar que o caso apresenta aspectos paranormais.

J. Allen Hynek expressa idéias semelhantes. Ele fala de um índice de credibilidade e um índice de estranheza. O índice de credibilidade mede a confiabilidade das testemunhas de óvnis, de conformidade com suas reputações, históricos médicos, ocupações, agudeza de visão e outros fatores. Casos de uma única testemunha, diz ele também, não devem "merecer credibilidade superior a um quarto de escala". O índice de estranheza mede até que ponto os eventos relatados parecem opor-se a explicações feitas segundo termos físicos normais. Assim como Hynek supõe existirem casos de óvnis de alta credibilidade e estranheza, Stevenson supõe, da mesma forma, existirem casos espontâneos que são autênticos e comprovatórios.

Um defeito de muitos casos espontâneos, salienta Stevenson, é o fato de só terem sido descritos bem depois de terem acontecido. Isto também ocorre com muitos (mas de forma nenhuma com todos) casos de óvnis. Resulta que, em vista do fato de as memórias humanas tenderem a desgastar-se com o tempo, os relatos podem vir a ser enxertados com reconstituições ou matéria suplementar. Contudo, como frisa Stevenson, a retenção de minúcias na memória depende da

intensidade emocional da experiência, da repetição e da motivação para a lembrança. Muitas experiências paranormais envolvem um alto grau de intensidade emocional e motivação para a lembrança. O mesmo é relatado por muitas testemunhas de contatos imediatos com óvnis.

Stevenson prossegue destacando quatro casos em que se poderia demonstrar o fato de testemunhas terem retido boa memória de experiências paranormais, depois de transcorridos vários anos. Conforme um dos exemplos, em 1909 um homem escreveu um relato minucioso de um sonho, aparentemente premonitório, que ele tivera em 1902. Oito anos mais tarde, a esposa dele escreveu outro relato sem consultar quaisquer anotações nem discutir o caso com ele. Este relato diferia em apenas um único detalhe mínimo do relato anterior. Em todos os quatro casos, salienta Stevenson, havia não apenas pouca perda de minúcia como também pouca elaboração de novas minúcias.

Costuma-se acusar sensitivos, em casos espontâneos, da tendência a embelezarem suas memórias com o passar do tempo, o que impossibilita descobrir mais tarde o que eles experimentaram a princípio. Apesar de admitir tal tendência, Stevenson diz: "Em minha própria experiência, é muito raro alguém embelezar os principais fatores de um relato." Ele diz ter averiguado isto diversas vezes ao abordar uma testemunha de surpresa, após um ou vários anos, e entrevistá-la de novo acerca de suas experiências. Não tenho conhecimento de alguma

característica de testemunhas de óvnis que as fizesse mais propensas ao embelezamento do que as testemunhas de eventos paranormais que não envolvem óvnis.

Segundo observa Stevenson, o embelezamento é mais suscetível de ocorrer em relatos feitos por terceiros do que no caso de testemunhas primárias. Contudo, mesmo estes terceiros nem sempre embelezam o caso. Comenta ele: "Com bastante freqüência, quando não quase sempre, eles omitem detalhes importantes e, deste modo, diminuem a comprovação do caso."

Estas tendências poderiam ter um sério efeito sobre os relatos de óvnis apresentados em textos secundários. Talvez os autores de livros sobre óvnis estejam mais propensos a distorcer depoimentos do que muitas testemunhas originais. A única maneira pela qual alguém poderá se proteger contra isto será estando ciente das reputações de quantos escrevam sobre óvnis e identificando as preferências de apresentações específicas através do rastreamento de uma ampla variedade de livros e relatos. Minha impressão pessoal, após ter feito um amplo rastreamento da literatura da área, é que determinados autores populares tendem, de fato, a inserir suas próprias preferências nos relatos sobre óvnis. Eles costumam fazer isto omitindo aspectos dos relatos sobre óvnis que não se enquadrem em suas hipóteses favoritas.

Outro problema com referência a relatos de casos espontâneos é a observação equivocada. Faz parte de muitos estudos realizados por advogados e

psicólogos forenses dramatizar-se um evento perante testemunhas, para em seguida contarem o acontecido. Observa-se a grande frequência com que as testemunhas cometem erros ao relatarem o que viram. Por exemplo: num confronto armado simulado, elas talvez não logrem identificar corretamente quem sacou a arma primeiro.

Segundo comenta Stevenson: "Apesar de tais experimentos serem sem dúvida relevantes para o nosso campo de pesquisa, eu me oponho mesmo assim a usá-los como forma de rejeitar toda espécie de testemunho humano em casos espontâneos." Uma das razões que ele deu para isto é o fato de testemunhas poderem confundir-se com relação a detalhes que são cruciais num tribunal, tais como quem sacou a arma primeiro. Mas nada as confunde quando se trata do fato básico de o evento em si ter ocorrido — neste caso, a alegação de que sacaram armas.

Suponhamos, por exemplo, que um homem tenha ido ao banco e, justamente enquanto espera na fila para descontar um cheque, tenha ocorrido um assalto. Ao relatar o acontecido durante o assalto, é bem possível que ele se confunda a respeito de uma série de detalhes.

Suponhamos, agora, que o mesmo homem tenha ido ao banco, descontado seu cheque e voltado para casa sem experimentar nenhum incidente. Chegando em casa, ele não apenas diz ter ocorrido um assalto enquanto estava no banco como também insiste no fato de ter uma vivida lembrança do mesmo. Na certa, o erro crasso nesta história será muito mais evidente do que os

erros revelados pelos experimentos com eventos simulados. Neste caso, ou o homem está mentindo ou está padecendo de um grave distúrbio mental. Pode-se usar o mesmo argumento no que diz respeito a contatos imediatos com óvnis.

Outro detalhe: testemunhas que ouvem afirmações enganosas sobre o que aconteceu numa cena simulada podem se deixar influenciar pelas mesmas, o que poderá fazer com que prestem falso testemunho. Porém, isto tende a limitar-se a minúcias sobre as quais as pessoas provavelmente não teriam certeza, muito embora estas mesmas minúcias sejam cruciais num julgamento. Após um evento ter acontecido, por exemplo, pode ser que uma testemunha não tenha certeza da cor da camisa de um participante. Se lhe dizem que era vermelha, ela pode até se convencer de que isto é verdade, e assim poderá imaginar que a camisa era mesmo vermelha.

Suponhamos, porém, que, após pacificamente descontar um cheque no banco, um homem seja repetidas vezes informado de um assalto armado envolvendo seis homens mascarados e ocorrido enquanto ele estava no banco. Acaso isto o induzirá a lembrar-se do assalto, apesar de não ter havido distúrbio algum no banco? Caso sim, ficará parecendo que o homem padece de um grau incomum de sugestibilidade, uma condição que na certa teria sido percebida por seus amigos, colegas de trabalho e familiares.

Conforme se argumenta às vezes, erros de testemunho humano em casos espontâneos "são quase todos no sentido de consolidar crenças



favoráveis já consagradas acerca de eventos paranormais, por parte daquele que os percebe e seus corroboradores". Logo, existe a tendência de alegações bizarras serem feitas por crentes cujos erros motivados ampliam uma experiência normal a fim de que ela pareça paranormal.

Stevenson diz ter encontrado casos deste tipo de ampliação. Isto é provável de acontecer, especialmente em se tratando de pessoas que buscam fama ou dinheiro mediante a divulgação de suas experiências. Contudo, muitas pessoas que relatam eventos paranormais, salienta ele, só o fazem após muita relutância por temerem o ridículo ou sugestões de insanidade. Além disso, "muitos indivíduos insistem que, antes de suas experiências, eles não tinham convicções formadas ou conhecimento acerca das experiências estudadas pela parapsicologia". Essas pessoas, sugere ele, não tendem a transformar eventos normais em paranormais, podendo, inclusive, tentar fazer o contrário. Observações muito semelhantes têm sido feitas por investigadores de contatos imediatos com óvnis.

## **Um contato imediato bem corroborado**

Passo agora a analisar a fundo alguns casos de contato imediato. O primeiro caso, apesar de ser um típico contato imediato com óvni em termos de

conteúdo, apresenta um número incomum de testemunhas oculares, aparentemente independentes, que prestam testemunho corroborador. O investigador original deste caso foi Budd Hopkins, pesquisador de óvnis da cidade de Nova York, cujo relato resumo a seguir.

Em janeiro de 1975, George O'Barski, um astuto nova-iorquino de 72 anos de idade, viajava de volta a casa, em North Bergen, New Jersey, após ter fechado sua loja de bebidas em Manhattan e ter contabilizado e reabastecido suas prateleiras. Era por volta de uma ou duas horas da manhã. Em North Hudson Park, vindo de Manhattan e atravessando o Hudson, enquanto o rádio de seu carro começava a detectar interferências, um objeto de extraordinária luminosidade passou a uns trinta metros à esquerda do carro. Emitindo um zumbido discreto, parou numa área de recreação à frente do carro. Incrédulo, O'Barski aproximou-se da área e viu uma nave arredondada de nove metros de comprimento que agora pairava a três metros acima do solo. A nave tinha janelas a intervalos iguais, medindo cerca de trinta centímetros de largura por um metro de altura. Tendo a nave baixado a uma altura de um metro do solo, abriu-se uma porta entre duas das janelas; então, de nove a onze pequenas figuras com capacetes e vestes inteiriças assomaram à porta e desceram usando uma espécie de escada. Tinham entre 90 centímetros e um metro de altura e pareciam crianças trajando roupas de inverno. Enquanto O'Barski, aterrorizado, prosseguia dirigindo devagar e observando tudo aquilo, os

seres, parecendo ignorá-lo, enchiam as bolsas que traziam consigo de terra, colhida com ferramentas parecidas com colheres. Após terem feito isto, eles reentraram na nave depressa e ascenderam, rumando para o norte. Segundo avaliou O'Barski, o episódio inteiro durou cerca de quatro minutos. Ele recordou-se do mesmo conscientemente, sem recorrer à hipnose.

Na manhã seguinte, O'Barski retornou ao local, viu os buracos feitos pelas entidades escavadoras e tocou em um deles com a mão para convencer-se de que eram reais. Diz ele: "Um homem da minha idade narrando uma história assim — isto seria caso de internação. Se você tivesse vindo aqui um ano atrás e me contado a mesma história, eu também não teria acreditado em você."

Acontece, porém, que liopkins conseguiu encontrar outras pessoas que teriam visto o mesmo objeto voador. Sua segunda testemunha foi um homem chamado Bill Pawlowski, porteiro do Stonehenge, edifício situado próximo ao sítio do pouso em Hudson Park. Segundo o depoimento de Pawlowski, ele estava de plantão no prédio às duas ou três da manhã em certo dia de janeiro de 1975. Olhando na direção do parque adjacente, avistou uma fileira de dez a quinze luzes brilhantes, situadas uniformemente lado a lado e que, rodeadas por uma massa escura, pareciam estar a uns três metros do solo. Aproximou-se da janela para poder ver aquilo melhor; virou-se, então, para interfonar para um inquilino do prédio. Naquela altura, foi surpreendido por uma vibração aguda e um som de estampido. O vidro da janela

havia sido quebrado por algo que o atingira de fora, segundo se constatou mais tarde.

Quando Pawlowski voltou a olhar para fora, as luzes já tinham desaparecido. Ele relatou o incidente à polícia de North Bergen, que veio examinar a janela. Mas teve a discrição de evitar mencionar as estranhas luzes avistadas no parque. Mais tarde, contudo, relatou o incidente ao tenente de polícia Al Del Gáudio, que morava no prédio. Segundo Del Gáudio — disse a Hopkins, embora se lembrasse de ter ouvido a história de Pawlowski sobre a "coisa grande com luzes" —, ele a rejeitara por considerá-la inacreditável.

Frank Gonzalez, outra testemunha localizada por Hopkins, trabalhava como porteiro no Stonehenge nas noites de folga de Pawlowski. Ele avistara um objeto semelhante no mesmo lugar, entre duas e três horas da manhã do dia 6 de janeiro, seis dias antes da visão de O'Barski. Descreveu sua experiência da seguinte maneira: "Sabe, vi algo redondo e muito brilhante (...) com algumas janelas. Ouvi um barulho (...) mas não era barulho de helicóptero nem de avião. Algo diferente. (...) Depois, vi aquela luz indo direto para o alto e disse: 'Meu Deus!'"

Há também a experiência da família Wamsley. Depois de Gerry Stoehrer, colega de Hopkins, ter dado uma palestra sobre óvnis para uma associação de pais e professores de North Bergen, ele foi abordado por Robert Wamsley, doze anos de idade, e sua mãe, Alice. Segundo os dois lhe contaram, enquanto a família assistia à televisão numa noite de sábado, em janeiro, Robert olhou

pela janela e viu uma nave redonda e iluminada lá fora. Tinha janelas retangulares que emitiam um brilho amarelado e flutuava a um metro ou um metro e meio do solo. Quatro membros da família, incluindo a sra. Wamsley descalça e com roupão de banho, correram então para a rua e, por cerca de dois minutos, seguiram o objeto a se mover lentamente.

A família Wamsley morava a cerca de quatorze quadras do edifício Stonehenge, em cuja direção o óvni rumou ao sumir de vista. Isto parece ter ocorrido no mesmo dia da visão de O'Barski, menciona Hopkins; uma prova comprobatória da data era que tanto O'Barski quanto os Wamsley repararam no clima incomumente moderado para o mês de janeiro. Logo, segundo tudo indicava, O'Barski, Pawlowski e os Wamsley teriam visto a mesma nave na mesma data. Gonzalez teria visto a mesma nave ou uma semelhante durante outra visita seis dias antes.

Esta história é típica de muitos relatos sobre contatos imediatos com óvnis. Há a nave estranha, parecida com uma peça de arquitetura voadora, sem qualquer meio evidente de propulsão. A nave produz um zunido e traz luzes brilhantes. Pequenas figuras humanas com trajes peculiares saem dela, fazem algo aparentemente sem sentido e depois partem.

O óvni, não resta dúvida, parece ser controlado por alguma espécie de inteligência. Ele não funciona segundo princípios físicos conhecidos de alguma maneira imediatamente óbvia. Ao mesmo tempo, porém, a história não contém evidência

direta de que o óvni seja extraterrestre. Esta conclusão poderia ser tirada apenas de forma indireta ao se dizer que, se os "homenzinhos" não vivem na Terra, eles na certa vêm de outro planeta. Mas decerto esta não é a única possibilidade.

Poderia a história ser um embuste, uma alucinação ou uma percepção errônea de fenômenos naturais? Parece fácil descartar a hipótese dos fenômenos naturais. Quanto à hipótese de alucinação ou embuste, a dificuldade está em que diversas pessoas alegaram ter visto o estranho objeto.

Seria possível argumentar que as testemunhas influenciaram umas às outras, talvez em nível subconsciente, de modo que todas apresentaram histórias que se apóiam mutuamente. Este poderia ser o caso no que se refere a Pawlowski e Gonzalez, pois ambos trabalhavam no edifício Stonehenge. Porém, os três grupos formados por (1) O'Barski, (2) Pawlowski e Gonzalez, e (3) os Wamsley eram supostamente desconhecidos entre si. Se tivessem de fato se influenciado uns aos outros, teriam que já ter se conhecido antes — e isto sugeriria uma conspiração deliberada. Ou então se poderiam propor que, ao visitar Stonehenge, Hopkins influenciou Pawlowski e Gonzalez a imaginarem suas histórias. Depois, a palestra de Stoehrer influenciou os Wamsley a inventar a sua.

Como está evidente que apenas O'Barski viu as figurinhas em seus uniformes, seria o caso de se perguntar se ele tinha um histórico de insanidade

mental. No entanto, Hopkins caracterizou-o como inteligente, "vivido", reflexivo — além de estrito abstinente. E mais: ele não "acreditava" em óvnis antes da experiência.

A escavação de amostras de solo feita pelas figurinhas é intrigante. Esta atividade tem sido relatada em um grande número de casos de óvnis, tendo mesmo sido popularizada em filmes como ET. Talvez O'Barski tivesse ouvido falar nisso, mas por que iria se expor ao ridículo de alegar ter pessoalmente visto semelhante coisa?

Mas acontece que há aspectos adicionais da história do contato em Stonehenge que eu ainda não abordei. Poderemos encarar esta história sob outra perspectiva se nos voltarmos para o depoimento do psiquiatra e pesquisador de óvnis Berthold Schwarz:

Eu também estive com quatro dos protagonistas de Stonehenge em rápidos levantamentos psiquiátricos e paranormais. (...) E. U., porteiro diurno e contumaz paranormal, tem tido atividade mediúnica de alta qualidade a vida inteira: i. e., possível premonição — ele alegou saber da atividade dos óvnis de antemão —, aparições e telecinesia. Seu filho e sua esposa também tinham experiências mediúnicas pouco comuns. E. U. e o electricista do prédio compartilharam uma visão de óvnis, de perto, à luz do dia. Repararam que o andar superior de seu prédio, sendo singular, poderia assemelhar-se ao conceito estereotipado de um óvni convencional, por seu formato circular

e pelas luzes paralelas cintilantes. E. U. perguntou-se: "Será que este prédio tem algum atrativo?"

Aparições e telecinesia? Quatro protagonistas? Começa a parecer que o edifício Stonehenge era um foco de atividades psíquicas e alienígenas. O fato de diversas pessoas em Stonehenge se interessarem por ufologia poderia contribuir para que especulassem que toda a história da visão havia sido inventada por pessoas dotadas de imaginação fértil. Mas devemos levar em conta que a primeira pista de Hopkins foi a história de O'Barski, que — excluindo qualquer possibilidade de conspiração — não tinha vínculo algum com Stonehenge. Como, então, poderia a história ter se originado em Stonehenge? E acaso a família Wamsley foi levada a mentir ou ter alucinações por histórias originárias daquele prédio?

A informação acrescentada por Schwarz ilustra dois pontos importantes acerca do fenômeno óvni. O primeiro é que, por mais que saibamos acerca de determinado caso de contato com óvni, há sempre a probabilidade de existirem informações importantes a respeito das quais nada sabemos. Em muitos exemplos, estas informações simplesmente não vêm à tona durante a investigação do caso. Em outros, o investigador poderá acreditar em certos aspectos do caso e relatá-los; porém, achará outros aspectos tão incríveis que decidirá não mencioná-los. Ou poderá não mencionar certos aspectos por temer que as pessoas desprezem todo o caso ao ouvirem falar deles.



O segundo ponto é que casos de contato com óvnis tendem a estar vinculados a fenômenos paranormais. Às vezes, as testemunhas, ou pessoas ligadas a elas, têm um histórico progresso de experiências paranormais. Outras vezes, uma pessoa passará a ter experiências paranormais após o contato com o óvni, envolvendo telepatia, fenômenos poltergeist ou cura psíquica. Esta é uma observação empírica que tratarei de documentar aos poucos, com uma série de exemplos. Mais adiante, examinarei o que ela poderia significar.

## **Um relato ao Congresso**

A seguir, apresento um caso de contato imediato com óvni, relatado ao Congresso em 5 de abril de 1966, durante as audiências sobre objetos voadores não-identificados, pelo Comitê de Inquérito das Forças Armadas. O relato sobre o caso foi submetido ao Congresso por seu investigador, Raymond Fowler, que foi identificado como administrador de projetos e engenheiro do programa de mísseis Minuteman. Este caso envolve uma visão de perto do que parecia ser uma estranha máquina voadora, tendo também envolvido diversas testemunhas oculares. A íntegra do relatório, segundo consta nos registros do Congresso, ocupa cerca de 33 páginas.

A história se desenrolou perto de Exeter, New Hampshire, durante as primeiras horas da manhã de 3 de setembro de 1965. O primeiro sinal de que

algo estranho estava acontecendo veio à 1h30. Àquela altura, o oficial de polícia Eugene Bertrand, investigando um carro estacionado, encontrou uma mulher atormentada (alguns relatos dizem duas mulheres) que alegava que seu carro foi seguido, no intervalo de uns vinte quilômetros, por um objeto voador circundado por um brilhante fulgor vermelho. Segundo afirmou ela, o objeto mergulhou diversas vezes na direção de seu automóvel em movimento.

Apesar de ter rejeitado esta história, Bertrand foi logo solicitado por sua delegacia policial a investigar uma história semelhante contada por Norman Muscarello, 18 anos de idade. O adolescente irrompera na delegacia entre 1h45 e 2h, quase em estado de choque. Enquanto esperava uma carona ao longo da Rodovia 150, declarou ele, um objeto cintilante com pulsantes luzes vermelhas de repente veio flutuando por sobre um campo próximo dali, na direção dele. O objeto, prosseguiu ele, tinha o tamanho de uma casa e se movia na direção dele em total silêncio. Após ele se abaixar para se proteger, o objeto retrocedeu e desapareceu por sobre as árvores. Depois de bater em vão à porta de uma casa próxima dali, ele fez parar um carro, que o levou à delegacia de polícia.

Bertrand e Muscarello voltaram ao local e, entre 2h25 e 2h40, ambos viram o objeto erguer-se silencioso por trás de um arvoredo. Conforme descrição posterior de Bertrand, o objeto era do tamanho de uma casa. Parecia comprimido, como se fosse redondo ou ovalado, sem definitivamente

nenhuma saliência, tal como asas, leme de direção ou estabilizador. O objeto tinha uma carreira de quatro ou cinco luzes vermelhas ofuscantes que piscavam ciclicamente, lançando uma outra luz vermelho-cintilante, cor de sangue, sobre o campo e uma casa de fazenda próxima. As luzes, disse Bertrand, eram mais brilhantes do que quantas ele jamais vira, dando a impressão de que ele e Muscarello teriam se queimado se não tivessem corrido do objeto à medida que este se aproximava deles.

As luzes pareciam fazer parte de um grande e sólido objeto negro. Enquanto os cavalos próximos dali escoiceavam nos estábulos e os cães uivavam, o objeto flutuava a cerca de sessenta metros acima do solo, guinando de lado a lado com um movimento adejante, como uma folha a cair. Ao todo, a visão durou cerca de dez minutos.

Este depoimento foi confirmado pelo oficial David Hunt, que chegou ao local a tempo de observar o objeto por uns cinco ou seis minutos, antes de ele partir na direção de Hampton. A polícia também recebeu uma chamada telefônica de um homem alvoroçado em Hampton que relatou ter visto um "disco voador" — mas a ligação caiu antes que ele pudesse identificar-se.

A certa altura, esta visão foi identificada num jornal como sendo um avião de propaganda de propriedade da Sky-Lite Aerial Advertising Agency, de Boston. Contudo, após alguma investigação, constatou-se que este avião, além de não ter voado na noite em questão, carregava um sinal

feito de quinhentas luzes brancas — e não vermelhas.

Conforme propôs a Força Aérea, a princípio, Muscarello, Bertrand e Hunt haviam visto aviões em vôo alto num exercício de reabastecimento. No entanto, como a duração daquela visão descartasse esta hipótese, os oficiais da Força Aérea concluíram:

As primeiras visões de duas mulheres não identificadas e do Sr. Muscarello são atribuídas a naves em operação de reabastecimento. A observação subsequente, feita pelos oficiais Bertrand e Hunt e ocorrida após as duas da manhã, é considerada não-identificada.

A alta intensidade das luzes relatadas pelas testemunhas parece ser crucial para a interpretação desta visão. Ao que tudo indica, um avião de propaganda ou aviões militares praticando exercício de reabastecimento não produziriam uma impressão tão esmagadora de luz ofuscante para observadores em terra. E se as testemunhas estavam vendo um fenômeno natural desconhecido, por que haveriam as luzes de estar dispostas em carreira e piscar em seqüência?

### ***Un disco volante***

A maioria dos casos bem divulgados, registrados na literatura sobre óvnis nas décadas de 1940 e 1950, e no início da década de 1960, envolvia

visões de estranhos objetos voadores a distância. No entanto, também se relatavam casos de contatos imediatos durante essa época. Conforme a declaração já citada do Dr. William Powers, na Science, em 1954 registraram-se mais de duzentos relatos de aterrissagens de óvnis, muitos com ocupantes. O nível real de relatos pode até ter sido superior. Tanto que Edward J. Ruppelt, encarregado das investigações sobre óvnis da Força Aérea americana em 1952, escreveu em The Report on Unidentified Flying Objects (Relatório sobre objetos voadores não identificados) que, como se sentia importunado por relatos de aterrissagens, sua equipe os eliminou conscientemente.

Não se sabe ao certo por que os relatos sobre óvnis tornaram-se muito mais numerosos após 1947 do que o eram antes. Apesar de haver registro de relatos anteriores, estes somam um número relativamente pequeno. Por exemplo: Raymond Fowler, explicando a origem de seu interesse por óvnis, salienta que em 1917 sua mãe, ainda criança, tivera contato com um óvni em Bar Harbor, Maine. Certa noite, relata Fowler, sua mãe e a irmã dela voltavam para casa na companhia de amigos após uma reunião na igreja. Enquanto atravessavam um campo por um atalho, um objeto enorme e silencioso apareceu repentinamente acima de suas cabeças, e "tons de vermelho, azul, verde e amarelo refletiram sobre seus rostos assustados". Neste caso, as crianças aterrorizadas correram para casa, e o incidente foi dado por encerrado.

O que surpreende neste contato é o fato de compartilhar características com as visitas a Fátima, Portugal, também ocorridas em 1917, só que muito mais elaboradas. Os eventos de Fátima são descritos no Capítulo 8 (páginas 360-74), mas os detalhes a seguir são relevantes para melhor apreciarmos o contato de Maine:

Olhando ao nosso redor, reparamos uma luz estranha que já havíamos visto e voltaríamos a ver. Nossos rostos brilhavam em tons de rosa, vermelho, azul — todas as cores do arco-íris. (...) O solo estava dividido em quadradinhos, cada um de uma cor diferente. Nossas roupas pareciam também ter se transformado nas cores do arco-íris.

A semelhança entre estas histórias pode ser superficial ou coincidente, mas as pessoas experimentam com que freqüência luzes multicoloridas refletindo-se em seus rostos e originando-se de alguma fonte desconhecida no céu? Por que teriam as pessoas alegado experimentar isto em 1917, tanto em Bar Harbor, Maine, quanto em Fátima, Portugal? Detalhes estranhos deste tipo são mistificantes, porém sugestivos, quando aparecem em casos independentes. Observo, aliás, que, segundo está registrado, as manifestações em Fátima foram testemunhadas por milhares de pessoas, e muitas delas prestaram depoimento, descrevendo um extraordinário espetáculo de luzes vindo do céu.

Voltando a 1947, dizia-se ter ocorrido na Itália, no dia 14 de agosto daquele ano, um clássico contato com diminutos humanóides. Este relato é interessante por antecipar todos os demais relatos famosos de "homenzinhos" saindo de óvnis. Ao mesmo tempo, ele nunca foi bastante divulgado, sendo difícil, portanto, ver como o mesmo poderia ter influenciado os muitos casos semelhantes ocorridos depois dele.

A testemunha neste caso foi Rapuzzi Luigi Johannis, um conhecido pintor e escritor de ficção científica italiano. Seu contato ocorreu perto de Villa Santina, ao norte de Veneza e perto das fronteiras com a Áustria e a Iugoslávia. Johannis disse ter primeiro confidenciado sua história a duas pessoas, em uma visita aos Estados Unidos em 1950. Em 1952, ao tentar publicar um relato do ocorrido em L'Europeo, este foi recusado por falta de provas. Por fim, publicou-o numa revista italiana, Clypeus, nº 2-5, de maio de 1964, com o título "Ho visto un disco volante". Eu menciono estas datas para mostrar que Johannis poderia ter inventado a história, baseando-se na literatura sobre óvnis já disponível até 1964. Isto não quer dizer, é claro, que ele de fato a inventou.

No dia do contato, Johannis, que se interessava por geologia e antropologia, escalava uma montanha pelo leito de um ribeirão à procura de fósseis. Ele avistou, incrustado numa fenda transversal da vertente da montanha, um objeto discóide metálico, vermelho, com uma cúpula central baixa e nenhuma abertura. Este objeto tinha uma antena telescópica e cerca de dez

metros de largura. Segundo observou em seu relato, naquela época, ele nada sabia a respeito de discos voadores.

Ao olhar à sua volta para ver se havia mais alguém por ali, avistou dois "meninos" a uma distância aproximada de cinqüenta metros. Ao aproximar-se deles, deu-se conta de que não eram humanos e sentiu-se paralisado e enfraquecido. Não teriam mais que 90 centímetros de altura e vestiam translúcidos macacões azul-escuros, com golas vermelhas e cintos. Tinham cabeças maiores que a de um homem normal. Os rostos deles, prosseguia Johannis, descritos em termos antropomórficos, incluíam enormes e salientes olhos redondos, um nariz reto e de corte geométrico e uma boca fendida com o formato de um acento circunflexo. A "pele" era de cor verde terrosa.

Após ficar boquiaberto de assombro por alguns minutos, ele brandiu sua picareta geológica e deu um grito. Em resposta, uma das entidades tocou em seu cinto, emitindo um "raio" que deixou Johannis prostrado no solo, sem a menor força para se mexer. Ele conseguiu se revirar devagar, a tempo de ver uma das entidades fugir com sua picareta. Em seguida, as entidades regressaram à nave, que logo alçou vôo, deslocando uma cascata de pedras da vertente da montanha. Ele testemunhou que o disco, adejando no ar, diminuiu subitamente e desapareceu. Isto foi acompanhado por uma rajada de vento que o derrubou no solo.

Após umas três horas, Johannis, apesar de todo dolorido, sentiu-se forte o bastante para regressar



à casa. Ele se recorda de ter resolvido nada dizer acerca do incidente, já que não queria ser considerado um visionário louco, ou algo pior. Ao viajar para Nova York, dois meses mais tarde, ficou sabendo pela primeira vez dos discos voadores vistos por Kenneth Arnold. Naquela altura, decidiu confidenciar sua história. Segundo também disse ele, duas pessoas da região declararam ter visto uma bola vermelha ascendendo ao céu e desaparecendo por volta do momento do incidente.

Este relato contém diversos aspectos que ocorrem repetidas vezes em contatos imediatos com óvnis. O raio paralisante é típico, tanto quanto o desaparecimento abrupto do disco à hora de sua partida. Em seu depoimento perante o Congresso, em 5 de abril de 1966, J. Allen Hynek observou que, se são mesmo objetos tangíveis, os óvnis deveriam ser vistos voando de ponto a ponto ao longo de distâncias consideráveis. Hynek achou intrigante o fato de isto não ter sido observado. Ao invés disso, os óvnis costumam aparecer de forma abrupta, manobrar numa área restrita e depois desaparecer também de forma abrupta. Após examinarmos mais exemplos disto, analisarei algumas idéias a respeito do que poderia estar acontecendo.

Os homenzinhos vistos por Johannis também eram típicos de uma série de maneiras. Os uniformes, a estatura baixa, cabeças e olhos grandes e bocas fendidas manifestam-se repetidas vezes em casos de contato imediato. A pele verde, contudo, é

pouco comum — não obstante as piadas sobre homenzinhos verdes.

O vento que se seguiu ao desaparecimento da nave é um aspecto curioso. Johannis não mencionou propulsores ou jatos no disco que pudessem produzir uma rajada de ar, e mesmo assim a rajada teve força suficiente para deitá-lo no solo. Num relato independente, uma mulher alemã, chamada Elsa Schroder, conta ter deparado com um disco voador com um ocupante de aparência inteiramente humana, no deserto entre o Irã e o Paquistão, em 1975. Alienígenas com aparência humana também são constantes em inúmeros relatos. Neste caso, porém, me interessa em particular a forma pela qual o veículo partiu:

Depois, o Disco ascendeu sem ruído algum e sobrevoou quase que na minha direção. De repente, algo parecido com uma força invisível pressionou-me para baixo, fazendo-me cair e rolar pela duna de areia. Ainda um pouco tonta, levantei-me de novo e observei o Disco Voador ascendendo devagar, para em seguida afastar-se em disparada e se esvair no céu azul com um tom estranho.

Neste caso, a testemunha não relatou o desaparecimento abrupto do óvni, mas mencionou, isto sim, um efeito de pressão semelhante àquele descrito por Johannis.

## **Marcianos, fertilizante e psiquiatria**

A validade do relato de Johannis depende por completo da integridade do próprio Johannis. Sem dúvida, ele era um indivíduo inteligente e talentoso, mas aqui alguém poderia suspeitar de excesso de talento. Teria ele simplesmente inventado a história? Embora não esteja claro, por que ele faria isto ou o que ele teria a lucrar com isto?

Em contraste com o caso de Johannis, o Dr. Berthold Schwarz conta também uma história bizarra, testemunhada por alguém cujo caráter, depois de avaliado com cuidado, não dá margem a dúvidas. Como a credibilidade desta história se baseia na reputação de Schwarz, é bom lembrar que ele é um psiquiatra que tem escrito livros tanto sobre psiquiatria infantil quanto sobre pesquisa psíquica. Um desses livros, que trata dos aspectos psíquicos do fenômeno óvni, é a fonte da história que passo a apresentar.

Por volta das dez horas de 24 de abril de 1964, um fazendeiro de 26 anos de idade, chamado Gary Wilcox, espalhava esterco numa área de sua fazenda em Newark Valley, Nova York. Vendo um brilhante objeto branco acima da área, na margem de um bosque, ele foi até lá com seu trator para investigar aquilo. A princípio, pensando ser uma fuselagem ou o tanque de combustível de um avião, ele se aproximou e tocou no objeto. Então, da parte de baixo do objeto surgiram dois homens de um metro de altura segurando uma bandeja de

metal cheia de alfafa, raízes, terra e folhas. Usavam roupas metálicas esbranquiçadas que não deixavam nenhuma parte de seus corpos à mostra.

Enquanto Wilcox, parado e aflito, imaginava que tipo de truque era aquele, um dos homens disse: "Não se alarme", em uma voz sinistra que parecia emanar do seu corpo todo. Em seguida, eles fizeram perguntas a Wilcox sobre lavoura e fertilizantes, alegando ter vindo de Marte, que é feito de substâncias rochosas inadequadas para a agricultura. Fizeram comentários sobre a poluição do ar em áreas congestionadas, e predisseram as mortes dos astronautas Glenn e Grissom por demasiada exposição à atmosfera do espaço. Depois, os homens se abaixaram sob a nave e desapareceram. A nave produziu um ruído como o do motor de um carro em marcha lenta, deslizou a uma distância de 45 metros e desapareceu no ar. Em resposta à solicitação de um pouco de fertilizante feita pelos homens, mais tarde Wilcox trouxe um saco até o local. Na manhã seguinte, reparou que o saco havia desaparecido.

Bem, que tipo de pessoa contaria uma história dessas? Berthold Schwarz aplicou um exame psiquiátrico em Wilcox e constatou que ele "não tinha história pregressa de distúrbios neonatais, doenças graves em seu período de crescimento, traços de caráter neurótico, experiências dissociativas ou amnésicas, fugas, comportamento sociopático, problemas na escola, lesões na cabeça, encefalopatia, cirurgia ou qualquer tipo de comportamento aberrante". Ele gozava de boa

saúde e havia sido um bom aluno na escola. Não tivera nenhum interesse anterior em óvnis ou em assuntos exóticos, e se limitava a ler jornais e revistas populares. Às vezes, participava dos cultos de uma igreja batista local.

Schwarz examinou Wilcox, usando três conhecidos testes de saúde física e mental (Cornell Medical Index Health Questionnaire, Rotter Incomplete Sentences Test e Minnesota Multiphasic Personality Inventory-MMPI). Os resultados acusaram um bom estado de saúde física e emocional. Segundo o MMPI, "uma busca estrutural de traços e forças positivas mostrou correlações suficientes para se descrever o paciente como dócil, metódico, ordenado, socialmente reservado e sincero".

Schwarz concluiu: "Seria muito fora do comum (...) Gary Wilcox inventar uma história tão fantástica sem que seu exame psiquiátrico ou as entrevistas com seus amigos, conhecidos e familiares indicassem pistas para isto." Ao mesmo tempo, observou ele, não havia razão alguma para se supor que os seres da história vieram mesmo de Marte só porque assim o disseram.

## **Casos envolvendo crianças**

Num rastreamento de casos, é importante atentar para o fato de que crianças também narram contatos com óvnis. A seguir, apresento três exemplos de semelhantes relatos. É possível objetar que, sendo as crianças propensas a mentir

e a fantasiar, o testemunho delas não pesa muito. Contudo, como ficou demonstrado pela tradicional história do menino que dava falso alarme, os adultos têm meios de distinguir honestidade e desonestidade nas crianças. Mesmo sendo difícil detectar uma mentira, é improvável que uma criança minta só uma vez — logo, os adultos que estiverem avaliando uma criança acabarão conhecendo seu padrão de comportamento desonesto.

Embora as histórias que detalharei nesta seção não sejam tão bem autenticadas como a do caso Wilcox, acho que elas merecem ser levadas em consideração. Como acontece com todas as histórias de óvnis, elas não constituem provas cabais. Porém, só se podem reunir provas de autenticidade satisfatória entendendo-se o padrão genérico de grandes conjuntos de dados, para então se passar ao julgamento de casos individuais, apurando-se até que ponto estes se enquadram no padrão. Se deixarmos de considerar grandes conjuntos de dados, poderemos perder pistas importantes para a apuração do padrão.

O primeiro dos três relatos de crianças integra um artigo intitulado "The landing at Villares del Saz", de Antonio Ribera, famoso pesquisador de óvnis da Espanha. A principal testemunha neste caso foi um vaqueiro analfabeto de quatorze anos chamado Máximo Munoz Hernáiz. Seu contato se deu enquanto ele apascentava vacas no início de julho de 1953, perto da aldeia de Villares del Saz, em Cuenca, Espanha central. A seguir, vão trechos

de uma entrevista com o menino, realizada pelo editor do jornal *Ofensiva*:

— O que você viu não existe. Como, então, pode explicar isto?

— Eu vi sim. Eu vi os homenzinhos sim.

— Que horas você viu a máquina?

— A uma da tarde.

— Que estava fazendo naquele momento?

— Estava sentado, cuidando para que o gado não se aproximasse da lavoura.

— Ouviu algum som antes da visão?

— Sim, mas bem leve. Por isso, nem me virei para ver.

— Você estava de costas para aquela direção?

— Sim, senhor.

— Que ouviu?

(Máximo Hernáiz disse ter ouvido um assovio débil, abafado, intermitente. Ao virar-se para aquela direção, a máquina já havia aterrissado.)

— Que você fez quando a viu?

— Nada. Pensei que era um balão grande, um daqueles que soltam em feiras. Só depois me dei conta de que não era. Brilhava com muito fulgor.

— Brilhava o tempo todo?

— Quando estava parado brilhava menos do que quando se movimentava.

— Qual era a sua cor?

(Segundo indicou o menino, o objeto tinha cor cinza, cerca de 1,30 m de altura e formato parecido com o de uma pequena jarra d'água.)

— Permaneceu ali no solo por muito tempo?

— Bem pouco tempo. Como eu pensava que era um balão, andei na direção para pegá-lo. Antes

que eu tivesse tempo de atingi-lo, uma porta se abriu e uns homenzinhos começaram a sair por ela.

— Como eram os homenzinhos?

— Eram minúsculos. Assim (cerca de 65 centímetros).

— Tinham rostos como os nossos?

— Seus rostos eram amarelos, e os olhos, estreitos.

(O pintor Luis Roibal, que estava com o editor do jornal, fez uma série de esboços de homenzinhos de acordo com a descrição do rapazinho.)

— Sim, assim, mas mais chaparrete.

(Os traços dos rostos são completamente orientais.)

— Quantos homenzinhos desceram do balão?

— Três.

— Por onde saíram?

— Por uma portinha que a coisa tinha em cima.

— Como desceram?

— Deram um pulinho.

— Que fizeram depois?

— Vieram até onde eu estava.

— E falaram algo?

— Sim, senhor, mas não consegui entendê-los.

— Onde eles pararam?

— Um a minha esquerda, outro a minha direita, e o que falava comigo ficou na minha frente.

— Eles lhe fizeram algo?

— Como eu não entendi o que aquele que estava na minha frente me dizia, ele me deu um tapa no rosto.

— E depois?



- Nada. Foram embora.
- Como subiram para a máquina?
- Agarraram uma coisa que estava no balão, pularam e entraram.

Os homens, disse o menino, vestiam roupas de um azul vivo como as de músicos numa feira, e usavam chapéus chatos com viseiras. Embora também usassem peças de metal nos braços, ele não conseguiu descrevê-las bem. Depois que os homens entraram, o objeto reluziu com muito fulgor e decolou rapidamente, não deixando sinais de exaustão e fazendo o mesmo som de assovio que antes.

Segundo Ribera, o pai do menino foi até o local com o delegado de polícia da região e, além de pegadas, eles encontraram quatro buracos, formando um quadrado com cada lado medindo 36 centímetros. Outras testemunhas, incluindo o oficial da polícia de delegacia de Honrubia, próxima a Villares, relataram ter visto uma esfera voadora branco-acinzentada, vindo aproximadamente do local em Villares del Saz à hora do contato.

Por mais estranha que pareça esta história, ela é semelhante a muitas outras contadas no mundo todo. Se ela é mesmo oriunda de um rapazinho analfabeto da Espanha central, é difícil entender por que ele teria pensado em detalhes amiúde relatados, tais como os rostos orientais, o som de assovio, o fulgor do globo e seu vôo sem um rastro visível de exaustão. Presumivelmente, ele teria precisado de aulas particulares de alguém versado

no assunto, o que não parece plausível para um menino analfabeto de quatorze anos, oriundo de uma família de fazendeiros. Se a história é falsa, então, é bem provável que toda a descrição do menino e sua situação sejam falsas também.

Outro exemplo do testemunho de uma criança vem de John Swain, filho de doze anos de um fazendeiro morador perto de Coldwater, Kansas. Ele teve contato com um óvni em setembro de 1954, e escreveu uma carta sobre o acontecido para um certo reverendo Baller, em 3 de outubro de 1954:

O senhor me pergunta sobre o disco que eu vi. Eu estava arando o campo quando tudo aconteceu. Tivemos problemas com o trator e já era tarde quando finalmente o consertamos. Como estava um clima ameno, trabalhei até às 20h. Depois deixei o arado e vim para casa. Eu o encontrei a cerca de 120 metros, mas não vi nada suspeito. Fui dar num (...) [terraço?]. Ele estava agachado e um pouco escondido. Deu um salto e olhou para mim, meio flutuando. Saltou para dentro do disco, que se acendeu e decolou. Sumiu de vista. Conteí o que tinha acontecido a minha mãe e meu pai e conversamos a respeito. Depois, mamãe chamou o xerife. Ele apareceu naquela noite e me fez perguntas. Disse que viria de novo pela manhã para ver se havia alguma pegada nas redondezas. Havia e ele enviou os relatórios para Washington, D.C. Assinado: John Swain.

As pegadas em questão, segundo disseram, eram cuneiformes e diferentes daquelas feitas por sapatos comuns. Além de entidades ufológicas flutuantes serem relatados com freqüência, temos, mais uma vez, uma referência a um objeto voador que acende ou brilha ao decolar. Se isto é uma fantasia, tem coerência com o padrão dos temas ufológicos e não com rasgos de imaginação livre.

O terceiro exemplo de contato com óvni relatado por crianças vem da África do Sul. Em 2 de outubro de 1978, por volta das 11h15, quatro estudantes adolescentes esperavam a mãe do mais velho deles vir pegá-los num ponto isolado do Parque Ecológico Groendal. Os meninos se deram conta de um objeto prateado que se projetava acima do bosque a algumas centenas de metros de distância, do outro lado de um vale. Neste momento, um dos meninos reparou que havia dois homens vestidos com macacões prateados, a cerca de 275 metros a oeste do objeto. Instantes após, um terceiro homem juntou-se aos outros dois, e os meninos repararam que eles tinham um jeito peculiar de caminhar. "Caminhavam movimentando apenas dos joelhos para baixo e usavam suas pernas com se fossem estabilizadores", disse um dos meninos.

Após o ocorrido ter sido relatado, uns dez dias mais tarde, os meninos foram entrevistados em separado e contaram histórias semelhantes. Também em separado, eles fizeram desenhos comparáveis dos homens.

Diversos investigadores, inclusive um major da polícia, levaram cerca de noventa minutos para

abrir uma trilha por entre a mata densa que ia dar no local. Encontraram "uma área com depressão de 6x18m onde o bosque havia sido aplanado até o nível do solo e, no perímetro externo da depressão oval, havia nove marcas, cada uma contendo três ou quatro impressões minúsculas".

## **Rastros e efeitos físicos**

Nos casos recém-descritos, vimos diversos exemplos em que óvnis aterrissaram e deixaram rastros físicos de sua presença na terra e na vegetação. Como podem ser avaliados num laboratório, tais rastros fornecem uma das principais séries de provas científicas da realidade física dos óvnis.

Um caso envolvendo mensuráveis rastros no solo foi investigado pelo grupo de estudos sobre óvnis chamado GEPAN, instituído em 1977 pela CNES, o centro de estudos espaciais francês (veja página 80). Este caso foi descrito da seguinte maneira pelo chefe do GEPAN, Jean-Jacques Velasco:

Por volta das 17h do dia 8 de fevereiro de 1981, o Sr. Collini trabalhava tranquilamente em seu jardim em Trans en Provence. De repente, teve sua atenção atraída por um assóvio baixo que parecia vir de um dos extremos de sua propriedade. Voltando-se, ele viu no céu, acima das árvores, algo aproximando-se de um terraço, no fundo do jardim. O objeto aterrissou de repente. A testemunha aproximou-se e, escondida

atrás de uma casinha, observou o estranho fenômeno.

Menos de um minuto depois, o fenômeno ascendeu de repente e afastou-se na direção de onde parecia ter chegado, ainda emitindo um assovio baixo. O Sr. Collini dirigiu-se imediatamente ao aparente cenário da aterrissagem e observou marcas circulares e uma nítida impressão em forma de coroa no solo. A Gendarmaria chegou no dia seguinte para fazer o relatório e, seguindo nossas instruções, colheu amostras do solo e da vegetação circundante. Trinta e nove dias após a visão, uma equipe do GEPAN foi enviada ao local para fazer investigações. Os primeiros resultados da análise mostraram ser interessantes, acusando impactos significativos às amostras de solo e vegetação, em particular distúrbios bioquímicos na vida das plantas.

Segundo demonstrou a investigação, a testemunha, além de não apresentar problemas psicológicos, foi de todo coerente em seu depoimento. Também foram detectados, no local da aterrissagem, sinais de aquecimento do solo, entre 300° e 600°C, afora o provável depósito de quantidades identificáveis de fosfato e zinco.

Uma análise bioquímica foi realizada pelo laboratório de bioquímica do Instituto Nacional de Pesquisa Agrônoma (INRA), na França, sob a supervisão de um certo Prof. Bounias. Este estudo analisou o teor de pigmento de clorofila e carotenóide de uma espécie de alfafa silvestre

existente na área da aterrissagem. Trinta e nove dias após a visão, observou-se uma redução, entre 30 e 50% dos pigmentos A e B da clorofila, sendo que os rebentos das folhas apresentaram as maiores perdas, além de sinais de envelhecimento prematuro. O efeito reduzia-se visivelmente à medida que se distanciava do centro da aterrissagem. Contudo, não havia sinais de radioatividade residual.

Segundo parece demonstrar esta investigação, alguns fenômenos ufológicos são receptivos à investigação científica séria. Neste caso, a integridade da testemunha e as medições empíricas no local de aterrissagem aliam-se para indicar que algo desconhecido, porém fisicamente real, aconteceu efetivamente. Talvez a hipótese mais simples para se explicar os dados observados seja que um tipo desconhecido de nave aérea realmente aterrissou no jardim do Sr. Collini, deteve-se por alguns minutos e em seguida retomou seu vôo.

Casos de rastros deixados no solo por óvnis têm sido estudados a fundo por Ted R. Phillips, tarimbado investigador que tem participado de diversos estudos científicos sobre óvnis nos Estados Unidos. Em 1981, ele concluiu, após quatorze anos, um estudo de 2.108 casos, procedentes de 64 países, envolvendo aterrissagem com rastro físico. Ele próprio investigou mais de trezentos destes casos e resumiu seu estudo dizendo:

1. Os casos apresentam relevantes padrões estatísticos.
2. Os óvnis observados por testemunhas múltiplas parecem ter sido veículos sólidos construídos sob alguma espécie de controle inteligente.
3. Eles produziram rastros físicos que, em muitos casos, não têm explicação natural ou convencional.
4. Tem havido pouquíssima investigação científica em torno destes relatos.

Phillips apresentou uma série de estatísticas sobre relatos de aterrissagem com rastros físicos. Por exemplo: nas quatro primeiras décadas deste século, seus registros acusaram cerca de seis casos de rastro físico por década. Este número subiu para 43 nos anos 40 e, nos anos 70, houve 1.001 casos de rastro físico.

Do seu total de 2.108 casos, disse ele, cerca de 275 contaram com duas testemunhas e cerca de 430 com três ou mais. Houve relato de humanóides em 460 casos, sendo que em 310 destes casos os humanóides eram pequenos se comparados a humanos normais. Em 87 casos, eles eram de tamanho normal, tendo sido considerados grandes em 63 casos.

Phillips apresentou os seguintes dados sobre os aspectos externos dos óvnis observados em seus casos. Cada aspecto é acompanhado pelo número de casos em que foi relatado:

som 214

portas ou janelas 207

luzes externas 207  
ascensão vertical 184  
feixe de luz 183  
trem de pouso 159  
abóbada 144  
vapor 128  
o óvni girava 125  
antena 117  
calor 117

Os rastros de aterrissagem foram descritos como tendo formatos circulares, ovais ou irregulares. A vegetação atingida pelos rastros estava queimada, abaixada ou desidratada, havendo marcas freqüentes em disposição simétrica, sugestivas de marcas de trem de pouso.

Apesar de poderem nos dar alguma idéia daquilo que é típico, as estatísticas não podem explicá-lo. No entanto, a análise estatística pode revelar alguns padrões interessantes, próprios dos dados sobre óvnis. Por exemplo: os investigadores de óvnis Coral e Jim Lorenzen compilaram, num livro publicado em 1976, algumas estatísticas sobre relatos de visão de humanóides. Numa coletânea de 164 relatos datados entre 1947 e 1975, eles classificaram os humanóides como pequenos (abaixo de noventa centímetros) e grandes (acima de noventa centímetros). Também dividiram os óvnis relatados em diferentes categorias, incluindo discos grandes e pequenos e formas ovais grandes e pequenas.

Em relatos mencionando discos grandes, eram apresentados em 24 humanóides grandes e



humanóides pequenos em cinco. Em relatos mencionando discos pequenos, nove apresentavam humanóides grandes e 28 humanóides pequenos. Deste modo, o tamanho dos seres parece corresponder aproximadamente ao tamanho dos discos. O mesmo padrão manifestou-se nos casos de óvnis ovalados. Embora eu desconheça a explicação deste padrão, seria interessante averiguar se ele ocorre nos casos de rastro físico de Phillips como uma correlação entre o tamanho dos humanóides e o espaçamento do campo de pouso.

## **Efeitos eletromagnéticos sobre carros**

Além de produzirem efeitos físicos sobre o solo, os óvnis também são famosos por produzirem efeitos eletromagnéticos transitórios sobre veículos automotores. Isto foi descrito da seguinte maneira por Roy Craig, no famoso Relatório Condon:

De todos os efeitos físicos tidos como causados pela presença de óvnis, o alegado enguiço de motores de automóveis talvez seja o mais intrigante. Trata-se de uma alegação freqüente, às vezes em relatos que são impressionantes, por envolverem múltiplas testemunhas independentes. As testemunhas parecem ter certeza de que o funcionamento de seus carros foi afetado pelo objeto não-identificado, que só teria sido visto, segundo os relatos, após a constatação do enguiço. Não existe uma explicação satisfatória

para semelhantes efeitos, se é que eles de fato ocorreram.

Casos de interferência em automóveis são relatados em muitos países diferentes, no mundo todo. Eis um exemplo da Austrália:

Em 20 de outubro de 1986, perto de Edmonton, Queensland, uma mulher de 41 anos, nativa da região, dirigindo de volta para casa, oriunda de Cairns, ao longo da estrada Kamma Pine Creek, começou a experimentar extrema dificuldade para controlar seu carro. Ele tendia para o lado direito da estrada. Cerca de quatrocentos metros adiante, as lanternas e faróis quase se apagaram. Então, a mulher ouviu um zumbido e o veículo perdeu a força do motor. Olhando para o alto, a testemunha avistou à frente do carro uma brilhante e oval luz azul-esverdeada. Apesar de ela "ter dado uma freada brusca", o motor pareceu apenas manter-se em ponto morto e o carro continuou em frente a uma velocidade bem baixa. Estes fenômenos continuaram por cerca de quatro quilômetros.

Segundo disse a senhora, a experiência toda demorou de oito a dez minutos e o óvni parecia estar viajando em linha aproximadamente paralela à estrada. Ao passar por uma ponte de mão única, o óvni "de repente decolou" e, logo em seguida, ela recuperou controle total sobre seu carro. O carro, declarou ela, estivera funcionando bem antes e depois do episódio.

Conforme uma explicação às vezes dada para justificar tais incidentes, os mesmos seriam causados por um fenômeno natural que envolve um vórtice de plasma eletrificado. Esta idéia é fruto de recente elaboração do meteorologista inglês Terence Meaden ao tentar explicar os célebres círculos em campos agrícolas ingleses, os quais, segundo sugestão da pesquisadora de óvnis Jenny Randles, poderiam estar associados a certos relatos de fenômenos ufológicos. A "luz azul-esverdeada, brilhante e oval", que acompanhou o carro da senhora australiana, poderia ser interpretada como um plasma cintilante que produziu um zumbido e interferiu no sistema elétrico do carro. Mas, para que isto acontecesse, seriam necessárias energias altíssimas dentro da massa eletrificada, e é muito difícil descobrir que processo natural poderia produzir semelhantes energias e retê-las dentro de um volume limitado de espaço, por mais que uma fração de segundo. De um ponto de vista científico ortodoxo, é quase tão difícil justificar um vórtice de plasma capaz de interferir no funcionamento de um carro durante oito minutos quanto o é justificar uma nave aérea de origem não-humana.

Acontece que nem todos os casos de contato de óvnis com carros são iguais. Eles naturalmente se enquadram em diversos grupos distintos, dentre os quais um grupo em que poderia haver o envolvimento de algum tipo de plasma eletrificado. É possível realizar esta divisão em grupos mediante a análise estatística de uma ampla coletânea de casos.

Semelhante estudo foi realizado pelo Dr. Donald Johnson, psicólogo e estatístico que é diretor de uma empresa de consultoria em administração de New Jersey. Johnson empreendeu uma análise sistêmica de duzentos casos de contato com carros, com datas variando de 1949 a 1978. Esta análise baseou-se nas três seguintes variáveis: duração do evento, distância estimada do automóvel para o óvni e tamanho estimado do óvni.

Para cada caso, podem-se considerar estas três variáveis como as coordenadas  $x$ ,  $y$  e  $z$  de um determinado ponto no espaço. (Na verdade, Johnson usou os "desvios-padrão das transformações logarítmicas de base 2" das variáveis.) Podemos imaginar que os duzentos pontos correspondentes aos duzentos casos podem enquadrar-se numa série de conjuntos no espaço. Os casos de determinado conjunto compartilham algo em comum, diferindo dos casos de outro conjunto. A análise sistêmica não revela por que os casos deveriam enquadrar-se em grupos distintos, mas pode ajudar os pesquisadores a identificar semelhantes grupos para estudos posteriores.

Segundo descobriu Johnson, seus duzentos casos enquadravam-se nos sete conjuntos seguintes:

Conjunto 1: [19] Pequenos objetos (dois metros) que aparecem durante um ou dois minutos a distâncias bem próximas. Alguns são bolas de luz vermelhas, brancas ou amarelo-alaranjadas que

poderiam estar relacionadas a relâmpagos. Oito, porém, envolvem relatos de aterrissagem.

Conjunto 2: [48] Objetos maiores que a média (doze a vinte metros de diâmetro), mantendo uma distância de duzentos a trezentos metros. Contatos duram em média de quinze a vinte minutos. Mais da metade são discos abobadados, sendo um terço deles descritos como metálicos. Outras características destes casos são: flutuação (58%), feixes de luz (21%), movimento de folhas caindo (25%) e algum tipo de concerto, em que as entidades surgem de um óvni pousado e parecem trabalhar nele.

Conjunto 3: [33] Objetos ligeiramente menores que o tamanho médio (seis metros), a uma distância média (noventa metros), com uma duração de contato normalmente inferior a um minuto. Mais da metade deles são metálicos, sendo típico deles a partida rápida de um pouso (42%) ou de uma posição próxima ao solo.

Conjunto 4: [11] Objetos de tamanho médio, que ficam a uma distância média de cerca de quinze metros. A duração média do contato é de cerca de uma hora. Muitos destes casos envolvem perseguição (82%), aterrissagem (45%) e rapto (27%). Quase 66% envolvem efeitos fisiológicos tais como paralisia, choque elétrico, formigamento ou calor. Há ruídos freqüentes (zumbido, por exemplo) vindos do óvni (45%), um feixe de luz (45%) e o óvni costuma ter cores múltiplas (45%).

Ao partir, o óvni sai em disparada ou desaparece num estalo de dedos (64%), e 75% das testemunhas experimentam temor ou pânico durante ou após o evento.

Conjunto 5: [62] Objetos com nove ou dez metros de diâmetro, com distância média de 25 metros e tempo médio de contato de cinco minutos. Mais de 60% são clássicos discos abobadados, com 40% descritos como metálicos e 58% como tendo cor esbranquiçada ou tendo uma luz branca. Outras características são flutuação (68%), aterrissagem (40%) e partida a uma velocidade incrível (39%). Metade das testemunhas expressam temor.

Conjunto 6: [12] Objetos grandes (tipicamente com sessenta metros de comprimento), às vezes com formato de charuto, que são vistos apenas por alguns minutos a distâncias moderadamente grandes (110 metros). Metade deles cintilam vermelho ou laranja (e nenhum deles é verde). Outras características são: bloqueio da estrada e rápida partida ao serem detectados (30%), flutuação (50%), aterrissagem (50%), partida em disparada (50%) e vôo silencioso (75%). Em geral, não deixam rastros físicos.

Conjunto 7: [5] Objetos pequenos (um metro ou menos de diâmetro), a uma distância média de 150 metros, com uma duração média de contato de 45 minutos. Não há efeitos eletromagnéticos, e nenhum dos objetos é descrito como sendo

metálico. Estes, suspeitava Johnson, podem ser fenômenos naturais.

Uma vez que uma série de conjuntos tenha sido identificada com base nas três variáveis, pode-se perguntar se os conjuntos diferem significativamente de outras maneiras. Por exemplo: acaso os relatos da evidência de discos tendem a enquadrar-se, sobretudo, em certos conjuntos e não em outros? Se isto ocorre, então, é indicação de que os conjuntos são significativos. Diferentes conjuntos envolvem diferentes espécies de fenômenos.

Segundo a análise de Johnson, há de fato uma série de características que tendem a marcar forte presença em alguns conjuntos e não em outros. Ao que tudo indica, existem diferentes tipos de casos de contato de óvnis com carros, sendo que alguns envolvem fenômenos naturais e outros envolvem diferentes tipos de naves aéreas bem estruturadas.

Johnson concluiu: "Aconselho a que tenham cuidado com os ruidosos discos abobadados e dotados de feixes de luz branco-azulados, por ser provável que, se tiverem contato com um deles, sofram no mínimo alguns efeitos fisiológicos. Isto parece aplicar-se em especial ao caso de o objeto estar pairando sobre a estrada em frente de seu carro e interessar-se pelo rumo de sua viagem!"

## **Evidência fotográfica**

Por ser vasta a evidência fotográfica em torno dos óvnis, só poderei abordá-la de forma sucinta. Segundo se alega, nos últimos anos se têm tirado muitas fotografias de óvnis, havendo, também, filmes e videoteipes. Em alguns casos, estes registros fotográficos mostram apenas pontos de luz, de forma que podem representar luzes de avião ou fenômenos naturais. Contudo, há muitos casos de fotografias ou filmes mostrando claramente uma nave metálica bem estruturada. Nestes casos, sempre há a dúvida quanto ao fato de as imagens terem sido burladas ou não. É lamentável ser praticamente impossível provar, com relação a qualquer caso específico, que não se tenha cometido um embuste.

No Relatório Condon, William K. Hartmann resume o status de evidência fotográfica dos óvnis. Após levantar diversos casos fotográficos, ele admite que "uma fração mínima de casos fotográficos potencialmente identificáveis e interessantes permanece não-identificada". Com relação a estes casos, ele diz:

1. Nenhum deles estabelece de forma conclusiva a existência de "discos voadores", ou de qualquer nave extraordinária, ou de algum fenômeno até agora desconhecido. Quanto às observações de qualquer um destes casos, por mais estranhos ou intrigantes que pareçam, é sempre possível "explicá-las", quer formulando-se a hipótese de alguma circunstância extraordinária, quer alegando-se um embuste. Logo, nenhum dos casos fotográficos residuais aqui investigados é



convincente o bastante para ser conclusivo por si só.

2. Para alguns dos casos, fica suficientemente explícito que a escolha se limita à existência de uma nave aérea extraordinária ou a um embuste.

3. Apesar de o grupo residual de não-identificados não ser compatível com a hipótese de que naves desconhecidas e extraordinárias tenham penetrado o espaço aéreo dos Estados Unidos, nenhum deles produz evidência suficiente para se estabelecer esta hipótese.

Talvez casos que podem envolver ou uma nave aérea desconhecida ou um embuste não sejam tão raros quanto sugere Hartmann. É possível encontrar uma grande coletânea de tais casos no livro UFO Photographs (Fotografias de óvnis), de Stevens e Roberts. Eis um exemplo daquele livro.

Em 29 de julho de 1952, George Stock, técnico em consertos de cortadores de grama de Passaic, New Jersey, estava em seu quintal trabalhando em uma dessas máquinas. Por volta das 16h30 da tarde, ao ver um objeto desconhecido voando no céu, ele gritou para seu pai lhe trazer a máquina fotográfica deles. Com a máquina, Stock tirou sete fotos em preto-e-branco de um disco metálico de aparência sólida com uma abóbada semitransparente em sua parte superior. Este objeto parecia ter entre 6 e 6,5m de diâmetro, e viajava lentamente a cerca de sessenta metros acima do solo. Após revelar as fotografias com um fotógrafo profissional local chamado John H. Riley, Stock as publicou no "Morning Call", Vol. CXLI, nº

28 de Paterson, New Jersey, em 3 de agosto de 1952.

George Wertz, do Escritório de Investigações Especiais da Força Aérea (OSI), entrou em contato com Stock e insistiu bastante para que este lhe cedesse os negativos das fotografias. Estas ficaram retidas na Força Aérea durante seis meses, e então, depois de Stock reclamar muito, cinco dos sete negativos foram-lhe devolvidos.

Investigando o caso, August Roberts descobriu que uma mulher, que morava a três quadras e meia da casa de Stock, também viu um objeto voador em forma de disco por volta da mesma hora em que Stock tirou suas fotos. Embora houvesse outras testemunhas, estas silenciaram subitamente. O próprio Stock, aparentando estar bastante aborrecido, acabou entregando os cinco negativos restantes a Roberts e arrematando: "Diga-lhes que os tirou ou que eles são falsos. Nada disso me interessa."

Que conclusões poderíamos tirar deste caso? Se examinamos as fotos, fica claro que elas devem ser farsas ou imagens de uma nave genuína da típica variedade do disco abobadado. Tanto Roberts quanto Wertz, o oficial do OSI, parecem ter ouvido um boato sobre o fato de certo vizinho ter visto Stock "lançando um modelo no ar". Mas não lhes foi possível apurar este boato. Ademais, Wertz, baseado em seu estudo das fotos, achava que "o objeto em questão estava bem alto e por isso teria sido preciso usar um modelo bem grande, se é que era mesmo um modelo". Segundo Roberts, Wertz, mesmo mantendo-se

evasivo quanto às fotos de Stock, tendia a ser favorável à idéia de elas serem genuínas.

Uma característica tanto dos relatos sobre óvnis quanto das fotografias de óvnis é que, apesar de ser bastante reconhecido o fato de as formas de óvnis se enquadrarem em geral em umas poucas categorias básicas (tais como disco, esfera e elipsóide), é grande a variedade de suas formas em particular. Em consequência disso, são relativamente poucos os casos de óvnis de aparência idêntica fotografados independentemente em locais diferentes. O caso Stock exemplifica este fato, uma vez que, em meados de 1952, fotografaram óvnis muito parecidos com o de Stock em Chauvet, França, e em Anchorage, Alasca.

Outro exemplo de duas fotos, aparentemente independentes, de formas ufológicas quase idênticas foi relatado pelo Dr. Bruce Maccabee, físico da Marinha e presidente do Fundo para Pesquisa sobre Óvnis (FUR), em Maryland. Durante a noite de 7 de julho de 1989, o Sr. Hamazaki de Kanazawa, Japão, filmou em vídeo um objeto que passou quase por cima de uma casa. Segundo descrição de Maccabee, o objeto tinha a forma de um quadrado brilhante com um hemisfério escuro estendendo-se abaixo dele, dando a impressão do planeta "Saturno com um anel quadrado". Um objeto virtualmente idêntico parece ter sido fotografado por Michael Lindstrom no Havaí em 2 de janeiro de 1975. Segundo Maccabee, a única diferença notável entre os óvnis de Hamazaki e Lindstrom era que, enquanto o óvni de Hamazaki

tinha um anel brilhante com um hemisfério escuro, o de Lindstrom tinha um anel escuro com um hemisfério brilhante.

Minha última ilustração de evidência fotográfica é extraída de outra categoria importante: fotografias e filmes que alegam ser obra de oficiais militares, mas não estão à disposição do público. No Capítulo 1 (páginas 46-48), apresentei o depoimento do Dr. Elmer Green com respeito a fotos e filmes de óvnis feitos em bases militares por cientistas e engenheiros que eram membros da Divisão de Sistemas Ópticos.

Eis um caso semelhante baseado no depoimento do Dr. Robert Jacobs, primeiro-tenente reformado da Força Aérea, hoje professor adjunto de rádio-filme-tevé da Universidade de Wisconsin. Segundo alega Jacobs, em 15 de setembro de 1964 ele foi encarregado de filmar um teste com o míssil Atlas F na Base Aérea de Vandenberg, Califórnia. Alguns dias após fazer o filme, diz ele, foi convocado por seu oficial superior, o major Florenz J. Mansmann. O major pediu a Jacobs para assistir ao filme, chamando-lhe atenção para o que nele aparecia a uma certa altura:

De repente, vimos um óvni navegando no filme. Era um objeto redondo, claramente distinguível. Ele voou bem na direção de nosso míssil e emitiu um vivo clarão de luz. Em seguida, alterando seu curso, pairou brevemente sobre nosso míssil (...) e depois veio um segundo vivo clarão de luz. Então, o óvni voou duas vezes ao redor do míssil e lançou mais dois clarões de diferentes ângulos, e enfim desapareceu. Alguns segundos mais tarde,

nosso míssil entrava em pane e tombava sem controle no Oceano Pacífico, centenas de quilômetros antes do alvo programado para ele.

Disse-lhe o major Mansmann: "Você não deve dizer nada sobre esta filmagem. Quanto a você e a mim, isto nunca aconteceu! Certo...?" Jacobs diz ter esperado dezessete anos para contar a história.

Segundo disse o Dr. Green, autoridades militares comunicaram aos membros de sua divisão não haver registro algum de que os incidentes com óvnis por eles testemunhados tivessem alguma vez acontecido. Porém, não receberam ordem de manter sigilo sobre os mesmos. Conforme também salientou Green, nenhuma das fotos e filmagens de óvnis de alta qualidade feitas pela Divisão de Sistemas Ópticos foi colocada à disposição dos cientistas que prepararam o Relatório Condon. Todas as supramencionadas conclusões do Relatório Condon sobre evidência fotográfica basearam-se em fotografias tiradas ocasionalmente por civis com equipamento fotográfico amador.

### **3**

## **O Papel do Governo**

O clamor público em torno dos "discos voadores" que teve início em 1947 foi acompanhado de uma crescente preocupação nos círculos militares

americanos. Dois anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, desenvolvera-se uma controvérsia dentro da recém-formada Força Aérea americana na tentativa de esclarecer se os óvnis constituíam ou não uma ameaça à segurança nacional. Segundo Edward Condon, havia uma acentuada polarização de opiniões:

Dentro da Força Aérea havia quem acreditasse enfaticamente que o assunto era absurdo e que a Força Aérea não lhe devia dedicar atenção alguma. Outros oficiais encaravam os óvnis com a máxima seriedade e acreditavam ser bem provável que o espaço aéreo americano estivesse sendo invadido por armas secretas de poderes estrangeiros, ou possivelmente por visitantes do espaço exterior.

Neste capítulo, resumirei a história do envolvimento do governo americano e suas forças militares com a questão dos óvnis. Começarei com a história oficial, conforme Edward Condon a apresentou no Scientific Study of Unidentified Flying Objects (Estudo científico sobre objetos voadores não-identificados).

O primeiro esforço oficial no sentido de lidar com relatos sobre discos voadores data de 23 de setembro de 1947, por iniciativa do tenente-general Nathan Twining, chefe do Estado-maior das Forças Armadas americanas e comandante-geral da Força Aérea. Twining escreveu uma carta recomendando a formação de um grupo de estudo

para investigar o problema dos "Discos Voadores". Nesta carta, ele aventurou opinar que:

1. O fenômeno relatado é algo real, e não visionário ou fictício.
2. Existem objetos provavelmente com a forma aproximada de um disco, parecendo ser de tamanho tão mensurável quanto o são as naves aéreas feitas pelo homem.
3. É possível que alguns dos incidentes sejam causados por fenômenos naturais, tais como meteoros.
4. As características operacionais relatadas — tais como velocidades extremas de ascensão, manobrabilidade (em particular em rolamento) e ação indubitavelmente evasiva diante da visão ou da tentativa de contato por naves aéreas amistosas ou por radar — levam a crer na possibilidade de que alguns dos objetos são controlados manual, automática ou remotamente.

Twining prosseguia dizendo ser possível se valer da tecnologia americana daquela época para construir naves aéreas, só que um esforço nesse sentido seria sobremaneira caro e consumiria tempo demais. Ele aventou a possibilidade de os objetos desconhecidos serem produtos de um projeto secreto americano fora da alçada de seu comando, além de também ter considerado a hipótese de os mesmos terem sido produzidos por alguma nação estrangeira.

O grupo de estudo recomendado pelo general Twining foi alcunhado de Projeto Senha, tendo

continuado ativo até fevereiro de 1949. A execução do projeto ficou a cargo do Centro Técnico de Inteligência da Aeronáutica (ATIC) na Base Aérea Wright-Patterson, perto de Dayton, Ohio.

O relatório final do projeto parecia indicar uma atitude ambivalente quanto à continuação das investigações sobre óvnis:

Quaisquer atividades futuras relacionadas a este projeto deverão ser conduzidas com o nível mínimo de esforço necessário para registrar, resumir e avaliar os dados recebidos sobre relatos futuros, e para encerrar as investigações especializadas empreendidas. Quando e se um número suficiente de incidentes for resolvido a ponto de indicar que estas visões não representam uma ameaça à segurança nacional, poder-se-á rescindir a atribuição do status de projeto especial para a atividade.

Este tom de dúvida também se insinuou em dois apêndices do relatório, escritos pelo Prof. George Valley, Instituto Tecnológico de Massachusetts, e pelo Dr. James Lipp, da Rand Corporation. Argumentando ser a existência de discos voadores improvável do ponto de vista teórico, estes cientistas sugeriram que se deveria recorrer a explicações psicológicas.

Conforme ambos comentaram, os objetos voadores pareciam comportar-se de forma disparatada, e Valley chegou a sugerir que eles poderiam ser alguma espécie de animal, muito



embora admitisse jocosamente "haver poucos relatos confiáveis sobre animais extraterrestres". Era possível, salientaram ainda, que os óvnis fossem pilotados por extraterrestres assustados com nossos testes nucleares. Em seguida, Valley fez eco a outro tema sobre o fenômeno óvni, dizendo: "Em vista da história pregressa da humanidade, eles devem estar alarmados. Não surpreende, portanto, sobretudo na época atual, que observemos semelhantes visitas."

Após 11 de fevereiro de 1949, o trabalho de pesquisa sobre óvnis realizado no ATIC passou a ser conhecido como Projeto Rancor. Esta fase do estudo sobre óvnis parece ter criado certo rancor entre os membros da equipe que dele participavam. O astrônomo J. Allen Hynek, por exemplo, responsável por uma série de análises de casos para o projeto, disse mais tarde:

O fato de terem alterado o nome do projeto para Projeto Rancor era indício da adoção de uma atitude de descaso para com o problema ufológico. O departamento de relações públicas passou a fazer declarações sobre casos específicos, que pouca semelhança tinham com os fatos dos casos em si. Bastava um caso conter algum dos elementos possivelmente atribuíveis a naves aéreas, a um balão etc. para logo se tornar aquele objeto no comunicado à imprensa.

Da mesma maneira, outro participante, o capitão Edward J. Ruppelt, disse: "Esta drástica mudança na atitude oficial é tão difícil de explicar como foi

difícil, para muitas pessoas que sabiam o que estava acontecendo dentro do Projeto Senha, acreditar nela."

O Projeto Rancor produziu um relatório em agosto de 1949, com as seguintes conclusões:

Não há provas de que os objetos relatados sejam o resultado de um avançado desenvolvimento científico estrangeiro; portanto, não constituem uma ameaça direta à segurança nacional. Em vista disto, recomenda-se que se reduza o âmbito da investigação e do estudo de relatos sobre objetos voadores não-identificados. O quartel-general AMC continuará a investigar relatos em que haja nítida indicação de aplicações técnicas realísticas.

Obs.: É evidente que a continuação dos estudos sobre esta área apenas confirmaria as descobertas aqui apresentadas.

Além disso, o relatório concluía que todos os relatos sobre óvnis se devem a (1) interpretação errônea de objetos convencionais, (2) moderada histeria em massa e guerra fria, (3) invencionices e (4) personalidades psicopáticas. Ademais, afirmava-se que a Divisão de Guerra Psicológica deveria ser informada dos resultados do estudo, já que este apontava o plantio sistemático de embustes e histórias falsas, envolvendo óvnis como um possível causador de histeria em massa. Em 27 de dezembro de 1949, foi publicado um comunicado à imprensa anunciando o término do Projeto Rancor.

Quanto ao ponto (4), segundo o próprio Condon afirmou, "apenas uma proporção ínfima de testemunhas oculares pode ser categorizada como portadora de psicopatia". Conforme salientei em relação ao caso Gary Wilcox (páginas 84-85), muitas histórias fantásticas de contatos com óvnis são contadas por pessoas completamente sãs e equilibradas. Discutirei este ponto com mais minúcia no Capítulo 4 (páginas 183-87).

Seria de se pensar que este relatório marcasse o fim do estudo sobre óvnis na Força Aérea. Segundo Condon, porém, em 10 de setembro de 1951, foi cometido um erro no centro de radar do corpo de sinaleiros do exército em Fort Monmouth, New Jersey. Um objeto foi captado no radar a uma velocidade muito maior que a de qualquer dos aviões a jato existentes. Mais tarde, descobriram que o objeto era um jato convencional; mas, antes disso ser descoberto, o general C. B. Cabell, diretor do Serviço Secreto da Força Aérea, reagiu ao incidente reativando o Projeto Rancor sob forma nova e ampliada.

Para um projeto que parecia ter sido ressuscitado por uma casualidade, esta fase do Rancor mostrou notável longevidade. Foi a princípio encabeçado pelo capitão Edward J. Ruppelt, tendo sido renomeado como Project Blue Book, em março de 1952. Manteve este nome até a publicação do Relatório Condon em 1969, quando a Força Aérea finalmente encerrou seu envolvimento oficial com as investigações sobre óvnis.

## **A CIA e a Comissão Robertson**

Num certo nível do governo, parece que os relatos sobre óvnis, e não os próprios óvnis, eram tidos como uma ameaça à segurança nacional. Deste modo, em 24 de setembro de 1952, o diretor adjunto do Serviço Secreto Científico, H. Marshall Chadwell, escreveu um memorando para Walter Smith, diretor da CIA. Segundo indicava o memorando, afora um enorme volume de cartas, chamadas telefônicas e comunicados à imprensa, o Centro Técnico de Inteligência Aérea recebera cerca de 1.500 relatos oficiais sobre óvnis desde 1947 e 250 relatos oficiais somente em julho de 1952.

A Força Aérea julgou inexplicados cerca de 20% desses relatos. Contudo, Chadwell estava preocupado com um assunto mais premente do que a explicação dos relatos. Entre suas prioridades, incluíam-se as seguintes:

1. O interesse do público pelos fenômenos, refletido tanto na imprensa americana quanto na pressão de inquérito sobre a Força Aérea, indica que uma considerável proporção de nossa população está mentalmente condicionada a aceitar o incrível. Neste fato, jaz o potencial para o desencadeamento da histeria em massa e do pânico.
2. Apesar de a Rússia estar hoje capacitada a lançar um ataque aéreo contra os Estados Unidos, a qualquer momento poderá estar havendo uma

dúzia de visões oficiais não-identificadas, além de muitas extra-oficiais. O ataque pode vir a qualquer momento e estamos agora numa posição em que não temos como distinguir de imediato unidades bélicas de espectros. E, à medida que a tensão se intensificar, correremos um risco cada vez maior de alertas falsos e o perigo ainda maior de falsamente identificarmos o real como sendo espectral.

3. Deveria ser instituído um estudo para determinar que utilização poderiam dar a estes fenômenos os planejadores da guerra psicológica americana, se é que se pode dar alguma, e que defesas se deveria planejar, se é que se pode planejar alguma, contra as tentativas soviéticas de utilizá-los.

Que poderia ser feito? Era preciso arquitetar algum método para fazer com que as pessoas parassem de fazer relatos sobre óvnis, e é talvez por este motivo que a CIA tenha convocado uma comissão especial de eminentes cientistas, que se reuniram para discutir o assunto ufológico de 14 a 17 de janeiro de 1953.

A comissão foi nomeada em homenagem a seu presidente, Dr. H. P. Robertson, diretor do Comitê de Avaliação de Sistemas Bélicos, da pasta do secretário de Defesa. Incluía o Dr. Luis Alvarez, físico que trabalhou no projeto da bomba atômica e mais tarde recebeu o Prêmio Nobel de Física; o Dr. Samuel Goudsmit, físico da rede de laboratórios Brookhaven; o Dr. Thornton Page, ex-professor de astronomia da Universidade de

Chicago e diretor adjunto da Agência Johns Hopkins de Pesquisa Operacional; e o Dr. Lloyd Berkner, físico e diretor dos laboratórios Brookhaven.

Após deliberar por quatro dias (perfazendo um total de doze horas), a comissão emitiu um relatório secreto que foi finalmente tornado público em 1966. O relatório apresentava as seguintes conclusões:

2. Como resultado de suas considerações, a Comissão conclui:

a. Que as provas apresentadas sobre objetos voadores não identificados não mostram indício algum de que estes fenômenos constituam uma ameaça física direta à segurança nacional.

Acreditamos firmemente não haver resíduo de casos que indiquem fenômenos atribuíveis a artefatos estrangeiros capazes de cometer atos hostis, e não haver provas de que os fenômenos indiquem a necessidade de rever os conceitos científicos atuais.

3. A Comissão conclui ainda:

a. Que, caso se continue dando ênfase ao relato destes fenômenos nestes tempos perigosos, isto resultará numa ameaça ao funcionamento ordeiro dos órgãos de proteção do Estado.

Esta ameaça, segundo se pensava, envolvia o bloqueio de canais de comunicação em função de relatos sobre óvnis, o desconhecimento de sinais

reais de ação hostil e o "cultivo de uma mórbida psicologia nacional em razão da qual uma hábil propaganda hostil poderia induzir ao comportamento histérico e à nociva desconfiança da autoridade devidamente constituída". Como conseqüência, a Comissão recomendava que "as agências de segurança nacional tomem medidas imediatas no sentido de privar os objetos voadores não identificados do status especial que lhes tem sido conferido e da aura de mistério que eles infelizmente adquiriram". O método prescrito pela Comissão para se erradicar esta aura de mistério era o "desmascaramento", um termo definido por Condon como "aquilo que desmitifica um assunto". Eis a estratégia de desmascaramento da Comissão:

O objetivo do "desmascaramento" seria reduzir o interesse do público por "discos voadores", assunto que hoje evoca uma forte reação psicológica. Seria possível implantar esta estratégia de educação através dos meios de comunicação de massa, tais como televisão, filmes e artigos populares. A base deste processo educativo seriam as próprias histórias que teriam intrigado as pessoas, a princípio, mas seriam explicadas em seguida. Tal como no caso dos truques de mágica, há muito menos estímulo se o "segredo" é conhecido. Semelhante programa tenderia a reduzir a atual credulidade do público e, conseqüentemente, sua suscetibilidade a um hábil esquema de propaganda hostil.

Robertson e seus colegas pareciam confiantes de que, visto serem os insólitos discos voadores, meras impossibilidades, os relatos sobre semelhantes coisas decerto refletiriam processos de pensamento irracionais. Instintivamente, eles associaram os relatos sobre óvnis a truques de mágica, tanto quanto Hudson Hoagland o fez, anos mais tarde, ao associar os óvnis a médiuns espíritas farsantes, nas páginas de Science (Capítulo 1). A convicção subjacente a este contexto é de que a ciência conhece a verdade; logo, as pessoas só fazem declarações contrárias a esta verdade por serem crédulas e fáceis de manipular. Apesar de não serem necessariamente loucas, em seu estado são e normal estão propensas a acreditar em disparates pseudocientíficos.

Não há motivo algum para se pensar que os membros da Comissão eram manipuladores cínicos. É bem possível que estivessem sendo de todo sinceros em suas conclusões e estivessem apenas tentando cumprir seu dever patriótico de proteger os Estados Unidos ao tentarem ajustar a volátil consciência das massas.

## **O que estava acontecendo enquanto isto?**

Enquanto se desenrolavam estas atividades dentro da Força Aérea e do governo, oficiais militares continuavam a relatar visões e contatos com óvnis. Em 1964, o Comitê Nacional de Investigação



sobre Fenômenos Aéreos publicou uma compilação de informações sobre óvnis intitulada The UFO Evidence. Este documento incluía uma tabela de 92 visões de óvnis por parte de oficiais da Força Aérea americana, datadas de 1944 a 1961, com uma concentração maciça em 1952 e 1953. Esta tabela é reproduzida no Apêndice 1.

Há 92 casos nesta tabela. Estão incluídos 24 casos de aviões da Força Aérea perseguindo óvnis, sendo perseguidos ou repetidas vezes ameaçados por eles. Em outros vinte casos, um óvni parecia deliberadamente seguir um avião da Força Aérea (mas não perseguiu-lo) ou fazer um vôo rasante sobre uma base militar. É difícil conciliar estas estatísticas com a conclusão oficial da Força Aérea de que os óvnis jamais foram encarados como uma ameaça militar. Se isto é mesmo verdade, é de se supor que, volta e meia, os pilotos da Força Aérea pensam estarem sendo perseguidos por balões meteorológicos, meteoros ou o planeta Vênus, além de volta e meia saírem atrás de tais objetos aos trambolhões.

Segundo observou Richard Hall, editor de The UFO Evidence, após a decretação do Regulamento 200-2 da Força Aérea em 6 de agosto de 1953, diminuiu bastante o número de relatos de visões oriundos da Força Aérea. Este regulamento estabelecia as normas da Força Aérea para lidar com provas sobre objetos voadores não-identificados. Um aspecto importante do regulamento era sua norma de divulgação de relatos sobre óvnis ao público:

9. Exceções. Em resposta a indagações locais resultantes de se ter avistado algum óvni na vizinhança de uma base da Força Aérea, a informação relativa ao incidente poderá ser divulgada à imprensa ou ao público em geral pelo comandante da base em questão apenas se o referido objeto tiver sido positivamente identificado como um objeto familiar ou conhecido. (...) Se a visão for inexplicável ou difícil de identificar, por causa de informação insuficiente ou inconsistências, só será permitido comunicar o fato de que a visão está sendo investigada, e qualquer informação relativa a ela será divulgada em data posterior.

Isto poderia ser interpretado como um procedimento perfeito para se evitar de histórias cruas e desencaminhadoras serem levadas ao público. Com certeza, se realmente não existem naves aéreas desconhecidas, não se devem publicar relatos sobre óvnis até que se possam encontrar explicações convencionais. Porém, no caso de elas existirem de fato, o efeito deste regulamento é de suprimir provas importantes que poderiam ajudar as pessoas a entendê-las corretamente.

## **Exemplos de perseguições militares a óvnis**

Estão disponíveis muitos relatos de atividades ufológicas consideradas ameaçadoras por pilotos

militares. Em 10 de fevereiro de 1950, por exemplo, um certo tenente Smith, comandante de avião de patrulha da Marinha americana, realizava um rotineiro trabalho de segurança perto de Kodiak, Alasca. A um raio de radar de nove quilômetros, ele viu um objeto próximo ao nariz de boreste de sua nave. Dentro de dez segundos, o objeto sobrevoava diretamente o avião, o que indica uma velocidade aproximada de 3.500 quilômetros por hora. Para Smith e sua tripulação, o objeto apareceu sob a forma de duas luzes alaranjadas girando devagar em torno de um centro comum. Eis uma descrição das interações de Smith com este objeto:

O tenente Smith ascendeu para interceptar o objeto, tentando girar para mantê-lo à vista. Não logrou fazê-lo, pois o objeto era por demais manobrável. Além disso, como parecesse estar abrindo seu raio de ação, Smith tentou fechá-lo. Smith observou o objeto ampliando-se um tanto, para depois virar à esquerda e atingir a sua posição. Considerando este gesto bastante ameaçador, Smith ligou todas as luzes da aeronave. Quatro minutos depois, o objeto sumiu de vista em direção ao sudeste.

Este é um de uma série de contatos com óvnis descritos num relatório da Marinha americana. Recorrendo à Lei de Liberdade de Informação, tive acesso a este relatório ao consultar arquivos do FBI. Conforme um comentário anexo ao final do documento, os objetos avistados não poderiam ter sido balões, visto que, segundo constava, antes

ainda da época das visões, não haviam começado a lançar balões meteorológicos. Um comentarista sugeriu que se tratava de "fenômenos (possivelmente meteoritos) cuja natureza exata não pôde ser determinada por este ministério". Segundo disse outro comentarista, poderiam ser aviões a jato.

Em 8 de março de 1950, o capitão W. H. Kerr, e dois outros pilotos da TWA relataram ter visto um óvni perto de Dayton, Ohio. Naquela ocasião, surgiram mais de vinte outros relatos procedentes da área, que ficava próxima à Base Aérea Wright-Patterson. Operadores da torre de controle e oficiais do Centro Técnico de Inteligência da base também avistaram o óvni na mesma posição, e enviaram quatro interceptadores. Dois pilotos de F-51 viram o óvni, descrevendo-o como sendo enorme, metálico e de forma redonda. Quando se acumularam nuvens no céu, os pilotos tiveram que retornar à base. O suboficial que rastreou o objeto no radar disse: "O alvo era um retorno bem sólido... causado por um alvo bem sólido." Segundo disseram testemunhas, o óvni partiu voando verticalmente, céu acima, a uma grande velocidade.

Outro caso envolvendo perseguição a um óvni ocorreu no Japão. Em 15 de outubro de 1948, um óvni viajando a cerca de 320 km/h entre 1.500 e 1.800 metros de altitude foi detectado no radar por um caça noturno F-61 do tipo "Viúva Negra". Toda vez que o F-61 tentava aproximar-se do objeto, este acelerava para cerca de 2.300 km/h, distanciando-se do interceptador antes de reduzir

a velocidade. Em uma de suas seis tentativas de perseguição, a tripulação aproximou-se do objeto o bastante para ver sua silhueta. Eles descreveram o objeto como tendo entre seis e nove metros de comprimento e o formato "da bala de um rifle". Este caso foi relatado ao Projeto Senha original.

Com relação a estes contatos, o Dr. J. E. Lipp, um dos consultores científicos do Projeto Senha, disse:

A falta de propósito aparente nos diversos episódios também é intrigante. Apenas um motivo pode ser atribuído: que os homens do espaço estão "sondando" nossas defesas sem querer ser beligerantes. Se é assim, com certeza já concluíram há muito tempo que nós não temos como alcançá-los. Parece infrutífero para eles prosseguir repetindo o mesmo experimento.

Podemos deduzir disto que o Dr. Lipp decerto examinou um bom número de relatos de perseguição a óvnis. Com suas observações, ele intenta lançar dúvida sobre a realidade dos eventos relatados. Contudo, seu argumento de que os "homens do espaço" teriam apenas um motivo possível não é correto. Podemos pensar em muitos outros motivos possíveis. Um motivo poderia ser, por exemplo, fazer os humanos voltarem repetidas vezes para casa com a mensagem de que existem seres com tecnologia superior à nossa.

## **Casos envolvendo radar**

É significativo o fato de muitos contatos militares com óvnis envolverem a observação mediante o uso de radar. A Força Aérea parece ter levado estes casos a sério, pelo menos nos anos 50, visto que o Regulamento 200-2 da Força Aérea continha instruções para lidar com fotos de óvnis tiradas com o osciloscópio do radar:

(5) Radar. Encaminhar duas cópias de cada impressão fotográfica. Intitular impressões fotográficas (de fotos tiradas com o osciloscópio do radar) de acordo com RFA 95-7. Classificar tais fotografias de acordo com a seção XII, RFA 205-1, de primeiro de abril de 1959.

O Relatório Condon contém uma seção sobre casos envolvendo radar escrita por Gordon Thayer, da U.S. Environment Science Services Administration. Nela, encontramos uma típica declaração ambivalente, a qual tenta explicar o inexplicável para depois admitir o inadmissível:

(5) Parece haver alguns efeitos de propagação muito incomuns, raramente encontrados ou relatados, que ocorrem sob condições atmosféricas tão raras que podem constituir fenômenos desconhecidos; se este é o caso, eles merecem ser estudados. Esta parece ser a única conclusão sensata a que se pode chegar a partir do exame de alguns dos casos mais estranhos. (...)

(6) Existe um pequeno, porém significativo, resíduo de casos nos arquivos relativos a visões detectadas por radar (i.e., 1482-N, Caso 2) que não têm nenhuma explicação plausível como fenômenos de propagação e/ou objetos feitos pelo homem e interpretados de forma errônea.

Como o assunto radar é extremamente técnico, não terei como examiná-lo em minúcias aqui. O radar opera refletindo ondas de rádio de alta frequência sobre objetos, processo que pode ser afetado por muitas condições atmosféricas diferentes, as quais fazem com que as ondas se refratem ou se reflitam de maneira incomum. São os chamados efeitos de propagação anômala. No entanto, segundo efetivamente indica a análise de Thayer, num número significativo de casos tais efeitos não podem explicar as visões de óvnis envolvendo radar.

Os fenômenos desconhecidos por ele mencionados são dignos de nota. Entre eles, incluem-se os gradientes de temperatura atmosférica da ordem de 10 a 15°C em um centímetro. Tais gradientes inauditos são necessários para explicar certos óvnis em termos de miragens e propagação anômala de radar.

Um exemplo de visão de óvni limitada estritamente ao radar ocorreu ao largo da costa da Coreia, no outono de 1951. O tenente comandante M. C. Davies teve um contato com um óvni enquanto dispunha um esquadrão anti-submarino a bordo de um porta-aviões. O incidente ocorreu

enquanto ele voava à noite, a 1.500 metros de altitude.

Ele captou um alvo, que vinha circundando a frota, no osciloscópio de seu radar. Ao afastar-se da frota, o alvo assumiu posição por trás de um de seus pilotos, voando cerca de cinco quilômetros à popa, e manteve praticamente a mesma posição relativa ao avião de Davies que o referido piloto. O navio também registrou o alvo em seus radares. Após cerca de cinco minutos, o alvo partiu a uma velocidade de mais de 1.600 km/h e foi observado no osciloscópio do radar por Davies até 380 quilômetros de distância, o alcance máximo de seu radar. Depois de seu vôo, Davies ficou sabendo que o alvo havia sido mantido por cerca de sete horas nos radares do navio. Neste caso, parece estranho que um efeito de propagação anômala fosse primeiro parecer circundar a frota por horas a fio, depois seguir o rastro de um avião por cinco minutos, e então partir voando em alta velocidade.

Em outro caso envolvendo a combinação de observação visual e por radar, a Base Militar de Observação localizou um óvni sobrevoando os céus orientais perto de Rapid City, South Dakota, em 12 de agosto de 1953. O radar da base começou a rastrear o objeto, juntamente com o F-84 que foi localizado pelo vetor em cima dele. O F-84 perseguiu o óvni por 230 quilômetros. Quando o piloto abandonou a perseguição, regressando à base, o óvni o seguiu. Quando outro F-84 foi enviado à procura do objeto, perseguindo-o por 310 quilômetros, obteve um bloqueio de radar



(dispositivo que guia o avião de forma automática na direção do óvni). Contudo, o piloto ficou amedrontado e solicitou que rompessem o bloqueio quando uma luz vermelha começou a piscar na tela de seu radar, indicando haver um objeto sólido à frente dele. O clímax da visão se deu quando tanto o óvni quanto o F-84 foram vistos com nitidez na tela do radar, e o piloto viu uma luz branca e não-identificada correndo na sua frente. Neste caso, fotografias automatizadas suplementaram o depoimento do piloto sobre o que ele tinha visto.

Em outro caso ainda, um avião da Marinha americana, tendo decolado de um porta-aviões na Coreia em setembro de 1950, rumava para um ataque a um comboio de caminhões inimigos a cerca de 160 quilômetros do rio Yalu. O operador de radar do avião fez o seguinte relato:

Enquanto observava o solo abaixo de nós à procura do comboio, fiquei assustado ao avistar duas grandes sombras circulares aproximando-se de nós, vindo do noroeste em alta velocidade. (...) Quando vi as sombras, olhei para o alto e vi os objetos que as estavam causando. Eram enormes. Confirmei isto tão logo passei os olhos na tela do meu radar. Também iam a passo rápido — cerca de 1.600 ou 1.800 km/h. A tela do meu radar indicava dois quilômetros entre os objetos e nossos aviões, quando de repente os objetos pareceram parar, retroceder e começar um movimento de tremor ou fibrilação. Minha primeira reação, evidentemente, foi atirar. Acionei minhas

armas, as quais acionaram suas câmeras de forma automática. Contudo, quando eu estava pronto para atirar, o radar enlouqueceu. A tela ficou arroseada e depois muito brilhante. (...) Dei-me conta de que meu radar havia sido bloqueado, tornando-se inútil. Em seguida, liguei para o porta-aviões, usando meu código. Repeti o código duas vezes, mas meu receptor estava desligado — bloqueado por um zunido estranho.

Tentei duas outras freqüências, mas não consegui fazer contato. Toda vez que eu trocava de freqüência, a faixa ficava nítida por um instante, mas em seguida o zunido começava.

Segundo descreveu a testemunha, os objetos tinham a aparência de um espelho prateado e uma circundante luz vermelho-cintilante. Tinham o formato de chapéus de cule e portas oblongas. Tinham um anel vermelho brilhante em volta de sua parte superior e, quando manobravam por cima do avião, dava para ver uma área circular negra da cor do carvão.

Um aspecto muito curioso deste relato é o fato de o óvni ter supostamente bloqueado o radar do avião, logo quando a testemunha acionou suas armas. Ora, como poderiam os pilotos do óvni saber o momento exato em que seriam acionadas as armas? Este aspecto poderia, portanto, comprometer a credibilidade do relato. Mas acontece que muitos relatos sobre óvnis costumam envolver aparentes reações diretas dos alienígenas aos pensamentos do observador. Para

outro exemplo militar, veja o caso do óvni no Irã mais adiante (páginas 126-27).

Concluo esta seção com um contato tanto visual quanto por radar, ocorrido perto de Lakenheath, Inglaterra, em 13 de agosto de 1956. Extraí o resumo deste caso do Relatório Condon.

Um alvo de radar foi a princípio observado viajando a 7.500 km/h pelo radar do controle de tráfego aéreo nas estações coligadas das forças aéreas americana e inglesa (USAF e RAF) próximas a Lakenheath. Além disso, segundo relataram a equipe da torre de controle e a tripulação de um avião C- 47 que sobrevoava a base, o mesmo alvo foi visto como uma luz enodoada. Em seguida, foi observado um alvo de radar que permanecia estacionário por algum tempo para então movimentar-se a uma velocidade constante de cerca de 1.100 km/h para outro ponto, onde outra vez permanecia estacionário. Sua velocidade foi descrita como sendo constante desde o momento em que se punha em movimento até o momento em que voltava a parar. Nessa altura, um avião interceptador da RAF foi lançado contra o óvni:

Logo após dizermos ao avião interceptador que ele estava a um quilômetro do óvni, que estava a doze horas da posição dele, ele disse: "Roger, (...) minhas armas estão apontadas para ele." Então, fez uma pausa e disse: "Aonde foi ele? Você ainda o vê?" Nós respondemos: "Roger, ele parece ter ido atrás de você e ainda está lá." (...) O piloto do interceptador nos disse que tentaria abalar o óvni mais de uma vez. Ele tentou de tudo — saltou,

mergulhou, circulou etc., mas o óvni agia como se estivesse colado bem atrás dele, sempre à mesma distância, bem próximo, mas sempre tínhamos dois alvos distintos."

Segundo a conclusão do Relatório Condon sobre este caso, "apesar de sem dúvida não se poderem descartar explicações convencionais ou naturais, parece pequena a probabilidade das mesmas neste caso, ao passo que parece ser bem grande a probabilidade do envolvimento de pelo menos um óvni autêntico". O Relatório Condon também cita a conclusão do relatório do Projeto Blue Book sobre este caso:

As manobras do objeto eram extraordinárias; no entanto, o fato de terem feito observações (por radar e visuais — a partir do solo) de sua rápida aceleração e suas paradas abruptas, com certeza dá crédito ao relato. Segundo se acredita, estas visões não teriam tido alguma origem meteorológica ou astronômica.

Por último, na audiência sobre óvnis realizada no Congresso, em abril de 1966, perguntaram ao major Hector Quintanilla, diretor do Projeto Blue Book, se constavam no mesmo relato sobre objetos vistos por radar que não podiam ser explicados de maneira convencional. Quintanilla replicou: "Não temos casos de radar que não tenham sido explicados." Porém, segundo escreveu o Dr. J. Allen Hynek, existem casos não identificados de radar nos arquivos do Blue Book.

## O Relatório Condon

Após a formação do Projeto Blue Book e as deliberações da Comissão Robertson nos primórdios dos anos 50, continuaram a ocorrer visões e contatos com óvnis. Por mais de uma década, autoridades civis e militares não tomaram nenhuma nova medida pública sobre a questão dos óvnis. Então, em 1965, o major-general E. B. LeBailly, chefe do Departamento de Informação do Ministério da Aeronáutica, propôs que se organizasse uma comissão de cientistas físicos e sociais com o intuito de rever o Projeto Blue Book. Segundo o raciocínio dele, dos 9.265 relatos sobre óvnis processados pelo Blue Book, 663 ficaram sem explicação. Porém, muitos destes "procedem de indivíduos inteligentes e idôneos de cuja integridade não se pode duvidar. Além do mais, os relatos recebidos em caráter oficial pela Aeronáutica incluem apenas uma fração dos relatos espetaculares que são levados à público por muitas organizações privadas envolvidas com pesquisas sobre óvnis". Esta solicitação formal resultou na formação do Comitê Ad Hoc para Revisão do Projeto Blue Book, consistindo no físico Brian O'Brian, os psicólogos Launor F. Carter e Jesse Orlansky, os engenheiros elétricos Richard Porter e Willis H. Ware, e o astrônomo e cientista espacial Carl Sagan. Em suas conclusões, os membros do Comitê enfatizaram não haver provas de que os óvnis representem uma ameaça à

segurança nacional ou de que estejam claramente fora da estrutura do que é hoje conhecido em termos de ciência e tecnologia. Além disso, para a maioria das visões não identificadas de óvnis, "a informação disponível simplesmente não fornece uma base adequada para análise".

Mas eles também salientaram que muitas visões foram classificadas como identificadas sem justificativa adequada. Portanto, uma forma de revigorar o Blue Book, segundo recomendação deles, seria negociar contratos de pesquisa científica sobre óvnis com uma série de universidades. Esta pesquisa precisaria talvez de mil homens/dia por ano para cerca de cem visões selecionadas. Seria coordenada por uma universidade ou uma organização sem fins lucrativos, que se manteria em contato constante com o Projeto Blue Book, e seria publicada em relatórios ampliados do Blue Book. Segundo ainda recomendou o Comitê (por razões não declaradas), "qualquer coisa que pudesse sugerir alguma retenção de informação deveria ser suprimida" desses relatórios. Segundo advogavam eles, tais relatórios científicos ajudariam a fortalecer a posição pública da Força Aérea quanto aos óvnis.

Logo após o Comitê Ad Hoc lançar seu relatório, ocorreu, perto de Dexter, Michigan, uma divulgadíssima série de visões de óvnis, explicadas pelo Dr. J. Allen Hynek com sua famosa teoria do gás de pântano. O congressista Gerald Ford, fazendo objeções à notoriedade que Michigan estava obtendo como o "estado do gás de pântano", insistiu que se realizasse uma

investigação no Congresso. Isto culminou numa audiência de um dia do Comitê Nacional das Forças Armadas sobre o assunto óvni, em 5 de abril de 1966.

Nesta audiência, Harold Brown, ministro da Aeronáutica, recomendou a realização de um estudo científico acerca dos óvnis de acordo com as diretrizes estipuladas no relatório do Comitê Ad Hoc, para o que recebeu o apoio de J. Allen Hynek. Hynek expressou a urgência do problema dizendo:

Durante todo este período de quase vinte anos, tenho procurado me manter tão imparcial sobre o assunto óvni quanto permitiram as circunstâncias — a despeito do fato de o mesmo parecer ridículo. Além do mais, muitos de nós acreditávamos piamente que, assim como algum tipo de moda ou mania passageira, o referido assunto se acalmaria numa questão de meses. Todavia, nos últimos cinco anos, foram apresentados mais relatos à Força Aérea do que nos primeiros cinco anos.

A despeito da aparente futilidade do assunto, eu senti que, como cientista, estaria faltando com minha responsabilidade para com a Força Aérea se não salientasse a possibilidade de haver, no fenômeno óvni como um todo, aspectos dignos da atenção da comunidade científica.

O engenheiro Raymond Fowler também fez seu depoimento sobre a visão de Exeter nas audiências (páginas 77-79). Declarou ele: "Após anos de estudo, estou certo da existência de provas de observação de alta qualidade, por parte

de testemunhas habilitadas e confiáveis, para indicar o fato de haver, em nossa atmosfera, objetos sólidos parecidos com máquinas, tripulados por alguma forma de controle inteligente." Conforme sugeriu também, a Força Aérea deve estar retendo informações importantes que apóiam sua conclusão sobre esses objetos: "Parece-me sensato deduzir que, se idôneos cientistas e investigadores civis conseguiram chegar a esta conclusão, então, a Força Aérea dos Estados Unidos, apoiada pelos tremendos recursos a sua disposição, já deve ter concluído o mesmo há muito tempo."

Após a audiência congressional, o Departamento de Pesquisas Científicas da Força Aérea (AFOSR) foi incumbido da responsabilidade de implementar as recomendações do Comitê Ad Hoc. Resolveram que só uma universidade, e não várias, deveria realizar um estudo sobre os óvnis. Assim, no verão de 1966, o AFOSR solicitou a realização do estudo à Universidade do Colorado e, para dirigi-lo, convidou o eminente físico Dr. Edward U. Condon. Para Condon, aquela foi uma tarefa difícil. Ele estava acostumado ao erudito e racional mundo da física, onde partículas subatômicas dançam elegantemente em obediência a equações exatas. No campo dos óvnis, porém, ele foi bombardeado por bizarros disparates não-científicos. Por um lado, os aspectos mais fantásticos do fenômeno ufológico pareciam tanto repugná-lo quanto fasciná-lo e, por outro, pareciam incentivá-lo a dissimular sua atitude em relação aos óvnis em geral.



Condon dedicou, por exemplo, uma página inteira de seu relatório final a um exame do robô de Cisco Grove. No fim de semana do Dia do Trabalho de 1964, três homens foram caçar com arco e flecha perto de Cisco Grove, Califórnia. Um deles, chamado aqui de "Sr. S" para proteger sua identidade, perdendo-se na floresta ao escurecer, acendeu fogueiras sinalizadoras para atrair guardas florestais que pudessem lhe ajudar a sair dali. Então, ele reparou em uma luz móvel de aparência incomum e, amedrontado, subiu numa árvore.

Reparou em um "negócio abobadado" a cerca de 350 ou 450 metros de distância, e então duas figuras estranhas aproximaram-se da árvore e olharam para onde ele estava. Elas tinham cerca de 1,5m de altura, trajavam uma roupa com tecido cinza-prateado e não tinham pescoço ou traços faciais visíveis. Logo veio se juntar às primeiras outra figura mais sinistra que pareceu ter chegado cambaleando através dos arbustos, em vez de tê-los rodeado:

A terceira "entidade" era cinza, cinza-escuro ou negra. Também não tinha pescoço discernível, mas dois "olhos" laranja-avermelhados cintilavam e bruxuleavam onde seria a sua "cabeça". Tinha uma "boca" que, aberta, parecia "pendente", formando um orifício retangular no "rosto".

Esta aparição tentou "gasear" a testemunha, que se havia cingido aos galhos superiores da árvore, emitindo "fumaça" de sua "boca". Esta fumaça deixava o homem temporariamente inconsciente,

após o que ele despertava, abatido e com ânsia de vômito, apenas para enfrentar outra rajada de "fumaça". Após um ataque final de gás, ele despertou cansado, com frio e enjoado, para descobrir que as entidades haviam partido.

Um tanto consternado, Condon observou que esta informação havia sido coligida por um profissional, o Dr. James A. Harder, professor adjunto de engenharia civil da Universidade da Califórnia, em Berkeley. Contudo, histórias desta espécie eram demais para Condon, que por isso se sentia inclinado a rejeitar as histórias e o fenômeno óvni em geral.

O meteorologista James McDonald criticou Condon por isto, dizendo: "Não consigo entender como se poderia justificar a repetida alusão do Dr. Condon a casos birutas por ele examinados diante de seu interesse aparentemente escasso em se aprofundar nos aspectos sérios do problema."

No entanto, a abordagem de Condon ocasiona um problema sério que afeta o estudo científico dos óvnis. A história dos óvnis começa com relatos sobre aeronaves desconhecidas que parecem capazes de sobrepujar o desempenho de naves militares. Embora tais relatos possam parecer esquisitos para um cientista, o que ele poderia descobrir na busca de maiores informações sobre estas máquinas estranhas? Descubre serem elas pilotadas por estranhos seres humanóides e isto é pior ainda. Porém, se investiga a natureza destes seres, descobre que eles são dotados de poderes misteriosos que fazem lembrar as superstições há muito rejeitadas pela ciência. Quanto mais avança

na investigação, mais ele se embrenha no território do cientificamente proibido.

Logo, uma forma de encarar a posição de Condon é que ele, reconhecendo no fenômeno ufológico uma ameaça a seu sistema de crença científica, teve o instinto de escolher fazer o que parecia ser logicamente necessário para manter intacto aquele sistema. De qualquer modo, em 1969, Condon apresentou o Scientific Study of Unidentified Flying Objects (Estudo científico sobre objetos voadores não identificados). Suas conclusões foram as seguintes:

1. Conforme nossa conclusão geral, nos últimos 21 anos, nada resultou do estudo sobre os óvnis que tivesse contribuído para o conhecimento científico. Pelo exame meticuloso do registro à nossa disposição, concluímos não ser provável poder justificar a continuação dos estudos extensivos sobre óvnis, com a expectativa de que eles promovam algum avanço para a ciência.
2. Resta saber o que o governo federal deverá fazer, se é que deva fazer algo, a respeito dos relatos sobre óvnis encaminhados pelo público em geral. Sentimo-nos inclinados a achar que nada poderia ser feito com eles esperando que possam vir a contribuir para o avanço da ciência.
3. Não sabemos de razão alguma para questionar a conclusão da Força Aérea, segundo a qual o conjunto de relatos sobre óvnis até aqui considerado não representa um risco para a segurança nacional.

4. Portanto, recomendamos firmemente que os professores se abstenham de dar crédito a seus alunos por trabalhos escolares baseados na leitura de livros e artigos de revistas sobre óvnis. Caso encontrem em seus alunos uma forte motivação neste sentido, os professores deverão tentar canalizar-lhes os interesses para o estudo sério da astronomia e da meteorologia, como também para uma análise crítica dos argumentos constantes em proposições fantasiosas, que têm contado com o apoio do apelo a raciocínios enganosos ou dados falsos.

Tenho citado o Relatório Condon em várias ocasiões e, examinando estas citações, não me resta dúvida de que há uma diferença substancial entre o corpo principal do relatório, que é sobretudo da autoria de membros da equipe de Condon, e as conclusões do próprio Condon. Isto tem sido constatado por diversas pessoas. Por exemplo: um subcomitê instituído para investigar óvnis pelo Instituto Americano de Aeronáutica e Astronáutica disse o seguinte sobre o Relatório Condon:

Assim como existem diferenças nas opiniões e conclusões dos autores dos diversos capítulos, também existem diferenças entre estas e o resumo de Condon. Nem todas as conclusões contidas no relatório em si estão plenamente refletidas no resumo de Condon.

Da mesma forma, o Dr. Claude Poher, pesquisador ufológico francês e um dos diretores do Comitê

Espacial francês, disse a J. Allen Hynek que passou a se interessar pelos óvnis por causa do Relatório Condon. A maioria das pessoas, replicou Hynek, tinha uma reação contrária ao mesmo. Poher respondeu: "Bem, se você realmente ler o relatório de ponta a ponta, sem se deter apenas no resumo de Condon, perceberá que há um problema ali." Apesar de alguns cientistas terem identificado um fenômeno verdadeiro nos dados sobre óvnis, a opinião científica predominante tem sempre sido que, se não é possível explicar tais dados em termos científicos ortodoxos, então eles simplesmente não têm explicação. Em alguns casos, isto se dá por falta de provas adequadas. Em muitos outros, porque as provas distoam da visão científica vigente acerca do que é possível, sendo, portanto, descartadas.

Um exemplo disto é o tratamento dado pelo Relatório Condon a um caso de contato imediato em Beverly, Massachusetts, em 22 de abril de 1966. Eis uma síntese do caso, conforme apresentado no próprio Relatório Condon.

Na noite do dia 22, Nancy Modugno, onze anos, avistou da sua janela uma brilhante luz tremeluzente, logo após as 21h. Ao olhar para fora, viu um objeto voador do tamanho de um carro e com o formato de uma bola de futebol americano, que produzia um zunido ricocheteante e portava luzes coloridas intermitentes. Este objeto se dirigia a um amplo campo que ficava atrás da Escola Secundária de Beverly, próxima dali. A menina alertou sua mãe, Claire, que estava visitando suas amigas Barbara Smith e Brenda

Maria, num apartamento vizinho. Após avistarem a luz intermitente perto da escola, as três mulheres se dirigiram até a margem do campo, a cerca de 250 metros do prédio da escola, para averiguar aquilo. Ali elas viram três objetos voadores brilhantemente iluminados que circundavam, paravam e outra vez circundavam o prédio da escola e outros prédios próximos.

Achando que fossem aviões ou helicópteros, as três atravessaram o campo para vê-los mais de perto. Nessa altura, desenrolaram-se os seguintes eventos:

Ainda achando que fossem aviões ou helicópteros, uma das mulheres acenou para a luz mais próxima com um meneio de braço, depois do que a mesma veio bem na direção dela. Segundo disse ainda, tão logo a luz se acercou sobrevoando quase à altura de sua cabeça, ela pôde ver que se tratava de um disco de metal, do tamanho aproximado de um carro grande, com luzes cintilantes ao redor de sua parte superior. Ela descreveu o objeto como sendo de fundo chato e sólido, com um contorno arredondado e uma superfície que parecia de alumínio opaco. As duas outras mulheres saíram correndo. Olhando para trás, viram a amiga bem abaixo do objeto, que estava a apenas uns cinco metros acima dela. Ela mantinha as mãos unidas por sobre a cabeça como que para se proteger, tendo mais tarde relatado ter pensado que o objeto ia esmagá-la. O objeto inclinou-se de repente e voltou a se posicionar a cerca de quinze metros acima da escola.

Mais tarde, dois policiais observaram os óvnis. Como disse um deles numa entrevista, apesar de não ter visto "nem um avião nem um helicóptero, ele não sabia do que se tratava. Pareceu-lhe que o objeto tinha o formato de uma moeda de meio dólar, com três luzes de cores diferentes em reentrâncias de sua 'extremidade', algo semelhante a luzes sobressalentes".

Na página seguinte do Relatório Condon, os investigadores Roy Craig e Norman Levine deram a seguinte explicação para estes eventos: em primeiro lugar, "conforme indicou uma análise de todos os relatos, todos os observadores, exceto a menina e o grupo de três mulheres, haviam visto algo parecido com uma estrela". Isto contradiz a declaração, feita por eles na página anterior do relatório, acerca das observações do policial; contudo, não a mencionaram. Segundo disseram eles, as cores mutáveis dos "objetos" poderiam dever-se ao bruxuleio comum da luz das estrelas. Quanto ao aparente movimento dos mesmos, poderia ser devido à autocinese, segundo a qual os movimentos do olho criam a ilusão de movimento numa fonte de luz estacionária. A estrela poderia ter sido Júpiter, visto que este planeta, visível no céu àquela época, encontrava-se bem no campo de visão das testemunhas. Que se deveria fazer com o depoimento das três mulheres? Craig afirmou:

Mesmo sem os casos recém-investigados produzirem, sequer em nível de teor narrativo,

provas residuais convincentes o bastante para apoiar a hipótese da presença física de um veículo alienígena, as narrativas de eventos anteriores, tais como o incidente de 1966 em Beverly, Massachusetts, (Caso 6), não se enquadrariam em nenhuma outra explicação se o depoimento das testemunhas fosse levado ao pé da letra.

Porém, podemos sempre optar por desconsiderar tal depoimento se assim o desejarmos. Neste caso, Craig fez isto ao rotular as provas de "anedóticas" e dizer ser tarde demais para submeter as testemunhas a testes psicológicos significativos. Numa carta a Raymond Fowler, um dos investigadores originais do caso de Beverly, Craig comentou ainda: "Não vou especular, nem neste nem em qualquer outro caso, a respeito do que as mulheres teriam visto".

Um comitê de revisão organizado pela prestigiosa Academia Nacional de Ciências (NAS) contentou-se, é claro, com esta abordagem para as provas sobre óvnis. Em seu Relatório Anual para o Ano Fiscal 1968-69, a NAS endossa o Relatório Condon da seguinte maneira:

Conforme nossa opinião unânime, tem-se envidado um esforço dos mais louváveis no sentido de aplicar, com objetividade, as técnicas científicas pertinentes para a solução do problema ufológico. O Relatório reconhece ainda restarem visões de óvnis que não são fáceis de se explicar. Contudo, com o mesmo Relatório sugerindo tantas orientações razoáveis e possíveis para se poder



encontrar uma explicação, não parece haver motivo para atribuir as referidas visões a uma fonte extraterrestre, sem provas que sejam muito mais convincentes.

## **Mais eventos recentes**

Logo após a publicação do Relatório Condon, a Força Aérea divorciou-se em caráter oficial do estudo sobre alienígenas — no entanto, continuaram a acontecer contatos de militares com óvnis. Nos últimos anos, órgãos civis de pesquisa sobre óvnis, recorrendo à Lei de Liberdade de Informação, demonstraram que tanto militares quanto diversas agências de serviço secreto continuavam a documentar casos de óvnis às ocultas. Em conseqüência, foram divulgadas grandes quantidades de material relacionado ao fenômeno, procedente de arquivos do governo — material este analisado extensivamente em livros como *Above Top Secret* (Além do Segredo), de Timothy Good, e *The UFO Cover-up* (O encobrimento do fenômeno óvni), de Lawrence Fawcett e Barry Greenwood.

Também a China e a antiga URSS dispõem de bastante material sobre visões e contatos com óvnis. Parte deste material pode ser encontrada em *Above top secret*, junto de relatos sobre óvnis do Canadá, da Austrália e de diversos países da Europa ocidental. Pode-se encontrar uma série de relatos sobre óvnis da antiga União Soviética em A

Study Guide to UFOs, Psychic and Paranormal Phenomena in the USSR (Um guia de estudo para óvnis, fenômenos psíquicos e paranormais na URSS), de Antonio Huneus. Esse livro inclui contatos de militares soviéticos com óvnis, bem como contatos imediatos de civis com óvnis e entidades humanóides afins.

Pode-se encontrar uma ampla coleção de relatos de visões da China comunista em UFOs Over Modern China (Óvnis sobre a China moderna), de Wendelle Stevens e Paul Dong. Dentre outras coisas, esse livro inclui histórias de uma séria disputa de divisas entre a China e a União Soviética, em 1970. Esta disputa, alega-se, teria sido provocada por visões de óvnis em massa na fronteira mongólica setentrional. Os russos teriam interpretado os óvnis como sendo armas dispostas pelos chineses, enquanto os chineses acharam que se tratava de armas russas. Caso seja verdadeira, esta história é uma confirmação prática de certos temores do começo da década de 1950, quando estrategistas militares americanos preocupavam-se com a possibilidade de visões de óvnis mal interpretadas acabarem deflagrando guerras.

Voltando às informações sobre óvnis obtidas através da Lei de Liberdade de Informação, eis um exemplo fornecido por Raymond Fowler. Durante outubro e novembro de 1975, declarou Fowler, diversas bases importantes da Força Aérea experimentaram visitas de óvnis, o que provou a possibilidade de usar a Lei de Liberdade de Informação para se obter documentos editados

pelo governo descrevendo estas incursões. Os incidentes a seguir foram extraídos do diário de bordo do diretor sênior da Base Aérea de Malmstrom, Montana:

07 de novembro/1035 Z (5h35): Chamada recebida do 341° SAC CP (Posto Estratégico de Comando Aéreo), afirmando que as seguintes localidades de arremesso de míssil relataram ter visto um grande objeto, ora vermelho, ora alaranjado, ora amarelo: M1, L-3, LIMA e L-6. A localização aproximada do objeto seria de dezesseis quilômetros ao sul de Moore, Montana, e de trinta quilômetros a leste de Buffalo, Montana. Informou o Auxiliar de Operações.

07 de novembro/1203 Z (7h03): Segundo informação do SAC, a Base de Controle de Lançamentos em Harlowton, Montana, observou um objeto emitindo uma luz que iluminava a rodovia local.

08 de novembro/0635 Z (1h35): Uma equipe de segurança acampada em K-4 relatou ter visto um óvni com luzes brancas, com uma luz vermelha 45 metros atrás da luz branca. Oficiais de K-1 viram o mesmo objeto.

08 de novembro/0645 Z (1h45): Operadores de radar localizaram objetos a três ou quatro mil metros. (...) Eram sete objetos.

08 de novembro/0753 (2h53): Desconhecido... Estacionário/sete nós/ 3.600... Dois F-106... notificaram.

08 de novembro/0820 Z (3h20): Contato de radar perdido, aviões de caça sem comunicação.

08 de novembro/0905 Z (4h05): Aviões de caça e objetos avistados em postos-L; aviões de caça não alcançaram objetos.

08 de novembro/0915 Z (4h15): Do Posto de Comando SAC: De quatro pontos diferentes: Objetos e aviões de caça observados; quando caças chegaram à área, suas luzes se apagaram; quando se afastaram, as luzes se reacenderam...

É importante observar que mísseis nucleares intercontinentais são distribuídos nestas bases de Comando Aéreo Estratégico (SAC). Em função de seu cargo de administrador do Projeto Minuteman, Fowler alega ter recebido, de conhecidos escalados para bases do Minuteman, informação indicando que, durante a semana de 20 de março de 1967, o lançamento de dez mísseis nucleares se tornou inoperante na Base Aérea de Malmstrom. Foi confirmada por radar a presença coincidente de um óvni, que caças a jato tentaram interceptar. Um incidente do mesmo tipo ocorreu no começo da primavera de 1966. Em outra ocasião, quando dez mísseis ficaram inoperantes ao mesmo tempo, devido a uma falha em seus sistemas de direção e controle, oficiais de serviço

relataram ter visto óvnis exatamente à hora da falha.

Relatos como estes são inúmeros. No New York Times de 17 de junho de 1974, o escritor científico Barry J. Casebolt afirmou:

Em agosto passado [1973], a Força Aérea lançou um míssil da Base Aérea de Vandenberg (...) direcionado a um ponto próximo (...). Área de Teste de Lançamento de Míssil Kwajalein. (...) A ogiva já havia se separado da terceira etapa do míssil e se dirigia a seu alvo a cerca de 6.500 m/s. (...) A cerca de 120.000 metros, o radar localizou um objeto, em forma de pires invertido, à direita e acima da ogiva cadente. (...) Segundo se descreveu, o objeto tinha três metros de altura e cerca de doze metros de comprimento.

Segundo Casebolt, peritos em mísseis do Exército, que pediram para não serem identificados, garantiram a ele que o óvni, além de ter sido rastreado independentemente por dois sistemas de radar, não era produto de fenômenos naturais (tais como inversões de temperatura), nem pedaços das etapas do míssil.

Outro incidente, ocorrido no Irã em 1976, durante o reinado do Xá, envolveu um contato entre um óvni e jatos de caças da Força Aérea Imperial iraniana. Trata-se de um exemplo de perseguição de óvni, em que o piloto alega ter ficado com seus sistemas de controle de armas bloqueados no preciso momento em que tentava usá-los contra o óvni. Eu já dei um exemplo destes, envolvendo um

piloto que sobrevoava a Coréia na Guerra da Coréia (veja páginas 113-14).

O incidente foi descrito num relatório da Agência de Defesa do Serviço Secreto, que é reproduzido em Above Top Secret. Eis uma transcrição parcial daquele relatório, começando do ponto em que um jato de caça F-4 foi enviado da Base Aérea de Shahrokhi, perto de Teerã, para investigar o óvni relatado:

B. À 1h30 do dia 19 [de setembro de 1976], o F-4 decolou em direção a um ponto a cerca de 40 MN [milhas náuticas] a norte de Teerã. Devido a seu brilho, era fácil ver o objeto a uma distância de 130 quilômetros. Tão logo o F-4 se aproximou de um raio de 25 MN, perdeu controle de toda sua instrumentação e ficou sem contato (via UHF e sistema de comunicação). O piloto desistiu da interceptação e rumou de volta a Shahrokhi. Quando o F-4 afastou-se do objeto, aparentemente deixando de representar uma ameaça para ele, a nave aérea recuperou controle de toda instrumentação e do sistema de comunicação. A 1h40, um segundo F-4 foi enviado à mesma área. O operador de radar da aeronave detectou um bloqueio do radar quando eles atingiram as 27 MN, a uma média de 150 MNPH [milhas náuticas por hora]. À medida que o raio de alcance caía para 25 MN, o objeto se afastava a uma velocidade que era visível no osciloscópio do radar e permanecia a 25 MN.

C. O tamanho do retorno do radar era comparável àquele de um navio-tanque 707. Era difícil discernir o tamanho visual do objeto por causa de seu brilho intenso. A luz que ele emitia era como a de estroboscópios intermitentes dispostos em padrão retangular e alternando as cores azul, verde, vermelha e laranja. A seqüência das luzes era tão rápida que todas as cores podiam ser vistas de uma vez só. O objeto e o F-4 perseguidor prosseguiram rumo ao sul de Teerã, quando outro objeto brilhantemente iluminado, cujo tamanho aproximado era de metade ou um terço do tamanho aparente da lua, saiu do objeto original. Este segundo objeto rumou exatamente na direção do F-4 a uma velocidade impressionante. O piloto tentou lançar um míssil AIM-9 contra o objeto, mas naquele instante seu painel de controle de armas se desligou e ele se viu privado de todos os seus recursos de comunicação (UHF e Interfone). Nessa altura, o piloto iniciou um giro em mergulho negativo para afastar-se dali. À medida que ele girava, o objeto pareceu se retardar no rastro em cerca de 3 ou 4 MN. Enquanto o piloto continuava se afastando do objeto primário, o segundo objeto emparelhou-se com o seu percurso para depois regressar até onde estava o objeto primário e com este reunir-se em fusão perfeita.

Um exemplo final envolve contatos de militares com óvnis na Bélgica, em 1990. O relato seguinte é de 5 de julho de 1990, extraído do jornal Paris Match, e traduzido por R. J. Durant, no

International UFO Repórter (Relatório internacional sobre óvnis) (15h23, julho/agosto de 1990):

Na noite de 30 de março, uma das pessoas a ligar relatando um óvni foi um capitão da polícia nacional em Pinson, e o quartel-general [da Força Aérea belga] decidiu fazer um esforço sério no sentido de averiguar os relatos. Além das experiências visuais, duas instalações de radar também viram o óvni. Um radar fica em Glons, a sudeste de Bruxelas, que é parte do grupo de defesa da OTAN, e outro em Semmerzake, a oeste do Capitol, que controla o tráfego militar e civil de todo o território belga. (...) O quartel-general se determinou a fazer estudos bastante precisos durante os próximos 55 minutos para eliminar a possibilidade de se darem explicações prosaicas para as imagens de radar. As condições atmosféricas estavam excelentes, não havendo possibilidade de ecos falsos devido a inversões de temperatura.

(...) A 00h05 foi dada a ordem para que os F-16 decolassem e encontrassem o intruso. O líder dos pilotos se concentrou na tela de seu radar, que à noite é seu melhor órgão de visão. (...)

Subitamente, os dois caças localizaram o intruso nas telas de seus radares — parecia uma abelhinha dançando no osciloscópio. Usando seus manches como em um videogame, os pilotos deram ordens para que os computadores de bordo perseguissem o alvo. Assim que o foco se fechou sobre o alvo, ele apareceu na tela com o formato de um diamante, significando que daquele



momento em diante os F-16 estariam rastreando o objeto de forma automática.

[Antes de o radar focar o alvo por seis segundos] o objeto aumentou sua velocidade dos iniciais 280 km/h para 1.800 km/h, enquanto descia de 3.000 metros para 1.700 metros... em um segundo! Esta aceleração fantástica corresponde a  $400 \text{ m/s}^2$ . Causaria morte imediata a um humano que estivesse a bordo. O limite suportável por um piloto humano é de cerca de  $80 \text{ m/s}^2$ . A trajetória do objeto era sobremaneira desconcertante. Ele atingia uma altitude de 1.700 metros, depois mergulhava rapidamente em direção ao solo, a uma altitude de menos de 200 metros e, fazendo assim, escapava dos radares dos caças e das unidades de terra em Glons e Semmerzake. Esta manobra aconteceu acima dos subúrbios de Bruxelas que, de tão cheios de luzes urbanas, fizeram com que os pilotos perdessem o objeto de vista abaixo deles. (...)

Conforme tudo indica, este objeto era orientado por alguma forma de inteligência a escapar dos aviões perseguidores. Durante as horas seguintes, a mesma cena repetiu-se duas vezes. (...)

Este fantástico jogo de esconde-esconde foi observado do solo por muitas testemunhas, entre elas vinte policiais, que viram tanto o objeto quanto os F-16. O contato durou 75 minutos, mas ninguém ouviu o estrondo supersônico que deveria ter acompanhado o momento em que o objeto ultrapassou a barreira do som. (...) Dadas a baixa altitude e a velocidade do objeto, muitas janelas deveriam ter se quebrado.

Estes eventos fizeram parte de uma onda de óvnis na Bélgica, envolvendo centenas de visões bem testemunhadas. No Simpósio Internacional sobre Pesquisa Ufológica realizado em Denver, Colorado, em maio de 1992, um relato sobre esta onda foi apresentado por Patrick Ferryn, documentarista que lidera a organização ufológica belga de estudos chamada SOBEPS. Ele discorreu sobre muitas visões de óvnis a pouca distância relatadas pelos gendarmes (a polícia belga), e apresentou um videotape da supramencionada detecção por radar dos óvnis feita pelos F-16. Segundo disse ele, o teipe foi colocado à disposição pela Força Aérea belga, que tem cooperado abertamente com os pesquisadores ufológicos civis da Bélgica.

É digno de nota o fato de nenhum estrondo sônico ter sido relatado quando o óvni saiu do raio de alcance dos F-16. No Relatório Condon, salientou-se o fato de haver muitos casos em que se relatava um óvni locomovendo-se a velocidades supersônicas, sem produzir um estrondo sônico. Num capítulo dedicado a este assunto, William Blumen observou:

Alguns fatores meteorológicos poderiam, de quando em quando, reduzir a intensidade do estrondo sônico ou, ainda mais raramente, impedir que estrondos sônicos chegassem a atingir o solo. Contudo, a relatada ausência total de estrondos sônicos originários de óvnis em vôos supersônicos e submetidos a acelerações rápidas ou a manobras complicadas, particularmente perto da

superfície da Terra, não pode ser explicada com base no conhecimento atual. Pelo contrário, nessas condições é de se esperar a ocorrência de intensos estrondos sônicos.

Segundo também observou Blumen, a Northrop Corporation estava envidando esforços no sentido de evitar estrondos sônicos, modificando a corrente de ar ao redor do avião por meio de um campo eletromagnético. Seria concebível que os óvnis usassem alguma espécie de efeito de campo para suavemente desviar o ar em volta do corpo do avião.

## **Conspirações Sinistras**

É comum o governo americano ser acusado de omitir de forma maciça e injustificável as informações sobre óvnis. Esta acusação tem sido feita, com freqüência, no tocante ao material processado pelo Projeto Blue Book, mas, segundo sugerem J. Allen Hynek e James McDonald, o mau uso se deve não a uma omissão, mas sim a um grande estrago (páginas 54-56). A acusação de omissão tem sido feita em relação a registros sobre óvnis obtidos de agências do governo por meio do uso da Lei de Liberdade de Informação. Porém, pode-se argumentar que esta informação, por mais intrigante que seja, reflete não uma grande conspiração, mas sim um medíocre sigilo burocrático. Da mesma forma, pode-se argumentar que o sigilo militar vinculado aos óvnis

estaria apenas refletindo procedimentos militares usuais, o que também poderia ser justificado por considerações de segurança nacional bastante comuns. Um filme de um óvni atacando um míssil, por exemplo, pode revelar segredos relativos ao míssil.

Porém, há tendências ocultas mais profundas na controvérsia em torno dos óvnis. Desde o princípio dos anos 50, tem havido alegações de óvnis avariados, que teriam sido apreendidos pelo governo americano juntamente com os corpos de seus pilotos alienígenas, tanto vivos como mortos. Além disso, existem histórias de projetos de pesquisa instituídos para se aprender os princípios operacionais dos óvnis capturados e histórias sobre organizações governamentais secretas que dirigem as pesquisas e as mantêm sob rígido sigilo. Afora isso, há ainda histórias de acordos clandestinos entre forças alienígenas e o governo americano.

Estas histórias costumam ser bastante fantásticas, e algumas delas tendem à paranóia extrema. Muitas, sendo provavelmente falsas, constituem ciladas às quais devemos estar atentos. Algumas, porém, podem ser verdadeiras, sendo um fato curioso que alguns relatos sobre discos avariados pareçam de fato ter o respaldo de provas respeitáveis. Na minha opinião, nada deste material é essencial para a tese que desenvolverei na segunda parte deste livro. Mas acho que deva ser mencionado, já que representa um papel importante na literatura ufológica atual.

## O Desastre de Roswell

Que eu saiba, a mais substancial história de disco avariado é a do famoso caso em que destroços anômalos foram recolhidos, segundo se alega, por militares americanos numa fazenda perto de Roswell, Novo México, no início de julho de 1947. Em primeiro lugar, resumirei esta história, para em seguida analisar algumas das provas vinculadas a ela.

Tudo começou quando o administrador da fazenda, William "Mac" Brazel, encontrou escombros metálicos espalhados numa ampla área perto de Corona, cerca de 150 quilômetros a noroeste de Roswell. Isto se deu um dia depois que o povo da cidade alegou ter visto um objeto discóide brilhante sobrevoando a noroeste de Roswell. As autoridades militares foram por fim acionadas, e parte dos destroços foi recolhida pelo major Jesse Marcel, um oficial do serviço secreto do 509º Departamento de Operações Secretas com Bombas, em Roswell Field. Entre estes destroços, havia pequenas vigas que eram levíssimas, como pau-de-balsa, mas extremamente duras e não-inflamáveis. Segundo disseram, algumas delas traziam estranhos escritos hieroglíficos consistindo em símbolos geométricos. Havia também folhas de metal, leves e finas, parecidas com papel de estanho, mas impossíveis de dentear com uma marreta.

Um comunicado à imprensa relatando o recolhimento de um disco voador avariado foi

divulgado pelo comandante da base de Roswell, coronel William Blanchard, e os destroços foram levados para bordo de um B-29 de modo a serem transportados para Wright Field, em Ohio, onde seriam examinados. Mais tarde, contudo, um segundo comunicado à imprensa foi divulgado por ordem do general Roger Ramey, o comandante da 8ª Força Aérea. Segundo constava neste segundo comunicado, os destroços eram de um balão meteorológico avariado acoplado a um refletor de radar, e foram publicadas, junto da história, fotografias de oficiais da Força Aérea olhando para fragmentos de balão. Esta continua sendo a história oficial desde então.

O caso Roswell foi publicado pela primeira vez em *The Roswell Incident* (O incidente Roswell), de Charles Berlitz e William Moore, em 1980. Outros estudos das provas de Roswell podem ser encontrados em artigos de Stanton Friedman e William Moore de 1981 e de William Moore de 1985. Um livro que analisa a mais recente pesquisa sobre o caso foi publicado por Kevin Randle e Donald Schmitt em 1991 com o título *UFO Crash at Roswell* (Queda de óvni em Roswell). O aspecto mais surpreendente do caso Roswell é que várias testemunhas, oculares e indiretas, permitiram que seus depoimentos sobre o caso fossem gravados em vídeo e distribuídos publicamente. Num videoteipe popular, "Óvnis são reais", há um monólogo de Jesse Mareei que dura cerca de dois minutos. Mareei confirma ter observado destroços muito incomuns no local do desastre em Roswell, e diz ter recebido ordem de

seu comandante para ocultar seu testemunho. Ele fala do metal fino impossível de queimar ou dentear com uma marreta e das vigas marcadas com hieróglifos. Referindo-se a seu cargo de oficial do serviço secreto, ele também diz: "De uma coisa eu tinha certeza, familiarizado que estava com todas as nossas atividades: não se tratava de um balão meteorológico, nem de uma aeronave, nem de um míssil."

O depoimento gravado em vídeo tem a vantagem de fornecer provas diretas da iniciativa voluntária das pessoas envolvidas para fazerem declarações públicas. A única alternativa plausível é que estivessem filmando atores contratados, mas seria fácil desmascarar semelhante fraude.

Outro videotape contendo depoimentos sobre Roswell, intitulado "Lembranças de Roswell", foi patrocinado pelo Fundo para Pesquisa sobre Óvnis de Washington, D.C. A tabela na página seguinte relaciona algumas das pessoas que depuseram nesta fita, além de breves resumos do que elas disseram. Outras testemunhas depuseram em respaldo à história geral contada pelas pessoas relacionadas na tabela.

## **Alguns dos depoimentos filmados sobre o caso Roswell**

### **TESTEMUNHA**

---

Major Jesse Marcel, ex-oficial do Serviço Secreto do Exército que investigou o local do desastre. Seus

---

---

comentários sobre os destroços vistos por ele foram semelhantes à seus comentários em "Óvnis são reais".

---

Dr. Jesse Marcel (M.D.), filho do major Jesse Marcel - Tinha onze anos na época e viu alguns dos destroços quando seu pai os trouxe para casa para mostrá-los à sua mãe. Havia uma viga em forma de "I" com inscrição de tom violeta, composta de formas geométricas de textura curva diferentes de quaisquer símbolos que ele vira até então. Segundo disse ele, não poderiam ter sido símbolos russos ou japoneses "de forma alguma".

---

Lewis "Bill" Rickett, aposentado, Serviço de Contra-espionagem do Exército. Acompanhou Sheridan Cavitt, oficial de contra-espionagem em visita ao local do desastre. Confirmou que os pedaços dos destroços eram extremamente duros e leves como uma pluma.

---

William Brazel, filho de "Mac" Brazel. Tinha doze anos na época, e seu pai lhe mostrou pedaços dos destroços. Disse: "Parecia com pau-de-balsa, mas não queimava nem era possível cortá-lo com uma faca."

---

Loretta Proctor, vizinha de "Mac" Brazel. Brazel mostrou-lhe um pouco dos destroços. Havia algo parecido com um pedaço de fita gravada com uma inscrição: "Não era o tipo de

---



---

escrita que conhecemos, nem tampouco era escrita japonesa."

---

Robert Shirkey, ex-oficial auxiliar da Base de Operações. Confirmou que o coronel Blanchard lhe perguntou se um avião B-29 que havia sido convocado estava pronto, ao que ele disse que sim. Cinco ou seis pessoas carregando partes do que ele entendeu ser um disco voador embarcaram depressa no B-29 para voarem para Fort Worth, e ele as viu passando pela base. Viu de relance o pedaço de viga em forma de "I" com a escrita incomum nela.

---

Conforme "Mac" Brazel relatou a Randle e Schmitt, ele próprio encontrou alguns pedaços dos destroços do acidente e mencionou o achado num bilhar de Corona, a cidade próxima do local do desastre. Segundo ele, assim que declarou, "olhem só, aí vêm os militares", lhe pediram para entregar o material. Disse também ter o desastre deixado um rastro no local que levou um ano ou dois para "se encher de grama novamente". Randle e Schmitt disseram também que, segundo o major Marcel, os destroços cobriram uma área de cerca de 1,2 km de comprimento por sessenta a noventa metros de largura. Esta área estava coberta de fragmentos metálicos, havendo, ainda, uma área estriada de solo de cerca de 150 metros de comprimento por três metros de largura. Randle e Schmitt apresentaram o depoimento de um general-de-brigada da Força Aérea chamado

Arthur E. Exon. Em 1947, Exon era tenente-coronel e foi designado para Wright Field. Confirmou ter estado presente em Wright Field quando trouxeram os destroços de Roswell para lá, e disse também ter sobrevoado o local do desastre em Roswell. Disse ter ouvido falar da análise dos destroços do acidente: "O metal e o resto do material eram desconhecidos para todos com quem conversei. Jamais fiquei sabendo dos resultados da análise do material encontrado. Dois oficiais acharam que poderia ser algo da Rússia, mas, pelo consenso geral, as peças eram do espaço exterior."

Em termos genéricos, este depoimento dá a impressão de que algo incomum espatifou-se na Terra perto de Roswell, Novo México, em 1947. De fato, soa esquisito que destroços de um balão, um míssil ou um avião avariados parecessem tão estranhos para as pessoas, inclusive para Jesse Marcel, um oficial do serviço secreto das forças armadas. Que era aquilo, afinal? Há quem tenha sugerido a hipótese de ter sido um avançado aparelho experimental feito pelo homem. Com relação ao metal incomum, Jacques Vallee afirmou:

O material recolhido no próprio local do desastre, embora mantenha uma aura de algo fascinante, não estava necessariamente além da tecnologia humana de fins da década de 1940. O saran aluminizado, também conhecido como saran prateado, surgiu da tecnologia já disponível em 1948 para trabalhos em nível de laboratório. Era

fino como papel, não era denteado pelo golpe de um martelo e recuperava seu acabamento liso após ser comprimido.

Contudo, Jesse Marcel jurava não ser possível queimar o material fino nem denteá-lo com uma marreta. Isto não soa a saran aluminizado, que seria um composto de alumínio e um tipo de plástico. (O termo saran refere-se a qualquer uma de uma série de resinas termoplásticas usadas para se fazer tecidos, tubos resistentes a ácidos e material transparente para embrulho.) É bem possível que os destroços de Roswell viessem, de fato, de algum dispositivo aéreo de origem não-humana.

## **A vexaminosa questão dos corpos alienígenas**

Segundo Randle e Schmitt, o general Exon também disse: "Havia outra localidade onde (...) o corpo principal da nave espacial parecia estar (...) onde eles de fato disseram haver corpos. (...) Aparentemente, foram todos encontrados fora da própria nave, mas estavam passando bem." Esta afirmação surpreendente é corroborada por uma observação feita sobre o videotape "Lembranças de Roswell" por Sappho Henderson, viúva de um piloto da Força Aérea chamado "Pappy" Henderson. Conforme relatou, seu marido lhe disse: "Sou o piloto que transportou os destroços do óvni para Dayton, Ohio." Ele mencionou corpos

de alienígenas mortos, tendo-os descrito como sendo pequenos, com cabeças grandes demais para o seu tamanho e usando roupas de um estranho tipo de tecido.

Isto nos traz à controvertida questão dos corpos de alienígenas que foram apreendidos. Faz anos que correm boatos sobre óvnis avariados e acompanhados de cadáveres de alienígenas. Pelo que sei, no depoimento de Exon está o primeiro exemplo de uma figura pública responsável que teria abertamente confirmado tais boatos.

Uma história de corpos alienígenas que poderia estar relacionada ao caso Roswell envolve um funcionário do Departamento Americano de Preservação do Solo chamado Grady L. "Barney" Barnett. Em 3 de julho de 1947, a cerca de 230 quilômetros da fazenda de Brazel, nas planícies de San Agustin, Barnett teria deparado com outra nave que também teria se espatifado. Esta data é próxima daquela do desastre de Roswell, o qual teria ocorrido na noite de 2 de julho.

Barnett morreu em 1966 sem ter confirmado publicamente a ocorrência deste caso, mas ele chegou a comentar a respeito do mesmo com seu amigo Vern Maltais. Eis um resumo do que Maltais disse no videoteipe "Lembranças de Roswell":

Segundo disse o Sr. Barnett, enquanto regressava de uma viagem de estudos práticos, ele deparou com uma nave que se espatifara, e reparou haver quatro seres no solo. Enquanto ele e um grupo de quatro ou cinco arqueólogos da Universidade da Pensilvânia se detinham a investigar o acontecido,

apareceu um grupo de militares dizendo-lhes que fossem embora e mantivessem sigilo sobre o que haviam visto por questões de segurança nacional. Barnett disse não ter dúvidas de que os seres vinham do espaço exterior. Os seres não eram exatamente como seres humanos. Tinham cerca de um metro de altura. Eram esguios e não tinham cabelo, nem sobrancelhas, nem cílios. Tinham cabeças com o formato de peras e com a parte de cima maior que a de baixo. Tinham quatro dedos nas mãos.

Esta versão da história distancia bastante os destroços vistos por Barnett daqueles vistos no desastre de Roswell. Contudo, segundo Randle e Schmitt, Barnett não estava necessariamente a 230 quilômetros do local em Roswell. Os destroços espalhados pelo campo próximo a Roswell poderiam ter vindo de uma nave em desintegração que acabou vindo pousar num segundo local a quatro quilômetros de distância, e foram vistos mais tarde por Barnett. Eles citaram o depoimento de um anônimo mecânico do serviço secreto que havia sido designado para o Campo de Aviação do Exército em Roswell, em 1947, e que confirmou a existência deste segundo local próximo.

Randle e Schmitt também apresentaram desenhos de Glenn Dennis, que trabalhava como agente funerário em Roswell, em 1947. Segundo disse Dennis, seus desenhos se baseavam nos desenhos feitos em sua presença por uma enfermeira que participou das autópsias dos corpos alienígenas

em Roswell, um dia após estes terem sido recolhidos. Segundo alega Dennis, a enfermeira lhe contou que os corpos eram pequenos e de compleição delicada, com cabeças incomumente grandes e mãos de quatro dedos. Os olhos eram grandes, e o nariz, orelhas e olhos, ligeiramente côncavos. Ela disse também que os corpos estavam parcialmente decompostos e haviam sido roídos por predadores. Emitiam um forte mau cheiro.

A história dos arqueólogos contada por Barnett parece ter sido confirmada em outubro de 1989 por Mary Ann Gardner, enfermeira que havia trabalhado no departamento de oncologia do St. Petersburg Hospital na Flórida. Segundo ela, uma paciente que estava morrendo de câncer disse que, quando ainda estudava em fins da década de 1940, esteve envolvida num levantamento de sítio arqueológico no Novo México. A mulher moribunda prosseguiu relatando a descoberta dos destroços de uma nave alienígena e dos cadáveres de sua tripulação.

Hoje em dia, os pesquisadores que investigam o caso Roswell discordam entre si sobre alguns pontos. O físico nuclear Stanton Friedman, um dos investigadores originais deste caso, sustenta ter havido dois acidentes envolvendo óvnis na noite de 2 de julho de 1947: um perto de Roswell e outro nas planícies de San Agustin. Segundo argumenta ele, foram recolhidos corpos de ambos os acidentes, possivelmente provocados por uma colisão aérea. Randle e Schmitt argumentam ter havido apenas um acidente perto de Roswell.

Friedman apresentou provas em respaldo ao depoimento de um homem chamado Gerald Anderson, que escreveu para ele e Kevin Randle, após assistir a um programa de tevê sobre o caso Roswell, em 14 de janeiro de 1990. Anderson testemunhou que, aos cinco anos de idade, esteve presente no local de um acidente com seu pai e seu tio Ted. Segundo disse ele, havia quatro criaturas alienígenas ali, duas mortas, uma moribunda e a outra ainda viva. Tinham cerca de um metro de altura, pele acinzentada, olhos grandes e braços e dedos esqueléticos e compridos. Num programa nacional de televisão narrado por Tim White em 18 de outubro de 1991 e intitulado The UFO Report: Sightings (O relatório sobre óvni: visões), Anderson disse que, enquanto seu pai e seu tio conversavam com o ser que ainda estava vivo, "de repente ele se virou para olhar para mim. E bastou isso acontecer para uma série de coisas começarem a se processar dentro da minha cabeça. Comecei a ter sensações de estar tropeçando e caindo e a sentir uma estranha solidão por não haver maneira de ele regressar ao mundo de onde viera". Logo depois disso, disse Anderson, os militares chegaram, isolaram a área e instruíram para que não falássemos sobre o que havíamos visto. Segundo Friedman, Anderson fez um teste poligráfico sobre sua história em 14 de julho de 1991, e, conforme a conclusão do teste, não há evidência alguma de fraude.

## **Desinformação e o MJ-12**

Há quem alegue que certos agentes do serviço secreto americano, buscando a desinformação, propagam falsas histórias sobre óvnis — uma técnica própria para desviar a atenção das pessoas das linhas de pesquisa promissoras, mas indesejáveis para o rastro de indicações falsas. Howard Blum, por exemplo, jornalista premiado e autor de *Out There*, jura que a seguinte história é verdadeira: Paul Bennewitz, presidente da Thunder Scientific Corporation em Albuquerque, Novo México, vinha fazendo filmes e gravando transmissões radiofônicas de óvnis que pareciam estar voando perto do complexo do Sandia National Labs, uma agência secreta de energia na Base Aérea de Kirtland. Enquanto isso, um famoso pesquisador de óvnis chamado William Moore se vinculava a certos agentes do Departamento de Investigações Especiais da Força Aérea (AFOSI), como parte de seu plano para ter acesso a informações sigilosas sobre óvnis.

Segundo Blum, os agentes do AFOSI vinham sistematicamente alimentando Bennewitz com histórias falsas sobre óvnis com o intuito de confundi-lo, desanimá-lo e difamá-lo. Valendo-se de disfarces sofisticados de toda espécie, liberaram falsos documentos oficiais para Bennewitz. Estes "detalhavam o tratado secreto entre o governo americano e os malévolos alienígenas, a existência de bases alienígenas subterrâneas, os intercâmbios de tecnologia, a onda de implantes de cérebro e inclusive a lenda



sobre a nave espacial que se espatifara contra o pico Archuleta".

Os agentes do AFOSI teriam recrutado Moore para participar com eles da campanha de desinformação contra Bennewitz. Jacques Vallee não apenas confirmou esta história como também salientou que Moore a teria revelado publicamente numa conferência da Mutual UFO Network em Las Vegas, em 1989.

Segundo conta Blum, após fazer amizade com Bennewitz, Moore testemunhou como aquele constante bombardeio de fantasias paranóicas acabou levando-o à loucura e provocando-lhe um ataque nervoso. Depois, Moore conseguiu o que queria. Num certo dia de dezembro de 1984, Jaime Shandera, amigo de Moore, recebeu um misterioso rolo de filme não revelado pelo correio. Ao revelá-lo, obteve o famoso documento MJ-12.

Este documento parece ser um dossiê preparado pelo almirante Roscoe Hillenkoetter para o presidente eleito Dwight D. Eisenhower, em 18 de novembro de 1952. Informa o presidente da existência de um grupo secreto de doze cientistas e altos oficiais do governo envolvidos na apreensão de um veículo avariado e de quatro corpos alienígenas perto da Base Aérea do Exército em Roswell, em julho de 1947. Este grupo deveria continuar a operar em regime de sigilo absoluto durante a administração Eisenhower, recomendava o documento.

A autenticidade ou não deste documento tem suscitado muita controvérsia. Um dos principais proponentes de sua autenticidade é Stanton

Friedman. Segundo argumenta ele, mesmo após muito investigarem os registros do governo, não conseguiram encontrar qualquer informação que contradissesse as afirmações sobre pessoas, épocas e lugares constantes no referido documento. Ele também argumenta ser possível confirmar inúmeros detalhes de estilo no documento, comparando-os a outros documentos governamentais do mesmo período.

Nada disso determina em definitivo a autenticidade do documento MJ- 12. Mas pelo menos parece demonstrar que, caso o documento tenha sido forjado, então o foi por um perito consumado — do tipo que se encontraria num serviço secreto.

Comparando o documento MJ-12 a conhecidos exemplos de escritos do almirante Hillenkoetter, o professor Roger Wescott, um perito em lingüística da Drew University, em New Jersey, concluiu não haver razão convincente para se pensar que o documento tivesse sido escrito por qualquer outra pessoa que não o próprio Hillenkoetter. Contudo, quando perguntei a Wescott se ele poderia explicar os motivos desta conclusão, ele replicou: "Duvido que alguém consiga chegar à prova cabal, ou da autenticidade, ou da fraudulência do documento."

Grosso modo, as alternativas com relação ao MJ-12 parecem ser as seguintes: (1) O documento MJ-12 é autêntico, e há uma alta incidência de acobertamento, por parte do governo, de casos envolvendo óvnis avariados e corpos alienígenas. (2) O documento MJ-12 é uma falsificação

encomendada por altos oficiais do governo. Isto implica uma política governamental de alto escalão no sentido de propagar desinformação a respeito dos óvnis. (3) O documento MJ-12 é uma falsificação produzida por um pequeno grupo de agentes do serviço secreto por suas próprias razões. Talvez este grupo tenha sido responsável pelo bombardeio de desinformação contra Bennewitz, e nele poderiam também estar incluídos os agentes do AFOSI envolvidos com Moore. (4) O documento MJ-12 é uma fraude perpetrada por pessoas não vinculadas ao governo ou às forças armadas.

Quer o documento MJ-12 seja autêntico ou não, existe, segundo parecem sugerir certas provas, um alto esquema de acobertamento, por parte do governo, de casos envolvendo óvnis. Um exemplo disto é a seguinte carta, escrita pelo Dr. Robert Sarbacher para o investigador ufológico William Steinman. Sarbacher foi reitor da Escola Técnica da Geórgia de 1945 a 1948, e consultor do Conselho de Pesquisa e Desenvolvimento do governo americano. Em 1983, era presidente e diretor do conselho do Instituto Washington de Tecnologia, Oceanografia e Física, em Palm Beach, Flórida. Em 29 de novembro daquele ano, ele escreveu o seguinte em resposta às persistentes cartas de Steinman indagando acerca dos óvnis avariados e apreendidos:

1. Com relação a minhas próprias experiências relativas a discos voadores apreendidos, não tive nenhuma ligação com nenhuma das pessoas

envolvidas nas apreensões, e desconheço quando foram feitas. Se soubesse, lhe teria enviado tal informação.

2. Quanto à confirmação de as pessoas relacionadas pelo senhor estarem envolvidas nestes eventos, tudo o que posso dizer é:

John von Neumann com certeza esteve envolvido. O Dr. Vannevar Bush com certeza esteve envolvido, e acho que o Dr. Robert Oppenheimer também. Meu vínculo com o Conselho de Pesquisa e Desenvolvimento sob a direção do Dr. Compton durante a administração Eisenhower foi um tanto limitado: na verdade, apesar de ter sido convidado a participar de diversos debates associados às chamadas apreensões, não pude comparecer às reuniões. Na certa, eles teriam convidado o Dr. von Braun. É provável que tenham convidado os demais relacionados pelo senhor, os quais podem ter comparecido ou não. Isto é tudo de que tenho certeza. (...)

Praticamente a única coisa de que me lembro agora é que determinados materiais tidos como provenientes de desastres envolvendo discos voadores eram levíssimos e duríssimos. Estou certo de que nossos laboratórios os analisaram com todo o cuidado.

Segundo constava nos relatórios, os instrumentos ou as pessoas que operavam essas máquinas também eram levíssimos, o suficiente para suportar o tremendo impacto de desaceleração e aceleração vinculado ao maquinário deles. Conversando com algumas pessoas da agência,

lembro-me de ter tido a impressão de que esses "alienígenas" tinham a compleição semelhante à de determinados insetos observados na Terra, motivo pelo qual o impacto da baixa massa das forças de inércia envolvidas na operação desses instrumentos seria bem reduzido.

Ainda desconheço o motivo do alto nível de sigilo atribuído a tais fatos e por que se nega a existência desses dispositivos.

Em apoio à autenticidade desta carta, Steinman citou um boletim sobre óvnis, Just Cause, publicado por Lawrence Fawcett e Barry Greenwood. Na edição de 5 de setembro de 1985, Greenwood escreveu que havia entrado em contato com Sarbacher por telefone. Disse Greenwood: "Em primeiro lugar, e o que é mais importante, Sarbacher confirmou para mim o fato de a informação na carta de Steinman se basear em sua memória, e não num embuste." Não é mais possível obter confirmação direta de Sarbacher, pois ele morreu em 26 de julho de 1986.

Conforme indicam as observações de Sarbacher, ele não teve envolvimento direto com as apreensões dos óvnis avariados. Segundo me contou Stanton Friedman, ele próprio havia discutido esses assuntos com Sarbacher, e lhe pareceu que este estava apenas relatando as fofocas veiculadas pelos consultores científicos do governo. Mesmo assim, é curioso que tais boatos estivessem circulando naqueles círculos.

Victor Marchetti apresenta outro exemplo de testemunho confirmando o cenário do acobertamento de casos de óvnis por parte do governo. Marchetti foi assistente executivo do Diretor Adjunto da CIA, e foi co-autor de um desmascaramento da CIA intitulado *The CIA and the Cult of Intelligence* (A CIA e o culto da inteligência). Num artigo intitulado "How the CIA views the UFO phenomenon" (Como a CIA enxerga o fenômeno Óvni), na edição de maio de 1979 de *SecondLook* (Segundo olhar), Marchetti disse que, apesar de ter ouvido boatos "entre os altos escalões" sobre óvnis avariados e corpos alienígenas durante sua passagem pela CIA, não deparara com nenhuma prova definitiva da realidade dos óvnis. Não obstante, sentiu-se impelido a especular o seguinte:

Existem óvnis ou tem havido contatos — ou ao menos sinais — do espaço exterior, mas a evidência revela que o único interesse dos alienígenas é de nos observar. (...) Porém, o conhecimento público desses fatos poderia tornar-se uma ameaça. Se a existência dos óvnis fosse confirmada em caráter oficial, seria possível iniciar uma reação em cadeia capaz de provocar o colapso da atual estrutura de poder da Terra. Deste modo, as potências do mundo chegaram a um entendimento secreto internacional — uma conspiração— no sentido de manter o público ignorante e confuso quanto aos contatos ou visitas de além da Terra.

Seja qual for o status das especulações de Marchetti, não resta dúvida de que o público vem sendo submetido a muita confusão e ignorância com respeito aos óvnis. A propaganda sinistra do tipo supostamente inculcado a Bennewitz vem sendo hoje difundida em todos os Estados Unidos, tendo um efeito negativo tanto sobre a credibilidade da pesquisa ufológica quanto sobre a credibilidade das autoridades do governo. Pessoas como William Cooper e John Lear (filho do inventor do jato Lear) têm dado muitas palestras sobre as relações alienígenas com o governo e outras teorias de conspiração relacionadas a óvnis. Têm sido distribuídos volantes descrevendo bases alienígenas subterrâneas e advertindo para uma dominação alienígena. Segundo escreveu a pesquisadora Linda Howe, uma das agentes do AFOSI ligada à história de Bennewitz, ele mostrou sua documentação secreta detalhando contatos entre o governo americano e os alienígenas.

Em 14 de outubro de 1988, um documentário de televisão intitulado UFO Cover-up Live foi transmitido para todos os Estados Unidos. Este programa apresentava o depoimento de Falcon, agente do serviço secreto que estaria envolvido com o caso Moore/Bennewitz, e que falou, em voz velada pelo computador, sobre as relações entre os alienígenas e o governo. Num programa de televisão intitulado UFOs: The Best Evidence (Óvnis: a maior evidência) e narrado por George Knapp, um físico chamado Robert Lazar fez declarações extraordinárias sobre o fato de ter sido empregado para reengenhos a tecnologia

alienígena, em mãos do governo americano, numa base secreta em Nevada. São histórias sem fim. Não é o objetivo deste livro tentar responder às muitas perguntas envolvendo o papel representado por agências secretas do governo na questão dos óvnis. Meu único propósito é salientar que, para certos relatos sobre óvnis, parece haver o esforço, por parte de alguma fonte desconhecida, no sentido de disseminar desinformação organizada.

Para averiguar, em caráter definitivo, os boatos de atividades de acobertamento por parte do governo, seria necessário empreender um esforço de contra-espionagem que exigiria recursos disponíveis, em geral, apenas por governos nacionais. É interessante o fato de Edward Condon ter reconhecido este problema, ao qual reagiu de forma pragmática:

Adotamos a expressão "hipótese de conspiração" para o ponto de vista de que alguma agência do governo — quer dentro da Força Aérea, da CIA ou de algum outro órgão — sabe tudo a respeito dos óvnis e mantém sigilo deste conhecimento. Sem negar a possibilidade de isto ser verdade, concluímos, logo no início de nossos estudos, não ter como realizar com êxito alguma forma de serviço de contra-espionagem em oposição a nosso próprio governo, na esperança de solucionar este problema. Portanto, resolvemos não lhe dar atenção especial, mas, em vez disso, nos mantermos alerta quanto a quaisquer indícios que pudessem nos levar a alguma prova de que nem



todos os fatos essenciais conhecidos do governo estavam chegando a nossas mãos.

Condon não acreditava que existisse um projeto secreto do governo ligado aos óvnis, embora admitisse não ter como provar isto. No entanto, reconhecia que o governo guarda segredo do assunto ufológico e deplorava isto, dizendo: "O sigilo oficial também incentivou uma sistemática exploração sensacionalista da idéia da existência de uma conspiração do governo, no sentido de camuflar a verdade."

## 4

### **Raptos por óvnis**

Até aqui analisei relatos sobre contatos imediatos com óvnis nos quais (1) objetos voadores incomuns foram vistos de perto, (2) estes objetos, segundo disseram, deixavam rastros tangíveis de diversas espécies e (3) foram vistos seres humanóides associados aos objetos. Os humanóides, incluindo alguns que parecem saber manobrar objetos desconhecidos com inteligência e sem a menor dificuldade, constituem um empecilho para muitas pessoas. Neste contexto, J. Allen Hynek diz: "Seria proveitoso (...) se pudéssemos demonstrar haver uma diferença sistemática entre os contatos imediatos do terceiro grau e as outras cinco categorias de experiência com óvnis. Poderíamos, assim, descartá-los com certo alívio." Ele prossegue

dizendo, contudo, não saber de critérios mediante os quais se possa isolar estes casos do conjunto geral de relatos sobre óvnis.

Os casos discutidos neste capítulo poderão parecer ainda mais repugnantes para a nossa sensatez do que os relatos sobre humanóides até aqui abordados. Os casos a seguir referem-se a seres de aparência estranha que, segundo consta, intervêm à força nas vidas de cobaias humanas. As pessoas têm relatado experiências de terem sido capturadas, levadas a bordo de óvnis e submetidas a exames físicos humilhantes. Estes casos chamam-se contatos imediatos do quarto grau, ou raptos por óvnis.

Ao examinar estes dados, sugiro que suspendamos tanto a crença quanto a descrença, e simplesmente tentemos obter uma visão geral das provas disponíveis. Todos os casos que passo a mencionar baseiam-se em testemunhos humanos. Sendo assim, não estabelecem provas. Neste campo, somos forçados a nos valer do raciocínio indutivo, segundo o qual o entendimento de um fenômeno genérico origina-se de um estudo de padrões repetidos numa grande quantidade de exemplos. Na minha opinião, os relatos sobre raptos por óvnis passarão a fazer sentido quando forem encarados à luz de categorias mais amplas dos fenômenos recentes e antigos por mim apresentados no transcurso deste livro.

Cabe aqui um comentário sobre metodologia. Com freqüência estarei salientando certos aspectos que costumam vir à tona em casos de contato

imediatos. Muitos destes aspectos são interessantes por também constarem em relatos védicos sobre contatos com seres humanóides. Outros são de interesse por parecerem ajudar na interpretação dos casos de óvnis, e ainda outros, simplesmente me surpreendem. Ao avaliar estes aspectos, farei referência freqüente a determinados casos bem divulgados pela literatura ufológica, que também os expõe. Como estes não são os únicos casos em que estes aspectos aparecem, outros exemplos ilustrativos também poderiam ser utilizados. Logo, meu objetivo não é de destacar estes casos em particular por achá-los sobremaneira significativos.

## **O caso de Buff Ledge**

Começarei a análise dos raptos por óvnis com um exemplo clássico. Este caso foi estudado por Walter N. Webb, tarimbado investigador ufológico e diretor do planetário do Museu de Ciência de Boston. O resumo do caso apresentado a seguir baseia-se num relato feito por ele em 1988.

Segundo o relato, o contato se deu em 7 de agosto de 1968, no lago Champlain, a norte de Burlington, Vermont. As duas testemunhas primárias, Michael e Janet, trabalhavam em Buff Ledge Camp, um acampamento de verão para moças localizado às margens do lago. Michael, com dezesseis anos na

época, trabalhava transportando os equipamentos de esqui aquático de volta do lago para a doca, e fazendo manutenção dos demais equipamentos aquáticos. Janet, uma estudante de 19 anos, de New Hampshire, era instrutora de esqui aquático. Webb usou pseudônimos para proteger as identidades de todas as testemunhas do caso.

Um dos aspectos-chave deste caso é que Michael e Janet tomaram rumos distintos logo após sua experiência com o óvni, e não se comunicaram um com o outro até o caso ser investigado por Webb dez anos depois. Quando esta investigação começou, a primeira pessoa a depor foi Michael. Eis um resumo de sua versão do ocorrido naquela noite, conforme ele pôde lembrar sem o uso da hipnose:

Michael e Janet relaxavam na extremidade da doca após passarem a tarde tomando sol. Uma luz estelar brilhante se precipitou para baixo subitamente, formando um arco, e se tornou visível como um objeto em forma de charuto. Então, emitiu três pequenas "luzes" brancas de seu corpo e se afastou voando depressa. As três luzes fizeram ziguezagues, descidas — como se fossem folhas a cair —, espirais e outras manobras extraordinárias e, à medida que se aproximaram, Michael pôde ver que se tratavam de discos abobadados. Após cerca de cinco minutos, dois dos discos voaram para longe, enquanto o terceiro aproximou-se deles, atravessando o lago. Ele pôde ver que o disco tinha uma faixa de luz plasmática colorida girando em volta de sua borda e que ele produzia complexos tons sincronizados com a

pulsação desta luz. Parecia ter de doze a quinze metros de lado a lado e ser "do tamanho de uma casa pequena".

Em seguida, o óvni disparou céu acima, voltou a descer, entrou no lago e depois emergiu. Como ele se aproximou a uns dezoito metros da doca, Michael pôde ver duas entidades sentadas sob sua abóbada transparente. Os seres pareciam ser bem baixos, com cabeças grandes, grandes olhos ovais, aberturas nasais duplas e bocas pequenas. Vestiam uniformes justos de cor acinzentada ou prateada. Enquanto isso, Janet parecia estar em estado de transe. Telepaticamente, um dos seres garantiu a Michael que não lhe fariam mal algum. Eles eram de outro planeta e já haviam feito viagens à Terra antes. Haviam regressado após as primeiras explosões nucleares.

Quando o óvni passou bem acima de suas cabeças, Michael tentou em vão tocar seu fundo para confirmar sua solidez. Um feixe brilhante de luz se acendeu então, e a próxima coisa de que Michael se lembra é de ter se escorado em Janet enquanto ele e ela caíam na doca. Lembra-se de ter perdido os sentidos enquanto estava sob o foco do feixe de luz, mas também de ter sentido como se estivesse flutuando. Lembra-se de vozes alienígenas, de sons de máquina e de "luzes suaves numa penumbra".

Quando recobram os sentidos, o óvni pairava sobre eles, estando agora inteiramente às escuras. Ele pôde ouvir os ruídos de outras pessoas ali acampadas, regressando de seu exercício de natação. No instante em que Susan e Barbara,

duas mocinhas do acampamento, vieram correndo em direção à ribanceira que dava no lago, o óvni partiu.

Então, as duas conduziram Janet até a cabana dela. Após o incidente, ambas as testemunhas experimentaram um lapso de tempo/memória e muito cansaço, tendo adormecido num piscar de olhos. No entanto, antes de adormecer, Michael foi até os alojamentos da equipe masculina, onde encontrou Patrick, com vinte anos na época, que parecia ter observado parte do contato imediato. Patrick incentivou Michael a ligar para a Base Aérea de Plattsburgh, próxima dali. Ele se lembrou de ter ouvido o porta-voz da Força Aérea dizer que a base fora informada de diversos relatos sobre óvnis aquela noite, mas que as aeronaves militares não eram responsáveis por eles.

Michael acordou uma vez aquela noite (cerca de uma hora após adormecer), e fez então sua única tentativa de procurar Janet para conversar sobre a experiência deles. Porém, além de ela estar profundamente adormecida, rapazes não tinham permissão de entrar na cabana dela. Mais tarde, Michael, logo desiludido pela descrença demonstrada em relação à história por sua família e seus amigos, não procurou conversar mais a respeito daquilo com Janet enquanto ambos estiveram acampados. Ele e Janet tomaram rumos distintos após o término do acampamento algumas semanas depois.

Dez anos mais tarde, em outubro de 1978, Michael teve a inspiração de entender mais a respeito do que efetivamente acontecera aquela noite, e foi

aconselhado por pesquisadores de óvnis do Centro para Estudos sobre Óvnis a entrar em contato com Walter Webb. Concordando em investigar o caso, Webb primeiro localizou Janet que, agora casada, estava morando no sudeste do país. Recordou ter estado na doca com Michael e visto o movimento de luzes no céu, seguido da aproximação de uma "grande luz". Ela e seu companheiro, disse ela, desceram para a doca quando lhes pareceu que o objeto ia atingi-los, mas, depois disso, deu um branco em sua mente. Também lembrou ter querido muitíssimo falar com Michael sobre algo no dia seguinte à experiência, mas, como estivesse confusa quanto ao que iria falar realmente, a conversa acabou não acontecendo.

Segundo constatou Webb, Michael e Janet não voltaram a se encontrar desde aquele acampamento dez anos antes. Conseguiu dois hipnotizadores clínicos profissionais, Harold Edelstein e Claire Hayward, para hipnotizá-los em separado, para ver se lhes reavivava os detalhes do incidente. Entre setembro de 1979 e abril de 1980, Michael submeteu-se a cinco entrevistas hipnóticas, de uma hora cada; e, entre fevereiro e dezembro de 1980, Janet submeteu-se a três entrevistas, cada uma de duas horas.

O uso de dois hipnotizadores é significativo. A estratégia de Webb foi obter dois relatos independentes das experiências das testemunhas. Isto foi possibilitado pela feliz circunstância de Michael e Janet não terem aparentemente se comunicado desde o incidente com o óvni e, assim, um não teve nenhuma oportunidade de

influenciar a memória do outro acerca do acontecido. Tendo-os hipnotizados em separado por hipnotizadores diferentes, minimizaram-se as probabilidades de a história de uma testemunha poder influenciar, direta ou indiretamente, a história da outra.

Eis um resumo do que brotou da memória de Michael durante as sessões de hipnose: enquanto estava sob o foco do feixe de luz, ele ouviu uma espécie de ganido e sentiu-se como que "pleno de luz". Parecia estar flutuando para o alto. Viu feixes de luzes coloridas e parecia estar voando pelo espaço. Em seguida, lembrou-se de ter estado ao lado de um dos seres alienígenas num plano superior dentro do óvni. Ao olhar para fora da abóbada transparente, viu a Terra, as estrelas, a Lua e uma enorme nave em forma de charuto. Abaixo dele, Janet, deitada sobre uma mesa, era examinada por dois outros alienígenas. Em uma das paredes, um consolo repleto de telas variadas parecia acusar dados do exame. Os seres tinham grandes cabeças ovais, roupas justas e esverdeadas, membros finos e compridos, e mãos de três dedos com membrana interdigital. Tinham olhos grandes e ovais com grandes pupilas negras, suas bocas pareciam consistir numa pequena fenda e seus narizes em dois meros orifícios. Tinham a pele azul-esverdeada.

Um ser atuou como intérprete telepático de Michael durante o rapto. Surpreendido com a vigilância com que Michael passara pela experiência, advertiu-o de que isto dificultaria as



coisas para ele mais tarde. Michael lembrou-se de ter se sentido íntimo deste ser.

No plano inferior, ele observou enquanto os examinadores raspavam a pele do corpo de Janet, tiravam-lhe sangue do braço com uma seringa e "sugavam" fluidos de seu corpo por meio de duas aberturas, usando uma máquina embutida no teto. Tendo Michael indagado seu guia acerca daquele procedimento, este lhe disse que eles estavam "desovando consciência". Ao chegar sua vez de ser examinado, os seres o conduziram até uma mesa próxima à de Janet; nessa altura, ele perdeu os sentidos. Instantes antes disso, porém, viu a nave deles se aproximar da grande nave em forma de charuto lá fora.

Ao despertar, Michael teve a impressão de a nave deles se encontrar agora dentro da grande nave. Ele e seu guia flutuaram pelo fundo da nave em direção a um tubo de luz, por onde foram projetados para uma espécie de hangar na nave maior. Atravessaram uma das paredes daquele recinto e, entrando numa espécie de elevador, subiram até dar em outro recinto cheio de outras entidades de aparência semelhante. Ali puseram algo parecido a um elmo na cabeça de Michael, após o que as entidades, fitando uma tela em forma de bolha, aplaudiram e emitiram sons audíveis entre si. Em seguida, levaram-no para outro recinto, onde ele presenciou uma cena estranha: sob um céu púrpura e rodeados por gramado, árvores e fontes, havia uns humanos comuns, mas atordoados. Janet chorava de medo perto dele. Daí, ele adormeceu.

A próxima coisa de que ele se lembrou foi de estar caindo pelo espaço em direção a um globo facetado com telas como as de tevê. A imagem das telas era de Michael e Janet no piso da doca, com o óvni pairando acima deles. Após atravessar uma tela, Michael voltou a si. Nessa altura, seu guia transmitiu-lhe uma mensagem telepática, dizendo que eles gostavam dele, que ele ficaria sem entender muito do que se passara no contato e que Janet não se lembraria de nada. Outra voz garantiu-lhe que Janet estava bem, e por fim ele ouviu uma voz dizer: "Adeus, Michael."

Antes de se submeter à hipnose, Janet mal podia se lembrar da experiência em estado consciente. Porém, já hipnotizada, ela recordou eventos que confirmaram o relato de Michael. Durante o período de suas sessões de hipnose, enfatizou Webb, ela ainda não conhecia a história de rapto de Michael.

O que vai a seguir é um resumo da experiência de Janet naquela noite, conforme reavivada por meio da hipnose. Ela se lembrou da luz original descendo do céu. Daquela, pensou ela, outras luzes teriam emergido. Após realizar diversas manobras aéreas no céu, uma das luzes passou em frente a eles e depois desapareceu. Ovalado e rodeado de luzes, o objeto emitia um som agudo. Era "maior que um carro ou uma casa" e parecia "uma nave espacial". Janet também viu, no objeto, figuras alienígenas que os espreitavam. Estas tinham cabeças incomuns e usavam uniformes inteiros.

Ela se lembrou tanto do objeto parando e pairando sobre eles, no mesmíssimo local mencionado por Michael, quanto de um brilhante feixe de luz saindo de baixo dele. A seguir, lembrou estar deitada sobre uma mesa, sob uma abóbada transparente, rodeada por "pessoas". Nem ela nem Michael conseguiram lembrar como foi feita a transferência para o óvni. Janet lembrou, ainda, que um ser cuidava dela, garantindo-lhe por telepatia que tudo ia correr bem — e isto a deixou bem relaxada e calma.

Lembrou ter sido examinada por diversos seres que lhe diziam para não olhar ou se mexer enquanto faziam seus testes. Ao dar uma espiada neles, ficou horrorizada com o que viu; conforme lembrou também, seu guia foi repreendido pelos outros seres por ter deixado isso acontecer. Com muita relutância, ela descreveu a aparência dos seres. Sua descrição, apesar de semelhante à de Michael, diferia desta nos seguintes pontos: (1) a pele deles era de cor esbranquiçada e aparência insalubre, e (2) eles usavam trajes parecidos com macacões. Sua lembrança dos procedimentos usados em seu exame diferiu um pouco da de Michael, mas sua descrição do painel de instrumentos bateu com a dele. Dentro do óvni, ela sentiu a presença de Michael em outra mesa em algum momento e se lembrou de tê-lo visto duas vezes em outras ocasiões.

Então, ela se lembrou de ter acordado na doca ao lado de Michael, que parecia assustado e fascinado ao mesmo tempo. Segundo recordou, ela não entendeu a razão para ele estar tão

encantado com "algumas luzes". Porém, em transe, veio-lhe a lembrança de ter visto um disco escuro pairando acima deles e a vaga lembrança de tê-lo observado partindo. Lembrou ter subido os degraus ribanceira acima com Michael e lá ter visto Susan e Barbara. Nessa altura, sentiu-se muito cansada e estonteada, indo logo dormir na cabana das funcionárias.

Segundo Webb, Janet confirmou 70% das descrições de Michael para o ocorrido na doca e 68% de suas descrições a bordo da nave. Após averiguar com outras pessoas presentes em Buff Ledge no verão de 1968, Webb conseguiu localizar Barbara e Susan. Fazendo depoimentos independentes, ambas se lembraram por alto de ter visto um escuro e silencioso objeto circular, com luzes em volta de sua borda, partindo depressa da beira do lago. Contudo, nenhuma delas conseguiu se lembrar de ter visto Michael ou Janet na área àquela altura.

Webb também entrou em contato com o amigo de Michael, Patrick, mas este não confirmou a alegação de Michael, segundo a qual ele teria observado parte do contato imediato. Patrick só conseguiu lembrar que Michael alegara ter visto um óvni naquele verão. Segundo contou Patrick, depois disso ele e outros que estavam na praia observaram luzes estranhas manobrando no céu à distância, e mais tarde viram diversos jatos da Força Aérea sobrevoando o lago. Em resposta a isto, Michael negou a presença de quaisquer jatos na ocasião, argumentando que a memória de seu amigo estava confusa. Segundo também notou

Webb, o depoimento de Patrick era questionável, pois ele vinha se submetendo a tratamento psiquiátrico de longa data.

Webb procurou confirmar o fato de a Base Aérea de Plattsburgh ter recebido chamadas telefônicas sobre óvnis naquela noite. Contudo, depois de um ano, haviam destruído todos os troncos telefônicos e, após seis meses, haviam destruído todos os relatos de visão de óvnis (arquivados no quartel-general do SAC).

Webb também entrou em contato com "Elaine", que tinha 25 anos e era recreadora do acampamento no início de agosto de 1968. Segundo lembrou ela, alguém veio até a casa de recreação gritando algo a respeito de luzes no céu. Todas as crianças correram para fora em direção a uma clareira na ribanceira, e ela lembrou ter visto um brilho prateado se movendo por sobre as árvores enquanto ia atrás das crianças em ritmo mais lento, isto pode ter ocorrido no momento do contato de Michael e Janet, mas não foi possível apurar uma data exata.

Foram aplicados diversos testes psicológicos tanto em Michael quanto em Janet, inclusive o Minnesota Multiphasic Personality Inventory (MMPI) e o Psychological Stress Evaluation (PSE). Embora ambos mostrassem ser normais, os testes de Michael indicaram uma certa rebeldia intelectual quanto a idéias tradicionais e regras familiares e sociais. Com base nestes testes e em averiguações de antecedentes de caráter, Webb acredita firmemente serem ambas as testemunhas pessoas honestas e dignas de crédito, que não

criaram um embuste nem compartilharam algum tipo de alucinação. Michael graduou-se em História da Religião em 1978, tendo seguido carreira de modelo e ator em Nova York. Janet se graduou em 1971, com distinção, em Psicologia, trabalhou como administradora de uma escola, e depois se casou com um médico e teve dois filhos.

## **Histórico e freqüência de casos de raptos**

Nos últimos trinta anos, as chamadas experiências de raptos por óvnis, tais como a de Buff Ledge, têm sido relatadas repetidas vezes. Embora os casos de raptos já revelados remontem à década de 1940, só em anos recentes o padrão moderno dos raptos por óvnis passou a ser reconhecido.

A primeira destas experiências a ser bem divulgada foi o caso de Betty e Barney Hill, que relataram ter tido um contato imediato com um óvni em 9 de setembro de 1961. Ambos voltavam para casa de uma viagem de férias, dirigindo por uma solitária estrada de New Hampshire. A princípio, os Hill se lembraram de ter visto, no céu noturno, uma nave estranha manobrando com abruptas alterações de direção. Quando a nave se aproximou do carro, eles a observaram com binóculos, e Barney pôde ver figuras humanóides nas janelas iluminadas da nave. Nessa altura, os Hill aceleraram. Afora uns zumbidos estranhos, eles não conseguiram se lembrar de nenhum outro incidente durante o regresso para casa.

Após o contato, Betty Hill se viu importunada por sonhos estranhos em que era levada a bordo do óvni por alienígenas, e Barney passou a sofrer de úlcera e de outros sintomas de esgotamento. Entre 14 de dezembro de 1963 e 27 de junho de 1964, eles fizeram hipnoterapia com o psiquiatra Benjamin Simon, resultando daí uma detalhada história de rapto por alienígenas, semelhante àquela de Michael e Janet. Este caso, também investigado por Walter Webb, foi publicado no livro *The Interrupted Journey (A jornada interrompida)*, de John Fuller.

Sob hipnose, Barney Hill descreveu seus raptos com termos quase que banalizados mais tarde pelo uso. Eles tinham pele acinzentada de aparência quase metálica, nenhum cabelo, grandes olhos oblíquos que pareciam enrolar-se pelos lados da cabeça, duas fendas como narinas e uma boca em linha horizontal. Segundo disse, falavam entre si em murmúrios, ao passo que o líder deles se comunicava com ele mentalmente. Além disso, o líder exercia controle mental de longo alcance sobre ele: "Era como se eu soubesse que o líder estava em outro lugar, mas sua eficácia me acompanhasse."

Desde 1964, muitos raptos por óvnis têm sido revelados. Para se ter uma idéia da freqüência com que ocorrem estas experiências, observe-se que, só em 1988, a pesquisadora ufológica britânica Jenny Randles ficou sabendo de 32 relatos de rapto por óvnis no continente europeu. Em 1981, Budd Hopkins, um pesquisador americano famoso por seus estudos sobre raptos

por óvnis, disse ter pessoalmente investigado 19 casos de raptos desde o princípio de suas pesquisas sobre óvnis em 1976.

Até 1981, prosseguiu Hopkins, havia-se estudado um total de cerca de quinhentos casos de raptos. Ele baseou esta estimativa em trezentos casos do HUMCAT, um catálogo de relatos sobre humanóides compilado por Ted Bloecher e David Webb, mais os casos investigados pelo Dr. James Harder, um engenheiro, e o Dr. Leo Sprinkle, um psicólogo. Jacques Vallee apresentou uma estimativa comparável em 1990, dizendo: "Até a época deste escrito, mais de seiscentos raptados foram interrogados por pesquisadores de óvnis, às vezes assistidos por psicólogos clínicos."

## **Características genéricas dos raptos por óvnis**

Apesar de parecer bastante estranha, a história de Michael e Janet apresenta uma série de aspectos repetitivos. Eis uma lista de alguns destes aspectos, mais ou menos na ordem em que aparecem na história:

1. O óvni é amiúde (mas nem sempre) descrito como um disco abobadado com diversas luzes intermitentes ou pulsantes.
2. É freqüente se ouvirem sons agudos e incomuns, especialmente no princípio da experiência.
3. Às vezes, as testemunhas vêem seres alienígenas olhando pelas janelas de suas naves.



Ao que parece, os seres costumam exercer alguma espécie de influência hipnótica sobre as pessoas que os observam.

4. Estes seres costumam ser pequenos, com cabeças e olhos grandes e bocas, narizes e orelhas rudimentares. O termogray costuma aplicar-se a este tipo racial. Às vezes, contudo, há relatos sobre entidades ufológicas dotadas de belas feições humanas e, em certos casos, humanos e entidades do tipogray parecem estar trabalhando juntos dentro dos óvnis.

5. É comum as entidades se comunicarem com as testemunhas humanas por telepatia. No entanto, costuma-se dizer que elas se comunicam entre si por meio de sons incompreensíveis.

6. Elas costumam dizer que visitaram este planeta no passado remoto e regressaram por causa de nossos testes nucleares.

7. Em geral, garantem que nada farão de mal para as testemunhas.

8. Tipicamente, dá-se uma perda de memória de partes da experiência e um conseqüente lapso de tempo. Isto se tornou famoso como o fenômeno do "tempo perdido".

9. A forma pela qual a testemunha entra no óvni costuma envolver um feixe de luz, mas não há uma lembrança precisa de como isto acontece.

10. Às vezes, as testemunhas relatam terem visto a Terra ou outros planetas do espaço exterior enquanto estiveram a bordo do óvni.

11. Às vezes, o óvni é levado para dentro de uma "nave-mãe" maior.

12. Estas experiências costumam acarretar um grande temor. Neste caso, o temor experimentado por Janet não foi tão extremo como acontece em muitos casos.

13. Em geral, as testemunhas dizem terem se sentido muito calmas em determinado momento, devido ao fato de seus apreensores lhes transmitirem tranqüilidade.

14. Tipicamente, a testemunha é submetida a um exame "médico" enquanto deitada sobre uma mesa. Neste exame, realizado por máquinas elaboradas, o corpo da testemunha costuma ser perscrutado, agulhoado, raspado e injetado com fluidos.

15. Conforme vimos neste caso, com a referência a "desovar consciência", o exame costuma ter algo a ver com reprodução, e acontece de extraírem amostras de óvulos ou esperma.

16. As testemunhas costumam ver painéis com muitas telas do tipo tela de tevê.

17. Após o exame, é comum se fazer uma espécie de visita pela nave. Levada a diversos recintos, a testemunha vê diversas coisas incompreensíveis.

18. As testemunhas costumam experimentar flutuar pelo ar em feixes de luz, e às vezes relatam terem flutuado através de paredes.

19. Às vezes se descrevem convocações de entidades alienígenas em recintos grandes.

20. Às vezes estranhas paisagens surreais são mostradas às testemunhas.

21. Costuma haver experiências que parecem alucinatórias ou visionárias. Um exemplo disto,

neste caso, foi a queda de Michael no globo facetado com telas de tevê. Ao mesmo tempo, muitos aspectos destas experiências parecem envolver percepção sensorial normal sob circunstâncias estranhas.

22. As testemunhas costumam relatar esgotamento extremo após a experiência.

## **Pequenos detalhes recorrentes**

Além destes aspectos, existem muitos pequenos detalhes que se repetem em relatos sobre raptos. Por exemplo: embora as testemunhas não costumem se lembrar de como entraram num óvni (item 9), em alguns casos a testemunha se lembra de ter entrado por uma porta, havendo, também, muitas referências a portas dentro dos óvnis. Quase que invariavelmente, tais portas, dizem as testemunhas, desaparecem de forma inconsútil ao serem fechadas.

Um exemplo disto seria a história de rapto recontada em *The Andreasson Affair*, de Raymond Fowler. Nesta história, em 1967 uma dona de casa da Nova Inglaterra chamada Betty Andreasson foi visitada por seres do tipo gray, que a fizeram flutuar através da porta fechada de sua casa (item 18) e depois a levaram para um óvni estacionado em seu quintal. Entrando no óvni, ela foi de recinto em recinto dentro dele, passando por portas da forma normal; mas, segundo comentou, estas portas se tornavam invisíveis ao serem fechadas. Outro exemplo é a história do fazendeiro brasileiro

Villas Boas que relatou ter visto vãos de porta inconsúteis num óvni em 1957 (veja página 165). Em 1950, Frank Scully publicou um livro muito controverso, *Behind the Flying Saucers* (Por trás dos discos voadores) sobre a apreensão de um disco voador avariado perto de Aztec, Novo México, em fins da década de 1940. Segundo ele menciona no livro, a porta que dava acesso ao disco se tornava invisível ao ser fechada. Muitos pesquisadores ufológicos têm rejeitado a história de Scully por considerá-la um embuste, mas William Steinman a tem defendido energicamente. Sem querer tomar partido nesta questão, observo que Steinman apresenta alguns depoimentos adicionais com relação aos vãos de porta inconsúteis. Segundo sustenta ele, Baron Nicholas von Poppen, estônio expatriado e hábil fotógrafo, foi convocado por autoridades militares ao local do acidente em Aztec para fotografar o óvni derrubado. Von Poppen teria descrito o que viu para George C. Tyler em 1949. Em sua descrição, ele diz: "A porta era tão finamente acabada que, ao se fechar, não deixava o menor indício de sua existência."

Que está acontecendo aqui? Teria alguém inventado a história da porta inconsútil em 1949, ou talvez tomado a mesma emprestada de alguma história de ficção científica? Teria Betty Andreasson, dona de casa e cristã fundamentalista, embutido a idéia de algum livro sobre óvnis em sua própria história, talvez sem ter consciência disso? Teriam as muitas outras testemunhas que mencionam vãos de porta

inconsúteis feito o mesmo, inclusive o fazendeiro brasileiro Villas Boas (o qual supostamente não teria como acionar esta informação)? Ou será que testemunhas independentes estavam mesmo observando portas inconsúteis nos óvnis?

Pela "hipótese nula", os detalhes das histórias dos óvnis, tais como a idéia da porta inconsútil, são transmitidos de uma pessoa para outra através de meios comuns, tais como de viva voz ou lendo livros e artigos de revistas. É muito difícil determinar com certeza se esta hipótese se aplica a qualquer caso ou se a testemunha está recontando uma experiência verdadeira. Portanto, a melhor política é ter ambas as possibilidades em mente e ver de que maneira as provas parecem fazer sentido no final das contas. Devo também observar a possibilidade de memórias de uma experiência autêntica se misturarem com idéias oriundas de outras fontes.

Antes de mudar de assunto, devo mencionar dois outros pequenos detalhes constantes no livro de Scully. O primeiro tem a ver com a força e a leveza do metal do qual se constitui o disco avariado de sua história. Scully cita as seguintes palavras de seu informante, o "Dr. Gee": "Na nave grande, bastavam dois ou três homens para erguê-la de um lado, de tão leve que era. Por outro lado, pelo menos uma dúzia deles rastejara para cima da asa que, de tão forte, não sofreu o menor abalo." Segundo também diz Scully, dez mil graus de calor não conseguiram romper dois dos metais que formavam a nave de trinta metros de diâmetro. É curioso o fato de as testemunhas no caso Roswell

de 1947 (páginas 130-34) terem enfatizado que os fragmentos de metal vistos por elas eram levíssimos e extremamente resistentes a dobraduras, cortes ou queimaduras.

Conforme o segundo detalhe, o disco avariado de Scully teria um anel externo de metal que girava ao redor de uma cabine central fixa. Como Scully descreveu num artigo de *Variety*, em 1949: "Seu centro permanecia em repouso, mas uma borda externa girava em torno dele a uma velocidade impressionante." Esta idéia também consta no depoimento de Betty Hill com relação a seu contato com o óvni. Hipnotizada, ela disse: "Mas havia uma espécie de aro girando em volta da nave. E não sei por que, mas me ocorreu a idéia de que era um aro móvel, como se girasse em torno do perímetro, talvez. Ou como se fosse um enorme giroscópio de alguma espécie."

## **Ferimentos e doenças**

Em muitos casos, vinculam-se sintomas de ferimento físico ou doença a contatos com óvnis, inclusive aqueles envolvendo raptos. Barney Hill, por exemplo, parece ter contraído uma úlcera como resultado da ansiedade causada por sua experiência. Também apareceram-lhe verrugas na virilha, causadas talvez por um instrumento colocado, pelo que ele lembra, sobre seus órgãos genitais enquanto ele esteve a bordo do óvni. Esta experiência e um "teste de gravidez" administrado

em sua esposa, Betty, pelas entidades do óvni também ilustram o item 15.

Segundo outro relato, de novembro de 1975, um rapaz experimentou um contato bizarro na reserva florestal Catskill envolvendo uma nave oval semi-luminosa, um ataque de figuras parecidas a robôs e um espaço de tempo perdido. Cerca de uma semana após este evento, uma série de vergões bem marcados foi pipocando de seu umbigo até a virilha num padrão convergente. No caso Villas Boas, a testemunha ficou esgotada, nauseada e sem conseguir comer ou dormir direito após sua experiência de raptos. Acabou contraindo uma doença de pele crônica e incomum. Também experimentou fortes dores de cabeça, ardor e lacrimação dos olhos.

A irritação dos olhos parece ser comum em casos de contato imediato com óvnis que costumam fazer uso de feixes de luz ofuscantes. Uma série de exemplos de casos de CI3 com danos aos olhos é citada num artigo, "The medical evidence in UFO cases", de John Schuessler. De acordo com Budd Hopkins, é freqüente testemunhas de raptos relatarem irritação dos olhos provocada por luzes brilhantes vistas dentro dos óvnis.

Ao mesmo tempo, há relatos de curas extraordinárias ligadas a contatos imediatos com óvnis. Algumas delas parecem ser de natureza mística (veja páginas 193-94). Outras são atribuídas a intervenções médicas que parecem fazer uso de reconhecíveis técnicas de alta tecnologia.

Um exemplo deste último caso é relatado pela psicóloga Edith Fiore. Um de seus pacientes disse ter nascido com um vaso sanguíneo malformado no cérebro. Conforme os médicos disseram à mãe dele, como este vaso podia se romper a qualquer momento, ele seria retardado e sua expectativa de vida seria mínima. No entanto, ele já é um quarentão e é normal. Resulta que, ao ser hipnotizado por Fiore, ele se lembrou de "ter visto, numa tela, ETs fazendo-lhe um tratamento, tendo ainda podido ver alguns vasos sanguíneos que pareciam estar fora de seu cérebro".

Fiore alega já ter detectado cerca de duzentos relatos de CI4 no transcurso de regressões hipnóticas realizadas para fins de psicoterapia. Cerca de 50% deles envolviam curas de doenças tidas como incuráveis, tais como câncer, ou de condições dolorosas, tais como enxaquecas. Pode-se sugerir, é claro, a hipótese de as pessoas imaginarem estas curas feitas por ETs por sentirem necessidade de explicar curas naturais ocorridas por motivos desconhecidos. Mas a cultura ocidental dispõe de explicações místicas familiares para curas incomuns (tais como a graça de Jesus). Por que, então, deveria alguém tentar explicar as curas misteriosas recorrendo aos ETs, que são mais misteriosos ainda?

A evidência segundo a qual muitos contatos com óvnis tendem a vir acompanhados de efeitos físicos — maléficos ou benéficos — apóia a hipótese da realidade física destes contatos. Isto se aplica, em especial, a casos cujo efeito físico



pode estar vinculado a recordações de eventos específicos ocorridos dentro de um óvni.

Ao mesmo tempo, contudo, são conhecidos os extraordinários efeitos que alguns estados mentais são capazes de produzir sobre o corpo. Um exemplo famoso disto seriam os estigmas surgidos nos corpos de certos monges e freiras católicos em decorrência de eles terem meditado na crucificação de Cristo. Alguns estigmas, segundo consta, assemelham-se bastante a feridas causadas por unhas. Mas quer tenham sido obra de agentes "naturais" ou "sobrenaturais", decerto não foram produzidos por unhas. Poderiam os raptos por óvnis ocorrer apenas em nível mental, e deste modo envolver efeitos incomuns da mente sobre a matéria?

A questão sobre a realidade física ou não dos raptos por óvnis vem a ser bastante complexa. As comparações com o material védico poderão elucidar este assunto, que voltarei a analisar com mais minúcia no Capítulo 10, após apresentar um pouco daquele material. Por ora, eu sugeriria que alguns contatos imediatos com óvnis parecem envolver fenômenos físicos grosseiros, enquanto outros parecem envolver a ação de energias sutis ligadas à mente.

## **Anatomia de uma alucinação?**

Conforme sugere a literatura ufológica, os seres humanóides envolvidos em raptos apresentam, com algumas notáveis exceções, uma

extraordinária uniformidade de aparência e comportamento. A pesquisadora britânica Jenny Randles, por exemplo, salientou, com base em seus dados, ser possível identificar duas categorias básicas de entidades raptoras.

A primeira categoria, na qual ela inclui os "seres pequenos e feios", corresponde ao já mencionado tipo gray. Segundo ela, "eles têm entre noventa centímetros e 1,5m de altura, grandes cabeças em forma de pês, grandes olhos redondos e narizes e bocas fendidos; costumam não ter cabelo e usar uniformes esverdeados; têm a pele às vezes cinzenta ou enrugada". Salientou também haver uma desconcertante falta de variedade nas descrições destes seres.

A segunda categoria é a dos "altos e magros". A altura típica destes é 1,80m ou mais e, como se costuma dizer, têm traços escandinavos, incluindo pele pálida e cabelo louro. Em geral, seus olhos são do tipo oriental ou felino, de cor azul ou rosa. São dotados de estranha beleza, sendo mais parecidos com os humanos que com os seres gray. A divisão entre humanóides altos e baixos também se evidencia em termos estatísticos na tabela de 164 relatos sobre humanóides, publicada em 1976 pelos investigadores ufológicos Coral e Jim Lorenzen. Conforme salientei no Capítulo 2 (página 92), os Lorenzen mencionaram humanóides pequenos e grandes, e (o que é estranho) o tamanho dos humanóides relatados parece se correlacionar com o tamanho do óvni que os acompanha.

Os Lorenzen também mencionaram quatro outros tipos de entidades, descritas como sendo robôs grandes e pequenos e monstros grandes e pequenos (confira a história de robô em Cisco Grove, página 118). Na tabela deles, predominam os humanóides grandes e pequenos, conforme podemos constatar, contando o número de relatos apresentando entidades das diferentes categorias. (Embora na tabela deles só haja um caso apresentando dois tipos diferentes de entidades, eles são bastante comuns na literatura sobre óvnis.)

Humanóide grande - 60

Humanóide pequeno - 81

Monstro grande - 3

Monstro pequeno - 4

Robô grande - 1

Robô pequeno - 3

Os Lorenzen também relacionaram diversas características corpóreas dos humanóides. Resulta que, entre os humanóides grandes, oito tinham olhos de notável grandeza, enquanto dez tinham olhos normais, uma divisão aproximadamente igual. Porém, entre os humanóides pequenos, o relato foi de dezoito com olhos grandes para apenas dois com olhos pequenos. Isto é compatível com a descrição usual de olhos grandes para as entidades gray.

Acaso os compatíveis padrões anatômicos destes humanóides refletem a estrutura corpórea de seres vivos verdadeiros, ou refletem a anatomia

de alguma espécie de alucinação? Embora possa haver outras explicações possíveis para os humanóides, por ora vamos considerar estas duas. Seria possível articular a idéia da alucinação da seguinte forma: por algum motivo, as histórias de raptos apresentando determinados tipos de seres foram a princípio criadas pela imaginação humana. Estes seres têm aspecto humano por ser natural para as pessoas imaginar formas humanas. As histórias são divulgadas por meios normais de comunicação. Quando as pessoas relatam contatos vividos e chocantes com estes seres, isto pode se dar em função de um processo psicológico que incorpora as histórias que elas ouviram a uma experiência aparentemente real. Esta poderia ser a chamada teoria do folclore.

Randles cita um estudo de duzentos casos de raptos feito por um estudante de folclore chamado Thomas E. Bullard. Segundo argumentou Bullard, se as histórias de óvnis se espalhassem como sendo uma espécie de folclore, deveriam, então, apresentar as características esperadas de um contexto folclórico. As histórias deveriam apresentar, por exemplo, um grau de variação típico de produtos da imaginação humana. Deveriam variar de uma região geográfica para outra, além de mostrar a influência de casos bastante divulgados.

Randles sumariou as conclusões de Bullard como segue: embora os casos americanos acusem de maneira acentuada, uma quantidade menor de exemplos dos seres altos do que os casos não-americanos, nos casos de raptos oriundos de

diferentes partes do mundo detecta-se, não obstante, um alto nível de uniformidade. Casos bastante divulgados não parecem exercer impacto detectável sobre os relatos de raptos. Além do mais, as histórias de raptos são estereotipadíssimas, apresentando um leque muito menor de variação do que o encontrado, por exemplo, em ficção científica. Logo, as histórias de raptos não parecem obedecer aos padrões esperados de um contexto folclórico.

Seria possível argumentar, contudo, que as experiências de raptos tendem a demonstrar um alto nível de uniformidade em virtude de um processo psicológico que seleciona determinadas idéias e as intensifica. No entanto, os relatos sobre raptos só entraram em evidência a partir do início da década de 1960. Por que teriam estas histórias em particular se revestido de potência psicológica em anos recentes, e não antes disso?

Outro inconveniente desta idéia: muitas das características uniformes evidenciadas repetidas vezes em relatos sobre raptos não parecem ser significativas do ponto de vista psicológico. Qual seria a relevância psicológica, por exemplo, de portas inconsúteis em óvnis, ou de bocas em forma de fenda em humanóides pequenos? O que motivaria as pessoas a falarem de luzes brilhantes dentro dos óvnis e a imaginar entidades dotadas da faculdade de comunicação telepática? Uma boa teoria psicológica em torno destas características as relacionaria de forma convincente a princípios psicológicos conhecidos.

Conforme ainda se poderia argumentar, certas características-chave dos relatos sobre raptos revestem-se de determinantes psicológicos. As outras são criações arbitrárias da imaginação que pegam uma carona, por assim dizer, nos elementos de relevância psicológica da história. Mas, se estes elementos não se afiguram tão importantes para as pessoas, por que, então, não variam tanto de um relato para outro em função do capricho individual?

## **Sobre a evolução dos humanóides**

Se os humanóides relatados não são produtos da psicologia e do folclore, talvez sejam seres vivos reais. Se é assim, então, as características comumente relatadas em histórias de rapto poderiam ser devidas ao fato de estes seres terem certos traços físicos e culturais. Alguns deles poderiam de fato ter bocas fendidas, e as portas inconsúteis poderiam integrar a sua tecnologia.

Pelo que sei, apesar de não ficar provada pelos relatos sobre contato imediato, esta hipótese continua sendo uma forte possibilidade. Contudo, também traz à tona a questão do lugar e do processo de origem dos humanóides.

Por ora, limitemo-nos à idéia de que os corpos físicos dos humanóides teriam surgido por meio de processos de evolução neodarwiniana. Conforme o argumento de alguns cientistas, tais como Carl Sagan, alguma espécie de vida inteligente pode ter evoluído em outros planetas dentro de nossa

galáxia. Outros argumentam que, se os dinossauros não tivessem se extinguido, a evolução poderia ter gerado um dinossauro bípede de cérebro grande, com inteligência e aparência comparáveis às de um ser humano. Com base nestas considerações, há quem sugira a possibilidade de os humanóides terem evoluído em outro planeta.

Contudo, o preeminente evolucionista Theodosius Dobzhansky rejeitou esta idéia e explicou porquê, analisando um experimento hipotético. Ele disse: "Suponhamos que, por alguma casualidade de todo improvável, exista outro planeta em alguma parte no qual surgiram animais, vertebrados e mamíferos como aqueles que viveram na Terra durante o eoceno. Acaso isto significaria dizer, necessariamente, que também as criaturas humanóides teriam se desenvolvido neste planeta imaginário?"

Segundo a estimativa de Dobzhansky, seriam necessárias alterações em cerca de cinqüenta mil genes para que os humanos modernos tivessem se desenvolvido a partir de ancestrais do eoceno de cerca de 55 milhões de anos atrás. Entre estas alterações, estariam incluídas mutações e outros tipos de alteração da estrutura genética. Já que cada uma dessas alterações não passa de uma dentre uma vasta gama de alternativas, seria virtualmente igual a zero a probabilidade de as alterações terem ocorrido e sido escolhidas na mesma seqüência em que o foram na história da evolução humana. Pequenos desvios na seqüência de alterações bastariam para fazer descarrilar o

processo evolutivo de humanização das criaturas pré-humanas. Assim como seria possível, em se tratando do ambiente pré-humano, que desvios na evolução de outras plantas e animais descarrilhassem a evolução humana, da mesma maneira, o rumo da Terra, em nível de história climática, teria sido outro se ela sofresse desvios climáticos.

Portanto, ponderou Dobzhansky, eram mesmo mínimas as probabilidades de qualquer coisa semelhante a um humano ter evoluído em seu planeta hipotético. Para redundar em algo consideravelmente semelhante ao gênero humano, seria preciso que o processo de evolução da Terra tivesse sido o mesmo desde o eoceno, pelo menos durante a maior parte dos seus 55 milhões de anos. Se não, provavelmente, os pré-humanos trepadores de árvores do eoceno teriam se extinguido ou se transformado em alguma forma desconhecida de mamífero.

O famoso evolucionista George Gaylord Simpson chegou a conclusões semelhantes. Ele usou termos bastante amplos ao definir humanóide como sendo "um organismo vivo natural com inteligência comparável à do homem em quantidade e qualidade, podendo, portanto, comunicar-se conosco de forma racional". Segundo argumentou ele, a evolução de semelhante ser depende de uma infinidade de circunstâncias especiais, sendo bastante remota a probabilidade de circunstâncias equivalentes surgirem em outro planeta. Entre estas circunstâncias, incluem-se as condições químicas



necessárias para a produção de células vivas, as condições ambientais prevalecentes durante milhões de anos de evolução na Terra e as muitas mutações necessárias para se produzirem organismos complexos. "Acho, portanto", concluiu, "sobremodo improvável que exista, em alguma parte de nosso universo acessível, algo semelhante a nós o suficiente para de fato se comunicar conosco em nível de pensamento."

Caso este entendimento da evolução esteja correto, então, a existência de humanóides ufológicos, enquanto seres reais e parecidos aos humanos, representa um desafio para a atual teoria da evolução. Podemos argumentar que a evolução estava fadada a produzir algo, sendo a humanidade um de seus produtos na Terra. Deste modo, a existência de humanos na Terra não representa problema algum. No entanto, é mínima a probabilidade de a evolução produzir, em separado, algo parecido com a humanidade em dois planetas diferentes desta galáxia.

Seria possível argumentar, é claro, que os humanóides ufológicos se assemelham aos humanos apenas de modo superficial. Por uma hipótese, os humanóides que as pessoas vêem são meras simulações da forma humana que estão sendo manipuladas por um agente desconhecido. Talvez o agente esteja se valendo destas simulações para se comunicar conosco. Ou talvez os motivos do agente sejam de todo incompreensíveis para nós. Como pode ser aplicada a todo e qualquer dado, esta teoria da simulação traz o inconveniente de nos deixar com

um mistério irrevelado. Sugiro só lançarmos mão dela em última instância.

Por outra hipótese, os humanóides ufológicos têm de fato certas características semelhantes às humanas, só que, em nível fundamental, são totalmente diferentes de nós. Embora em parte isto possa ser verdade, alguns dos traços sobremaneira humanos atribuídos a estes seres me fazem duvidar de que represente toda a verdade.

Por exemplo: é costumeiro relatar casos de humanóides vestidos. Se não é mera ilusão ou um espetáculo projetado por um agente desconhecido, como, então, devemos entender isto? É comum as roupas dos humanóides incluírem detalhes familiares, tais como faixas ou insígnias. Isto parece sugerir a existência, por trás da roupa, de uma mente semelhante à nossa.

Consideremos a mente de um humano de um país estrangeiro. Talvez este indivíduo tenha padrões de pensamento difíceis de serem entendidos por nós, mas, mesmo assim, sua mente será semelhante à nossa de muitas formas importantes. Possivelmente, isto também se aplica ao caso dos alienígenas ufológicos.

Os humanóides também têm formas corpóreas similares às humanas, com cabeças, braços e pernas parecidos aos dos seres humanos. Para entender o que quero dizer ao me referir a um braço como sendo semelhante ao humano, considere o quanto ele poderia se desviar deste padrão. Algo que funcione como um braço poderia ter duas articulações intermediárias em vez de

uma articulação no cotovelo. Poderia ser flexível como um tentáculo. Poderia terminar com torqueses em vez de mãos, ou terminar com um dispositivo de sucção agregado a uma boca denteada, como aquela de um ouriço do mar. As possibilidades são ilimitadas. Todavia, segundo os relatos, a maioria das entidades ufológicas (mas não todas!) tem braços que só diferem do padrão humano pelo número de dedos.

Por quê? Acaso elas são apenas toscas simulações ou são fundamentalmente semelhantes aos humanos? A última alternativa é com certeza uma hipótese possível. Esta hipótese tem a virtude da simplicidade, além de conter uma afirmação forte e específica. Mas ela também sustenta a existência do tipo de ser que, segundo Simpson, não evoluiria em parte alguma do universo acessível.

Deixe-me sumariar minhas observações nesta seção e na precedente. A hipótese de folclore-mais-psicologia pode explicar por que as entidades ufológicas pareceriam semelhantes à humanos de tantas maneiras (é natural imaginarmos humanos), porém, não logra explicar as estranhas, mas tão repetitivas, características destas entidades. A hipótese de evolução extraterrestre pode explicar estas características estranhas como sendo os traços físicos e tecnológicos de uma raça (ou raças) alienígena(s). Contudo, esta teoria não é compatível com os muitos aspectos parecidíssimos aos humanos das entidades relatadas.

Resta-nos, nesta altura, a explicação segundo a qual os humanóides seriam seres semelhantes a nós, mas com uma origem não-evolucionária. Ou seriam ilusões ou manifestações externas de algo incompreensível. Porém, estamos apenas começando nossas conjecturas. Há outros pontos a serem considerados que poderão elucidar a natureza dos humanóides. A última hipótese a este respeito depende dos pontos que apresentarei aos poucos no decorrer deste livro.

## **Sedução e genética**

Tendo dito isto, volto-me agora para um dos aspectos mais perturbadores do fenómeno do rapto por óvnis. Caso após caso, surgem relatos de interações sexuais entre os humanos raptados e as entidades ufológicas. Estas interações parecem enquadrar-se em duas categorias: (1) experimentos com a reprodução humana envolvendo manipulações médicas, e (2) relações sexuais diretas entre os raptados e os seus captadores. Começarei com uma breve revisão de quanto foi escrito sobre estes fatos, para depois fazer algumas observações.

O primeiro exemplo conhecido da categoria (2) é a história de rapto do fazendeiro brasileiro Antonio Villas Boas. Este incidente foi investigado pelo Dr. Olavo T. Fontes, M. D., poucas semanas após ter ocorrido em outubro de 1957. O resumo a seguir se baseia na versão inglesa do estudo original de

Fontes publicada por Gordon Creighton, pesquisador ufológico britânico.

Quando ocorreram os incidentes relatados, Villas Boas tinha 23 anos de idade e vivia com sua família numa fazenda perto de Francisco de Sales, em Minas Gerais. Embora fosse inteligente, ele tinha pouca cultura e trabalhava na fazenda da família.

Nas noites dos dias 5 e 14 de outubro, Villas Boas observou luzes estranhas que fizeram manobras ao redor da fazenda e, a certa altura, desapareceram misteriosamente. O episódio principal, contudo, ocorreu na noite do dia 15. Ele estava sozinho no campo, arando a terra com seu trator à uma da manhã para evitar o calor abrasante do sol. Viu uma estrela vermelha vindo bem rápido na sua direção e aumentando de tamanho até se transformar num luminoso objeto oval. O objeto se deteve cerca de cinquenta metros acima de seu trator e, ao iluminar a área, deu a impressão de que era pleno dia. Fez uma pausa de alguns minutos e por fim aterrissou devagar. Tinha formato arredondado com pequenas luzes purpúreas e um grande farol dianteiro vermelho. Tinha três pernas de sustentação e uma cintilante cúpula giratória na parte superior.

Villas Boas tentou escapar em seu trator, mas o motor pifou e as luzes se apagaram. Ao tentar sair correndo, uma figurinha vestida com roupa estranha o agarrou pelo braço. Ele se desvencilhou do atacante, mas foi agarrado por outros três e

arrastado, ainda se debatendo, em direção à máquina.

Após ter sido arrastado para dentro da máquina, a porta externa se fechou, não restando vestígio algum de seu contorno. Seus captos conversavam emitindo sons semelhantes a latidos. Eles o despiram, lavaram-no com alguma espécie de líquido e o levaram para outro recinto. Outra vez, a porta se fechou e ficou invisível. Foi usado um aparato para tirar duas amostras do seu sangue, após o que ele foi deixado sozinho no recinto. Em seguida, uma fumaça nauseante, introduzida no recinto por meio de tubos, fê-lo vomitar.

Os homens usavam vestes cinzentas e justas, parecidas com uniformes, além de elmos que escondiam suas expressões faciais. Acima de seus olhos, que pareciam ser claros, os elmos eram duas vezes maiores do que uma cabeça normal. As calças, também justas, formavam uma peça inteira com os sapatos volumosos e de ponta curva.

Após algum tempo, uma mulher nua, muito atraente, entrou no recinto e o seduziu. Ela parecia um ser humano normal sob todos os aspectos, embora tivesse um rosto incomum, com cabelos louros, quase brancos, grandes olhos oblíquos, ossos malares muito salientes, lábios finos e um queixo estreito e pontudo. Depois que a mulher saiu, as roupas dele foram devolvidas. Após se vestir e aguardar por algum tempo (além de tentar sem êxito apanhar um objeto como prova de sua experiência), ele foi levado num

passeio ao redor da parte externa da nave e depois liberado.

Nessa altura, a cúpula giratória passou a rodar com mais rapidez e a mudar da cor esverdeada para a vermelha; a nave se ergueu no ar para em seguida disparar, como uma bala, rumo ao sul. Segundo calculou Villas Boas, ele esteve na nave durante quatro horas e quinze minutos. Ao ser indagado, disse não ter sofrido nenhuma forma de influência telepática durante a experiência.

Conforme mencionei na seção anterior, Villas Boas sofreu uma série de enfermidades após este episódio, todas elas registradas pelo Dr. Fontes. Villas Boas, observou ainda o Dr. Fontes, tinha duas marcas no queixo correspondentes aos lugares de onde lhe haviam extraído as amostras de sangue. Pela avaliação de Fontes, Villas Boas parecia psicologicamente normal, com bom grau de inteligência e sem tendência ao misticismo.

Tendo considerado a história obviamente inverídica, Fontes concluiu que Villas Boas devia ser um mentiroso de imaginação fértil, hábil em se lembrar de uma história imaginária nos seus mínimos detalhes e recontá-la sem se contradizer. Fontes manteve a história em sigilo até enviá-la a Gordon Creighton em abril de 1966. A história, baseada em entrevista concedida por Villas Boas ao Dr. Walter Buhler do Rio de Janeiro, em 1962, já havia sido publicada em inglês pela Flying Saucer Review (Discos voadores em revista) em janeiro de 1965.

Nesta história, há muitos detalhes que vêm à tona repetidas vezes em casos de contato imediato

com óvnis. Entre eles temos: (1) luzes de fonte desconhecida que dão voltas para em seguida desaparecer de forma abrupta; (2) brilhantes feixes de luz projetados por um óvni cintilante; (3) o enguiço do motor do trator; (4) portas que se tornam invisíveis depois de fechadas; (5) uniformes justos formando peças inteiriças com elmos e sapatos; e (6) cabeças com grandes olhos oblíquos, lábios finos e queixos pontudos. Assim, fica parecendo que, se Villas Boas tivesse mesmo inventado a história, ele seria não só imaginativo como também informado no estudo de óvnis.

A história de Villas Boas é um tanto incomum em vista do fato de não o terem paralisado ou controlado mentalmente durante a experiência. Contudo, tem havido casos de relatos feitos por homens que, estando sob o efeito de alguma forma de paralisia, foram forçados a fazer sexo com estranhas mulheres alienígenas. Foram experiências sobremodo constrangedoras e revoltantes para os homens a elas submetidos à força, e as mulheres envolvidas pareciam cruzamentos entre humanos e os seres gray. Três casos deste tipo são descritos em minúcia no livro *Intrusos*, de Budd Hopkins, publicado nos Estados Unidos em 1987. É curioso o fato de o ser descrito por Villas Boas nos idos de 1957 também parecer compartilhar características humanas e gray.

Budd Hopkins também é famoso por sua análise de casos de mulheres que de alguma forma são engravidadas e cujo embrião é então removido por entidades ufológicas. Estes casos às vezes envolvem cenas de "apresentação", onde mostram



à mulher uma criança meio-humana, meio-alienígena, que parece ser sua prole. Um exemplo disto seria o caso de "Kathie Davis", relatado por Hopkins.

Estas histórias, segundo argumentam, teriam sido criadas por Hopkins nas mentes de seus pacientes através do processo de hipnose. Por exemplo: Ann Strieber, esposa do raptado Whitley Strieber, afirma que cerca de 2.500 pessoas escreveram cartas em resposta a *Comunhão*, o livro de Strieber, descrevendo suas próprias experiências com óvnis. A respeito destas cartas, ela diz:

Não temos literalmente carta alguma que mencione a cena de remoção de feto descrita por Budd Hopkins, exceto cartas de pessoas influenciadas pelo livro dele (*Intrusos*) ou, na maioria dos casos, hipnotizadas por ele. Apesar de serem pouquíssimas cartas, me impressionou o fato de as pessoas hipnotizadas por ele — poucas das quais nos escreveram — terem relatado exatamente a mesma coisa. É como se fossem convertidos religiosos.

Curiosamente, o próprio Whitley Strieber aceitou a cena de remoção de feto e disse ao jornalista Ed Conroy: "Afinal, os visitantes somos nós mesmos, e não me surpreenderia se alguns dos seres meio-visitantes, meio-humanos que eu vi fossem nossos descendentes — eles são os fetos removidos após o cruzamento entre neonatos puros e seres humanos maduros." A experiência de rapto de Strieber, conforme ele relata em *Comunhão*,

também envolveu estranhas interações sexuais com os seus "visitantes".

Sem dúvida, devemos ter muita cautela quanto a aceitar depoimentos obtidos por meio da hipnose (veja páginas 176-81). Devemos reconhecer, contudo, que a cena de remoção de feto foi descrita por outros investigadores além de Hopkins. David Jacobs, professor adjunto de história da Universidade de Temple, escreveu um livro apresentando diversos casos de rapto com cenas de remoção de feto. Uma cena idêntica consta no depoimento dado sob hipnose por Betty Andreasson e relatado em *Watchers* (Observadores), livro de Raymond Fowler. Da mesma forma, Jenny Randles, da Inglaterra, fala de uma "jovem atormentada por lembranças repetidas e conscientes, pelo menos em parte, de estar sendo levada para um recinto por pequenos seres que, então, a engravidam. Depois, o feto é removido". Neste caso, a hipnose não foi empregada.

Randles cita cerca de sete outros casos com fortes características sexuais ou ginecológicas. Em um deles, lembrado sem o uso da hipnose pela "Sra. Verona", estuprada num contato com óvni na Inglaterra, em 1973. Neste caso, as "entidades", apesar de parecerem humanas, estavam a bordo de uma nave abobadada e discóide, e usaram uma "espécie de robô de resgate" metálico para capturar sua vítima.

Em outro caso de 1965, seres de olhos grandes, cabelos louros e dois metros de altura, informaram a testemunhas venezuelanas que estavam

"estudando a possibilidade de cruzar com vocês para criar uma nova espécie".

Num caso de 1978, um brasileiro descreveu, sob hipnose, um episódio de sedução muito semelhante ao de Villas Boas. Em outro caso brasileiro, este de 1979, a famosa pianista Luli Oswald alega ter sido submetida a um exame ginecológico completo por seres gray, os quais disseram ter vindo de "uma pequena galáxia perto de Netuno". E num caso investigado pelo Dr. Hans Holzer, no estado de Nova York, em 1968, pequenas entidades calvas, usando uma agulha comprida para tirar amostras de óvulo de uma mulher, disseram-lhe que a haviam escolhido para lhes dar um bebê.

De fato, muitos raptos por óvnis parecem ter um forte componente sexual. Esta é uma característica compatível com a hipótese segundo a qual as experiências de raptos seriam expressões da psicologia humana. Contudo, perdura a dúvida quanto ao motivo de as pessoas expressarem suas fantasias sexuais escolhendo histórias de óvnis repletas de detalhes estranhos, mas repetitivos.

Os exames médicos feitos durante raptos por óvnis mais parecem estudos científicos de humanos realizados por visitantes de outro planeta. De fato, é comum as entidades ufológicas dizerem isto aos raptados. William Hermann, da Carolina do Sul, por exemplo, relatou ter sido raptado em 1978 por humanóides que lhe disseram ter vindo da constelação Reticulum e estarem raptando humanos para fins de pesquisa. Porém, as entidades ufológicas tendem a

transmitir mensagens não-confiáveis ou auto-contraditórias, conforme podemos constatar pela história dos seres oriundos de uma "pequena galáxia perto de Netuno".

Segundo argumenta Jacques Vallee, os exames físicos feitos nos óvnis não precisam ser necessariamente de natureza científica, visto ser possível examinar o corpo humano e lhe extrair amostras de tecido sem se recorrer aos métodos traumáticos experimentados pelos raptados. Isto pode ser feito por médicos humanos; logo, seria muito fácil para ufonautas detentores de alta tecnologia. Como também sugere o componente sexual dos raptos por óvnis, estes envolvem algo mais do que pesquisas científicas objetivas. Assim como se poderiam realizar experimentos genéticos usando espermatozoides e óvulos colhidos sem o indivíduo saber, da mesma forma não é necessária a atividade sexual direta com os raptados.

Se os humanóides ufológicos são seres verdadeiros que evoluíram em outro planeta, o raciocínio de Dobzhansky e Simpson indica ser bastante improvável que haja compatibilidade genética entre eles e os humanos ou quaisquer outras formas de vida na Terra. Um motivo para isto seriam as múltiplas possibilidades de se acionar a tabela de código genético da Terra. Logo, na eventualidade de surgir vida de forma independente em algum outro lugar, seria bastante improvável que se acionasse a mesma tabela de código. Mesmo que os seres tivessem aparência externa semelhante à nossa, com

certeza sua constituição molecular seria inteiramente diferente.

Estes ufonautas detentores de alta tecnologia, seria possível argumentar, teriam como superar estas dificuldades com facilidade e produzir corpos geneticamente compatíveis com os humanos. Mas, neste caso, por que produzir formas semi-humanas e tentar fazê-las acasalar-se com humanos? Por que não criar corpos humanos perfeitos usando métodos de alta tecnologia? Pode-se alegar serem incompreensíveis os motivos das entidades. Embora isto talvez seja verdade, sugiro podermos sempre usar, como último recurso, a hipótese dos agentes desconhecidos com motivos incompreensíveis. Melhor ainda seria primeiro adotarmos a estratégia da busca da compreensibilidade para depois vermos até onde conseguimos chegar.

Por uma hipótese compreensível, os humanóides seriam seres verdadeiros dotados de psicologia sexual semelhante à nossa. Segundo esta hipótese, a manipulação sexual de humanos por parte desses seres se deve, pelo menos em parte, aos seus próprios motivos sexuais. Esta hipótese, além de aceitável em termos genéricos, leva em conta as diversas interpretações dos controvertidos casos de mulheres raptadas cuja própria progênie meio-alienígena lhes teria sido mostrada. Ou isto foi uma ilusão criada na esfera mental pelas entidades, por exemplo, ou aquelas mulheres tiveram de fato semelhante progênie.

Esta hipótese sugere que os humanóides não evoluíram independentemente dos humanos à

maneira darwiniana. Isto fica decerto implícito caso eles compartilhem com os humanos de proximidade genética suficiente para suas tentativas de cruzamento valerem a pena. A mesma hipótese fica indicada caso os humanóides careçam de compatibilidade genética com os humanos, mas tenham, não obstante, uma psicologia sexual reconhecível.

O termo-chave aqui é psicologia. Seria provável que, num planeta hipotético de capacidade tecnológica evoluída, também evoluísse uma reconhecível psicologia semelhante à humana? Suspeito que Dobzhansky diria que não. A evolução independente dos humanos e dos humanóides é improvável, e a co-evolução de ambas as formas na Terra é descartada no cenário evolucionista atual. Se os humanóides são seres verdadeiros, fica parecendo, então, que há algo de não-darwiniano na origem deles ou mesmo na nossa.

## **O elemento medo**

Uma característica comum em relatos sobre raptos por óvnis é o medo intenso. Este medo é típico do desamparo experimentado por um raptado quando os operadores do óvni o colocam em estado de paralisia temporária. Uma surpreendente ilustração deste fato foi vivenciada por "David Oldham", dezesseis anos, conforme relato de Budd Hopkins. Em setembro de 1966, David e seus amigos adolescentes andavam de carro à procura

de algo para fazer. A certa altura, eles pararam o carro numa estrada secundária e avistaram uma grande luz alaranjada pairando sobre árvores próximas dali. David se lembra de ter desejado conversar com os outros rapazes sobre a luz, e ter sentido sua mente bloqueada de alguma forma. Conforme sua próxima lembrança consciente, ele e os amigos se dirigiram a uma boate e nela entraram.

Hipnotizado, David lembrou que, ao ver a luz, saiu do carro e se pôs a andar em direção a ela. Então, sentindo-se paralisado, deparou com seres que o levaram para dentro do óvni. Ele reagiu a esta situação com extremo terror:

QUE É ISTO? QUE... QUE É ISTO? (Respiração muito ofegante) Que é isto? Por que... por que... ficando dormente... todo ... dormente. (...) Oh! Oh! Não consigo me mexer... não consigo me mexer. Oh! Oh! Que está acontecendo? Não consigo me mexer. Oh! Que... que vocês... querem?

O medo e outras reações emocionais se misturam às vezes de maneiras muito complexas em casos de rapto. O temor avassalador, por exemplo, é um dos principais temas dos livros *Comunhão* e *Transformation* (Transformação), nos quais o popular autor Whitley Strieber descreve seus contatos com seres humanóides que ele chama de "visitantes". Embora transparecesse certo temor, Strieber também enfatizou a idéia de desenvolver um relacionamento positivo com esses seres. Uma atitude semelhante parece ter sido expressa por

muitas pessoas que escreveram para ele acerca de suas experiências com entidades ufológicas. Sua esposa Anne diz: "Recebemos um monte de cartas de pessoas dizendo: 'Eles [os alienígenas] pareciam familiares'; ou: 'Sempre senti que não pertencia à Terra; quando criança, eu olhava para o céu e dizia a minha mãe que viera para cá numa nave espacial.'"

Budd Hopkins, cuja opinião acerca das entidades alienígenas costuma ser negativa, tece alguns comentários sobre os possíveis motivos para Strieber ter uma visão positiva de seus visitantes:

Strieber ligou para mim certa vez, revelando-me que os alienígenas haviam lhe dito para mudar o título de seu livro de *Body Terror* (Terror corporal) para *Comunhão*, de um título sugerindo que eles eram assustadores para outro sugerindo que eles eram bem mais simpáticos. Depois de um mês, ele voltou a me ligar, bastante irritado, dizendo ser importantíssimo eu mudar o título de meu livro de *Intrusos* para algo mais agradável — ou, então, eu acabaria me encrencando. Ele dizia aquilo para se referir ao fato de "eles" não estarem gostando do título, e não ao fato de o título representar algum inconveniente do ponto de vista editorial.

Em muitos casos, pessoas que experimentam raptos por óvnis tendem a considerar seus captores indiferentes e carentes de compaixão, além de costumarem dizer que sentiram ter sido tratadas como cobaias. Em vista de nossa própria e notória crueldade para com humanos e animais



indefesos, certas pessoas têm apreendido uma justiça irônica nesta espécie de depoimentos. E, o que é mais interessante, as próprias entidades ufológicas, segundo relatos freqüentes de humanos que dizem ter estado com elas, tecem comentários sarcásticos sobre os motivos e comportamento humanos.

Contudo, nem todas as testemunhas de rapto descrevem suas experiências em termos negativos ou temerosos. Em certos casos, as pessoas relatam terem se encontrado com entidades ufológicas, a princípio, durante uma aterradora cena de rapto, para acabarem, então, desenvolvendo um relacionamento amistoso no transcurso de encontros subseqüentes. Dois exemplos disto são as histórias de William Herrmann e Filiberto Cardenas. Estes relatos representam um cruzamento entre raptos por óvnis e os chamados casos de contato, em que uma pessoa alega ter estabelecido uma voluntária relação amistosa com seres alienígenas. As histórias de Herrmann e Cardenas serão analisadas junto do fenômeno contato, no Capítulo 5.

Outro exemplo de reação positiva a um rapto por óvni foi o apresentado por John Salter. Professor de sociologia da Universidade de Dakota do Norte e um ativista em prol da justiça social, Salter esteve bastante envolvido com o movimento de direitos civis no Mississippi, na década de 1960. Segundo conta ele, em 20 de março de 1988, viajava com seu filho John III de Dakota do Norte para o Mississippi, onde iria apresentar um

trabalho sobre direitos civis. Àquela época, ele não tinha o menor interesse em óvnis e não lera praticamente nada sobre o assunto.

Por algum motivo, salientou, ele escolhera um percurso através de Wisconsin, cheio de pequenas estradas de terra, que acabou o afastando bastante de seu destino. À uma certa altura ao longo do caminho, tanto ele quanto seu filho experimentaram amnésia por um tempo considerável da viagem, estendendo-se desde o final da tarde até por volta das 19h45, com um pequeno lapso de recuperação da memória por volta das 18h30. Após recuperarem a memória, dirigiram por mais algum tempo, pernoitaram, e então prosseguiram viagem pela manhã. Por volta das 10h14, avistaram uma prateada e tremeluzente forma parecida com um pires que se precipitou por sobre eles e desapareceu em alta velocidade. Tanto o pai quanto o filho sentiram que aquilo tinha algo a ver com suas experiências do dia anterior.

Em fins de junho de 1988, o Salter pai passou a ter lembranças espontâneas do que havia acontecido durante seu período de amnésia. Segundo observou ele, seu filho passou a ter lembranças semelhantes a partir de novembro de 1988. Salter disse ter deliberadamente esperado as memórias do contato de seu filho virem à tona para lhe contar o conteúdo de suas próprias lembranças.

Lembrou-se de ter se embrenhado por uma estrada estreita e acidentada que dava numa área de floresta. Ao estacionar, duas ou três pequenas figuras humanóides e outra figura mais alta vieram

ao encontro dele e de seu filho. As figuras menores tinham de 1m a 1m20 de altura, com cabeças grandes e olhos oblíquos notavelmente grandes. A figura mais alta parecia "mais humana". Estes seres os levaram até um óvni estacionado, onde lhes fizeram exames médicos. O Salter pai disse que eles inseriram algum tipo de sonda pela sua narina direita e também lhe aplicaram diversas injeções. Depois, ele e o filho foram devolvidos ao seu veículo.

Apesar de este ser um típico relato de rapto por óvni, Salter e seu filho compartilharam a forte sensação de terem tido um contato positivo e benéfico. Salter também percebeu uma nítida melhora de saúde física após o contato, tendo atribuído isto aos tratamentos administrados pelos humanóides. O fato de esta reação não se limitar apenas a Salter é indicado por uma carta que lhe foi escrita pelo folclorista Thomas Bullard:

Em meus estudos iniciais, pareceu-me prevalecer um padrão de hostilidade, frieza e exploração que me persuadiu quanto ao fato de estes seres não estarem tramando nada de bom. Desde então, tenho recebido diversas cartas de pessoas que encararam a experiência delas da mesma forma positiva que você. Com certeza sempre aparecem pessoas com sensações negativas. Isto é compreensível, até mesmo razoável se levarmos a experiência do rapto ao pé da letra. Todavia, quanto mais eu aprendo, mais me dou conta do fato de a experiência ter um lado positivo menos óbvio. Alguns raptados, além de sentirem uma profunda e permanente afeição por seus captores,

percebem que esses sentimentos são correspondidos.

## **Tempo perdido**

O caso Salter demonstrou a característica comum do tempo perdido, em que as pessoas percebem uma misteriosa lacuna em sua memória devido às experiências relacionadas a óvnis. O caso Buff Ledge é um outro exemplo disto. Nestes dois casos, constatamos que as pessoas reagiram de forma diferente a este período de amnésia. Michael e Janet, do caso Buff Ledge, não conseguiram se lembrar de suas experiências no óvni sem o auxílio da hipnose, e a lembrança de Janet foi menos completa que a de Michael. Já os Salter lograram se lembrar de seu encontro com os humanóides espontaneamente, mas o Salter pai recuperou sua memória do acontecido diversos meses antes de seu filho. Isto sugere que a perda de memória induzida pelos óvnis pode, como outras formas de amnésia, dever-se em parte a mecanismos psicológicos individuais.

Também há a possibilidade de as entidades ufológicas induzirem deliberadamente a perda de memória de modo a esconder suas operações. Em alguns casos relatados, as entidades incutem na testemunha ameaçadoras sugestões pós-hipnóticas do tipo "você vai morrer caso se lembre desses eventos". Hopkins apresenta vários exemplos, inclusive as histórias de "Steven Kilburn", "Dr. Géis" e "Kathie Davis". Barney Hill

também se lembrou de quando seus captores lhe disseram: "Você tem que esquecer, você vai esquecer, pois, se não esquecer, isto só vai lhe fazer mal."

Em outros casos, segundo é contado, as entidades apenas dizem às testemunhas que ele ou ela não se lembrarão de nada. Num contato ocorrido ao norte de Los Angeles, em 1956, elas parecem inclusive ter convencido uma das testemunhas, uma mulher chamada Emily, de que era melhor ela não falar nada porque ninguém ia se interessar de fato por aquela experiência. Embora parecesse se lembrar de tudo, Emily não falava nada e, ainda por cima, tomava o partido das entidades ufológicas contra as pessoas que a interrogavam.

Há casos de as testemunhas se darem conta do tempo perdido vinculado à visão de um óvni, apesar de não se ter conhecimento da ocorrência de um rapto. Eis um exemplo ocorrido em setembro de 1963 na Inglaterra. Paul, 21 anos de idade, dirigia rumo ao povoado de Little Houghton, às duas horas da manhã. De repente, se viu a pé e completamente molhado nas redondezas de Bedford às sete horas da manhã. Sua última memória consciente foi de ter visto uma brilhante luz branca no céu se precipitando em direção ao pára-brisa de seu carro. Um amigo levou-o de volta pela auto-estrada A428 em busca de seu carro, que eles encontraram trancado no meio de um campo encharcado pela chuva, sem pista alguma que indicasse como ele foi parar ali. Paul trazia as chaves do carro no bolso.

Neste caso, não se usou a hipnose. Na ausência de maiores informações, seria possível suspeitar que Paul sofria de epilepsia ou de alguma espécie de estado de fuga psicológica. Contudo, a história do carro encontrado no campo, se for verdadeira, acrescenta um elemento de mistério ao caso. Como teria ido parar no campo sem deixar pistas? Teria o carro sido içado e levado até ali por via aérea?

Em outro caso britânico, este de janeiro de 1974, Jeff e Jane, os dois com vinte anos de idade, andavam de carro às 21h30. Tiveram a experiência de serem seguidos por uma luz verde no céu. À uma certa altura, a luz pareceu desaparecer, mas, quando eles pararam e saíram do carro, foram iluminados por feixes de luz verdes e azuis de um escuro objeto oval acima deles. Ambos saíram, com o carro, mas, de repente, acharam-se em outra cidade à 1h30, sem memória alguma de como foram parar ali. Então, após terem dirigido por mais alguns minutos, acharam-se em uma terceira cidade, a quarenta quilômetros de distância da primeira, com outro lapso de memória. Agora eram 3h30. Neste caso, também não se usou a hipnose.

Eis um exemplo de um caso semelhante de tempo perdido em que o rapto foi revelado após ser usada a hipnose para sondar uma possível perda de memória. Em 11 de junho de 1976, em Romans, França, Helene Giuliana, empregada da casa do prefeito de Hostun, avistou um grande brilho alaranjado no céu enquanto voltava para casa depois de assistir a um filme. Naquela altura,

o Renault dela enguiçou. Após a luz desaparecer de súbito, o carro de Helene tornou a funcionar e ela voltou para casa — com cerca de quatro horas de tempo perdido. Hipnotizada, ela relatou ter sido levada para um recinto por "pequenas figuras com olhos grandes e rostos feios, presa numa mesa e examinada, sobretudo em volta do abdome".

## **O papel da hipnose**

Até aqui, muitos dos relatos de raptos por mim apresentados ficaram conhecidos por meio da hipnose. Nestes casos, seria possível sugerir que o processo da hipnose, de alguma forma, estimula fantasias de raptos nas mentes das testemunhas de óvnis. Evidentemente, sobressai no caso Buff Ledge o fato de Michael e Janet terem produzido histórias sob hipnose que se ratificaram entre si, muito embora os dois não tivessem oportunidade de conversar a respeito do assunto das histórias. Mas seria possível aventar a hipótese de os dois hipnotizadores terem extraído histórias semelhantes das duas testemunhas ao lhes fazerem perguntas capciosas.

Esta idéia foi explorada por Alvin Lawson, professor de inglês da Universidade Estadual da Califórnia, em Long Beach, num ensaio intitulado: "Que podemos aprender com a hipnose de raptos imaginários?" Lawson hipnotizou oito pessoas e lhes fez perguntas do tipo: "Imagine estar vendo algumas entidades ou seres a bordo de um óvni. Descreva-os"; e então: "Você está se submetendo

a certo tipo de exame físico. Descreva o que está lhe acontecendo." Embora não parecessem ter conhecimento algum acerca de óvnis, as oito pessoas produziram histórias de raptos em resposta a tais perguntas. Para explicar isto, mais tarde, Lawson publicou a teoria de que cenas de raptos envolvendo seres com cabeças grandes e corpos esguios se baseiam em memórias do trauma do nascimento e de nosso formato corpóreo enquanto fetos.

No entanto, o trabalho de Lawson tem sido muito criticado. Segundo salienta Jenny Randles, as perguntas feitas por ele eram capciosas e seu banco de dados de oito pessoas era pequeno demais. Além disso, nas histórias de raptos imaginários de suas oito cobaias, havia seis tipos de entidades alienígenas, incluindo quatro tipos que quase nunca aparecem em relatos de raptos. E além de tudo sua teoria da memória fetal é infundada, já que as pessoas jamais vêm a si mesmas ou a outros fetos à hora do nascimento. Apesar de o estudo de Lawson ter sido invalidado, há, mesmo assim, motivos para se suspeitar que a hipnose possa induzir alguém a gerar ou seriamente distorcer depoimentos de raptos por óvni. Em geral, a hipnose é reconhecida como um veículo para recuperar memórias perdidas, mas também é notório o fato de as pessoas hipnotizadas às vezes criarem fantasias — um processo conhecido como "confabulação". Uma análise interessante deste processo, com referências à literatura da hipnose, foi apresentada por Ann Druffel e D. Scott Rogo a



respeito de certos depoimentos de raptos que pareciam ser misturas de confabulação e recordação autêntica.

Não é verdade que toda hipnose realizada por investigadores ufológicos faça surgir relatos de raptos por óvnis. Conforme observa Randles, em certos casos britânicos, para os quais se usou a hipnose com o intuito de desvendar um raptos por óvni, nenhum cenário de raptos foi revelado. Segundo salienta ainda a mesma Randles, Budd Hopkins tem casos nos Estados Unidos em que ocorreu a mesma coisa. De fato, num estudo de 79 casos mencionado por Hopkins, os dados disponíveis são: em vinte deles um raptos foi lembrado com o auxílio da hipnose, em onze se usou a hipnose, mas nenhum raptos foi lembrado, e em cinco casos um raptos foi lembrado sem o auxílio da hipnose. Os 43 casos restantes não haviam sido avaliados por completo à época do relatório.

Randles também cita um estudo do Dr. Thomas Bullard de mais de duzentos casos de raptos dos quais um terço tinha integralmente a memória consciente da experiência. Segundo demonstrou uma análise destes casos, as experiências de raptos lembradas sob hipnose foram essencialmente iguais às lembradas sem hipnose. A diferença mais notável entre os dois grupos de casos foi que os exames médicos foram mencionados com duas vezes mais frequência em casos envolvendo o auxílio da hipnose do que em casos de lembrança direta. Isto seria de se esperar, é claro, visto serem os exames médicos

mais passíveis de serem bloqueados por uma amnésia do que outros aspectos menos traumáticos das experiências de raptos.

As descobertas mencionadas por Randles se equiparam às de David Webb num estudo de trezentos relatos de raptos do HUMCAT, um banco de dados de contatos com óvnis envolvendo humanóides. Destes trezentos relatos, Webb descobriu que 140 satisfaziam os cinco seguintes critérios de confiabilidade: (1) clara indicação de raptos, (2) caso razoavelmente bem investigado, (3) nenhuma evidência de embuste ou de psicopatia por parte da testemunha, (4) dados suficientes para avaliar o cenário geral e o grau da hipnose utilizada, e (5) caso não envolvendo óvnis avariados.

Webb dividiu estes casos em três categorias: aquelas em que a informação a respeito do raptos abordado do óvni foi obtida (I), sobretudo com, (II) em parte com e (III) inteiramente sem o uso da hipnose. A última categoria foi dividida em duas subcategorias: (IIIa) em que se usou a hipnose, mas esta nada acrescentou e (IIIb) em que não se usou a hipnose. À época deste relatório, ele havia revisto 117 dos 140 casos e obtido os seguintes resultados:

Categoria	Número de relatos	%
I	61	52
II	11	9
IIIa	8	7
IIIb	37	32

Resulta daí que, em 39% dos casos, nenhuma informação de rapto a bordo dos óvnis foi obtida usando a hipnose. Conforme salientou Webb, eram extraordinárias as semelhanças entre os conteúdos dos relatos das categorias I e II.

O caso de Betty e Barney Hill se enquadra na categoria II de Webb. Antes de se submeter à hipnose, Barney Hill se lembrou de ter visto, com o auxílio de um binóculo, um homem com olhos estranhos dentro de um óvni que pairava no ar. Alegou, também, que aquele homem parecia estar assumindo o controle da mente dele. Da mesma forma, Betty Hill sonhou com certos detalhes de sua experiência de rapto antes das sessões de hipnose.

A história revelada por esses sonhos era muito semelhante àquela desvendada mais tarde sob hipnose. O psiquiatra dos Hill, Dr. Benjamin Simon, não acreditava de forma alguma em óvnis e, de acordo com seu argumento veemente, a experiência do rapto teve origem nos sonhos de Betty Hill e foi mais tarde incorporada na mente de Barney mediante a comunicação deste com a esposa. Barney, porém, não estava ciente dos sonhos da esposa. Segundo escreve Raymond Fowler, ele esteve com os Hill antes de suas sessões de hipnose com o Dr. Simon e ouviu Betty recontar seus sonhos. Disse ele: "Ambos expressaram o temor de terem sido levados a bordo de uma nave alienígena para um exame físico."

Entretanto, a comunicação entre marido e mulher não explica o motivo para Betty Hill ter a princípio

sonhado com o cenário padrão do rapto, acompanhado do exame médico. Este cenário era praticamente desconhecido nos Estados Unidos àquela época, mas havia muitos cenários usuais em ficção científica que poderiam ter fornecido a base para um aterrorizante sonho com alienígenas.

Outra peculiaridade vinculada à hipnose enquanto ferramenta recuperadora de memórias perdidas é que, em certos casos, a informação obtida sob hipnose é corroborada de modo independente. Um exemplo disto seria a história de "Steven Kilburn" apresentada por Budd Hopkins. Sob hipnose, Steven (cujo nome verdadeiro é Michael Bershad) revelou um típico cenário de rapto, incluindo um exame físico, realizado pelas entidades gray usuais, no qual pareceu constar um exame neurológico.

Steven descreveu este exame para um neurocirurgião chamado Paul Cooper. Eis a reação do Dr. Cooper, conforme relato de Hopkins:

Steven é um rapaz extraordinário. Além de ser sobremaneira brilhante e acreditável, é um excelente observador. (...) Tudo que me contou sobre o que fizeram com ele e como seu corpo reagiu correspondia exatamente ao que deveria ter acontecido se estimulassem os diferentes nervos que, segundo ele, foram tocados pelos seres. Eu até tentei desorientá-lo. (...) E ele não tem conhecimento específico sobre o sistema nervoso. Ele teria que saber muito para inventar tudo aquilo, e estou certo de que não é do tipo que

mente. É um rapaz decente que me impressionou de fato.

Subentende-se disto que, sob hipnose, vieram à tona informações anatômicas especializadas jamais estudadas por Steven em nível consciente. Supondo que ele não estava mentindo acerca de sua falta de informação médica, seria possível aventar a hipótese de ele ter certa vez lido um livro didático de neuroanatomia, lembrando-se dele apenas de forma subconsciente e incorporando o seu conteúdo em sua história de rapto. E sabido que este tipo de coisa ocorre de fato — chama-se criptomnésia. Existem casos, por exemplo, onde uma "vida pregressa" lembrada sob hipnose é atribuída a um livro lido e depois esquecido pelo paciente.

Mesmo sendo uma possível explicação para o depoimento de Steven sobre seu exame neurológico, a criptomnésia parece ser uma explicação improvável. Uma coisa é se lembrar de informações extraídas de um texto médico, e outra bastante diversa é converter esse conhecimento numa descrição precisa de como se comportaria o corpo durante um exame. Isso poderia muito bem exigir uma espécie de treinamento médico em nível prático que não seria esquecido tão facilmente. Logo, se o depoimento do Dr. Cooper é mesmo autêntico, parece por certo acrescentar valor à história de rapto de Steven.

Em resumo, esses dados subentendem que as experiências de rapto típicas são por vezes lembradas com ou sem hipnose. Como as

experiências lembradas com o auxílio da hipnose tendem a ser praticamente iguais àquelas lembradas sem ela, o processo de hipnose em si não parece ser uma causa maior de relatos de raptos. Se os raptos lembrados sem a hipnose fossem reais, também o seriam os raptos lembrados com hipnose.

Devo salientar, no entanto, que, sob hipnose, podem vir à tona histórias muito duvidosas. A psicóloga Edith Fiore, por exemplo, reconta a história de um homem chamado "Dan", em quem ela aplicou uma regressão hipnótica na esperança de recuperar memórias de possíveis contatos imediatos. Dan prosseguiu descrevendo uma vida anterior como um cruel soldado numa espaçonave interestelar. Sua função era dar "descidas" em planetas designados e eliminar cidades-alvo com "feixes luminosos de força" sem fazer perguntas. O soldado e seus compatriotas eram de todo humanos e levavam uma vida que faz lembrar Jornada nas estrelas. O soldado teria sido "aposentado" ao ser transferido mentalmente para o corpo de uma criança do estado de Washington, desalojando a mente original desta criança, que cresceu, então, como Dan.

Neste caso, parece duvidoso que a história tenha sido produzida em decorrência de perguntas capciosas, pois a hipnotizadora não fazia a menor idéia de que uma história dessas viria à tona. Porém, em contraste com os relatos sobre raptos por óvnis, a história de Dan parece muito semelhante àquelas de ficção científica, além de ter o próprio Dan figurando no papel ególatra de

um soldado durão e autoconfiante. Como Dan havia lido bastante ficção científica, é bem possível que tivesse transformado esses temas numa fantasia subconsciente. A hipnose, ao que parece, é uma ferramenta imperfeita e mal entendida que, mesmo produzindo resultados úteis, não pode gozar de nossa plena confiança.

Já que é assim, mostrarei o exemplo resumido de um famoso caso de rapto em que duas testemunhas oculares depuseram sobre a experiência delas sem hipnose umas poucas horas após o ocorrido. A informação a seguir é extraída do relato de William Mendez, que investigou este caso detidamente.

Durante a noite de 11 de outubro de 1973, Charles Hickson, 42 anos, e Calvin Parker, 19, pescavam na beira de um cais no rio Pascagoula, no Mississippi. Segundo relataram, repentinamente surgiu um óvni de forma oval que emanava uma luz azul pulsante e produzia um "zunido". Apareceu uma abertura no objeto, de onde três estranhas figuras flutuaram para fora, agarraram os homens e flutuaram de volta com eles através da mesma abertura. Lá dentro, Hickson relatou ter experimentado luzes brilhantes e ser examinado por uma espécie de "olho" que saía da parede. Após o que pareceu durar pouco tempo, os dois homens foram devolvidos ao local onde haviam sido pegos, e o óvni pareceu desaparecer de repente. Eles ligaram para a Força Aérea e foram encaminhados ao departamento de polícia local. No escritório do xerife, eles foram interrogados, tendo depois sido deixados a sós num recinto

interceptado por um gravador secreto. Eis uma transcrição de algumas das observações feitas por eles após serem deixados a sós.

Charles: Calvin, cê tá legal?

Calvin-. Qué sabê, tô morrendo de medo.

Charles: A gente tem de sair e contar pra Blanche, ela... tô te dizendo, é uma coisa que te faz morrer de medo, sabe? Meu Deus!

Calvin: Quem ouve um negócio desse não acredita.

Charles: É mesmo, quem ouve... eu sei, Calvin, eu sei, mas... Calvin: Na certa é negócio que os Estados Unidos botou lá em cima!

Charles: Não, não, não pode ser.

Calvin: Sei não.

Charles: Mas não o que vimos, não o que vimos — é diferente — e a Força Aérea sabe disso também — e essa não vai ser a única vez, vai acontecer de novo. E até eles...

Calvin: Essa noite eu queria ter um ataque do coração, sem sacanagem.

Charles: Tô sabendo.

Calvin: Quase morri.

Charles: Tô sabendo, filho, também tô morrendo de medo. Calvin: Tô quase chorando — não consigo.

Charles: Tô sabendo — é uma coisa que não dá pra esquecer. Meu Deus!

Calvin: Que esse negócio tem demais — ninguém vai acreditar mesmo!

Charles: Eu pensava que já tinha ido pro inferno nesta Terra, inda por cima tenho que passar por



um troço desse. Mas eles podiam ter feito qualquer coisa com a gente — eles não me machucaram.

Calvin: Por que será que nos pegaram?

Charles: Sei lá, sei lá. Só sei que não tô entendendo nada.

Um pouco mais adiante na conversa, os dois homens se referiram de modo mais explícito ao que haviam visto:

Calvin: Porque eu vi eles. Não consigo entender aquele troço... você viu aquela porta abrir de repente na nossa frente?

Charles: É, só não sei como abriu, filho. Eu não.

Calvin: Não vi vaivém de porta nem...

Charles: Não sei como abriu... não sei.

Calvin: Eu não vi ela abrir. Tudo que vi foi aquele zunido. Charles: Você já tinha visto um troço desse?

Calvin: Depois olhei em volta... aquelas malditas luzes azuis e aqueles filhos da mãe de repente apareceram.

Charles: Eu sei, não dá pra acreditar e não dá pra fazer as pessoas acreditarem.

Segundo consta, o xerife, após ouvir a fita desta conversa, ficou convencido de que os dois homens estavam contando uma história honesta. Mas poderiam eles estar agindo ou sofrendo de alguma espécie de delírio? Mendez relatou ter estudado com minúcia o caráter dos dois homens através de entrevistas pessoais e entrevistas com amigos,

familiares e padrões. Pelo que ele descobriu, parecia muito improvável que os dois estivessem encenando um embuste.

Testes psicológicos administrados pelo Dr. Bernard Bast no Hospital Harper de Detroit, em 1976, não indicaram sinal algum de comportamento psicótico, histeria ou distúrbio mental, nem em Hickson nem em Parker àquela época. Bast também disse ser improvável que eles estivessem sofrendo de Folie a deux. Trata-se de um distúrbio através do qual a influência de uma pessoa psicótica predominante sobre um companheiro submisso resulta em experiências de delírio compartilhadas por ambos.

## **Avaliação psicológica dos raptados**

Evidentemente, é natural supor que as estranhas histórias de pessoas raptadas por óvnis se devam a alguma espécie de aberração mental. A fim de pôr esta hipótese à prova, foram feitos diversos estudos psicológicos com os raptados, alguns dos quais analisarei nesta seção.

Um destes estudos foi realizado em 1981 por dois pesquisadores ufológicos, Ted Bloecher e Budd Hopkins, e uma psicóloga, a Dra. Aphrodite Clamar. Eles selecionaram cinco homens e quatro mulheres que haviam relatado experiências de rapto por óvni envolvendo tempo perdido, contatos com alienígenas, exames físicos a bordo das naves e assim por diante. Solicitaram a uma psicóloga, a Dra. Elizabeth Slater, uma avaliação

comparativa das forças e fraquezas psicológicas daquelas pessoas. Além de não terem dito a esta psicóloga que as nove pessoas tinham algo a ver com óvnis, orientaram as mesmas para que não lhe revelassem nada.

Os pacientes eram uma professora secundária (fotografia), um perito em eletrônica, um ator e instrutor de tênis, uma advogada, uma publicitária, um executivo, o diretor de um laboratório químico, um vendedor, um técnico em eletrônica e uma secretária. Foram-lhes administrados os testes MMPI, o Wechsler Adult Intelligence Scale, o Thematic Apperception Test (TAT), o teste Rorschach e o teste de desenhos projetivos.

Os nove pacientes eram "bastante heterogêneos" em termos de personalidade, concluiu Slater, mas tendiam a compartilhar os seguintes traços:

1. inteligência relativamente alta com concomitante riqueza de vida interior;
2. fraqueza relativa quanto ao sentido de identidade, em especial identidade sexual;
3. concomitante vulnerabilidade no âmbito interpessoal;
4. certa orientação no sentido de uma prontidão que se manifesta... em determinada sofisticação e vivacidade perceptuais ou em hipervigilância e cautela interpessoais.

A Dra. Slater descobriu, também, que os nove pacientes tendiam a ser ansiosos, por vezes até demais. Tendiam a sofrer de baixa auto-estima e

de uma sensação de vulnerabilidade a insultos e danos. Embora mostrassem ser desconfiados e cautelosos, ela os descreveu como supersensíveis, e não como paranóicos.

Após ficar sabendo das histórias de óvnis dos pacientes, Slater ficou estupefata. Após ler o livro *Missing time* (Tempo perdido), de Hopkins, e se encontrar com Clamar, Hopkins e Ted Bloecher, ela disse o seguinte em seu relatório final:

A primeira e mais crucial pergunta é se as experiências relatadas por nossos pacientes poderiam ser estritamente atribuídas a alguma espécie de psicopatia como, por exemplo, um distúrbio mental. A resposta é um não categórico. Em termos gerais, se os raptos relatados fossem produções de fantasia confabulada, baseadas no que conhecemos sobre distúrbios psicológicos, poderiam apenas ter-se originado de mentirosos patológicos, esquizofrênicos paranóicos, doentes gravemente perturbados e histeróides extraordinariamente raros sujeitos a estados de fuga e/ou alterações múltiplas de personalidade. [Grifo de Slater.]

Logo, não foi possível explicar as experiências de raptos dos pacientes psicologicamente. Contudo, observou Slater, a ansiedade e a insegurança deles poderiam ser atribuídas de imediato a verdadeiros raptos por óvnis:

Decerto, uma experiência inesperada, aleatória e literalmente do outro mundo, tal como é o raptos por óvni, no qual o indivíduo não tem nenhum

controle sobre o desfecho, constitui um trauma de grandes proporções. Hipoteticamente, seu impacto psicológico poderia ser análogo àquele constatado em vítimas de crimes ou vítimas de desastres naturais, já que representaria um evento durante o qual o indivíduo se vê dominado por circunstâncias externas de uma maneira extrema. Convém atentar para o fato de ser típico os pacientes se lembrarem de terem sido submetidos tanto ao controle mental quanto a uma perda ainda mais básica do controle sobre a função motora — i.e., segundo relataram eles, parecer-lhes terem sido fisicamente transportados para os óvnis, além de terem sido de alguma forma privados de qualquer capacidade mental de resistência física. Eventos assim, em que se nega ao indivíduo toda oportunidade de exercitar formas mínimas de domínio, só podem ser caracterizados como sendo psicologicamente traumáticos.

Slater salientou ser possível, portanto, estabelecer uma analogia entre pessoas raptadas por óvnis e vítimas de estupro. Conforme concluiu ela, apesar de não provar a realidade dos raptos por óvnis, o estudo demonstrou que os problemas psicológicos dos pacientes poderiam ser explicados em termos de tais experiências, e não ao contrário.

Outro estudo psicológico acerca de pessoas raptadas por óvnis foi realizado por Rima Laibow, M. D., uma psiquiatra de Dobbs Ferry, Nova York, formada pela Faculdade de Medicina Albert Einstein da cidade de Nova York. Baseada em seu

trabalho pessoal com onze raptados e em seu conhecimento de 65 casos, ela fez observações semelhantes às de Slater. Embora esperasse detectar psicose em pessoas relatando experiências tão bizarras, apenas constatou a ansiedade que seria consequência normal de tais experiências.

Nos raptados, ela constatou distúrbio de esgotamento pós-traumático (PTSD), o qual, segundo se pensa, só é produzido por traumas decorrentes de eventos. (O PTSD refere-se a traumas de fatos ocorridos em nível físico, e não de fantasias geradas dentro da mente.) As fantasias, também observou ela, costumam variar muito de indivíduo para indivíduo, ao passo que as histórias de rapto por óvni tendem a ser muito semelhantes.

A Dra. June Parnell, consultora profissional da Universidade de Wyoming, escreveu um ensaio de cem páginas intitulado Características de personalidade, segundo os testes MMPI, 16PF e ACL, de pessoas que alegam ter tido experiências com óvnis, publicado pela universidade em 1986. Ela aplicou estes testes em 225 testemunhas relatando contatos com óvnis de toda espécie. Segundo sua descrição das pessoas relatando contatos e raptos exóticos, elas "têm um alto nível de energia psíquica, são auto-suficientes, habilidosas e preferem suas próprias decisões (...) [com] inteligência acima da média, positividade e tendência a serem pensadoras experimentais, a terem uma atitude reservada e a ficarem na defensiva. Havia também um alto nível dos

seguintes traços nestas testemunhas de contato profundo: 'suspeita ou desconfiança (...)  
criatividade e imaginação fértil (...)''.

Esta descrição é bastante semelhante à de Slater. As pessoas raptadas por óvnis também têm sido estudadas pela Dra. Jean Mundy, que trabalhou dez anos como psicóloga clínica sênior no St. Vincent's Hospital, em Nova York, diagnosticando doentes mentais. As pessoas raptadas por óvnis, segundo concluiu ela, não apresentam nenhuma das facetas do comportamento clássico de portadores de distúrbios mentais. Ela também as encarou como vítimas da síndrome do esgotamento pós-traumático: "Assim reagem as pessoas que experimentaram traumas terríveis — vítimas do holocausto, veteranos do Vietnã, ou vítimas de estupro. Apesar de desconhecemos a natureza do trauma experimentado por elas, sabemos que não se trata de imaginação; é algo que as atingiu de fora, sendo, neste sentido, 'real'."

Da mesma forma, Aphrodite Clamar, a psicóloga de Nova York e freqüente parceira de trabalho de Budd Hopkins, afirma: "As pessoas que alegam ter tido um contato estranho, de qualquer que seja o grau, são pessoas comuns, nem psicóticas nem mediúnicas, pessoas como você e eu. Não consegui encontrar nenhum ponto em comum entre elas — além, é claro, de sua experiência com os óvnis —, e nenhuma patologia em comum; de fato, absolutamente nenhuma patologia discernível."

Cabe observar que Clamar, responsável por boa parte da regressão hipnótica feita em testemunhas de óvnis no trabalho de pesquisa inicial de Budd Hopkins, manteve suas reservas no tocante à realidade dos óvnis. Ela não era de forma alguma uma "crente em óvnis".

## **O fator psíquico**

Vários psicólogos concordam claramente em que as pessoas raptadas por óvnis não tendem a ser mentalmente perturbadas, ou "psicóticas". Contudo, muitas parecem tender a ser "mediúnicas", no sentido de que experimentam fenômenos psíquicos incomuns.

Já tive oportunidade de mencionar a existência de um elemento psíquico nos relatos sobre óvnis (páginas 76-77) e, nesta seção, analisarei este assunto com mais minúcia. Infelizmente, para isto é necessário conciliar dois temas desacreditados: óvnis e fenômenos psíquicos. Conforme já argumentei, os relatos sobre óvnis merecem ser levados a sério. Porém, antes de analisar o elemento psíquico nestes relatos, devo também dizer algumas palavras indicando por que se deve levar a sério os relatos sobre fenômenos psíquicos. Tentarei fazer isto apresentando fortes provas de alguns fenômenos psíquicos extremamente controversos.

Destaquei as observações feitas por Hudson Hoagland sobre médiuns e óvnis num editorial publicado na Science, em 1969 (Capítulo 1). Seus



comentários a respeito da história da pesquisa psíquica refletem os pontos de vista de muitos cientistas com relação a este campo:

Desde a Segunda Guerra, o interesse por óvnis vindos do espaço exterior, controlados por seres inteligentes, assemelha-se, e muito, ao interesse pelos chamados fenômenos físicos da pesquisa psíquica após a Primeira Guerra. Médiuns espiritualistas alegavam poder movimentar objetos por meio de forças sobrenaturais, incluindo a produção de emanções ectoplasmáticas de seus corpos. (...) A crença nesta espécie de coisa envolveu muitos profissionais, inclusive alguns distintos cientistas, religiosos, médicos, escritores e homens de negócios, e as sociedades de pesquisa psíquica publi-caram inúmeros ensaios de apoio de natureza pseudocientífica.

Para Hoagland, a pesquisa psíquica e a pesquisa ufológica são semelhantes no sentido de que ambas se caracterizam por delírios, fraudes e ciência inútil em geral. Sem dúvida, ele está certo quanto ao fato de se poderem encontrar estes defeitos em ambos os campos. Em particular, o mundo dos médiuns espíritas é famoso por seus casos de fraude, e podem ser encontrados extensos relatos acerca disto em livros como *The Psychic Mafia* (A máfia psíquica), escrito pelo assumido médium vigarista M. Lamar Keene.

Contudo, poderia ser um equívoco descartar os fenômenos ligados a médiuns por considerá-los de todo falsos. Seria possível citar muitos casos demonstrando provas significativas da realidade

destes fenômenos. A seguir apresento um resumo de um deles. Este caso é descrito em maiores detalhes num livro intitulado *The Limits of Influence* (Os limites da influência), de Stephen Braude, professor de filosofia da Universidade de Maryland.

No início do século XX, havia uma médium chamada Eusapia Palladino, que se tornou conhecida por produzir movimentação sobrenatural de objetos e emanções ectoplásmicas. Ela foi estudada por uma série de distintos cientistas, tendo também sido flagrada em fraude. As pessoas que a investigaram concordaram com o fato de que ela trapacearia se lhe fosse oportuno, mas, conforme argumentaram algumas pessoas, não poderia ter falseado certos fenômenos estranhos observados em sua presença.

Procurando esclarecer este enigma, a Sociedade de Pesquisas Psíquicas da Inglaterra reuniu um "Esquadrão da Fraude", formado por:

1. Lorde Everard Feilding, que alegava ser um cético integral no tocante a médiuns espiritualistas e que flagrara muitos deles em atos fraudulentos;
2. Hereward Carrington, mágico amador que escreveu *The Physical Phenomena of Spiritualism* (O fenômeno físico do espiritualismo), três quartos do qual eram dedicados a uma análise da mediunidade fraudulenta; e
3. W. W. Baggally, habilidoso mágico, que "alegou ter investigado quase todos os médiuns da Grã-

Bretanha desde Home sem encontrar um que fosse autêntico". (Daniel D. Home foi um médium famoso do século XIX.)

Estes investigadores alugaram três quartos contíguos de um hotel em Nápoles, Itália, em novembro de 1908, usando o quarto central para sessões espíritas com Palladino. As luzes elétricas do quarto ficavam no teto. Antes de cada sessão, os investigadores examinavam bem o quarto e instalavam uma cortina, chamada "gabinete", transversal a um de seus cantos. Atrás da cortina havia uma mesinha rodeada pelas paredes, piso e teto, sem portas nem janelas (e presumivelmente nenhum alçapão). Examinavam bem a mesa e a cortina à procura de quaisquer dispositivos escondidos.

Após estes preparativos, um dos investigadores descia até a recepção do hotel e escoltava Eusapia Palladino sozinha até o quarto. O quarto era trancado, e Palladino se sentava a uma mesa em frente à cortina, acompanhada pelos investigadores. Dois dos homens se sentavam a cada lado da cinquentona Eusapia, agarrando-lhe braços e pernas e observando-a cuidadosamente. Em frente à mesa da sessão ficava uma mesa ocupada pelo estenógrafo Albert Meeson, que era um estranho para Eusapia, encarregado de anotar tudo quanto lhe falavam os investigadores.

Feilding explicou a estratégia dos investigadores como segue: "Pelo nosso raciocínio, se após um número razoável de experimentos, pessoas especialmente versadas em arquitetar truques e

de antemão advertidas e informadas quanto aos truques específicos esperados, não lograssem descobri-los, não seria presunçoso alegar como provável consequência o envolvimento de algum outro agente."

Eis um trecho do relato das sessões feito por Feilding. Ele começa salientando seu ceticismo, baseado em muitas observações de fraude. Nas sessões espíritas com Eusapia, contudo, ele testemunhou fenômenos que não logrou explicar, valendo-se do princípio de fraude. Suas reações diante de tal situação são interessantes:

A primeira sessão com Eusapia, desta maneira, provocou, sobretudo, uma sensação de surpresa; a segunda, de irritação — irritação por achar-se diante de um problema tolo, mas aparentemente insolúvel. A terceira sessão, durante a qual se descobriu um truque ridículo, veio como uma espécie de alívio. Na quarta, em que fomos privados do controle da médium [devido à presença de "convidados"], minha inteligência frustrada buscou se esquivar da responsabilidade de encarar os fatos, alimentando dúvidas grotescas quanto à competência dos eminentes professores, que assumiram nossos lugares, em observar as coisas de forma apropriada; ao passo que na quinta, em que tal situação não era mais possível, visto estar eu próprio constantemente controlando a médium, a ginástica mental envolvida no ato de enfrentar com seriedade a necessidade de concluir a favor do que era manifestamente absurdo, produziu uma espécie de fadiga intelectual.

Após a sexta, pela primeira vez descobro que minha mente, da qual o fluxo de eventos havia até então escorrido como chuva de uma capa impermeável, começa enfim a ter capacidade de absorvê-los. Pela primeira vez, tenho a absoluta convicção de que nossa observação não está equivocada. Percebo, como um fato notável, que de um gabinete vazio vi mãos e cabeças assomarem, que por trás da cortina daquele gabinete vazio fui agarrado por dedos vivos, cuja existência e até mesmo as unhas podiam ser sentidas. Vi aquela mulher extraordinária sentada e visível por fora da cortina, presa pelas mãos e pelos pés por meus colegas, imóvel, exceto pela ocasional tensão de um membro, enquanto alguma entidade dentro da cortina, repetidas vezes pressionou minha mão numa posição claramente além do alcance dela. (...)

Um relato mais detalhado das cabeças e mãos é apresentado na passagem a seguir, na qual Feilding contemplava a possibilidade de produzir os estranhos fenômenos por meio de um mecanismo:

Seria interessante propor a um fabricante de máquinas de magia que ele criasse um mecanismo capaz de produzir, alternadamente, a silhueta de um rosto negro e sem relevo, um rosto quadrado sobre um pescoço comprido e um rosto parecido com um violoncelo sobre um corpo verruguento e decrépito com sessenta centímetros de altura; além disso, uma certa mão branca com dedos

móveis e unhas, capaz de se estender bem acima da cabeça da médium, ou de dar palmadinhas, beliscar e puxar cabelo, e de agarrar B. pelo sobretudo vigorosamente, a ponto de quase arremessá-lo para dentro do gabinete. Nosso fabricante teria que construir o mecanismo de tal maneira que este pudesse ser operado de forma invisível por uma senhora um tanto robusta e idosa, trajando um simples vestido justo, sentada do lado de fora da cortina e visivelmente segura pelas mãos e pelos pés, para assim escapar da observação de dois mágicos práticos grudados nela e atentos a toda a operação.

Uma forma de encarar este depoimento é que ele representa a prova nítida do fato de algum agente desconhecido ter de fato produzido os estranhos fenômenos descritos por Feilding. Também se pode dizer, porém, que não há como provar que Feilding e seus colegas não estivessem mentindo, ou que eles não foram ludibriados por Eusapia Palladino. Poderíamos indagar qual seria de fato a prova da realidade de semelhantes fenômenos. Também se pode duvidar de outras histórias baseadas em depoimentos semelhantes ao do caso Palladino. Provas fotográficas podem ser falseadas, e o mesmo se pode dizer dos registros de instrumentos científicos. Tanto quanto posso perceber, é impossível apresentar à um cético provas incontestáveis da realidade desses assuntos (a não ser que o próprio cético passe por algumas experiências, como aconteceu com Feilding).

Munidos destes dados sobre fenômenos psíquicos, passemos agora ao tema principal desta seção: a prova de que relatos de semelhantes fenômenos tendem a se manifestar em casos de contato imediato com óvnis. Tanto como as provas relativas a médiuns espíritas, estas provas se originam de depoimentos humanos. Uma vez que tais depoimentos envolvem tanto fenômenos ufológicos quanto fenômenos psíquicos, poderão parecer sobremaneira bizarros e duvidosos. E na certa não podem ser apresentados como prova de nada. Apesar de existirem casos relatados por investigadores respeitáveis, infelizmente, o próprio ato de relatar algo absurdo, tende a comprometer a reputação de um investigador.

No final das contas, o vínculo entre os fenômenos ufológicos e os fenômenos psíquicos só poderá se tornar respeitável depois que muitas pessoas bem conceituadas o tiverem ratificado por meio do estudo de um amplo número de casos bem investigados. Por ora, contudo, o que podemos fazer é apresentar alguns exemplos demonstrando a possível existência de tal vínculo.

Começarei com o caso de Betty e Barney Hill. Segundo observa o psiquiatra Berthold Schwarz, após o contato imediato dos Hill numa solitária estrada de New Hampshire, eles começaram a experimentar fenômenos poltergeist em seu lar. Betty encontrava seus casacos espalhados de maneira inexplicável pelo chão da sala, muito embora os tivesse deixado no armário. Relógios paravam e voltavam a funcionar misteriosamente, ou então a marcação dos ponteiros era mudada.

Torneiras se abriam sem ninguém por perto e aparelhos elétricos enguiçavam e voltavam a funcionar perfeitamente sem terem sido consertados.

Mais prosaicamente, Betty Hill também relatou que, após sua experiência com o óvni, viviam seguindo-a, invadiam-lhe o apartamento e sua linha telefônica vivia sendo interceptada. A interceptação telefônica parecia surtir um efeito contrário, pois ela vivia recebendo mensagens do "Pease Air Force Base Intelligence".

A palavra alemã poltergeist, cujo significado literal é fantasma barulhento, é usada para se referir a distúrbios em que objetos se mexem ou se comportam de forma estranha, sem nenhuma causa física óbvia. Em anos recentes, alguns parapsicólogos, desejando evitar a palavra fantasma, cunharam a expressão psicocinese espontânea e recorrente para estes distúrbios. A motivação para esta mudança é a hipótese de os efeitos poltergeist poderem ser produzidos por alguma espécie de emanção energética oriunda de uma pessoa-alvo. Neste caso, Betty Hill seria o provável indivíduo-alvo, e seria possível especular se sua experiência com o óvni lhe alterou o equilíbrio energético e acionou os efeitos poltergeist.

Os fenômenos poltergeist são conhecidos há séculos, e incluem o tipo de eventos relatados por Betty Hill, bem como incêndios espontâneos, objetos voando pelo ar e movimentos espontâneos de móveis. É freqüente a pessoa-alvo num caso



poltergeist estar padecendo de algum distúrbio emocional ou de doença crônica.

Segundo salienta Schwarz, embora este não pareça ser o problema de Betty Hill, ela tinha um histórico pregresso de experiências psíquicas. Quando estava no curso secundário, ela teve muitos sonhos premonitórios precisos, inclusive dois em que anteviu as mortes de colegas de escola em acidentes automobilísticos. Muitos dos seus familiares também eram médiuns, inclusive sua avó materna e uma filha adotiva. Sua irmã, Janet, relatou ter morado numa casa assombrada por uma criança fantasma chamada Hannah, cujo nome foi revelado por um médium e mais tarde confirmado por antigos registros. Aparentemente, Barney Hill e sua família não tinham histórico pregresso de fenômenos psíquicos.

Que podemos dizer a respeito da integridade das provas relatadas por Betty Hill? Baseado em material fornecido por Berthold Schwarz e num livro famoso sobre o caso Hill intitulado *The Interrupted Journey*, minha impressão é que Betty Hill parece ser uma pessoa sensata e honesta. Portanto, parece-me plausível que ela tenha de fato experimentado os fenômenos poltergeist por ela relatados.

No entanto, *The Interrupted Journey* não fez menção alguma dessas experiências. Embora desconheça a razão para isto, percebo nas pessoas uma tendência natural de omitir de suas histórias quaisquer provas aparentemente desacreditadas. O efeito desta tendência sobre o nosso quadro da realidade pode ser mais

distorcido ainda do que a fraude deliberada. Isto é lamentável, já que uma informação que pareça desacreditada a partir de uma perspectiva teórica poderá fazer sentido a partir de uma perspectiva mais ampla. Poderá, também, fornecer-nos pistas que nos ajudem a atingir ou solidificar aquela perspectiva mais ampla.

Os fenômenos psíquicos constantes em relatos sobre óvnis tendem a enquadrar-se nas duas categorias a seguir:

1. Fenômenos psíquicos de ocorrência típica durante contatos com óvnis, incluindo comunicação telepática, levitação, matéria atravessando matéria e cura misteriosa. Às vezes, os investigadores ufológicos atribuem estes fenômenos à prerrogativa de alta tecnologia por parte das entidades ufológicas. Mesmo que isto seja correto, ainda persiste o fato de estes fenômenos também terem sido estudados no domínio da pesquisa psíquica sem referência aos óvnis. Não se deve, é claro, descartar a possibilidade de que fenômenos psíquicos não vinculados a óvnis possam também envolver alguma espécie de alta tecnologia.

2. Fenômenos psíquicos sem vínculo direto com óvnis (tais como os fenômenos poltergeist domésticos), que poderão passar a se manifestar de forma abrupta após um contato com óvni, ou pode ser que a testemunha de um contato imediato tenha um histórico antigo de experiências psíquicas. As coisas se complicam pelo fato de as testemunhas de contatos imediatos

com óvnis acabarem apresentando um histórico antigo de contatos que remontam à primeira infância.

Já vimos relatos de contatos com óvnis envolvendo comunicação telepática, levitação e a passagem de corpos através de paredes. Um exemplo de cura misteriosa consta no caso do "Dr. X", um médico francês. Este caso, a princípio estudado por Aime Michel na França, foi recontado por Jacques Vallee. Segundo Vallee, um aspecto importante do caso é que um astrofísico, um psiquiatra e um fisiologista conseguiram ter acesso rápido ao Dr. X, o que lhes permitiu acompanhar toda a evolução do seu quadro.

Segundo depôs o médico, ele foi acordado, em 1º de novembro de 1968, pelos gritos de seu bebê, de quatorze meses, um pouco antes das quatro horas. Abrindo uma janela, avistou dois objetos discóides pairando no ar. Eram de cor branca prateada por cima e vermelha brilhante por baixo. Após alguns movimentos de aproximação, os dois discos se fundiram em apenas um, o qual apontou um feixe de luz branca na direção do médico. Em seguida, o disco desapareceu com uma espécie de explosão, deixando uma nuvem que se dissipou lentamente.

O médico disse ter contraído um ferimento grave na perna enquanto cortava madeira três dias antes. Após a partida do(s) misterioso(s) objeto(s), o inchaço e a dor causados pelo ferimento de súbito desapareceram e, nos dias subseqüentes, ele também percebeu o desaparecimento de todos

os sintomas crônicos decorrentes de ferimentos graves contraídos na guerra da Argélia. Poucos dias após o contato, tanto o Dr. X quanto seu filho desenvolveram uma estranha marca triangular avermelhada no abdome, marca que permaneceu nos anos seguintes.

Por um período de dois anos após este incidente, não houve recorrência dos sintomas associados, quer com os ferimentos de guerra, quer com a ferida da perna. Entretanto, passaram a ocorrer estranhos fenômenos paranormais em torno do médico e sua família, incluindo atividades poltergeist e inexplicados distúrbios em circuitos elétricos. Segundo Jacques Vallee, "é freqüente o relato de coincidências de natureza telepática e, conforme alegou o médico, em pelo menos uma ocasião ele experimentou a levitação sem ser capaz de controlá-la".

Outros incidentes eram ainda mais bizarros. O Dr. X relatou que passou a ter encontros misteriosos com um estranho homem anônimo que ele chamou "Sr. Bied". Ouvindo um som de assovio dentro de sua cabeça, o médico se sentia orientado a caminhar ou dirigir até determinado local. Ali ele se encontrava com o estranho homem, que conversava com ele sobre sua experiência com o óvni e lhe ensinava coisas sobre assuntos paranormais. O Sr. Bied fez o médico "experimentar a telecinesia e a viagem no tempo, incluindo um episódio constrangedor com paisagens alternadas numa estrada que 'não existe'". Além disso, certa vez o estranho visitou o Dr. X em sua casa "acompanhado de um

humanóide de um metro de altura e com pele mumificada, mantendo-se imóvel enquanto seus olhos disparavam ligeiros pela sala".

Muito embora os casos de óvnis em geral pareçam bastante estranhos, observa Vallee, é comum seus relatos serem editados pela supressão de aspectos particularmente bizarros ou incríveis. Não obstante, eventos estranhos do tipo relatado pelo Dr. X também aparecem com freqüência em outros casos de óvnis.

Vallee menciona, por exemplo, um caso em Lima, Peru, em 9 de dezembro de 1968, ocorrido com um inspetor de alfândega que foi atingido no rosto por um feixe de luz púrpura oriundo de um óvni, que então descobriu estar curado de sua miopia e de seu reumatismo. Na Carolina do Sul, em 21 de abril de 1979, o raptado por óvni William Hermann relatou ter sido visitado em seu trailer por dois seres alienígenas que pareceram se materializar em meio a um brilho azul enquanto ele conversava ao telefone com um investigador ufológico. Whitley Strieber relata muitos efeitos paranormais vinculados a suas experiências com os "visitantes", bem como visões de paisagens surreais. Entre tais efeitos, incluem-se fenômenos poltergeist, levitação espontânea e experiências extra-corporais.

A investigadora ufológica britânica Jenny Randles tem dado muitos exemplos de pessoas relatando tanto contatos com óvnis quanto experiências psíquicas. Joyce Bowles, por exemplo, experimentou ser raptada e levada para um recinto desconhecido junto de um homem

chamado Ted Pratt e ter tido um extenso encontro com três seres humanóides altos. Conforme comenta Randles, Joyce também havia sofrido um ataque poltergeist e "tinha um histórico de experiências psíquicas".

Segundo salienta Raymond Fowler, Betty Andreasson e alguns de seus familiares relataram uma série de estranhas experiências psíquicas ocorridas antes do contato dela com o óvni em 1967. Sua filha Becky, por exemplo, (que esteve envolvida naquele contato), descreveu como acordou em 1964 para ver uma cintilante bola amarelo-alaranjada pairando do lado de fora da janela de seu dormitório e apontando um feixe de luz na direção dela. Pouco tempo depois disso, Becky passou a produzir páginas cheias de símbolos estranhos com escrita automática. A escrita automática, um fenômeno psíquico comum, também aparece nas histórias de muitas testemunhas de óvnis (veja Capítulo 5).

Fowler também apresenta a história da Sra. Rita Malley, que dirigia ao longo da Rodovia 34 rumo a Ithaca, Nova York, em 1967, quando seu carro foi parado por um objeto discóide abobadado e zunidor. Uma luz brilhante, disse ela, projetou-se do objeto. "Então, comecei a ouvir vozes. Não soavam como vozes masculinas ou femininas, mas eram estranhas, as palavras saíam de forma espasmódica e fragmentada (...) com um estranho coro de diversas vozes. (...) As vozes mencionaram o nome de um conhecido e disseram que naquele exato momento o irmão dele estava envolvido num acidente terrível a quilômetros de distância."

Conforme a moça constatou no dia seguinte, a mensagem estava correta.

Neste caso, a experiência com o óvni representou o papel de uma advertência premonitória. Existe uma extensa literatura sobre advertências premonitórias em sonhos e lampejos repentinos de intuição. Segundo se relata, é muito freqüente estas premonições corresponderem à verdade. Apesar de não se enquadrarem no paradigma mecanicista da ciência moderna, estas advertências paranormais e os demais fenômenos psíquicos que eu tenho mencionado têm sido parte da vida humana desde tempos remotos.

Em suma, existem provas indicando serem freqüentes os relatos de fenômenos psíquicos (ou fenômenos em muito semelhantes a eles) associados a casos de contato imediato com óvnis. Estes fenômenos parecem ter ligação tanto com as cobaias humanas destes casos quanto com as entidades humanóides que elas encontram. Uma possível interpretação para isto é que os humanóides não nos são tão alienígenas quanto seria de supor.

Eis o raciocínio por trás desta interpretação: se os seres humanos podem gerar fenômenos psíquicos, então deve haver alguma espécie de mecanismo inerente aos seres humanos que os faz gerar tais fenômenos. Por ora, não importa se este mecanismo faz uso ou não de princípios físicos conhecidos. A idéia, em termos simples, é que fenômenos materiais obedecendo a um padrão sistemático devem ser gerados por alguma combinação sistemática de matéria e energia.

Se as entidades ufológicas são seres vivos e produzem fenômenos psíquicos semelhantes aos relatados com relação aos humanos, então é razoável supor que elas também os geram com alguma espécie de mecanismo. Este não é necessariamente algum dispositivo de alta tecnologia. Aplicando o princípio da parcimônia, pode-se sugerir que o mecanismo delas é igual ou parecidíssimo com aquele encontrado nos seres humanos.

Consideremos, por exemplo, o fenômeno amiúde relatado da comunicação telepática entre humanos e entidades alienígenas. Para semelhante telepatia ser possível, o mecanismo de transmissão e recepção dos humanos deve ser compatível com aquele dos alienígenas. (Basta considerarmos as dificuldades resultantes da tentativa de fazer duas marcas diferentes de computadores se comunicarem entre si.) Se estes dois mecanismos são compatíveis, então é bem possível que funcionem com base em princípios semelhantes ou que tenham inclusive uma estrutura semelhante. Em suma, se as entidades ufológicas e os humanos produzem fenômenos complexos semelhantes, então, talvez sejam seres parecidos com estrutura interna parecida.

Existem outras possibilidades, é claro, três das quais menciono a seguir. A primeira é a hipótese extraterrestre (HET), segundo a qual as entidades ufológicas teriam evoluído num planeta distante. É difícil analisar a evolução de faculdades psíquicas, já que, em geral, as mesmas não existem para os cientistas dedicados a estudar a evolução. Porém,



se a origem delas envolve genes e mutações, conforme reza a teoria evolucionária tradicional, então, o raciocínio de Dobzhansky e Simpson tem fundamento aqui, não sendo de se esperar que elas evoluam em outro planeta. Teríamos de supor, portanto, que, ao manifestarem efeitos psíquicos em interações com humanos, os extraterrestres devem estar imitando funções psíquicas humanas por meio da tecnologia.

Mas por que eles fariam isso? Os fenômenos psíquicos, além de raros, são tidos como desacreditados na sociedade moderna. Por que um agente alienígena optaria por simular fenômenos como estes, e não algo mais convencional, como programas de televisão? Pode-se dizer que os motivos deles são inescrutáveis, mas isto significa dizer que jamais poderemos entender o que está acontecendo.

No entanto, pressupondo seres semelhantes a nós com faculdades psíquicas naturais superiormente desenvolvidas, podemos formular uma explicação que pelo menos faça sentido — seja ela correta ou não. Seria natural, para seres com faculdades psíquicas naturais, interagir com os humanos fazendo uso delas. Estas interações poderiam, inclusive, estimular tendências psíquicas latentes nos seres humanos, explicando-se, assim, os efeitos poltergeist subsequentes aos contatos com óvnis. Segundo outra hipótese concebível, os humanos dotados de "registros de experiências psíquicas" possuiriam compatibilidade especial com as entidades alienígenas, explicando-se, deste modo, o motivo para a constatação de tais

registros em pessoas que relatam contatos com óvnis.

A segunda possibilidade é a de todos os fenômenos psíquicos serem mediados por seres sutis pertencentes a uma determinada categoria, sendo os alienígenas ufológicos exemplos de tais seres. Pode haver um elemento de verdade nisto, já que, conforme sustentam muitos médiuns, suas faculdades originaram-se de seres sutis. Porém, esta teoria parece duvidosa quando aplicada a todos os fenômenos psíquicos, pois já foi provado que alguns humanos podem manifestar semelhantes fenômenos se valendo de suas próprias faculdades. Este é um assunto muito estudado no campo da parapsicologia, mas não é minha intenção me aprofundar nele aqui.

Com isto chegamos à terceira hipótese: as entidades ufológicas e todos os seus pertences são projeções psíquicas da mente humana. Esta é uma idéia diferente daquela segundo a qual estas entidades seriam mera imaginação. Ao contrário, a hipótese é que elas se originam na imaginação humana, mas assumem forma e criam efeitos físicos reais através do poder psíquico humano. Como se trata de uma idéia bastante popular, podemos chamá-la de a hipótese psíquica (HP). A tabela na página seguinte relaciona seis diferentes formulações desta hipótese apresentadas por populares escritores e investigadores ufológicos. (Estas, é claro, não são necessariamente as únicas teorias sobre óvnis desenvolvidas por estes escritores.)

Parece-me duvidoso que seres humanos comuns tenham mesmo o poder de gerar objetos voadores capazes de serem captados em redor, perseguir aviões a jato e interferir no funcionamento de automóveis. Estes fenômenos parecem ter muito mais magnitude que os efeitos poltergeist, ou mesmo as mãos e cabeças materializadas relatadas acerca de Eusapia Palladino. Muitas experiências de rapto também parecem mais desconcertantes do que inclusive as mais fortes manifestações relatadas em sessões espíritas. Além do mais, se a imaginação humana tem tanto poder assim, por que, então, típicos monstros de filmes de ficção científica não se materializam em cidades americanas? A extensão da fantasia humana parece muito mais ampla que o observado no âmbito dos fenômenos ufológicos ou psíquicos.

Estas teorias não esgotam todas as possíveis explicações para o elemento psíquico constante em relatos sobre óvnis. Contudo, a idéia de que as entidades ufológicas sejam seres similares a nós parece ser uma competidora definitiva entre possíveis teorias. Tendo dito isto, devo salientar que, segundo é relatado, tanto os fenômenos psíquicos quanto os fenômenos ufológicos violam as leis físicas conhecidas. Deste modo, ao dizer que talvez as entidades ufológicas sejam semelhantes a nós, não pretendo sugerir que elas sejam meras máquinas moleculares, feitas da mesma matéria concebida comumente por nós. Talvez os seres humanos também sejam algo mais do que máquinas moleculares.

---

## **Declarações apoiando a hipótese de que as manifestações ufológicas se revestem de realidade física pelo poder da mente humana**

1. Jacques Vallee: "Poder-se-ia teorizar acerca da existência de um notável estado de funcionamento psíquico responsável por alterar a visão que o observador tem da realidade física, além de gerar vestígios reais e fenômenos luminosos, visíveis para outras testemunhas em seu estado normal."

2. Berthold Schwarz: "Quase todos os dados associados a óvnis têm suas analogias em fenômenos psíquicos espontâneos, ou ocorrem, segundo se tem observado, em sessões espíritas."

Apesar de talvez serem uma exceção, os efeitos eletromagnéticos atribuídos a óvnis também podem ser produzidos psiquicamente. Ele cita Eisenbud, que diz: "Existe um pequeno núcleo sólido de dados parapsicológicos indicando que tanto as entidades animadas quanto as inanimadas podem ser criadas (sob os auspícios da mente, presume-se), não apenas de forma gradativa, como uma espécie de intromissão numa realidade mais comum, como também sob a forma de uma realidade completamente coexistente."

3. D. Scott Rogo, sobre raptos por óvnis: "Mesmo sendo um evento físico real, o rapto reflete preocupações ou traumas arraigados no inconsciente do indivíduo. Poder-se-ia chamá-lo de sonho 'materializado' — i.e., um sistema de

imagens simbólicas que de repente se projeta para o mundo tridimensional."

4. Tenente-coronel Thomas Bearden: "Em junho de 1947, Kenneth Arnold, sobrevoando o estado de Washington — o estado mais próximo da União Soviética na época —, encontrou discos voadores, os quais não passavam de mandalas femininas moduladas por nossa ficção científica Buck Rogers e nossa inconsciência nacional/cultural. (...) Não se engane, estas toupeiras são materializações verdadeiras, e não alucinações ou fantasias."

5. Hilary Evans: "A experiência da entidade tem uma base material que pode ser razoavelmente concebida como uma comunicação física, fabricada por uma parte da mente do observador que opera de forma autônoma, por conta própria ou vinculada a um agente externo; expressa sob a mesma forma de sinal codificado que qualquer outra comunicação mental; apresentada à mente consciente como um substituto para o ingresso de estímulo sensorial do mundo real; e ocasionalmente recebendo uma expressão externa temporária utilizando algum tipo de substância psíquica quase-material."

6. Jenny Randles usou a idéia do campo morfogenético de Rupert Sheldrake para formular uma teoria dos raptos por óvnis: "Se algo passa a ser aceito como real, adquire cada vez mais realidade efetiva. Não seria estender a hipótese de Sheldrake em demasia considerar-se que os raptos estão se tornando reais, isto por causa da repetida ênfase a eles atribuída dentro da sociedade."

---

## 5

### **Contatos, canais e comunicações**

Neste rastreamento dos fenômenos ufológicos relatados, há três assuntos adicionais que precisaremos analisar: contatos, canalização, e comunicações, e doutrinas relacionadas a óvnis. Como eles têm feito parte do cenário ufológico desde pelo menos fins dos anos 40, fica difícil desconsiderá-los. Todavia, por também envolverem bastante material que soa por demais implausível, a reação de querer descartar este material sem hesitação é natural.

Há, contudo, bons motivos para se fazer uma cuidadosa avaliação deste material. Mesmo assim, devemos atentar para o fato de parte dele ser nitidamente fraudulenta. Outra parte pode muito bem ser autêntica e fornecer importantes esclarecimentos sobre a natureza do fenômeno ufológico. O tema unificador dos três assuntos deste capítulo é o da comunicação particularizada entre seres humanos e seres aparentemente não-humanos. A oportunidade de fraude é grande, neste caso, considerando a idéia de semelhante comunicação representar um profundo atrativo para a mente humana, dando vazão, portanto, a muitas formas de exploração e auto-engano. Ao mesmo tempo, comunicações minuciosas, quando autênticas, podem revelar uma boa quantidade de informações úteis sobre os comunicadores.

Começarei tratando do assunto dos contatos ufológicos. Nos últimos anos, o estudo de raptos por óvnis tem merecido o respeito de muitos ufologistas, muito embora, em geral, a comunidade científica o ignore ou rejeite. No entanto, é relatado outro tipo de caso de contato imediato que mesmo tarimbados pesquisadores ufológicos tendem a rejeitar. É o chamado caso de contato, em que uma pessoa conhecida com esse nome se encontra com seres de outros mundos por amizade. Contatos poderão alegar terem sido escolhidos por estes seres para transmitirem a mensagem deles à humanidade, além de às vezes alegarem terem sido levados para visitar outros planetas em naves espaciais.

A má reputação dos contatos tomou vulto nos primórdios dos anos 50, quando muitas pessoas passaram a divulgar extraordinárias histórias de contato com extraterrestres, histórias apoiadas em pouquíssimas provas. O contato típico da época era, segundo a sarcástica caracterização do pesquisador ufológico Richard Hall, "um técnico desajeitado, quase sempre homem, de 40 a 60 anos de idade, fruto de uma infância perturbada ou desintegrada, inculto e dependente de um ghost writer para escrever seu livro".

Era típico desses homens se apresentarem como profetas especialmente escolhidos e, em alguns casos, eles tentavam impressionar o público mediante a adoção falsa de títulos grandiosos e graus acadêmicos. Era fácil descartá-los como incompetentes alienados que recorriam a meios

desonestos para ganhar algum dinheiro, criar fama ou superar algum desequilíbrio psicológico.

Eis a seguir uma breve lista dos principais contatos das décadas de 1950 e 1960:

1. O “professor” George Adamski, filósofo amador e sanduicheiro de carrocinha, alegava ter se encontrado com Orthon, um homem de Vênus, em 20 de novembro de 1952, perto de Desert Center, Califórnia. Ele tirou fotos, em geral tidas como embustes, de espaçonaves venusianas.

2. Truman Bethurum alegava ter se encontrado com uma mulher do espaço chamada Aura Rhanes, originária do Planeta Clarion, que fica do outro lado do Sol. Foi bastante denunciado como charlatão, e o Dr. Edward U. Condon se deu ao trabalho de provar, em seu Relatório Condon, que um planeta como Clarion não poderia existir.

3. Daniel Fry escreveu que era “reconhecido por muitos como o cientista mais bem informado do mundo sobre assuntos relacionados a viagens no espaço e no tempo”. Alegava ter-se encontrado com a Falange do Espaço, formada por descendentes da antiga civilização de Lemúria.

4. Howard Menger serviu no Exército americano e mais tarde abriu uma empresa de publicidade e pintura de painéis. Alegava ter tido, desde os cinco anos de idade, muitos contatos com Legiões do Espaço oriundas de Vênus, Marte, Júpiter e Saturno. Dizia ter vivido em Vênus numa vida anterior.

5. George Van Tassel foi o anfitrião das Giant Rock Space Conventions, muito populares entre 1954 e



1970. Alegava estar em contato com o "Conselho das Sete Luzes", o qual rege este sistema solar.

6. Orfeo Angelucci, um ítalo-americano inculto, mas inteligente, teve experiências com óvnis de natureza altamente mística e religiosa. Suas experiências, segundo as interpretou o psicólogo Carl Jung, eram produto de processos mentais inconscientes relatados com sinceridade.

Aliás, Jung é conhecido por ter interpretado as experiências com óvnis como sendo projeções psicológicas. No entanto, não é tão divulgado o fato de ele ter achado que alguns óvnis eram objetos reais. Ele escreveu: "Tanto quanto sei, é um fato confirmado, apoiado por inúmeras observações, que os óvnis têm sido não apenas vistos a olho nu como também detectados em telas de radar, além de terem deixado vestígios na chapa fotográfica. (...) Em resumo, nada mais é que isto: ou as projeções psíquicas devolvem um eco de radar ou, então, o aparecimento de objetos reais nos propicia uma oportunidade de experimentar projeções mitológicas."

Embora Jung fosse solidário com Angelucci, a maioria dos autores que escreveram sobre contatos só fizeram descartá-los com desprezo e zombaria. Tais rejeições a granel, suspeito eu, podem ser ingênuas e injustas em certos casos, já que as histórias da vida real acabam resultando mais complexas do que seria de se esperar. Não obstante, muitos desses homens talvez estivessem tentando ganhar dinheiro ou conquistar seguidores veiculando alegações falsas.

Infelizmente, semelhante veiculação persiste ainda hoje, com os chamados contatos administrando negócios de mala-direta para anunciar artigos tais como:

1. Um Receptor Nuclear, baseado em tecnologia extraterrestre, que absorve energia negativa e a transforma em frequências harmoniosas (\$ 100).
2. “Leituras projetadas para sintonizar os Trabalhadores-da-Luz e o Povo Estelar com sua Missão e Propósito Individual de Corporificação Terráquia” (\$ 125).
3. O videoteipe de um Comandante Espacial de 36 mil anos de idade explicando “a brutal guerra interuniversal que vem sendo travada há milhares de anos entre a Federação Universa e a Confederação Negitária” (\$ 19.95).

Por não ter investigado estes anúncios em particular, não posso insistir no fato de se tratarem de informação falsa. Mas a impressão geral suscitada por este material — e há uma enxurrada dele — é que boa parte consiste em "contos-dovigário" elaborados para tirar dinheiro dos tolos. Isto não aumenta a credibilidade de pessoas que alegam fazer contato com seres desconhecidos. No entanto, o fato de certas pessoas divulgarem histórias falsas não implica que sejam falsas todas as alegações de contato com outros mundos. É preciso avaliar cada alegação incomum pelos seus próprios méritos.

## O caso Adamski

Algumas histórias de contato podem ser embustes deliberados, criados desde o princípio por motivos comerciais. Em outros casos, talvez uma pessoa tente explorar uma experiência autêntica e mais tarde fazer acréscimos desonestos a sua história de modo a aumentar-lhe o valor comercial. Ou talvez ela acredite sinceramente em sua história, desenvolva um comprometimento emocional com a mesma e, a partir daí, procure enfeitá-la para torná-la mais convincente. Em casos assim, seria de se esperar encontrar provas de uma experiência real revestidas de provas refletindo um aumento de desonestidade e auto-ilusão.

Talvez o caso de George Adamski seja um exemplo disto. Existe uma análise solidária de Adamski escrita por Lou Zinsstag, sobrinha do psicólogo Carl Jung. Conforme argumenta Zinsstag, algumas das primeiras experiências de contato de Adamski eram autênticas; mais tarde, porém, ele se desvirtuou de alguma maneira, passando a fazer alegações falsas tais como a de ter feito uma viagem para Saturno a fim de participar do "Encontro dos Dozes Conselheiros de nosso Sistema Solar". Ele também mantinha um atendimento por mala direta, salienta ela, mediante o qual fazia uma leitura, baseada na remessa de uma foto, data de nascimento e cinco dólares, que revelava o planeta de onde provinham seus "clientes".

Outro fato interessante, segundo diz Zinsstag, é que ela própria vira provas indicadoras das incomuns faculdades psíquicas de Adamski. Ela também o observou recorrendo ao transe mediúnicos para entrar em contato com seres do espaço. Segundo especulação dela, talvez, em anos posteriores, ele tenha sido desencaminhado por má informação implantada por comunicadores psíquicos hostis ou por humanos hostis peritos em hipnose.

Talvez o próprio egotismo crescente de Adamski também tenha contribuído para o seu desvirtuamento. Apesar de ter sido participante ativa do grupo de Adamski na Europa, Zinsstag o rejeitou mais tarde, dizendo: "Agora ele quer colaboradores que acreditem tacitamente nele como se acredita em Deus. Isto é algo que eu não posso fazer."

Uma avaliação semelhante de Adamski foi feita pelo pesquisador ufológico Ray Stanford. Stanford contou a William Mendez, investigador do caso de Pascagoula (páginas 181-83), que havia conhecido Adamski. Segundo disse Stanford: "Adamski criou toda aquela história sobre Vênus (e outras mais), mas, em certa ocasião, teve de fato uma experiência com discos voadores; na mente de Adamski, aquilo justificava toda a sua invenção de histórias sobre eles."

## **De raptado a contato**

Se fosse possível enquadrar as histórias de raptos e contatos em duas categorias distintas, seria possível, então, simplificar as coisas deixando as histórias de contatos de lado. Infelizmente, contudo, isto não é possível. Quase todo aspecto encontrado em histórias de contatos também pode ser encontrado em certos relatos de raptos, e parece haver uma série contínua de cenários variando de raptos típicos num extremo a casos de contatos em outro.

Betty Andreasson, por exemplo, relatou ter sido levada a bordo de um óvni por alienígenas gray num contato em 1967 e submetida a um angustiante exame físico. Também se lembrou de ter tido surpreendentes experiências religiosas durante este contato. Segundo relatou ainda, os alienígenas lhe disseram que a haviam escolhido para "mostrar algo ao mundo". Muitos aspectos de sua história são típicos de raptos por óvnis, mas o fato de ela ter sido escolhida como mensageira ou profetiza é típico de relatos de contatos.

A história de William Herrmann também compartilha aspectos típicos tanto de casos de raptos quanto de casos de contato. Este caso foi estudado pelo pesquisador ufológico Wendelle Stevens. A informação a seguir faz parte de seu relato escrito e de um videotape produzido por ele apresentando entrevistas com Hermann.

Ao contrário de contatos que exploram suas histórias ao máximo, Hermann pareceu encarar suas experiências com os óvnis como meros estorvos à sua vida normal. Sendo ele um cristão fundamentalista, seu envolvimento com os óvnis

parece ter causado sérias dificuldades de relacionamento com os membros de sua igreja. Em conversas sobre suas experiências, ele expressa, sobretudo, o seu atordoamento e o desejo de entender o que lhe aconteceu. Também insiste em que não acreditava em óvnis nem tinha interesse algum neles antes de suas experiências com os mesmos.

Hermann relatou ter sido raptado em 18 de março de 1978, perto de Charleston, Carolina do Sul, por seres que se identificaram como reticulanos. Segundo a descrição dele, eram baixos, pelados, com cabeças grandes, bocas em forma de fenda e narizes pequenos. Disse, também, que eles o levaram a bordo de sua nave atingindo-o com um feixe de luz azul. Depois, ele ficou atordoado, só voltando a ter memória nítida já deitado sobre uma mesa na presença de três dos seres. Após fazerem-no passear pela nave e ver toda espécie de maquinário incompreensível, ele foi devolvido à Terra em estado de terror a trinta quilômetros do ponto onde tudo começara. Naquela altura, perdeu toda memória de suas experiências a bordo do óvni, só voltando a recuperá-la mais tarde, com o auxílio da hipnose.

Até aqui, a história de Hermann corresponde ao cenário padronizado das histórias de rapto. Segundo ele depôs, contudo, mais tarde os reticulanos passaram a transmitir-lhe mensagens complexas através de escrita automática, além de lhe restituírem a memória completa do rapto. Depois disso, ele entabulou uma relação amistosa com esses seres, tendo sido voluntariamente

levado a bordo da nave deles. Ele se lembrou, sem hipnose, de o terem levado a passeio pelo rio Salado na Argentina e em seguida de volta ao norte da Flórida, onde lhe mostraram o Manned Space Complex. Esta parte de sua história é típica de casos de contatos.

A recepção de mensagens através da escrita automática ilustra um processo popularmente conhecido como canalização, mediante o qual uma pessoa escreve ou fala do tema que ela não reconhece ter se originado em sua própria mente. Embora se costume achar que semelhante tema emana de algum outro ser, o qual atua como um transmissor de informação, ele pode de fato se originar na mente do canalizador.

Comunicações canalizadas são ocorrências freqüentes em casos de contatos; deste modo, a escrita automática produzida por Hermann é um elo entre o caso dele e casos desta espécie. Mais adiante neste capítulo (páginas 226-32), analisarei o teor de algumas das mensagens produzidas por ele.

Outro relato combinando aspectos de casos de raptos e casos de contato envolveu Filiberto Cardenas, imigrante cubano e morador de Hialeah, Flórida. Este caso foi averiguado por um advogado e investigador de ufológico chamado Virgilio Sanchez-Ocejo, de cujo relato vem minha informação sobre o mesmo.

Em Cuba, Cardenas estudara fisioterapia e se tornara técnico em eletro-cardiografia. Alistou-se no Exército cubano, descobriu-se no lado errado da revolução comunista de Fidel Castro e acabou

passando nove anos na prisão. Libertado da prisão, emigrou para os Estados Unidos, onde arrumou diversos empregos, foi gerente de uma loja de presentes e, enfim, gerente de um posto de gasolina.

Na noite de 3 de janeiro de 1979, Cardenas, seu amigo Fernando Marti, a esposa de Marti e sua filha de treze anos de idade andavam de automóvel pelas redondezas de Hialeah, procurando um porco para fazer um assado. Não encontrando o porco, eles voltaram para casa — só que, no meio do caminho, o motor do carro pifou.

Os dois homens, verificando que as luzes e a ignição não estavam funcionando, saíram do carro e se puseram a examinar embaixo do capô. Nessa altura, viram luzes que se alternavam entre as cores vermelha e violácea e se refletiam no motor, e ouviram um som "como o de muitas abelhas". O carro começou a se sacudir, a luz assumiu tonalidade branca brilhante e Fernando engatinhou mais para baixo do capô para se proteger. Enquanto isso, Filiberto, sentindo-se paralisado, passou a se erguer no ar, gritando: "Não me levem! Não me levem!" Fernando o viu subindo e, quando já tinha saído de baixo do capô, tudo que pôde ver foi um "objeto volumoso que ascendeu e depois afastou-se dali".

A próxima coisa de que Filiberto se lembrou foi de quase ter sido atropelado por um carro na rodovia Tamiami, cerca de dezesseis quilômetros de onde ele havia sido erguido. A polícia ficou tão perplexa com a história que a identificou, no relatório oficial



de ocorrência, como "contato imediato do terceiro grau".

Sob hipnose, Filiberto a princípio se recusou a dizer o que acontecera durante o rapto porque "eles me disseram para não falar nada". Mais tarde, ele contou uma história estranha e elaborada que começava com ele despertando para se achar sentado, paralisado, na presença de um ser parecido com um robô e dois homenzinhos com vestes justas.

Um dos homens tentou falar com Filiberto em alemão, inglês e por fim espanhol, girando um botão num canto de seu peito toda vez que trocava de idioma. Fizeram um exame em Filiberto, deixando, segundo ele, 108 marcas em seu corpo, e em seguida levaram-no até a presença de um indivíduo que estava sentado num trono elevado e vestia um manto e uma corrente da qual pendia uma pedra triangular. Este personagem teve uma longa conversa com ele, tanto por telepatia quanto em espanhol perfeito, e mostrou-lhe muitas cenas extraordinárias projetadas nas paredes.

Segundo disse Filiberto, os seres alienígenas pareciam bem humanos. Tinham olhos alongados com pestanas, pequenos narizes achatados, compridas bocas sem lábios e barbas ralas. Portavam, também, um símbolo à direita do peito, consistindo numa serpente sobre um X irregular.

A história se torna mais extraordinária ainda: em seguida, os seres levaram Filiberto a uma base submarina, viajando no fundo do mar, em alta velocidade, através de um túnel de "água firme"

que parecia se abrir em frente da nave para que a água não a tocasse. Na base, ele se encontrou com um humano que estava trabalhando com os alienígenas e foi conduzido pelo que parecia ser uma cidade. Foi mais uma vez paralisado e examinado, e extraíram-lhe uma amostra de sêmen. Depois, outra figura entronizada e vestindo um manto lhe deu instruções ilustradas com imagens projetadas em conjuntos de telas de tevê. Após muitas experiências semelhantes que pareceram continuar por muitos dias, ele foi deixado perto da rodovia Tamiami depois de um lapso de cerca de duas horas segundo os cálculos de tempo da Terra.

Esta poderia ser considerada uma história de tempo perdido insuficiente. Sem dúvida, é uma história difícil de acreditar, mas não há necessidade de supor que seja de todo verdadeira ou de todo falsa. É possível, por exemplo, que Filiberto Cardenas tenha mesmo sido levado pelo céu afora, conforme depôs Marti. Mas as experiências relatadas por ele sob hipnose podem ter sido em parte geradas por sua própria mente. Ou, então, podem ter sido projetadas em sua mente por meio de quem o raptou.

Tanto quanto no caso Hermann, houve um segundo encontro com os alienígenas. Nesta ocasião, Filiberto e sua esposa Íris voluntariamente subiram uma rampa para entrar na nave alienígena e tiveram uma conversa amistosa com seus ocupantes quase humanos. Mais tarde, eles lograram se lembrar diretamente desta experiência, sem necessidade de hipnose. Este

tipo de encontro voluntário numa nave alienígena é típico de histórias de contatos, mas é incomum duas testemunhas participarem de semelhante encontro.

Apesar de seus muitos aspectos típicos de casos de contatos, o caso Cardenas também apresenta muitos aspectos usuais em relatos sobre raptos por óvnis. Entre estes, incluem-se histórias de transplantes que não puderam ser detectados por meio de recursos médicos, histórias de cruzamentos entre alienígenas e humanos e histórias de fenômenos psíquicos que sucederam ao raptos. O caso também inclui, é claro, o próprio raptos dramático, que foi confirmado por três testemunhas oculares.

## **O contato completo**

Passo agora a uma história de contato com óvni que é notável pela quantidade e variedade de provas de apoio. A história tem sido bastante denunciada como sendo um embuste, e eu tendo a concordar que ela o seja. No entanto, há motivos para acreditarmos ser esta história mais que um simples embuste consciente e deliberadamente arquitetado pela testemunha. Poderia ser uma fraude elaborada envolvendo um conluio entre diversas testemunhas e os esforços de uma equipe de especialistas nos bastidores de Hollywood. Outra possibilidade, que eu creio merecer séria consideração neste caso, é o fato de o embuste talvez envolver a manipulação da testemunha por

parte de seres do tipo vinculado aos óvnis. Seja qual for a explicação correta, é importante saber que tais casos estão acontecendo.

Ao apresentar este caso, darei primeiro a boa notícia — os motivos para se pensar em sua possível autenticidade. Em seguida, mencionarei a má notícia e farei algumas observações sobre o que poderia estar ocorrendo de fato neste caso.

A história começa em 28 de janeiro de 1975, quando um vigia noturno suíço, de apenas um braço, chamado Eduard "Billy" Meier, passa a receber ordens telepáticas para encaminhar-se sozinho a pontos de encontro em regiões pouco freqüentadas nas proximidades de Hinwil, sua aldeia rural. Chegando a um local designado, ele às vezes tira fotos ou faz filmes de espaçonaves alienígenas seguindo instruções telepáticas. Outras vezes, uma nave aterrissa e ele mantém longas conversas em alemão com seu piloto de aparência inteiramente humana, uma bela mulher chamada Semjase. Outras vezes ainda, movido por telecinesia até a espaçonave, é levado em extensos passeios.

## **Filmes e fotografias**

Meier tinha mais a oferecer do que apenas uma história fantástica. Muito embora tivesse apenas um braço, ele tirara mais de seiscentas fotos de alta qualidade de naves alienígenas sobrevoando as áreas rurais suíças, solitárias ou em grupos. Tinha testemunhas oculares entre seus amigos

que também viram essas naves e, em certos casos, as fotografaram. Além disso, fizera diversos filmes vividamente realísticos das naves com uma câmera de oito milímetros.

Os filmes foram examinados por Wally Gentleman, um perito de Hollywood em efeitos especiais que trabalhara em 2001: Uma odisséia no espaço. Ele concluiu: "Sem dúvida, este Meier teria que ter uma equipe de assistentes peritos, pelo menos quinze pessoas, que tivessem noção da interface dos reflexos de um objeto brilhante em determinados momentos do dia, que soubessem apoiar estes objetos sem que os fios de sustentação fossem vistos... Para eu montar um embuste desta magnitude para alguém, seriam necessários trinta mil dólares e um estúdio com equipamento adequado para fazê-lo. O equipamento custaria mais cinquenta mil."

Tendo a oportunidade de assistir aos filmes, tive a impressão de que seriam necessários esforços consideráveis para falsificá-los. Em um dos filmes, um óvni discóide parece voar de um lado para outro em movimento pendular perto de um velho pinheiro. Logo, por uma hipótese, o óvni seria um modelo balançando como um pêndulo preso a uma linha fina. Contudo, temos aqui apenas um movimento pendular aproximado. Se alguém tentar duplicar o trajeto do vôo balançando um pêndulo seguro pela mão, só logrará fazê-lo mexendo a extremidade superior da linha de uma forma complicada. Para o período de tempo do movimento de vaivém do óvni, seria necessária uma linha de pêndulo de cerca de seis metros de

comprimento. Como alguém conseguiria segurar a linha no ar e balançar-lhe a extremidade superior para formar arcos amplos? Isto poderia ser feito num estúdio, mas decerto seria difícil um homem de um braço fazê-lo num campo agrícola.

Há, ainda, o célebre fato de que, no filme, quando o óvni sobrevoa a copa da árvore, esta se mexe como que soprada por seu deslocamento de ar. Considerando o aparente realismo deste efeito, teria sido necessário prepará-lo e coordená-lo com os movimentos do modelo. (Seria preciso ter um pequeno modelo bem na frente de uma árvore de verdade e, nor-malmente, a miniatura de uma árvore não balançaria da maneira mostrada no filme.)

Além disso, um modelo em movimento pendular não reproduziria a maneira como o óvni cambaleia em certos momentos. Talvez fossem necessários fios múltiplos para produzir este efeito. Ou talvez fosse preciso montar uma fotografia, fotograma por fotograma, de um modelo cuidadosamente suspenso. Acima de tudo, os comentários de Wally Gentleman parecem bastante razoáveis, dando a entender que, se houve um embuste, saiu caro e exigiu uma equipe de conspiradores.

Algumas das fotografias foram estudadas pelo Dr. Michael Malin, um perito em edição de imagens, que trabalhara quatro anos no Laboratório de Propulsão a Jato antes de ingressar na Universidade Estadual do Arizona, em Temple, em 1979, para ensinar geologia planetária. Ele observa: "Acho as fotografias em si acreditáveis. São fotografias boas. Parecem representar

fenômenos reais. Só acho inacreditável a história de um fazendeiro da Suíça tendo intimidade com dúzias de alienígenas que vêm visitá-lo."

Seria mais fácil falsificar as fotos do que os filmes, mas, mesmo assim, seria necessário muito trabalho. Algumas delas parecem mesmo realísticas, conforme os citados comentários de Malin, mas algumas outras têm impressionado muitas pessoas por parecerem bastante implausíveis. Exemplos disto seriam as duas últimas fotos do livro de fotografias UFO... Contact from the Pleiades, volume II, escrito por Lee e Brit Elders. Para se produzir estas fotos, contudo, seriam necessários modelos caros e de primeira classe.

Muitos têm acusado Meier de ter feito e fotografado modelos de óvnis. No entanto, segundo salienta o investigador Wendelle Stevens, Meier pedira abertamente para um jovem amigo fazer um modelo e o fotografara na presença de outros amigos, sem alegar que as fotos representavam o objeto em si. Meier tinha, afirma ainda Stevens, fotos destes modelos reconhecidos nos álbuns que mostrava aos visitantes.

Talvez tudo isto seja verdade. De qualquer modo, a única conclusão a que se pode chegar sobre as fotografias é que, caso sejam falsas, foram falsificadas com muito profissionalismo. Provas fotográficas são sempre insatisfatórias, uma vez que, com dinheiro, esforço e inventividade suficientes, seria possível falsificar praticamente qualquer fotografia.

Meier tinha intimidade com amigos curiosos e, segundo um dos temas do caso Meier, alguns deles viviam querendo acompanhá-lo num contato e ver as naves alienígenas com seus próprios olhos. De fato, alguns desses amigos alegaram ter visto fenômenos estranhos, às vezes impressionantes, no céu, em excursões noturnas com Meier, tendo tirado suas próprias fotografias destes fenômenos. Sem dúvida, se Meier estava perpetrando um embuste, na certa seus amigos estavam fazendo parte da mesma trama.

## **Pistas de pouso, sons e amostras minerais**

Afora as provas fotográficas, Meier podia apontar muitos exemplos de estranhas "pistas de pouso" volteadas em campos agrícolas onde, segundo ele, as naves haviam parado. Uma pista típica consistia em três volteios de grama, cada um deles com dois metros de diâmetro, dispostos num triângulo equilátero. A grama em cada volteio estava depositada numa espiral bem-feita com uma borda externa pontuda, semelhante aos "círculos agrícolas" que mais tarde atrairiam a atenção de muitas pessoas na Inglaterra. A testemunha local Herbert Runkel comenta: "Estou certíssimo de que Billy não teria como fazer pistas como aquelas. Tenho muitas vezes sido testemunha de pistas de pouso e tenho fotos muito nítidas e minuciosas de muitos locais diferentes, de modo que posso dizer isto com 100% de certeza."



Depois, havia os sons. Meier fizera gravações em fita de insólitos sons agudos produzidos pelas naves espaciais, e tinha inúmeras testemunhas cujo depoimento afirmava virem realmente do céu aqueles sons. Em Los Angeles, o engenheiro de som Nils Rognerud e o desenhista de sistemas eletrônicos Steve Singer analisaram um segmento de três minutos dos sons das naves espaciais, que haviam sido gravados na presença de quinze testemunhas. Segundo concluíram eles, o complexo padrão alternado de freqüências sonoras distintas apresentou "problemas de duplicação além da capacidade dos equipamentos no seu estágio atual".

Por fim, Meier tinha dado aos investigadores amostras minerais fornecidas pelos alienígenas. Algumas dessas amostras foram analisadas por Mareei Vogel, pesquisador científico sênior da IBM. Vogel, especialista em engenharia de materiais, inventou o revestimento de memória do disco magnético IBM. Uma amostra, descobriu ele, continha um mosaico de partículas microscópicas de elementos puros, inclusive o túlio, raro elemento metálico terroso. Vogel resumiu sua análise desta amostra como segue: "Não tenho como explicar o tipo de material que veio parar em minhas mãos. Na qualidade de cientista, não conheço nenhuma combinação de elementos que pudesse formar aquele material. Com quaisquer das tecnologias que conheço, não teríamos como chegar a tal resultado neste planeta!"

## **Histórias confirmatórias**

Wendelle Stevens compilou uma série de relatos sobre óvnis, oriundos de fontes independentes, que parecem apoiar direta ou indiretamente a história de Meier. A seguir, apresento alguns deles:

1. O pesquisador ufológico europeu Ilse von Jacobi conseguiu uma carta originalmente enviada de Antakaya, Turquia, em 8 de março de 1975, por uma turista alemã chamada Elsa Schroder. Esta carta fora escrita para Sr. Carl Veit de Wiesbaden, editor de UFO Nachrichten (Noticiário sobre óvnis). Segundo conta a senhorita Schroder, enquanto dormia numa tenda com seu namorado, perto da cidade de Zahedan, Irã, ela foi atraída até o deserto por um som incomum. Lá ela viu uma mulher em trajes estranhos fazendo escavações com alguma espécie de máquina. As duas conversaram em alemão, e a estranha mulher se identificou como Semjaze ou Semjase, nome usado pelo contato pleiadiano segundo alegara Meier. Em seguida, ela partiu voando num "Disco Voador". Supostamente, Meier nada tinha a ver com esta carta, mas a teoria da conspiração diria o contrário, é claro.

2. Um homem chamado Horst Fenner relatou que sua mente foi atraída até a selva próxima a Trinidad, Bolívia, onde estava pousado um óvni. Ali ele se encontrou com os ocupantes do óvni, todos de aparência humana, que falaram com ele em

seu alemão nativo por meio de uma máquina de tradução e lhe disseram que vinham de Próxima Centauri. Contaram-lhe acerca dos pleiadianos, mencionaram ter um contato chamado Billy na Suíça e disseram que sua expedição à Terra era liderada por um homem chamado Quetzal e sua auxiliar chamada Semjase. Stevens ficou sabendo disto por uma carta datada de 2 de janeiro de 1976, de Fenner para um amigo chamado Albers. Albers enviara cópias desta carta para diversos grupos de estudo ufológicos. Na certa, a teoria da conspiração sustentaria que esta carta fora enviada a Stevens pelos conspiradores ligados a Meier.

3. Em Charleston, Carolina do Sul, William Herrmann tem recebido mensagens de seres que afirmam vir da constelação Reticulum e pertencer a uma federação chamada "The Network" (veja páginas 205-07). Numa mensagem de 25 de agosto de 1981, eles falaram da raça pleiadiana, do Conselho de Dorado e da Assembléia Horologium. Reticulum, Horologium e Dorado são três constelações adjacentes no hemisfério sul. A mensagem reticulana autorizou a gravação em vídeo de documentos da "Network" e, por volta da mesma época, Meier recebeu uma permissão semelhante de seus contatos pleiadianos.

Os reticulanos comentaram sobre uma expedição ao "sistema estelar Andrômeda". Meier também mencionou Andrômeda. Os pleiadianos, disse ele, obedecem a autoridades de lá, que são entidades não-físicas com corpos feitos de alguma forma de

energia. Devo salientar, a este respeito, os relatos sobre mensagens de óvnis do início da década de 1950, segundo as quais Andrômeda seria um mundo de grande avanço espiritual.

4. Meier disse que seus primeiros contatos extraterrestres foram na infância, sempre envolvendo um homem idoso chamado Sfath, o qual descia numa nave espacial. Segundo o que uma certa mulher, L. V, informou a Stevens em 1984, ela tinha toda uma vida de experiências de contato com óvnis, desde os seus três anos e meio, em 1945. Àquela época, ela se encontrou com um homem em seu quintal que disse se chamar Sfath. Para efeitos de comparação, Meier afirmou ter tido seu primeiro encontro com Sfath em 1944.

O caso da mulher foi estudado por investigadores em 1979, mas, àquela época, ela nada sabia a respeito de Meier. Segundo afirmou, ela só veio a conhecer a história de Meier em 1984, tendo entrado em contato com a equipe de Stevens logo em seguida.

## **Discrepâncias sortidas**

Estas histórias, na medida em que sejam verdadeiras, apresentam paralelos com a história de Meier. No entanto, também existem discrepâncias dentro desta história. Segundo a testemunha Herbert Runkel, por exemplo, certa vez Meier revelou algumas fotografias de San

Francisco após um terremoto, dizendo terem elas resultado de uma viagem no tempo com Semjase. Mais tarde, contudo, uma pintura bastante parecida com aquelas fotos foi encontrada na revista GEO por um dos amigos de Herbert, parecendo claro que havia sido usada como modelo para as fotos de Meier. Os pleiadianos, segundo teria alegado Meier, deviam ter colocado um quadro do futuro verdadeiro na mente do artista da GEO. AS Neste caso, Meier parece estar mentindo ou, então, sendo ludibriado por uma fraude.

Embora isto não soe bem, o que chamo de má notícia começa a vir à tona de fato ao examinarmos de perto as conversas que Meier disse que teve com Semjase. Após cada encontro com Semjase, diz Meier, ele voltava para casa e, com o auxílio das técnicas pleiadianas de transmissão e gravação de pensamento, fazia anotações precisas de tudo o que fora falado.

Meier datilografou mais de duas mil páginas de "notas de contato", salienta Stevens, detalhando suas conversas com Semjase. Ele chegava a datilografar trinta a quarenta páginas de uma vez e, "segundo relatam as testemunhas que observaram a recepção dessas transmissões, a escrita flui com muita rapidez e em cadência de constância ininterrupta, do começo ao fim da mensagem".

É surpreendente a boa qualidade literária das notas de contato de Meier, e o caráter arrogante de Semjase é mais bem retratado do que os das personagens de muitas das histórias populares de

ficção científica. As notas de contato também contêm informações científicas atualizadas, informações bastante precisas para cuja aquisição por vias normais seriam necessárias visitas regulares a uma boa biblioteca. Afora o fato de Meier viver na Suíça rural e ter freqüentado a escola apenas até o sexto ano primário, as descrições de seu estilo de vida não fazem menção de visitas a bibliotecas. Portanto, para se justificar a teoria do embuste, seria necessário haver um bom assistente de pesquisa na equipe de conspiradores de Meier.

Talvez seja significativo o fato de os dados científicos constantes nas notas de contato de Meier se ajustarem bem às mais recentes descobertas científicas publicadas à época, apesar de nem sempre se ajustarem a posteriores avanços científicos. Em julho de 1975, por exemplo, Meier alegou ter sido levado a uma visita a Vênus na nave espacial de Semjase. Suas notas de contato citam muitas informações sobre as características da atmosfera e da superfície de Vênus que são bem compatíveis com os dados então divulgados a partir de estudos com radar e das sondas espaciais Mariner e Venera.

Quanto à sua viagem a Vênus, diz Meier: "A paisagem é inóspita e cheia de crateras. Montanhas não muito altas podem ser vistas apenas em algumas partes. Num canto, vejo uma enorme área sem montanhas e cheia de crateras." Isto é interessante, pois se especulava muito sobre as crateras de Vênus na época. Hoje em dia, contudo, segundo parecem demonstrar as

imagens por radar da sonda espacial Magellan, "uma das mais surpreendentes características da topografia venusiana é a sua nítida falta de crateras". Como era ligeiro em produzir páginas e páginas de informação detalhada sem notas de consulta, Meier parece ter escrito tudo isso em alguma espécie de estado alterado de consciência. Esta atividade parece ser outro exemplo de canalização por parte de um contato, podendo ser comparada à escrita automática relatada em relação a William Herrmann. No entanto, a fonte de produção de Meier pode ter sido algo bastante diferente de viajantes espaciais pleadianos. Resta saber se tal fonte era a própria mente subconsciente de Meier ou algum agente externo. Uma série de pontos nas notas de contato indica não terem as mesmas se originado de viajantes espaciais sofisticados. Por exemplo: durante um de seus encontros, Semjase disse a Meier: "Esta chamada Era de Aquário (também conhecida como a Era Dourada vindoura) abranda o sofrimento da atual Era de Peixes, que está para terminar depois de quase dois mil anos. Esta mudança se baseia na circulação de seu sistema solar ao redor de um grande sol central uma vez a cada 25.920 anos. Com isto, a passagem por cada um dos dozes signos do seu Zodíaco dura cerca de dois mil anos, com cada um destes signos imprimindo suas próprias características sobre a humanidade que vive nestes períodos."

Prosseguiu afirmando que esta mudança de um signo zodiacal para outro será acompanhada por revoluções e eventos catastróficos, incluindo

terremotos, erupções vulcânicas, enchentes, a mudança do eixo da Terra e mudanças climáticas. É curioso o fato de previsões desta natureza serem feitas com frequência por entidades ufológicas, além de também ser freqüente testemunhas de contatos imediatos sonharem com tais eventos. Também é comum tais previsões serem feitas por médiuns, tais como Edgar Cayce. Ora, de acordo com os astrônomos, a posição do Sol no equinócio da primavera (quando dia e noite são iguais) altera-se devagar contra o pano de fundo das estrelas a uma média de 50,291 segundos de arco por ano. Esta é a chamada precessão dos equinócios. O equinócio da primavera leva cerca de 26 mil anos para fazer um circuito completo e cerca de dois mil anos para atravessar um signo do Zodíaco.

Sem dúvida, Semjase estava se referindo à precessão dos equinócios. Todavia, a estimativa feita por ela de 25.920 anos corresponde a exatamente 50 segundos de arco por ano, o que dificilmente seria uma coincidência. Isto parece estranho, vindo de evoluídos viajantes do espaço. Por que arredondar a taxa de precessão em segundos de arco por ano e depois convertê-la a um significativo resultado de cinco dígitos, ou seja, 25.920 anos?

A teoria de Semjase de que o sistema solar orbita ao redor de um sol central distoa do entendimento moderno de que a precessão é causada pela atração gravitacional do Sol e da Lua sobre a saliência equatorial da Terra. Mas acontece que Sri Yukteswar, o guru de Paramahansa Yogananda,



tinha uma teoria da precessão segundo a qual o sistema solar gira, na verdade, em torno de um sol central. Como Meier passara algum tempo vivendo em diversos ashrams na Índia, ele pode muito bem ter tomado conhecimento desta teoria. Também encontrei a teoria de precessão do sol central numa série de outros escritos populares.

Outro número mencionado por Semjase é 311.040.000.000.000. Esta vem a ser a duração de vida de Brahmã em anos solares, segundo calcula a literatura védica. O mesmo número é usado de maneira diferente pelos teosofistas, sendo o uso de Semjase semelhante ao deles. Semjase também contou a Meier que os pleiadianos preservam histórias de Hyperboria, Agartha, Mukulia e Atlântida, continentes e civilizações perdidos muito estudados pelos teosofistas. Os escritos de Meier parecem definitivamente conter elementos teosóficos e, conforme nos informa Stevens, ele era membro de um grupo de estudos metafísicos que "se reunia com freqüência para discutir textos teosóficos e metafísicos".

## **Extraterrestres bíblicos**

Segundo diz Meier, ele foi levado pelos pleiadianos para visitar uma enorme nave-mãe no espaço exterior, tendo relatado que a citada nave tinha uma população de 144 mil ocupantes. Decerto, não se trata de coincidência o fato de 144 mil ser o número dos eleitos mencionados no Apocalipse bíblico. O líder desta nave-mãe era o pai de

Semjase. Este homem disse a Meier: "Chame-me Ptaah, pois é por este nome que você me reconhece." Mas Ptaah é o nome do deus-líder da antiga Mênfis no Egito. E, o que é pior, o título Ptaah se transformou em IHWH, o nome hebraico de Deus que costuma ser escrito como Javé ou Jeová.

E quanto a Semjase? Se consultarmos este nome em A Dictionary of Angels (Um dicionário de anjos), descobriremos um nome muito parecido, com ortografias que incluem Semjaza e Semyaza. Este Semjaza foi descrito em antigos textos hebreus como um anjo caído. Consta da lista de um grupo de anjos caídos chamados os Guardiões:

Segundo Book of Jubilees, os Guardiões são os filhos de Deus (Gênesis, 6) enviados do céu para instruir os filhos dos homens; eles caíram após descerem à Terra e coabitarem com as filhas dos homens — e devido a este ato foram condenados (assim diz a lenda) e tornaram-se anjos caídos. Porém, nem todos os Guardiões desceram: os que ficaram, os Guardiões santos, residem no Quinto Céu. Os Guardiões maus residem, ou no Terceiro Céu, ou no Inferno.

Isto combina bem com o relato de Meier dos ensinamentos de Semjase. Segundo Semjase, os ancestrais dela foram responsáveis pela origem da raça humana moderna:

Quando nossos ancestrais se estabeleceram na Terra, encontraram homens das cavernas vivendo sob condições extremamente primitivas. Alguns

destes ancestrais encontraram fêmeas atraentes entre os primitivos e se acasalaram com elas. Com este ato, contudo, infringiram uma lei rígida imposta por seu líder, que queria preservar sua própria raça hiper desenvolvida como ela era. Apesar de terem recebido castigo severo, por meio daquele ato foram produzidos os ancestrais da raça humana presente na Terra hoje em dia. Naquela época, os produtos desta mistura eram chamados "Adões", que queria dizer, simplesmente, "homens da Terra", e suas contrapartidas femininas eram chamadas "Evas", que significava "portadoras".

Acontece que Meier tem um antigo interesse em assuntos bíblicos. Ele produziu um livro chamado The Talmud of Jmmanuel (O Talmude de Immanuel) que, segundo alega ele, é a tradução de um antigo texto aramaico sobre Jesus Cristo. (O J em Jmmanuel deve ser pronunciado como um I.) Jmmanuel, segundo Meier, é o nome próprio de Jesus Cristo, e o texto é a história de Jmmanuel escrita há cerca de 1.900 anos por Judas Iscariotes. Este texto, disse Meier, foi descoberto sob a forma de rolos de pergaminho por um sacerdote ortodoxo grego chamado Isa Rashid. Rashid teria trabalhado, supõe-se, sob a orientação de Meier numa tradução para o alemão de alguns dos pergaminhos em Jerusalém em 1963. Os pergaminhos originais se perderam durante um ataque israelita a um campo de refugiados libaneses onde estava Rashid, e o mesmo Rashid foi assassinado mais tarde.

Meier foi franco em declarar não estar diretamente apresentando o material que obteve com Rashid. Diz ele: "A versão alemã representa uma cópia da tradução do aramaico antigo, mas sob uma forma corrigida por Eduard A. 'Billy' Meier e codificada segundo exigências da Missão." Segundo Meier, 80% do "estilo e da estrutura das frases" na obra era dele e 20% de Rashid.

Talvez alguém indague o que vem a ser a "Missão". De qualquer modo, o texto apresentado por Meier começa com a história de como o anjo Semjasa se acasalou com uma mulher terráquea e gerou Adão. Os anjos são seres do espaço, e Jmmanuel foi gerado por um deles numa mulher da Terra (Maria). Segundo o texto, Jmmanuel ensinou uma filosofia segundo a qual Deus é descrito como o líder de uma raça de viajantes do espaço. Deus é um ser mortal, e a causa última do universo não é Deus. Pelo contrário, é a Criação, um termo usado por Meier para designar o Absoluto impessoal.

## **A hipótese da trapaça alienígena**

Nesta altura, uma reação natural seria estigmatizar Meier como uma fraude completa e dispensá-lo de considerações ulteriores. Contudo, se assim fizermos, poderemos estar simplificando as coisas demasiadamente. Em primeiro lugar, existem provas elaboradas apresentadas a favor da história de contato de Meier. Eu argumentaria que, se tudo isto é resultado de uma fraude, há

um esforço organizado por trás dela. Todavia, as pessoas nele envolvidas não foram desmascaradas. Se a teoria da fraude é correta, quem são estas pessoas, quais são os motivos delas e que mais poderiam estar tramando?

James Deardorff, professor aposentado de ciências atmosféricas da Universidade Estadual de Oregon, escreveu um livro analisando The Talmud of Jmmanuel (TJ). Segundo salienta Deardorff, este texto se assemelha muito ao Evangelho de Mateus. Ele selecionou um destacado erudito do Novo Testamento chamado Francis Beare, tendo examinado aqueles versículos de Mateus criticados por Beare pela probabilidade de serem inautênticos. Observou existirem "cerca de 194 pontos onde Francis Beare foi logicamente crítico quanto à autenticidade de Mateus, mas onde os cognatos do TJ não sofrem a mesma crítica". Porém, houve apenas 51 casos onde o TJ discorda das críticas de Beare. Baseado nesta observação e em outras, concluiu Deardorff, o TJ pode muito bem ser um precursor autêntico do Evangelho de Mateus.

Embora retenha graves dúvidas quanto à autenticidade de The Talmud of Jmmanuel, eu careço da perícia necessária para fazer uma avaliação integral dos argumentos de Deardorff. De fato, eles parecem indicar que, se esse texto é um embuste, certamente, então, foi produzido por uma pessoa com conhecimento sofisticado de erudição bíblica. Isto acrescenta outra dimensão de complexidade à teoria segundo a qual o caso Meier é uma fraude humana.

Como ainda não ficou provada a teoria da fraude organizada, devemos estar abertos a outras possibilidades. Uma destas possibilidades, bastante estudada por Jacques Vallee, poderia ser chamada a hipótese da trapaça alienígena.

Vallee estudou o contato francês chamado Claude Vorilhon, cuja história contém uma série de elementos semelhantes aos de Meier. Vorilhon alega ter se encontrado com extraterrestres chamados Elohim, os quais lhe deram o nome de anjo Rael e ensinaram-lhe que haviam criado a raça humana num laboratório. Estes ETs avançados, discordando mais tarde de nosso desenvolvimento, dividiram-se em duas facções lideradas por Jeová e Satã. Segundo também disseram a Rael, Moisés, Buda e Jesus Cristo eram emissários extraterrestres. Munido deste conhecimento, Rael acabou fundando uma religião com cerca de trinta mil adeptos. (Neste ponto ele difere de Meier, o qual se opôs à idéia de fundar uma seita baseada em seus ensinamentos.)

Vallee não fez apenas descartar Vorilhon tachando-o de mentiroso ou tolo iludido. Como, então, se explica a estranha história de Vorilhon? A sugestão de Vallee foi a seguinte:

Devemos buscar uma resposta na direção indicada pelo próprio fenômeno: ele tem elementos humanos; todavia, parece estranho. É físico em aparência; todavia, também se comporta como uma projeção do inconsciente. Sugiro que representa uma tecnologia, como o aparelho de televisão, capaz de manipular as percepções da

mente humana. Temos a tentação de dizer que Vorilhon teria tido uma experiência inicial, passando a alucinar mais tarde. (...) Alucinação é um termo amplo, contudo, e implica que nada na experiência foi real. Esta não é a minha intenção.

Nesta passagem, "fenômeno" se refere ao fenômeno ufológico, interpretado por Vallee como sendo um sistema de controle que intervém em assuntos humanos, mas nos é desconhecido e talvez desconhecível. Conforme sugeriu ele, este fenômeno poderia estar propiciando às pessoas experiências extraordinárias, que, apesar de essencialmente falsas, seriam mais do que simples ilusões geradas por suas próprias mentes. Em outras palavras, o fenômeno ufológico é um enganador.

Conforme uma versão mais concreta desta teoria da trapaça, existem seres humanóides de verdade que se dedicam a atos de trapaça. Esta versão traz a vantagem de levar em conta os primórdios de uma explicação do motivo pelo qual a trapaça acontece. Como sabemos que os humanos se sentem às vezes motivados a fazer alguma trapaça, é plausível o fato de os humanóides dotados de psicologia semelhante também serem movidos por tais motivos.

A teoria da trapaça pode ser aplicada ao caso de Eduard Meier como segue. Talvez Meier tenha mesmo tido contatos com seres alienígenas, cujos óvnis teria fotografado por influência deles. Ou talvez algumas ou todas as suas fotos fossem falsas. Mas talvez sua história elaborada — com suas tantas inconsistências — tenha sido projetada

em sua mente por visitantes alienígenas reais. Isto poderia ter acontecido durante as sessões em que o observaram datilografando trinta a quarenta páginas de material detalhado, sem interrupção e sem consultar notas.

Seria possível descartar como sendo mentirosa a história da datilografia ininterrupta de Meier. No entanto, existem muitos casos conhecidos de canalizadores que produzem grandes quantidades de material, quer através da escrita automática, quer falando em transe. A história da datilografia de Meier não é implausível. Resta saber se o material por ele produzido se originou inteiramente de sua própria mente ou se houve o envolvimento de uma fonte externa. Embora seja difícil saber ao certo, é nítida a possibilidade de uma fonte externa.

Apesar de também se poder explicar o embuste do próprio Meier com a hipótese da trapaça alienígena, isto parece ser uma evasiva. Explica-se: se Meier acreditasse piamente na história que lhe haviam transmitido, ele também precisaria trapacear de vez em quando a fim de fazê-la parecer mais verossímil. Foi isto que Zinsstag e Stanford acusaram Adamski de ter feito, o que é compatível com a natureza humana.

Estes argumentos não são decisivos, é claro. Porém, contam com o apoio de um conjunto adicional de provas que se enquadra no modelo da trapaça externa. Tem-se repetidas vezes relatado fenômenos paranormais com relação às atividades de Meier. Segundo consta, Meier teria aparecido e desaparecido misteriosamente, feito previsões



mediúnicas, tido premonições de tentativas de assassinato e manifestado diversas faculdades paranormais. Embora isto pudesse ser encarado como outra prova da fraude, é compatível com o vínculo óvni-fenômeno-psíquico descrito no Capítulo 4 (páginas 75-77). Meier atribuiu estes fenômenos a seus contatos pleiadianos, mas a hipótese da trapaça seria atribuída a seres entrando em contato com ele com segundas intenções.

A hipótese da trapaça alienígena tem implicações importantes em relação ao que podemos esperar obter como prova. Suponhamos, para efeitos de argumentação, que seres superiores a nós em tecnologia ou faculdades naturais estejam entrando em contato conosco, mas não queiram que tenhamos provas nítidas de sua existência. Teríamos alguma chance de obter provas categóricas de que eles existem? Talvez não. Sem dúvida, não seria de esperar que tais seres concedessem uma conferência à imprensa nos jardins da Casa Branca ou encaminhassem um ensaio sobre seus sistemas de propulsão à Sociedade Americana de Física.

## **A qualidade das comunicações de óvnis**

Passarei a me referir às mensagens que as pessoas dizem receber de humanóides ufológicos usando a expressão "comunicações de óvnis". No entanto, esta expressão não se destina a insinuar nenhuma conclusão em particular sobre a

verdadeira origem dessas mensagens. Fazendo um rastreamento dessas mensagens, descobrimos tenderem as mesmas a conter uma considerável proporção de informações enganosas ou de todo falsas, misturadas com material que pode ser verdadeiro. Nesta seção, apresentarei uma série de exemplos para ilustrar esta tendência à falsidade, a qual é compatível com a hipótese da trapaça alienígena.

Um dos exemplos envolve uma história relatada ao investigador ufológico Jacques Vallee por uma mulher que ele chamou de Helen. Helen viajava com três amigos de Lompoc, Califórnia, para Los Angeles, no verão de 1968. Enquanto dirigiam numa área plana e aberta por volta das três horas, todos os quatro viram uma luz branca no céu que, movimentando-se de maneira errática, aproximou-se do carro deles. Com a aproximação, eles perceberam que se tratava de um objeto branco e cintilante com uma largura de cerca de seis pistas de auto-estrada. Precipitando-se por sobre o carro, ele projetou quatro luzes afuniladas sobre os corpos das quatro testemunhas. Isto fez com que eles se separassem de seus corpos e saíssem flutuando para fora do carro, o qual aparentemente prosseguiu estrada afora. Vallee disse ter, em ocasiões distintas, entrado em contato com duas das outras testemunhas, cada uma das quais confirmou esta parte da história.

Sob hipnose, Helen se lembrou de ter sido levada a bordo do óvni e de ter encontrado um homem vestido de branco que lhe mostrou um motor espantoso. Ela ficou determinada a construir uma

réplica daquele motor. De fato, este passou a ser o interesse central de sua vida, e ela abordou Vallee a princípio a fim de lhe solicitar ajuda para construí-lo. Vallee, porém, salientou que o motor, conforme o descreveu a mulher, é de todo inexequível.

Uma história semelhante envolve a testemunha ufológica chamada Sara Shaw, cujo caso foi investigado por Ann Druffel e o parapsicólogo D. Scott Rogo. A história começou com uma experiência aterradora envolvendo tempo perdido numa cabana solitária em Tujunga Canyon, perto de Los Angeles. Após esta experiência, Sara passou a se interessar por medicina, chegando a conseguir emprego num hospital. Enquanto trabalhou ali, um método para curar câncer lhe ocorreu por meio de uma revelação repentina, que pareceu vir de alguma fonte fora dela. Tanto quanto no caso de Helen e do motor, Sara ficou determinada a revelar esta cura ao mundo.

Ao investigarem a experiência vivida por Sara em Tujunga Canyon fazendo uso da hipnose, veio à tona um clássico cenário de raptos por óvni. Além disso, Sara relatou que, a bordo do óvni, falaram-lhe sobre a cura do câncer. Infelizmente, a cura do câncer, que se resume em injetar vinagre nos tumores cancerosos, é um antigo e ineficiente remédio popular.

Ora, a cura do câncer, seria possível argumentar, de fato ocorreu a Sara por conta de uma noção em parte esquecida do remédio popular, e a história do óvni não passou de uma criação de sua mente inconsciente sob o efeito da hipnose. No entanto,

isto não explica a preocupação dela com esta cura e o fato de seu fascínio pela medicina ter brotado logo após sua experiência em Tujunga Canyon.

Também é curioso que, na seqüência da história, Sara tenha procurado um médico para lhe contar a respeito da cura. Em dado momento, sua intuição lhe revelou ser um certo Dr. Allini o médico a ser abordado. Tendo ela lhe falado da cura, calhou de ele estar mesmo receptivo a estudá-la. De fato, ele disse já ter ouvido falar dela por intermédio de um homem da região, que alegava tê-la recebido de entidades ufológicas. Logo, parecemos ter duas histórias independentes nas quais a mesma e ineficaz cura de câncer teria sido divulgada por seres oriundos de óvnis.

Mas por que deveriam seres voando por aí em veículos de alta tecnologia fazer com que as pessoas desenvolvessem interesses preponderantes em motores impossíveis e curas ineficazes? Seja qual for o motivo, conforme sugerem certas provas, tais seres fazem, de quando em quando, apresentações bastante elaboradas de informações disparatadas. Um exemplo disto é o caso de rapto de William Hermann (veja páginas 205-07).

## **Geringonças técnicas**

A história de William Herrmann parece um produto híbrido da história de Meier e de casos de rapto americanos envolvendo aparentes exames médicos feitos por humanóides olhudos. Assim

como Meier, Herrmann tirou umas tantas fotografias nítidas de óvnis, que pareciam posar para a máquina dele. Assim como Meier, ele também foi convocado, por meio de telepatia, para contatos com óvnis. Hermann disse ter experimentado uma "fresca sensação de afago em sua testa" durante a comunicação telepática. Para efeito de comparação, o jornalista Gary Kinder citou Meier falando da sensação de "brisa passando pela testa" proporcionada pela telepatia. Esta última coincidência, de tão surpreendente, não deixa passar despercebido o fato de Wendelle Stevens ter investigado ambos os casos.

Conforme alega Hermann, os seres que entraram em contato com ele em 1979 se identificaram como sendo oriundos das estrelas Zeta I e Zeta 2 da constelação Reticulum. Eles teriam feito isto transmitindo informações a Hermann por intermédio da escrita automática.

Àquela época, estas estrelas estavam no auge da fama entre os círculos de estudos ufológicos em consequência do célebre mapa estelar relatado por Betty Hill. Após o rapto do caso Hill, ocorrido em 19 de setembro de 1961, Betty Hill se recordou de ter sonhado com um mapa estelar afixado numa parede do óvni. Neste mapa estaria incluída a estrela natal dos alienígenas. Hipnotizada, Betty desenhou este mapa estelar pela primeira vez em 1964. Em 1966, Marjorie Fish, professora secundária de brilhante capacidade intelectual, iniciou um processo de modelagem dos padrões estelares da vizinhança da Terra a fim de identificar o padrão representado pelo mapa de

Betty Hill. No início do outono de 1972, ela concluiu que a base natal constante no mapa devia ser Zeta I ou Zeta 2 da constelação Retícula. Esta descoberta foi publicada na edição de julho de 1973 de *Saga* e na edição de janeiro de 1974 de *Pursuit*. Foi também discutida na edição de dezembro de 1974 da revista *Astronomy*.

Em suas observações de 3 de novembro de 1975, Eduard Meier menciona o fato de Semjase ter se encontrado com seres de Zeta da constelação Reticulum. Se, de sua aldeia rural suíça, Meier estava atualizado em ufologia americana, ele pode muito bem ter ficado sabendo das descobertas de Marjorie Fish sobre o mapa estelar de Betty Hill a tempo de incorporá-las em suas histórias de contato em 1975. Evidentemente, se Meier estava mesmo em contato com alguns seres do outro mundo, é possível que eles estivessem atualizados em ufologia americana.

Voltemos a Hermann, que era cristão fundamentalista e mecânico de automóveis. Como ele veio a mencionar Zeta de Reticulum? Ele jurava não ter se interessado em óvnis antes de suas experiências de contato imediato e, caso isto seja verdade, não deve ter ouvido falar do mapa estelar de Betty Hill. No entanto, ele pode ter ouvido falar do mapa estelar em conversas com investigadores ufológicos após seu rapto em março de 1978. Pode-se, então, aventar a hipótese de a informação ter aflorado de seu inconsciente durante sua escrita automática.

Contudo, as mensagens que Hermann recebeu dos reticulanos têm de fato uma série de estranhas

características difíceis de serem justificadas pela hipótese de terem sido inteiramente produzidas por sua mente. Eis um trecho de uma das mensagens:

### **Tecnologia reticulana**

Hipótese da propulsão evolucionária:

Uma combinação da manipulação do equilíbrio gravitacional pela conversão eletromagnética de energia-massa dentro de um campo unificado de fusões de partículas positivas e negativas de feixes de luz (...) usando energia cinética e eletricidade estática aproveitada, ocorre uma conversão que aumenta o fluxo de energia para dentro da câmara de força coesiva de onda eletromagnética (...) resultando, assim, em base de flutuação de ação/reação. O efeito da manipulação mantém-se pelos contínuos aumento e diminuição da onda eletromagnética MPS (manipulação por seqüência).

Segundo Stevens, este tipo de afirmação é de todo inadequado para uma pessoa com a formação de Hermann. Logo, é possível que envolva algo além do próprio inconsciente de Hermann.

Ao mesmo tempo, a mensagem não parece ser autêntica enquanto informação técnica. Se quiséssemos transmitir conhecimento técnico utilizando este tipo de vocabulário, a única forma racional de fazê-lo seria mediante definições graduais de termos inteligíveis para a audiência, mas não é isto o que vemos aqui. A mensagem faz lembrar o motor impossível de Helen ou a ineficaz

cura de câncer de Sara. Até parece que alguém tinha algum motivo para estar transmitindo geringonças técnicas a Hermann. Pode-se postular, ainda, uma mensagem significativa sendo deturpada ao ser transmitida por intermédio da mente de Hermann. Mas seria de esperar que os seres inteligentes responsáveis pela transmissão tivessem conhecimento de tal distorção e fossem capazes de corrigi-la.

Boa parte desta geringonça faz uso de conhecimento técnico do tipo que se poderia consultar em vários livros de referência. Numa mensagem, por exemplo, há fórmulas matemáticas complicadas e referência à "EXCENTRICIDADE DE ÓRBITA: 0,0167". De fato, de acordo com livros didáticos de astronomia, a excentricidade da órbita da Terra é 0,0167.

Parece improvável que Hermann viesse a deparar com um dado destes, a não ser que estivesse estudando astronomia. Em seus escritos e em entrevistas gravadas em vídeo, ele aparenta ser uma pessoa sincera do tipo incapaz de consultar livros didáticos só para arquitetar uma história falsificada. Ao mesmo tempo, parece duvidoso o fato de viajantes espaciais alienígenas terem usado, em seus cálculos, este dado específico. Restam-nos, portanto, as alternativas de fraude por parte de Hermann ou de fraude por parte dos seres que se comunicaram com ele.

Sem dúvida, alguns dos pontos técnicos constantes nas mensagens não foram extraídos de livros didáticos atuais. Em meados dos anos 70, por exemplo, alguns astrônomos sustentavam que



Zeta 1 e Zeta 2 estão a 36,6 anos-luz da Terra. Em contraste, as mensagens transmitidas a Hermann mencionam mais de uma vez uma distância de 32 anos-luz.

Outro ponto curioso: as mensagens dos reticulanos a Hermann se referem repetidas vezes a uma organização por eles chamada de "the Network" (a Rede). Ora, a palavra reticulum quer dizer "rede" em latim. Logo, o criador da história reticulana de Hermann, seja ele quem for, parecia ter noção desses sutis detalhes lingüísticos. Isto soa um tanto estranho, quer para um mecânico de automóveis da Carolina do Sul, quer para alienígenas de outro planeta.

Há uma história curiosa por trás da expressão "manipulação por seqüência" (MPS) na mensagem reticulana citada acima. Esta expressão consta de notas, datadas de 10 de setembro de 1985, sobre uma entrevista telefônica entre o investigador ufológico James McCampbell e o físico Paul Bennewitz. Bennewitz investigava atividades ufológicas na área de Albuquerque, Novo México, e, segundo se comenta, ele teria sido desencaminhado por desinformações acerca de óvnis espalhadas por agentes do governo (veja páginas 137-42).

Nas notas apresentadas por McCampbell, Bennewitz refere-se à expressão MPS dizendo que, no caso das naves alienígenas, "as MPS mudam de freqüência a intervalos regulares". Compare isto à referência de Hermann aos "contínuos aumento e diminuição da onda eletromagnética MPS".

Existem outras coincidências óbvias entre as afirmações de Bennewitz e Herrmann. Herrmann disse ter observado os veículos reticulanos movimen-tando-se em padrões triangulares, e também disse terem os reticulanos lhe explicado, durante o rapto, que faziam aquilo para evitar efeitos prejudiciais de radares militares americanos.

Bennewitz alegou ter fotografado os óvnis enquanto estes voavam em padrões triangulares ou quadrangulares, fazendo voltas de ângulo agudo num vigésimo de segundo. Conforme disse ainda, radares de alta potência podem interferir nesses óvnis. Alguns dos alienígenas, mencionou ainda, seriam oriundos de Zeta da constelação Reticulum e viriam de distâncias "até ou acima de 32 anos-luz". Assim como Herrmann, ele também afirmou que eles faziam parte de uma federação chamada "The Network".

Esta informação parece estabelecer um sólido elo entre Herrmann e o material atribuído a Bennewitz. Eis algumas possíveis explicações para isto: (1) Bennewitz, ou algum desinformante em contato com ele, copiou as informações de Herrmann (cujas declarações precediam às de Bennewitz), (2) tanto Bennewitz quanto Herrmann foram vítimas do mesmo grupo de desinformantes, ou (3) existe alguma ligação entre os raptos de Herrmann e os alienígenas estudados por Bennewitz. É difícil dizer qual é a alternativa correta.

Em todo este capítulo, uma hipótese que tem sempre estado em segundo plano é aquela

segundo a qual o conteúdo das aparentes mensagens de entidades ufológicas está de fato sendo transmitido à sociedade humana por meios comuns. Analisemos com mais minúcia a idéia de acidentes com óvnis induzidos por radares a partir deste ponto de vista.

É um pouco difícil desembaraçar o histórico e possível gênese dos acidentes induzidos por radares. Um artigo de um jornal de Kansas, *The Wyandotte Echo*, de 6 de janeiro de 1950, apresentava uma versão da explicação para a interferência de radares em acidentes de discos voadores. Segundo dizia o artigo, "como parecem colidir quase sempre perto de instalações de radar, são atraídos, supõe-se, por radares, ou talvez as ondas de radar interfiram em seus sistemas de controle". De acordo com William Moore, a história de *The Wyandotte Echo* pode ser atribuída a amigos de Silas Newton, que serviu de fonte de informação para o controverso livro de Frank Scully, *Behind the Flying Saucers*. Este livro, publicado em 1950, estudava uma colisão de óvni que teria ocorrido em 1948.

A história do radar também aparece num memorando que teria sido enviado de Guy Hottel para o diretor do FBI em 22 de março de 1950. Nele, havia uma descrição, um tanto artificial de três discos voadores de quinze metros de diâmetro, cada um deles contendo três corpos humanóides, que haviam sido resgatados pela Força Aérea no Novo México. E prosseguia dizendo:

De acordo com o Sr... informante, os discos foram encontrados no Novo México devido ao fato de o governo ter uma possante instalação de radar naquela área — acredita-se que o radar interfere no mecanismo de controle dos discos.

Nenhuma outra avaliação foi feita por SA (apagado) com respeito ao exposto acima.

Este memorando, conforme outra alegação de Moore, pode estar vinculado a The Wyandotte Echo, embora isto pareça duvidoso em vista de o artigo do jornal falar de dois discos voadores com dois corpos em cada um. De qualquer modo, a história de acidentes induzidos por radares parece remontar a 1950.

Durante o primeiro rapto por óvni de Hermann, em 1979, seus captores lhe disseram, segundo relatou, que algumas de suas naves espaciais eram sensíveis a radares. Aparentemente, algumas de suas naves perderam o controle e colidiram porque a interferência dos radares danificou os computadores a bordo das mesmas. As entidades disseram a Hermann que isto acontecera pela última vez cerca de trinta anos antes da data de seu rapto. Como o rapto ocorreu em 1979, isto significa que a última colisão fora em 1949. Isto vincula a história de radar de Hermann às histórias relacionadas a colisões de óvnis por volta de 1948.

Teria a história de Hermann se originado destas primeiras histórias através dos meios de comunicação comuns? Sendo a história por certo obscura, teríamos de supor a hipótese de

Hermann ter ficado sabendo dela por algum investigador ufológico irresponsável (ou por outra pessoa interessada no assunto) e depois tê-la forjado em seu próprio relato. Ou, então, teríamos de supor que, contrariando seu depoimento, Hermann lera bastante sobre óvnis.

A idéia da colisão induzida por radar se manifesta em outra história de contato imediato. Em 3 de dezembro de 1967, às 2h30, um oficial de polícia chamado Herb Schirmer viu um estranho objeto iluminado à sua frente numa estrada. Ao acender o farol alto de seu carro na direção do objeto, Schirmer relatou ter visto um disco voador decolando. Após o comitê Condon ser informado deste relato, foram tomadas providências para hipnotizar Schirmer. A hipnose revelou uma experiência complexa, na qual certos seres se aproximaram de Schirmer em seu carro para levarem-no a bordo do óvni. Ali, os seres lhe disseram muitas coisas bizarras, inclusive que a nave deles funcionava à base de eletromagnetismo de inversão, que eles extraíam energia de reservatórios d'água e que suas naves haviam sido derrubadas por radares. É interessante o ponto de vista de Jacques Vallee a este respeito: para ele, isto seria um truque de desinformação por parte dos seres ufológicos.

Para piorar as coisas, os seres, disse Schirmer, vestiam macacões com o emblema de uma serpente alada. Da mesma forma, os seres vistos por William Hermann traziam uma figura metálica estampada no lado superior esquerdo de seus uniformes inteiros. Era a imagem de uma

serpente alada. Além disso, Filiberto Cardenas e sua esposa relataram ter visto o emblema de uma serpente no lado superior direito dos uniformes usados por seus captores.

Acaso também estariam circulando histórias de emblema de serpente e sendo incorporadas a relatos sobre óvnis de testemunhas tidas como honestas? O que motivaria alguém a adotar essas histórias sem sentido e mentir a respeito delas? Conforme se poderia argumentar, as pessoas as ouvem, esquecem-nas e mais tarde fazem-nas brotar de seu inconsciente. Mas por que estas histórias arbitrárias exercem tamanho impacto sobre o inconsciente das pessoas, a ponto de conseguirem lhes anular a capacidade de discriminar entre imaginação e realidade?

Outra história de radar surge no caso do segundo-sargento Charles L. Moody da Força Aérea americana, que teve um contato imediato com um óvni em 13 de agosto de 1975, perto de Alamogordo, Novo México (página 272). Por um período de dois meses, Moody foi se lembrando aos poucos de um rapto típico por seres do clássico tipogray. Entre outras coisas, estes seres lhe disseram, segundo relatou, que o radar interfere em seus dispositivos de navegação.

É impossível saber ao certo como estão sendo transmitidas estas histórias. Algumas delas talvez sejam de todo verdadeiras, mas aquelas que são falsas não se devem necessariamente a mentiras e delírios humanos. A opção de Vallee também é uma possibilidade. É concebível, por exemplo, o fato de uma história de radar, fruto da imaginação

humana e datada de 1950, ter sido transmitida a Hermann, Schirmer e Moody por verdadeiros seres não-humanos, talvez como parte do próprio plano de desinformação deles. Isto seria compatível com o uso de citações de livros de astronomia em comunicações com Hermann.

Seria possível perguntar o motivo para seres humanóides pretenderem espalhar desinformação à respeito deles mesmos. Segundo uma possível resposta, o ato de desinformar tem a função de pôr um assunto em descrédito. Se "eles" pretendem ocultar suas atividades, então, a difusão de histórias ridículas sobre eles mesmos é uma forma muito prática de consegui-lo.

Para resumir esta subseção, pode-se sempre descartar Hermann como sendo fraudulento ou vítima sugestionável de manipuladores humanos. Também existe, porém, a possibilidade de que ele estivesse relatando uma história autêntica de suas experiências. Talvez Hermann tenha mesmo tido um encontro com seres estranhos navegando óvnis. Sendo assim, estes seres parecem ter apresentado a ele comunicações disparatadas fazendo uso de material — parte dele bastante obscura — tomado emprestado da cultura terráquea.

## **A teoria da intervenção genética**

Pelo material que acabo de analisar, podemos fazer alguma idéia da qualidade e nível de veracidade das comunicações de óvnis. Nesta seção e na seguinte, eu gostaria de analisar

alguns dos temas específicos que surgem repetidas vezes neste material. Começarei voltando à história de Meier, segundo a qual os extraterrestres teriam criado os humanos modernos acasalando-se com os povos primitivos existentes na Terra. A teoria da criação da humanidade por alguma espécie de manipulação genética extraterrestre se manifesta repetidas vezes em comunicações relacionadas a óvnis, estando vinculada a histórias atuais de manipulação genética de humanos por parte de entidades ufológicas.

Segundo alguns eruditos, pode-se encontrar a teoria da intervenção genética em antigos textos hebreus e sumérios. Como argumenta o geólogo Christian O'Brien, por exemplo, estes textos descrevem uma raça de seres chamada os Brilhantes — sua tradução para a palavra hebraica Elohim. Estes seres criaram os humanos modernos a partir de formas humanas primitivas por meio da manipulação genética. Alguns destes seres, chamados Guardiões, acasalaram-se com os humanos, o que os Brilhantes consideraram um crime. Um dos Guardiões chamava-se Shemjaza (lembre-se da Semjase de Meier), e Jeová era um dos Brilhantes. Segundo argumenta O'Brien, os Brilhantes, apesar de superiores, eram seres mortais de origem desconhecida.

O erudito israelita Zecharia Sitchin se baseou em antigos textos sumérios e babilônios para argumentar que os seres humanos modernos foram criados por viajantes do espaço chamados os Nefilim, que teriam se acasalado com eles e se



desentendido sobre o que fazer com os mesmos. Segundo Sitchin, os Nefilim criaram os humanos fazendo modificações genéticas no Homo erectus. O'Brien e Sitchin basearam suas idéias em antigos textos do Oriente Próximo. Porém, em 1950, o Papa Pio XII apresentou uma idéia muito semelhante ao fazer uma aparente tentativa de conciliar a evolução com a Bíblia. Ele decretou ser aceitável para os católicos o fato de o corpo humano ter evoluído de outra matéria viva já existente. Sustentou, no entanto, ser essencial que os católicos continuem acreditando no fato de os humanos atuais serem descendentes de Adão e Eva, visto que, de outra forma, a doutrina do pecado original deixaria de existir. Subentende-se daí que Adão e Eva resultaram da intervenção divina, mas que todos os demais organismos, inclusive os primatas, evoluíram à maneira darwiniana.

A teoria da intervenção genética tem aparecido nas histórias que circulam sobre óvnis e o governo americano. Segundo alega a pesquisadora ufológica americana Linda Howe, uma versão desta teoria fazia parte de um "informativo presidencial" mostrado a ela pelo agente Richard Doty, do Departamento de Investigações Especiais da Força Aérea. Segundo este documento, os extraterrestres em contato com o governo americano têm vindo à Terra em diferentes épocas para manipular o DNA em primatas terrestres. Supostamente, isto foi feito há 25.000, 15.000, 5.000 e 2.500 anos. Além disso, há dois mil anos os extraterrestres criaram um ser, que foi

"colocado nesta Terra para ensinar o amor e a não-violência à humanidade"

Doty negou publicamente o fato de ter mostrado semelhante documento a Linda Howe, e a história da manipulação genética continua pertencendo ao âmbito dos boatos e da desinformação. Mas de onde se originou a história?

A teoria da intervenção genética também vem à tona por intermédio de uma variedade de comunicações canalizadas relacionadas a óvnis. Isto poderia indicar o fato de a idéia exercer um forte poder sobre as mentes das pessoas, tendendo, portanto, a emergir do inconsciente. Ou talvez esteja de fato sendo comunicada a canalizadores a partir de uma fonte externa. Uma combinação destas possibilidades também poderia ser válida.

Eis um exemplo em que a teoria emerge de uma comunicação canalizada. A médium Carla Rueckert produziu elaboradas comunicações em estado de transe atribuídas à entidade Ra, um "complexo de memória social" que visitara a Terra em naves espaciais na época do Egito antigo. A história de Ra para as origens da humanidade pode ser resumida como segue:

A guerra em Marte fez com que aquele planeta se tornasse inóspito e sua população humana morresse. O grupo "Jeová" produziu humanos do tipo moderno na Terra 75 mil anos atrás, clonando material genético a partir dos marcianos mortos. Os primeiros humanos modernos na Terra apareceram nesta época; metade deles se

originou dos marcianos; a outra metade, de bípedes nativos semi-erectos, e um quarto deles veio de outros planetas.

As comunicações de Ra declaravam ser o grupo Jeová uma força-tarefa de extraterrestres avançados. A teoria da intervenção genética apresentada aqui se assemelha a outras que temos visto, mas contém diferenças, tais como a referência aos marcianos. Isto é típico de comunicações de óvnis e mensagens canalizadas. Embora determinados temas surjam repetidas vezes, todas as histórias tendem a diferir entre si nos detalhes.

A teoria da intervenção genética remonta pelo menos ao começo dos anos 50. Naquela época, Ralph M. Holland, engenheiro morador de Cayahoga Falls, Ohio, disse ter entrado em contato com viajantes espaciais humanóides que chamou de Etéricos. Estes seres diziam viver num plano de existência etérica. Segundo Holland, eles lhe contaram que haviam criado a raça humana da seguinte maneira:

Ao virem pela primeira vez ao plano físico de seu planeta, estes grupos descobriram que seus corpos físicos não eram de todo adaptados ao ambiente. Empenhando-se para melhorar a situação, eles passaram a desenvolver um corpo físico mais bem adaptado mediante a reprodução seletiva e a hibridação. A escolha final foi a raça ancestral das atuais raças adâmicas, resultante de um cruzamento entre as próprias Raças Antigas e

um certo animal parecido ao homem nativo de seu planeta.

Linda Howe apresenta um caso de rapto em que se manifesta a teoria da intervenção alienígena. É o caso de uma mulher de New Jersey chamada A. Allen, uma mestiça americana (filha de negro com índia). Sob hipnose, ela se lembrou de ter tido um contato com um ser masculino de dois metros de altura cujos olhos tinham pupilas de corte vertical. Segundo declara Howe, esta mulher "acredita que os Homo sapiens foram originalmente criados para ser a mão-de-obra de alguém mais na Terra, e incumbidos de extrair minerais e fazer o esforço físico para uma raça de seres altos que vêm ceifando este planeta em busca de eões (seres imaginários do gnosticismo).

Quando perguntei a Howe de onde a mulher teria tirado estas idéias, ela disse que as mesmas afloraram durante as sessões de hipnose realizadas para investigar seu rapto. A mulher, arrematou Howe, não era instruída nem tinha o hábito de ler. Entretanto, a idéia de os humanos terem sido criados para serem mineiros aparece no livro *The 12th Planet* (O 12º planeta) de Zecharia Sitchin. O detalhe dos mineiros pode ser um elo entre a história de Allen e o livro de Sitchin. Meu último exemplo da teoria da intervenção genética encontra-se no livro *The Watchers*, de Raymond Fowler. Neste livro, Fowler pergunta: "O homem de Cro-Magnon foi colocado na Terra intacto ou foi o resultado de uma transformação genética do homem de Neandertal feita por seres

alienígenas?" Esta idéia especulativa se fundamenta nas provas, por ele reunidas, de um elemento genético constante em relatos sobre raptos por óvnis, aliadas à tão conhecida idéia de que o homem de Cro-Magnon teria de súbito substituído o homem de Neandertal. Além disso, Fowler registra as passagens bíblicas sobre os "Filhos de Deus", que acharam as filhas do homem bonitas e com elas se acasalaram, produzindo "homens poderosos, homens de renome".

Fowler chamava os extraterrestres de os "Guardiões" e especulava quanto ao fato de estes terem se preocupado com a raça humana desde os seus primórdios. Fowler adotou este termo a partir de seu extenso estudo da contato Betty Andreasson, cujos raptos, conforme afirmou, referiam-se a si mesmos como "Guardiões". A manipulação genética dos humanos é um tema saliente nos relatos sobre raptos de Andreasson.

Todas estas versões da teoria da intervenção genética compartilham elementos comuns encontrados nas tradições culturais da humanidade — neste caso, tradições registradas nos livros apócrifos da Bíblia e na mitologia suméria. Apesar de ser enigmático o fato de esta teoria estar sempre aflorando em histórias de contatos com alienígenas, eis algumas possíveis razões para isto: (1) Isto acontece porque a teoria da intervenção genética tem um estranho atrativo psicológico que induz as pessoas a imaginarem seres alienígenas lhes falando a respeito dela. (2) Acontece porque uma conspiração de sinistros desinformantes está difundindo a teoria. (3)

Acontece porque as entidades ufológicas extraem a teoria da intervenção genética da cultura humana e a usam para o seu próprio programa de condicionamento da sociedade humana. (4) Por ser a teoria um retrato verdadeiro de nossas origens, as entidades a estão apresentando a nós como tal.

A opção (1) goza de certo apoio. A teoria da intervenção genética é uma nítida solução conciliatória para o conflito entre a teoria da evolução de Darwin e o criacionismo bíblico. Por este motivo, poderia ter atrativo intelectual para muitas pessoas. Mesmo assim, isto não explica o motivo da experiência das pessoas que dizem ter ouvido os seres alienígenas falando a respeito da teoria.

A opção (2) também não explica a razão para as pessoas relatarem tais experiências. No entanto, as opções (3) e (4) têm uma explicação para isto. A rigor, a opção (4) não pode ser verdadeira, visto existirem muitas versões divergentes da teoria da intervenção genética, e nem todas elas podem ser corretas. Resta-nos a opção (3).

Temos, no caso de Betty Andreasson, outro exemplo de experiência relacionada a óvnis que é compatível com a opção (3). Quando aplicaram a hipnose para investigar o rapto de Betty ocorrido em 1967, ela se lembrou de ter sido levada num óvni para um túnel perfurado em rocha sólida. Este túnel dava numa estranha paisagem com vista para um oceano, uma cidade distante e uma pirâmide encimada por uma "cabeça egípcia". Duas entidades a conduziram ao longo de uma

pista elevada até um lugar onde ela viu a representação vivida do mito egípcio da Fênix, ave gigante que se auto-consome com o fogo para depois renascer das cinzas.

Esta experiência teve fortes implicações religiosas, e Betty Andreasson é uma cristã fundamentalista. No entanto, a história da Fênix não é usada por fundamentalistas modernos, muito embora o fosse pelos cristãos antigos. Portanto, o motivo Fênix teria sido escolhido pelas entidades visitantes, e não pela mente consciente ou inconsciente de Andreasson. Para defender esta idéia, Fowler salientou o fato de a representação da história da Fênix recordada por Andreasson envolver pequenos detalhes que fazem parte do mito egípcio original, mas que não são muito conhecidos (como o fato de uma lagarta emergir das cinzas, e não uma avezinha).

## **Desastres e mais genética**

Um tema comum em comunicações de óvnis é o fato de os seres humanos estarem correndo perigo de algum desastre terrível provocado pela natureza ou por seus próprios atos. Este tema tende a se intercalar com o tema da manipulação genética. Nesta seção, analisarei estes temas com o objetivo de aprofundar a compreensão dos motivos por trás das comunicações de óvnis e suas possíveis fontes.

Desastres envolvendo a atmosfera da Terra são mencionados repetidas vezes em comunicações

de óvnis. Whitley Strieber, por exemplo, disse que lhe mostraram "representações gráficas da morte da atmosfera, isto para não mencionar o planeta inteiro simplesmente explodindo". Os contatos reticulanos de William Hermann, segundo ele, informaram-no que o campo magnético da Terra estava decaindo e que a radiação proveniente do espaço logo causaria danos aos organismos vivos. O comunicador Ra, usando um estilo mais filosófico, falou de uma transição vindoura da Terra na qual ela não seria mais habitável por seres com a chamada "terceira densidade" de corporificação grosseira. Isto envolve uma crise acompanhada de rupturas na "vestimenta externa" da Terra — presumivelmente, a atmosfera. Em 1953, um médium chamado Mark Probert fez a seguinte declaração numa comunicação em estado de transe sobre os óvnis e seus ocupantes: "O seu perigo atual, por ora mitigado pelos Guardiões, jaz no colapso progressivo dos éteres superiores, i.e., da ionosfera."

Conforme podemos ver em outras comunicações de óvnis, estas declarações sobre a atmosfera têm uma qualidade surreal. Parecem ser expressas mais em simbolismo onírico do que em linguagem científica objetiva. A declaração de Probert soa como a mais realística de todas, embora a camada de ozônio, que julgam estar se rompendo hoje em dia, se encontre abaixo da ionosfera. A declaração foi feita em 1953, bastante tempo antes da época das controvérsias sobre a camada de ozônio do início dos anos 70. As outras declarações sobre a



atmosfera foram feitas, é claro, durante ou após este período.

Há quem ache comunicações canalizadas como a de Probert dúbias e indignas de serem mencionadas. Não obstante, elas podem ter uma relação importante com mensagens recebidas durante contatos com óvnis porque (1) elas costumam ter conteúdo semelhante e (2) ocorre canalização em alguns casos de contato com óvnis. Talvez seja significativo o fato de muitas das coisas mencionadas em comunicações de óvnis atuais também terem sido mencionadas em comunicações canalizadas do início da década de 1950. Dois outros exemplos disto são a teoria da intervenção genética e a idéia de que radares podem fazer com que os óvnis colidam.

Os perigos da poluição causada pelo homem e dos testes nucleares são mencionados com freqüência em comunicações de óvnis. Estes tópicos afloraram, por exemplo, num caso de contato imediato ocorrido em maio de 1973 perto de Houston, Texas. A testemunha, Judy Doraty, dirigia seu carro acompanhada de quatro familiares. Todos os cinco se lembraram de ter visto no céu uma luz muito brilhante que seguia o carro. Os familiares se lembraram de Judy estacionando o carro no acostamento da estrada e caminhando para a sua traseira, para depois voltar, entrar de novo no carro e se queixar de sede e náusea. Voltaram para casa com aquela luz ainda seguindo o carro e, ao chegarem, todos eles assistiram a ela realizando estranhas cabriolas no céu.

Descobriram ter perdido cerca de uma hora e quinze minutos.

Esta lacuna de tempo foi apurada por meio de uma sessão de hipnose administrada em 3 de março de 1980 pelo Dr. Leo Sprinkle, então diretor da Divisão de Consultoria e Testes da Universidade de Wyoming. Sprinkle também submeteu a mulher a testes psicológicos, através dos quais constatou ser ela perfeitamente normal. Sob hipnose, Judy Doraty revelou informações comunicadas por entidades, num óvni que ela visitou, por meio de uma experiência extracorporal. Enquanto retalhavam um bezerro, as entidades explicaram estar fazendo aquilo para monitorar a progressiva poluição do meio ambiente. Segundo disseram as entidades, os humanos acabarão se destruindo através da poluição. Disseram ainda que os testes nucleares, inclusive os testes no espaço exterior, estão ocasionando efeitos muito nocivos à Terra.

É comum testemunhas de contatos imediatos dizerem que foram advertidas dos perigos da poluição desencadeada pelo homem, inclusive a poluição causada pelos testes nucleares. Todos nós sabemos da existência destes perigos, é claro. Logo, talvez por estar sob o efeito da hipnose, Judy Doraty estivesse externando preocupações em torno da poluição e dos testes nucleares em seu depoimento. Contudo, este depoimento contém características curiosas corroboradas por outros relatos sobre óvnis. Por exemplo: os seres disseram que as perigosas atividades da humanidade afetam outros seres não especificados:

Doraty: Se continuarmos agindo como fazemos agora, o perigo vai afetar não somente a nós, mas possivelmente a outros também... e eles estão tentando conter algo que poderia provocar uma reação em cadeia. E que talvez os comprometa. Não sei.

Sprinkle: Eles disseram que tipo de reação em cadeia é esta? Doraty: Não, apenas que ela compromete... não somos os únicos preocupados.

Sprinkle: Eles dizem quem mais está comprometido?

Doraty: Não.

Sprinkle: Acaso falam de suas origens, de onde vêm?

Doraty: Que foram designados para vir aqui.

Sprinkle: À Terra?

Doraty: Não sei.

Este assunto também aflorou num caso estudado pelo Dr. James Harder, professor de engenharia civil na Universidade da Califórnia em Berkeley e tarimbado pesquisador ufológico. Pat Price, a principal testemunha do caso, lembrou-se de ter se sentado em frente a uma escrivaninha a bordo de um óvni e conversado com o "líder" por telepatia. Eis parte da conversa, conforme foi lembrada sob hipnose:

Price: Bem, (pausa) ele desenhou um círculo para mim, mostrou-me umas linhas e me disse: "As pessoas podem coexistir... e não saber disso."

Harder: Que tipo de linhas ele desenhou no círculo?

Price: Linhas paralelas.

Harder: Que você acha que ele quis dizer com isto?

Price: Ele disse: "O que fizermos, de maneira destrutiva, os afetará também." (Suspiro.) Eu não sei sobre o que ele estava falando... só sei que me apavorou.

Se nossas atividades "os" afetam, é bem possível que alguns deles vivam aqui na Terra. Esta idéia se manifesta no depoimento de Doraty, e Betty Andreasson também faz menção explícita dela em seu depoimento. Eis uma transcrição de uma sessão de hipnose na qual entidades alienígenas parecem estar falando por intermédio da voz de Betty Andreasson, usando-a como uma espécie de canal ou médium espírita. Além de falar de muitas raças de seres visitantes que trabalham em cooperação, ela salienta que algumas dessas raças vivem na Terra:

Entrevistador: Betty, eles têm inimigos como nós?

Betty: Existe um planeta que é hostil, e também muitos homens são hostis, só porque não compreendem. (...)

Entrevistador: Betty, existem muitos clãs ou raças visitando a Terra no momento e vindos de muitos planetas?

Betty: Sim... Setenta... raças.

Entrevistador: Estas raças trabalham juntas?

Betty: Sim, exceto a ofensora.

Entrevistador: Eles vêm de diferentes planetas, então? Eles não vêm do mesmo planeta? Isto é correto?

Betty: Alguns. Alguns vêm de reinos cujos esconderijos não se pode ver. Alguns vêm da própria Terra. (...) Sim, há um lugar na própria Terra que vocês desconhecem.

No depoimento de Andreasson também consta a idéia de que a poluição acabará causando sérios danos à raça humana. Numa experiência a bordo de um óvni recordada sob hipnose, Betty vira os alienígenas extraírem dois fetos de uma mulher raptada. Horrorizada, ela viu os alienígenas introduzirem compridas agulhas na cabeça e nos ouvidos de um dos fetos e o colocarem num tanque contendo um líquido ligado a um estranho aparelho. Os alienígenas lhe deram a seguinte explicação para isto:

Estão me dizendo que precisam fazer isto. E eu digo: "Por que vocês precisam fazer algo tão terrível?" E um deles diz: "Precisamos fazê-lo porque, com o passar do tempo, a Humanidade ficará estéril. Eles não conseguirão se reproduzir por causa da poluição das terras, das águas e do ar, e por causa das bactérias e das coisas terríveis que estão na Terra!"

Esta declaração vincula o problema da poluição mencionado a Judy Doraty à idéia de que uma raça alienígena está empenhada em fazer experimentações genéticas com seres humanos. Estes dois temas também aparecem num relatório

apresentado por Jenny Randles. Em 5 de fevereiro de 1978, em Medinaceli, Espanha, um veterinário de 33 anos chamado Júlio foi raptado, junto de seu cão, por entidades altas de aparência nórdica. As entidades examinaram Júlio, colhendo amostras de sangue, suco gástrico e sêmen. Segundo lhe disseram, o mundo deles é um tenebroso lugar deteriorado, e por isso pretendem estudar nosso maravilhoso mundo repleto de vida antes que estraguemos tudo como eles fizeram. Também mencionaram pequenas e feias entidades que têm a estranha idéia de reprogramar humanos biologicamente.

As entidades relatadas por Betty Andreasson parecem corresponder a estes "pequenos e feios" seres interessados em manipulações genéticas. No entanto, ela se lembrou de ter sido levada, em certa ocasião, até o mundo deles, que descreveu como sendo cinzento, escuro e nebuloso o tempo todo. Isto condiz com a declaração de Júlio a respeito das entidades de aparência nórdica, o que nos faz indagar se existem dois mundos escuros. Ou talvez exista uma relação entre os dois tipos de entidades.

John R. Salter, cuja experiência de rapto ocorreu em 20 de março de 1988 (veja páginas 173-74), também fala de um obscuro mundo alienígena. Em 9 de janeiro de 1990, durante um sonho vivido, ele se lembrou de os seres raptadores lhe terem dito que vinham da estrela Zeta na constelação Reticulum. Em 4 de março de 1990, teve outro sonho vivido, percebido por ele não como uma recordação, mas sim como uma comunicação telepática direta de

um daqueles seres. Neste sonho, ele visitava o mundo deles, tendo reparado que a luz era muito fraca e os prédios todos brancos. Este tipo de sonho vivido é semelhante a uma comunicação canalizada pelo fato de o indivíduo sentir as informações recebidas virem de fora para dentro. (Salter me disse já saber de Betty Hill e da constelação Reticulum antes do sonho de 9 de janeiro de 1990. Porém, tinha apenas uma ligeira noção do caso Hill e desconhecia a história de Reticulum antes de sua experiência de rapto em março de 1988.)

Outra idéia sobre o mundo dos alienígenas é expressa por "Lucille Forman", uma psicoterapeuta de Nova York cuja experiência de rapto foi estudada por Budd Hopkins. Segundo o depoimento dela, seus raptos alienígenas, que eram do tipo gray, vêm de uma sociedade moribunda onde se enfatiza o desenvolvimento intelectual à custa do crescimento emocional. Algo saiu errado com eles do ponto de vista genético. Seus filhos morrem prematuramente, e eles estão empenhados numa luta desesperada para sobreviver. Hopkins associou isto ao interesse deles por genética e reprodução humanas. Existe ainda uma associação com a idéia do mundo sombrio, embora neste caso a escuridão do mundo dos alienígenas seja metafórica, e não literal.

Passando a outro relato citado por Jenny Randles, em Pudasjarvi, Finlândia, uma mulher chamada Aino Ivanoff dirigia seu carro nas primeiras horas do dia 2 de abril de 1980. Subitamente, o carro foi rodeado por uma bruma e em seguida ela se viu

num recinto onde pequenas entidades a examinaram sobre uma mesa. Estes seres lhe disseram que a guerra é nociva e que ela devia apoiar grupos pacifistas. Disseram, também, não serem capazes de gerar seus próprios filhos.

Isto se encaixa com a declaração de Betty Andreasson — no outro lado do Atlântico — de que as fêmeas alienígenas não conseguem gerar filhos e que as fêmeas humanas são usadas para portar fetos alienígenas. Ela atribuiu a isto o motivo pelo qual os alienígenas estão preocupados quanto à autodestruição dos seres humanos: "Os fetos tornam-se eles — iguais a eles. Eles dizem ser Guardiões... e preservam a semente do homem e da mulher para que a forma humana não se perca."

Os grifos desta citação são de Raymond Fowler. Esta é a declaração que parece vincular a história de Andreasson à antiga história hebraica dos anjos chamados Guardiões, que teriam se acasalado com seres humanos.

Se algumas dessas comunicações são ajuntadas, a imagem obtida dos alienígenas gray é a de uma raça parasitária, dependente dos humanos para a reprodução e preocupada com o fato de os humanos estarem prestes a se dizimarem. No entanto, outras histórias contradizem isto. As comunicações relatadas por Lucille Forman e as das entidades de aparência nórdica de Júlio não concordam exatamente com esta teoria. E também incompatível o fato de os raptos de cunho ginecológico só passarem a ser relatados com freqüência em décadas recentes. Por que as



atividades reprodutoras dos alienígenas não eram evidentes no século XIX se eles precisam de humanos para se reproduzirem? Além do mais, histórias retratando os alienígenas como procedentes de uma estrela distante, tal como Zeta da constelação Reticulum, são incompatíveis com a idéia de eles dependerem de humanos terráqueos para a reprodução.

## **Conclusão**

Em conclusão, as comunicações que, segundo se relata, se originam de entidades ufológicas costumam conter determinados temas usuais. Estes abrangem desde declarações perturbadoras relativas à genética e às origens humanas até aparentes trivialidades, tais como a história do acidente induzido por radar. As comunicações costumam ter uma qualidade surreal, e muitas vezes se contradizem. Muitas parecem ser um cruzamento entre desinformação e puro disparate, e muitas contêm material encontrado nas tradições culturais da humanidade.

Sem dúvida, ocorrem embustes e delírios, havendo provas sugerindo a montagem de embustes organizadíssimos. Também é possível que sinistros agentes secretos estejam difundindo desinformação acerca dos óvnis. Isto não quer dizer, no entanto, que as histórias de contato com óvnis sejam todas produto de mentiras e delírios humanos. Podemos sempre atribuí-las a estas causas, mas, se assim fizermos, estaremos, acho

eu, desnecessariamente rebaixando nosso juízo de testemunhas humanas que aparentam ser sãs e responsáveis. Em última análise, isto rebaixaria nosso juízo de nossa própria capacidade de distinguir a verdade da ilusão.

Se atribuímos todas as histórias aparentemente absurdas a mentiras e delírios, acabamos formando uma imagem exagerada da desonestidade humana. Por exemplo: sabe-se que a médium Eusapia Palladino trapaceava às vezes, mas seria irrealístico tachar de mentiroso ou de tolo iludido todo aquele que relata histórias extraordinárias acerca dela (veja páginas 187-91). Observação semelhante pode ser feita a respeito de muitas histórias de contato com óvnis.

No mundo real, é comum encontrarmos a verdade mesclada com a falsidade. Ao escrever este capítulo, achei ser meu dever chamar a atenção do leitor para o material provavelmente falso, bem como para o material que parece ser verdadeiro. Apesar de talvez ser difícil distinguir o verdadeiro do falso, acho que seria errado desconsiderar um conjunto de histórias só por conter elementos falsos. Na realidade, podemos reverter as coisas e sugerir que, se um conjunto de depoimentos humanos não parecesse conter nada de falso, isto seria, então, contrário à natureza humana e altamente suspeito.

Podemos, também, reverter a teoria segundo a qual as histórias de óvnis não passam de um fenômeno folclórico secundado pela trapaça. É possível que verdadeiros seres não-humanos sejam responsáveis por muitas das comunicações

de óvnis relatadas. Estes seres podem estar tentando condicionar os processos de pensamento das pessoas, fazendo uso de temas extraídos, em certos casos, das próprias tradições culturais dessas pessoas.

Se é assim, então, eles contribuem para o enriquecimento das tradições ao manipularem temas tradicionais. Até que ponto, pode-se perguntar, seriam as tradições culturais orquestradas pela intervenção de diversas espécies de seres inteligentes? Além disso, até que ponto seriam as tradições culturais verdadeiras e até que ponto seriam elas "desinformações" introduzidas — não por sacerdotes coniventes e poetas imaginativos — mas sim por fontes transumanas? Até que ponto seria boa esta orquestração cultural, e até que ponto poderia ela gerar maus efeitos?

## **PARTE 2**

### **Paralelos védicos aos fenômenos ufológicos**

#### **6**

### **Contato transumano na civilização védica**

Nos últimos 45 anos, os relatos sobre visões de óvnis e contatos com os mesmos têm sugerido para alguns que a raça humana vem sendo abordada por seres inteligentes que, mesmo não sendo humanos, têm uma surpreendente

semelhança conosco. Em muitos casos, é tanta a semelhança que o termo alienígena soa impróprio. Todavia, estes seres parecem ser alienígenas pelo fato de haver alienação entre eles e nós. Apesar da aura de sigilo e desinformação em torno do tema das visões e contatos com óvnis, não parece ser possível julgar o governo americano como o único responsável por isso. Por um lado, os óvnis parecem se comportar de maneira evasiva e, por outro, as comunicações com entidades ufológicas são ambíguas e contraditórias. Parecem destinadas a influenciar a sociedade humana a distância, sem estabelecerem relações baseadas numa clara compreensão mútua.

Não há relações formais socialmente reconhecidas entre a sociedade humana de hoje e os seres responsáveis pelos óvnis. Na maioria dos países, os órgãos oficiais de pesquisa científica não reconhecem que tais seres possam existir e estar em contato com a sociedade humana. Em consequência disso, o conhecimento a respeito dos óvnis não é regulamentado por órgãos acadêmicos convencionais, transformando o campo de estudos ufológicos num deus-nos-acuda no qual pesquisadores sérios são obrigados a agüentar uma efusão de material vulgar e fraudulento.

Os próprios seres ufológicos parecem planejar seus contatos com as pessoas de modo a deixarem pouquíssimas provas tangíveis de sua existência real. Embora estes contatos envolvam fenômenos considerados muito estranhos, segundo a perspectiva humana moderna, os

ufonautas fazem pouquíssimo esforço para reduzir esta estranheza. Mesmo quando possuem um histórico de contatos remontando à infância, as testemunhas de contatos imediatos ainda assim dispõem de poucas explicações e praticamente não têm oportunidades de apresentar seus visitantes do outro mundo a um círculo maior de testemunhas. Muitas testemunhas parecem pessoas responsáveis cujas experiências de contato resultam no mínimo incomuns; no entanto, o fato de as informações transmitidas durante os contatos parecerem absurdas ou contraditórias não aumenta a credibilidade destas testemunhas. Surpreendentemente, talvez as coisas nem sempre tenham sido assim. Entre as sociedades tribais, contatos místicos com seres superiores têm sido ocorrências comuns desde tempos remotos e, segundo consta, acontecem ainda hoje. As sociedades civilizadas da antigüidade também alegavam estar em contato com seres superiores. Em muitos casos, os dados de contatos transumanos constantes destas fontes, além de serem classificados como parte de alguma doutrina religiosa, envolvem as experiências singulares de poucos indivíduos com dotes místicos. No entanto, há relatos de sociedades humanas terráqueas que têm mantido regulares elos diplomáticos com uma hierarquia de seres extraterrestres e supradimensionais. Isto se aplica, em particular, à antiga sociedade védica da Índia. Esta sociedade é retratada numa literatura volumosa, que muito nos ensina sobre como vivia sua gente e como esta interagiu com

uma sociedade transumana maior. Neste capítulo, apresentarei um breve panorama da antiga visão de mundo védica. Demonstrarei que muitas facetas do fenômeno ufológico moderno podem ser encontradas em relatos védicos sobre contatos entre humanos e membros de outras raças semelhantes à humana. Mostrarei, além disso, como a organização social do antigo povo védico favorecia os contatos regulares com seres superiores.

Procurarei apresentar, da melhor maneira possível, o material védico conforme o entendem quantos estejam imersos no tradicional ponto de vista védico. A princípio, talvez este material pareça muito estranho para pessoas de antecedentes culturais ocidentais, e talvez algumas sintam reservas baseadas numa perspectiva religiosa ou científica. Contudo, a única forma científica de entender outra cultura é procurar adentrar a verdadeira visão de mundo das pessoas que vivem naquela cultura. Portanto, eu aconselharia o leitor a suspender qualquer tipo de julgamento para, assim, poder apreciar o material védico como ele é. No Apêndice 2, analiso com mais minúcia minha abordagem à interpretação da literatura védica.

Conforme salientei na Introdução, sabemos que os relatos modernos sobre óvnis podem parecer muito estranhos. Sendo assim, não devemos ficar surpresos se as histórias e tradições de pessoas que mantêm contato regular com seres superiores também nos parecerem estranhas. Talvez elas nos ajudem a lograr uma compreensão mais ampla do estranho universo que inclui nosso próprio sistema

de conhecimento e cultura como uma partícula de uma realidade muito maior.

## **Uma sinopse da visão de mundo védica**

O Bhagãvata Purãna, o Mahãbhãrata e o Rãmãyana são três obras importantes na tradição védica da Índia. Embora sejam bem conhecidos como escrituras religiosas hindus, não devem ser encarados como mera mitologia ou como representações de algum credo sectário. Seu valor verdadeiro se concentra no fato de revelarem com minúcia uma forma inteiramente diferente de ver o mundo e de nele viver, forma esta seguida durante milhares de anos por uma civilização humana altamente desenvolvida.

Do ponto de vista dos indólogos modernos, estas obras variam em idade do século IX d.C. para o Bhãgavata Purãna ao século V ou VI a.C. para o Mahãbhãrata e o Rãmãyana. No entanto, os indólogos concordam que os textos existentes incorporam material muito mais antigo do que os períodos históricos em que, segundo eles acreditam, estes mesmos textos teriam sido escritos. A própria palavra purãna quer dizer antigo e, segundo a tradição indiana nativa, todos os três textos remontam pelo menos ao ano 3.000 a.C.

Cabe aqui uma observação técnica quanto ao uso do termo védico. Eruditos ocidentais modernos insistem que esta palavra só pode ser aplicada aos quatro Vedas: Rg, Yajur, Sãma e Atharva. Contudo, na tradição indiana viva esta palavra aplica-se a

uma categoria muito mais ampla de literatura. Isto inclui os Purãna, ou os relatos cosmológicos antigos, e os Itihãsas, ou epopéias históricas. O Bhãgavata Purãna é um dos dezoito Purãna principais, e o Mahãbhãrata e o Ramãyana são Itihãsas. Portanto, usarei o adjetivo védico para me referir tanto a estas obras quanto aos quatro Vedas.

## **Vimãnas**

É importante atentar para o fato de que os veículos aéreos, chamados vimãnas em sânscrito, eram bem conhecidos à época da antiga civilização védica. Podiam tanto ser máquinas de densidade física quanto ser feitas de dois tipos de energia, as quais podemos chamar de energia sutil e energia transcendental. De um modo geral, os humanos desta terra não fabricavam semelhantes máquinas, embora às vezes as adquirissem de seres mais avançados tecnicamente.

Há antigos relatos indianos de veículos de madeira de manufatura humana que voavam com asas à maneira dos aviões modernos. Embora estes veículos de madeira também fossem chamados vimãnas, a maioria dos vimãnas não era em absoluto como os aviões. Os vimãnas mais típicos tinham características de vôo semelhantes àquelas relatadas a respeito dos óvnis, e os seres a eles associados possuíam, segundo se dizia, faculdades semelhantes àquelas hoje atribuídas às entidades ufológicas. Um exemplo de vimãna



interessante é a máquina voadora do antigo rei indiano Salva, adquirida de Maya Danava, habitante de um sistema planetário chamado Talãtala. A história de Sãlva será apresentada mais adiante neste capítulo, e no Capítulo 7 apresentarei mais informações sobre os vimãnas.

## **Outros mundos**

Na sociedade védica, entendia-se que é possível viajar para outros mundos. Isto podia significar viagens a outros sistemas estelares, viagens a dimensões superiores ou viagens a regiões supradimensionais em outro sistema estelar. Entendia-se, também, que é possível deixar o universo material de uma vez por todas e viajar através de níveis gradativos de reinos transcendentais.

A literatura védica não usa termos geométricos tais como "dimensões superiores" ou "outros planetas" ao se referir a este tipo de viagem. Pelo contrário, a viagem a outros planetas é descrita em função das experiências dos viajantes, sendo, por isso, necessário o leitor moderno deduzir, a partir dos relatos, o fato de esta viagem envolver mais do que movimentação através do espaço tridimensional. Como as pessoas da sociedade moderna estão acostumadas a pensar que uma viagem é necessariamente tridimensional, usarei o termo "supradimensional" para me referir a relatos védicos impossíveis de serem entendidos em termos tridimensionais.

Talvez se faça objeção ao fato de os indianos da antigüidade terem tido uma compreensão decerto muito ingênua e não-científica das estrelas e dos planetas, não fazendo sentido supor terem eles, portanto, realmente tido contato com seres de tais regiões. A resposta é que a descrição védica do universo soa bastante estranha e mitológica para uma pessoa de antecedentes ocidentais porque contém muitas idéias inteiramente alheias às concepções ocidentais conhecidas. Entretanto, ela também contém muitas idéias sobre o universo encontráveis na ciência moderna.

Consideremos, por exemplo, a seguinte descrição das viagens do herói Arjuna à região das estrelas:

Embora o Sol não brilhasse lá, nem a Lua, nem o fogo, eles brilhavam com uma luz própria adquirida por seus méritos. As luzes que são vistas como as estrelas parecem pequenas lamparinas por causa da distância, mas elas são muito grandes. O Pândava as viu brilhantes e belas, ardendo em seu próprio ambiente com um fogo próprio delas. (...)

Contemplando aqueles mundos luminosos por si mesmos, Phalguna, atônito, indagou de Mātali em tom amistoso, ao que o outro lhe disse: "Esses que lá viste, meu amo, são homens de feitos santos, ardendo por seu próprio fogo interno e parecendo estrelas para quem os vê da Terra."

Esta passagem revela uma mistura de elementos conhecidos e desconhecidos. Segundo supomos, se viajássemos entre as estrelas, estaríamos bem

distantes do Sol e da Lua e não os veríamos. Também achamos que as estrelas são grandes mundos de luz própria que parecem pequenos por causa da distância. No entanto, não supomos encontrá-las habitadas por "homens de feitos santos", e parece-nos estranho, estrelas serem chamadas de homens. Parece costumeiro os textos védicos se referirem a uma estrela como sendo uma pessoa, sendo esta pessoa normalmente a regente daquela estrela, ou seu habitante predominante.

Poderia também ser levantada a objeção de que a Terra era considerada plana na Índia antiga. Na verdade, a literatura védica descreve duas idéias da Terra. A Terra é descrita como um globo de 1.600 yojanas de diâmetro no texto sânscrito de astronomia Sūrya-siddhānta. O yojana é uma medida de distância, e pode-se argumentar que este texto usa cerca de dez quilômetros por yojana. Isto faria o diâmetro da Terra ter cerca de dezesseis mil quilômetros, o que está bem de acordo com as cifras modernas. O mesmo texto calcula em 480 yojanas, ou 4.800 quilômetros, o diâmetro da Lua. Isto pode ser comparado à cifra moderna de 4.320 quilômetros.

A Terra também é descrita como um disco plano, chamado Bhū-mandala, que tem quinhentos milhões de yojanas de diâmetro. Contudo, um estudo metucioso dos textos védicos demonstra que esta "Terra" corresponde, na verdade, ao plano da eclíptica. Este é o plano determinado, a partir de um ponto de vista geocêntrico, pela órbita do Sol ao redor da Terra. Trata-se, é claro,

de um plano horizontal e por isso, em certo sentido, a literatura védica fala de fato de uma Terra plana. É preciso estar atento ao fato de que o termo Terra, conforme usado em textos védicos, nem sempre se refere ao pequeno globo terrestre. O pensamento védico dá a entender a existência de reinos supradimensionais e habitados que se estendem para dentro e por sobre a Terra, bem como através do espaço exterior. Em particular, a "Terra" plana de Bhü-mandala é um reino habitado cuja extensão aproximada abrange o plano do sistema solar, não sendo diretamente visível ou acessível à nossos sentidos grosseiros. O termo sânscrito genérico para semelhantes reinos habitados é ioka, em geral traduzido como planeta ou sistema planetário. Existem quatorze graus de lokas, sete superiores e sete inferiores. Bhü-mandala ou Bhü-loka é o mais baixo dos sete sistemas planetários superiores.

O Sol, a Lua e os planetas Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno são chamados grahas, sendo todos eles considerados habitados. (Contudo, não encontrei referência a Urano, Netuno ou Plutão em textos védicos.) Não surpreende o fato de considerarem que os habitantes do Sol tenham corpos de energia ígnea, bem como o fato de dizerem que os corpos dos habitantes de outros planetas sejam constituídos de tipos de energia adequados aos ambientes daqueles planetas.

## **Humanóides**

Os Purãna falam de quatrocentos mil raças semelhantes à humana vivendo em diversos planetas e de outros oito milhões de formas de vida, incluindo plantas e animais inferiores. Das quatrocentas mil formas semelhantes à humana, os seres humanos tal como os conhecemos estão enquadrados entre os menos poderosos. Isto é compatível, é claro, com o quadro emergente de relatos de contatos com óvnis.

Assim como venho usando o termo humanóide para me referir a seres semelhantes aos humanos relatados em contatos com óvnis, também o usarei para me referir às raças védicas semelhantes à humana. Apesar de ser comum os relatos sobre óvnis retratarem os humanóides como tendo aparência estranha ou repulsiva, alguns destes são descritos como sendo belos. Os humanóides védicos também variam bastante em aparência. Segundo consta, alguns deles, como os Gandharvas e os Siddhas, têm formas humanas belíssimas. Outros são de aparência feia, assustadora ou deformada. Um grupo deles é o dos chamados Kimpurusas. Neste caso, *kim* significa *é mesmo?*, e *purusa*, *humano*.

Muitas das raças humanóides védicas, segundo consta, são naturalmente dotadas de determinados poderes chamados siddhis. Os humanos desta Terra também têm o potencial para adquirir estes poderes, e alguns deles gozam de maiores capacidades a este respeito do que outros. Eis uma lista de alguns desses siddhis. Visto parecerem estar diretamente relacionados com alguns dos poderes atribuídos às entidades

ufológicas, vou examiná-los com mais minúcia em seções posteriores.

1. Comunicação mental e leitura de pensamento. Embora estes sejam atributos regulares entre os humanóides védicos, também é comum o uso da fala normal por meio do som.

2. Capacidade de ver ou ouvir de muito longe.

3. Laghimã-siddhi: levitação ou antigravidade. Há, além disso, o poder de aumentar muito o peso.

4. Animã e mahimã-siddhis: poder de alterar o tamanho de objetos ou corpos vivos sem lhes romper a estrutura.

5. Prāpti-siddhi: poder de movimentar objetos de um lugar para outro, aparentemente sem atravessar o espaço intermediário. Este poder está vinculado à capacidade de viajar para reinos supradimensionais paralelos.

6. Capacidade de mover objetos diretamente através do éter, sem o impedimento de obstáculos físicos grosseiros. Este tipo de viagem chama-se vihāyasa. Há também uma espécie de viagem chamada mano-java, na qual a ação da mente faz a transferência direta do corpo para um ponto distante.

7. Vasiṭā-siddhi: poder de controle hipnótico a longa distância. Segundo salientam relatos

védicos, pode-se usar este poder para controlar os pensamentos das pessoas a distância.

8. Antardhãna ou invisibilidade.

9. Capacidade de assumir formas diferentes ou de gerar formas corpóreas ilusórias.

10. Poder de adentrar o corpo de outra pessoa e controlá-lo. Faz-se isto usando o corpo sutil (definido abaixo).

Muitas diferentes raças humanóides védicas, segundo consta, vivem em reinos supradimensionais paralelos dentro da Terra, em sua superfície e em sua vizinhança imediata. Uma característica surpreendente dos relatos védicos é que raças diferentes, tais como os siddhas, cãranas, uragas, guhyakas e vidyãdharas, segundo se costuma descrever, vivem e trabalham em cooperação, muito embora tenham hábitos e aparências muito diferentes.

Em geral, estes seres são bem dotados com os diversos siddhis. No passado, era possível encontrar muitos destes tipos humanóides na Terra, quer como visitantes, quer como habitantes. De fato, grandes áreas da superfície da Terra têm sido por vezes controladas e povoadas por uma série de espécies humanóides. Este é o cenário básico do Rãmãyana, o qual conta como o Senhor Rãmácandra resgatou sua esposa Sitã do reino de Lankã, para onde um rãksasa chamado Rãvana a havia levado. Os rãksasa são uma das

quatrocentas mil raças humanóides, e governavam Lankã naquela época.

É amplo o leque de durações de vida entre as espécies humanóides védicas. Segundo relatos védicos, os seres humanos terrestres gozavam de períodos de vida muito mais longos, milhares de anos atrás. Por exemplo: antes de cinco mil anos atrás, a vida humana durava, segundo consta, cerca de mil anos. Durações de vida típicas de seres humanóides vivendo fora desta Terra são da ordem de dez mil anos. Existem também, segundo consta, seres chamados devas, que são administradores do universo e vivem centenas de milhões de anos.

Ainda hoje, pessoas da Índia relatam contatos com humanóides do tipo védico clássico. Dois exemplos disto são o caso da curadora de varíola e o caso da Jaladevata registrados no Apêndice 3.

## **A alma**

Conforme uma característica-chave da visão de mundo védica, os seres vivos são almas que habitam corpos. A alma chama-se *ãtmã* ou *jivãtmã*, sendo dotada com a faculdade da consciência. O corpo é constituído de um corpo grosseiro, composto dos conhecidos elementos físicos, e de um corpo sutil feito das energias conhecidas como mente, inteligência e falso ego. Em virtude do fato de nossos atuais instrumentos



científicos não terem capacidade de detectar estas energias, a visão científica convencional alega que as mesmas não existem. No entanto, segundo o entendimento védico, estas energias interagem naturalmente com a matéria grosseira e, quando controladas de maneira apropriada, podem exercer uma poderosa influência sobre ela.

Segundo consta, a alma e o corpo sutil, além de transmigrarem de um corpo grosseiro para outro, podem, também, fazer viagens temporárias fora do corpo grosseiro. Existem humanóides envolvidos com a tarefa de controlar o processo de transmigração, que é regulado por leis universais. Há um processo natural de evolução da consciência, mediante o qual as almas aos poucos alcançam tipos cada vez mais refinados de corpos. No nível mais elevado de consciência, é possível a alma se livrar do corpo sutil e se libertar do mundo material. O estado de liberação, ou mukti, envolve a transferência da alma para um reino inteiramente transcendental. Falando de modo geral, há duas formas de liberação: (1) a experiência de Brahman, ou unidade transcendental, e (2) a experiência de atividade variada a serviço do Supremo nos planetas espirituais de Vaikuntha.

Segundo a filosofia védica, todas as manifestações emanam do Ser Supremo, que é conhecido por muitos nomes, inclusive Krsna, Govinda, Nārāyana e Visnu. As almas individuais são consideradas partes do Ser Supremo, sendo comparadas a centelhas dentro de um grande fogo. Todas elas compartilham as qualidades do Supremo em grau

diminuto, motivo pelo qual estão todas intimamente relacionadas entre si. As almas libertas manifestam estas qualidades espirituais na sua plenitude, mas aquelas que se encontram confinadas em corpos materiais tendem a manifestar qualidades pervertidas por causa da influência da energia material.

Os relatos sobre óvnis contêm muitas referências à alma, à transmigração e a experiências extracorporais. Estas são analisadas no Capítulo 10. Há, ainda, referências à experiência de Brahman, assunto que examinarei no Capítulo 11.

## **A hierarquia cósmica**

Uma idéia que costuma aflorar em comunicações de óvnis é a de que existe lei e ordem no cosmos. Diversas confederações de planetas são mencionadas e, segundo consta, elas costumam obedecer autoridades superiores dotadas de elevadíssimos estados de consciência e habitantes de planos ou estados vibracionais superiores. Como salientei no Capítulo 5, estas comunicações de óvnis não parecem ser muito confiáveis. Não obstante, é interessante que a idéia básica de um governo universal hierárquico seja um elemento-chave da visão de mundo védica.

Na hierarquia cósmica védica, há uma série gradativa de sistemas planetários superiores, cada um dos quais é inacessível aos habitantes dos sistemas situados abaixo dele. A autoridade máxima no universo material, conhecida como

Brahmã, vive no sistema planetário material máximo, chamado Brah-maloka. Abaixo de Brah-maloka, ficam os sistemas planetários Tapoloka, Janaloka e Maharloka, habitados por sábios (rsis) que vivem como ascetas e cultivam conhecimento e consciência transcendental.

Abaixo desses planetas, existe o reino de Svargaloka, que é regido pelos seres conhecidos como devas. Os devas estão organizados segundo uma hierarquia militar. Dedicam-se à política e à guerra, e suas batalhas contra as forças inferiores podem às vezes representar um impacto sobre a vida na Terra. No entanto, devido às prolongadíssimas durações de vida dos devas, suas relações sociais e políticas tendem a ser estáveis.

Apesar de o universo estar completamente sob a influência de um controle inteligente, os controladores superiores, como os devas e os grandes sábios, em geral não interferem de forma direta nas vidas dos seres subordinados, inclusive os terrestres humanos. Pelo contrário, eles providenciam para que estes seres transmigram de um corpo a outro conforme o trabalho desenvolvido por cada um deles, proporcionando-lhes, deste modo, uma evolução gradual de consciência. Também providenciam a disseminação de ensinamentos espirituais em diversas sociedades de forma a orientar as almas corporificadas na direção do desenvolvimento espiritual superior. Segundo a perspectiva védica, o avanço espiritual deve ser a meta principal da vida humana.

Acima da hierarquia cósmica do mundo material, existe uma hierarquia espiritual comandada pelo Ser Supremo. Apesar de este sistema hierárquico estabelecer uma grande distância entre o Ser Supremo e os humanos desta Terra, a literatura védica enfatiza o fato de haver uma ligação íntima entre todas as almas espirituais e este Ser, que acompanha cada alma como Para-mãtmã, ou Superalma. Além do mais, o Ser Supremo em pessoa desce a diversos planetas materiais na qualidade de avatãra. A história do avatãra conhecido como Krsna é o tema do Bhãgavata Purãna, ao passo que o Rãmãyana é a história do avatãra conhecido como Senhor Rama, ou Rãmãcandra.

## **Elementos egocêntricos**

Entre os diferentes tipos humanóides, há raças cujo perfil é essencialmente egocêntrico. Estas se distinguem daquelas cuja propensão é se dedicarem ao serviço do Ser Supremo e da hierarquia cósmica. Alguns destes humanóides parecem playboys celestiais que vivem em meio a grande opulência. Outros se caracterizam por um estado alienado de consciência, e ainda outros ostentam uma hostilidade acentuada. As raças egocêntricas manifestam uma forte tendência à exploração de poderes e tecnologia místicos. Isto fica ilustrado pelo exemplo de Maya Danava, o ser responsável pela construção do vimãna do supramencionado rei Salva.

Todos estes diferentes grupos de seres estão sob o controle da hierarquia universal, não sendo capazes, portanto, de agir inteiramente de acordo com suas próprias propensões. Isto explicaria o motivo pelo qual eles não logram nos dominar por completo. No entanto, existem seres que, movidos por uma rebeldia ativa contra a hierarquia cósmica, por vezes interferem sobremaneira nos assuntos da Terra.

Os rebeldes mais famosos são os asuras, que são parentes próximos dos devas. Os Purãna descrevem prolongadas guerras entre devas e asuras em Svargaloka, e a trama básica do Mahābhārata tem a ver com uma invasão da Terra por parte dos asuras. Isto é analisado, no Capítulo 10, com relação a certas atividades nocivas que têm sido atribuídas aos óvnis.

Como os devas são seres de índole divina que ocupam cargos administrativos na hierarquia universal, é comum o uso da palavra semideus, tomada emprestada da clássica mitologia grega e romana, em referência a eles. Em contraste, é comum chamarem os rebeldes asuras de demônios, já que estes tendem a ser ateístas e se oporem à ordem divina.

Na verdade, o termo demônio adquiriu suas conotações negativas pela influência do cristianismo. Esta palavra provém de daemon, que na Roma clássica significava um ser intermediário entre os semideuses e o homem. Segundo entendiam os romanos e os gregos, havia muitos tipos de seres nesta categoria, e nem todos eles eram encarados como maus ou demoníacos. A

literatura védica também descreve muitas raças intermediárias entre os devas e os seres humanos, entre as quais se incluem os vidyādharas, uragas e rāksasas.

Os rāksasas são demoníacos e bastante hostis aos humanos. Os vidyādharas e os uragas são essencialmente neutros — eles cooperam com a hierarquia universal, mas têm seus próprios compromissos, não sendo nem favoráveis nem contrários à raça humana. Pertencem a uma categoria de seres conhecidos como upadevas, ou quase-devas.

## **Origens humanas**

Segundo o sistema de pensamento védico, as diversas espécies de seres vivos passaram a existir por meio de um processo de criação e emanção. As almas espirituais são todas emanções do Supremo, tanto quanto o é o corpo de Brahmã, o primeiro ser vivo a surgir no universo. Brahmã gerou diversas formas corpóreas pela ação mental direta e, a partir destas formas, produziram-se gerações de descendentes pela reprodução sexual. Ao contrário das espécies vivas de que temos experiência, estes seres portavam bijas, ou sementes, para muitos tipos diferentes de seres, de modo que podiam produzir diferentes tipos de progênie. (Como os corpos destes seres são compostos de formas sutis de energia, as bijas não são feitas de matéria densa, como o DNA.)

Todas as diferentes raças humanóides foram produzidas desta maneira e, sendo assim, estão todas relacionadas pela ancestralidade comum. Os humanos desta Terra, em particular, descendem dos devas aliados a diversas linhagens em épocas diferentes. Portanto, gozam de uma ancestralidade celestial bastante complexa. Conforme indicam claramente os relatos védicos, pode ocorrer hibridação entre diferentes espécies humanóides. Em particular, alguns dos heróis do Mahābhārata eram tidos como descendentes de mãe humana e pai deva. Este assunto é analisado com mais minúcia no Capítulo 8 (páginas 336-40).

## **Contato**

Na antiga civilização védica, havia uma sólida tradição de contato com diversas raças não-humanas. Rsis e devas celestiais faziam visitas regulares às cortes de grandes reis da Terra. Havia sólidas relações diplomáticas e satisfatórios entendimentos mútuos entre destacados membros da sociedade humana e representantes de outras sociedades da hierarquia cósmica. Isto fica ilustrado pela descrição, no Bhāgavata Purāna, do sacrifício rājasūya realizado pelo rei Yudhisthira, o que ocorreu, segundo tradicionais cálculos de data, cerca de cinco mil anos atrás na cidade de Indraprastha, próxima à atual Nova Déli. A conclusão deste evento é descrita como segue:

Os celebrantes do sacrifício, os sacerdotes e outros brãhmanas excelentes vibraram mantras védicos em tom retumbante, enquanto os semideuses [devas], sábios divinos [rsis], pitãs e gandharvas entoaram louvores e lançaram chuvas de flores. (...)

Os sacerdotes orientaram o rei quanto à execução dos rituais finais de patni-saãya e avabhrthya. Em seguida, fizeram com que ele e a rainha Draupadi sorvessem água para sua purificação e se banhassem no Ganges. (...)

Depois, o rei se vestiu com novas roupas de seda e se adornou com jóias requintadas. Honrou então os sacerdotes, os celebrantes do sacrifício, os brãhmanas eruditos e outros convidados, presenteando-lhes com ornamentos e roupas.

De diversas maneiras, o rei Yudhisthira, que dedicara sua vida toda ao Senhor Nãrãyana, conferiu honras ininterruptas a seus parentes, sua família imediata, outros reis, seus amigos e simpatizantes, bem como todos os demais presentes. (...)

Assim, os cultíssimos sacerdotes, as grandes autoridades védicas que haviam atuado como testemunhas do sacrifício, os reis convidados especiais, os brãhmanas, ksatriyas, vaisyas, südras, semideuses, sábios, antepassados e espíritos místicos, e os principais governantes planetários e seus seguidores — todos eles, tendo sido adorados pelo rei Yudhisthira, pediram-lhe permissão e partiram, O Rei, cada um para sua própria morada.



Os antepassados, ou pitãs, são habitantes de Pitrloka, planeta vinculado ao regulamento concernente à transmigração das almas. Os gandharvas, uma raça de seres belíssimos, enquadram-se na categoria de upadevas, e os governantes planetários são preeminentes líderes dos devas. A expressão espíritos místicos refere-se aos bhūtas, seres espectrais cuja mentalidade é um tanto negativa e alienada. Ao se afirmar que estes diversos seres pediram permissão ao rei Yudhishthira para partir para suas moradas, isto não quer dizer que ele era o governante deles. Eles estavam apenas se portando conforme as boas regras de etiqueta.

## **Relatos védicos de fenômenos de contato imediato**

Muitos são os paralelos entre a visão védica da realidade, conforme a descrição acima, e o quadro emergente de relatos sobre óvnis. Sem dúvida, a literatura védica não sofreu influência das histórias sobre óvnis, visto que mesmo os mais recentes cálculos de data de textos védicos importantes os situam no início da Idade Média. Entretanto, é possível ter havido influência da informação védica sobre algumas das citadas comunicações de óvnis. Segundo observei no Capítulo 5 (página 217), por exemplo, a duração de vida de 311.040.000.000.000 de anos de Brahmã foi mencionada nas notas de contato de Eduard Meier. Baseado no contexto da referência de Meier

a este cálculo, é provável que o mesmo tenha se originado do temas teosóficos que, segundo se sabe, Meier teria estudado.

Sempre consta algum material védico nas obras dos teosofistas e outros escritores místicos ocidentais, muito embora todos eles o reelaborem à seu próprio modo. Há três maneiras pelas quais parte deste material poderia se infiltrar em comunicações de óvnis. Em primeiro lugar, certas pessoas, ao apresentarem comunicações falsas, poderiam fazer uso de parte deste material, que é bastante difundido em círculos populares. Há ainda a possibilidade de o material aflorar do inconsciente e ser embutido nas histórias de contato relatadas por pessoas sinceras. Isto é chamado de criptomnésia.

Segundo a terceira possibilidade, as entidades ufológicas teriam extraído semelhante material da cultura humana popular para inseri-lo em mensagens transmitidas às pessoas com as quais entram em contato. Conforme argumentei no Capítulo 5, às vezes afloram elementos da cultura ocidental, como, por exemplo, o mito egípcio da Fênix, em casos de contato imediato com óvnis. Questionei, além disso, se seres não-humanos estariam ou não influenciando a cultura humana ao introduzirem nela as suas próprias idéias. É concebível, por exemplo, o fato de que o mito da Fênix tenha se originado séculos atrás numa cultura não-humana.

Se detalhes específicos da literatura védica (tais como a duração da vida de Brahmã) surgem de quando em quando em aparentes comunicações

de óvnis, há, então, a possibilidade de terem saído da literatura védica por uma destas rotas. No entanto, grande parte do material constante em textos védicos é praticamente desconhecido de ocidentais sem nenhum interesse explícito em temas védicos.

Parte deste material apresenta paralelos com características amiúde relatadas do aparecimento e comportamento dos óvnis e das entidades ufológicas. Para que os ocidentais falseiem estas características relatadas com base em material védico, o interesse deles em temas védicos teria que ser bem maior do que o observado em geral. Da mesma forma, parece implausível que entidades ufológicas tivessem decidido extensamente falsear coisas com base em textos védicos. Estes paralelos poderiam, portanto, indicar uma relação autêntica entre as experiências de pessoas que viveram nos tempos védicos e as experiências modernas envolvendo óvnis. No restante deste capítulo, ilustrarei isto com uma série de exemplos.

## **O bombardeio aéreo a Dvaraks**

Pode-se encontrar uma série de interessantes paralelos com relatos sobre óvnis na história de Sãlva no Décimo Canto do Bhāgavata Purāna. Sãlva era um rei desta Terra que nutria intensa hostilidade contra o Senhor Krsna e jurou destruir Dvārakā, a cidade de Krsna. Para tanto, adquiriu um extraordinário vimāna adorando o Senhor Siva.

Começarei citando uma descrição do vôo do vimãna de Sãlva, mencionado pelo tradutor como avião:

O avião ocupado por Sãlva era muito misterioso. De tão extraordinário que era, às vezes parecia haver muitos aviões no céu, enquanto outras vezes aparentemente não se via avião algum. Às vezes, o avião ficava visível, e outras invisível, e os guerreiros da dinastia Yadu ficavam perplexos quanto ao paradeiro do singular avião. Ora eles viam o avião no solo, ora voando no céu, ora pousado no pico de uma colina, ora flutuando na água. O maravilhoso avião voava no céu como um tição rodopiante — não se estabilizava um instante sequer.

É significativo que, em seus extensos escritos, o tradutor desta passagem, A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupāda, jamais tenha se referido a óvnis ou discos voadores. Todavia, as características de vôo deste "avião" assemelham-se às dos óvnis sob muitos aspectos. O veículo brilha e se movimenta de maneira irregular, como um tição rodopiado por um dançarino. Também aparece e desaparece. Os óvnis são bem conhecidos por este tipo de comportamento e, segundo também se descreve, eles pousam ou pairam sobre a água para em seguida decolarem abruptamente.

A título de exemplo, consideremos o caso de um óvni observado por oficiais da Força Aérea no centro-sul dos Estados Unidos em 17 de julho de

1957. Este caso foi resumido no jornal *Astronautics and Aeronautics* como segue:

Um RB-47 da Força Aérea, equipado com mecanismo eletrônico de medida defensiva e tripulado por seis oficiais, foi seguido por um objeto não-identificado por uma distância de bem mais de 1.400 quilômetros e por um período de uma hora e meia, enquanto voava do Mississippi, passando por Louisiana e Texas, para Oklahoma. O objeto foi, mais de uma vez, visto a olho nu pela tripulação da cabine de comando como uma luz intensa, seguido pelo radar de terra e detectado no monitor do mecanismo defensivo a bordo do RB-47. São de especial interesse, neste caso, as diversas ocorrências de aparecimentos e desaparecimentos simultâneos em todos os três "canais" fisicamente distintos, bem como a rapidez das manobras, que extrapola a experiência anterior da tripulação.

Um dos aparentes desaparecimentos do objeto ocorreu justo quando o RB-47 estava prestes a sobrevoá-lo. Segundo observou o piloto, o objeto parecia se esvaír visualmente e simultaneamente desaparecer do alcance do monitor supramencionado. Ao mesmo tempo, ele desaparecia do alcance dos radares localizados em Utah. Instantes depois, o objeto ressurgia visualmente e, em concomitância, aparecia no monitor de bordo e no radar de terra. Os observadores no RB-47 também repararam que às vezes o óvni gerava dois sinais com ângulos diferentes em seu equipamento de monitoração

eletrônica. Embora não saibamos na verdade o que o óvni estava fazendo, isto nos faz lembrar a afirmação de que o vimãna de Sãlva parecia às vezes existir sob formas múltiplas.

Como Sãlva adquiriu seu extraordinário veículo? Em vista da controvérsia relativa a acordos entre o governo americano e os alienígenas, vale destacar o fato de o vimãna de Sãlva ter sido fabricado por um perito em tecnologia de outro planeta. Eis a história. (Pasupati e Umãpati são dois nomes do Senhor Siva.)

Tendo assim feito seu juramento, o tolo rei [Sãlva] passou a adorar o Senhor Pasupati como sua deidade, comendo um punhado de terra cada dia, e nada mais.

O grande Senhor Umãpati é conhecido como "aquele que se satisfaz rapidamente", todavia, só depois de terminado um ano é que ele recompensou Sãlva, que se refugiara nele, oferecendo-lhe o direito de escolher uma bênção.

Sãlva escolheu um veículo que não pudesse ser destruído por semideuses [devas], demônios [asuras], humanos, gandharvas, uragas nem rãksasas, que pudesse viajar para onde quer que ele desejasse ir e que aterrorizasse os Vrsnis.

O Senhor Siva disse: "Que assim seja." Por ordem dele, Maya Danava, que conquista as cidades de seus inimigos, construiu uma cidade voadora de ferro chamada Saubha e a presenteou a Sãlva.

Este veículo inatacável era todo escuro e podia ir a qualquer lugar. Tendo-o obtido, Sãlva foi para

Dvārakā, lembrando-se da hostilidade dos Vrsnis contra ele.

Sālva acossou a cidade com um grande exército, Ó melhor dos Bharatas, dizimando os parques e jardins exteriores, as mansões e seus respectivos observatórios, os altos portais e os muros circundantes, bem como as áreas de recreação pública. De sua excelente nave aérea, ele lançou uma torrente de armas, inclusive pedras, troncos de árvores, raios, serpentes e granizos. Surgiu um violento redemoinho que empoeirou todas as direções.

Assim atormentada pelos TERRÍVEIS ataques da aeronave Saubha, a cidade do Senhor Krsna não tinha paz, O rei, assim como a Terra ao ser atacada pelas três cidades aéreas dos demônios.

Como podemos ver neste relato, Sālva não contratou engenheiros para fabricar sua aeronave na Terra. Existem descrições em sânscrito, conforme salientarei no Capítulo 7, de naves mecânicas parecidas com aviões, construídas, segundo consta, por seres humanos. No entanto, tanto quanto eu sei, não há relatos indicando que seres humanos comuns tenham alguma vez construído veículos como o de Sālva, capazes de ostentar modalidades místicas de vôo.

É significativo que Sālva lançasse coisas tais como serpentes, pedras e troncos de árvore de seu vimāna. Não se faz menção de bombas e, muito embora possuísse uma aeronave extraordinária, Sālva não parecia dispor do tipo de tecnologia de armas aéreas usado na Segunda Guerra Mundial.

De fato, porém, dispunha de uma tecnologia bastante diferente, que podia ser usada para afetar o clima e produzir redemoinhos, raios e granizos.

Nesta história, como em muitas outras, o fabricante do vimãna era o ser chamado Maya Danava. Este personagem era o soberano de um reino de dānavas situado no planeta conhecido como Talātala. Os dānavas, poderoso grupo de humanóides, eram famosos por sua perícia em tecnologia. A palavra mãyã significa não só a energia formadora do universo material mas também o poder da ilusão. Maya Danava era assim chamado por ser um perito manipulador de mãyã.

Umã, a esposa do Senhor Siva, também é conhecida como Mãyã Devi, ou a deusa encarregada da energia ilusória. Ela também é a Mãe Divina, adorada no mundo todo com muitos nomes diferentes. Como Siva é esposo de Umã, ele é o senhor da ilusão e da tecnologia. Deste modo, existe um elo natural entre o Senhor Siva, de quem Sãlva se aproximou a fim de obter seu vimãna, e Maya Danava, o senhor da ilusão que o fabricou.

É significativo o fato de Sãlva ter solicitado um veículo que não pudesse ser destruído por devas, asuras, gandharvas, uragas ou rãksasas. Visto serem todas estas poderosas raças humanóides visivelmente ativas na Terra ou em suas redondezas na época de Sãlva, era natural ele querer ter capacidade para se defender delas.



O veículo de Sãlva é descrito como uma cidade de ferro e devia ter, portanto, aparência metálica e ser bem grande. Como veremos no Capítulo 7, muitos vimãnas védicos são descritos como cidades voadoras, o que nos faz lembrar as enormes "naves-mãe" às vezes mencionadas em relatos sobre óvnis. O mesmo veículo também é descrito como a "morada da escuridão", ou tamodhãma. "Escuridão", neste caso, se refere à ignorância, ou ilusão, que caracteriza o mundo material em geral e que a literatura védica associa em particular a seres de caráter negativo, tais como os asuras e os dānavas. Refere-se à falta de compreensão espiritual, e não à falta de conhecimento técnico.

## **Invisibilidade e flechas sensíveis ao som**

A história do vimãna de Sãlva contém uma série de características que podem nos ajudar a compreender o fenômeno ufológico. Já mencionei, por exemplo, o poder de invisibilidade do vimãna. É interessante ver como Krsna, atuando como um guerreiro humano em defesa de Dvārakā, lidou com esta invisibilidade. Na passagem abaixo, Krsna dirige a palavra ao rei Yudhisthira: Peguei meu arco cintilante, melhor dos Bhāratas, e, com minhas flechas, cortei as cabeças dos inimigos de Deus a bordo do Saubha. Atirei contra o rei Sãlva flechas bem preparadas, que mais pareciam serpentes venenosas, flechas em

chamas que atingiam grandes altitudes quando disparadas de meu Sãrriga. Então, o Saubha tornou-se invisível, Ó próspero descendente da linhagem de Kuru, escondido por meio de feitiçaria, e eu fiquei atônito.

Os bandos de dãnavas, com caritas no rosto e cabeças desgrenhadas, berravam, enquanto eu mantinha minha posição, grande rei. Mais do que depressa arremessei uma flecha, programada para ir ao encaço do som, para matá-los, e a gritaria se esvaiu. Todos os dãnavas que estiveram gritando jaziam mortos, atingidos pelas flechas, flamejantes como o sol, que eram acionadas pelo som.

Como podemos constatar por esta passagem, muito embora Sãlva fosse um rei humano, um contingente de grotescos soldados dãnavas estava presente em seu vimãna. Isto faz sentido, é claro, se levamos em conta que Sãlva obtivera a nave do líder dos dãnavas. Há muitos relatos védicos de semelhantes alianças entre seres humanos e outras raças humanóides. Mesmo parecendo duvidoso para os historiadores modernos o fato de ter alguma vez existido esta espécie de alianças, fica evidente que a idéia das mesmas esteve em voga na Índia antiga. E, se tais alianças de fato existiram, então é de se supor que elas também pudessem ser feitas hoje em dia.

Os arcos e flechas usados pelos defensores de Dvãrakã, segundo também demonstra a passagem citada, não eram de um nível primitivo ou medieval de tecnologia. O arco era utilizado como dispositivo de lançamento para muitos tipos de

flechas. Estas costumam ser descritas como "flamejantes" ou "semelhantes ao sol", sendo, neste caso, dotadas de alguma espécie de sistema de orientação que lhes possibilitava encontrar seus alvos por meio do som. Por ser evidente o fato de o desenvolvimento tecnológico não ser necessariamente linear, conclui-se que nem todas as formas de tecnologia superiores à nossa são aprimoramentos do tipo de tecnologia de que dispomos hoje.

Conforme também demonstra a história das flechas sensíveis ao som, mesmo ao se tornar invisível, o vimãna de Sãlva ainda estava presente no plano físico, e era possível ouvir os sons que emanavam dele. Esta característica também se manifesta numa série de relatos sobre óvnis. Encontramos um exemplo disto na história de um homem chamado Maurice Masse, cujo resumo vai a seguir.

Masse era produtor de alfazema em Valensole, uma aldeia da Provença, França. Na manhã de 1º de julho de 1965, por volta das 5h45, ele terminava de fumar um cigarro antes de começar a trabalhar. De repente, ouviu um zunido e, ao se virar, avistou uma máquina com formato de bola de rúgbi e do tamanho de um Dauphine. Apoiava-se sobre seis pernas, com um pivô central fincado no solo abaixo dela. Masse viu dois meninos perto do objeto, mas, ao se aproximar do mesmo, percebeu que não eram meninos. A uma distância de cerca de cinco metros, um dos seres paralisou-o ao apontar um aparelho semelhante a um lápis na direção dele.

Após algum tempo, os seres voltaram à sua máquina, e Masse pôde vê-los olhando para ele de dentro da nave. Nessa altura, as pernas retraíram-se e, com um baque do pivô central, a máquina alçou vôo e distanciou-se silenciosamente. Aos vinte metros depois, desapareceu, mas deixou vestígios de sua passagem no campo de alfazema, num raio de quatrocentos metros. Segundo dizem, não cresce mais alfazema no local onde pousou o veículo.

Conforme podemos constatar por esta descrição, na certa o veículo esteve presente no plano físico após ter sumido de vista a uma distância de vinte metros. Pelo menos, esta é uma conclusão natural em virtude do fato de o campo de alfazema ter sido afetado pela passagem do veículo num raio de no mínimo quatrocentos metros. Logo, sua invisibilidade parece ter sido semelhante à do vimãna de Sãlva. Em ambos os casos, parece ter havido manipulação da luz ou do sentido da visão de modo a ocultar a nave aérea, que mesmo assim expôs sua presença pelo som ou pelas alterações do ar.

A faculdade da invisibilidade não se limitava apenas ao vimãna de Sãlva. O próprio Sãlva também era capaz de se tornar invisível e viajar para outro lugar neste estado. Além disso, tinha o poder de projetar formas ilusórias:

Tomado de ira, o Senhor Krsna desferiu um golpe de maça tão forte contra a clavícula de Sãlva que este passou a ter sangramento interno e a tremer de frio como se estivesse a ponto de desfalecer.

Antes que Krsna pudesse atingi-lo de novo, contudo, Sãlva se tornou invisível por meio de seu poder místico.

Dentro de poucos instantes, um misterioso homem desconhecido apareceu ante o Senhor Krsna. Mergulhado em prantos, ele se prostrou aos pés de lótus do Senhor e disse-Lhe: "Por seres o tão amado filho de Vasudeva, Teu pai, Tua mãe, Devaki, enviou-me para informar-Te da triste notícia de que Sãlva capturou Teu pai e levou-o à força, assim como um carniceiro arrasta cruelmente um animal." Ouvindo o homem desconhecido relatar esta triste notícia, o Senhor Krsna ficou perturbadíssimo a princípio, tal qual um ser humano comum. (...) Enquanto Sri Krsna estava assim absorto em pensamentos, Sãlva trouxe até Ele um homem acorrentado de aparência idêntica à de Vasudeva, o pai d'Ele. Tudo não passava de criações do poder místico de Sãlva.

Sãlva disse então a Krsna: "Krsna patife! Este é o Teu pai, que Te gerou e por cuja misericórdia ainda vives. Agora vê como matarei Teu pai. Se tens alguma força, trata de salvá-lo." O prestidigitador místico Sãlva, falando neste tom perante o Senhor Krsna, logo decepou a cabeça do falso Vasudeva. Em seguida, sem hesitar, agarrou o cadáver e embarcou em seu avião.

Logo depois, Krsna percebeu que de fato não havia ali nenhum corpo de Vasudeva. Tratava-se apenas de uma ilusão projetada por Sãlva usando métodos aprendidos com Maya Dãnava. Mais

adiante neste capítulo (páginas 289-92), analisarei casos nos quais entidades ufológicas parecem ter feito pessoas verem miragens — tais como uma bela corça no bosque — a fim de manipular-lhes o comportamento. Exemplos disto se multiplicam tanto na literatura védica quanto na literatura ufológica.

Na literatura ufológica também encontramos casos de indivíduos desaparecendo subitamente e viajando para outra localidade. Um exemplo disto ocorreu em Nouatre, Indre-et-Loire, França, em 30 de setembro de 1954. Por volta das 16h30, Georges Gatey, chefe de uma equipe de construtores, deparou com um homem de aparência estranha parado em frente a uma grande abóbada brilhante que flutuava cerca de um metro acima do solo. Meu interesse neste caso está na forma pela qual estas estranhas aparições desapareceram:

Repentinamente, o estranho homem desapareceu, e isto de forma inexplicável para mim, já que ele não saiu andando de meu campo de visão, mas sim esvaiu-se como uma imagem que de súbito se apaga.

Então, escutei um forte zunido que abafou o ruído de nossas escavadeiras; o disco subiu no sentido vertical fazendo movimentos abruptos para em seguida também se apagar numa espécie de bruma azul, como que por milagre.

O Sr. Gatey, um pragmático veterano de guerra que afirmava não estar habituado a ímpetos de

fantasia, teve sua história confirmada por diversos dos construtores.

Outra história de óvni desaparecendo de repente envolveu o policial Charles Delk, de Forrest County, Mississippi, condecorado por sua dedicação no cumprimento da lei. Às 20h15 de 7 de outubro de 1973, Delk assistia à televisão quando o assistente do delegado ligou para ele, pedindo-lhe para investigar uma visão de óvni ocorrida perto dali. Cético, Delk se recusou a desperdiçar seu tempo com tal coisa e voltou a assistir a seu programa. Porém, tendo sido solicitado uma segunda vez, resolveu investigar a queixa. Como era de se prever, quando ele chegou ao local da visão, o óvni já se fora.

No entanto, a caminho de casa, Delk viu um cintilante objeto em forma de copa de árvore, com luzes piscantes, a flutuar lentamente pelo ar. Mantendo contato pelo rádio com seu superior, Delk descreveu como o objeto pairava sobre uma instalação de energia elétrica e emitia jatos sibilantes parecidos com os de um maçarico. Após Delk tê-lo seguido por diversos quilômetros, o objeto se aproximou de seu carro, e motor, luzes e rádio deixaram de funcionar. Cerca de quinze minutos após o objeto partir, o carro e o rádio voltaram a funcionar. Delk alcançou o objeto de novo e observou-o virando lentamente de cabeça para baixo. Então, ainda plenamente à vista, sumiu de repente. Conhecidos de Delk o descreveram como um policial pragmático e modelar que gozava de sólida reputação e nada tinha a lucrar por inventar histórias absurdas.

Em resumo, a história do vimãna de Sãlva envolve uma nave aérea com características semelhantes àquelas relatadas com referência a visões de óvnis. Envolve, também, pessoas que manifestam incomuns poderes e padrões de comportamento, os quais são típicos daqueles relatados em contatos imediatos com óvnis. De maneira engraçada, isto foi reconhecido por J. A. B. van Buitenen na introdução à sua tradução do Mahãbhãrata. Eis as suas observações sobre a batalha de Krsna com Sãlva:

Temos aqui o relato de um herói que tomou estes astronautas visitantes pelo que eles eram: intrusos e inimigos. A cidade aérea nada mais é que um campo armado com lançadores de chamas e canhão trovejante, sem dúvida uma nave espacial. O nome dos demônios também é revelador: eles eram nivãtakavacas, "trajados com armaduras herméticas", que nada mais podem ser além de trajes espaciais. É encorajador saber que alguma vez no passado remoto se destacou um homem que destruiu a nave espacial, abortando-lhe a missão munido de arco e flecha.

Os nivãtakavacas são um subgrupo dos dãnavas. A palavra nivãta quer dizer nenhum ar, e kavaca, armadura. Talvez isto se refira mesmo a trajes espaciais.

## **Levitação, ou Laghima-siddhi**



Voltemos à história de Maurice Masse e analisemos sua descrição dos seres que ele viu. Conforme ele disse, as criaturas tinham menos de um metro e meio de altura, usavam roupas cinza-esverdeadas justas e tinham cabeças parecidas com abóboras. Tinham bochechas altas e carnudas, grandes olhos oblíquos que varavam os lados do rosto, bocas fendidas e sem lábios, queixos bem pontudos. Movimentavam-se, prossegue a descrição, como que "subindo e descendo no espaço como bolhas numa garrafa sem apoio aparente" ou "deslizando ao longo de faixas de luz".

Referências a seres estranhos que deslizam ou flutuam no ar são por demais comuns em relatos sobre contatos imediatos com óvnis. Encontramos outro exemplo disto na história do sargento Charles L. Moody do Programa de Confiabilidade Humana da Força Aérea americana, um grupo de elite cujos candidatos a membro são submetidos a uma cuidadosa triagem psiquiátrica para a identificação de distúrbios emocionais (página 196). Ele relatou ter sido raptado de seu automóvel nas redondezas de Alamogordo, Novo México, na madrugada de 13 de agosto de 1975. Descreveu seus captores como nanicos e disse: "Sei que vai soar ridículo e espero que ninguém me coloque uma camisa-de-força, mas aqueles seres não caminhavam, eles deslizavam."

A literatura védica descreve um poder místico chamado Laghimã-siddhi, que capacita a pessoa a superar a força da gravidade. Há inúmeras

referências a seres e objetos que flutuam como plumas por meio deste poder, de uso comum entre os devas e raças humanóides afins. Portanto, um comentário sobre o Bhāgavata Purāna declara: "Os residentes dos sistemas planetários superiores, a começar de Brahmaloaka... até Svargaloka... são tão avançados na vida espiritual que, ao virem visitar este ou outros sistemas planetários inferiores semelhantes, mantêm sua antigravidade. Isto significa que lhes é possível ficar de pé sem tocar o solo."

Consta que os yogis podem adquirir o poder de Laghimā-siddhi. Krsna descreve como se pode fazer isto no 11º Canto do Bhāgavata Purāna:

Eu existo dentro de tudo, e sou por isso a essência dos constituintes atômicos dos elementos materiais. Vinculando sua mente a Mim desta forma, o yogi pode atingir a perfeição chamada laghimā, mediante a qual percebe a substância atômica sutil do tempo.

É curioso o fato de a antigravidade ser vinculada ao tempo. Talvez seja significativo que, na teoria geral da relatividade, a gravidade está ligada a transformações de espaço e tempo. Também é digno de nota que nos tempos védicos já conhecessem a idéia das partículas atômicas.

## **Desaparecimento e reaparecimento**

É possível que Sâlva, ao desaparecer após ser golpeado por Krsna, tenha apenas se tornado invisível e se afastado de onde estava. Em outros casos constantes em relatos védicos, contudo, alguém desaparece fisicamente de determinada localidade para reaparecer em outra parte, e isto sem atravessar o espaço intermediário da forma costumeira. Segundo a perspectiva védica, a capacidade para se fazer isto nada mais é que um poder místico natural, ou siddhi — certos seres, tais como os cãranas e os siddhas, herdaram-no ao nascerem, enquanto outros logram adquiri-lo mediante determinados métodos práticos. Tanto quanto no caso de faculdades corpóreas comuns, este poder místico depende das leis da natureza e da organização grosseira e sutil do corpo.

Eis um dos muitos relatos védicos cuja trama tem este poder como elemento padrão. Quando criança, o grande sábio Vyãsa fizera uma promessa a sua mãe, Satyavati, dizendo: "Mãe, se alguma vez precisares de mim, basta fixares tua mente em mim que eu irei aonde estiveres." Passados alguns anos, Satyavati precisou consultar Vyãsa por ocasião da morte de Vicitravirya, então rei da dinastia Kuru e irmão caçula de Vyãsa. Como o rei morrera sem deixar filhos, Vyãsa poderia, segundo a lei, gerar filhos com as viúvas do irmão para dar continuidade à linhagem real. Após Bhisma, o estadista mais velho, ter aprovado este procedimento, "Satyavati fixou a mente em seu filho, que recitava os Vedas naquele momento. Bastou o grande sábio

perceber que sua mãe fixara a mente nele para num instante aparecer perante ela".

Neste caso, parece que Vyāsa desapareceu do lugar onde recitava os Vedas para logo aparecer diante de sua mãe num local inteiramente diferente. O fato de Vyāsa ter feito isto "num instante" sugere que ele viajou até onde estava sua mãe se valendo de algum método paranormal. A comunicação telepática entre Vyāsa e sua mãe também é uma característica comum em relatos védicos.

O sábio Vyāsa era um ser humano imbuído de grandes faculdades místicas, resultantes de ele ter sido dotado de poder pelo próprio Ser Supremo. Uma pessoa assim é conhecida como saktyāvesa-avatāra. Vyāsa é famoso por ter compilado os Vedas e, segundo dizem, ele ainda vive nos Himalaias. Na civilização védica, sábios deste tipo atuavam como elos entre a sociedade humana terrestre e a hierarquia celestial.

Encontramos, na literatura ufológica, muitos relatos de seres que aparecem ou desaparecem de repente e que parecem ser capazes de viajar mediante um misterioso artifício de invisibilidade. No caso de William Hermann da Carolina do Sul (veja páginas 206 e 227-32), dois seres alienígenas do tipo atarracado e cabeçudo surgiram, segundo o relato, em meio a um fulgor azul no quarto de Hermann enquanto ele, no corredor, conversava ao telefone com o investigador ufológico John Fielding. Um dos seres, conforme reconheceu Hermann, estivera com ele num óvni durante um rapto anterior. Após uma

breve conversa telepática durante a qual os seres disseram poder confiar em Fielding, eles voltaram para o quarto de Hermann e sumiram. Segundo disse Hermann, um pouco antes disso eles haviam feito com que um objeto de metal, com inscrições gravadas aparecesse ante seus olhos em meio a uma cintilante bola de luz azul.

Num caso em Altrincham, Inglaterra, em fins de 1984, um homem encontrou por duas ocasiões, conforme relata, um pequeno ser feioso em seu quarto. Ele formula duas questões interessantes sobre estas experiências: (1) Como era míope, teve de esforçar-se para focalizar o ser, tanto quanto o fazia normalmente com objetos reais. Por que uma experiência alucinatória haveria de se sujeitar às limitações de sua pobre visão? (2) A figura sumiu num instante sem fazer ruído algum. Por que não deixou um vácuo parcial, acompanhado de seu conseqüente ruído?

Num caso um tanto diferente relatado por um estudante universitário de vinte anos, este, ainda criança, teria visto um ser em seu quarto: "Era baixo e tinha olhos grandes... também parecia ter uma aura ou alguma espécie de brilho à sua volta. Acho que não consegui me mexer enquanto ele esteve ali. Parece ter falado com meu irmão, mas não sei o que disse. Parece ter entrado e saído pela parede por trás da cômoda." Seria possível descartar esta história, é claro, tachando-a de pesadelo ou alucinação. No entanto, como semelhantes histórias ocorrem repetidas vezes e costumam envolver seres de aparência padronizada, também é possível que as

experiências relatadas tenham sido provocadas por visitas de entidades reais.

Por fim, há o controvertido caso de Eduard Meier (páginas 209-23). Segundo consta, Meier teria de súbito aparecido e desaparecido em diversas ocasiões, supostamente como resultado de manipulações de alta tecnologia por parte dos seres com quem ele mantinha contato. Jacob Bertschinger, por exemplo, descreveu o súbito aparecimento de Meier como segue: "De repente, fiquei sobressaltado. Como num súbito passe de mágica, apareceu uma figura humana no lado direito do meu carro. Para falar a verdade, fiquei perturbadíssimo." Ou, ainda, Engelbert Wachter, que estava trabalhando com Meier e mais duas pessoas, telhando uma casa. Assim depôs Wachter: "Senti os dedos dele tocarem meu ombro. Então, virei-me e ele tinha sumido." Não conseguiram encontrar Meier até ele aparecer de repente, quatro horas mais tarde. Este tipo de depoimento constitui parte das provas mais significativas do caso Meier — a não ser que as testemunhas estivessem mentindo.

## **Viagem corpórea através da matéria e do espaço**

Nestes exemplos de aparecimento e desaparecimento, os objetos físicos não parecem ser movimentados apenas de forma invisível através do espaço. Também são movimentados através, ou de algum modo ao redor, da matéria

sólida. Os seres que visitaram William Hermann, por exemplo, parecem ter entrado em seu quarto sem passarem visível ou invisivelmente pela porta de seu trailer. Ora, existe um processo védico de viagem, chamado vihāyasa, mediante o qual um objeto físico é movimentado diretamente através do éter para outro local, sem interagir com a matéria grosseira intermediária. Neste caso, a palavra éter é usada para traduzir o termo sânscrito ākāsa. Ākāsa é espaço, mas é considerado uma substância, ou um espaço cheio de matéria, e não um vácuo.

A história do rapto de Aniruddha no Bhāgavata Purāna contém um exemplo de viagem vihāyasa. Uma jovem princesa chamada Ūsā vivia nos aposentos bem protegidos do palácio de seu pai, na cidade de Sonitapura. Certo dia, Usa teve um sonho vivido sobre um belo jovem que se tornava seu amante. Como tinha certeza de que a pessoa do sonho existia de verdade, ela pediu a sua amiga, a yogini mística Citralekhā, que o encontrasse para ela:

Citralkhā disse: "Vou mitigar a tua aflição. Se é que pode ser encontrado em alguma parte dos três mundos, hei de trazer-te este teu futuro esposo que roubou o teu coração. Por favor, mostra-me quem é."

Tendo dito isto, Citralekhā passou a desenhar retratos exatos de diversos semideuses, gandharvas, siddhas, cāranas, pannagas, daityas, vidydharas, yaksas e humanos.

Ó rei, entre os humanos, Citralekhã desenhou retratos dos vrsnis, inclusive Sūrasena, nnakadundubhi, Balarãma e Krsna. Ao ver o retrato de Pradyumna, Üsã acanhou-se e, ao ver o retrato de Aniruddha, curvou a cabeça para esconder seu embaraço. Sorrindo, exclamou: "É Ele! É Ele!"

Citralkhã, dotada como era de poderes místicos, reconheceu-O [Aniruddha] como o neto de Krsna. Meu caro rei, ela então saiu viajando pela mística rota celestial [vihãyasa] em direção a Dvãrakã, a cidade protegida pelo Senhor Krsna.

Lá, encontrou o filho de Pradyumna, Aniruddha, adormecido numa cama luxuosa. Com seu poder de Yogue, ela O levou para Sonitapura, onde presenteou a amiga Üsã com o seu amado.

O nome Citralekhã quer dizer alguém capaz de fazer belos desenhos. Seguindo uma típica tendência védica, Citralekhã imaginou ser o amante de Üsã originário de uma ampla variedade de raças humanóides. Uma vez tendo-o identificado como Aniruddha, ela viajou diretamente através do espaço até o quarto dele, que ficava num palácio em outra cidade. Portanto, do ponto de vista de quem estava naquele quarto, ela apareceu ali vinda de parte alguma, agarrou o adormecido Aniruddha sem perturbá-lo e sumiu de vista. Trouxe-o diretamente para dentro do aposento íntimo do palácio de Usa sem precisar usar as entradas normais e alertar os guardas incumbidos de proteger a castidade de Üsã. Esta história é semelhante a muitos relatos de rapto



por óvni, com a exceção de que, para Aniruddha, a experiência não foi traumática — pelo menos até o pai de Üsã descobrir o que estava acontecendo.

Muitos exemplos de histórias de contato com óvni parecem envolver esta espécie de viagem mística através do espaço e da matéria. Um destes exemplos é o caso do rapto de Sara Shaw (veja páginas 224-25). Segundo ela reparou, seus raptos entraram em seu quarto por uma janela fechada. Ao lhe perguntarem como eles conseguiram fazer isto, ela disse: "Isto me faz sentir ridícula de verdade, mas parece que eles atravessaram a vidraça sem a quebrarem." Em outro caso, a psicóloga Edith Fiore fazia uso da hipnose para explorar a experiência de rapto de uma pessoa chamada Gloria. No decorrer de uma sessão, Gloria disse: "Eu saí flutuando até lá. Foi assim que cheguei à calçada. Atravessei a parede e fui parar na calçada."

Em ainda outro caso investigado por Edith Fiore, uma testemunha chamada Fred lembrou-se da seguinte experiência sem o auxílio da hipnose:

Durante a noite, algo me acordou. Olhei à minha volta, mas não havia ninguém no quarto. O quarto dava para a rua. Tinha uma janela ampla de dois e meio por dois com aquelas venezianas antigas. (...) As venezianas estavam abertas. Eu estava ali deitado e comecei a me revirar. Há algo sobre a experiência toda que jamais consegui aceitar ou entender por completo. E provavelmente jamais conseguirei. Eu atravessei aquelas venezianas! Confesso que fiquei aterrorizado. Eu as atravessei.

Elas não se abriram. A janela não se abriu. Literalmente, atravessei aquelas venezianas. Até hoje, isto me espanta! A próxima coisa que vi foi uma placa de rua, "Church Street".

Num caso investigado por Trevor Whitaker no Reino Unido, um motorista de ambulância chamado Reg relatou ter encontrado estranhos visitantes em seu quarto em fevereiro de 1976. Os visitantes, dois seres altos, com rostos cinzentos e grandes olhos felinos, trataram-no como a um espécime. Disseram-lhe para se deitar de bruços em sua cama e o paralisaram. Ele experimentou sair flutuando pelo teto em direção ao céu, onde pairava um óvni em forma de banheira. Submeteu-se a exames médicos a bordo do óvni e, por meio de telepatia, ouviu uma série de referências bíblicas sobre o Alfa e o Ômega. "Disseram-lhe que mil de seus anos não passam de um dia para nós" e também lhe informaram que um ser como ele, semelhante a um verme, não devia fazer perguntas a respeito da identidade dos visitantes. Mais tarde, viu-se de volta em seu quarto sofrendo de grandes lapsos de memória, mas se lembrou de sua experiência sem o auxílio da hipnose.

Meu último exemplo é extraído da história de Betty Andreasson. Neste caso, utilizou-se a hipnose para estimular a memória da testemunha. Eis parte da transcrição de uma das sessões:

Joseph Santangelo: Como eles foram parar ali, Betty?

Betty: Atravessaram a porta.

Joseph Santangelo: Você abriu a porta para eles?

Betty: Não.

Joseph Santangelo: Eles abriram a porta?

Betty: Não. (...) Eles entraram como na brincadeira infantil follow-the-leader (uma criança é seguida por outras em fila, e cada ação dela é imitada pelas outras). (...) Estão começando a atravessar a porta agora (...) atravessando a madeira, um após o outro. É impressionante! Atravessando! Retrocedi um pouco. Era mesmo real? Lá vêm eles, um após o outro. (...) Agora já estão todos dentro de casa.

Mais tarde, disse Andreasson, dois dos seres se posicionaram em frente e atrás dela, fazendo-a flutuar através da porta até um óvni estacionado do lado de fora.

Segundo a literatura védica, é possível um indivíduo, usando os poderes de sua mente, fazer sua própria viagem mística. No Bhāgavata Purāna, por exemplo, Kṛṣṇa explica uma modalidade de viagem mística, chamada mano-java, como segue:

O yogue, mantendo sua mente absorta por completo em Mim e fazendo então uso do vento que acompanha a mente para absorver o corpo material em Mim, obtém, mediante a potência da meditação em Mim, a perfeição mística por meio da qual seu corpo acompanha sua mente de imediato para onde quer que ela vá.

No caso de Citralekhā e Aniruddha, ou no caso de Vyāsa na seção precedente, fica claro que a viagem foi realizada por meio da potência direta

dos indivíduos em questão. Citralekhã conseguiu não apenas movimentar seu próprio corpo através da matéria como também trazer consigo o corpo adormecido de Aniruddha. Isto pode ser um paralelo a relatos sobre óvnis, segundo os quais seres humanóides fazem pessoas atravessarem por paredes sólidas.

Conforme se argumenta às vezes, o maquinário de alta tecnologia localizado num óvni seria utilizado para locomover corpos e transformá-los de modo a poderem atravessar a matéria sem interferência. Segundo sustentava Eduard Meier, por exemplo, suas súbitas aparições misteriosas sucediam quando ele entrava numa máquina de telecinese, a bordo de um óvni em pleno vôo, para ser transmitido diretamente para um certo ponto na superfície da Terra.

De acordo com o relato do jornalista Gary Kinder, o método de telecinese funciona à Star trek, desmontando-se a estrutura molecular de uma pessoa num certo ponto e remontando-a em outro. Contudo, isto não explica a forma como os átomos desestruturados passam de um ponto a outro. Segundo enfatiza o próprio Meier, o processo só funciona "se estou com a cabeça e o coração serenos", o que sugere que o método tem algo a ver com a mente.

Este é um exemplo da forma pela qual a trapaça alienígena pode ter representado seu papel no caso Meier. Como em outros casos de óvnis, talvez Meier tenha experimentado o traslado paranormal através do espaço. Mas talvez a explicação a respeito do realinhamento molecular

seja uma história falsa elaborada para atrair pessoas versadas em ciência moderna e ficção científica.

Apesar de a história de Meier ter muitos elementos duvidosos, sua descrição de uma máquina de telecinese mereceu certa confirmação aparentemente independente da parte de Budd Hopkins. (Hopkins, aliás, foi categórico em tachar Meier de embusteiro.) Hopkins reconta a história de como Kathie Davis, testemunha de um contato imediato, foi posicionada por seus captores sobre uma plataforma redonda dentro de um óvni. Então, o recinto pareceu tremeluzir, e ela sentiu uma dor repentina no peito. Quando voltou a si, estava deitada no gramado de seu quintal, e pôde ver o óvni partindo, semelhante a uma tiara ornada com pequenas luzes.

É provável que a telecinese da matéria não possa ser feita por mecanismos subordinados às leis físicas conhecidas, mas é bem possível que existam princípios de física ainda por descobrir. Aparentes ocorrências de telecinese costumam ser relatadas em casos de poltergeist, nos quais objetos que se sabia estarem em outro lugar são vistos de repente em pleno ar e seguindo trajetórias estranhas. Estes fenômenos podem também estar relacionados a siddhis védicos, tais como prãpti e mano-java.

Como os siddhis são princípios naturais, existe a possibilidade de terem sido construídas máquinas que tiram proveito destes princípios, e talvez alguns vimãnas e óvnis com base neles funcionem. Logo, seria possível fazer uso do

Laghimã-siddhi para tornar a nave antigravitacional e do mano-java para locomovê-la através do éter. Outros veículos poderiam fazer uso de métodos de propulsão mecânica ou eletromagnética mais conhecidos, ou poderiam empregar uma combinação de siddhis e princípios mais conhecidos.

Os siddhis e os princípios físicos conhecidos são, uns e outros, aspectos da natureza, que é considerada pela filosofia védica como uma manifestação da potência divina. Uma compreensão profunda tanto dos siddhis quanto das leis da física proporcionaria, presume-se, um entendimento unificado segundo o qual ambos representam facetas de um todo maior.

## **O rapto de Arjuna por Ulupi**

No caso Villas Boas (veja páginas 165-67), os ufonautas parecem ter raptado um ser humano a fim de induzi-lo a fazer sexo com uma alienígena. De fato, a história de Üsã e Aniruddha não se compara a esta, visto que eles desenvolveram um relacionamento de igual para igual e acabaram se casando. No entanto, temos, em certos relatos védicos, casos onde um membro de outra raça humanóide rapta um ser humano por motivos de luxúria.

Isto é ilustrado por um relato do Mahābhārata envolvendo o herói Pândava Arjuna. Tudo começou quando Arjuna foi exilado por doze meses por ter acidentalmente invadido a privacidade de seu irmão Yudhishthira com Draupadi, esposa comum de ambos. Arjuna, também conhecido como o filho de Kunti, foi visitar Haridvāra ao longo do rio Ganges nos Himalaias. Lá, ele participou de ritos de sacrifício com diversos sábios.

Enquanto o filho de Kunti residia ali entre os brāhmanas, O Bharata, os sábios realizaram muitos agni-hotras, oferendas ao fogo sagrado. Enquanto se acendiam as fogueiras em ambas as margens do rio, as oferendas abundavam e flores eram ofertadas em adoração por eruditos sábios auto-controlados, devidamente consagrados e fixos como grandes almas no caminho espiritual, e então, O rei, a passagem do Ganges brilhava com extraordinário esplendor.

Quando sua residência foi assim coroada de divindade, o querido filho de Pāndu e Kunti mergulhou então na água do Ganges, para ser consagrado para o rito santo. Tomando seu banho ritual e adorando seus antepassados, Arjuna, feliz por ter participado do rito do fogo, estava saindo da água, Ó rei, quando foi puxado de volta para o fundo por Ulūpi, a filha virgem do rei serpente, que podia viajar à vontade e se encontrava dentro daquelas águas naquela ocasião. Agarrando-se a ele, ela o fez descer até a terra dos nāgas, à casa do pai dela.

Ulüpi se ofereceu então a Arjuna, argumentando desejá-lo ardentemente, motivo pelo qual ele deveria ser misericordioso e satisfazê-la. Arjuna o fez de acordo com o código dos ksatriyas, a classe védica dos guerreiros. Deste modo, "o impetuoso herói Arjuna passou a noite no palácio do rei nãga e, ao nascer do sol, partiu das profundezas da morada de Kauravya".

Kauravya é o nome do rei nãga. Observe que, quando Ulüpi puxou Arjuna para o fundo do rio, em vez de ir dar num fundo de rio rochoso ou arenoso, ele acabou parando no reino nãga. Este é outro exemplo de viagem mística, só que, neste caso, os viajantes passaram a um mundo paralelo ou supradimensional. Os nãgas são uma raça de seres inteligentes que, segundo consta, vivem ou no sistema planetário chamado Bila-svarga ou em realidades paralelas na superfície da Terra. Analisaremos estas realidades paralelas com mais minúcia na seção seguinte e no Capítulo 8.

Por ora, lembremo-nos de que, segundo é relatado, as entidades ufológicas afirmam compartilhar de nosso mundo; nossas atividades, afirmam ainda, afetam os mundos delas diretamente (veja página 240). Se algumas delas vivessem em mundos paralelos como aqueles dos nãgas, então, isto faria sentido.

## **O rapto de Duryodhana**



Embora a atração sexual pareça representar seu papel tanto em histórias modernas quanto em histórias védicas de rapto, é possível também haver outros fatores motivadores. O rapto do rei Duryodhana no Mahābhārata é um exemplo cujos motivos subjacentes envolviam política e estratégia militar.

Certa feita, o rei Duryodhana teve um embate com alguns gandharvas, que haviam isolado uma área ao redor de um lago para fins de recreação e impedido o acesso do exército de Duryodhana. Como Duryodhana tentasse furar o cerco de qualquer maneira, resultou uma violenta batalha, após a qual ele foi capturado pelas forças armadas dos gandharvas. Arjuna, então hospedado próximo dali, valeu-se de seus vínculos políticos com os gandharvas para libertar Duryodhana. Embora Arjuna e seus irmãos tivessem sido exilados por Duryodhana, Arjuna interveio para salvá-lo dos gandharvas com base no fato de o mesmo ser seu parente e um ser humano.

Duryodhana se sentiu humilhado por ter sido salvo por alguém que ele havia desprezado e maltratado como se fosse um inimigo; por isso, resolveu abandonar tudo e jejuar até morrer. Entretanto, alguns outros grupos pareciam ter planos duradouros para Duryodhana, não ficando nada satisfeitos com o rumo que as coisas tinham tomado:

Em conseqüência disso, os daityas e os dānavas, medonhos residentes do mundo inferior que haviam sido derrotados pelos deuses, ao ficarem sabendo da decisão de Duryodhana por abandoná-

los, realizaram um rito de sacrifício a fim de recuperá-lo.

Com mantras, os dānavas convocaram uma "mulher maravilhosa com boca carnuda", solicitando-lhe que fosse buscar Duryodhana. Esta mulher, pertencente a uma raça de seres demoníacos chamada krtyā, era capaz de transportar o rei por meio de viagem mística: "Krtyā deu sua palavra de que o faria e, num piscar de olhos, foi até o rei Suyodhana [Duryodhana]. Ela se apoderou do rei e com ele entrou no mundo inferior, entregando-o aos dānavas logo em seguida."

O "mundo inferior" não é exatamente a região abaixo da superfície da Terra. Segundo a literatura védica, existem três regiões conhecidas como Svarga, ou céu. Elas são delineadas em relação à eclíptica, ou a rota orbital do Sol contra o pano de fundo das estrelas fixas. Há o Divya-svarga (céu divino), a região dos céus ao norte da eclíptica; o Bhauma-svarga (céu terrestre), aproximadamente no plano da eclíptica; e o Bila-svarga (céu subterrâneo), ao sul da eclíptica. Às vezes, o Bhauma-svarga é chamado de Bhū-mandala, a "terra plana" já mencionada aqui (veja página 254).

O "mundo inferior" é o Bila-svarga. Está "lá" nos céus, mas, ao mesmo tempo, é possível atingi-lo adentrando a Terra mediante viagem mística. Também é possível adentrar as regiões inferiores tomando o caminho pitr-yāna, que, segundo diz o

Visnu Purãna, começa perto das constelações Escorpião e Sagitário e se estende para o sul na direção da estrela Agastya, ou Canopus. Isto é descrito com mais minúcia no Capítulo 7 (página 323).

Uma vez estando Duryodhana na presença dos dānavas, eles explicaram que seu nascimento na Terra fora predeterminado como parte do plano deles. Sua grande força corpórea e sua quase total imunidade a armas haviam sido providenciadas por manipulações dos dānavas. Portanto, ele não devia pôr tudo a perder sacrificando sua vida. Dānavas e daityas, nascendo como heróis terrestres, ajudá-lo-iam em sua batalha contra os Pândavas. Segundo salientaram ainda os dānavas, eles fariam uso do controle da mente para se certificar de que esta batalha tivesse o desfecho desejado:

Outros asuras irão se apoderar de Bhisma, Drona, K.rpa e os demais; e, possuídos por aqueles, estes lutarão contra teus inimigos sem piedade. Quando estiverem travando a batalha, melhor dos Kurus, não terão a menor piedade nem de filhos nem de irmãos, nem de pais nem de parentes, nem de alunos nem de amigos, nem de jovens nem de velhos. Cruéis, possuídos pelos dānavas, com seus espíritos subjugados, travarão a batalha, deixando de lado qualquer sentimento de amor. Jubilantes e com as mentes obscurecidas, os homens-tigre, embriagados pela ignorância segundo o destino traçado pelo Ordenador, dirão uns aos outros: "Não escaparás de mim com vida!" Firmados em seu poder humano para empunhar múltiplas

armas, melhor dos Kurus, eles orgulhosamente perpetrarão um holocausto.

Como se isto não bastasse, o herói Karna e os "guerreiros declarados" (um bando de rãksasas), explicaram ainda os dānavas, matariam Arjuna. Os mesmos dānavas providenciaram o regresso de Duryodhana após o convencerem de que ele sairia vitorioso:

A mesma Krtyã trouxe a fortíssimo homem de volta quando este foi dispensado, para o mesmíssimo local onde ele estivera jejuando até a morte. Krtyã baixou o herói, saudou-o e, após o rei dispensá-la, sumiu de vista aí mesmo.

Após ela partir, o rei Duryodhana pensou que tudo não passara de um sonho, Bhārata, restando-lhe a seguinte idéia fixa: "Eliminarei os Pândus na batalha."

Esta história do Mahābhārata tem uma série de características também constantes em relatos sobre raptos por óvnis. Entre outras, incluem-se:

1. Um ser estranho leva o corpo de Duryodhana para outro local, onde este tem um encontro com outros seres estranhos.
2. Usa-se transporte místico ou supradimensional.
3. Os seres estranhos têm forma humana, mas aparência "medonha". Com certeza, são "alienígenas".
4. Estes seres vêm orientando a vida de Duryodhana desde o princípio.

5. Eles projetaram o corpo de Duryodhana de modo a que ele fosse quase imune às armas. Portanto, parecem ter realizado manipulações genéticas, ou algo semelhante.

6. Os alienígenas planejavam manipular seres humanos através do controle da mente.

7. Após sua entrevista, Duryodhana foi devolvido ao local de onde fora levado e, após baixá-lo, sua captora sumiu.

8. Após a experiência, tudo ficou parecendo um sonho.

Há, na literatura ufológica, relatos comparáveis à história do transporte paranormal de Duryodhana de um lugar a outro. Whitley Strieber, por exemplo, disse ter certa vez acordado e encontrado um de seus estranhos visitantes ao lado de sua cama — um ser de forma mais ou menos humanóide que, além de feminino, parecia um inseto. Esta visitante controlou-lhe os movimentos e se pôs a fazê-lo flutuar para fora de seu quarto: "Bastava eu andar para tudo voltar ao normal. Mas, tão logo parava de andar, eu começava a flutuar de novo. Eu podia senti-la me empurrando pelas costas. (...) Não tinha o menor controle sobre para onde ia. Eu não estava me movimentando — estava sendo movimentado."

A princípio, ele se viu em movimento pelo interior de sua casa, que parecia perfeitamente normal. Agarrou sua gata, Sadie, ao passar por ela, de modo a ter alguma prova de que não estava sonhando. Porém, ao atingir uma porta externa, entrou em outro estado:

Movemo-nos de novo, só que desta vez me vi numa situação profundamente diferente. Já não conseguia enxergar direito. Havia uma escuridão cintilante à minha frente. Ainda podia sentir Sadie em meus braços, e a companhia dela me agradava muito. Quando me dei conta de mim novamente, estava parado num recinto. Era um cômodo comum. Eu estava de frente para uma escrivaninha grande e simples.

Havia três outros seres no recinto: uma mulher de aparência normal, um homem louro de dois metros de altura vestido com macacão e um sujeito de rosto comprido, negros olhos arredondados e uma peruca, que "parecia algo de outro mundo vestido como nos anos 40".

## **Paralisia induzida e hipnose a longa distância**

Conforme uma característica comum de muitos relatos sobre raptos por óvnis, a pessoa raptada é paralisada de alguma forma por seus captores. Isto parece envolver uma faculdade hipnótica que os raptados costumam associar aos olhos de seus estranhos visitantes. Um exemplo clássico disto seria Barney Hill, que relatou ter se sentido dominado pelo olhar de um ser alienígena, visto, com o auxílio de um binóculo, a observá-lo da janela de um óvni pairando no ar (veja páginas 151-52).

A faculdade de paralisar pelo olhar representa o seu papel numa história do Mahābhārata. Deixando de lado diversas complexidades da trama, a história começa com Indra, o rei dos devas, sendo levado pela deusa Gangã ao cume da montanha King, nos Himalaias:

Indra a acompanhou enquanto ela lhe indicava o caminho, e viu, próximo ao cume da montanha King, um belo jovem sentado num trono, rodeado por jovens companheiras e jogando dados. Indra, o rei dos deuses, disse-lhe: "Fica sabendo que este universo é meu, pois o mundo está sob meu controle. Eu sou o senhor." Indra falou isto cheio de ira, vendo o jovem completamente distraído com seus dados.

O jovem, que também era um deus, só fez gargalhar e em seguida levantou os olhos devagar na direção de Indra. Tão logo o jovem lhe dirigiu o olhar, o rei dos deuses ficou paralisado e enrijecido como o tronco de uma árvore.

Após terminar seu jogo, o jovem disse à deusa chorosa: "Traz-me até mim e eu cuidarei para que o orgulho não o domine outra vez."

O jovem vinha a ser o Senhor Siva, que então castigou Indra para curá-lo do falso orgulho. Todas as pessoas envolvidas nesta história eram devas. No entanto, existe um poder místico de controle da mente a longa distância, chamado vasiṭṭi, que é possuído por muitas raças humanóides, podendo ser adquirido por yogues

humanos também. Este poder é descrito como segue:

Esta perfeição nos permite manter qualquer pessoa sob controle. É uma espécie de hipnotismo quase irresistível. Às vezes, vê-se um yogue, que tenha atingido certa perfeição neste poder místico vasitã, aparecer entre as pessoas e lhes falar toda classe de disparates, controlar-lhes as mentes, explorá-las, tirar-lhes o dinheiro e depois ir embora.

Há algumas provas de que mesmo a hipnose "comum" pode atuar à distância. Isto poderia ter implicações importantes no que diz respeito à capacidade de pessoas comuns atingirem o vasitã-siddhi, além de também poder esclarecer a natureza do controle da mente e da paralisia induzida em casos de óvnis.

Eis um possível caso de sugestão hipnótica a longa distância, relatado pelo pesquisador metapsíquico F. H. W. Myers em fins do século XIX. A história começa às 21h de 22 de abril de 1886. Quatro pesquisadores, Ochorowicz, Marillier, Janet e A. T. Myers, atravessaram furtivamente as ruas desertas de Le Havre, França, e se posicionaram do lado de fora do chalé de Madame B. Aguardaram ansiosos. "Às 21h25", escreveu mais tarde Ochorowicz, "vi um vulto aparecer no portão do jardim: era ela. Escondi-me detrás da esquina para poder ouvir sem ser visto."

A princípio, a mulher se deteve no portão e voltou para o jardim. Depois, às 21h30, saiu correndo



pela rua afora, cambaleando rumo à casa do Dr. Gibert. Os quatro pesquisadores, ao tentarem segui-la da maneira mais discreta possível, puderam constatar seu óbvio estado sonambúlico. Por fim, ela chegou à casa de Gibert, entrou e correu agitada de quarto em quarto até encontrá-lo.

Este foi o resultado planejado de uma experimentação com influência hipnótica a longa distância. A Madame B. era uma pessoa facilmente hipnotizável, tendo sido a cobaia de muitos experimentos organizados pelo Prof. Pierre Janet e o Dr. Gibert, preeminente médico de Le Havre. Nesta pesquisa, juntaram-se a eles F. Myers da Sociedade Londrina de Pesquisas Metapsíquicas, o Dr. A. T. Myers, o Prof. Ochorowicz da Universidade de Lvov e M. Marillier da Sociedade Francesa de Psicologia.

Naquela ocasião, o plano do Dr. Gibert era permanecer em seu estúdio e, mentalizando, convocar a Madame B. a deixar seu chalé e vir ter com ele. O chalé ficava a cerca de um quilômetro da casa dele, e nem a Madame B. nem nenhuma das outras pessoas que ali viviam haviam sido informadas da realização do experimento. Gibert passou a emitir comandos mentais para convocá-la às 20h55 e, dentro de cerca de meia hora, ela começou sua jornada para a casa dele. Segundo F. Myers, de 25 experimentos semelhantes, 19 foram igualmente bem-sucedidos.

Experimentos como este do Dr. Gibert e seus colegas talvez não pareçam de confiança. Foram preparados de maneira um tanto vaga e não

fizeram uso do tipo de rígidos protocolos de laboratório que associamos a trabalhos científicos bem aceitos. No entanto, muitos bem-organizados experimentos com influência hipnótica à distância têm sido realizados dentro de laboratórios.

Por exemplo: o Prof. Leonid Vasiliev da Universidade de Leningrado realizou muitos experimentos nos anos 20. Numa série de experimentos, uma cobaia chamada Fedorova costumava chegar ao laboratório de Vasiliev por volta das 20h. Após cerca de vinte minutos de repouso e conversa, deitava-se numa cama numa câmara escura. À intervalos regulares, alguém lhe dizia para apertar um balão de borracha ligado a um tubo de ar enquanto estivesse desperta e para parar de apertá-lo quando começasse a adormecer. O tubo de ar estava ligado a um aparelho no recinto contíguo, aparelho este responsável por registrar quando ela adormeceria e despertaria.

Uma vez estando Fedorova na câmara escura, ela não tinha mais contato com os experimentadores. Quando ela ali entrava, o experimentador que estivera conversando com ela transmitia um sinal a outro experimentador, denominado transmissor, que aguardava a dois cômodos de distância. O transmissor passava então a uma câmara equipada com sonda especial e abria uma carta que havia sido preparada de antemão e não tinha sido lida pela cobaia ou os dois experimentadores. Esta carta instruía o transmissor a fazer uma das três coisas seguintes: (1) permanecer dentro da câmara equipada com sonda e, mentalizando,

ordenar a cobaia a adormecer; (2) colocar sua cabeça para fora da câmara e emitir os mesmos comandos mentais; e (3) colocar sua cabeça para fora da câmara e não emitir nenhum comando mental.

Em 29 rodadas deste experimento, o tempo médio que a cobaia levava para adormecer quando não lhe eram transmitidos comandos mentais era de 7m24. Em contraste, o tempo médio de adormecimento quando lhe eram transmitidos os comandos era de 4m43. Quando os comandos eram transmitidos fora da câmara, o tempo médio era de 4m13.

A cobaia parecia adormecer mais rápido quando uma pessoa a dois cômodos de distância lhe transmitia ordens mentais para que adormecesse do que quando não recebia ordem alguma. Vasiliev realizou muitos outros experimentos deste tipo, todos organizados com esmero, tendo registrado resultados parecidos. Entre estes, incluiu-se um experimento vitorioso envolvendo a transmissão de comandos mentais para adormecer e despertar de Sebastopol para Leningrado, uma distância de 1.700 quilômetros.

O objetivo da câmara era verificar se a influência de longo alcance era transmitida ou não por ondas radiofônicas, o que seria impedido pela sonda. Segundo Vasiliev concluiu a partir de seus muitos experimentos, não havia envolvimento de ondas radiofônicas, uma vez que o transmissor parecia obter os mesmos resultados tanto dentro quanto fora da câmara.

Esta pesquisa mostra ser relevante para o assunto dos raptos por óvnis, já que, caso após caso, a testemunha ou testemunhas relatarão ter sido atraídas mentalmente para uma determinada localidade onde ocorre um contato imediato com um óvni. A experiência de Madame B., que foi orientada mentalmente até a casa do Dr. Gibert, é um exemplo humano deste mesmo fenômeno. Conforme sugerem as provas empíricas relativas à hipnose a longa distância e a informação védica sobre vasiṭā-siddhi, este tipo de controle mental pode ser uma faculdade natural da mente tanto de seres humanos quanto de raças humanóides afins.

## **Projeção de formas ilusórias**

A projeção de formas ilusórias fornece outro paralelo entre o fenômeno ufológico e a visão de mundo védica. Há muitos relatos sobre óvnis em que se projeta alguma espécie de ilusão. Em alguns casos, o óvni parece vir disfarçado como um objeto comum e, em outros, as entidades ufológicas parecem se disfarçar assumindo ou mentalmente projetando formas irreais, inclusive formas de animais. Eis um exemplo, recontado por Jacques Vallee, de um homem que relatou ter visto uma nave estranha de perto, ao passo que seu companheiro relatou ter visto apenas um ônibus comum.

Às 21h30 do dia 17 de novembro de 1971, um brasileiro chamado Paulo Gaetano voltava de carro de uma viagem de negócios, acompanhado pelo

Sr. Elvio B. Ao passarem pela cidade de Bananeiras, Paulo disse haver algo de "anormal" com o carro, mas seu companheiro só se declarou cansado e com vontade de dormir. Segundo Paulo, o motor pifou e ele precisou parar o carro no acostamento da estrada. Um feixe de luz vermelha parece ter feito a porta se abrir. Diversos seres pequenos apareceram então, levaram-no até uma nave próxima dali e submeteram-no a alguma espécie de exame médico, que incluiu a retirada de uma amostra de sangue de seu braço. Também lhe mostraram dois painéis ilustrando uma explosão atômica e a planta de uma cidade próxima dali. Paulo não conseguiu lembrar como ele e Elvio voltaram para casa.

Elvio contou uma história diferente:

Perto de Bananeiras, Paulo passara a mostrar sinais de nervosismo, relatou Elvio. Disse-lhe haver um disco voador os acompanhando, quando de fato era um ônibus, mas mantendo uma distância razoável atrás do carro.

Elvio viu o carro parar no acostamento da estrada e se lembrou de ter encontrado Paulo deitado no solo atrás do carro estacionado. Mas não se lembrou de ter visto Paulo saindo do carro, nem sabia o que lhe havia acontecido. Ele levou Paulo de ônibus para a cidade vizinha de Itaperuna, mas não conseguiu explicar por que eles haviam abandonado o carro. Um oficial de polícia daquela cidade observou o corte no braço de Paulo e

encontrou o carro estacionado no acostamento da estrada.

Se aceitarmos a veracidade desta história, precisaremos pressupor alguma espécie de ilusão para explicar os eventos relatados. Poderíamos supor o caráter ilusório da experiência de Paulo, ou da de Elvio, ou de ambas. Se presumirmos que Paulo viu um óvni ilusório (e que Elvio teria visto um ônibus de verdade), então, teremos de explicar por que Elvio ficou tão confuso, por que Paulo experimentou um rapto ilusório envolvendo um corte no braço e como aquele corte aconteceu de fato. Podemos, é claro, sempre atribuir a confusão e o rapto ilusório a um agente desconhecido dentro ou fora das mentes das testemunhas. O corte poderia também ter sido feito por este agente, ou pode ter sido produzido de alguma outra forma, esquecida pelas testemunhas em sua confusão. Esta é uma explicação complexa, mas poderemos dispor de uma mais simples se admitirmos que Paulo teve uma experiência autêntica. Neste caso, poderemos atribuir a observação do ônibus por parte de Elvio e sua conseqüente confusão a percepções falsas induzidas pelas entidades ufológicas. Esta opção tem a vantagem de envolver uma ilusão simples, o ônibus, e não uma ilusão complexa, ou seja, a experiência do rapto. Além disso, proporciona prováveis suspeitos para os perpetradores da ilusão, ou seja, os pilotos do óvni, em vez de atribuir isto a um agente desconhecido.

Passo a seguir ao exemplo de uma adolescente que, num piquenique com sua família, relatou a

extraordinária experiência de ter visto uma bela corça no bosque — apenas para descobrir, através da hipnose, que aquilo aparentemente era acobertamento de um contato imediato com um óvni. A testemunha, hoje advogada de uma empresa de grande porte, recebeu de Budd Hopkins o pseudônimo Virgínia Horton a fim de proteger sua identidade. Eis a descrição por ela feita da corça, conforme recordada diretamente sem o auxílio da hipnose:

Bem, eu até pensei no caso, mas nada me ocorreu exceto me lembrar novamente de ter ficado maravilhada, na época, com a belíssima corça que eu vi. Você sabe como é, é como se eu tivesse saído do bosque e dissesse ter visto um unicórnio. Eu tive aquela sensação de excitação e maravilha. (...) E, pelo que me lembro, a corça olhava para mim e dizia adeus. A corça me dizia adeus de forma telepática. (...) Era como se eu estivesse conversando com ela e dizendo: "Ora, não se vá ainda", e então ela acabasse se desmaterializando, sumindo.

Ao voltar a ter com a família após ter visto a corça, Virginia notou-os preocupados com a ausência dela, muito embora sentisse não ter se ausentado por tanto tempo. Sua mãe também reparou uma mancha de sangue na blusa dela, como se o seu nariz tivesse sangrado. Esta prova específica foi percebida num filme feito então pelo pai de Virginia.

Sob hipnose administrada pela psicóloga Aphrodite Clamar, Virginia revelou ter sido atraída até uma estranha nave estacionada no bosque:

Estou caminhando pelo bosque. Há uma luz bem brilhante. Há uma nave como aquelas que aparecem nos filmes. Ela é redonda. Tem o formato aproximado de uma abóbada, mas não tenho certeza quanto a isto. (...) A luz é tanta que na verdade não é possível ver direito. (...) E depois ouço quase como num sussurro: "Virginia... Virginia", e penso que eles chamavam por mim dentro da minha cabeça.

Virginia passou então a descrever um contato bastante complexo com típicas entidades de olhos grandes a bordo da nave. Durante este contato, introduziram um instrumento no nariz dela, aparentemente para extrair uma amostra de tecido. Isto tem a ver com o sangue na blusa dela, é claro. O episódio da corça ocorreu após ela deixar a nave, talvez como forma de arrumar uma desculpa natural para a sua ausência prolongada. Há outros exemplos de formas animais ilusórias que parecem vinculados, direta ou indiretamente, às visitas das entidades ufológicas. Por exemplo: conforme salienta Whitley Strieber, às vezes ele se lembra de seus visitantes sob a forma de corujas, um fenômeno por ele interpretado como "memória de triagem" gerada pela mente para disfarçar a verdadeira forma horripilante destes seres. Ed Walters, a principal testemunha do famoso caso da foto de Gulf Breeze, relatou um contato aos



dezessete anos, no qual ele foi seguido por um sinistro cão negro de aparência anormal durante o dia e visitado à noite por um medonho ser calvo e de olhos grandes.

Em outro caso mencionado por Budd Hopkins, uma amiga dele chamada Mary se lembrou de ter visto um belo beija-flor em 1950, mais ou menos aos seis anos de idade. Ela tentou capturá-lo numa jarra e achou tê-lo conseguido. Mas, para a sua consternação, além da jarra estar vazia, ela descobriu um sangramento misterioso na perna. Hopkins encontrou, na batata da perna da amiga, uma fina cicatriz cuja origem ela desconhecia. Reparou, ainda, que aquela cicatriz era semelhante àquelas por ele encontradas numa série de casos de rapto por óvni. Mary se lembrou deste incidente quase esquecido ao ouvir Hopkins descrever o caso Virginia Horton numa reunião de amigos.

Para alguns pesquisadores, o fato de ocorrerem ilusões em contatos com óvnis, aliado à qualidade onírica em geral atribuída a eles, sugere que os mesmos são de todo ilusórios. O fato de alguns contatos parecerem ocorrer num estado extracorporal também representa o seu papel nesta interpretação (veja páginas 417-19). Conforme sugerem estes pesquisadores, a ilusão poderia ser devida a alguma faceta mal entendida da psicologia humana ou a algum tipo de intermediação astral. Evidentemente, a presença de provas físicas, tais como cortes e manchas de sangue, sugere o envolvimento de uma intermediação detentora de realidade física. Seria

possível aventar a hipótese de semelhante intermediação consistir em seres dotados de corpos físicos e da faculdade de criar ilusões nas mentes das pessoas, valendo-se de alguma espécie de tecnologia ou de dons naturais.

A literatura védica tende a apoiar a última hipótese. Muitas raças de seres, segundo consta, têm a capacidade de criar formas corpóreas ilusórias, bem como objetos ilusórios de diversos tipos. Em alguns casos, as formas ilusórias parecem ter substância física. Existem descrições, por exemplo, de cascatas de rochas produzidas num campo de batalha — rochas que provocam danos reais ao atingirem soldados inimigos. Em outros casos, a forma ilusória parece menos substancial, já que deixa de existir quando o ser que a gera fica incapacitado.

Na epopéia chamada Rãmãyana, há uma história famosa envolvendo o último tipo de ilusão citado. Nesta história, o Senhor Rãmacandra, herdeiro do trono de Ayodhyã, havia sido banido em conseqüência de intrigas políticas. Portanto, vivia na floresta, acompanhado apenas por Sua esposa Sitã e Seu irmão Laksmana. Embora representasse o papel de um ser humano, o Senhor Rãmacandra era na verdade uma encarnação de Visnu, a Divindade Suprema, que aparecera na Terra para demonstrar a conduta de um rei ideal.

A certa altura da história, Rãvana, o rei dos rãksasas, sentindo atração por Sitã, arquitetou um plano para raptá-la. Os rãksasas, famosos por terem a capacidade de assumir formas ilusórias, colocaram-na em prática naquela ocasião. Rãvana

visitou seu velho compatriota Mãrica e lhe pediu que assumisse a forma de um veado dourado de modo a afastar Rãma e Seu irmão Laksmana de Sitã. Assim, Rãvana teria a oportunidade de raptá-la. Embora a princípio Mãrica se negasse a fazer aquilo, ele acabou aquiescendo por Rãvana tê-lo ameaçado de morte.

Então, Mãrica, sob a forma de um maravilhoso veado com manchas prateadas e uma aura com o resplendor das jóias, apareceu perante Sitã na floresta. Tinha as patas feitas de pedras azuis e um rabicho que brilhava como o arco-íris. Andava para lá e para cá, mordiscando trepadeiras e às vezes galopando. Atraiu a mente de Sitã de tantas maneiras que ela pediu a Rãmacandra que o pegasse para ela. Rãmacandra estava ciente, é claro, de que aquela poderia ser a magia rãksasa de Mãrica, mas resolveu ir ao encalço do veado. Se fosse mesmo Mãrica, Ele o mataria. Após muito alertar Laksmana, deixou-o guardando Sitã e saiu perseguindo o veado.

Como se tornasse esquivo, e mesmo invisível, Rãma resolveu matá-lo. Atirou uma flecha mortal que penetrou o coração de Mãrica como se fosse uma serpente em chamas. Desfeito agora de seu disfarce, Mãrica, sob a forma hedionda de um rãksasa enorme, jazia ensangüentado no solo.

Os rãksasas eram descendentes do sábio celestial Pulastya, que, segundo consta, vive numa das estrelas da Ursa Maior, uma constelação conhecida em sânscrito como Sapta-rsi (Sete Sábios). Tinham toscas formas humanas e enorme

estatura, grande força muscular e aterrorizantes expressões faciais, inclusive dentes salientes e orelhas pontudas. Com a possível exceção de certos casos de "monstros cabeludos" (veja páginas 375-78), a forma física deles não corresponde à de nenhuma das entidades ufológicas tão relatadas hoje em dia. No entanto, os poderes a eles atribuídos são típicos tanto de entidades ufológicas quanto de muitas raças humanóides védicas.

## **O fator Oz**

A pesquisadora ufológica britânica de óvnis Jenny Randles introduziu a expressão fator Oz para se referir a um peculiar estado, quase onírico, de silêncio que costuma preceder contatos com óvnis. É muito comum este fenômeno ser narrado. Por exemplo: um homem descreve o fator Oz para Budd Hopkins no seguinte relato do começo de uma experiência de raptos:

Talvez seja coisa da minha mente, mas o fato é que tudo pareceu se aquietar ao mesmo tempo. É como aquele segundo de silêncio absoluto logo após o impacto auditivo de um acidente de automóvel. Bem, foi este tipo de som, ou de falta de som, que eu experimentei.

Betty Andreasson faz a seguinte descrição do começo de um contato, com seres alienígenas entrando em sua casa:

Vejo agora algo como uma luz de cor rosada. E agora a luz está ficando mais brilhante. É laranja-avermelhada e pulsa. Digo para as crianças: "Fiquem quietas e já para o quarto; o que quer que seja, vai logo embora." A casa inteira parece ter um vácuo sobre ela. Como se tudo em volta fosse silêncio... silêncio.

Conforme já observei, muitos têm acusado Eduard Meier de ser fraudulento. Mas, se o foi, teve a esperteza de incluir o fator Oz na história de seu primeiro contato com óvni em 1975, perto da aldeia suíça de Hinwill:

Montando em seu ciclomotor, Meier se dirigira então, através da campina, em direção ao lugar onde vira o disco pela última vez. Foi só uma questão de instantes para ele sentir um súbito sossego se instaurar na campina. Aí, o disco novamente surgiu como um raio dentre as nuvens.

Segundo tem interpretado Jenny Randles, o fator Oz é um estado alterado de consciência induzido pela intermediação existente por trás do fenômeno ufológico. Conforme uma das hipóteses concebidas por Randles, esta intermediação seria uma inteligência baseada em outro planeta e capaz de atravessar o vazio do espaço pelo poder da consciência e influenciar os cérebros de pessoas dotadas de sensibilidade psíquica. A intermediação manipula a consciência da pessoa afetada para criar a experiência com o óvni.

Segundo Randles, esta experiência "não ocorre de fato, todavia, é muito mais do que mera alucinação".

A literatura védica também se refere a experiências de silêncio anormal que são muito parecidas com o fator Oz. Estas experiências resultam de ilusões vividas e deliberadas produzidas por seres poderosos. No entanto, os seres em questão não se encontram distantes no espaço. Pelo contrário, estão fisicamente presentes na vizinhança das pessoas iludidas.

Meu primeiro exemplo deste fenômeno é um trecho do Rãmãyana. Depois de o Senhor Rãmácandra e seu irmão Laksmana terem sido afastados de Sitã pelo veado ilusório, Rãvana, o rei rãksasa, se aproximou de Sitã sob uma forma ilusória com o objetivo de raptá-la:

A seguir, Rãvana, disfarçado de monge mendicante e se aproveitando da oportunidade, aproximou-se depressa do eremitério com o objetivo de raptar Vaidehi [Sitã]. Com madeixas entrançadas, vestido de manto açafreado e portando um cajado triplo e losta, aquele ser poderosíssimo, sabendo que Sitã estava sozinha, abordou-a na floresta, sob a forma de um asceta, no crepúsculo, quando a escuridão oculta a Terra na ausência do Sol e da Lua. (...)

Diante daquela monstruosa aparição, as folhas das árvores pararam de se mexer, o vento estancou, a turbulenta corrente do rio Godaveri se aquietou para fluir sossegada. O Rãvana de dez cabeças, no entanto, tirando proveito da ausência de Rãma,

aproximou-se de Sitã disfarçado de monge venerável enquanto ela estava tomada de pesar por conta de seu senhor.

Nesta passagem, a declaração acerca das folhas e das águas do rio "silenciando" diante da presença de Rãvana indica que este exercia influência direta sobre aqueles elementos da natureza. No caso do Rãmãyana, o silêncio incomum não foi uma simples ilusão gerada dentro da mente de Sitã, senão que estava acontecendo de fato ao redor dela. Cabe observar, também, a descrição de Rãvana como tendo dez cabeças. Seu corpo era dotado de poderes místicos, ou siddhis, que o capacitavam a transcender as limitações do corriqueiro espaço tridimensional.

O segundo exemplo védico é extraído do Mahãbhãrata. Nesta história de alta complexidade, o herói Arjuna se encontra com o Senhor Siva, que se aproxima dele sob a forma de um montanhês do Himalaia. Um daitya intruso sob a forma de um javali aparece em cena ao mesmo tempo:

Quando todos os grandiosos ascetas haviam partido, o abençoado Senhor Hara [Siva], que empunha o Pinãka, perdoador de todo mal, disfarçou-se de montanhês. (...) O resplandecente Deus estava acompanhado pela Deusa Umã, que estava com o mesmo disfarce e observava o mesmo voto, e por excitadas criaturas de todas as formas. Em seu disfarce de montanhês, o Deus, ladeado por suas milhares de mulheres, emanava um brilho inigualável, Ó rei Bhãrata.

De súbito, a floresta inteira silenciou e os sons de riachos e aves cessaram. À medida que se aproximava do Pārtha [Arjuna] de feitos imaculados, ele viu o assombroso Mūka, um daitya, que assumira a forma de um javali com a incumbência malévola de matar Arjuna.

Então, Arjuna e Siva discutiram sobre quem tinha o direito de matar o javali ilusório. Como seria de esperar, quando eles atiraram no javali, o corpo morto assumiu a forma de um rāksasa. A discussão entre Siva e Arjuna resultou numa terrível batalha, na qual Siva mostrou ser de todo imune às armas de Arjuna. Apesar de Arjuna ter sido derrotado, Siva ficou satisfeito com sua coragem de guerreiro e presenteou-o com uma poderosa arma celestial.

Nesta história, é difícil saber se o fator Oz se deve ao aparecimento do Senhor Siva ou do daitya, Mūka. De qualquer modo, está vinculado à projeção de ilusões poderosas por parte de seres pessoalmente presentes na vizinhança imediata.

## 7

### **A história dos vimãnas**

A literatura védica da Índia contém muitas descrições de máquinas voadoras, em geral chamadas vimãnas. Elas se enquadram em duas categorias: (1) naves feitas pelo homem que parecem aviões e voam com o auxílio de asas semelhantes às dos pássaros; e (2) estruturas sem



aero-dinâmica que voam de maneira misteriosa e em geral não são feitas por seres humanos. As máquinas da categoria (1) são descritas, sobretudo, em obras sânscritas medievais de caráter secular que tratam de arquitetura, autômatos, máquinas de cerco militar e outros inventos mecânicos. As máquinas da categoria (2), descritas em obras mais antigas como o Rg Veda, o Mahābhārata, o Rāmāyana e os Purāna, têm muitas características que fazem lembrar os óvnis. Além disso, há um livro intitulado Vaimānikasāstra, que foi psicografado no século XX e parece ser a transcrição de uma obra antiga preservada no registro akáshico. Esse livro faz uma elaborada descrição dos vimānas de ambas as categorias. Neste capítulo, examinarei parte da literatura disponível sobre vimānas, começando com textos que remontam à grande antigüidade e ao período medieval. O material referente a este período é descrito com alguma minúcia por V. Raghavan num artigo intitulado "Yantras or mechanical contrivances in ancient Índia". Começarei examinando o saber indiano referente a máquinas em geral para depois abordar a questão das máquinas voadoras.

## **Máquinas na Índia antiga e medieval**

Em sânscrito, chama-se uma máquina de yantra. A palavra yantra, segundo definição do Samarāngana-sūtradhāra do rei Bhoja, é um dispositivo que "controla e orienta, segundo um

plano, os movimentos das coisas que atuam cada uma de acordo com a sua própria natureza". São muitas as variedades de yantras. Um exemplo simples seria a taila-yantra, uma roda que é puxada por bois ao redor de uma pista circular para moer sementes e extrair-lhes o óleo. Outros exemplos são máquinas militares do tipo descrito no Artha-sãstra de Kautilya, redigido no século III a.C. Entre estas, incluem-se a sarvato-bhadra, uma roda que gira em torno de um eixo para arremessar pedras; a sara-yantra, uma máquina que atira flechas; a udghãtimã, uma máquina que demole muros usando barras de ferro, e muitas outras.

Apesar de estas máquinas serem todas bastante compreensíveis e críveis, outras máquinas parecem menos plausíveis do ponto de vista do pensamento histórico moderno. Raghavan menciona, por exemplo, um dispositivo capaz de criar uma tempestade para desmoralizar tropas inimigas. Semelhante arma também é mencionada por Flavius Philostratus, escritor romano do século III, que descreveu sábios da Índia que "não enfrentam um invasor, mas o repelem com artilharia celestial de raios e trovões, pois eles são homens santos". Segundo disse Philostratus, este tipo de arma de fogo ou de vento foi usado para repelir uma invasão da Índia por parte do Hércules egípcio. Numa carta apócrifa, Alexandre, o Grande, conta a seu tutor Aristóteles que também ele encontrou tais armas.

Embora eruditos modernos tendam a considerar fictícia a obra de Philostratus, esta demonstra de

fato que certas pessoas dos tempos romanos espalhavam histórias sobre estranhas armas de fogo ou vento da Índia. Em epopéias antigas como o Mahābhārata, há muitas referências a extraordinárias armas de vento, tais como a vāyavya-astra, e armas de fogo, tais como a sataghi (ou "que mata cem"). Em geral, as armas descritas em obras mais antigas tendem a ser mais poderosas e extraordinárias do que as descritas em obras mais recentes. Há quem atribua isto à fantástica imaginação dos escritores antigos ou de seus editores modernos. Mas isto também poderia ser explicado pela perda progressiva de conhecimento à medida que a antiga civilização indiana foi se enfraquecendo por causa da corrupção e foi sendo repetidas vezes dominada por invasores estrangeiros.

Segundo argumentam, pistolas, canhões e outras armas de fogo eram conhecidas na antiga Índia. No entanto, o conhecimento acerca das mesmas teria declinado aos poucos até desaparecer perto do início da era cristã. Isto é analisado a fundo num livro de Gustav Oppert.

## **Robôs e outros autômatos**

Os robôs formam outra categoria de máquinas extraordinárias. Muitas histórias da literatura sânscrita secular tratam de um yantra-purusa, ou homem-máquina, que pode se comportar tal qual um ser humano. Um exemplo disto é a história, constante no Bhaisajya-vastu budista, de um

pintor que esteve no país dos yavanas, onde visitou o lar de um yantrãcãrya, ou mestre de engenharia mecânica. Lá ele encontrou uma moça-máquina que lhe lavou os pés e parecia humana, até ele descobrir que ela não sabia falar. Era comum robôs fantásticos desta espécie aparecerem em histórias de ficção destinadas ao entretenimento, de forma que tinham o mesmo status dos robôs da ficção científica moderna. No entanto, há muitas descrições de autômatos bastante críveis, de fato construídos e usados nos palácios de reis abastados. Entre estes, incluíam-se: aves cantantes e dançantes, um elefante dançante, elaborados cronômetros com figuras móveis de marfim e um instrumento astronômico mostrando os movimentos dos planetas.

Os modelos desses autômatos são semelhantes aos dos autômatos que eram populares na Europa no século XVIII. Eis uma descrição extraída do Sama-rãrigana-sütradhãra, do século XII:

Figuras masculinas e femininas são projetadas para diversos tipos de serviço automático. Cada parte destas figuras é feita e ajustada em separado, com orifícios e pinos, de modo que coxas, olhos, pescoço, mão, pulso, antebraço e dedos possam agir de acordo com a necessidade. Em geral, usa-se madeira, mas é aplicada uma cobertura de couro para dar a impressão de um ser humano. Os movimentos são administrados pelo sistema de varas, pinos e cordas ligados às hastes que controlam cada membro. Entre outras coisas, estas figuras miram-se no espelho, tocam

um alaúde e estendem a mão para tocar em algo, dar uma panela, borrifar água e fazer vênias.

Afora suas aplicações práticas, os robôs também representavam uma metáfora para a relação entre a alma e o corpo. Deste modo, no Bhagavad-gitã, Krsna diz:

O Senhor Supremo está situado no coração de todos, ó Arjuna, e orienta as divagações de todas as entidades vivas, que se encontram sentadas como que numa máquina (yantra) feita da energia material.

Raghavan, de sua parte, considerava esta metáfora lastimável. Embora ele lamentasse o fato de as máquinas terem levado outros países ao materialismo, na Índia elas só faziam reiterar a idéia de Deus e do Espírito. Portanto, "mesmo escritores cujo tema eram os próprios yantras, como Somadeva e Bhoja, viam na máquina operada por um agente uma analogia apropriada para o corpo e os sentidos mundanos presididos pela Alma, e para o maravilhoso mecanismo do universo, com seus elementos constituintes e sistemas planetários, todos exigindo um senhor divino para mantê-lo em revolução constante".

## **Aviões**

A literatura medieval indiana traz muitas histórias sobre naves aéreas. Assim, no Harsa-carita de

Bãna consta a história de um yavana que fabricou uma máquina aérea para ser usada no rapto de um rei. Da mesma forma, o Avanti-sundari de Dandi fala de Mãndhãtã, um arquiteto habituado a usar um carro aéreo para fins casuais, como viajar de um lugar distante para ver se o filho estava com fome. Aliás, este filho, segundo consta, teria criado homens mecânicos que travavam um duelo farsesco e uma nuvem artificial que produzia torrentes de chuva. Essas duas obras datam do século VII d.C., aproximadamente.

Entre os séculos IX e X, Buddhasvãmin escreveu uma versão do Brhat-kathã, uma maciça coletânea de histórias populares. Buddhasvãmin chamava os veículos aéreos de ãkãsa-yantras, ou máquinas celestes, e os atribuía aos yavanas — nome amiúde usado para se referir a forasteiros bárbaros. Era bastante comum textos sânscritos atribuírem as naves aéreas e os yantras em geral aos yavanas.

Para alguns eruditos, os yavanas seriam os gregos, e as histórias indianas de máquinas teriam sua origem na Grécia. Na opinião de Penzer, por exemplo, o filósofo grego Archytas (aproximadamente 428-347 a.C.) teria sido o "primeiro inventor científico" de dispositivos semelhantes aos yantras indianos. Archytas, salienta ainda Penzer, "construiu uma espécie de máquina voadora, consistindo numa figura de madeira equilibrada por um peso suspenso de uma roldana, que era colocada em movimento por meio de ar comprimido".

Sem dúvida, havia muito intercâmbio de idéias no mundo antigo, e hoje é difícil saber ao certo onde uma determinada idéia teria sido concebida e até que ponto teria se desenvolvido. Sabemos, porém, que a Índia medieval já conhecia idéias bem detalhadas relativas a máquinas voadoras semelhantes a aviões.

Segundo afirma o Samarāṅgaṇa-sūtradhāra de Bhoja, o principal material do corpo de uma nave aérea é a madeira leve, ou lagbu-dāru. A nave tem o formato de um grande pássaro com uma asa de cada lado. A força motriz é fornecida por uma câmara de fogo com mercúrio disposto sobre uma chama. A força gerada pelo mercúrio aquecido, aliada ao bater das asas acionado por um piloto dentro da nave, faz com que ela voe pelo ar. Como a nave vinha equipada com um motor, podemos especular que o bater das asas destinava-se a controlar a direção do vôo, e não a suprir a força motriz.

Também se descreve um dāru-vimāna mais pesado (alaghu). Ele contém quatro bilhas de mercúrio sobre fornos de ferro. "Os fornos de mercúrio fervente produzem um ruído terrível, usado em batalhas para espantar elefantes. Fortalecendo-se as câmaras de mercúrio, era possível aumentar o rugido de modo a deixar os elefantes inteiramente fora de controle."

Tem-se especulado muito sobre exatamente como a força gerada pelo aquecimento do mercúrio seria usada para dirigir o vimāna pelo ar. Isto foi discutido num dos primeiros livros sobre óvnis, escrito por Desmond Leslie e George Adamski.

Segundo propôs Leslie, o mercúrio aquecido mencionado no Samarāṅgana-sūtradhāra teria algo a ver com o vôo dos óvnis.

Segundo me parece, os vimāna descritos por Bhoja são muito mais parecidos com aviões convencionais do que os óvnis. Portanto, são feitos de materiais comuns como a madeira, têm asas e voam como pássaros. O motor de mercúrio, sugere Raghavan, destinava-se a ser a fonte de força mecânica para fazer as asas baterem como no vôo de um pássaro. Sua afirmação se baseia no fato de Roger Bacon ter descrito uma nave aérea dotada de alguma espécie de motor giratório para fazer as asas baterem por meio de um encadeamento mecânico.

Ramachandra Dikshitar, contudo, disse que, segundo o Samarāṅgana-sūtradhāra, o vimāna "tem duas asas resplendentes, sendo propulsionado pelo ar." Isto sugere o uso de alguma espécie de propulsão a jato.

Seja qual fosse a verdadeira fonte de energia destes vimānas. Eles pareciam depender de algum método mecânico convencional, que extraía energia do combustível aquecido e usava-o para produzir um fluxo de ar sobre as asas. Podemos contrastar isto com as características de vôo dos óvnis; que além de não terem asas, jatos ou propulsores, parecem voar de um jeito que contradiz princípios de física conhecidos.

Teria alguém alguma vez de fato construído os vimānas mencionados no Samarāṅgana-sūtradhāra, ou seriam eles meros produtos da imaginação? Eu não sei. Entretanto, conforme



sugerem as elaboradas descrições de yantras encontradas em textos medievais indianos, muitas máquinas sofisticadas eram feitas na Índia de outrora. Se já existia conhecimento de tecnologia mecânica sofisticada em tempos remotos, então é bem possível que também fossem construídos aviões de algum tipo.

É interessante a menção, feita no texto sânscrito sobre astronomia intitulado Sūrya-siddhānta, de um motor a mercúrio usado para suprir de movimento giratório um gola-yantra, um modelo mecânico do sistema planetário.<sup>18</sup> Isto sugere o uso de pelo menos um tipo de motor a mercúrio para produzir força giratória. O desenho do motor a mercúrio, afirma ainda o texto, deve ser mantido em sigilo. Segundo era de praxe na Índia antiga, um mestre só devia transmitir seu conhecimento técnico a um discípulo de confiança. Uma lamentável consequência disto era a tendência de o conhecimento se perder toda vez que se rompiam tradições orais dependentes de mestres e discípulos. É bem possível, portanto, que muitas artes e ciências conhecidas em tempos antigos tenham se perdido para nós, praticamente sem deixar vestígio.

Outras obras sânscritas se referindo a naves aéreas estão relacionadas num livro de Dileep Kanjilal. São elas: o Yukti-kalpataru de Bhoja (século XII d.C.); o Mayamatam atribuído a Maya Danava mas provavelmente datando do século XII d.C.; o Kathāsaritsāgara (século X d.C.); a literatura Avadhāna (séculos I a III d.C.); o Raghuvanīsam e o Abhijñāna-sakuntalam de

Kālidāsa (século I a.C.); o Abhimārika de Bhāsa (século II a.C.); e os Zātakas (século III a.C.). Estas datas costumam ser aproximadas, e o material constante nas diversas obras costuma ser extraído de obras e tradições mais antigas.

## **O Vaimānika-sāstra**

O Vaimānika-sāstra é uma descrição detalhadíssima dos vimānas, e ele mereceu todo o crédito em uma série de livros e artigos. Entre estes, incluem-se os escritos de Kanjilal, Nathan e Childress. Em particular, conforme escreve o ufólogo indiano Kanishk Nathan, o Vaimānika-sāstra é um texto sânscrito antigo onde se "descreve uma tecnologia que está, não apenas muito além da ciência desta época, como também muitíssimo além da possível imaginação conceitual científica de um indiano antigo, incluindo conceitos tais como energia solar e fotografia".

De fato, é verdade que esse livro contém muitas idéias interessantes sobre tecnologia aérea. É importante salientar, porém, o fato de ele ter sido escrito no começo do século XX por meio de um processo mediúnico conhecido hoje em dia como canalização.

A história por trás deste processo é apresentada na introdução à tradução de G. R. Josyer do Vaimānika-sāstra. Como se explica ali, era costume, na Índia antiga, transmitir-se conhecimento oralmente. Porém, com o declínio desta tradição, passou-se a escrever em folhas de

palmeira. Infelizmente, como manuscritos em folhas de palmeira não duram muito no clima indiano, uma grande quantidade de escritos antigos acabou se perdendo pelo fato de não ter sido recopiada com regularidade.

Sem dúvida, isto é verdade. Mas, conforme prossegue dizendo Josyer, os textos perdidos "permanecem embutidos no éter do céu, para serem revelados — como em televisão — a médiuns dotados de percepção oculta". O médium, neste caso, foi Pandit Subbaraya Sastry, "um léxico ambulante dotado de percepção oculta", que começou a ditar o Vaimãnika-sãstra para o Sr. Venkatachala Sarma no dia 1º de agosto de 1918. A obra completa foi anotada em 23 cadernos até o dia 23 de agosto de 1923. Em 1923, Subbaraya Sastry também contratou um projetista para fazer alguns desenhos dos vimãnas seguindo as instruções dele.

Segundo Subbaraya Sastry, o Vaimãnika-sãstra é uma seção de um vasto tratado do sábio Mahãrsi Bharadvãja, intitulado Yantra-sarvasva, ou a Enciclopédia das máquinas. Embora Mahãrsi Bharadvãja seja um antigo rsi mencionado no Mahãbhãrata e em outras obras védicas, não sei de nenhuma referência indicando seu interesse por máquinas. O Yantra-sarvasva já não existe sob forma física, mas existe, segundo se afirma, no registro akáshico, onde foi lido e recitado por Subbaraya Sastry. Tanto quanto sei, não há referências a esta obra na literatura existente. Isto é examinado no livro de Kanjilal sobre vimãnas.

Apesar da possibilidade de o Vaimãnika-sãstra ser um embuste, não tenho motivo algum para supor que não tivesse sido ditado por Subbaraya Sastry da maneira descrita por Josyer. Mas será que a obra é autêntica? Mesmo considerando a hipótese de esta obra existir no éter como um modelo vibracional, ela poderia, durante o processo de leitura e ditado mediúnicos, ter sido distorcida ou adulterada por elementos do inconsciente do médium.

De fato, há bons motivos para se pensar que este seria o caso. O texto do Vaimãnika-sãstra é ilustrado por diversos dos desenhos feitos sob a supervisão de Subbaraya Sastry. Entre estes, incluem-se os perfis do ruktna-vimãna, do tripura-vimãna, do sakuna-vimãna. Estes perfis mostram o tipo de tosca tecnologia mecânica e elétrica existente no período logo após a Primeira Guerra. Há grandes eletroímãs, manivelas, cubas, engrenagens helicoidais, pistões, serpentinas de aquecimento e motores elétricos movendo hélices. O rukma-vimãna seria alçado ao ar por "ventoinhas de elevação" movidas por motores elétricos e muito pequenas se comparadas ao tamanho do vimãna como um todo. Não se tem a menor impressão de que semelhante dispositivo conseguisse voar.

Estes dispositivos mecânicos podem muito bem ter sido inspirados pela tecnologia do início do século XX. Porém, se nos voltamos para o texto do Vaimãnika-sãstra, encontramos dados de natureza bastante diferente. Para ilustrar isto, apresento a seguir dez exemplos, extraídos de uma lista do

Vaimānika-sāstra, de 32 segredos que um piloto de vimāna deve saber. Tecerei alguns comentários sobre as relações entre estes itens e as características comuns do fenômeno óvni.

1. Goodha: Conforme explica o "Vaayutatva-Prakarana", utilizam-se os poderes Yaasaa, Viyaasaa e Prayaasaa na oitava camada atmosférica que cobre a Terra para atrair o teor negro do raio solar, usando-se este teor para esconder o Vimaana do inimigo.

2. Drishya: Pela colisão da energia elétrica com a energia eólica na atmosfera, cria-se um brilho, cujo reflexo deve ser absorvido no Vishwa-Kriyaadarapana, ou espelho na dianteira do Vimana, por cuja manipulação se produz um Maaya-Vimaana ou Vimana camuflado.

3. Adrishya: Segundo o "Shaktitantra", por meio do Vynarathya Vikarana e outros poderes no núcleo da massa solar, atrai-se a força do fluxo etéreo no céu, mesclando-a com a balaahaa-vikarana shakti no globo aéreo, produzindo-se deste modo uma cobertura branca, que tornará o Vimana invisível.

Descrevem-se acima três métodos para esconder um vimāna do inimigo. Embora soem fantasiosos, é interessante observar que o vimāna descrito nos Purāna e no Mahābhārata tem a capacidade de se tornar invisível. Apesar de este também ser um aspecto característico dos óvnis, com certeza não era muito conhecido em 1923.

É interessante a idéia de um brilho sendo criado pela colisão da energia elétrica com a eólica. Os óvnis são famosos por brilharem na escuridão, e isto pode ser devido a um efeito elétrico que ioniza o ar ao redor do óvni. A palavra shakti (sakti) significa poder ou energia.

4. Paroksha: Segundo o "Meghotpatthi-prakarana", ou a ciência do nascimento das nuvens, penetrando na segunda das camadas de nuvens de verão, e atraindo o poder nela existente com o shaktyaakarshana darpana, ou espelho de absorção de força do Vimana, e aplicando-se este ao parivesha, ou halo do Vimana, gera-se uma força paralisadora, mediante a qual Vimanas adversários são paralisados e tirados de combate.

5. Aparoksha: Segundo o "Shakti-tantra", pela projeção do feixe de luz Rohinee, as coisas que estão na frente do Vimana tornam-se visíveis.

É comum serem mencionados feixes luminosos de força paralisadora em relatos sobre óvnis, bem como feixes de luz. A menção de um halo ao redor do vimãna pode ser significativa, já que os óvnis, conforme se costuma dizer, são rodeados por alguma espécie de campo energético.

6. Viroopa Karena: Como afirma o "Dhooma Prakarana", produzindo-se o 32º tipo de fumaça através do mecanismo e carregando-o com a luz das ondas de calor no céu e projetando-o através do tubo do padmaka chakra no bhyravee Vyroopya-darpana untado de óleo no topo do

Vimana, e rodopiando com o 132° tipo de velocidade, surgirá uma forma muito feroz e aterrorizadora do Vimana, provocando pavor extremo nos observadores.

7. Roopaantara: Como declara o "Tylaprakarana", preparando óleos de griddhra-jihwaa, kumbhinee e kaakajangha e untando-os no espelho distorcedor do Vimana, aplicando-lhe o 19° tipo de fumaça e carregando-o com a kuntinee shakti do Vimana, formas como leão, tigre, rinoceronte, serpente, montanha e rio aparecerão para espantar e confundir os observadores.

Apesar de estas descrições parecerem de todo absurdas, é interessante o fato de já terem sido relatados tanto óvnis mudando de forma de maneiras misteriosas quanto criaturas monstruosas surgindo dos óvnis aterrissados para assustar as pessoas (veja páginas 375-78). Muitos dos itens desta lista de segredos têm a ver com a criação de ilusões destinados a confundir os inimigos, e os óvnis também parecem criar semelhantes ilusões.

8. Saarpa-Gamana: Atraindo o dandavaktra e sete outras forças do ar, e mesclando-o aos raios do sol, passando-o pelo centro ziguezagueante do Vimana, e ligando o botão, o Vimana passará a ter um movimento em ziguezague semelhante ao de uma serpente.

A capacidade de os óvnis voarem em ziguezague é bem conhecida hoje, mas não o era em 1923.

9. Roopaakarshana: Por meio do yantra fotográfico do Vimana, obtém-se uma visão televisiva de coisas que estão dentro de um avião inimigo.

10. Kriyaagrahana: Virando a chave no fundo do Vimana, faz-se aparecer um tecido branco. Eletrificando os três ácidos no setor nordeste do Vimana, e submetendo-os aos sete tipos de raios solares, e passando a força resultante para o tubo do espelho Thrisheersha... serão projetadas na tela todas as atividades que estiveram acontecendo no solo.

A palavra televisiva do item 9 foi empregada na versão inglesa do Vaimãnika-sãstra, lançada em 1973. O texto sânscrito original foi escrito em 1923, antes do surgimento da televisão.

Há, contudo, muitas referências a telas de televisão dentro de óvnis. Elas aparecem, por exemplo, nos seguintes casos de rapto descritos neste livro: o caso Buff Ledge, Vermont (páginas 144-51), o caso de Filiberto Cardenas (páginas 207-09), o caso de William Hermann (páginas 205-07 e 226-32) e o caso Cimarron, Novo México (páginas 389-94). William Herrmann, em particular, disse terem lhe mostrado uma tela a bordo de um óvni que produzia imagens em close-up de objetos em terra. Sendo assim, ele pôde ver com bastante nitidez os rostos atônitos de quantos observavam o óvni do solo.

No todo, as descrições do Vaimãnika-sãstra parecem vividamente fantásticas. Existem, porém, muitos paralelos entre estas descrições e certas características também estranhas de relatos sobre



óvnis. Não sei se estes paralelos são mesmo significativos, mas é curioso o fato de eles constarem num livro escrito entre 1918 e 1923, antes de o fenômeno óvni tornar-se tão conhecido. Além disso, chamo a atenção para o fato de as descrições técnicas apresentadas no Vaimãnika-sãstra parecerem semelhantes em qualidade às comunicações técnicas de óvnis psicografadas por William Hermann.

Parece evidente o fato de as ilustrações do Vaimãnika-sãstra estarem contaminadas pelo material do século XX absorvido pelo inconsciente do médium. Todavia, as passagens acima mencionadas contêm, sobretudo, material que não é do século XX, material expresso em palavras e idéias védicas. Talvez semelhante material seja apenas um produto da imaginação de Subbaraya Sastry, aplicada a sua extensa sabedoria védica, ou talvez seja uma tradução razoavelmente fiel de um antigo texto védico preservado como modelo etérico.

A única forma de descobrir a resposta para isto seria obter outros textos sânscritos obscuros e ver se eles confirmam ou não alguns dos elementos do Vaimãnika-sãstra. Confirmações repetidas indicariam pelo menos o fato de Subbaraya Sastry estar apresentando dados de uma tradição autêntica, sendo necessárias investigações adicionais para averiguar se esta tradição estaria fundamentada em fatos reais ou não. Por enquanto, devemos nos manter abertos a diversas interpretações possíveis dos dados do Vaimãnika-sãstra.

## **Vimãnas na literatura védica**

O Bhāgavata Purāna, o Mahābhārata e o Rāmāyana são três obras importantes na tradição védica da Índia. Como salientei no Capítulo 6, estes três textos contêm bastante material interessante acerca dos veículos aéreos chamados vimãnas. Descrevem, também, diferentes raças de seres semelhantes aos humanos que operam estes veículos, além de analisarem as relações sociais e políticas existentes em épocas antigas entre estes seres e os humanos desta Terra.

Para alguns, este material carece de valor por parecer fantástico e mitológico. O ufólogo indiano Kanishk Nath, por exemplo, rejeita os antigos textos religiosos hindus em virtude de os mesmos atribuírem proezas exageradas aos deuses. Estes textos, opina ele, são meras manifestações poéticas de "algum escritor que não esteja relatando um evento de verdade, motivo pelo qual sua imaginação pode tomar o rumo que ele preferir". Conforme salienta ainda, estes textos pertencem a uma época pré-científica; por isso, "considerando o conhecimento cultural, tecnológico e científico daquele período histórico, um escritor pode se dar ao luxo de, abusando das generalidades e evitando as particularidades, criar inventos e combinações que de fato não existem". Até hoje, seria possível argumentar, não se conseguiu provar que os escritores antigos só faziam se entregar a devaneios poéticos, sem dar

o menor valor aos fatos. Há um preconceito moderno segundo o qual toda pessoa interessada nas coisas do espírito tem de ser não-científica, e tudo quanto ela escreva tem de ser imaginário. Para este ponto de vista fazer sentido, é preciso que todos os dados observáveis corroborem um modelo mecanicista de mundo, que exclui antigas idéias religiosas por julgá-las falácias desmoralizadas.

No entanto, se tivermos o cuidado de examinar o fenômeno ufológico, acharemos extensas observações empíricas que contradizem por completo nossa confortável visão de mundo mecanicista. Vale notar que este material anômalo — variando de padrões de vôo fisicamente impossíveis a seres que flutuam atravessando paredes — enquadra-se de maneira bem natural nas cosmologias de orientação espiritual dos antigos textos védicos. Logo, vale a pena levar em conta que os escritores destes textos estariam apresentando uma descrição sólida da realidade conforme a experimentavam, e não por um mero exercício arbitrário de imaginação.

## **Vimanas para todos os fins**

O capítulo precedente apresentou a história do vimãna de Sãlva, a qual se encontra no Mahãbhãrata e no Bhãgavata Purãna. Tratava-se de um grande veículo militar capaz de transportar tropas e armas, tendo sido adquirido por Sãlva de um não-humano perito em tecnologia chamado

Maya Dānava. Os Purāna e o Mahābhārata também contêm muitos relatos sobre vimānas menores, incluindo naves de passeio que parecem ser projetadas para um único passageiro. Em geral, elas eram usadas por devas e upadevas, e não por seres humanos.

Nesta seção, apresentarei uma série de exemplos, demonstrando como os vimānas figuram como elementos comuns em muitas histórias diferentes constantes nestes textos. Cada exemplo foi extraído de uma história maior, não sendo possível apresentar a íntegra destas histórias neste livro. Meu objetivo, ao apresentar os exemplos, é demonstrar a freqüência com que os vimānas são mencionados nos Purāna e no Mahābhārata. Aparentemente, eles eram tão comuns para as pessoas da antiga cultura védica quanto os aviões o são para nós hoje em dia.

No primeiro relato, Krsna mata uma serpente pitônica enquanto esta tenta engolir seu pai, o rei Nanda. Por arranjo de Krsna, a alma da serpente é transferida para um novo corpo, do tipo possuído pelos seres celestiais chamados vidyādhara. Como aquela alma possuía um corpo celestial semelhante antes de ser colocada no corpo da serpente, Krsna pergunta-lhe o motivo da degradação à forma de serpente:

A serpente replicou: Eu sou o famoso vidyādhara chamado Sudarsana. Eu era muito opulento e belo e, a bordo de meu avião, costumava passear à vontade em todas as direções. Certa vez, vi alguns sábios feiosos da linhagem de Angirā Muni.

Orgulhoso de minha beleza, eu os ridicularizei e, por causa de meu pecado, eles fizeram com que eu assumisse esta forma inferior.

Nesta passagem, a palavra sânscrita vimãena é traduzida como "em meu avião". Este parece ter sido um pequeno veículo particular.

A história seguinte é semelhante. Libertando a alma de um certo rei Nrga do aprisionamento no corpo de um lagarto, Krsna lhe concedeu um corpo celestial. Quando chegou a hora de o rei partir, um vimãna de outro mundo veio pegá-lo:

Tendo falado assim, Mahārāja Nrga circungirou o Senhor Krsna e tocou-Lhe os pés com sua coroa. Recebendo permissão para partir, o rei Nrga embarcou então num maravilhoso avião celestial diante dos olhos de todas as pessoas presentes.

No caso seguinte, vemos o efeito de uma bela mulher sobre o piloto de um vimãna. Aqui, o sábio Kardama Muni descreve a beleza de Devahuti, sua futura esposa, para Svâyambhuva Manu, o pai dela:

Ouvi falar que Visvãvasu, o grande gandharva, tendo a mente entorpecida pela paixão, caiu de seu avião após ver vossa filha brincando com uma bola no terraço do palácio, pois ela estava mesmo linda com suas tilintantes tornozeleiras e seus olhos inquietos.

Pelo que parece, o vimãna de Visvãvasu era uma pequena nave de um só assento. Talvez ele não

tivesse cintos de segurança adequados, pois inclinou-se demais enquanto tentava ver Devahuti. Após se casar com Devahuti, certa vez Kardama Muni resolveu levá-la a passear pelo universo. Para tanto, ele apresentou uma mansão aérea (chamada, como de costume, vimãna) suntuosamente equipada para ser um palácio de prazeres. Na passagem a seguir, o sábio Maitreya relata a história desta mansão para seu discípulo Vidura:

Maitreya prosseguiu: Ó Vidura, desejando satisfazer sua amada esposa, o sábio Kardama exercitou seu poder de yogue e, num abrir e fechar de olhos, produziu uma mansão aérea capaz de viajar segundo sua vontade.

Era uma estrutura maravilhosa, ornada com toda espécie de jóias, adornada com pilastras de pedras preciosas e capaz de produzir tudo quanto se desejasse. Era equipada com toda sorte de mobília e de riquezas, que tendiam a se expandir com o transcorrer do tempo. (...)

Com os mais seletos rubis incrustados em suas paredes de diamante, parecia possuir olhos. Era mobiliada com maravilhosos dosséis e valiosíssimos portões de ouro.

Espalhados por aquele palácio, havia multidões de cisnes e pombos vivos, bem como cisnes e pombos artificiais tão reais que os cisnes verdadeiros volta e meia se aproximavam deles, pensando que fossem aves vivas como eles. Deste modo, o palácio vibrava com os sons daquelas aves.

O castelo tinha jardins das delícias, câmaras de repouso, dormitórios e pátios internos e externos projetados para propiciar conforto. Até o sábio se espantava com tudo aquilo.

O sábio se espantava porque na verdade não fora ele quem projetara ou imaginara os detalhes do palácio aéreo. Na prática, ele fizera apenas emitir uma ordem mental para que se manifestasse um palácio voador, tendo-o recebido de uma espécie de sistema de fornecimento universal em virtude de ter adquirido crédito de bom karma por meio de sua austeridade e sua prática de yoga. Para entendermos o que acontecia aqui, é necessário considerarmos alguns aspectos básicos da concepção védica do universo.

No decorrer dos anos, têm-se usado muitas analogias para descrever o universo. Assim, os aristotélicos comparavam o universo a um organismo vivo, ao passo que os primeiros filósofos mecanicistas comparavam-no a um relógio gigantesco. Para entendermos a concepção védica do universo, a idéia moderna de um computador com um sistema operacional de muitos níveis pode nos ser útil. No disco rígido de semelhante computador, existem programas acionáveis mediante a digitação de palavras-código apropriadas. Ao ser digitada a palavra-código, o programa correspondente será executado — se é que o usuário do computador tem status adequado. Caso ele não o tenha, para ele a palavra-código é apenas um nome inútil.

Tipicamente, o status do usuário é indicado pela senha que ele digita quando começa a usar o computador. Usuários diferentes terão senhas indicando diferentes níveis de status. Acima de todos os demais usuários está uma pessoa chamada (no sistema operacional Unix) de super usuário e que tem pleno controle sobre todos os programas do sistema. É comum esta pessoa ser responsável pela criação de todo o sistema, tendo inserido diversas seções de software no computador.

Segundo a concepção védica, o universo tem uma organização semelhante. O super usuário corresponde ao Ser Supremo, que manifesta todo o sistema universal. Dentro deste sistema, existe uma hierarquia de seres vivos que gozam de status diferentes. Um ser no nível humano comum tem muitos poderes extraordinários, tais como a faculdade da fala, e um ser num nível superior, tal como Kardama Muni, pode manifestar poderes maiores ainda. Quando crescemos usando determinada faculdade, tendemos a não lhe dar valor e, quando carecemos por completo de acesso a uma faculdade, tendemos a encará-la como impossível ou mitológica. Mas todas as faculdades — incluindo a de invocar palácios voadores — são apenas programas embutidos no sistema universal pelo super usuário.

O paralelo entre a concepção védica do universo e um computador pode ser mais explicitado introduzindo o conceito de um sistema de realidade virtual. É possível criar um mundo artificial mediante cálculos de computador e



equipar participantes humanos com interfaces sensoriais para lhes dar a impressão de terem entrado naquele mundo. Por exemplo: um participante terá pequenas telas de tevê colocadas em frente de seus olhos que o capacitem a ver a partir da posição vantajosa dos olhos virtuais de um corpo virtual dentro do mundo artificial. De forma semelhante, ele poderá estar equipado com sensores táteis que o capacitem a experimentar a sensação de objetos virtuais seguros pelas mãos virtuais daquele corpo. Os sensores que assimilam suas contrações musculares ou seus impulsos nervosos poderão ser usados para direcionar o movimento do corpo virtual.

Assim, muitas pessoas poderão entrar ao mesmo tempo num mundo virtual, passando a interagir através de seus corpos virtuais, mesmo com seus corpos verdadeiros bem isolados uns dos outros. Dependendo dos status delas, conforme identificados pelo super usuário do computador, os diferentes corpos virtuais poderão ter diferentes faculdades, algumas das quais poderão ser invocadas pronunciando-se palavras-código, ou mantras.

Um poderosíssimo sistema de realidade virtual proporciona uma metáfora para o universo védico de mãyã, ou ilusão, no qual almas conscientes se identificam falsamente com corpos materiais. Esta metáfora não deve ser levada ao pé da letra, é claro. De fato, o universo não funciona com base num computador digital. Pelo contrário, trata-se, segundo a concepção védica, de um sistema de energias interativas cujas características de design

e organização inteligentes nos fazem lembrar determinados sistemas de informática criados pelo homem.

Voltando à história de Kardama Muni, consta que, após ter adquirido seu maravilhoso palácio voador, ele saiu viajando para diferentes planetas com sua esposa:

Satisfeito com sua esposa, ele desfrutou daquela mansão aérea, não apenas no monte Meru, como também em diferentes jardins conhecidos como Vaisrambhaka, Surasana, Nandana, Puspabhadra e Caitrarathya, e à beira do lago Mānasa-sarovara.

Viajou daquela maneira pelos diversos planetas, assim como o ar passa livre por todos os lados. Cruzando o ar naquela grandiosa e esplêndida mansão aérea, que podia voar segundo a sua vontade, ele superou até os semideuses.

No sânscrito original desta passagem, o termo vaimānikān, ou seja, "viajantes a bordo de vimānas", refere-se aos devas. Portanto, segundo o sentido literal do verso, o vimāna de Kardama Muni excedia os vaimānikān. A palavra sânscrita para planetas é loka, que pode se referir a outros globos físicos ou a mundos supradimensionais inacessíveis aos sentidos humanos comuns.

A idéia de acionar programas universais figura em outra história envolvendo um vimāna. Parece existir uma espécie de armadura mística chamada Nārāyana-kavaca, que é acionada invocando-se os nomes do Ser Supremo. (Nārāyana é um nome do

Supremo, e kavaca significa armadura.) Em certa ocasião, um brãhmana chamado Kausika abandonou seu corpo físico após fazer uso desta armadura. Passado algum tempo, Citraratha, o rei gandharva, experimentou uma estranha interferência em seu vimãna ao sobrevoar os restos do corpo de Kausika:

Rodeado por muitas mulheres lindas, Citraratha, o rei de Gandharvaloka, certa feita estava passando a bordo de seu avião por sobre o corpo do brãhmana no local onde este morrera.

De repente, Citraratha se viu forçado a cair de ponta com seu avião. Surpreendido, ele foi orientado pelos grandes sábios chamados va/lakhilyas a atirar os ossos do bra\hmanúa no rio Sarasvati, próximo dali. Além de fazer isto, ele ainda teve de se banhar no rio antes de regressar a sua morada.

Um exemplo de vimãna usado para fins militares consta na história de Bali, um rei dos daityas. O veículo de Bali é muito parecido com aquele obtido por Sãlva, tendo também sido construído por Maya Danava. Foi usado numa grande batalha entre os daityas e os devas:

Para travar aquela batalha, o celeberrimo comandante-em-chefe, Mahãrãja Bali, filho de Virocana, embarcou num maravilhoso avião chamado Vaihãyasa. Ó rei, este avião belissimamente decorado fora fabricado pelo demônio Maya, estando equipado com armas próprias para todos os tipos de combate. Era

inconcebível e indescritível. De fato, era às vezes visível e às vezes não. Sentado neste avião sob um belo guarda-sol protetor e sendo abanado pela melhor das câmaras, Mahārāja Bali, rodeado por seus capitães e comandantes, parecia a Lua nascendo à noite, iluminando todas as direções.

Meu exemplo final de vimāna é de um trecho da história do sacrifício de Daksa. Sati, a esposa do Senhor Siva, queria assistir a um sacrifício organizado por seu pai, Daksa, mas Siva não queria deixá-la ir por causa da hostilidade de Daksa para com ele. Nesta passagem, vemos Sati implorando a seu esposo que a deixe ir ao sacrifício após ter visto seus parentes viajando para lá a bordo de vimānas:

Ó jamais-nascido, ó ser da garganta azul, não só minhas parentas, mas também outras mulheres, vestidas em lindas roupas e decoradas com ornamentos, estão indo para lá com seus esposos e amigos. Vê como seus bandos de aviões brancos fizeram todo o céu belíssimo.

Todos os seres aqui referidos são devas e upadevas. Conforme podemos ver por este e os outros exemplos, os vimānas eram considerados meios de transporte comuns para seres destas categorias.

## **A cidade voadora de Hiranyapura**

Wendelle Stevens menciona um estudo sobre a origem dos óvnis realizado por um comitê em Bruxelas chamado Laboratoire de Recherche A. Kraainem. Segundo concluía este estudo, após atingirem determinado estágio de tecnologia, os seres de uma civilização deixarão seu planeta natal e "viverão em enormes 'naves-mãe', mundos artificiais criados por eles mesmos, adaptados a suas próprias necessidades e submetidos a constantes ciclos de manutenção e aperfeiçoamento. (...) Além de gozarem de auto-suficiência plena, os mundos artificiais não dependem do apoio de nenhum outro planeta ou corpo físico. São mantidos no espaço, onde singram por tempo indefinido".

No Mahābhārata também encontramos esta idéia de cidades voadoras auto-sustentáveis a viajar por tempo indefinido no espaço exterior. Nesta seção e nas duas seguintes, darei diversos exemplos disto. O primeiro é a cidade voadora de Hiranyapura. Arjuna a viu flutuando no espaço em sua viagem pelas regiões celestiais, após ter derrotado os nivātakavacas numa grande batalha. Nesta jornada celestial, Arjuna era acompanhado por um deva chamado Mātali, a quem perguntou acerca da cidade. Mātali replicou:

Certa vez, havia uma mulher daitya chamada Pulomā e uma grande asuri, Kālaka, que praticaram rigorosas austeridades por um milênio de anos dos deuses. Ao final de suas mortificações, o Deus auto-criado lhes concedeu um favor. Em resultado, elas escolheram ter uma

progênie que sofresse pouco, Indra dos reis, e fosse inviolável por deuses, rãksasas e serpentes. Esta adorável cidade aerotransportada, com o esplendor das boas ações, abarrotada de todas as pedras preciosas e inexpugnável até mesmo para os imortais, os bandos de yaksas e gandharvas, e serpentes, asuras e rãksasas, repleta de todos os desejos e virtudes, livre do pesar e da doença, foi criada para os kãlakeyas por Brahmã, O melhor dos Bhãratas. Os imortais fugiam desta celestial cidade voadora, Ó herói, que é habitada por asuras das estirpes pauloma e kãlakeya. Esta grande cidade se chama Hiranyapura, a Cidade-de-Ouro.

Nesta passagem, os habitantes da cidade, os paulomas e kãlakeyas, são identificados como os descendentes de duas parentas rebeldes dos devas chamadas Pulomã e Kãlakã. As "serpentes" são uma raça de seres místicos, chamados nãgas, que podem assumir forma humanóide ou de serpente (veja páginas 356-60). O "deus auto-criado" é Brahmã, conhecido como sendo o progenitor original de todos os seres vivos dentro do universo material. Sendo de origem transcendental, Brahmã não tem pais materiais, e por isso é tido como auto-criado. Os imortais são os devas. Eles são chamados de imortais porque vivem por milhões de nossos anos. No entanto, segundo os Vedas, todos os seres corporificados no universo material têm um período finito de vida e têm de morrer após algum tempo.

Com seus poderes superiores, Brahmã providenciou para que os paulomas e kälakeyas tivessem uma cidade voadora contra a qual fracassassem os ataques de diversos grupos de seres poderosos dentro do universo, inclusive os devas. Contudo, ele deixou uma fresta aberta para os devas ao declarar que um ser humano poderia ter êxito ao atacar a cidade voadora.

Arjuna era metade humano, metade deva. Sua mãe era uma mulher da Terra, e seu pai, Indra, o rei dos devas. Indra equipara Arjuna com armas celestiais apenas com o propósito de derrotar inimigos dos devas agraciados por Brahmã com bênçãos de proteção que não se aplicassem a humanos. Deste modo, Arjuna concluiu que atacar Hiranyapura fazia parte de sua missão. Eis o relato de Arjuna para o ocorrido após seu ataque inicial:

Quando estavam sendo massacrados, os daityas recuperaram sua cidade e, empregando sua feitiçaria dänava, voaram céu acima, com a cidade e tudo. Eu os detive com uma poderosa saraivada de flechas e, bloqueando seu caminho, os impedi de prosseguirem. Mas, por causa da bênção recebida, foi fácil para os daityas reassumirem o controle de sua celestial, divina e refulgente cidade aerotransportada, que gozava de total autonomia de vôo. Ora ela adentrava o subterrâneo, ora pairava no alto do céu, ora saía veloz em linha diagonal, ora submergia no oceano. Voltei a atacar a cidade móvel, que parecia Amarävati, com muitas espécies de mísseis, suserano dos homens. Em seguida, subjuguiei

tanto a cidade quanto os daityas com uma massa de flechas, que eram aceleradas por mísseis divinos. Ferida por minhas flechas de ferro e de disparo reto, a cidade asura caiu espatifada sobre a Terra, O rei. Os asuras, atingidos por minhas céleres flechas de ferro, rodopiaram, Ó rei, derrotados pelo Tempo. Mätali num instante desceu à Terra, como que caindo de cabeça, em nossa quadriga de refulgência divina.

A batalha entre Arjuna e os daityas começou na superfície de um planeta (talvez a Terra). Ao serem vigorosamente atacados por Arjuna, os daityas decolaram a bordo de sua cidade voadora. É digno de nota o fato de a cidade ser capaz de se mover no subterrâneo e debaixo d'água, bem como pelo ar ou no espaço exterior. Muitos relatos descrevem óvnis entrando e saindo de corpos d'água, e algumas histórias associam óvnis a bases subterrâneas ou submarinas. A história de Betty Andreasson sobre a Fênix, por exemplo, parece ter ocorrido num reino subterrâneo, e Filiberto Cardenas contou ter sido levado para uma base submarina.

## **Congressos aéreos dos devas**

Segundo o Mahābhārata, da mesma forma que os daityas têm cidades voadoras como Hiranyapura, os devas têm congressos voadores, nas quais eles realizam suas atividades administrativas. Eis alguns exemplos, começando com o congresso de Indra, ou Sakra, o rei dos devas. Nesta passagem,



uma légua equivale a uma yojana sânscrita, que varia de nove a quinze quilômetros:

O esplêndido salão celestial de Sakra, conquistado mediante suas façanhas — ele próprio o construiu, Kaurava, com o resplendor do fogo. Tem cem léguas de largura, 150 de comprimento e cinco de altura, tem plena autonomia de movimento e é aéreo. Dissipador da velhice, da aflição e da fadiga, isento de doenças, benigno, belo, repleto de câmaras e assentos, adorável e embelezado com árvores celestiais é aquele salão onde, Ó Pārtha, o senhor dos deuses se senta com Saci.

É comum descreverem vimānas como naves ígneas ou de brilho cintilante. Encontramos a mesma característica na seguinte descrição do salão de Yama, que foi construído por Visavakarmā, o arquiteto dos devas:

Este belo salão, com plena autonomia de movimento, nunca fica apinhado de gente — ele é luminoso como que envolvido pelas chamas de sua própria radiação, pois Visavakarmā o construiu após acumular por muito tempo o poder das austeridades, Bhārata. A ele vão ascetas de terríveis austeridades, de bons votos e palavras verazes, que são tranqüilos, desprendidos, vitoriosos, purificados por seus atos santos, todos portando corpos refulgentes e trajes imaculados; (...) e também vão gandharvas excelsos e hostes de apsarās às centenas. (...) Uma centena de milhares de pacíficas pessoas sábias assistem de corpo e alma ao senhor das criaturas.

É interessante o fato de o salão de Yama ser povoado por seres de muitos tipos diferentes. Isto faz lembrar o fenômeno ufológico, visto serem freqüentes os relatos da presença de diversos tipos de ser num óvni, todos aparentemente trabalhando em regime de cooperação. No salão de Yama, além de gandharvas, apsarãs e diversos tipos de ascetas, há os siddhas, com seus corpos de yogues, pitãs, homens de ação malévolos, e "os familiares de Yama encarregados da administração do tempo".

Os últimos, sendo funcionários dotados de poderes místicos, estão capacitados a regular o processo de transmigração de almas. Yama é o senhor védico da morte, o supervisor do processo de transmigração. Por mais estranho que pareça, mesmo neste caso encontramos um paralelo com relatos sobre fenômenos óvni. Segundo indicam muitos relatos, algumas entidades ufológicas podem induzir as pessoas a terem experiências extra-corporais para em seguida exercer controle sobre seus corpos sutis (veja Capítulo 10). Esta também vem a ser uma das faculdades dos familiares de Yama.

Outro dado curioso sobre o salão de Yama é que ele jamais fica apinhado de gente, por mais que nele entrem muitos seres diferentes. Isto faz lembrar o relato de rapto por óvni de "Steven Kilburn", apresentado por Budd Hopkins, no qual um óvni parece ser muito maior por dentro do que por fora. Isto sugere que dentro do salão de Yama — ou no óvni de Kilburn — o espaço transforma-se

de uma maneira além do alcance de nossa experiência humana (veja Apêndice 3).

Em seu depoimento, Betty Andreasson relata ter visto um óvni ser muito reduzido em seu tamanho aparente, muito embora houvesse um passageiro humano dentro dele. Apesar de isto parecer sobremaneira implausível, existem siddhis védicos, chamados mahimã e anima, mediante os quais um objeto pode ser muito expandido ou contraído em tamanho, ao mesmo tempo que retém suas proporções e estrutura interna.

O congresso de Brahmã fornece outro exemplo surpreendente de transformações de espaço, as quais parecem, incompreensíveis de um ponto de vista comum. Neste caso, o grande sábio Nārada Muni visitou o salão de Brahmã e descobriu não ser capaz de fazer uma descrição adequada de seu esboço arquitetônico:

Em seguida, o abençoado e poderoso senhor Sol me levou até o imaculado salão de Brahmã, onde não existe fadiga. Não é possível descrevê-lo como ele é de fato, rei das pessoas, pois a cada instante ele assume uma nova aparência indescritível. Não sei dizer qual seja seu tamanho ou sua estrutura, Bhārata, e jamais vi semelhante beleza. O salão é muito confortável, rei, nem frio demais nem quente demais; entrando-se nele, deixa-se de sentir fome, sede ou cansaço. E como se fosse feito de muitos formatos diferentes, todos muito coloridos e luminosos. Não há pilastras o sustentando. É eterno, e por isso não se deteriora. É auto-iluminado além da Lua e do Sol e do fogo

flamejante; na abóboda celeste, ele resplandece como se iluminasse o Sol. Nele se senta o abençoado senhor, O rei, o avô dos mundos que, sozinho, os cria constantemente com sua magia divina.

## **A mansão aérea de Ravana**

Na epopéia chamada Rãmãyana encontramos um relato interessante sobre um vimãna. Segundo a história principal do Rãmãyana, um país da Terra chamado Lankã foi ocupado outrora, por uma raça de seres malévolos chamados rãksasas. (Lankã seria, segundo se pensa, a ilha conhecida hoje em dia como Sri Lankã, embora haja quem questione isto.) Rãvana, o rei dos rãksasas, reinava em Lankã, uma cidade então fortificada, onde ele escondeu Sitã, a esposa do Senhor Rama, após raptá-la com o auxílio de suas faculdades de ilusão (veja páginas 292-93). Rãvana também possuía uma mansão aérea cujo vôo, acionado por seus comandos mentais, permitia-lhe melhor desempenho em suas façanhas militares.

O Senhor Rãma pediu a um ser chamado Hanumã, pertencente a uma raça simiesca inteligente, para descobrir o paradeiro de Sitã e lhe trazer notícias dela. Embora nascido na Terra numa sociedade primitiva, Hanumã também era filho do deus-vento Vãyü, de modo que dispunha de poderes místicos úteis para semelhante tarefa. Enquanto procurava Sitã, ele viu a mansão aérea de Rãvana a pairar sobre sua capital:

O heróico filho do deus-vento viu, em meio àquele complexo residencial, a grande mansão-aeronave chamada Puspaka-vimãna, decorada com pérolas e diamantes e cujas janelas eram verdadeiras obras de arte feitas de ouro refinado.

Tendo sido construída pelo próprio Visavakarmã, ninguém era capaz de lhe avaliar o poder nem de destruí-la. Fora construída com a intenção de ser superior a todas as construções semelhantes. Não precisava de apoio para se postar na atmosfera. Tinha a capacidade de ir a qualquer lugar. Postava-se no céu como se fosse um marco no caminho do Sol. (...)

Tratava-se do resultado final da grande mestria conquistada com austeridades. Podia voar em qualquer direção que se desejasse. Tinha cômodos de beleza extraordinária. Tudo nela era simétrico e singular. Sabendo das intenções de seu amo, era capaz de ir a qualquer lugar em alta velocidade sem ser obstruída por ninguém, nem mesmo o próprio vento. (...)

Suas torres eram verdadeiras obras de arte. Suas agulhas e cúpulas eram como os picos das montanhas. Era imaculada como a Lua do outono. Era ocupada por esguios rãksasas de enormes proporções com rostos abrilhantados por seus brincos cintilantes. Era deliciosa de se ver como a primavera e as flores que desabrocham nesta estação. Além disso, contava com a proteção de inúmeros elementais com olhos redondos e

profundos e capazes de fazer movimentos muito rápidos.

Hanumã, o filho do deus-vento, avistou, no meio do edifício aéreo, uma construção bem espaçosa. Aquele prédio, com meio yojana de largura e um yojana de comprimento, e tendo diversos andares, era a residência do rei dos rãksasas. (...)

Foi na região celestial que Visavakarmã construiu este Puspaka-uimãna, ou mansão-aeronave de forma atraente, que podia ir a qualquer parte e intensificava a natureza do desejo de seus ocupantes. Kuvera, por conta de suas austeridades, obtivera de Brahmã aquela mansão aérea toda decorada com pedras preciosas e homenageada pelos residentes de todos os três mundos. Rãvana, o rei dos rãksasas, lograra apoderar-se dela ao suplantar Kuvera.

É especialmente interessante a referência a "elementais com olhos redondos e profundos", cuja função é proteger o vimãna. Estes seres pareciam vir com o próprio vimãna, enquanto os rãksasas eram meros intrusos que o adquiriram por intermédio das façanhas militares de Rãvana. Observe-se também que, com cada yojana equivalendo a quinze quilômetros, as dimensões da residência de Rãvana no vimãna seriam sete por quinze quilômetros.

## **E os cavalos e quadrigas voadores?**

Existem, está claro, ricas tradições védicas em torno de raças humanóides capazes de voar à vontade por todo o universo a bordo de veículos chamados vimãnas. Seria possível objetar, contudo, que também existem histórias védicas sobre quadrigas puxadas a cavalo que voam pelo céu. Com certeza, estas histórias são de todo absurdas, já que não faz sentido afirmar a possibilidade de um animal correr pelo ar ou pelo espaço exterior usando suas pernas. Por causa deste absurdo, alegam alguns, nada na literatura védica deve ser levado muito a sério.

Em resposta a esta objeção, deve-se admitir que, apesar de os textos védicos conterem de fato histórias sobre quadrigas voadoras puxadas a cavalo, estas histórias não são necessariamente absurdas. Para entendê-las da forma correta, é preciso levar em conta diversos detalhes que as situam no contexto do panorama geral do mundo védico. Vistos desta maneira, tanto as quadrigas puxadas a cavalo quanto os vimãnas autônomos fazem sentido.

Procurarei apresentar estes detalhes, referindo-me a algumas histórias do Mabãbhārata sobre Arjuna, o herói Pãndava. Na primeira história, Arjuna viaja pelo espaço exatamente numa quadriga puxada por cavalos. Esta descrição traz uma série de características importantes, incluindo-se a viagem pelo espaço sobre uma espécie de rodovia:

E, montado nesta solar, divina e prodigiosa quadriga, o sábio descendente de Kuru saiu jubilante a voar. Tornando-se invisível para os

mortais que perambulam na Terra, ele viu milhares de maravilhosas quadrigas aerotransportadas. Embora ali não houvesse luz do Sol, nem da Lua, nem do fogo, as quadrigas gozavam de seu próprio brilho adquirido mediante seus méritos. Aquelas luzes que são como as estrelas parecem minúsculas como candeias de azeite por causa da distância, mas são de fato bem grandes. O Pândava as viu brilhantes e belas, ardendo em seus próprios lares com seu próprio fogo. Lá estão os aperfeiçoados videntes reais, os heróis abatidos em guerra, os quais, tendo conquistado o céu com suas austeridades, reúnem-se em centenas de grupos. O mesmo se dá com milhares de gandharvas com uma cintilância como a do Sol ou do fogo, e com milhares de guhyakas e videntes, além das hostes de apsarãs.

Contemplando aqueles mundos de luz própria, Phalguna, atônito, questionou Mātali em tom amistoso, ao que este lhe disse: "Aqueles que lá viste, meu senhor, parecendo estrelas quando vistos da Terra, são homens de feitos santos, flamejantes em seus próprios lares." Em seguida, ele viu, parado no pórtico, Airāvata, o vitorioso elefante branco de quatro presas, altaneiro como o pontudo Kailāsa. Seguindo viagem pela rodovia dos siddhas, aquele excelentíssimo kuru Pândava reluzia tanto como reluzira outrora o grande rei Māndhātara. O príncipe de olhos de lótus passou pelos mundos dos reis, indo parar em seguida em Amarāvati, a cidade de Indra.



Conforme salientei no Capítulo 6 (página 253), é importante atentar, com relação a esta passagem, para o fato de Arjuna ter entrado numa região estelar onde não havia luz do Sol, da Lua ou do fogo. É isto que alguém acabaria encontrando se de fato chegasse a viajar entre as estrelas. Conforme se declara ainda, as estrelas são bem grandes, mas parecem pequenas por causa da distância quando vistas da Terra, o que também corresponde às idéias modernas.

Naquela região, Arjuna constatou serem as estrelas não apenas mundos de luz própria, mas também os lares de gandharvas, guhyakas e outros, incluindo "homens de feitos santos" que haviam sido promovidos ao céu. As próprias estrelas são descritas, numa evidente expressão poética, como quadrigas aéreas. São chamadas, ainda, de pessoas, numa referência aos seres que predominantemente vivem nelas.

Outro ponto a observar: Arjuna "seguia na rodovia dos siddhas", que passava pelos mundos dos reis rumo à cidade de Indra. Mais adiante, esta mesma estrada é chamada de a "estrada das estrelas" e o "caminho dos deuses". Ao que parece, portanto, a quadriga de Arjuna viajava sobre alguma espécie de estrada pelo espaço exterior.

O Visnu Purãna traz algum esclarecimento sobre a verdadeira rota seguida por Arjuna. Segundo se afirma ali, o Caminho dos Deuses (deva-yãna) fica ao norte da órbita do Sol (a eclíptica), ao norte de Nãgavithi (os naksatras Asvini, Bharani e Krttikã) e ao sul das estrelas dos sete rsis. Asvini e Bharani são constelações em Áries, ao norte da eclíptica, e

Krttikã é a constelação adjacente em Touro, conhecida como as Plêiades. Asvini, Bharani e Krttikã pertencem a um grupo de 28 constelações chamadas naksatras em sânscrito (asterismos ou mansões lunares em linguagem ocidental). Os sete rasis são as estrelas da Ursa Maior. A partir desta informação, podemos formar uma idéia genérica do Caminho dos Deuses como sendo uma rodovia que se estende pelas estrelas no hemisfério celestial norte.

Outra rodovia celestial importante é o Caminho dos Pitãs (ou pitr-yãna). Segundo o Visnu Purãna, esta rodovia fica ao norte da estrela Agastya e ao sul de Ajavithi (os três naksatras Mula, Pürväsãdhã e Uttaräsãdhã), fora do caminho Vaisvãnara. A região dos pitãs, ou Pitrloka, consta na literatura védica como sendo o quartel-general de Yama, o deva que pune os seres humanos pecaminosos e cujo congresso aéreo foi descrito acima. Esta região, junto dos planetas infernais, é dita no Bhãgavata Purãna como estando no lado meridional do universo, ao sul de Bhü-mandala, o sistema planetário terrestre. Os naksatras Mula, Pürväsãdhã e Uttaräsãdhã correspondem a partes das constelações de Escorpião e Sagitário e, segundo se pensa, Agastya é a estrela do hemisfério meridional chamada Canopo. Logo, pela descrição do Visnu Purãna, podemos fazer uma idéia, em função de marcos celestiais conhecidos, da localização de Pitrloka e da estrada que vai até lá.

Tais rodovias celestiais cobrem longas distâncias e, como atravessam o espaço exterior, geram o

problema da falta de uma atmosfera respirável. Que espécie de cavalos poderia trilhar semelhantes estradas? Podemos responder a esta pergunta recontando uma história do Mahābhārata onde o gandharva chamado Citraratha oferece uma bênção a Arjuna. Embora Citraratha possuísse um vimāna (veja páginas 313-14), ei-lo interessado em cavalos:

Ó melhor dos homens, desejo agora oferecer a cada um de vós, cinco irmãos, cem cavalos da raça criada pelos gandharvas. As montarias dos deuses e gandharvas transpiram uma fragrância celestial e se movimentam à velocidade da mente. Mesmo quando esgotam sua energia, não diminuem a velocidade. (...)

Estes cavalos gandharvas mudam de cor segundo lhes convém e voam à velocidade que desejam. Bastará um desejo vosso para eles aparecerem perante vós, prontos a nos servir. Na verdade, estes cavalos sempre hão de honrar vossa vontade.

Estes parecem ser cavalos místicos cuja atuação obedece às leis que regulamentam categorias sutis da energia material. A rodovia pela qual eles viajam é, presume-se, de natureza semelhante, e eles conseguem cobrir distâncias imensas em pouco tempo pelo fato de obedecerem às leis reguladoras da energia sutil, e não às leis reguladoras da matéria grosseira.

Para entendermos o fato de ser possível conduzir um grosseiro corpo humano ao longo de semelhante estrada, basta levarmos em conta os

siddhis místicos chamados prāpti e mano-java, já discutidos no Capítulo 6. Em termos básicos, as leis sutis incluem e suplantam as leis grosseiras. A matéria grosseira, que obedece às leis físicas conhecidas, também obedece às leis sutis. Porém, é possível aplicar as mesmas leis sutis para fazer com que a matéria grosseira atue de maneira a violar as leis comuns da física. Consideremos agora a quadriga de Arjuna. Eis como é descrita uma quadriga que ele usava:

A quadriga tinha todos os equipamentos necessários. Nem deuses nem demônios tinham como conquistá-la, e ela irradiava luz e reverberava com um profundo estrondo. Sua beleza cativava as mentes de quantos a viam. Visavakarmã, o senhor do design e da construção, a criara pelo poder de suas austeridades, e não era possível discernir sua forma com precisão, tanto quanto não se pode discernir a forma do sol.

Minha tentativa de conclusão, a partir deste material, é a seguinte: a essência da tecnologia dos vimānas e das quadrigas voadoras puxadas a cavalo é a mesma. Ela depende de poderes místicos e aspectos supradimensionais da energia material, desconhecidos da ciência moderna, mas comuns para os devas. Na sua essência, os vimānas são construções arquitetônicas capazes de voar, tanto em três dimensões quanto em dimensões superiores, em virtude de poderes que nos parecem místicos. Os cavalos gandharvas

funcionam no mesmo nível místico, e o mesmo se aplica às quadrigas por eles puxadas.

Se isto é verdade, seria possível perguntar o motivo de os devas e outros seres afins se darem ao trabalho de usar veículos puxados por cavalo quando têm à sua disposição vimãnas que se locomovem por sua própria energia. A resposta, a julgar pelo Mabãbhārata como um todo, é que estes seres usam cavalos porque gostam deles. Eles fazem uso de arquitetura voadora segundo sua conveniência, mas também têm apreço por atividades eqüestres. De modo semelhante, apesar de terem armas poderosas, como a brahmãstra, baseadas em energia radiante, também dispõem de regras elaboradas para lutas corporais com maças. Os devas e os upadevas dão a impressão geral de preferirem a vida e a bravura pessoal às máquinas.

Existiriam paralelos entre as rodovias celestiais dos devas e as informações reveladas em relatos sobre ovnis? Há um possível paralelo em histórias de pessoas que caminham pelo espaço ao longo de feixes luminosos. Um exemplo disto está no relato de Sara Shaw, raptada de uma choupana em Tujunga Canyon, perto de Los Angeles, em março de 1953. Após ser hipnotizada pelo Dr. William McCall, Sara contou como foi levada a bordo de um óvni:

McCall: Você está perto da nave?

Sara: Não, estou começando a flutuar. Estou começando a flutuar na direção dela.

McCall: Que quer dizer com começar a flutuar na direção dela?

Sara: Bem... eles estão andando comigo, mas meus pés não tocam o solo.

McCall: Eles estavam em terra quando você saiu da casa. Que houve para eles não estarem mais tocando o solo?

Sara: Bem, há um feixe luminoso. É quase como se eu...

McCall: Você pode ver o feixe luminoso agora?

Sara: Eu estou sobre o feixe luminoso. Estou parada sobre ele e ele está disposto obliquamente. É como uma esca... não! Tem quase o mesmo ângulo que uma escada rolante teria, só que sem quinas ou degraus. E apenas um feixe muito liso e sólido, e a gente fica como que parada sobre ele. (...)

McCall: Que está acontecendo com seus amigos?

Sara: Estão todos em volta de mim.

McCall: Também estão sobre o feixe luminoso?

Sara: Mas é como se eles... agora estou andando. Todos nós estamos andando, mas, além disso, o feixe vai nos transportando. O feixe se mexe. Afora isso, é como se estivéssemos andando sobre ele também. Mesmo assim, eu não sinto nada debaixo de mim. Por exemplo: não é algo que pareça sólido como se fosse terra firme.

Se é que se pode levar esta história ao pé da letra, o feixe luminoso não apenas parece ter anulado o peso de Sara como também capacitou-a a se equilibrar em posição ereta e caminhar normalmente. Os seres no caso Masse (veja

páginas 268-69) parecem ter dado uma caminhada semelhante sobre um feixe luminoso, pois, segundo consta, "deslizavam ao longo de faixas de luz".

Um segundo exemplo envolve alguém nadando num feixe luminoso. Este fenômeno foi relatado por William Curtis, que experimentou ser raptado e levado para dentro de um óvni em setembro de 1974 e recordou o acontecido em dezembro de 1987. Ele fora raptado em seu quarto. Ao ser devolvido ao mesmo, recordou-se ele, seus captores lhe pediram para pular de uma abertura no fundo do óvni, através da qual ele pôde ver seu quarto lá embaixo. Eis como ele descreve esta experiência:

Quando caí, tive a sensação de... você já andou de montanha-russa? Foi a sensação que tive. Foi de tirar o fôlego. Mas, a uns sessenta centímetros do telhado, fui amortecido. Pude até ver os contornos das telhas. E então algo me pegou, me ergueu e me rodopiou para me despejar bem através do telhado! Eles me colocaram de volta na cama, agarraram meus braços e me levantaram. (...)

Há uma luz branca entrando pelo telhado e um serzinho vai subindo por esta mesma luz. Ouço um zunido, como de um gerador vindo de cima. Enquanto sobe, aquele serzinho esperneia bem rápido. (...) Ele entra num óvni cinzento. Parecem ter pressionado um botão, querendo que eu veja aquilo tudo. Há um escapamento debaixo do objeto que eu vejo — a "MAV" [máquina alienígena

voadora]. A luz sobe, o teto volta ao lugar e pronto.

No primeiro destes dois relatos, há um feixe luminoso disposto obliquamente sobre o qual uma pessoa pode andar. No segundo, há um feixe vertical e um ser escalando feixe acima num movimento parecido com o da natação. Em ambas as histórias, os eventos, conforme são descritos, parecem de todo bizarros do ponto de vista dos princípios físicos convencionais. Isto se aplica em especial à segunda história, na qual o feixe luminoso parece ser usado para transferir o corpo do homem através do telhado de sua casa. No caso de Sara Shaw, porém, os seres intrusos entraram em sua choupana passando através das vidraças de uma janela (veja página 277), o que é um fenômeno semelhante.

O paralelo entre estes exemplos e as estradas celestiais védicas é que o feixe parece definir um caminho através do espaço, ao longo do qual uma pessoa pode se movimentar usando as pernas. Os seres que usam estes caminhos têm poderes que os capacitam a atravessar paredes, podendo, também, transportar corpos humanos através delas. A estrada celestial védica também é um caminho através do espaço por onde se pode andar. Os cavalos e quadrigas que a trilham têm propriedades místicas — por exemplo, os cavalos podem aparecer e desaparecer à vontade. Um ser humano como Arjuna também pode ser conduzido ao longo de semelhante estrada. Um possível ponto de divergência na analogia da estrada



celestial com o caminho de feixe luminoso está no fato de a estrada celestial ser de escala cósmica e parecer ser relativamente permanente; o feixe luminoso, por sua vez, é pequeno, sendo armado em caráter temporário conforme a necessidade.

Muito curiosamente, os caminhos celestiais mencionados na literatura védica são feixes luminosos de natureza peculiar. Assim sendo, o Bhāgavata Purāna faz a seguinte descrição das viagens de um místico ao longo do Caminho dos Deuses:

Ó rei, quando semelhante místico passa por cima da Via Láctea ao longo do luminoso Susumna para chegar a Brahmāloka, o mais elevado dos planetas, primeiro ele vai a Vaisvanarā, o planeta da deidade do fogo, onde se purifica por inteiro de todas as contaminações. Em seguida, ele sobe mais ainda, até o círculo de Sisumāra, para ali se entender com o Senhor Hari, a Pessoa Divina.

O caminho trilhado pelo místico é o caminho devayāna, o luminoso Susumnā mencionado nesta passagem. Segundo o dicionário sânscrito, Susumnā é o nome de um dos principais raios do Sol. Logo, Susumnā deve ser alguma espécie de feixe luminoso. Conforme fica evidente por sua posição no espaço, contudo, ele não é um raio solar comum.

## **Vimanas de Vaikuntha**

Em seu comentário ao Bhāgavata Purāna, A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupāda descreve três processos para locomoção no espaço exterior. O primeiro, chamado ka-pota-vāyu, envolve naves espaciais mecânicas. Neste caso, ka significa éter, ou espaço, e pota, nave. A expressão ka-pota-vāyu também pode ser usada num trocadilho, uma vez que kapota também quer dizer pombo.

O segundo processo chama-se ākāsa-patana. "Assim como a mente é capaz de voar para qualquer lugar desejado sem precisar de dispositivos mecânicos, da mesma forma, o avião ākāsa-patana pode voar à velocidade da mente." Muitos dos vimānas por nós analisados parecem fazer uso do processo ākāsa-patana, e talvez muitos óvnis também funcionem pela ação da mente. Talvez outros vimānas e óvnis funcionem mediante outros processos mecânicos que manipulam o éter ou, em termos modernos, a textura do espaço-tempo.

Segundo o Bhāgavata Purāna, o éter é a textura do espaço, e toda a matéria grosseira é gerada por transformações do éter. Esta idéia faz lembrar a teoria de geometrodinâmica de John Wheeler, segundo a qual todas as partículas materiais são meras torções ou deformações de espaço-tempo. Tanto o Bhāgavata Purāna quanto a teoria de Wheeler subentendem estar a matéria diretamente vinculada ao éter. Logo, deve ser possível manipular o éter pela manipulação da matéria grosseira. A partir daí, podemos ver que seria possível construir uma máquina física capaz

de manipular o espaço-tempo e propiciar incomuns modalidades de viagem.

Conforme afirma ainda o Bhāgavata Purāna, o éter é o campo de ação da mente sutil. Isto sugere ser possível manipular o éter pela ação da mente, propiciando-se, deste modo, o sistema ākāsa-patana de viagem. Observe-se que ākāsa significa éter e patana, voando.

Apesar de fazer uso da energia da mente sutil, ainda o sistema ākāsa-patana é material. Além dele, existe o processo Vaikuntha, que é inteiramente espiritual. No sistema védico, Vaikuntha é o mundo espiritual. O mundo material se caracteriza por uma dualidade entre a matéria inanimada e o espírito consciente, ao passo que, no mundo de Vaikuntha, tudo é consciente e auto-refulgente. Os objetos em Vaikuntha são feitos de uma substância consciente chamada cintāmani, cuja tradução poderia ser gema da consciência.

A literatura védica contém muitas referências a vimānas puramente espirituais originários de Vaikuntha, sendo possível encontrar referência aos mesmos em qualquer relato sobre vimānas védicos. Apesar de serem muitas vezes comparados a cisnes, ou de se dizer que a forma deles lembra a de um cisne, os vimānas de Vaikuntha não são cisnes. São estruturas voadoras feitas de cintāmani e viajam por força da consciência pura.

Um vimāna de Vaikuntha consta na história em que um rei chamado Dhruva se liberta do cativeiro material. Eis como se descreve o aparecimento deste veículo perante Dhruva à hora de sua morte:

Tão logo se manifestaram os sintomas de sua libertação, ele viu um belíssimo avião [vimãna] descer do céu, como se a brilhante Lua cheia estivesse baixando, a iluminar todas as dez direções.

Dhruva Mahārāja viu, no avião, dois belíssimos companheiros do Senhor Visnu. Eles tinham quatro mãos e um lustro enegrecido no corpo, eram muito joviais e seus olhos eram como flores de lótus avermelhadas. Portavam maçãs nas mãos e vestiam trajes muito atraentes, com elmos, estando decorados com colares, braceletes e brincos.

Antes de embarcar no vimãna, o rei adquiriu seu corpo espiritual, ou siddha-deha. Trata-se de uma forma corpórea imperecível, feita de energia espiritual e adequada para se viver na atmosfera de Vaikuntha. As viagens de Dhruva a bordo do vimãna são descritas como segue:

Enquanto atravessava o espaço, Dhruva Mahārāja viu, pouco a pouco, todos os planetas do sistema solar e, no caminho, viu todos os semideuses em seus aviões lançando chuvas de flores para ele.

Assim, Dhruva Mahārāja ultrapassou os sete sistemas planetários dos grandes sábios conhecidos como saptarsi. Além daquela região, ele atingiu a situação transcendental de vida permanente no planeta onde vive o Senhor Visnu.

Em relatos védicos, menciona-se amiúde que os devas gostam de lançar chuvas de flores sobre grandes personalidades, em especial na ocasião de grandes vitórias ou outros eventos gloriosos. Isto envolve a movimentação de pétalas mediante a mesma espécie de transporte místico típica dos devas. Um possível paralelo com isto é o misterioso aparecimento de chuvas de pétalas perto de Fátima, Portugal, na ocasião das visitas de um ser refulgente tido por muitos como sendo a Virgem Maria. Isto é discutido no Capítulo 8 (páginas 360-74).

## 8

### **Observações modernas e antigas tradições**

Embora o principal tema deste livro sejam os paralelos entre o fenômeno ufológico e as idéias védicas, também existem estreitas ligações entre este fenômeno e idéias encontradas em outros sistemas tradicionais de pensamento. Estas ligações foram estudadas a fundo, no caso do antigo folclore europeu, por Jacques Vallee em seus livros *Passport to Magonia* e *Dimensions*. Não surpreende o fato de haver também paralelos entre estas tradições e a tradição védica. Neste capítulo, explorarei o triângulo de inter-relações que liga os relatos sobre óvnis, a tradição védica e outras tradições antigas.

Embora sejam extensos os dados empíricos sobre óvnis e fenômenos afins, eles tendem a ser

incompatíveis com idéias teóricas modernas, sendo, por isso, difíceis de interpretar. Em contraste, a antiga visão de mundo védica é um sistema coerente e significativo de filosofia e cosmologia, mas não inclui dados de observação atualizados. Minha tese é que estas duas coisas tendem a se complementar: os fenômenos ufológicos tendem a corroborar a visão de mundo védica, e esta visão de mundo, por sua vez, pode nos ajudar a compreender os fenômenos ufológicos.

Apesar de Vallee fazer uma observação semelhante sobre os fenômenos ufológicos e o antigo folclore europeu, sua apresentação peca pelo fato de o folclore europeu em geral carecer de exemplos bem definidos de objetos voadores parecidos com óvnis. Seus paralelos enfocam, sobretudo, o comportamento e as faculdades dos seres humanóides descritos no folclore e nos relatos sobre óvnis. Portanto, seu caso é reforçado pela observação de que há fortes paralelos entre a visão de mundo védica e a antiga visão de mundo da Europa. Já que a literatura védica contém muitas descrições de naves aéreas, estes paralelos compensam a falta de consistência na comparação óvni/folclore europeu.

Convém salientar que semelhanças entre histórias em duas tradições antigas não têm o mesmo significado que semelhanças entre relatos de eventos distintos feitos por duas testemunhas contemporâneas. No caso das duas testemunhas contemporâneas, é possível argumentar que elas não se comunicaram entre si. Logo, segundo se

pode concluir, as semelhanças entre seus relatos indicam o fato de ambas terem tido experiências reais semelhantes.

Não se pode dizer o mesmo acerca de semelhanças entre tradições antigas. O próprio fato de as tradições serem antigas significa que elas já tiveram bastante oportunidade de se influenciarem mutuamente por intermédio de meios comuns de comunicação humana. De fato, muitas são as razões para suspeitarmos que as antigas culturas da Europa e da Índia tiveram laços fortíssimos e que houve bastante troca de comunicação entre elas. Com base nesta suposição, podem-se atribuir muitas semelhanças entre a literatura védica e o folclore europeu. Ao mesmo tempo, é bem possível que algumas das visões de realidade específicas, que durante séculos sobreviveram na Europa e na Índia, devam pelo menos parte de seu poder de permanência a experiências contínuas que tendem a corroborar aquelas visões. Segundo esta idéia, os contatos com óvnis seriam meros exemplos contemporâneos de semelhantes experiências.

Eis um dos exemplos de Vallee, no qual uma visão de óvni mostra uma ligação com antigas tradições européias. Aconteceu no verão de 1968, por volta das quatro da manhã. Uma mulher britânica dirigia perto de Stratford quando ela e seu companheiro viram um disco brilhante no céu. Pararam para observá-lo voando e rodopiando, e outro carro também parou para observar. Após o disco desaparecer por trás das árvores, ela prosseguiu dirigindo e, durante a viagem, experimentou

impressionantes insights sobre a natureza da realidade que, segundo disse ela, transformaram sua personalidade. Após o jantar daquela noite, ela encontrou uma estranha aparição, a quem ela passou a chamar de "Homem-escorpião":

A luz do quarto brilhou formando um arco de cerca de três metros em torno da janela. Tão logo me aproximei da janela, deparei com um ser estranho. A percepção que eu tinha dele se intensificou pelo estado de pânico paralisante que ele provocava em mim. Sem sombra de dúvida, considerei-o um demônio ou diabo em virtude de minha orientação ocidentalizada... Tinha pernas como as de um cão ou bode. Estava revestido em peliça macia, felpuda, negra e cintilante sob a luz. Tinha traços humanóides inconfundíveis e, segundo meu julgamento, era malévolo. Agachava-se e olhava para mim sem piscar os olhos claros e verdes cor de uva que relanceavam para cima e não tinham pupilas. Os olhos brilhavam e eram de longe o aspecto mais amedrontador da figura. Agora entendo que tentava se comunicar comigo, mas meu pânico interferia em qualquer mensagem que eu pudesse estar recebendo. Se ficasse completamente em pé, teria cerca de um metro ou um metro e meio de altura. Tinha orelhas pontudas e um focinho comprido. Dava a impressão de estar definhando: suas mãos e dedos eram finos como gravetos.

Aqui as pernas de bode e a peliça macia parecem associar o ser à demonologia européia tradicional,



enquanto os olhos e a aparência emagrecida são típicos de entidades relatadas em contatos com óvnis. Acaso os demônios europeus tradicionais são reais de certo modo? Teriam eles alguma relação com as entidades encontradas a bordo de óvnis? Vallee analisou a fundo as semelhanças entre visitas de óvnis e a tradição folclórica pagã e cristã relativa a humanóides com faculdades paranormais. Entre estas, incluem-se os súcubos e íncubos mencionados em escritos católicos romanos da Idade Média, além das fadas e elfos da antiga tradição celta e germânica.

## **As fadas**

Em geral, os humanóides celtas são chamados fadas em linguagem atual. Apesar de este termo referir-se, é claro, a diversos tipos diferentes de ser, seria difícil obter descrições claras de todos eles. Alguns têm, segundo dizem, belas formas humanas, ao passo que outros são feios. Alguns são ínfimos e, outros, tão ou mais altos que os humanos modernos. A palavra irlandesa para fadas é Sidhe (pronuncia-se xi), sendo as mesmas também conhecidas como as Boazinhas ou as Pequeninas.

As Tuatha de Danann são um tipo importante de Sidhe na Irlanda. A expressão Tuatha de Danann significa os descendentes da deusa Dana. Esta

Dana, conhecida como Brigit na Idade Média irlandesa, parece ter sido assimilada pelo cristianismo como Santa Brígida. Segundo reza a tradição, as Tuatha de Danann eram donas absolutas do país quando os filhos de Mil, os ancestrais do povo irlandês, chegaram pela primeira vez à Irlanda. Tão logo os humanos invadiram a ilha, as Tuatha de Danann ali permaneceram, mas ocultas por meio de seus poderes de invisibilidade. Contudo, continuaram a se relacionar com a sociedade humana, comunicando-se com videntes e tornando-se visíveis para humanos escolhidos.

Segundo observação feita pelo etnógrafo Walter Evans-Wentz, por vezes pensava-se que as Sidhe nasciam como reis humanos entre os celtas. De fato, ele alude a provas literárias demonstrando se acreditar que o famoso rei Artur foi uma dessas encarnações, além de salientar que muitas das pessoas ligadas a ele, nas lendas arturianas, ou foram criadas pelas fadas ou eram membros da raça delas. A espada Excalibur de Artur, por exemplo, segundo consta, teria sido feita em Avalon, o outro mundo das Sidhe. Ele era protegido por uma fada chamada a Senhora do Lago, e sua irmã, a Fata Morgana.

Isto vem demonstrar que, conforme se pensava na antiga tradição celta, os seres humanos viviam em amplo e íntimo contato com raças sobre-humanas que viviam na Terra ou em mundos invisíveis diretamente vinculados a ela. É possível dizer o mesmo da antiga visão de mundo védica. Aliás, segundo o Bbãgavata Purãna, existe um grupo de

seres chamados danavas, ou os descendentes da deusa Danu. Os danavas incluem os nivāta-kavacas, panis, kãleyas e hiranya-puravãsis, aos quais me referi algumas vezes em capítulos anteriores. Segundo o lingüista Roger Wescott, existe um elo cultural entre a Danu védica e a deusa irlandesa Dana.

Conforme demonstrou Vallee, há certos paralelos entre os relatos sobre óvnis e as histórias das Sidhe na tradição celta. Por exemplo: é sabido que as entidades ufológicas aparecem e desaparecem de forma misteriosa diante dos olhos das pessoas, e o mesmo se dá com as fadas. Neste contexto, Evans-Wentz ouviu o seguinte de um certo John MacNeil, de Barra, uma ilha nas Hébridas Ocidentais da Escócia:

Os antigos diziam não saber se as fadas eram de carne e osso ou se eram espíritos. Viam-nas como humanos de estatura bem menor que a da nossa própria raça. Ouvi meu pai dizer que as fadas tinham o hábito de vir falar com os nativos para depois desaparecerem diante da vista deles. (...) As fadas, acreditava-se, eram espíritos capazes de se fazer visíveis ou não, segundo a vontade delas. E, quando levavam alguém, levavam seu corpo e sua alma.

As fadas pareciam ter uma evidente forma física porque conseguiam transportar pessoas no plano físico, mas mesmo assim pareciam etéreas por poderem aparecer e desaparecer à vontade. Esta aparente contradição vem à tona repetidas vezes

com relação a casos de rapto por óvnis. Também vem à tona em relatos védicos, assunto cujos detalhes analisarei no Capítulo 10.

Na literatura védica, há muitos relatos sobre humanóides capazes de aparecer e desaparecer, e que às vezes levam as pessoas embora para outro mundo. Segundo consta, eles fazem estas coisas por meio de faculdades, ou siddhis, específicas envolvendo interações entre a mente, o éter e os elementos físicos grosseiros. Conforme demonstram as histórias de Duryodhana e de Arjuna e Ulüpi no Capítulo 6, os humanóides védicos também raptam pessoas por meios que encontram paralelos em alguns casos de óvnis.

## **Raptos e cruzamentos**

O rapto é um tema usual em contos de fadas tradicionais (com certeza, bastante distintos das versões expurgadas destinadas às crianças de hoje). Nestas histórias, é comum homens e mulheres serem raptados por fadas e duendes movidos pela lascívia. Também há casos de rapto de crianças e, segundo diz a lenda, uma fada criança pode vir a ser trocada por uma criança humana. Assim como verificamos em casos de óvnis, tanto o desejo sexual quanto considerações de ordem genética parecem ser motivo para estes raptos. Em apoio a esta suposição, Vallee cita Edwin Hartland, um erudito em tradições de fadas, quanto aos motivos apresentados por pessoas de

países da Europa setentrional para este rapto de crianças:

O motivo em geral atribuído a raptos feitos por fadas em histórias do norte é o da preservação e aprimoramento da sua raça, quer se apoderando de crianças humanas para serem criadas entre os duendes e se unirem a eles, quer obtendo o leite e o aconchego de mães humanas para a sua prole de fadas.

Esta interpretação foi analisada por mitólogos do século XIX com base em seus estudos de folclore. Ela é, por certo, muito semelhante à explicação dada por Budd Hopkins, Raymond Fowler e outros para raptos por óvnis durante os quais, segundo consta, mulheres são fecundadas — e seus fetos prematuramente removidos — por entidades alienígenas.

O comentário de Hartland sobre o aconchego de mães humanas é especialmente enigmático, visto ser questionável o motivo pelo qual duendes precisariam do carinho de mães humanas. No entanto, algo parecido vem à tona em estudos sobre raptos por óvnis. David Jacobs, professor adjunto de história da Universidade de Temple, na Filadélfia, escreveu um livro sobre raptos por óvnis no qual descreve os detalhes de "cenas de apresentação". Nestas, a pedido dos alienígenas, uma humana raptada entra em contato físico com crianças alienígenas ou meio-alienígenas:

As raptadas também são instadas a tocar, segurar ou abraçar estas crianças. (...) Parece ser absolutamente essencial que a criança tenha semelhante contato humano. Embora os alienígenas prefiram o contato amoroso e acalentador dos humanos, qualquer contato físico parece ser suficiente.

A literatura védica traz muitos relatos sobre relações sexuais entre humanos e membros de raças não-humanas que dão origem a prole. Um exemplo disto é a união ocorrida entre Bhima, um dos heróis humanos do Mahābhārata, e Hidimbã, uma mulher rāksasa. Hidimbã abordara Bhima ao sentir atração sexual por ele e, a fim de fazer amor com ele, assumiu a forma ilusória de uma bela humana. Resultou daí uma criança, a qual é descrita como segue:

E, enquanto amava Bhima em toda parte, ágil como o pensamento, a rāksasi deu à luz um filho do poderoso Bhimasena. Era horroroso, poderoso, vesgo, tinha uma bocarra, orelhas pontiagudas, corpo asqueroso, lábios escarlates, dentes longos e afiados, tendo nascido um grande arqueiro de bravura e coragem ímpares, braços fortes, grande velocidade, corpo atlético, incomparável feiticeira, e domador de seus inimigos. Inumano, embora nascido de um humano, de terrível velocidade e força imensa, ele suplantou os pisãcas e outros demônios tanto quanto suplantou os seres humanos.

Neste caso, Bhima e Hidimbã permaneceram juntos quando a criança era pequena, mas logo ela partiu e levou o menino consigo. Quando ele era recém-nascido, Bhima comentou: "Ele é brilhante como um cântaro!" Por isso, chamaram-no Ghatotkaca, ou seja, Brilhante-como-um-cântaro. Bhima e seus irmãos, os pândavas, gostavam muito do menino, muito embora ele se parecesse muito com a mãe e tivesse uma fisionomia distintamente não-humana. Sua aparência é típica de rãksasas, sendo bem diferente tanto dos seres humanos quanto dos humanóides ufológicos em geral relatados hoje em dia.

Bhima e Hidimbã não realizaram nenhuma espécie de manipulação genética mas; conforme salienta o Mabãbhãrata, Ghatotkaca fora criado por Indra, o soberano dos devas, para destruir um certo guerreiro chamado Karna. Portanto, Indra teria praticado intervenção de ordem genética (ou de outra ordem) na ocasião da concepção de Ghatotkaca.

O motivo para Indra fazer isto era proteger seu próprio filho, Arjuna: ele sabia que Arjuna acabaria tendo de lutar com Karna. Arjuna era um dos irmãos pândavas e, como filho de Indra, era a progénie de um pai deva e uma mãe humana chamada Kunti. Todos os cinco Pândavas eram filhos de diversos devas com duas mães humanas, Kunti e Mãdri, que eram esposas de um rei humano chamado Pãndu.

Segundo indicam os relatos védicos, as diversas raças humanóides do universo geralmente são capazes de se cruzar e produzir progénie fértil.

Todas elas devem estar, portanto, geneticamente relacionadas entre si, conforme corrobora a literatura védica. Todas as raças humanóides descendem de formas masculinas e femininas geradas por Brahmã, a criatura original. Os devas estão entre os descendentes destas formas, enquanto os seres humanos terrestres descendem de devas aliados a uma série de ramos de genealogia diferentes.

## **Genética e origens humanas**

Contudo, é preciso ampliar o sentido da palavra genética. Todos os organismos vivos conhecidos pela ciência moderna contêm genes feitos de DNA que especificam os traços hereditários destes organismos. Os corpos de Brahmã e dos devas são feitos de formas sutis de energia, e por isso não contêm DNA. No entanto, portam informação genética sob a forma de bijas, ou sementes, também feitas de energia sutil. Para humanos poderem descender de devas, é necessária uma transformação sistemática que converta energia sutil em energia grosseira. Esta mesma transformação deve converter as bijas sutis em genes grosseiros feitos de DNA.

Isto em parte confirma e em parte contradiz a teoria da intervenção genética para a origem humana, por mim analisada no Capítulo 5 (páginas 232-37). Segundo a versão védica, os humanos terrestres realmente descenderam de humanóides superiores oriundos de outros planetas, só que isto



não se deu por meio da engenharia genética de cruzamentos entre os seres superiores e os primitivos homens-macaco habitantes da Terra. Pelo contrário, houve acasalamento entre devas que geraram progênie humana por intermédio de transformações genéticas pré-planejadas.

Em geral, os descendentes de Brahmã, em nível de devas e seres superiores, eram capazes de produzir progênie de tipo corpóreo diferente do seu. Embora eu não tenha encontrado descrições específicas da maneira como isto era feito, suponho que fosse algo pré-programado por Brahmã. Não há indícios de que os devas o fizessem por meio de pesquisa científica independente. Pelo contrário, eles parecem ter apenas feito uso dos poderes de que Brahmã os investiu numa etapa anterior da criação.

A concepção védica da origem das espécies vivas não é darwiniana. Conforme salientei no Capítulo 4 (páginas 161-71), se são reais os humanóides do tipo descrito com relação aos óvnis, então sua existência impõe um desafio à teoria darwiniana da evolução. Segundo o atual entendimento da história natural, tais seres não poderiam ter evoluído na Terra. Também é bastante improvável que seres tão parecidos conosco pudessem ter tido evolução independente em outro planeta.

A teoria da intervenção genética apresentada por Sitchin propõe que os humanos surgiram de um cruzamento planejado por engenharia genética entre extraterrestres e homens-macaco cuja evolução se processou na Terra. Esta teoria pressupõe os próprios extraterrestres evoluindo

em outro planeta. Porém, é difícil explicar por que tais seres deveriam ter tantas semelhanças genéticas com os homens-macaco a ponto de se justificar o cruzamento entre as duas raças.

A fim de ilustrar esta questão, imaginemos alguém querendo produzir um novo programa de computador pela combinação de programas de linguagem de máquina, oriundos de dois computadores diferentes e escritos em separado. Mesmo com os dois programas fazendo coisas semelhantes, é provável que as fizessem usando sistemas de código interno de todo diferentes, e por isso seriam incompatíveis entre si. Numa situação dessas, até o mais avançado perito em computadores acharia mais fácil criar o novo programa a partir do zero do que fazer com que os dois programas incompatíveis funcionassem juntos. (Ou talvez ele preferisse produzir o novo programa modificando um dos programas existentes.)

O relato védico evita o problema da incompatibilidade genética ao iniciar com os devas um processo de transformação que altera a própria forma dévica. A forma humana resultante, apesar de ser diferente da forma dévica, parece ser próxima dela o suficiente para que seja possível o cruzamento entre humanos e devas.

Cabe aqui observar que a necessidade de converter informação genética de uma forma sutil para uma forma grosseira não constitui uma barreira intransponível. Como informação é algo abstrato, é possível armazená-la usando diferentes tipos de energia. Converter informação do sutil

para o grosseiro é comparável a converter os sinais elétricos de um texto computadorizado para caracteres impressos em papel.

Apesar de a transformação de deva para humano parecer ter sido pré-programada por Brahmã, existem descrições védicas da criação de raças humanas por meio de manipulação genética. Em certo relato, um rei chamado Vena revelou ser um tirano cruel, sendo, por isso, morto por grandes sábios. Sua mãe preservou-lhe o corpo "pela aplicação de determinados ingredientes e cantando mantras". Mais tarde, os sábios ponderaram que as qualidades hereditárias do rei eram valiosas e, com o intuito de preservá-las, agiram da seguinte forma:

Após tomarem sua decisão, os santos e sábios bateram as coxas do cadáver do rei Vena com bastante força e observando um método específico. Como resultado deste processo, nasceu uma pessoa nanica do corpo do rei Vena.

Esta pessoa nascida das coxas do rei Vena, a quem se deu o nome, tinha a tez negra como a plumagem de um corvo. Todos os membros de seu corpo eram bem curtos, seus braços e pernas eram curtos e o maxilar era grande. Tinha o nariz chato, os olhos avermelhados e cabelos cor de cobre.

Devo salientar que não se deve usar esta história para sustentar quaisquer teorias de superioridade ou inferioridade raciais. Segundo o ponto de vista védico, todas as pessoas, como seres espirituais, são iguais, sendo um equívoco tentar julgá-las

com base no corpo material, que não passa de cobertura externa da alma.

Os sábios parecem ter produzido Bãhuka realizando uma operação bastante parecida com o que hoje se conhece como geração de clones. Segundo o atual entendimento científico, o DNA quimicamente intacto de qualquer célula no corpo de uma pessoa contém toda a informação genética daquele corpo em particular. Em teoria, isto significaria ser possível produzir um novo corpo vivo usando-se o tecido de um cadáver, contanto que o tecido não tivesse começado a degenerar.

Neste caso, também parece ter se processado uma transformação do material genético, motivo pelo qual foi produzida uma pessoa nanica cujas características eram bem diferentes daquelas do rei Vena. Mais tarde, os sábios, ao baterem os braços do corpo de Vena, produziram um belo casal, Prthu e Arci, diferentes em forma e qualidade tanto de Vena quanto do anão.

## **Súcubos e íncubos**

A literatura ufológica, o folclore ocidental e a literatura védica trazem relatos sobre relações sexuais entre seres humanos e humanóides cuja motivação parece ser a lascívia, em geral não resultando em progênie. Nesta seção, darei alguns exemplos extraídos destas três fontes de informação.

Whitley Strieber escreveu acerca de seu encontro com um estranho ser feminino com olhos grandes e membros definhados. Segundo sua descrição, ela parecia o cruzamento entre um humano e um louva-a-deus. Strieber disse ter se encontrado mais de uma vez com este ser, com quem sentia ter alguma espécie de relação erótica. Ele a descreveu da seguinte maneira para o jornalista Ed Conroy:

Ela é um ser humano, como todos da espécie dela. Só que é do outro nível de ser humano. Aquilo que chamamos de "inconsciente" é pleno de luz entre a raça dela. Eu gostaria de levá-la comigo, para que fosse minha. (...) Ela pode ser inocente como um bebê e sensual como uma raposa. (...) Como a ira alheia parece feri-la fisicamente, é preciso mergulhar nas profundezas do eu para se encontrar um nível de serenidade profundo o suficiente para deixá-la calma. E quando a paixão a domina, ela surge no meio da noite. (...) Temo dizer que meu súcubo é bem real.

O ser que visitou Whitley Strieber é bem diferente das fadas celtas. Tipicamente, as fadas são descritas como tendo aparência muito mais humana e, segundo dizem, muitas delas são belíssimas pelos nossos padrões. Contudo, ela parece de fato ter um precedente nos ensinamentos da Igreja Católica relativo a súcubos e íncubos. Consideremos a seguinte declaração de Santo Agostinho, escrita por volta de 420 d.C.:

Há, também, um boato muito genérico, que muitos têm constatado por experiência própria, ou que pessoas confiáveis confirmam por ficarem sabendo da experiência alheia, de que silvanos e faunos, comumente chamados "íncubos", teriam feito freqüentes ataques perversos às mulheres, satisfazendo sua lascívia com elas. O fato de determinados demônios, chamados duses pelos gauleses, estarem volta e meia tentando e praticando esta impureza é uma afirmação tão freqüente que seria insolência negá-lo.

Consideremos o supramencionado "Homem-escorpião", visto por uma mulher britânica a bordo de um óvni. Este ser parecia um fauno tradicional em virtude do fato de ter pernas caprinas ou caninas. Seus aterrorizantes olhos inclinados e aparência emagrecida também fazem lembrar a visitante de Strieber.

Um súcubo de forma mais humana aparece numa história da tradição celta recente relatada por Evans-Wentz. Trata-se de uma história contada por Catherine MacInnis, a avó de um informante de Barra. Ela costumava falar de um homem chamado Laughlin, um conhecido dela que era apaixonado por uma fada. Esta fada visitava Laughlin toda noite; por fim, ela deixou-o tão esgotado que ele passou a temê-la. Para escapar dela, emigrou para os Estados Unidos, mas parece que ela o assediava lá também.

Ainda hoje são ouvidas histórias deste tipo no sul da Índia. Segundo me contou um homem de família brâmane de Tamil Nadu, na juventude ele

se dedicara ao ocultismo tântrico. Na ocasião, ele teve um encontro amedrontador com um ser feminino nu e não exatamente humano. Foi uma aparição repentina que lhe ocorreu à meia-noite. Um perito em tantra explicou-lhe mais tarde o que ele vira:

Você viu Mohini, uma demônia do submundo. Se soubesse como fazê-lo, você poderia ter feito um pacto com ela para o próximo ciclo de Júpiter (doze anos). Você promete satisfazer-lhe a lascívia uma vez por mês e ela o retribui protegendo sua propriedade, destruindo seus inimigos, qualquer coisa.

Mas um pacto com Mohini é muito perigoso. Quando surge em busca de satisfação sexual, ela pode assumir dezoito formas no transcorrer da noite, esperando que você satisfaça as exigências de cada uma delas. Se você não o conseguir, isto lhe custará a vida. E se, durante os doze anos de seu relacionamento com ela, você sentir atração por outra mulher, isto também lhe custará a vida. De repente você vomita sangue — e pronto.

Como se contam muitas histórias deste tipo, é natural perguntar se elas são tão bem respaldadas por testemunhos quanto o são os casos de rapto por óvni. A única maneira de saber a resposta seria realizar extensas investigações de anamneses. As histórias de rapto por óvni atraíram a atenção dos pesquisadores, suspeito eu, por estarem vinculadas a óvnis de alta tecnologia que teriam vindo de outro planeta. É possível

tenderem a ignorar as histórias de súcubos e íncubos, contadas no contexto das tradicionais visões de mundo, por elas parecerem ter gosto de superstição e mitologia.

## **Visitas a outro mundo**

Eis uma tradicional história celta na qual o tema de rapto combina-se com uma visita a outro mundo. Certa vez, o rei Sidhe Manannan Mac Lir se cansou de sua esposa Fand, que foi então para a Irlanda na companhia de sua irmã Liban na esperança de se casar com o herói Cuchulainn. Elas assumiram a forma de dois passarinhos e pousaram num lago em Ulster, onde Cuchulainn poderia vê-las enquanto caçava. O herói tentou capturá-los, mas fracassou e, sentindo-se deprimido com isto, sentou-se ao lado de um menir (monumento megalítico de pedra) e adormeceu. Então, viu duas mulheres, vestidas em mantos de cor verde e carmesim, que se revezavam em golpeá-lo com um objeto parecido com um chicote. Depois disso, ele caiu de cama com uma doença estranha que nenhum druida ou médico da Irlanda conseguia curar.

Cuchulainn passou um ano doente sem falar com ninguém. Então, um mensageiro desconhecido veio até ele e cantou uma canção prometendo curá-lo de seu mal se ele aceitasse visitar as filhas de Aed Abrat no outro mundo a convite delas. Voltando ao local onde havia caído doente, ele viu a mulher com o manto verde outra vez.



Identificando-se como Liban, ela pediu-lhe que a acompanhasse até a Planície do Deleite para lutar contra os inimigos de Labraid. Prometeu-lhe que, como recompensa, ele obteria Fand como sua esposa.

Após algum tempo, ele acedeu ao pedido, derrotou os inimigos de Labraid e passou um mês no outro mundo com Fand. Retornando, então, à Irlanda, logo se viu em apuros com sua esposa Emer, que estava morrendo de ciúme de Fand. Emer obteve com os druidas uma bebida capaz de fazer Cuchulainn se esquecer de tudo acerca do outro mundo, e Manannan Mac Lir resolveu pegar Fand de volta. Deste modo, o rapto de Cuchulainn para o reino das Sidhe foi relativamente breve.

O outro mundo dos celtas tem diversos nomes, tais como Avalon, Tir na nog (Terra da Juventude) e Planície do Deleite. Examinando as histórias, fica claro que este reino teria de existir numa dimensão superior. Para atingi-la, é preciso ir ao lugar certo no espaço tridimensional, para em seguida viajar segundo uma estratégia mística que foge ao nosso entendimento. Podemos falar aqui de uma dimensão de viagem suplementar, além das três que já conhecemos.

Já que é possível atingirmos o outro mundo saindo deste por intermédio de uma viagem mística, podemos considerar este outro mundo uma realidade paralela. Para entendermos esta idéia, basta imaginarmos alguém pulando para a frente e para trás entre dois planos paralelos e próximos entre si. Os planos representam as realidades

paralelas, e o pulo corresponde à viagem supradimensional.

Além de introduzir a idéia do outro mundo celta, a história de Cuchulainn tem uma série de características que afloram tanto em relatos contemporâneos quanto em relatos védicos. Uma delas é a idéia de uma bebida que induz à amnésia. Jenny Randles, por exemplo, descreve um caso ocorrido na Inglaterra em 19 de junho de 1978 e um outro, na Rússia, em maio de 1978, nos quais foi usada uma bebida salgada para fazer as testemunhas se esquecerem do acontecido no contato com os óvnis. Diversas outras testemunhas de óvnis, salienta ela, têm descrito uma bebida semelhante, que parece atuar como um agente indutor da amnésia.

A literatura védica contém muitos relatos sobre seres dotados de faculdades místicas e capazes de projetar formas ilusórias de animal semelhantes às formas de passarinho de Fand e Liban. Apesar de parecerem de todo mitológicas do ponto de vista moderno, semelhantes histórias têm seus paralelos em relatos sobre óvnis. Budd Hopkins, por exemplo, apresenta diversos casos de entidades ufológicas que parecem tapear suas testemunhas fazendo uso de formas ilusórias de passarinhos ou animais (veja páginas 290-92).

Outro paralelo védico à história de Cuchulainn é estabelecido por relatos de heróis terrestres que são levados aos planetas celestiais para travarem batalhas em nome dos devas. Um destes heróis é Arjuna, cujas viagens ao reino de Indra foram

analisadas no Capítulo 7 (páginas 322-25). Outro deles é um antigo rei chamado Mucukunda:

Ao serem aterrorizados pelos demônios, Indra e os demais semideuses rogaram pela proteção de Mucukunda, que os defendeu por muito tempo. Quando Kãrttikeya passou a atuar como general dos semideuses, estes disseram a Mucukunda: "Ó rei, podes agora desvencilhar-te de teu incômodo dever como nosso guardião. Ao abandonares um reino invencível no mundo dos homens, Ó valente, não fizeste caso de todos os teus desejos pessoais enquanto estiveste nos protegendo. Os filhos, rainhas, parentes, ministros, conselheiros e súditos que foram teus contemporâneos não vivem mais. Foram todos varridos pelo tempo."

## **Dilatação do tempo**

Isto nos remete a outro tema comum em histórias, tanto védicas quanto celtas, de viagens místicas — a idéia de a passagem do tempo ser mais lenta no outro mundo do que em nosso mundo. A história celta de Ossian ilustra este fato.

Uma bela princesa Sidhe seduziu Ossian a vir para seu mundo, Tir na nog, onde ele se casou com ela e viveu durante trezentos de nossos anos. Finalmente, porém, ele sentiu um desejo irresistível de regressar à Irlanda e participar dos conselhos da Confraria Feniana (associação revolucionária irlandesa formada com o fim de separar a Irlanda da Inglaterra). Partiu montado no

mesmo cavalo branco que o levara ao outro mundo, e a fada sua esposa preveniu-o de que não pusesse os pés em terra firme.

Ao chegar à Irlanda, ele saiu à procura da Confraria, mas soube da morte de todos os seus antigos companheiros e das muitas mudanças por que passara o país. Só então se deu conta do longo tempo que estivera afastado dali. Por infortúnio, em certa ocasião, um incidente o fez desmontar do cavalo e, tão logo tocou em terra firme, transformou-se num velhinho débil e cego. Muitas histórias do folclore europeu apresentam elementos semelhantes, inclusive a passagem para um outro mundo e o envelhecimento ou morte do protagonista tão logo este percebe quanto tempo se passou em nosso mundo durante sua ausência. Eis uma história semelhante que remonta ao início do século XIX. No Vale de Neath, País de Gales, dois fazendeiros chamados Rhys e Llewellyn caminhavam de volta para casa certa noite. Um misterioso som de música atraiu a atenção de Rhys, mas Llewellyn nada ouviu. Assim, Llewellyn retomou o caminho de casa enquanto Rhys ficou para trás para dançar ao som da melodia que ouvira. No dia seguinte, como Rhys não aparecesse, após uma busca infrutífera, prenderam Llewellyn por suspeita de assassinato. Contudo, um conhecedor de lendas de fadas adivinhou o que acontecera. À conselho dele, um grupo de homens acompanhou Llewellyn até o local onde Rhys fora visto pela última vez. Ali, Llewellyn logrou ouvir o som de harpas porque seu pé estava tocando um "anel-de-fada". Bastou cada

um dos outros membros do grupo tocar o pé de Llewellyn para também lograr ouvir a música e ver muitas fadas dançando num círculo. Rhys estava entre elas. Ao ser puxado para fora do círculo por Llewellyn, Rhys declarou ter estado dançando por apenas cinco minutos. Como nada o convencesse de que tanto tempo se passara, ele caiu em depressão, adoeceu e em breve morreu.

Se nos voltamos para o folclore chinês, encontramos um paralelo com a história de Ossian, com seu lapso de tempo de centenas de anos. Existe um livro intitulado *The Report Concerning the Cave Heavens and Lands of Happiness in Famous Mountains*, de Tu Kuang-t'ing, que viveu de 850 a 933 d.C. Este livro relaciona dez "paraísos subterrâneos" e 35 "pequenos paraísos subterrâneos" que, segundo se supõe, teriam existido debaixo das montanhas da China. Eis o relato das experiências vividas por um homem ao transpor uma passagem que levava a um destes paraísos subterrâneos:

Após caminhar vinte quilômetros, ele se viu subitamente numa bela região "com um límpido céu azul, brilhantes nuvens róseas, flores fragrantes, salgueiros enormes, torres da cor do cinabre, pavilhões de jade vermelho e amplos palácios". Foi recebido por um grupo de mulheres amáveis e sedutoras, que o trouxeram para uma casa de jaspe e tocaram belas melodias para ele enquanto ele tomava "uma bebida vermelha como o rubi e um suco da cor do jade". Tão logo sentiu o impulso de se deixar seduzir, lembrou-se de sua

família e voltou para a passagem. Conduzido por uma luz estranha a dançar em sua frente, caminhou de volta pela caverna até o mundo exterior; mas, chegando a sua aldeia natal, não reconheceu ninguém que tivesse visto e, chegando em casa, encontrou seus próprios descendentes de nove gerações posteriores à sua. Segundo lhe contaram eles, um de seus ancestrais desaparecera numa caverna trezentos anos antes e jamais fora visto de novo.

Encontramos aqui o mesmo efeito de dilatação do tempo cuja ocorrência se repete tantas vezes no folclore europeu. Este efeito, além do fato de o homem se ver numa região com céu azul e nuvens, indica que a passagem subterrânea conduziu-o a um mundo paralelo.

O Bhāgavata Purāna descreve uma realidade paralela chamada Bila-svarga, ou o paraíso subterrâneo, relacionada, é claro, com a história chinesa dos paraísos subterrâneos. Bila-svarga, prossegue a descrição, é um lugar belíssimo, com cidades brilhantemente decoradas, lagos de água límpida e amplos parques e jardins. Ao mesmo tempo, não se pode ver o Sol e a Lua neste lugar, cujos habitantes não percebem a passagem do tempo. Bila-svarga se subdivide em sete mundos chamados lokas, sendo, portanto, mais que uma simples caverna subterrânea iluminada por luz artificial.

Segundo se diz, um dos lokas, Átala, é habitado por três grupos de mulheres, chamadas svairini,

kâmini e puniscali. Eis o que ocorre a um homem que logra visitar esta região:

Se um homem adentra no planeta Átala, estas mulheres o capturam de imediato e o induzem a tomar uma bebida intoxicante feita com uma droga conhecida como hâtaka [*cannabis indica*]. Este agente tóxico dota o homem de grande habilidade sexual, da qual as mulheres tiram prazeroso proveito. A fim de seduzir o homem, a mulher lança-lhe olhares atraentes, fala-lhe de coisas íntimas, sorri para ele com amor e depois o abraça. Desta maneira, ela o induz a fazer sexo com ela para plena satisfação dela. Em virtude do aumento de sua força sexual, o homem se julga mais forte que dez mil elefantes e se considera pleno. De fato, iludido e inebriado pelo falso orgulho, ele julga ser Deus, ignorando a morte iminente.

É significativo o fato de esta tradução se referir a Átala como a um "planeta". A palavra loka é às vezes traduzida como "sistema planetário", ao passo que os sete lokas de Bila-svarga são chamados de "sistemas planetários inferiores". Segundo indica o Bhāgavata Purāna, o Bila-svarga se estende por todo o plano do sistema solar, motivo pelo qual é chamado de svarga, ou céu (veja página 283). No entanto, é possível atingi-lo adentrando na terra, mediante o uso de modalidades supradimensionais de viagem e, neste sentido, ele é bila, ou subterrâneo.

A literatura védica aponta a existência de uma hierarquia de sistemas planetários, os quais podemos considerar como mundos paralelos. O sistema mais elevado é Brahmaloça, o mundo de Brahmã, onde se manifesta o grau mais extremo de dilatação do tempo em relação à Terra. Em outros sistemas planetários, os intermediários, manifestam-se graus intermediários de dilatação do tempo.

A história a seguir ilustra a dilatação do tempo em Brahmaloça. Esta história começa mencionando um reino submarino chamado Kusasthali, o qual parece envolver uma realidade paralela por si só. Os protagonistas da história são membros da Sürya-vamsa, uma dinastia que descende de Sürya, o deva regente do Sol. Apesar de serem considerados humanos, eles eram dotados de faculdades místicas às quais os humanos normais de hoje não têm acesso. Um deles, um rei chamado Kakudmi, logrou viajar até o mundo de Brahmã, onde experimentou a escala de tempo de Brahmã:

Ó Mahãrãja Pariksit, subjugador dos inimigos, este Revata construiu um reino conhecido como Kusasthali nas profundezas do oceano. Ali ele viveu e governou regiões tais como snarta etc. Ele teve cem ótimos filhos, o mais velho dos quais era Kakudmi.

Levando Revati, sua própria filha, consigo, Kakudmi foi ter com o Senhor Brahmã em Brahmaloça, que é transcendental aos três modos da natureza material, para lhe pedir um esposo



para ela. Quando Kakudmi chegou lá, o Senhor Brahmã, entretido com um concerto dos gandharvas, não o atendeu de imediato. Por isso, Kakudmi teve de esperar o final do concerto para prestar suas reverências ao Senhor Brahmã e assim lhe apresentar seu desejo há muito acalentado.

Após ouvir as palavras de Kakudmi, o Senhor Brahmã, que é muito poderoso, deu uma boa gargalhada e disse-lhe: "Ó rei, todos aqueles a quem porventura teu coração resolveu aceitar como candidatos a teu genro já faleceram. Vinte e sete catur-yugas já transcorreram. Aqueles que poderias ter escolhido já partiram, bem como os filhos, netos e demais descendentes deles. Nem mesmo os nomes deles lograrás voltar a ouvir."

Em textos sânscritos tradicionais, um catur-yuga equivale a 4.320.000 anos. Com esta informação, podemos calcular a taxa de dilatação do tempo em Brahmaloaka. Se o concerto dado pelos gandharvas durou cerca de uma hora pela escala de tempo de Brahmã, então, aquela hora deve corresponder a 27 vezes 4.320.000 anos da Terra. Por coincidência, este cálculo corresponde aproximadamente a um cálculo de dilatação do tempo baseado em outra história envolvendo Brahmã.

Trata-se da história da Brahma-vimohana-lilã, ou de quando Krsna confunde a mente de Brahmã. Há alguns milhares de anos, Krsna desceu à Terra como um avatãra e brincava como um vaqueirinho, apascentando bezerros na floresta de Vrndãvana (que fica ao sul da Nova Déli de hoje).

Com o intuito de pôr a potência de Krsna à prova, Brahmã usou seu poder místico para roubar os bezerros e vaqueirinhos companheiros de Krsna e escondê-los em vida latente num lugar ermo. Em seguida, afastou-se durante um ano do tempo terrestre para ver o que aconteceria.

Krsna reagiu ao truque de Brahmã, expandindo-se em cópias idênticas dos bezerros e meninos. Regressando para ver o que havia acontecido, Brahmã viu Krsna brincando com os meninos e bezerros exatamente como antes, o que o deixou sobremaneira confuso. Ao verificar os meninos e bezerros que havia escondido, ele descobriu serem indistinguíveis daqueles que brincavam com Krsna, e ficou sem entender como aquilo fora possível. Por fim, Krsna revelou a Brahmã que aqueles meninos e bezerros eram na verdade idênticos a Ele próprio, e concedeu a Brahmã uma visão direta do mundo espiritual.

Bem, acontece que, muito embora Brahmã tivesse se ausentado da Terra durante um ano, pela sua escala de tempo apenas um instante se passara. A palavra sânscrita aqui usada para indicar um instante é truti. Apesar de haver diversas definições para um truti, o texto de astronomia védica chamado Sūrya-siddhānta define um truti como sendo  $1/33.750$  segundos. Logo, um ano da Terra corresponde a  $1/33.750$  segundos do tempo de Brahmã.

Conforme salientei, a visita do rei Kakudmi a Brahmāloka durou 27 vezes 4.320.000 anos da Terra. Se multiplicarmos isto por  $1/33.750$ , teremos que, no tempo de Brahmã, a visita do rei

Kakudmi durou 3.456 segundos, ou pouco menos de uma hora. Isto é compatível com o fato de o rei ter precisado esperar um concerto terminar para poder ter uma breve conversa com o Senhor Brahmã.

A propósito, após ter se encontrado com Krsna, Brahmã devolveu a consciência normal aos vaqueirinhos originais. Para espanto deles, descobriram ter tido um ano de "tempo perdido".

## **Reinos paralelos e óvnis**

Há relatos contemporâneos de experiências nas quais uma pessoa parece fazer um breve ingresso em outro mundo para em seguida voltar a nosso mundo comum e descobrir ter transcorrido muito tempo. Como a história de Rhys e Llewellyn, a ocorrência destas histórias é típica do contexto de sistemas de crenças tradicionais envolvendo seres com poderes místicos.

Em junho de 1982, na Malásia, por exemplo, uma menina de doze anos chamada Maswati Pilus dirigia-se ao rio às dez horas para lavar algumas roupas. Subitamente, deparou com um estranho ser feminino do seu mesmo tamanho que a convidou a visitar outra terra. "Ela não sentiu medo algum e foi parar num lugar belo e brilhante. (...) Era como se o tempo tivesse passado zunindo." Dois dias depois, alguns parentes a encontraram jazendo inconsciente na mesmíssima área onde a estiveram procurando freneticamente nos últimos dois dias! Na Malásia, estes seres são

chamados bunians e, segundo se diz, eles costumam raptar crianças. No entanto, os óvnis não estão associados a estes seres, tanto que, segundo relata Jenny Randles, uma busca de casos de rapto por óvni na Malásia resultou infrutífera.

Em suma, a história de Ossian é típica de lendas célticas sobre fadas pelo fato de ocorrer numa realidade paralela, além de envolver um efeito de dilatação do tempo em virtude do qual passa mais lentamente no mundo paralelo do que no mundo comum. Encontramos a mesma coisa na história da caverna chinesa e em muitos relatos védicos. Tanto a história de Rhys e Llewellyn quanto a história de Maswati Pilus envolvem uma realidade paralela que parece ter um vínculo direto com o mundo que conhecemos, além de apresentarem um moderado efeito de dilatação do tempo.

Tanto quanto sei, não há paralelos diretos entre relatos sobre óvnis e as histórias de Ossian, Rhys e Llewellyn, e Maswati Pilus, nas quais ocorre o ingresso explícito num mundo paralelo. Quem experimenta contatos com óvnis é às vezes transferido para um estado que o capacita a atravessar paredes. Há também histórias de pessoas levadas, a bordo de óvnis, para estranhíssimos lugares desconhecidos, tais como o reino subterrâneo descrito por Betty Andreasson. Entretanto, é difícil dizer se estes lugares ficam na Terra, em outro planeta ou em outra dimensão. Mesmo experiências extra-corporais (EEC) a bordo de óvnis poderiam estar ocorrendo num espaço tridimensional comum, uma vez que EECs de pacientes cardíacos vendo seus próprios corpos

inconscientes acontecem, de fato, em corriqueiros quartos de hospital. (A relação entre EECs e óvnis é analisada no Capítulo 10.)

Como Betty Andreasson relatou ter atravessado uma porta fechada de sua casa e depois passar normalmente por uma porta aberta do óvni estacionado do lado de fora, pode-se argumentar que talvez o próprio óvni existisse em outra dimensão. Neste caso, seria possível dizer o mesmo a respeito do reino subterrâneo por ela visitado mais tarde. Também é possível, é claro, que Betty recuperasse um estado físico normal após atravessar a porta e entrasse num óvni feito de matéria normal no espaço tridimensional comum.

Talvez o mais forte dos argumentos vinculadores de relatos sobre óvnis a relatos sobre realidades paralelas seja que ambos envolvem seres com poderes místicos semelhantes e modalidades semelhantes de comportamento. Se determinados seres podem atuar num mundo paralelo e se outros seres semelhantes atravessam paredes e pilotam naves aéreas que parecem violar as leis da física, talvez, então, as naves aéreas também possam atravessar mundos paralelos. Talvez, elas também tiveram sua origem nesses mundos.

Uma vez tomado este passo, pode-se colocar o seguinte argumento adicional: é imenso o número total de contatos com óvnis relatados e autenticados, devendo ser maior ainda o número total de contatos ocorridos de fato. Segundo parece, estas operações devem representar um grande fardo para as entidades ufológicas, se é

que as mesmas precisam se transferir regularmente de outro planeta para a Terra por meio de viagens tridimensionais comuns e limitadas à velocidade da luz. Porém, se elas vivem numa realidade paralela, não precisam viajar longas distâncias para chegar até nós.

Seria possível argumentar, é claro, que elas teriam como viajar de outras estrelas mediante um processo rápido, conveniente e capaz de evitar a limitação da velocidade da luz. Mas, com isto, outros sistemas estelares se tornariam, de fato, mundos paralelos diretamente vinculados a nosso próprio mundo. Talvez a idéia védica dos planetas celestiais subterrâneos seja semelhante a esta. Eles são planetas (lokas) e estão nos céus. Se bem que também seja possível chegar até eles num piscar de olhos, adentrando na terra.

## **A raridade das naves aéreas em tradições ligadas a fadas**

No Capítulo 7, salientei existirem muitas referências, na literatura védica, a naves aéreas chamadas vimãnas. Muitos vimãnas, além de serem bem parecidos com os óvnis, são pilotados por humanóides dotados de faculdades semelhantes àquelas atribuídas a entidades ufológicas. Existem, ainda, paralelos substanciais entre relatos sobre humanóides na literatura védica e relatos correspondentes no folclore europeu. Neste folclore, contudo, são relativamente poucas as descrições de naves

aéreas dignas de nota. Por que motivo não é comum constarem aeronaves no material europeu? Segundo sugerem os dados disponíveis, isto poderia envolver um fenómeno cultural. Sabemos que algumas culturas humanas usam aviões, enquanto outras ainda hoje não o fazem. De forma semelhante, talvez alguns grupos de humanóides façam uso de naves aéreas, enquanto outros talvez não. Entre estes últimos podem estar incluídos os seres místicos interdimensionais mencionados no folclore europeu ainda existente. Seres semelhantes mencionados na literatura védica (tais como os nãgas analisados a seguir, páginas 356-58) também parecem ter passado sem naves aéreas. Ao mesmo tempo, outros seres, tais como os devas, gandharvas e dānavas, sempre fizeram amplo uso de diferentes espécies de vimānas.

Em seu livro *Dimensions*, sobre os ovnis e o folclore europeu, Jacques Vallee diz ser a moderna crença em discos voadores, "idêntica" à antiga crença nas fadas. Em apoio a esta idéia, Vallee apresenta muitos exemplos mostrando paralelos entre o comportamento e os poderes das fadas, por um lado, e os das entidades ufológicas, por outro. No entanto, ele dá poucos exemplos de fadas usando veículos aéreos.

Mas dá um exemplo extraído do livro *Entretiens sur les Sciences Secrètes* (Entrevistas sobre as ciências ocultas), escrito na França do século IX. Ele fala de quatro pessoas que foram raptadas e levadas embora em naves aéreas:

Certo dia, entre outros casos, ocorreu em Lyons de três homens e uma mulher serem vistos descendo destas naves aéreas. Toda a cidade se reuniu em volta deles, gritando que eram magos enviados por Grimaldus, duque de Beneventum, inimigo de Carlos Magno, para destruir as colheitas francesas. Em vão os quatro tentaram provar sua inocência dizendo serem camponeses como os demais presentes e terem sido levados embora pouco antes por homens miraculosos que lhes haviam mostrado maravilhas jamais vistas, e arremataram confessando terem desejado lhes fazer um relato do quanto haviam visto. O populacho frenético (...) estava a ponto de lançá-los à fogueira quando o digno Agobard, bispo de Lyons, (...) tendo ouvido as acusações do povo e a defesa dos acusados, pronunciou em tom grave que tanto uns quanto outros eram falsos.

A história se refere aos "homens miraculosos" como silfos, uma classe de seres que, segundo achava Paracelso, habitava a atmosfera da Terra e tinha a faculdade de aparecer e desaparecer à vontade perante os humanos.

Mais adiante em seu livro, Vallee diz: "Ainda não tive oportunidade de extrair do folclore popular histórias apoiando de forma mais direta a idéia de que, no decorrer da história, têm-se visto estranhos objetos voadores associados às fadas. Passemos, pois, a esclarecer este ponto." Todavia, no prosseguimento do texto, infelizmente, Vallee não dá exemplos de objetos parecidos com óvnis e associados a contos de fada tradicionais.



Seu exemplo mais aproximado foi o de uma "carruagem com rodas lamuriantes", a qual subia uma colina com espantosa velocidade, sendo puxada por tradicionais anões peludos de um tipo conhecido como farfadets. Isto foi visto numa noite, por volta de 1850, por um grupo de mulheres perto do rio Egray, na França. Segundo asseveraram as mulheres, a estranha carruagem "saltou por sobre o parreiral e perdeu-se na noite". Vallee parece ter encarado a carruagem como um óvni típico. Entretanto, o espantoso aqui não é a carruagem, mas sim os seres que a puxavam. Ainda que tivesse propriedades extraordinárias — tais como a antigravidade —, a carruagem foi, mesmo assim, descrita como um veículo de rodas movido ao ser puxado. Isto em nada corresponde à descrição de óvnis típicos.

Vallee também cita Evans-Wentz a respeito de uma batalha aérea das fadas, observada durante a escassez de batata na Irlanda de 1846-47. A testemunha desta batalha disse: "Eu vi as fadas e centenas de pessoas além de mim os viram lutando no céu acima de Knock Ma e na direção de Galway." Mas não seria justificável concluir que as fadas estivessem lutando a bordo de óvnis. Com certeza, a testemunha falava de seres sob forma humana que pareciam se locomover diretamente pelo ar e lutar entre si.

Segundo consta, também os supramencionados silfos da França do século IX marchavam no ar em exércitos. De acordo com a história: "Estes seres foram vistos no ar sob forma humana, às vezes em formação de combate marchando disciplinados,

detendo-se prontos para o combate ou acampados debaixo de tendas magníficas; às vezes a bordo de naves aéreas de arquitetura maravilhosa, cujos esquadrões voadores vagueavam segundo a vontade dos zéfiros." De fato, há muitas histórias de exércitos vistos no céu. Três explicações possíveis para isto são: (1) os exércitos aéreos são ilusões criadas por efeitos naturais de miragem, (2) são ilusões geradas por poder místico, e (3) são formados por seres que se valem de poderes de levitação para lutarem de verdade na atmosfera.

A explicação (1) seria adequada se os exércitos aéreos fossem meras visões vagas. Sendo assim, talvez a imaginação humana estivesse convertendo algum efeito natural de miragem para uma visão ilusória de exércitos no céu. Por outro lado, a explicação (2) seria justificável se os exércitos fossem claramente visíveis. É significativo o fato de miragens notáveis serem conhecidas pelo nome Fata Morgana, que é a forma latina de Morgan le Fay, o nome da fada irmã do rei Artur. Portanto, existem extraordinárias miragens naturais, semelhantes a cidades ou exércitos no céu, além de haver uma tradição indicando o poder das Sidhe de projetar fabulosas ilusões aéreas.

William Corliss compilou muitos exemplos de miragens e efeitos atmosféricos incomuns. Eis um exemplo de um exército ilusório visto da terra em Westphalia, Alemanha, em 1854:

No dia 22 do mês passado, um surpreendente prodígio da natureza foi visto por muitas pessoas

em Buderich, uma aldeia entre Unna e Werl. Pouco antes do pôr-do-sol, um exército, de extensão ilimitada, consistindo em infantaria e cavalaria e um enorme número de carroças, foi visto enquanto atravessava a região a marchar. Todas estas aparições foram vistas de forma tão nítida que se podia distinguir até o reluzir dos arcabuzes e a cor do uniforme da cavalaria, que era branca. A formação inteira avançava na direção da floresta de Schafhauser e, assim que a infantaria adentrou na mata e a cavalaria se aproximou, uma fumaça espessa as escondeu de uma vez junto das árvores. Também duas casas, em chamas, foram vistas com a mesma nitidez. Ao pôr-do-sol, todo o fenômeno se esvaiu. Quanto ao fato, o governo reuniu provas de cinqüenta testemunhas oculares, que prestaram seus depoimentos a respeito desta extraordinária aparição.

Observe-se, segundo o depoimento das testemunhas, o fato de o exército estar equipado com armas típicas daquele período do século XIX. Quanto à literatura védica, sabe-se da faculdade, de diversos tipos humanóides, para projetar espantosas ilusões capazes de afetar um grande número de pessoas de uma vez só. Um dos nomes para semelhantes ilusões é gandbarva-pura, que significa "cidade dos gandharvas" e se refere à imagem de uma cidade flutuante. Ao mesmo tempo, os textos védicos também descrevem cidades voadoras de verdade e batalhas cujos combatentes fazem manobras no ar, valendo-se de suas faculdades de levitação. Um exemplo disto seria a batalha entre Arjuna e os soldados de

Hiranyapura mencionada no Capítulo 7 (páginas 315-17). Não seria provável, é claro, que tais batalhas fossem travadas com armas semelhantes àquelas da sociedade humana contemporânea.

Concluindo, os exércitos aéreos, bem diversamente dos veículos vistos em contatos típicos com óvnis, em geral não passam de ilusões. Ao mesmo tempo, talvez alguns relatos sobre óvnis envolvam ilusões elaboradas. Um exemplo disto seriam os helicópteros ilusórios com rotores engrenados relatados pelo jornalista Ed Conroy (páginas 384-85). Outro exemplo é a história de Kathie Davis, testemunha apresentada por Budd Hopkins, sendo atraída à noite até algo semelhante a uma lanchonete que na verdade revelou ser um óvni estacionado. É bem possível que os exércitos ilusórios e as ilusões projetadas pelos óvnis sejam fruto do uso de tecnologia parecida, podendo, inclusive, terem sido produzidos por seres do mesmo tipo.

Ainda em sua seção sobre óvnis constantes em material folclórico, Vallee menciona a visão, em 1790, perto de Alençon, França, de uma esfera ígnea se locomovendo em grande velocidade e fazendo um zunido, para em seguida aterrissar e incendiar plantas. Um homem assoma de uma porta na esfera, vestindo um collant. Fala algumas palavras incompreensíveis para o grupo de observadores presente e foge para a floresta. Então, a esfera explode sem o menor ruído e arde em chamas. Embora tenhamos aqui um relato antigo do que parece alguma espécie de acidente

com óvni, não temos motivo para vinculá-lo aos contos de fadas tradicionais.

Vallee também faz algumas referências interessantes a histórias de tradições não-européias semelhantes a relatos sobre óvnis. Conforme contam os índios Paiute, por exemplo, a Califórnia foi outrora habitada pelos chamados Hav-Masuv's, um grupo civilizadíssimo. Este povo "usava 'canoas voadoras', que eram prateadas e tinham asas. Elas voavam à maneira de águias e faziam um zunido. Além disso, usavam uma arma muito estranha: um tubinho que poderia ser seguro pela mão e estonteava os inimigos, causando-lhes prolongada paralisia e a sensação de serem atingidos por uma chuva de espinhos de cacto". Estes tubos estonteadores são vez por outra mencionados em relatos sobre óvnis.

No conjunto do material folclórico levantado por Vallee, embora sejam bem raras, há algumas referências a naves aéreas parecidas com os óvnis contemporâneos. Isto parece se aplicar em especial ao folclore celta. No entanto, os humanóides descritos no folclore europeu apresentam, na verdade, muitos traços típicos dos humanóides associados aos óvnis.

## **Fadas e nãgas**

Nesta seção, procurarei estabelecer um elo explícito entre as fadas européias e algumas das raças humanóides mencionadas na literatura védica. Para se poder estabelecer este elo, cumpre

registrar que, por tradição, as fadas eram associadas à colheita de cereais. Sobre isso, Robert Rickard observa: "Em todo o âmbito das culturas indo-européias, davam-se às fadas dízimos de milho e leite à época da colheita, à qual elas presidiam." Não surpreende o fato de o arcebispo Agobard ter se referido a uma idéia afim na história dos silfos da França do século IX:

Temos visto e ouvido muitos homens mergulhados em tamanha estupidez, afundados em tamanhas profundezas de insensatez que chegam a acreditar existir uma certa região, a qual chamam de Magonia, onde navios singram nas nuvens a fim de trazer de volta para a referida região aqueles frutos da terra que são destruídos pelo granizo e as tempestades; os tais navegadores pagam recompensas aos feiticeiros das tempestades, recebendo em troca milho e outros produtos.

Já, na Índia, é sabido que uma raça de seres chamados nãgas está associada à colheita. Não se deve confundir estes nãgas com os povos tribais da atual Nagalândia. Segundo consta, os nãgas são uma raça não-humana descendente do sábio celestial Kasyapa e sua esposa Kadrü. Eles são descritos ora como tendo forma de serpente, ora tendo forma humana. Parecem ter o poder de assumir ou projetar diversas formas. Os nãgas também têm os poderes místicos comuns, tais como a capacidade de viajar através da matéria sólida e de aparecer e desaparecer. Vivem dentro da terra ou em corpos aquáticos, estando talvez relacionados aos dragões da tradição chinesa.

A Rãja-tarangini de Kalhana é uma história de Caxemira escrita por volta do século XI d.C. Nela, encontramos o seguinte relato sobre os nãgas. O cenário do acontecido é uma bela cidade em Caxemira, fundada por um rei chamado Nara, ou Kimnara:

Numa das aprazíveis lagoas do principal parque da cidade moravam o nãga Suãravãs e suas duas belas filhas. Certo dia, num arvoredo perto desta lagoa, descansava um pobre brãhmana chamado Visãkha. Ele ia beber água de uma fonte quando dela assomaram duas belas mocinhas, que, parecendo ignorá-lo, puseram-se a comer sofregamente vagens da grama kac-chaguccha que dava em abundância por ali. O brãhmana, reunindo coragem, perguntou-lhes o motivo de sua pobreza. Assim, ficou sabendo serem elas as filhas do nãga Suãravãs, às quais cabia uma parte do rico cultivo semeado nas redondezas de Kimnarapura. Porém, como lhes fosse permitido pegar a sua cota só após o guarda florestal partilhar cada nova colheita, elas estavam naquele estado de penúria porque o referido guarda fizera um voto de não comer um grão sequer das novas safras.

O jovem brãhmana, apiedando-se delas, furtivamente colocou um pouco de milho fresco na panela do guarda florestal em um determinado dia. Tão logo o guarda tocou na comida, o nãga se apossou da rica colheita ao redor da cidade, lançando raios e tempestades sobre ela. Em

gratidão, o nãga concedeu a mão de uma de suas filhas em casamento ao brãhmana.

O feliz casal viveu em paz na cidade por algum tempo, até que o rei Nara, sabendo da beleza da esposa do brãhmana, tentou seduzi-la se valendo de seus emissários. Fracassado este plano, ele tentou raptá-la à força, mas dessa vez Visãkha e sua esposa correram o mais que puderam e mergulharam na lagoa onde o nãga Suãravã morava. Furioso, o nãga destruiu Kimnarapura com uma terrível tempestade. Depois disso, o nãga, sua filha e o genro criaram, para residir, um lago de "brancura cintilante parecido com um mar de leite", conhecido até hoje como Sesanãga.

Esta história tem três aspectos que a associam aos contos de fada europeus: (1) os nãgas partilham das colheitas humanas, (2) seres humanos podem se casar com mulheres da raça nãga, e (3) um ser humano pode viver com os nãgas no mundo. Visto ter o brãhmana conseguido viver com sua esposa nãga no fundo de um lago, podemos entender que eles viviam numa realidade paralela vinculada ao lago, e não simplesmente nas águas do lago. Também é interessante observar que, por um lado, os nãgas tinham o poder de criar tempestades para se apossarem das colheitas e, por outro, o arcebispo Agobard falava de feiticeiros da tempestade que pareciam fazer o mesmo.

## **Os nãgas de Caxemira**



Tem havido alguma controvérsia sobre se as entidades ufológicas provêm de outros planetas ou de domínios supradimensionais da Terra. De acordo com os textos védicos, ambas as possibilidades poderiam ser verdadeiras. Existem seres parecidos com os humanos que vivem em outros planetas e às vezes visitam a Terra, quer a bordo de veículos chamados vimãnas, quer se valendo de seu próprio poder. Existem seres semelhantes habitando diversos reinos terrestres aos quais a maioria dos humanos não tem acesso. Além disso, alguns grupos de seres têm vivido tanto na Terra quanto em outros planetas ao longo de sua história.

Os nãgas se enquadram nesta última categoria. No Nilamat Purãna, há um relato parcial da história deles na Terra e de suas relações com os seres humanos. Este Purãna, dedicado à história de Caxemira, apresenta os regulamentos estipulados por Nila, filho do sábio celestial Kasyapa e rei dos nãgas de Caxemira. Ele proporciona uma interessante perspectiva da visão védica da antiga história humana e transumana.

Hoje em dia, Caxemira fica num vale rodeado por uma cadeia ininterrupta de montanhas, à exceção de um único desfiladeiro ao sul, pelo qual passa o rio Jhelum. Segundo o Nilamat Purãna, outrora o desfiladeiro não existia, e o vale de Caxemira era um lago chamado Satisaras. Este nome foi uma homenagem a Sati, a esposa do Senhor Siva, que às vezes passeava de barco por ele.

Certa feita, um ser demoníaco chamado Jalodbhava (significando "surgido das águas")

fixou residência no lago, de onde emergia de quando em quando para devastar as regiões circunvizinhas. Solicitado pelos devas a destruir o demônio, o Senhor Visnu assentiu. Para este fim, Seu irmão Balabhadra drenou o lago, fendendo a cadeia de montanhas e delimitando o vale ao sul. Então, enquanto os devas assistiam dos circundantes picos das montanhas, Visnu atacou o demônio, agora em desvantagem por ter sido privado de seu elemento natural.

Após a morte de Jalodbhava, os pisãcas e os descendentes de Manu (seres humanos) foram assentados no vale recém-drenado pelo sábio Kasyapa. Os nãgas, que eram os habitantes originais da região, fixaram suas moradas em lagos e fontes, enquanto outros seres femininos assumiram suas posições como deusas dos rios recém-formados.

Os pisãcas se adaptaram às condições de frio extremo que prevaleciam no vale àquela época. Devido ao rigor do clima, a princípio os humanos só conseguiam viver lá durante os meses do verão. Por fim, contudo, o brâmane Candradeva adquiriu uma série de ritos pela graça de Nila Nãga. Estes ritos libertaram a região dos pisãcas e do frio extremo, após o que os humanos passaram a viver ali em caráter permanente. Mais tarde, o vale ficou conhecido como Caxemira, um nome derivado de Kashaf Mar, que quer dizer a casa de Kashaf.

O vale de Caxemira foi de fato um lago no período pleistoceno da história geológica. O vale é formado de camadas sedimentares chamadas

karewas, as quais muitos geólogos têm interpretado como sendo depósitos de lago de água doce. Apesar de alguns geólogos terem interpretado serem estas camadas depósitos de rio, a declaração a seguir parece resumir as opiniões atuais sobre o assunto: "Neste caso, pode-se declarar com toda certeza e sem a menor hesitação que os sedimentos karewa ora investigados pertencem a origem lacustre de água doce e de clima mais frio."

Segundo os geólogos, o lago continuou no lado himalaico do vale até fins do período pleistoceno, após o que foi drenado pela formação do rio Jhelum no lado sul do vale. Segundo indica a datação por radiocarbono, isto aconteceu há mais de 31 mil anos.

Isto se deu antes da época em que se acredita terem chegado à região os primeiros seres humanos sob a forma atual. Como, então, explicar a tradição segundo a qual o vale teria outrora sido o leito de um lago? Conforme opinam alguns, os primeiros povos a viverem em Caxemira teriam deduzido a presença anterior de um lago baseados em provas geológicas. No entanto, como indicam as discordâncias entre os geólogos da atualidade, a interpretação de semelhantes provas está longe de ser óbvia. (E algumas das provas consistem nas conchas de criaturas aquáticas microscópicas chamadas ostracódios, só visíveis com o auxílio de microscópios.) Portanto, é bem possível que as tradições tenham sido transmitidas a partir da experiência histórica concreta da drenagem do antigo lago.

Quer se possa demonstrar isto ou não, o importante é que o Nilamat Purãna se refere a quando Caxemira era uma morada de devas, nãgas e outras inteligentes raças não-humanas dotadas de faculdades místicas sobre-humanas. Todos estes seres eram descendentes de sábios celestiais, como Kasyapa, e estes sábios eram, por sua vez, descendentes de Brahmã, a primeira criatura do universo. A raça humana era de igual maneira descendente de seres celestiais e, num determinado momento, os humanos foram assentados no vale por Kasyapa, o sábio regente daquela região.

Esta história se assemelha à história celta da Irlanda. Lá, a terra também esteve em posse de uma raça de seres dotados de faculdades místicas — os descendentes da deusa Dana. Embora os seres humanos tivessem aparecido em certo momento da história, os habitantes originais permaneceram, vivendo em seus próprios reinos supradimensionais e interagindo de maneiras variadas com seus primos humanos de corpos grosseiros. A única diferença entre os relatos celtas e os védicos é que estes são mais completos e filosóficos, com descrições pormenorizadas da relação entre a hierarquia de seres vivos dentro do universo e o transcendental Ser Supremo. As histórias celtas são fragmentárias, é claro, visto que grande parte dos ensinamentos celtas desapareceu com o advento do cristianismo na Europa.

## **Visões e milagres — o caso de Fátima**

O cristianismo é uma fonte de muitas provas de contatos entre humanos e seres parecidos com os humanos e dotados de faculdades místicas. A Igreja Católica Apostólica Romana, em especial, tem desenvolvido vasta literatura sobre este assunto — por exemplo, alguns pontos de vista católicos com respeito aos súcubos e íncubos já mencionados aqui. Farei agora uma breve análise de um exemplo de encontro com seres de natureza espiritual mais positiva. Esta é a história dos encontros ocorridos em Fátima, Portugal, em 1917, entre três crianças chamadas Lúcia, Francisco e Jacinta e uma senhora de brilhante refulgência que eles entenderam ser a Virgem Maria. Conforme veremos, esta é uma história de relevância para o tema ufológico, contando com o respaldo de uma quantidade sem precedentes de depoimentos de testemunhas oculares.

Os encontros ocorreram sempre no 13° dia do mês durante seis meses consecutivos num anfiteatro natural chamado a cova da Iria, perto da cidade de Fátima. As revelações foram feitas às três crianças na presença de uma multidão de espectadores, que aumentou muito a cada mês, à medida que se espalhou a notícia. Como apenas as três crianças tiveram as visões propriamente ditas da bela senhora, nosso conhecimento dessas visões se limita ao testemunho delas. Contudo, durante as revelações ocorreram fenômenos afins que foram

testemunhados por um grande número de pessoas.

Entre esses fenômenos estão incluídos o aparecimento de um brilhante veículo discóide e a ocorrência de uma chuva de pétalas de rosa que se esvaíam ao tocar o solo. É freqüente a menção de chuvas de pétalas em relatos védicos sobre visitas celestiais. Eis, por exemplo, um trecho da descrição da dança da rãsa de Krsna no Bhãgavata Purãna:

Os semideuses e suas esposas ansiavam testemunhar a dança da rãsa, e logo lotaram o céu com suas centenas de aviões celestiais. Ressoaram, tímpanos no céu então, enquanto caíam flores e os líderes dos gandharvas e suas esposas cantavam as glórias imaculadas do Senhor Krsna.

Quanto ao veículo aéreo, uma testemunha ocular, o Sr. J. Quaresma descreve seu aparecimento no dia 13 de setembro de 1917, como segue:

Para minha surpresa, avisto com nitidez um globo de luz avançando do leste para o oeste, deslizando lenta e majestosamente pelo ar. (...) De súbito, o globo com sua luz extraordinária desaparece mas, perto de nós, uma garotinha de cerca de dez anos grita, jubilante: "Ainda o vejo! Ainda o vejo! Está descendo agora!"

Em seu relato sobre o que sucedeu após esses eventos, Quaresma diz: "Meu amigo, entusiasmado, ia de grupo em grupo (...)

perguntando às pessoas o que elas tinham visto. Eram pessoas das mais variadas classes sociais e todas, unânimes, afirmavam a realidade dos fenômenos que nós próprios observáramos."

## **O milagre solar**

Durante uma das revelações, a menina Lúcia pedira à Virgem Maria para mostrar um milagre de modo que as pessoas incapazes de ver a divina senhora acreditassem na realidade do que estava acontecendo. O milagre se daria no dia 13 de outubro, disse-lhe a Virgem, e isto foi logo comunicado aos demais.

Naquela data, calcula-se que cerca de setenta mil pessoas se congregaram nos arredores da cova da Iria na expectativa de presenciar o milagre. O dia estava nublado e chuvoso e a multidão se amontoava sob guarda-chuvas em meio a um mar de lama. Subitamente, as nuvens se abriram e começou a se descortinar um extraordinário espetáculo solar. Descreverei este ocorrido pelas palavras de algumas das testemunhas:

Dr. Joseph Garrett, professor de ciências naturais da Universidade de Coimbra: "O disco do Sol não permanecia imóvel. Não se tratava da cintilância de um corpo celeste, pois ele girava em torno de si mesmo num rodopio louco. Repentinamente, se ouviu um clamor de todas as pessoas presentes: o Sol, rodopiando, parecia se desprender do firmamento e avançar ameaçadoramente na

direção da Terra como que para nos esmagar com seu imenso peso ígneo. A sensação durante aqueles momentos foi terrível." Dr. Formigão, professor do seminário de Santarém: "Inesperadamente, as nuvens se deslocaram e o Sol, em seu zênite, apareceu em todo o seu esplendor. Ele começou a revoltear vertiginosamente sobre seu eixo, como a mais magnífica roda de fogo que se pudesse imaginar, assumindo todas as cores do arco-íris e lançando clarões multicoloridos de luz, de efeito estarrecedor. Este espetáculo sublime e incomparável, que se repetiu três vezes distintas, durou cerca de dez minutos. A grande multidão, dominada pela evidência de prodígio tão formidável, atirou-se de joelhos ao chão."

Depoimentos semelhantes foram feitos por um grande número de pessoas, tanto da multidão reunida na cova da Iria quanto de uma área circunvizinha medindo cerca de quarenta por sessenta quilômetros. Conforme sugere a presença de testemunhas confirmadoras ao longo de uma área tão grande, não se pode explicar o fenômeno como sendo resultado de histeria coletiva. A ausência de relatos oriundos de uma área mais ampla e a completa ausência de relatos de observatórios científicos sugerem que o fenômeno se deu apenas na região de Fátima. Logo, parece haver duas possibilidades. Ou alguma intervenção inteligente providenciou extraordinários fenômenos atmosféricos para um momento anunciado de antemão ou se tomaram



providências semelhantes para que milhares de pessoas experimentassem alucinações coordenadas neste mesmo momento. Por uma interpretação ou por outra, é difícil enquadrar estes fenômenos no contexto da ciência moderna. Embora pareça haver uma quantidade extraordinária de depoimentos ratificando os incomuns fenômenos ocorridos em Fátima, também é relativamente fácil descartá-los, se assim se quiser fazer. Consideremos, por exemplo, a seguinte declaração de um jornalista cético:

Pelo que ficamos sabendo, algumas pessoas parecem ter visto o Sol sair de sua órbita normal, atravessar as nuvens e descer ao nível do horizonte. A impressão destes videntes se espalhou para outros, num esforço comum envidado no sentido de explicar o fenômeno. Muitos gritavam temendo que a estrela gigante se precipitasse na direção da Terra e para cima deles e implorando a proteção da Santa Virgem. A "hora miraculosa" passou.

Neste caso, a mera sugestionabilidade e a histeria coletiva são usadas para explicar como a imaginação fértil de poucas pessoas foi difundida e amplificada por crentes frenéticos. No entanto, isto não explica como aconteceu de muitas pessoas das comunidades circunvizinhas terem também testemunhado o espetáculo solar. Em 1960, por exemplo, o padre Joaquim Lourenço, advogado canônico da diocese de Leira, descreveu

o que viu quando menino na cidade de Alburitel, que fica a uns dezoito quilômetros de Fátima:  
Sinto-me incapaz de descrever o que vi. Olhei fixamente para o Sol, que parecia pálido e não incomodava meus olhos. Semelhante a uma bola de neve, girando em torno de si mesmo, pareceu descer de repente em ziguezague, ameaçando a Terra. Aterrorizado, corri e me escondi entre as pessoas, que choravam e esperavam o fim do mundo a qualquer momento.

Parece improvável que o fenômeno de histeria em massa ocasionasse as mesmas ilusões em Fátima, Alburitel e outras comunidades.

Os cientistas também apresentaram suas explicações. O meteorologista britânico Terence Meaden, por exemplo, projetou uma teoria explicando os famosos círculos aparecidos em campos agrícolas ingleses com base em vórtices ionizados naturais de ar (veja páginas 93-94). Segundo sua teoria, os vórtices ionizados têm a capacidade de perturbar a razão e as faculdades sensórias humanas, produzindo efeitos eletromagnéticos no cérebro. Deste modo, os vórtices ionizados podem gerar toda classe de alucinações, podendo ser invocados para explicar quaisquer depoimentos de testemunhas oculares. Eis como Meaden tratou as manifestações de Fátima:

Em nossa teoria do vórtice luminoso, encontramos uma resposta para as visões miraculosas do passado, sustentadas pela "fé" de certos

religiosos, mas por fim desacreditadas pelos não-religiosos. Um caso óbvio é a aparição de 13 de maio de 1917 na encosta de uma montanha perto de Fátima, em Portugal. A visão relatada pelas três jovens testemunhas poderia ter sido um vórtice plasmático.

Meaden explicou a sarça ardente de Moisés e a Estrela de Belém da mesma maneira. Evidentemente, Meaden não explicou o motivo para os vórtices ionizados aparecerem com pontualidade no mesmo local por diversos meses no 13º dia de cada mês. Também não explicou como tais vórtices lograram fazer as pessoas verem o espetáculo de 13 de outubro de 1917, numa extensão de área de muitos quilômetros quadrados. No entanto, em virtude de poderem soar plausíveis do ponto de vista científico, os vórtices acabam sendo usados para enquadrar observações perturbadoras num contexto familiar. Pela citação a seguir, dá para se ter uma visão clara do panorama de Meaden. Após enfatizar como os vórtices ionizados poderiam afetar pessoas sensíveis, ele observa:

Esta compreensão poderia significar um certo avanço no sentido de explicar algumas das experiências "místicas" da história, inclusive algumas que teriam tido conseqüências religiosas e sociológicas de grande projeção. (...) Apesar de esta ser tida como uma iluminada era científica, mesmo hoje as conseqüências culturais podem ser importantes para algumas, senão para muitas

peessoas: em especial as que buscam conforto em crenças que estão além da ciência, além de nossas normas, além da realidade.

## **Os seres vistos em Fátima**

Sem dúvida, as preocupações de Meaden acerca de idéias religiosas vinham a calhar no caso de Fátima, uma vez que os contatos das crianças com a senhora refulgente tinham uma forte conotação religiosa, associada em especial ao catolicismo romano. Devo enfatizar, no entanto, a exclusividade das três crianças quanto a todos os depoimentos relativos à comunicação com a senhora e outros seres paranormais, visto que só elas chegaram de fato a ver esses seres e ouvi-los falar.

A senhora aparecia para as crianças como uma bela figura deslumbrante, parada bem acima de um pequeno carvalho nascido na cova da Iria. Segundo Lúcia: "Ela era mais brilhante que o Sol, e irradiava uma luz cintilante de sua pessoa, mais nítida e mais intensa que a de um cristal cheio de água resplandecente e trespasado pelos raios do mais ardente dos sóis." Sua mensagem às crianças, expressa explicitamente na terminologia da Igreja Católica, consistia, sobretudo, em advertências de que, a menos que as pessoas abandonassem a vida pecaminosa e se voltassem para Deus, o castigo divino seria terrível e diversas nações seriam aniquiladas.

Antes de seus encontros com a senhora, as três crianças também tiveram encontros com um anjo. À época do primeiro encontro, elas apascentavam suas ovelhas num outeiro rochoso não muito distante de sua casa. Viram, no outro lado do vale, um deslumbrante globo de luz tal qual um sol em miniatura, deslizando devagar na direção delas. À medida que se aproximava, a bola de luz foi aos poucos se transformando num jovem de brilho esplendoroso, o qual aparentava ter cerca de quatorze anos. Ele se identificou como o "Anjo da Paz" e incitou-as a recitar a seguinte oração: "Meu Deus, acredito em Ti, Te adoro, espero em Ti, Te amo. Peço perdão por aqueles que não acreditam em Ti, nem Te adoram, nem esperam em Ti, nem Te amam." Em seguida, desapareceu como que por encanto.

## **Fátima como um caso de contato com óvni**

Como devemos interpretar estas experiências? Naturalmente, uma abordagem possível é descartá-las como ilusórias ou tentar explicações físicas semelhantes à de Terence Meaden. Outra é propor que se tratam de contatos com óvnis. Wendelle Stevens, por exemplo, fez isto sem rodeios em um de seus livros, num capítulo intitulado "The Fatima UFO sightings" (As visões de óvnis em Fátima). Jacques Vallee também argumentou que os eventos ocorridos em Fátima

são contatos com óvnis, e não milagres divinos conforme os entende a Igreja Católica.

Respondendo a esta proposta, eu digo "sim e não". Por um lado, os eventos de Fátima apresentam muitas características também vistas em relatos sobre óvnis. Os globos cintilantes de luz, interpretados por algumas das testemunhas oculares como sendo veículos, poderiam mesmo sê-los. Stevens e Vallee chegaram a interpretar o espetacular e rodopiante disco solar de 13 de outubro como sendo um óvni discóide. Esta não deixa de ser uma hipótese válida, visto que o disco se movia segundo um padrão de ziguezague, emitia feixes coloridos de luz e era possível as pessoas olharem na direção dele sem ferirem os olhos. Pode muito bem ter sido um aparelho voador, o qual, ao partir finalmente, voou na direção do Sol verdadeiro quando este se tornou visível em meio ao céu carregado de nuvens.

Existe, por outro lado, um certo risco de se criar uma idéia estereotipada dos óvnis e dos contatos com óvnis e de se impor a referida idéia às provas. Por serem basicamente empíricas, nossas idéias sobre os óvnis tendem a se expandir e se transformar à medida que ficamos conhecendo mais detalhes acerca de todo o escopo das provas empíricas relevantes. Sem dúvida, nem todos os contatos com óvnis são iguais. Tanto as entidades envolvidas quanto a tecnologia por elas empregada apresentam uma considerável variabilidade. Portanto, enquadrando Fátima à força numa preconcebida teoria sobre óvnis,

corremos o risco de obstar nosso entendimento do que estava acontecendo de fato.

Para sustentar seu ponto de vista de que os eventos de Fátima envolveram óvnis, e não revelações religiosas, Vallee precisou espichar algumas das provas. Assim, a senhora que aparecera para as crianças, disse ele, "não dissera ser a Virgem Maria. Ela fizera apenas afirmar ser 'do Céu'". De fato, foi isto o que ela disse durante sua primeira visita em 13 de maio, mas ela acrescentou que revelaria sua identidade em 13 de outubro. Naquela data, ela se identificou como a "Senhora do Rosário" — uma designação explicitamente católica.

Conforme argumentou Vallee, os contatos das crianças com o Anjo da Paz "lançam sérias dúvidas quanto à interpretação do 'milagre' apresentada pela Igreja Católica". Todavia, durante um desses contatos com o anjo, "por intermédio da irradiação branca da presença dele, as crianças puderam vê-lo portando um cálice por cima do qual uma Hóstia derramava gotas de Sangue". Se esta afirmação reflete de forma honesta o que as crianças viram, então é para se concluir que o anjo, quem quer que ele possa ter sido, estava fazendo uso de simbolismo explicitamente católico. E, se rejeitarmos esta hipótese por julgá-la desonesta, com que base, então, poderemos aceitar ter mesmo havido a visão de um anjo?

Após verem o anjo com o cálice, as crianças experimentaram uma sensação de extrema fraqueza e permaneceram prostradas no solo, orando, até o cair da noite. Vallee interpretou isto

como uma espécie de paralisia, comparando-a à paralisia associada a muitos contatos com óvnis. Entretanto, outras formas de fraqueza, inclusive a chamada paralisia histérica, são causadas por experiências emocionais intensas e talvez nada tenham a ver com óvnis. No caso em questão, parece ser este o tipo de fraqueza envolvido. Podemos contrastar as experiências das crianças com aquelas de pessoas raptadas por óvnis, que descrevem o terror de terem sido imobilizadas por seres esquisitos que as deitam sobre mesas e enfiam sondas em seus corpos.

Pode-se dizer o mesmo a respeito da amnésia. Vallee cita o depoimento de Albano Barros, o qual, ainda menino, testemunhou o espetáculo solar de 13 de outubro de um local a quinze quilômetros de distância de Fátima. Barros diz: "Não consigo sequer lembrar se levei as ovelhas para casa, se saí correndo, ou o que fiz." Vallee foi enfático ao salientar esta perda de memória. Mas seria este um caso de "tempo perdido" do tipo associado aos óvnis, ou seria apenas o esquecimento que é de se esperar de uma memória de infância acionada 43 anos mais tarde (em 1960)?

Existe um contraste surpreendente entre as visitas de Fátima e muitos contatos com óvnis. Em grande parte desses contatos, segundo consta, os seres envolvidos têm tez cinzenta, pastosa ou parecida com um cogumelo, aterrorizantes olhos oblíquos, bocas rasgadas e vestígios de nariz. Eles aparecem à noite, arrastam as pessoas à força e sujeitam-nas a tormentos sexuais. As vítimas



experimentam traumas psicológicos e, em certos casos, desenvolvem doenças físicas.

Há, é claro, outros casos de pessoas alegando ter tido contatos relativamente amistosos com humanóides de descrições variadas, inclusive alguns de aparência de todo humana. Em certos casos, estes seres trazem mensagens para as pessoas, sendo algumas destas mensagens bastante complexas. Tanto quanto no caso de Fátima, estas mensagens costumam não apenas ter um teor de crítica ao comportamento humano como também prever desastres de diversos tipos (Capítulo 5). Além disso, contêm às vezes material filosófico e teológico (Capítulo 11).

A exclusividade testemunhal é outra característica que Fátima compartilha com muitos outros casos de óvnis. Apesar de os anjos e a senhora refulgente terem sido vistos apenas pelas três crianças, milhares de outras pessoas presentes na cova da Iria testemunharam espetáculos aéreos de luz que pareciam confirmar a história das crianças. Pode-se aqui estabelecer um termo de comparação com o caso Meier, no qual, apesar de apenas um homem alegar ter tido contato pessoal com visitantes extraterrestres, vários amigos seus conseguiram ver e fotografar notáveis espetáculos noturnos de luz que deram crédito à sua história.

Podemos encarar os casos de óvnis como sendo apresentáveis num amplo continuum de tipos. Este continuum não é linear. Ele deve antes ser definido por diversas variáveis, que poderiam incluir (1) o grau de amizade dos contatos, (2) o grau de humanidade dos seres contatantes, e (3)

certa medida da qualidade do material comunicado.

Embora se possa decerto anexar o caso Fátima a este continuum, na minha opinião se trata de um ponto remoto bastante diferenciado da maioria dos outros casos relatados na literatura existente sobre óvnis. Portanto, receberia classificação bem alta quanto às variáveis (1) e (2), especialmente se medíssemos a humanidade em termos de qualidades atraentes como a beleza. Embora seja difícil definir um conceito de medida para a variável (3), as comunicações de Fátima são sem dúvida incomuns em função de terem uma forte orientação católica romana. Afora isto, enfatizam a devoção espiritual, o que é raro ver em comunicações de óvnis, inclusive aquelas de natureza filosófica.

Seria um projeto interessante fazer um levantamento geral de todas as tradições culturais em busca de casos de pessoas alegando ter se encontrado com belos seres refulgentes que lhes transmitiram ensinamentos espirituais. Apesar da probabilidade de muitos destes casos virem a revelar características típicas associadas ao fenômeno ufológico, estas tenderiam mesmo assim a ter mais a ver com o comportamento e as faculdades dos seres envolvidos do que com os óvnis propriamente ditos. Sendo assim, o continuum ufológico, poderia ser encarado como parte de um continuum místico-humanóide maior. Fátima figuraria provavelmente como um ponto típico neste conjunto maior.

Vallee resume seu ponto de vista, dizendo: "Em muitas histórias de óvni de outrora, as testemunhas achavam que tinham visto anjos de Deus. (...) Outras, que tinham visto demônios. A diferença pode ser pequena."

Pelo contrário, a diferença me parece bem grande. Talvez os diversos tipos de contato no continuum ufológico sejam todos semelhantes pelo fato de envolverem faculdades e tecnologias semelhantes que fogem ao nosso entendimento atual. Mas os pontos extremos do continuum são surpreendentemente diferentes com relação ao comportamento e, por dedução, à consciência dos seres envolvidos.

Se as manifestações em Fátima não foram "fenômenos ufológicos típicos" e de fato fizeram uso do simbolismo cristão, acaso isto significa que devemos interpretá-las sob uma ótica exclusivamente cristã? A resposta é não, porque o mesmo raciocínio que induziria alguém a levar a sério as manifestações de Fátima pode de igual maneira ser aplicado a outros encontros com seres divinos ocorridos em contextos não-cristãos. Poderão argumentar que só os encontros cristãos (e em particular os católicos) são autênticos, enquanto todos os demais são obra de Satã. No entanto, se seres demonstrando qualidades divinas em todas as tradições não-cristãs são na verdade sagazes trapaças criadas por um embusteiro cósmico, então, decerto se pode dizer o mesmo dos seres divinos do cristianismo. Isto nos traz de volta à posição de Vallee, segundo a

qual os anjos e demônios são todos a mesma coisa.

Cabe ainda ressaltar que, apesar de terem sido expressas em termos católicos explícitos, as comunicações de Fátima também acrescentaram algo novo ao catolicismo. Ao analisar as revelações de Fátima, Francis Johnston deixou claro que elas provocaram bastante controvérsia dentro da Igreja Católica e que o novo material (incluindo, por exemplo, a idéia de consagrar a Rússia ao Coração de Maria) não foi aceito imediata e universalmente. Do ponto de vista dos protestantes, o culto católico a Maria é um acréscimo controvertido ao cristianismo. Ademais, o próprio cristianismo surgiu, é claro, num determinado momento da História. A nova revelação feita em Fátima parece se inserir no contexto de uma tradição mais antiga, o que não é inédito no passado.

Eis outro exemplo. No século VI d.C., um homem na Arábia experimentou uma visão do Anjo Gabriel "à semelhança de um homem, postado no céu acima do horizonte". O homem, tendo recebido ordem de se tornar um profeta, passou vários anos entrando em transe periódicos e ditando mensagens que seus seguidores tinham o cuidado de anotar e memorizar. O homem se chamava Maomé e as mensagens transmitidas por ele em estado de transe foram mais tarde compiladas para formar o Alcorão.

De certa maneira, a história de Maomé é um típico caso de contato. Ele se encontra com um ser não-humano e em seguida dita elaboradas

comunicações canalizadas. Assim como no caso de Fátima e em alguns casos de óvni recentes, o ser fez uso de tradições culturais existentes — nesta ocasião —, de tradições de anjos que eram bem conhecidas dos árabes.

Ao mesmo tempo, os ensinamentos de Maomé têm exercido um impacto enorme sobre a história do mundo, estando sem dúvida num nível de qualidade diferente daquele dos ensinamentos transmitidos por muitos contatos ufológicos. Na minha opinião, muitas comunicações diferentes são continuamente injetadas na sociedade humana mediante o uso da tecnologia sutil dos siddhis místicos. Estas revelações variam sobremaneira em qualidade. Embora costumem fazer uso de material cultural humano já existente, elas também podem redundar em extensas transformações da cultura humana.

## **A estrutura dos céus**

De onde poderiam estar vindo semelhantes revelações? Ao dirigir a palavra às três crianças, a brilhante senhora de Fátima disse vir do céu. Seria natural, neste caso, interpretar a palavra céu segundo um contexto cristão. Logo, é válido analisar o conceito que os primeiros cristãos faziam do céu e de sua localização.

Ao avaliar a reação das crianças às visões que tiveram do anjo, Johnston diz: "A descrição feita por Lúcia desta experiência fabulosa e de sua sensação de fraqueza extrema e desprendimento

de sua vizinhança terrestre faz lembrar as palavras de São Paulo depois de este ter sido erguido para o Terceiro Céu e só conseguir gaguejar não ter como saber se desprendera por completo de seu corpo ou não."

É curioso o fato de São Paulo ter falado de céus numerados e alegado ter sido de fato "erguido" para visitar tais lugares. Eis a sua descrição, na terceira pessoa, daquela experiência:

Conheço um homem em Cristo que foi elevado ao terceiro céu quatorze anos atrás. Se isto se deu no corpo ou fora do corpo, eu não sei — Deus o sabe. E sei que este homem — não sei se no corpo ou fora do corpo, mas Deus o sabe — foi levado até o Paraíso. Ele ouviu coisas inexprimíveis, coisas que nenhum homem tem permissão de contar.

Este relato apresenta, é claro, muitos paralelos com relatos sobre raptos por óvnis. Conforme saliento no Capítulo 10, alguns raptos por óvnis parecem ocorrer num estado extra-corporal, enquanto em outros o corpo físico é levado embora. Há ainda muitos relatos sobre óvnis cujas testemunhas alegam terem lhes dito coisas inexprimíveis, ou coisas que elas não podem contar até alguma data futura.

Na literatura apócrifa associada à Bíblia, existem descrições destes céus. Zecharia Sitchin, por exemplo, cita uma destas descrições do Livro dos segredos de Enoque. Segundo parece, ao ser "elevado" aos céus, o profeta Enoque viu o ar e depois o éter. Então, ele atingiu o primeiro céu,

onde "duzentos anjos regem as estrelas" e onde avistou um mar "maior que o da Terra".

O segundo céu era sombrio. No terceiro céu, ele viu a Árvore da Vida, com quatro riachos, de mel, leite, óleo e vinho, brotando de suas raízes. A Morada dos Justos fica neste céu, e a Morada Terrível fica onde os maus são torturados. Havia, também, a "morada onde Deus descansa quando vem ao Paraíso".

No quarto céu, ele viu luminárias, criaturas maravilhosas e a Hoste do Senhor. Havia muitas "hostes" no quinto, e no sexto ele viu "grupos de anjos que estudam as revoluções das estrelas". Por fim, no sétimo céu, ele viu anjos excelsos, além de ter tido um vislumbre distante do Senhor em Seu Trono.

Não sei se São Paulo tinha em mente uma descrição semelhante dos céus, mas ele concordou com o relato de Enoque ao chamar o terceiro céu de Paraíso. Segundo se presume, existiam diversas versões da narrativa de Enoque, cuja história era há muito conhecida no antigo Oriente Próximo e Médio.

Existem paralelos védicos a esta descrição. Segundo a literatura védica, existem sete sistemas planetários superiores e sete sistemas planetários inferiores. O sistema terrestre, Bhūrlōka, é o primeiro do grupo de sistemas superiores. Acima dele, existem os seguintes sistemas de planetas celestiais: Bhuvarlōka, Svargalōka, Maharlōka, Janalōka, Tapolōka e Satyalōka. Estes sistemas planetários são supradimensionais, e os seres que vivem em um dos sistemas em geral não têm

acesso ao sistema seguinte. Podemos chamá-los de céus sucessivamente superiores.

Os sete sistemas planetários superiores não correspondem um a um aos céus de Enoque. O sétimo céu, onde Deus está sentado em Seu Trono, poderia corresponder a Satyaloka, a morada de Brahmã. O terceiro céu de Enoque, contudo, parece muito semelhante à região conhecida como Ilāvṛta-varsa, que é descrita no Quinto Canto do Bhāgavata Purāna. Deste modo, em Ilāvṛta-varsa existem quatro árvores gigantescas, de cujas raízes brotam quatro rios, incluindo um rio de mel. Também existe uma cidade chamada Brahmapuri, que é visitada pelo Senhor Brahmã e poderia corresponder à "morada onde Deus descansa quando vem ao Paraíso".

Ilāvṛta-varsa é um paraíso terrestre considerado parte da região chamada Jambūdvīpa em Bhūloka. Pode-se concebê-lo como sendo um reino supradimensional ligado à Terra. Logo, é interessante o fato de os quatro riachos brotando das raízes da Árvore da Vida no terceiro céu de Enoque fluírem para o Paraíso do Éden na Terra, ligando, assim, a Terra ao terceiro céu. Todos estes paralelos sugerem haver algum elo histórico entre o relato de Enoque do terceiro céu e o relato sobre Ilāvṛta-varsa constante no Bhāgavata Purāna.

Obtemos maiores esclarecimentos sobre este ponto histórico numa lista de sete céus atribuída ao Venerável Bede, teólogo e historiador inglês do século VIII. Os sete céus, segundo diz ele, são: (1) o Ar, (2) o Éter, (3) o Olimpo, (4) o Elemento Fogo,



(5) o Firmamento, (6) a Região Angelical, e (7) o Reino da Trindade.

A lista corresponde aproximadamente àquela de Enoque. O Reino da Trindade combina com o sétimo céu de Enoque, com seu Trono de Deus, e a Região Angelical combina com seu sexto céu. Seria possível dizer que o Elemento Fogo e o Firmamento combinam com os céus de luminárias e hostes de Enoque. Apesar de também serem mencionados por Enoque, o Ar e o Éter estão abaixo de seu primeiro céu.

Talvez seja significativo o fato de Bede relacionar o terceiro céu como o Olimpo. O Olimpo é bem conhecido como a montanha onde residiam os deuses gregos. Segundo o Quinto Canto do Bhāgavata Purāna, Brahmāpuri e as residências de oito devas preeminentes estão situadas no cume de uma montanha em Ilāvṛta-varṣa chamada Meru, e por isso o monte Meru corresponde ao Olimpo grego. De tal forma, se Ilāvṛta-varṣa corresponde ao terceiro céu de Enoque, então também é razoável dizer que este terceiro céu corresponde ao Olimpo grego.

Embora seja difícil entender a estrutura védica dos sistemas planetários superiores do ponto de vista da experiência terrestre, é fácil entender as descrições védicas dos habitantes destes sistemas e de sua disposição de espírito predominante. Sendo assim, podemos comparar este entendimento ao que podemos deduzir acerca da disposição de espírito da senhora de Fátima pelo depoimento das crianças que a viram.

Eis uma descrição da visita de uma pessoa chamada Gopa Kumãra ao terceiro sistema védico acima da Terra, chamado Maharloka:

Comecei minha mantra-japa com o intuito exclusivo de encontrar aquele grande Deus e, em poucos dias, fui levado por um avião ao Maharloka, onde em tudo pude constatar a veracidade das palavras de Brhaspati. Pude sentir prevalecendo, naquele Maharloka, a pureza excelente da felicidade, da majestade e do bhajana, nem sequer sonháveis nos três mundos. É praticamente impossível descrever em palavras a sensação de prazer daí resultante. Quando almas devotadas como Bhrgu e outros Ris começam a realizar milhares e milhares de mahã-yajnas, de dentro do fogo do yajna, Sri Visnu, a Deidade que preside o yajna, surge a brilhar com refulgência transbordante para partilhar, com todo deleite, das oferendas. Aquela manifestação de Visnu como a Deidade do yajna é brilhante como dez milhões de sóis.

Esta descrição é um trecho do Brhad-bhãgavatãmrtam, livro escrito por Srila Sanãtana Gosvãmi no século XVI d.C. Gopa Kumãra iniciou sua jornada para Maharloka saindo de Svargaloka, o segundo céu. Não surpreende o fato de ele ter feito a jornada num "avião", escolha evidente do tradutor para o termo vimãna.

O termo mantra-japa se refere à prática da recitação repetida de breves orações compostas dos santos nomes do Senhor. Esta é uma prática

védica bastante comum, sendo comparável à prática católica de fazer recitações semelhantes usando as contas do rosário. Talvez seja significativo que as mensagens transmitidas às crianças em Fátima enfatizassem a importância desta prática e que a luminosa senhora se autodenominasse a Senhora do Rosário.

As mensagens de Fátima enfatizavam ainda a importância de se realizar sacrifício para Deus. Na passagem onde se descreve Maharloka, "o grande Deus" é Visnu, que é o Ser Supremo, e não simplesmente um dos devas. A atividade principal em Maharloka parece ser ofertar sacrifícios, chamados yajnas, a Visnu. Isto é feito pelo antigo método de se oferecer artigos, tais como frutas e flores, a um fogo sagrado. Entretanto, em Maharloka, o próprio Visnu surge de dentro do fogo sob uma forma de brilhante refulgência para aceitar em pessoa as oferendas de Seus devotos. Isto mostra a diferença em qualidade entre Maharloka e a Terra.

Logo, do ponto de vista védico, é perfeitamente possível que as revelações de Fátima fossem autênticas e emanassem de um dos "céus", tais como Maharloka. Outro ponto de apoio para esta idéia é o fato de os seres destes sistemas celestiais serem, segundo se diz, livres das dores e doenças terrestres. Porém, segundo consta, eles ficam compadecidos ao contemplarem a vida miserável das pessoas do sistema terrestre. Em consequência disto, envidam diversos esforços no sentido de elevar a consciência dos terrestres de modo que estes possam ser transferidos a

sistemas superiores, e às vezes aparecem pessoalmente na Terra com este fim. Este é, de fato, o tema principal das mensagens de Fátima. Pela perspectiva védica, no universo há muitos e diversificados grupos de seres humanóides, com costumes e mentalidades também bastante diferenciados. Logo, é de se esperar que o contato com os seres pertencentes a esses diversos grupos venha a resultar numa ampla variedade de experiências. Fátima parece ser candidata a uma visita de seres de um sistema planetário superior.

## 9

### **O caminho penoso**

Muitos dos contatos com óvnis analisados em capítulos anteriores resultaram traumáticos e amedrontadores para suas testemunhas principais, e muitos envolveram efeitos físicos posteriores, tais como ferimentos e infecções incomuns. Na maioria destes casos, porém, as pessoas não pareciam estar sendo feridas de forma deliberada ou aterrorizadas com ameaças de violência. Mas existem casos de contato com óvnis que apresentam, de fato, um aspecto negativo e violento, incluindo alguns que fazem lembrar histórias de horror góticas. Há ainda eventos misteriosos, como as notórias mutilações de gado, de qualidade sinistra e ameaçadora e indiretamente associados aos óvnis. Como este aspecto sinistro é uma parte importante do fenômeno ufológico, farei uma breve análise dele

neste capítulo. Pela forma como se apresenta, ele também se enquadra no protótipo védico de vida dentro do universo material.

## **Casos de monstros peludos**

O psiquiatra Berthold Schwarz investigou um caso da categoria de horror gótico, ocorrido perto de Greensburg a oeste da Pensilvânia em 25 de outubro de 1973. Por volta das 21 horas, um fazendeiro chamado Stephen Pulaski e pelo menos 15 outras testemunhas avistaram uma brilhante bola vermelha sobrevoando um campo. Pulaski e dois meninos de dez anos foram de carro até o campo investigar aquilo. Pulaski levava uma espingarda consigo. Ao se aproximarem, a luz dos faróis foi ficando fraca enquanto eles viam o objeto descer na direção do campo. Seguindo a pé pelo topo de uma colina, viram o brilhante objeto cintilando com uma luz branca e alternando pousos no campo com sobrevôos bem acima dele. Segundo disse Pulaski, o objeto parecia ter cerca de trinta metros de diâmetro. Era abobadado e fazia um barulho de cortador de grama.

Enquanto observavam o objeto, um dos meninos viu, caminhando rente a uma cerca, um vulto, acima do qual Pulaski atirou um foguete sinalizador. Nisto, revelaram-se duas criaturas que se destacavam trinta ou sessenta centímetros acima da cerca de dois metros. Ambas as criaturas tinham braços compridos pendendo quase até o solo e eram recobertas por uma pelugem

comprida e escuro-acinzentada. Tinham olhos amarelo-esverdeados e emanavam um odor forte — como de borracha queimando. Pareciam querer se comunicar fazendo sons lamuriantes como o choro de um bebê.

Pulaski deu três tiros na criatura maior, que reagiu gemendo e erguendo o braço direito. Naquele momento, a nave brilhante sumiu, deixando uma cintilante área esbranquiçada no campo, e um dos meninos fugiu de medo. As criaturas se viraram devagar e caminharam de volta mata adentro. Embora não fossem vistas de novo, mais tarde, quando os investigadores do WCUFOSG, grupo de estudo de óvnis de Westmoreland, juntaram-se a Pulaski, um cão passou a seguir a pista de algo invisível e diversos membros do grupo sentiram um forte cheiro de enxofre ou de alguma outra substância química.

Nessa altura, Pulaski se enfureceu e saiu correndo ao redor da área, dando golpes violentos com os braços e rosnando como um animal. Teve visões de um homem parecido com o Ceifeiro, ouviu seu nome sendo chamado da mata e fez declarações confusas, tais como: "Se o homem não tomar jeito, o fim não tardará." Depois, desmaiou.

Tendo examinado Pulaski, o Dr. Schwarz concluiu não haver precedente para tal comportamento desorientado em seu desenvolvimento psicológico. Pulaski jamais experimentara estados dissociados de transe, não apresentando, tampouco, distúrbios convulsivos tais como a epilepsia do osso temporal. No entanto, tinha de fato um histórico de violência de sua época de escola, sendo ainda

um caçador pronto a lançar mão de sua espingarda sempre que se via diante de uma situação ameaçadora e desconhecida. A pressão da situação apavorante, concluiu Scharwz, provocou a temporária alteração de Pulaski, induzindo-o a um estado psicológico dissociado conhecido como fuga.

Segundo salientou Scharwz, este caso foi um de uma epidemia de pelo menos 79 casos de "criaturas" ocorridos numa área de seis condados a oeste da Pensilvânia em 1973, conforme documentados pelo WCUFOSG. Em todos estes casos, as criaturas eram entidades lupinas que apareciam e desapareciam de forma misteriosa, deixando poucos vestígios de sua existência. Segundo alguns relatos, as criaturas deixavam pistas; segundo outros, elas emitiam odores fétidos. Em ainda outros casos, elas teriam matado galinhas, esquartejado os traseiros de um cão são-bernardo e cortado a garganta de um veado, mas não houve relatos de danos a humanos.

Que são estas criaturas? A maneira mais fácil de explicar a existência de tais seres seria dizer que não passam de fantasias de imaginações sobrecarregadas. Mas ainda faltaria explicar o motivo para ter havido um surto de incidentes com criaturas bizarras numa ampla região geográfica durante um espaço de tempo específico. Que teria feito as imaginações das pessoas se sobrecarregarem desta maneira particular numa área de seis condados do oeste da Pensilvânia?

Para podermos entender estas entidades, precisamos responder a duas perguntas. A primeira: qual é o status ontológico delas? Ou seja, de que são feitas e qual é a sua origem? A segunda: por que razão surgem criaturas que parecem talhadas para invocar terror em quem as vê?

A natureza evasiva, tanto das criaturas quanto do óvni que as acompanha, levou Schwarz a especular quanto à possibilidade de elas serem materializadas e em seguida desmaterializadas por alguma intervenção inteligente. Como outro exemplo de tal materialização, ele mencionou um relato de Pierre van Passen sobre como "seus pastores alemães lutaram ferozmente com um cão poltergeist negro, até que um dos pastores alemães caiu morto". Assim como no caso Pulaski, este exemplo envolve tanto o fenômeno paranormal quanto a violência. Faz lembrar um dos antigos temores que as pessoas nutriam de fantasmas, bruxaria e magia negra.

Um exemplo afim de violência paranormal consta no relato, feito no Bhāgavata Purāna, sobre um certo Sudaksina, que se vingou do assassinato de seu pai, um antigo rei de Benares. Sudaksina realizou um ritual chamado abhicara, cujo objetivo é invocar um ser demoníaco do fogo de sacrifício e mandá-lo atacar algum inimigo. Isto teve o seguinte resultado:

Em seguida, a fogueira se ergueu do centro do altar, assumindo a forma de uma aterrorizante criatura nua. A barba e o tufo de cabelo da criatura



Ígnea eram como o cobre derretido, e seus olhos emitiam cinzas ardentes. Seu rosto, de aspecto horrendo, tinha presas e terríveis cenhos arqueados e estriados. Enquanto lambia os cantos da boca com a língua, o demônio sacudia seu tridente em chamas.

Esta descrição faz sem dúvida lembrar histórias ocidentais antigas e medievais envolvendo magia, sendo fácil descartá-la por julgá-la um mero conto de fadas. Porém, a criação do demônio ígneo se baseia num princípio racional, segundo o qual formas sutis preexistentes podem se manifestar no nível físico grosseiro. No Capítulo 7 (páginas 311-13), comparei a visão védica do universo ao sistema operacional de um computador, mediante o qual pessoas com o status correto podem acessar programas digitando as palavras-chave apropriadas. Num sistema computadorizado de realidade virtual, com o software correto seria possível evocar monstros ígneos por meio da prática de rituais.

O universo védico, descrito como um produto de *māyā*, ou ilusão, pode ser considerado um sistema universal de realidade virtual. Um dos significados da palavra *māyā* é magia. Quando um mágico gera uma ilusão, como a de serrar uma mulher pela metade, ele faz uso de uma aparelhagem adequada. De forma semelhante, o mundo ilusório criado por um sistema de realidade virtual depende do computador enquanto aparelhagem e do seu programador enquanto mágico.

No universo védico, o papel do computador é representado por uma energia fundamental chamada pradhãtta. Esta energia é ativada por uma expansão do Supremo conhecida como Mahã-Visnu, que atua como o programador universal. A pradhãna ativada produz formas sutis de energia e estas, por sua vez, produzem a matéria grosseira. Pela perspectiva védica, ambos os tipos de energia são comparáveis às manifestações irreais produzidas por um sistema de realidade virtual. Podemos, porém, considerar estas energias reais porque elas se comportam de forma coerente e confiável desde que o sistema universal esteja em funcionamento.

Embora, com nossos sentidos comuns, não seja possível perceber a energia sutil diretamente, ela é um produto do sistema universal tanto quanto o é a matéria grosseira, sendo, por isso, tão substancial quanto a matéria grosseira. Em certo sentido, ela é mais substancial ainda, visto que a matéria grosseira é gerada a partir da energia sutil.

Na história de Sudaksina, o demônio ígneo já existia com um corpo de energia sutil, cuja forma serviu de base para a geração, em caráter temporário, da ígnea forma material grosseira. É possível que as criaturas da Pensilvânia ou o negro cão poltergeist fossem manifestações semelhantes.

Apesar de esta ser uma tentativa de explicação do status ontológico destes seres, que podemos dizer acerca dos motivos subjacentes a suas aparições repentinas e suas formas aterrorizantes de

comportamento? Podemos obter algum esclarecimento a este respeito nos voltando para a famosa conversa entre Krsna e Arjuna chamada Bhagavad-gitã. Segundo afirma este texto, as manifestações materiais de vida e consciência são geridas por três princípios fundamentais: sattva, rajas e tamas. Traduzidos, estes princípios são chamados de modos da bondade, paixão e ignorância, os quais Krsna definiu como segue:

Ó impecável, o modo da bondade, sendo mais puro que os demais, é esclarecedor e nos livra de todas as reações pecaminosas. Aqueles situados neste modo se condicionam a um sentido de felicidade e conhecimento.

O modo da paixão nasce de ilimitados desejos e aspirações, Ó filho de Kunti, motivo pelo qual a entidade viva corporificada fica atada a fruitivas ações materiais.

Ó filho de Bharata, já o modo da escuridão, nascido da ignorância, é o delírio de todas as entidades vivas corporificadas. Os resultados deste modo são a loucura, a indolência e o sono, que atam a alma condicionada.

Um possível equívoco em relação à palavra bondade, neste caso, é achar que os três modos têm algo a ver com distinções éticas entre o bem e o mal. Não sendo este o entendimento correto, seria melhor encarar os modos (chamados gunas, ou cordas, em sânscrito) como programas psicológicos básicos, reconhecíveis por seus característicos sintomas comportamentais. Sattva,

também traduzível como existência pura, refere-se ao reconhecimento introspectivo da própria existência por meio de uma autoconsciência. Rajas, traduzível como colorido, avermelhado e empoeirado, refere-se à contaminação da consciência por desejos apaixonados. Tamas, cujo significado literal é escuridão, refere-se à tendência dos seres conscientes de caírem em ilusão profunda.

Segundo explica Krsna, é contínua a interação dos três modos nas mentes dos indivíduos e, em consequência disto, diferentes modos sobressaem em momentos diferentes. Conforme o entendimento védico, diferentes raças de humanóides tendem a se deixar influenciar por diferentes combinações dos três modos. Logo, a tendência predominante dos seres humanos da Terra é de estarem no modo da paixão, com alguma mistura de bondade e ignorância. A bondade é o modo predominante dos devas e rsis de planetas superiores e, portanto, se comparados a nós, eles são muito pacíficos e encantados pelo conhecimento.

Entre os humanóides védicos, existem vários grupos cujo modo predominante é a ignorância. Em geral, são conhecidos como bhūtas (um termo que, bem a calhar, se pode traduzir como entidades). Entre eles, estão incluídos os piśācas, yaksas, rāksasas e vināyakas, bem como as dākinis, yātudhānis e kumāndas. Segundo consta, estes seres vivem sob forma sutil na Terra e na região logo acima da atmosfera da Terra. São conhecidos por seus poderes místicos, inclusive o

de aparecer e desaparecer subitamente sob forma material grosseira.

Segundo diz o Bhāgavata Purāna, estes seres são conhecidos por causarem distúrbios ao corpo e aos sentidos. Também provocam perda de memória e pesadelos e incomodam particularmente as crianças. Sem dúvida, é freqüente e menção a estes problemas em relatos sobre raptos por óvnis. O Bhāgavata Purāna prossegue dizendo ser possível espantar estes seres cantando o nome de Visnu (Deus). Em geral, o cantar dos santos nomes do Senhor Supremo pode neutralizar a influência de seres em tamo-guna.

O tamo-guna, ou modo da ignorância, não pressupõe necessariamente uma falta de conhecimento ou capacidade. Na verdade, amplos conhecimentos de assuntos materiais podem se compatibilizar com a ilusão profunda. O Projeto Manhattan da Segunda Guerra Mundial é um bom exemplo disto. Nele, os melhores físicos da época usaram seu conhecimento mais avançado para criar uma arma que até hoje ameaça a segurança do mundo inteiro.

Seria possível argumentar ter havido bom motivos para se construir e distribuir a bomba atômica. Por exemplo: ela salvou milhões de vidas americanas e japonesas que teriam sido deitadas a perder numa invasão do Japão e, se os americanos não tivessem se empenhado em desenvolvê-la, então os japoneses ou os alemães a teriam obtido primeiro. Mas este argumento só faz demonstrar que uma ilusão pode conter uma estrutura lógica. Uma ilusão pode ser poderosa e irresistível ao

ponto de ser difícil perscrutá-la e perceber a realidade.

Na literatura védica, Maya Dānava é o epítome de uma pessoa avançadíssima em conhecimento material, por um lado, e atoladíssima na ilusão, por outro. Apesar de ele ser famoso por ter criado maravilhas tecnológicas, tais como o vimāna do rei Sālva descrito no Capítulo 6, seus esforços são quase sempre dedicados a metas ilusórias ou destrutivas. Em geral, segundo encontramos em relatos védicos, a tendência dos seres no modo da ignorância é de se interessarem pela aquisição de tecnologia avançada e poderes místicos.

Muitas manifestações de óvnis parecem não apenas mostrar os sintomas do tamo-guna como também envolver um avançado domínio de poderes místicos e tecnologia material. Desta maneira, as criaturas vistas por Stephen Pulaski eram monstros amedrontadores que apareciam e desapareciam, estando acompanhadas por um esquisito óvni cintilante, também desaparecido repentinamente.

De forma semelhante, segundo se relata, muitas entidades ufológicas tratam as pessoas de maneira alienada e impessoal, sendo ainda notórias por aparecerem, desaparecerem e atravessarem paredes. Como argumentei no Capítulo 5, estes seres costumam apresentar mensagens às pessoas que soam absurdas ou enganosas. Estes aspectos são característicos de alguns dos humanóides védicos, tais como os bhūtas, cujo modo preponderante é o tamo-guna.

## **Mutilações de gado**

Uma intrigante ocorrência de anos recentes é o fenômeno da mutilação de animais — cadáveres de animais domésticos, como vacas e cavalos, são encontrados em campos agrícolas com ferimentos bizarros. Em casos típicos, constata-se a remoção, com precisão cirúrgica, de diversos órgãos da vítima, tais como úberes, órgãos genitais ou o reto. É possível que amputem olhos ou orelhas ou extraíam dentes. Há casos de cortes serrados como que feitos com instrumentos inadequados, e às vezes se remove um única junta de uma perna. Repara-se, em quase todos os casos, um corpo desprovido de sangue, não havendo, porém, sinal algum de sangue na área circunjacente.

As primeiras ocorrências de casos de mutilação datam de fins da década de 1960, a partir de quando são registrados inúmeros destes casos. Deste modo, em Elbert, Colorado, o delegado de polícia George Yarnell registrou 64 casos de mutilação entre 6 de abril de 1975 e 23 de setembro de 1977. No mesmo período, mais de cem relatos foram registrados na delegacia de polícia de Logan, na região nordeste de Colorado. Entre 1967 e 1989, em quase todos os estados contíguos, exceto cinco ou seis, houve registro de casos de mutilação, que também foram registrados em seis das províncias meridionais do Canadá, bem como no México, Panamá, Porto Rico, Brasil, Europa, Ilhas Canárias e Austrália.

Em 1975, as mutilações de gado se tornaram tão comuns no Colorado que o governador Richard Lamm se pronunciou contra elas numa reunião da Associação de Pecuaristas de seu estado. Disse ele: "As mutilações são um dos maiores ultrajes na história da indústria bovina do oeste. É importante que solucionemos este mistério o quanto antes. A indústria bovina já está muito prejudicada do ponto de vista econômico. Do ponto de vista humano, não podemos permitir que estas mutilações continuem a acontecer." Não posso aqui deixar de reparar a existência de certa parcela de ironia na preocupação humanitária do governador. Afinal, o objetivo da indústria bovina é criar animais para o abate, um procedimento que só difere das misteriosas mutilações pelo fato de ser levado a cabo por meios conhecidos, entre quatro paredes e sob circunstâncias lucrativas do ponto de vista econômico.

Segundo muitos têm sugerido, os predadores são responsáveis pelas mutilações de animais, mas, conforme outros têm salientado, os predadores conhecidos não produzem cortes longos e limpos do tipo visto nos animais mutilados. Outra teoria responsabiliza cultos satânicos pelo fenômeno. Esta, além de parecer mais plausível, pode ser a explicação para alguns casos. No entanto, a taxa de mutilação de animais observada é tão alta que, se os cultistas fossem os únicos responsáveis pelo fenômeno, na certa a polícia já teria apreendido muitos deles e suas histórias já teriam vindo ao conhecimento do público.



Como seria de se esperar, algumas pessoas têm sugerido haver uma ligação entre as mutilações de animais e os óvnis. Tudo por conta da observação de que os cortes feitos em animais mutilados apresentam características difíceis de serem duplicadas no campo com o uso da tecnologia humana conhecida.

Um depoimento que parece ratificar esta teoria foi feito por John Henry Altshuler, M.D., médico patologista e hematologista que estudou na Universidade McGill e trabalhava no Rose Medical Center, em Denver, 1967. Em setembro daquele ano, mostraram-lhe o cadáver de uma égua chamada Lady, na fazenda Harry King, no vale San Luis, Colorado. A égua havia sido morta e mutilada na noite de 7 de setembro de 1967. Ao ser levado pela polícia para ver o animal cerca de dez dias após a noite do ocorrido, o Dr. Altshuler disse: "As bordas externas da pele cortada estavam firmes, quase como se tivessem sido cauterizadas com um laser moderno. Mas em 1967 ainda não existia tecnologia de cirurgia a laser como aquela." Ele prosseguiu:

Cortei amostras de tecido da borda firme e mais escura. Mais tarde, observei o tecido com um microscópio. Em nível celular, havia descoloração e destruição compatíveis com alterações causadas por queimadura.

O mais espantoso era a ausência de sangue. Devo já ter feito centenas de autópsias. É impossível cortar um corpo sem encontrar um pouco de sangue. Mas não havia sangue na pele nem no

solo. Nada de sangue. Aquilo foi o que mais me impressionou.

E depois me lembro de ter dado pela falta de órgãos dentro do peito da égua. Quem quer que tivesse feito o corte, levou o coração, os pulmões e a tiróide da égua. O mediastino estava completamente vazio — e seco. Como seria possível tirar o coração sem uma gota de sangue? Tratava-se de uma inacreditável dissecação de órgãos sem nenhuma prova de sangue.

Há quem pense ser possível que entidades ufológicas dotadas de alta tecnologia fizessem incisões para as quais fosse necessária uma tecnologia desconhecida do homem. É interessante observar a tendência a se descartar cultos satânicos pelo fato de seus participantes terem apenas faculdades humanas comuns. Em época anterior, quando acreditavam nos poderes sobrenaturais da bruxaria, a teoria do culto satânico teria parecido bem mais convincente.

Grande parte das provas de uma possível ligação entre os óvnis e as mutilações de animais tem sido circunstancial, embora existam alguns relatos de testemunhas oculares quanto ao direto envolvimento dos óvnis neste caso. Muitos têm sido os relatos sobre luzes estranhas no céu nos mesmos momentos e nos mesmos lugares onde ocorriam mutilações, e já foram encontradas pistas de solo típicas de óvnis perto dos corpos de animais mutilados. Também já foram vistos estranhos helicópteros não-identificados — um

fenômeno inexplicado tantas vezes constatado em relação a contatos com óvnis.

## **A ligação com o helicóptero**

Para muitos, a ligação helicóptero/óvni parece um tanto sinistra e ameaçadora por si só e por isso farei aqui algumas observações a respeito dela. No famoso caso Cash-Landrum, segundo foi relatado, duas mulheres e uma criança sofreram aparentemente queimaduras de radiação num contato com um objeto voador ígneo com forma de diamante e acompanhado por cerca de 23 helicópteros bimotores. Neste caso, o objeto, e com certeza os helicópteros, pareciam pertencer às forças armadas americanas, apesar de isto ter sido negado por oficiais militares quando o assunto foi levado à justiça pelas duas mulheres.

Em outro caso, os contatos Betty e Bob Luca relataram que negros helicópteros não-identificados fizeram repetidos vôos rasantes sobre a casa deles, seguiram seu carro, chegando inclusive a voar de forma rasante sobre áreas onde eles estiveram acampados. (Betty Luca é o nome de Betty Andreasson após seu segundo casamento.) Esta parece ser uma experiência típica de testemunhas de contato imediato. Houve quem especulasse que oficiais militares a bordo de helicópteros estivessem confundindo testemunhas de óvnis em vôo, ou que óvnis disfarçados de helicópteros as estivessem atormentando. De

qualquer modo, o fenômeno tem a qualidade negativa e insensata associada ao tamo-guna.

Ed Conroy, jornalista e escritor de um livro sobre Whitley Strieber, também relatou ter sido repetidas vezes perseguido por helicópteros misteriosos.

Em certa ocasião, ele viu um helicóptero voar por trás do Tower Life Building, em San Antonio, Texas, e não aparecer do outro lado. Noutra, viu dois helicópteros voando tão próximos um do outro que era para seus rotores terem se emaranhado como batedeiras de ovos. Sua vizinha, Linda Winchester, também viu a mesma coisa. Curiosamente, Whitley Strieber relatou um incidente quase idêntico: "Certa vez, vi — na presença de duas outras testemunhas — dois desses helicópteros em vôo rasante sobre uma área populosa com seus rotores emaranhados como se fossem batedeiras de ovos."

Em casos como estes, os helicópteros parecem ser ilusões. Como os óvnis são, segundo se relata, capazes de se fazerem invisíveis, nada indica que semelhantes ilusões pudessem ser meros disfarces destinados a fazer os óvnis parecerem naves aéreas comuns. Assim como acontece com muitas manifestações de óvnis, os helicópteros-mistério são difíceis de explicar. Talvez, segundo uma interpretação mais simples, eles funcionem para mostrar às pessoas que certos poderes do mundo fogem ao entendimento humano.

## **Pistas de solo em casos de mutilação**

Marcas de solo semelhantes a típicas pistas de óvnis também têm sido vistas nos locais das mutilações. No caso de Lady, por exemplo, foi encontrado um arbusto quebrado a cerca de 12 metros do corpo da égua, e "ao redor do arbusto havia um círculo de noventa centímetros formado por seis ou oito orifícios no solo, cada um com cerca de dez centímetros de lado a lado por oito a dez centímetros de profundidade".

Desde fins da década de 1960, muitos artigos de jornal têm analisado as possíveis ligações entre os óvnis e as mutilações de animais. Exemplo disto é a matéria "Óvnis atacando vacas? isto não é deste mundo", publicado em The Dispatch, de St. Paul, Minnesota, em 27 de dezembro de 1974. Ela relacionava declarações do pesquisador ufológico Terrance Mitchell, tais como: "Estou convencido de que a extração de orelhas, úberes e outras partes de animais faz parte de uma investigação científica realizada por seres usuários de óvnis."

Para ele, o argumento definitivo foi uma novilha de 210 quilos encontrada morta no dia 1º de dezembro de 1974, em terras do fazendeiro Frank Schifelbien, de Meeker, Minnesota. "A novilha foi encontrada morta num perfeito círculo de terreno sem vegetação, sobre um campo coberto de neve, sem que nenhuma pegada tivesse sido encontrada em parte alguma da vizinhança, segundo depoimentos de policiais a Mitchell." Mitchell descartou a teoria segundo a qual membros de seitas teriam sido responsáveis por aquilo pelo fato de não terem, neste caso, deixado pegadas

visíveis na área. Salientou ainda o fato de fotos aéreas terem revelado uma série de descoloridos círculos perfeitos, com diversos centímetros de diâmetro, num pasto próximo ao corpo da novilha. Uma história de mutilação semelhante ocorreu em Cochran, Texas, em 1975. Uma novilha morta foi encontrada na fazenda de Darwood Marshall no meio de um "círculo perfeitamente redondo", segundo relato do delegado Richards de Cochran. Não havia, segundo o relato, sinal de sangue no corpo da vaca nem no solo em volta dela. Enquanto Richards investigava este caso, Darwood Marshall encontrou um bezerro morto e mutilado a cerca de meio quilômetro à oeste. Este animal jazia no meio de um círculo com cerca de 90 centímetros de lado a lado. Este círculo, tal como o primeiro, era um queimado trecho de terra num campo de trigo novo de cerca de dez centímetros de altura.

Richards especulava sobre uma possível ligação com as visões de óvnis:

Apesar de ter ouvido relatos sobre óvnis na área, eu próprio ainda não vi um sequer. As pessoas que fazem estes relatos sempre contam a mesma história. Ele (o óvni) é quase tão largo quanto uma rodovia de duas pistas, redondo e de cor parecida com a do Sol poente, além de ter um fulgor azulado ao seu redor. Dois ou três dias após alguém dizer ter visto esta coisa, ficamos sabendo da mutilação de alguma vaca. Embora eu desconheça a identidade deste fenômeno, sem

dúvida, trata-se de algo que tem incomodado todo mundo por aqui.

## **Relatos humanóides em casos de mutilação**

A pesquisadora Linda Howe relata ter ouvido delegados, fazendeiros e colegas jornalistas contarem muitas histórias confidenciais que associam os óvnis a mutilações de gado. Ela também cita depoimentos diretos ligando os óvnis e as entidades humanóides a casos de mutilação de gado. Em abril de 1980, por exemplo, perto de Waco, Texas, um pecuarista caminhava em sua terra à procura de uma vaca perdida quando avistou duas criaturas de 1,20m de altura a cerca de noventa metros de distância. Eram verdes ou vestiam verde, tinham cabeças ovais e carregavam um bezerro. Ele disse ter conseguido ver os olhos delas, os quais descreveu como "olhos de azeitona, como grandes amêndoas negras".

Como já havia lido a respeito de raptos por óvnis (fato que deveria ser levado em conta ao se avaliar seu depoimento), ele correu para seu caminhão com medo de ser raptado. Dois dias mais tarde, voltou ao local com sua esposa e filho para encontrar o traseiro vazio de um bezerro revirado por cima de seu crânio, junto de uma coluna vertebral completa, mas sem as costelas. Ele relatou não haver sangue sobre os restos e nenhum sinal de aves de rapina.

Em maio de 1973, aconteceu, perto de Houston, Texas, segundo se relatou, um contato imediato no qual uma testemunha observou um bezerro sendo mutilado por entidades ufológicas. Mencionei este caso no Capítulo 5 como exemplo de comunicações de óvnis advertindo quanto aos efeitos adversos da poluição ambiental e dos testes nucleares.

A testemunha, Judy Doraty, dirigia acompanhada de quatro familiares quando os cinco viram no céu uma luz muito brilhante que lhes seguia o carro. Os familiares se lembraram de Judy estacionando no acostamento da estrada e saindo na direção da traseira do carro, depois voltando, entrando e se queixando de sede e náuseas. Este episódio parece ter incluído um lapso de uma hora e quinze minutos na memória de Judy, o qual foi apurado mediante a hipnose administrada em 3 de março de 1980 pelo psicólogo Leo Sprinkle.

Sob hipnose, Judy Doraty se recordou de uma experiência de bilocação, durante a qual ela parecia estar tanto ao lado do carro quanto dentro de um óvni onde seres estranhos mutilavam um bezerro. Também viu os seres examinando sua filha na nave. Aquelas criaturas, apesar de semelhantes aos grays típicos, não eram exatamente idênticas a eles. Tinham pele fina e de aparência pastosa, narizes e bocas imperceptíveis e olhos bem grandes que não piscavam. Os olhos, porém, em vez de serem negros, tinham pupilas verticais e íris de um amarelo empalidecido. Falavam inglês produzindo um som bastante



monótono, mas sem usar a boca. Aquilo parecia se tratar de comunicação mental, como de costume. O bezerro foi içado para a nave, contorcendo-se e se debatendo, por um feixe de pálida luz amarela, que parecia ter solidez. A luz parecia ser sólida ao tato, e formigava com partículas como grãos de poeira num raio de sol. Uma vez a bordo da nave, o bezerro teve partes de seu corpo amputadas enquanto ainda estava vivo. Fluidos e outras secreções do corpo foram sugados por intermédio de tubos, e diferentes órgãos foram colocados em diferentes "bacias" ou áreas côncavas. Segundo os seres explicaram a Judy mentalmente, sua intenção, ao esquartejarem vacas e outros animais, é de controlar a disseminação, pelo ambiente, de alguma espécie de veneno que acabará afetando os humanos. Por fim, encerrada a operação, o cadáver do bezerro foi devolvido ao solo pelo feixe de luz.

Este relato tem a qualidade surrealista de muitas histórias de contato imediato com óvnis. Quer tenha sido real ou ilusória, a experiência de Judy Doraty com os seres foi de uma vividez surpreendente. Seu conteúdo, no entanto, parece ilógico. Não parece ser necessário mutilar animais de maneira grotesca para controlar a poluição. Seria de presumir que seres capazes de produzir feixes antigravitacionais tivessem capacidade de detectar poluentes em animais sem precisar feri-los. E, mesmo sendo necessário cortar os animais, não seria preciso deixar seus corpos jazendo nas fazendas. Talvez esta atividade seja planejada — por quem quer que seja responsável pelas

mutilações — como uma forma de amedrontar as pessoas com alguma ameaça desconhecida.

Assim como os casos das criaturas da Pensilvânia, as mutilações de gado parecem combinar as qualidades negativas do tamo-guna com eventos misteriosos envolvendo poderes paranormais. O depoimento de Doraty é interessante em especial por envolver uma experiência de ingresso num óvni em estado de consciência extracorporal, assunto que analisarei com mais minúcia no Capítulo 10. Segundo Doraty, sua experiência extracorporal foi de algum modo espontânea e, segundo lhe disseram os seres, não fora intenção deles trazê-la a bordo. Não obstante, mesmo estando eles empenhados na grosseira operação física de esquartejamento de um bezerro, não lhes foi difícil vê-la e se comunicarem com ela num nível sutil.

Esta faculdade de atuar nos níveis grosseiro e sutil é típica de muitos dos humanóides descritos na literatura védica, e os macabros atos de mutilação fazem lembrar determinados grupos de seres influenciados pelo modo da ignorância. Se tais seres estão mesmo mutilando animais, seria de se perguntar o motivo para estarem fazendo isto neste período em particular. Não tenho como responder a esta pergunta com certeza, é claro. Mas, como uma possível resposta, os seres estariam perturbados com atividades humanas atuais envolvendo os testes nucleares e a poluição do meio ambiente. Afinal, foi este o motivo que eles deram a Judy Doraty. Se é mesmo verdade que certas atividades humanas têm perturbado

seres influenciados pelo modo da ignorância, talvez as mutilações de animais sejam, então, apenas a forma de eles manifestarem seu descontentamento.

## **Entidades ufológicas hostis aos humanos**

A mutilação de animais acaba preocupando as pessoas pelo fato de sugerir a possibilidade de os seres humanos também estarem sujeitos a danos ou morte deliberados infligidos pelas entidades ufológicas. Diversas categorias de provas sugerem a possibilidade de que semelhante comportamento hostil venha a se concretizar. Estas provas variam num continuum de aterrorizantes e traumáticos casos de rapto a raros casos de violência explícita. Nesta seção, darei alguns exemplos destas provas. Começarei com uma história de rapto que, além de ter sido incomumente traumática, apóia a idéia de uma ligação entre os óvnis e as mutilações de animais, contendo, ainda, sombrias pistas de mais atividades hostis praticadas contra os seres humanos. Devo avisar ao leitor, contudo, que no Capítulo 10 darei outra possível interpretação para este caso.

### **O caso de Cimarron, Novo México**

Uma mulher de 28 anos e seu filho de seis alegam ter visto cinco óvnis descendo perto de uma pastagem, enquanto voltavam para casa, de carro,

por uma estrada próxima à Cimarron, Novo México. Ela guardava lembranças confusas de um contato imediato e relatou um tempo perdido de cerca de quatro horas. Mais tarde, a mulher passou por uma série de sessões de hipnose com o Dr. Leo Sprinkle, de 11 de maio a 3 de junho de 1980, na presença de Paul Bennewitz, que fazia investigações como representante da Organização de Pesquisa de Fenômenos Aéreos (APRO).

Aflorou daí um relato de rapto muito perturbador. Embora este seja um relato por demais bizarro e horripilante, acho importante apresentá-lo de modo a estabelecer uma visão equilibrada das experiências recontadas por testemunhas de óvnis. O resumo a seguir se baseia em notas feitas por Leo Sprinkle durante as sessões de hipnose.

Sob hipnose, a mulher primeiro relatou ter visto luzes brilhantes e testemunhado a mutilação de uma vaca. "Eles estão pousando. Meu Deus!... A vaca está ganindo; é horrível, é horrível! É muita dor. É dor demais!" Ela descreveu uma fina faca prateada de cerca de 45 centímetros de comprimento por um centímetro de espessura, que foi enfiada no peito da vaca. Enquanto a vaca ainda estava viva e se debatendo, as entidades amputaram-lhe os órgãos genitais com um movimento de corte circular.

Em seguida, ela relatou ter sido capturada com seu filho por vários seres de aparência estranha, sendo levados para dentro de naves diferentes. Estes seres usavam uniformes de cor marrom-escura com uma insígnia laranja e azul composta

por "três linhas verticais e uma linha horizontal inferior".

A princípio, ela não conseguiu se mexer, mas, tão logo recuperou a capacidade de movimento, começou a fazer um esforço violento. Embora estivesse presa, conseguia chutar e gritar e xingar seus captores. Lembrou-se de ter sido despida à força e relatou um exame físico forçado, incluindo uma sonda vaginal. Segundo dizem, depois ela passou a sofrer de uma infecção vaginal gravíssima.

Embora alguns dos seres a tratassem com aspereza, outros mostravam curiosidade: "Eles acham engraçado — adoram meu cabelo. Suas cabeças são grandes. Mas não têm cabelo algum, nem sobrancelhas. O ser amável da primeira nave ficou fascinado com minhas sobrancelhas e meus cílios. Eles não piscam!"

Enquanto tudo isto acontecia, um homem alto e parecendo ictérico, vestido de branco e de aparência diferente da dos outros, irritou-se. Conforme declarou, não era para terem trazido a mulher: "Eles me pedem desculpas. Justificam-se dizendo: 'Essas coisas acontecem; é uma pena. Mas o menino está bem. (...) Pedem-me para entender que aquilo [a mutilação da vaca] era necessário." Os seres lhe fizeram este comunicado por via telepática, mas se comunicavam entre si usando a linguagem falada. Outro detalhe: o homem alto queimou o rosto dela, talvez sem querer, ao tocá-lo com a mão.

Então, ele pareceu ordenar que castigassem os outros seres: "Lembro-me de tê-los visto nus da

cintura para cima, magros, costelas, clavículas, mais costelas que nós — não sei. A magreza deles, suas mãos tão finas, e mesmo assim conseguiam me erguer. (...) Garras não, unhas compridas e nodosas. Parecem ríspidos, ossos tão pequenos e finos. (...) Um deles tem nariz torto, arrebitado e torto. Andam arrastando os pés."

Estes seres também ostentavam roupas bizarras, mas de aparência distintamente humana. "Havia uma gola de monge franciscano. Cinto, botas do tipo militar, remendo. Feios, brigões, rudes. Um era feminino. Usava uma gola franzida — período vitoriano? Não parecia confortável. Remendo. Cabeça achatada, orifícios fazendo às vezes de um pequeno nariz — ou apenas dois orifícios. Verde-ervilha. Honestamente: ela era verde! Ainda não consigo acreditar no que vi! (...) Como eles podem ser assim?"

Em seguida, o homem alto levou-a a um tortuoso passeio por uma série de lugares estranhos, talvez em naves diferentes. Há descrições de um cômodo imenso com painéis de controle e telas de tevê de 24 polegadas, e alguma espécie de elevador. A certa altura, ela viu um planeta: "Sobre a mesa, luz branca em meus olhos, a decolagem, como meu corpo engordou — comando! Pesado! (...) Entramos num cilindro redondo — swoosh! Sala enorme! De tirar o fôlego! Estrelas para todo lado. Bonito, muito bonito. Vejo um planeta. É grande, branco, preto, branco aqui e preto. Só vejo a metade de cima. Eles não precisam me dizer que não posso me aproximar da janela — dá para perceber."

A seqüência de eventos é confusa, e ela também atribuiu confusão a seus captosres. "Quando o homem de branco entra e restaura a ordem, sinto que ele me respeita. Ele parece velho, bem velho. (...) Parece irritado, mas não comigo. (...) Tenho medo, não dele, mas de sua confusão. Preocupa-me o fato de eles não saberem o que estão fazendo." Repetidas vezes lhe disseram ser "lamentável eles terem de fazer aquilo".

A nave em que ela estava pareceu pousar. "Estou excitada, em êxtase, e não amedrontada. Acho que eles me levaram para algum lugar importante. (...) Entram mais pessoas como o homem de branco, embora nem todas estejam vestidas de branco. São cinco pessoas, duas olham de forma diferente: olhos estreitos. Não são esverdeados nem fendidos, como os dos seres da primeira nave, mas não são grandes. Parecem ser importantes! Talvez médicos ou cientistas. Não sei por que não sabem o que fazer comigo. Não me deixam ir até a janela, mas posso ver naves, atividade, o esboço do terreno, íngreme, mas não da altura de uma montanha." Nesse momento, ela observou que fazia muito frio, tendo também se apercebido de um zunido perturbador.

"São muito gentis; é bela a forma como se movimentam. Todos andam arrastando os pés, grandes passadas. Mais altos que eu. Um metro e oitenta ou mais." Como os demais, estes seres careciam de cabelo, mas estavam vestidos de forma atraente, e três tinham aparência bastante humana. Apesar de terem lhe pedido perdão, não

Ihe deram permissão para falar a respeito da experiência.

Em outra sessão, ela também disse que eles mencionaram alterações: "Não quero mais falar sobre ele. Deixa pra lá. (...) Alterações — falaram das 'alterações necessárias' para me trazerem de volta." A palavra alterações parecia se referir aos implantes colocados pelas entidades no corpo da mulher, implantes supostamente encontrados no corpo dela por meio de tomografia.

Enquanto era conduzida para fora da nave, ela reconheceu o panorama: parecia ser a área de Roswell, Novo México, a oeste de Las Cruces. Um elevador levou-a a um complexo subterrâneo infestado de seres estranhos e troando com a água de um rio subterrâneo. "Eles gostam de minha reação — espanto! Incrível! Cidade-base de operação." Nessa altura, ela viu seu filho num relance e foi outra vez separada dele.

Então, reagindo horrorizada, ela conseguiu se desvencilhar e fugiu para um recinto com grandes tanques que pareciam estar cheios de alguma espécie de peças de anatomia, boiando em fluido corrente: "Abaixo de mim, vejo tanques d'água. Algo me aterroriza. (...) Parte superior de cabeça calva. Luz fraca. (...) Acho que estou vendo um braço com a mão — humano! Mais alguma coisa vermelha e parecida com sangue. Meu Deus! Esta visão me apavora. Ahh! Línguas, enormes; elas parecem bem grandes. Estão imersos em líquido, bem escuro. (...) Eles me encontraram, mas, quando me encontraram, eu estava num canto, chorando sentada no chão."



Ao ser recapturada, ela foi levada para uma sala onde foi submetida a tratamento traumático, talvez com o propósito de obliterar sua memória. "Ai! É uma dor tão intensa! Clarões, luz brilhante cintilando, alguma coisa parecida com dois fios ligados a uma lâmpada. Whoosh, whoosh, luz! Estou gritando. Meu filho chora. Estão fazendo o mesmo com ele. (...) Quer saber de uma coisa? Eles não gostam de nós. Agora os vejo como algo monstruoso. Sinto como se tivesse estado em Auschwitz."

Após este tratamento, ela e o filho foram levados de volta a uma das naves. Enquanto a nave voava pelo ar, mostraram-lhe seu carro, estacionado a bordo. Mãe e filho foram colocados nele, e o carro foi transferido delicadamente para o solo. Em seguida, ela dirigiu para casa sem nenhuma memória consciente de suas experiências a bordo dos óvnis.

Muitos elementos desta história extraordinária aparecem com freqüência em casos de raptos por óvnis, inclusive o exame físico, a comunicação telepática, o estranho zunido ouvido pela mulher, a manifestação de emoções, tais como a irritação e a curiosidade, por parte das entidades humanóides e a transferência do carro da mulher para um dos óvnis. A possível inserção de implantes no corpo da mulher é também uma característica que este caso compartilha com outros descritos por Budd Hopkins e Raymond Fowler.

Há ainda aspectos desta história que são incomuns. Um deles, claro, é a alusão a uma base

subterrânea infestada de seres alienígenas e localizada em alguma parte do Novo México. Este assunto é bastante controverso, tendo sido analisado por alto no Capítulo 3 (páginas 137-42) em relação a teorias de conspiração entre o governo e os alienígenas. Ali, mencionei as alegações, pelo jornalista Howard Blum, de que Paul Bennewitz teria sido desinformado a respeito de conspirações do governo e bases alienígenas subterrâneas por agentes militares americanos trabalhando em cooperação com o pesquisador ufológico William Moore.

Deste modo, o caso Cimarron está envolvido numa controvérsia sobremaneira convulsionada e repleta de especulações e contra-especulações paranóicas. Segundo Blum, a regressão hipnótica da mulher feita por Leo Sprinkle ocorreu antes do período de campanha de desinformação do governo contra Bennewitz. Ao mesmo tempo, parece haver discrepâncias na versão da história apresentada por Blum. Ele diz, por exemplo, que Sprinkle consultou Bennewitz porque estava perplexo com o caso da mulher, ao passo que, segundo indica a documentação de Linda Howe, Bennewitz conheceu a mulher primeiro e em seguida encaminhou-a a Sprinkle.

Ao avaliarmos este caso, devemos ter em mente esta informação de fundo. Também devemos levar em consideração o fato de haver outras provas, extraídas de relatos sobre óvnis, sugerindo a possibilidade de diversas raças humanóides terem bases subterrâneas ou submarinas na Terra — embora estas talvez não tenham nenhuma ligação

com o governo americano. Filiberto Cardenas, por exemplo, relatou que o levaram a uma base submarina (páginas 207-09). De forma semelhante, Betty Andreasson disse ter vivido uma experiência de rapto aos treze anos de idade, quando levaram-na através da água até um complexo subterrâneo.

Um aspecto surpreendente do caso Cimarron é o fato de as entidades alienígenas parecerem ser de diversos tipos físicos. Por estranho que pareça, a declaração da mulher, de que alguns dos seres têm "mais costelas do que nós", equipara-se à descrição de um corpo alienígena supostamente resgatado por oficiais militares americanos de um disco voador que colidiu em 1948 no México, perto do rio Sabrinas, ao sul de Laredo, Texas. Segundo sustentou um participante anônimo desta operação de resgate, em cartas escritas entre 1978-80, naquele corpo, "todo o abdome estava coberto por uma espécie de estrutura de costelas que ia até os quadris".

## **Incomum vestuário alienígena**

Talvez o aspecto mais bizarro da história de Cimarron seja o vestuário das entidades, parecido com algo que se poderia encontrar numa loja de fantasias. Todavia, este mesmo aspecto é confirmado pela história de Filiberto Cardenas, cuja viagem a uma base submarina em 1979 incluiu um encontro com uma personagem alienígena entronizada, usando um manto e uma

corrente com jóias. Também é confirmado por outro caso de contato, aparentemente independente, acontecido, segundo se relatou, alguns meses após o incidente em Cimarron, na mesma região dos Estados Unidos.

Em 1980, uma semana antes do Dia de Ação de Graças, um casal dirigia ao norte de Denver. O homem, um artista comercial, relatou ter visto uma "luz azul-celeste", após o que o casal passou por uma hora de perda de tempo. A regressão hipnótica foi realizada em 5 de julho de 1984 por Richard Sigismund, um sociólogo de Boulder, Colorado. Sob hipnose, a mulher disse que eles foram içados em seu carro por um feixe luminoso e transportados para uma nave próxima dali, pousada sobre esteios. Um "homem" alto e calvo num manto azul os chamou por hipnose.

Em sua descrição desta cena, o homem reagiu ao aparente absurdo do traje do ser:

Ele está olhando para nós, dizendo-nos para entrar. Ele é o líder. O líder vestido num manto azul. Que estupidez! Isto não tem lógica. Este manto é ilógico. Ele não precisa de um manto. Não um manto desses. (...) Ele não fala com a boca. Ele fala com a mente.

Atraídos pela influência do ser, eles entraram na nave e foram submetidos a um exame físico feito por um humanóide vestindo uma túnica amarela com gola de renda. A mulher, grávida na época, sentiu-se violada e estuprada, e contraiu uma

doença grave após o rapto. No entanto, constatou-se mais tarde que seu filho tinha 170 de QI.

Existem outros relatos apresentando entidades vestidas em trajes estranhos. Um exemplo disto é o contato amistoso da Sra. Cynthia Appleton com belos e altos seres vestidos em roupas de plástico com golas "elisabetanas" (veja página 448). Outros exemplos são os apliques com emblemas de serpente usados pelos seres nos três casos de rapto envolvendo Filiberto Cardenas, William Hermann e Herbert Schirmer (veja página 231). Em muitos casos de óvnis os seres são descritos como estando vestidos em uniformes justos e nada interessantes, ao passo que, em outros, descrevem-se uniformes espaciais ou trajes de "mergulho".

O estranho vestuário às vezes relatado no caso de contatos com óvnis parece ressoar com a psicologia humana. Em especial, as fantasias de bruxas com cinturões, mantos e insígnias parecem se enquadrar na categoria do tamo-guna, que se caracteriza por sonhos e loucura. É tentador supor, então, que contatos envolvendo indumentárias estranhas são uma projeção de mentes humanas perturbadas. Porém, conforme indicam provas já analisadas neste livro, pessoas avaliadas como normais do ponto de visto psicológico também têm relatado semelhantes contatos. Existem, ainda, muitas provas indicativas da realidade física de certos óvnis. Cabe, portanto, considerar o fato de seres reais influenciados pelo tamo-guna estarem envolvidos em alguns casos nos quais se observam trajes estranhos. Nestes casos, o

vestuário poderia ser costumeiro para as entidades, ou ser adotado por elas para impressionar testemunhas humanas.

Não sei de nenhum caso de contato imediato em cujo relato constassem entidades ufológicas usando as roupas comuns do país onde o mesmo ocorreu. Por exemplo: imagine-se sendo levado a bordo de um óvni por seres olhudos vestindo ternos e gravatas convencionais. Há, contudo, as visitas dos "homens de preto", que analisarei mais adiante neste capítulo (páginas 400-03).

Além dos casos onde se relatam trajes bizarros, há também contatos envolvendo belas indumentárias, ou pelo menos um efeito genérico de beleza. O caso de Fátima (páginas 360-74) é um exemplo disto, e outro exemplo é o caso da dama da varíola constante no Apêndice 3. Vallee cita um exemplo, que remonta a 1491 e foi relatado por um famoso matemático italiano chamado Jerome Cardan (1501-76). Em seu livro *De subtilitate*, Cardan conta a seguinte história, testemunhada por seu pai:

13 de agosto de 1491. Tendo eu já encerrado os ritos costumeiros, por volta da 12<sup>a</sup> hora do dia, sete homens apareceram para mim vestidos em trajes de seda, semelhantes às togas gregas, e calçados, por assim dizer, com sapatos brilhantes. As roupas de baixo sob seus peitorais cintilantes e avermelhados pareciam ornadas de carmesim e eram de glória e beleza extraordinárias.

Os homens disseram que eram "compostos, por assim dizer, de ar", viviam cerca de trezentos anos e estavam sujeitos a nascimento e morte. Conversaram com o Cardan pai por mais de três horas sobre diversos assuntos filosóficos e discordaram entre si sobre a causa do universo. Jerome Cardan concluiu seu relato do encontro do pai dizendo: "Quer isto seja fato ou fábula, assim o foi."

Para efeitos de comparação, eis como o Mahābhārata descreve o vestuário dos devas, nas palavras do sábio Vyāsadeva a um rei chamado Drupada:

Em seguida, Srila Vyāsa, o sábio puro cujas obras são tão magnânimas, conferiu, com sua força ascética, visão divina ao rei, que viu então todos os filhos de Pāndu tal como eles eram em seus corpos anteriores. O rei viu os cinco jovens sob suas formas celestiais de regentes do cosmo, com elmos dourados e guirlandas, da cor do fogo e do Sol, de peito amplo, esbeltos, com ornamentos coroando suas cabeças. Não havia uma partícula sequer de poeira em suas vestes celestiais, que eram tecidas em ouro, e os Indras brilhavam sobremaneira com valiosíssimos colares e guirlandas. Dotados de todas as boas qualidades, eles eram como expansões do próprio Siva, ou como os vasus e ādityas celestiais.

Segundo consta, os devas estão no sattva-guna, ou modo da bondade. Suas vestes costumam ser de imaculada beleza, e sempre são descritos com

ênfase para sua brilhante refulgência. Isto pode ser contrastado com casos envolvendo humanóides estranhos ou amedrontadores com suas roupas às vezes bizarras. Nestes casos, parece haver uma justaposição de aspectos característicos do tamoguna.

## **Ataques diretos a seres humanos**

É evidente o paralelo existente entre uma série de aspectos do caso Cimarron e outros casos de óvnis. Isto não prova a autenticidade da história da mulher, é claro, mas nossa credulidade por certo há de ficar enfraquecida por meu próximo tema de análise — a parte a respeito dos órgãos flutuando em tanques. Estes órgãos poderiam ser da vaca que a mulher viu sendo mutilada, mas ela também mencionou uma cabeça e uma mão flutuando. Seriam estas partes de vítimas humanas? Até o momento, não são muito significativas as poucas provas diretas que encontrei em publicações sérias sugerindo já ter havido alguma mutilação de humanos.

Eis um possível incidente de mutilação humana, ocorrido na Índia em 1958 e relatado pela pesquisadora ufológica britânica Jenny Randles. A testemunha, um negociante indiano, preferiu se manter no anonimato e não permitiu que a gravação de seu depoimento fosse publicada. Segundo sua história, em plena luz do dia ele viu aterrissar um óvni e dele saírem quatro entidades de um metro de altura. Logo em seguida, dois



meninos que brincavam em rochedos próximos da área foram dados como desaparecidos. Um deles foi encontrado morto mais tarde, com diversos de seus órgãos removidos, como que por meio de "hábil cirurgia". O outro estava em transe catatônico, morrendo cinco dias depois num hospital sem falar uma palavra. Este caso se enquadra no padrão de mutilação de animais, mas as provas relativas a ele são fracas devido à reticência da testemunha.

Jacques Vallee relata casos envolvendo ataques a seres humanos, por óvnis equipados com armas de feixe luminoso, nas florestas tropicais do norte do Brasil. Nestes casos, um pequeno e peculiar objeto em forma de caixa, conhecido na região como chupa, é visto sobrevoando alguma área e projetando um feixe brilhante de luz sobre o solo. Às vezes, estes objetos atacam as pessoas "espancando-as" com um feixe de luz de foco exíguo. Estes feixes parecem ter uma variedade de efeitos. Em alguns casos, eles provocam doenças e, em outros, a vítima morre — ou devido aos efeitos diretos do feixe ou devido a efeitos colaterais tais como ataques cardíacos.

O caso de Raimundo Souza é um exemplo desta última categoria. Raimundo era um caçador profissional de quarenta anos, famoso por seu bom estado de saúde, que morava em Parnarama, perto de São Luís do Maranhão. A técnica de caça usada por Raimundo e seus amigos era se esconder à noite na floresta numa rede armada nos galhos de uma árvore. Quando um veado passava pela área, eles lhe ofuscavam os olhos

com a luz de uma lanterna. O veado ficava paralisado de medo, tornando-se fácil atirar nele.

Certa noite de agosto de 1981, enquanto esperava caça em sua rede, Raimundo riscou um fósforo para acender um cigarro. Um objeto voador veio disparado para cima da cabeça dele e apontou um feixe luminoso para ele e seu companheiro de caça, Anastácio Barbosa. Ao ver aquilo, Anastácio saiu de sua rede e se escondeu sob alguns arbustos, observando o objeto circular por cima da sua cabeça. Na manhã seguinte, ele encontrou o cadáver de Raimundo no chão com um braço quebrado pela queda e com marcas roxas em diversas partes do corpo, exceto o rosto. As marcas eram circulares e raspadas como uma machucadura, medindo de 2,5 a seis centímetros, e não havia marcas de perfuração. Como não fizeram autópsia, não se sabe ao certo a causa da morte. No entanto, não houve suspeita de que Anastácio fosse o assassino. Vallee conseguiu boa parte da informação a respeito de Raimundo Souza com o tenente Magela, que era chefe de polícia em Parnarama em 1981-82.

De todo o material a que tive acesso, estes relatos do Brasil são os únicos a sugerirem que feixes luminosos projetados por óvnis teriam causado fatalidades humanas. No entanto, existem histórias comprobatórias segundo as quais as pessoas teriam sido atacadas de forma violenta por semelhantes feixes.

Veamos este exemplo da Espanha. Em 28 de janeiro de 1976, pouco após a meia-noite, um fazendeiro de 24 anos chamado Miguel Carrasco

voltava a pé para casa, vindo da casa de sua namorada em Bencazon, quando avistou um poderoso feixe luminoso sendo disparado por uma estranha nave pairando no ar. Tão logo ele começou a correr, duas entidades magras e altas emergiram da nave, cegando-o e paralisando-o com um feixe. Ele voltou a si às 2h30, na soleira da porta dianteira da sua casa, batendo com violência e gritando: "O homem da estrela vai voltar — deixe-me entrar e feche a porta!" Um médico da região reparou, na bochecha de Miguel, queimaduras estranhas, tratadas num hospital local. Contudo, elas desapareceram em sete horas, e o Dr. Mauricio Geara, o médico que tratou delas, disse mais tarde: "Na verdade, não sabemos a que se deveram aquelas queimaduras."

Eis outro exemplo, este do Arizona. Na noite de 5 de novembro de 1975, sete lenhadores voltavam para casa após um longo dia de trabalho no Parque Nacional Apache-Sitgreaves. Enquanto iam de carro ao longo de uma esburacada estrada floresta afora, viram uma luz amarela por entre as árvores e, em breve, aproximaram-se a ponto de conseguirem ver um óvni discóide pairando. Movido pela curiosidade, um deles, Travis Walton, saiu do caminhão e se aproximou da nave. Seus seis colegas o viram cair estatelado pelo golpe de um brilhante feixe luminoso verde-azulado que emanava do óvni. Os homens fugiram apavorados e, regressando após alguns minutos, já não acharam Walton em lugar algum.

Quando os homens contaram sua história à oficiais da justiça, estes a princípio suspeitaram de

homicídio. Entretanto, todos exceto um passaram num teste de polígrafo indicando acreditarem na veracidade de sua história de óvni. (Segundo se avaliou, o homem que não passou no teste estava abalado demais para fazer um teste de polígrafo.) Após ampla revista, grupos de busca orientados pela polícia não encontraram nem sinal de Travis Walton. Porém, após cinco dias, ele reapareceu contando ter voltado a si na presença de estranhos alienígenas a bordo de um óvni. Aparentemente, eles o haviam mantido entre eles durante os cinco dias para em seguida o libertarem à beira de uma estrada rural deserta. Embora este seja só o começo da história de Walton, neste caso apenas estou interessado no fato de o relato do ataque pelo feixe luminoso ter sido confirmado por seis testemunhas.

Em 1989, Francis P. Wall contou ao investigador ufológico John Timmerman outra história envolvendo um ataque por um feixe de irradiação. Wall disse ter servido como cabo de primeira classe do exército americano durante a guerra na Coreia. No início da primavera de 1951, sua companhia preparava um ataque de artilharia contra uma aldeia na região de Iron Triangle, perto de Chorwon. Um cintilante óvni discóide se aproximou deles, e Wall pediu permissão ao comandante de sua companhia para atirar nele. Para tal, ele usou uma carabina M-1 com balas próprias para perfurar blindagem e ouviu o som de metal atingindo metal. O objeto "se descontrolou" e começou a se mexer de forma desordenada e a acender e apagar sua luz. Então, o óvni pareceu se

preparar para atacar os homens ao aumentar a rotação de alguma espécie de gerador:

Aí, veio um som, de um tipo que jamais tínhamos ouvido antes, o som de... como de... locomotivas a diesel aumentando de rotação. Era como aquilo soava. E então veio o ataque — dava para chamá-lo assim, eu acho. De qualquer modo, fomos varridos por alguma forma de raio que era emitido em pulsações, em ondas só visíveis quando o raio era apontado bem na nossa direção. (...) Tínhamos a sensação de estar sendo queimados, um formigamento no corpo todo, como se algo estivesse entrando em nós.

Segundo declarou Wall, a princípio a irradiação não pareceu causar efeitos nocivos. Porém, dando prosseguimento a seu relato, ele disse: "Três dias mais tarde, foi preciso evacuar toda a companhia de ambulância. Como todos estavam fracos demais para andar, foi preciso abrir estradas para levá-los dali." Neste incidente, o feixe de irradiação era diferente do relatado no caso Walton. Entretanto, o ataque contra Walton também foi precedido por um som que fazia lembrar um motor possante. Ao descrever o sucedido antes de ser atingido pelo feixe, Walton disse: "De repente, fui surpreendido por uma poderosa e ensurdecadora dilatação no volume das vibrações oriundas da nave. Dei um pulo ao ouvir o som, que era como aquele de uma multidão de geradores de turbina dando a partida."

## Homens de preto

Os chamados Homens de Preto (Man in Black — MIB) se enquadrariam em outra categoria de provas envolvendo um possível comportamento hostil de entidades alienígenas para com os humanos. Numa história típica, um ou mais homens estranhos visitam uma testemunha ou um investigador ufológico e lhe ordenam que oculte qualquer informação acerca do fenômeno ufológico sob ameaça de violência se a ordem for desobedecida. Em muitos casos, estes homens, por serem de aparência tão perfeitamente humana, acabam sendo encarados como agentes do governo. Isto é típico de histórias envolvendo oficiais militares que revelam informações sobre óvnis em violação a seus juramentos de sigilo.

Em muitos casos, contudo, os visitantes ameaçadores não parecem humanos em absoluto. Em geral, estão vestidos em desconfortáveis trajes negros, têm características corpóreas anormais e manifestam formas de comportamento bizarras e impróprias. Quando isto se combina a demonstrações de estranhas faculdades paranormais, tem-se a impressão de estar diante de alguma espécie de ser espectral e não-humano sob um tosco disfarce humano.

O psiquiatra Berthold Schwarz relata um típico caso de MIB desta espécie, vinculado ao Dr. Herbert Hopkins, médico morador de Orchard Beach, Maine. Hopkins se envolveu com

investigações sobre óvnis ao usar a hipnose para sondar as recordações de David Stephens, testemunha de um contato imediato. Isto parece tê-lo feito atrair a atenção de uma personalidade um tanto estranha.

Na noite de sábado, 11 de setembro de 1976, enquanto a esposa e o filho de Hopkins estavam fora assistindo a um filme, seu telefone tocou. A voz ao telefone se identificou como sendo do vice-presidente de uma organização de estudos sobre óvnis de New Jersey que mais tarde Hopkins constatou não existir. Como era desejo dele vir conversar com Hopkins sobre o caso de rapto que este estava investigando, Hopkins o convidou para vir a sua casa.

O homem assomou quase que de imediato à porta de Hopkins — aparentemente, sem ter havido tempo para ele viajar de onde tinha feito a chamada telefônica. Estava vestido como um agente funerário num impecável terno preto, era calvo e não tinha sobrancelhas nem cílios. Sentado como um imóvel manequim de loja, pôs-se a fazer uma série de perguntas a Hopkins em inglês fluente, mas numa inexpressiva monotonia de palavras proferidas a intervalos iguais. Quando esfregou a boca reta e sem lábios com a mão enluvada, deu para notar que estava usando batom.

Após algum tempo de conversa, o homem disse que Hopkins tinha duas moedas no bolso esquerdo, o que era verdade, e pediu para ele pegar uma delas. Tendo Hopkins tirado um centavo do bolso, o homem pediu para o colocar

na palma da mão. Segundo Hopkins, "a nova e cintilante moeda de um centavo tinha agora uma brilhante cor de prata... aos poucos, a moeda assumiu a cor azul-clara para em seguida se tornar quase indistinta aos meus olhos. (...) Ficou mais indistinta ainda, depois vaporosa, e foi sumindo aos poucos". Declarando ser aquele um "truque limpo", Hopkins pediu ao homem para fazer a moeda reaparecer. Ele replicou: "Nem você nem ninguém mais neste plano (e não planeta) jamais verá aquela moeda outra vez."

O homem então perguntou a Hopkins se ele sabia por que Barney Hill tinha morrido. Hopkins disse achar que fora por uma doença prolongada. Mas o homem respondeu que não: Barney morreria por ter ficado sem o coração, assim como Hopkins ficara sem sua moeda. Com isto, ele mandou Hopkins destruir todas as suas fitas e outros documentos relacionados ao caso de rapto de Stephens, ao que Hopkins, amedrontado, obedeceu.

Nessa altura, o homem, parecendo exaurido, disse devagar: "Minha energia está se esgotando — preciso ir agora — adeus." Ao sair, desceu os degraus cambaleando. Enquanto o homem virava a esquina de sua casa, Hopkins viu uma estranha luz branco-azulada iluminando a entrada da garagem. O homem prosseguiu na direção da garagem, muito embora dali não tivesse para onde ir. Depois, não foi visto mais.

Segundo Betty Hill, Barney Hill morreu de derrame, e não de ataque cardíaco. Sendo assim, eram incorretas as declarações do visitante sobre



a retirada do coração de Barney Hill. Não obstante, tiveram o efeito pretendido, pois Hopkins logo destruiu suas fitas e outros registros relacionados ao caso de rapto de Stephens.

Que poderia servir de prova da veracidade da história de Herbert Hopkins? Segundo depoimento da sua esposa, voltando para casa após aquela experiência, ela reparou que ele havia acendido todas as luzes da casa e estava sentado à mesa da cozinha com uma arma. Este comportamento incomum, aliado à sua sinceridade ao contar a história, foi suficiente para a convencer. Mas, mesmo que houvesse outras testemunhas oculares da história de Hopkins, isto ainda não constituiria uma prova. Talvez, pode-se argumentar, as testemunhas oculares estivessem mentindo ou alucinando. E, se alguém alegasse ter fotografado o homem de preto, seria possível argumentar que talvez a fotografia fosse um embuste.

Embora não haja como prová-la, a história pode muito bem ser verdadeira. Caso o seja, trata-se de um exemplo de comportamento sem dúvida hostil e manipulatório. Como parecia anormal e atrofiado, e usava poderes ocultos para causar medo, o estranho homem se enquadra perfeitamente na categoria védica de seres no *tamo-guna*, ou modo da escuridão. Temos aqui mais uma evidência associando pelo menos algumas entidades ufológicas a seres desta categoria.

## **Hostilidade de humanóides védicos contra humanos**

Até aqui, fiz menção sucinta dos seguintes tipos de prova de hostilidade por parte de desconhecidos seres inteligentes: (1) casos envolvendo monstros amedrontadores, (2) macabras mutilações de animais, (3) horrorosas experiências de raptos, (4) ataques com armas de feixe luminoso, e (5) visitas de "homens de preto" demoníacos. Além disso, segundo sugerem algumas histórias, alienígenas têm capturado e morto seres humanos, havendo, ainda, uma ampla literatura sobre desaparecimentos misteriosos que eu não me detive em analisar aqui.

Todos estes eventos parecem ocorrer à margem da consciência social humana. Embora alguns deles causem sensação nos noticiários por algum tempo, nenhum jamais sobressaiu o bastante para ser reconhecido abertamente como verdadeiro por órgãos civis e acadêmicos de caráter oficial. Em parte, isto pode se dar em virtude de as pessoas terem uma forte tendência a negar coisas que pareçam incompreensíveis ou ameaçadoras. Esta negação começa, claro, em nível individual, podendo ser formalizada por políticas estabelecidas dentro de instituições governamentais e acadêmicas.

Também é evidente que os eventos ameaçadores aqui analisados são mesmo marginais em função do fato de não estarem representando, no momento, graves interferências às atividades

humanas. As coisas seriam diferentes, por exemplo, se uma força de invasão alienígena ocupasse Londres, ou ainda se as pessoas sofressem ataques regulares de armas aéreas de feixe luminoso nas ruas de Nova York.

A pergunta natural é: "Se existem mesmo estes seres desconhecidos e se eles estão fazendo todas essas coisas, qual é, então, o plano deles e que perspectivas têm para o futuro? Será que vão invadir e ocupar o planeta, como talvez o fizéssemos se estivéssemos na posição deles e, caso contrário, por que não?" É difícil responder a estas perguntas pelo exame dos relatos sobre óvnis, pois, segundo tais relatos, as misteriosas entidades ufológicas não se sentem inclinadas a explicar com clareza seus planos às pessoas com quem fazem contato.

No entanto, a literatura védica contém vasta informação acerca das relações entre diversas raças humanas e humanóides, tanto na Terra quanto no espaço interplanetário. Como existem fortes paralelos entre os relatos de fenômenos ufológicos e as descrições védicas de raças humanóides, esta informação poderá proporcionar alguma compreensão a respeito das ações ameaçadoras que as pessoas têm associado aos óvnis. Nesta seção, portanto, analisarei alguns exemplos, extraídos do Mahābhārata e do Rāmāyana, da forma hostil com que raças não-humanas tratam os seres humanos.

## **Guerras nas estrelas e suas conseqüências**

Conforme um tema comum abordado pela literatura védica, existem guerras nos céus entre os devas e os asuras. Há uma hierarquia cósmica que governa o universo de acordo com a lei divina, havendo, também, elementos rebeldes que se opõem a esta hierarquia. Como mencionei no Capítulo 6 (páginas 258-59), o nível superior da hierarquia universal é predominado por sábios (chamados rsis e prajãpatis) que se interessam, sobretudo, em meditação e desenvolvimento espiritual e não se ocupam de contendas políticas. O nível inferior, contudo, é controlado pelos devas, que realmente se envolvem com política.

Em geral, os devas atuam como administradores universais sob a autoridade dos sábios, que, por sua vez, atuam sob a autoridade de Brahmã, a primeira criatura do universo. No entanto, como certos parentes dos devas se rebelaram contra este sistema, seus descendentes têm travado repetidas e extensas guerras contra os devas. Entre estes seres, conhecidos como asuras, incluem-se diversos subgrupos tais como os daityas, descendentes de Diti, e os danavas, descendentes de Danu.

Como seria de se esperar, as guerras entre os devas e os asuras envolveram diversos reveses causados por artimanhas políticas e técnicas de ambos os lados. Eis uma ilustração disto extraída

do Bhāgavata Purāna, conforme narra o Rsi Nārada a um rei terrestre chamado Yudhisthira:

Maya Danava, o grande líder dos asuras, preparou três residências [pura] invisíveis e deu-as aos asuras. Estas moradas, semelhantes a aviões feitos de ouro, prata e ferro, continham apetrechos incomuns. Meu caro rei Yudhisthira, por causa destas três moradas, os comandantes dos asuras ficavam invisíveis para os devas. Aproveitando-se desta oportunidade e se lembrando de sua antiga inimizade, os asuras se puseram a conquistar os três mundos — os sistemas planetários superior, intermediário e inferior.

Nesta passagem, a palavra pura pode significar residência ou cidade. Neste caso, os devas foram salvos pelo Senhor Siva, que destruiu as três cidades voadoras e desse modo obteve o nome Tripurāri ("Inimigo das três cidades"). Eis outra referência do Bhāgavata Purāna a guerras interplanetárias:

Quando os ateístas, após se tornarem bem versados no conhecimento científico védico, aniquilarem habitantes de diferentes planetas, voando invisíveis no céu em foguetes bem construídos e projetados pelo grande cientista Maya, o Senhor confundirá as mentes se vestindo de forma atraente como Buda e pregará sobre princípios sub-religiosos.

Conforme salienta Srila Jiva Gosvãmi, o comentador deste texto, o Buda mencionado aqui não é o Buda histórico que conhecemos, mas sim um Buda que viveu numa era diferente. Neste contexto, usa-se a palavra ateiastas para traduzir deva-dvisãm, cujo significado literal é inimigos dos devas. Neste caso, os inimigos dos devas tornaram a obter extraordinárias naves aéreas de Maya Dãnava. Foram impedidos, contudo, por uma encarnação de Buda, que os cativou mediante características materiais externas, tais como roupas vistosas, e então os persuadiu a adotarem a filosofia da não-violência.

Um aspecto importante das guerras entre os devas e os asuras é que jamais lhes era permitido se desgovernarem em excesso. De quando em quando, autoridades superiores intervinham com o intuito de restaurar a ordem divina, o que costumava proporcionar a avatãras do Ser Supremo a ocasião para apresentarem sublimes ensinamentos filosóficos e se entreterem em passatempos extraordinários.

Às vezes, contudo, estas guerras repercutiam na Terra e em sua população humana. Indra, o rei dos devas, por exemplo, certa vez matou Vrtrãsura, o líder de um grupo de asuras. Como os seguidores de Vrtrãsura foram completamente derrotados, um contingente deles, chamados kãleya danavas, resolveu se vingar aterrorizando os humanos na Terra. O plano elaborado por eles foi de implantar uma base de operações no fundo dos oceanos da Terra, de onde saíam à noite para atacar os

sábios e ascetas que orientavam a sociedade humana da época:

No eremitério de Vasistha, o grupo de canalhas devorou 188 brãhmanas e nove outros ascetas. Eles foram até o eremitério sagrado de Cyavana, sempre visitado pelos duas-vezes-nascidos, e comeram uma centena de eremitas, que viviam de frutas e raízes. Eles faziam isto à noite; durante o dia, escondiam-se no oceano. No eremitério de Bharadvãja, destruíram vinte sóbrios celibatários que viviam de brisa e água. Desta maneira, os kãleya danavas foram aos poucos invadindo todos os eremitérios, enlouquecidos por sua confiança na força de suas armas, matando muitos anfitriões dos duas-vezes-nascidos, até que o Tempo veio no encalço deles. As pessoas nada sabiam a respeito dos daityas, O melhor dos homens, nem sequer quando eles oprimiam os sofridos ascetas. De manhã, encontravam os eremitas, macilentos em virtude de seus jejuns, jazendo no solo em corpos sem vida. A terra andava cheia de cadáveres descarnados, exangues, sem tutano, desentranhados e desconjuntados como pilhas de conchas. (...)

Os homens, acabando-se desta maneira, Ó senhor dos homens, fugiam de medo para todos os lados para se porem a salvo. Alguns se escondiam em cavernas, outros atrás de cachoeiras, e ainda outros temiam tanto a morte que o medo os matava. Havia, também, altivos e heróicos arqueiros dando o máximo de si para encurrular os danavas; mas não conseguiam achá-los, pois eles

estavam escondidos no oceano. Assim, os arqueiros sucumbiam à exaustão e à morte.

Existe pelo menos uma semelhança superficial entre esta história e os relatos modernos de mutilações de gado e de ataques a humanos por óvnis. Em ambos os casos, a morte é infligida por seres desconhecidos que atuam à noite, valendo-se de poderes tidos como extraordinários do ponto de vista humano. Em ambos os casos, há cadáveres exangues. Também é interessante notar que é comum óvnis serem vistos entrando e saindo de oceanos e lagos, como se talvez eles mantivessem bases de operação escondidas dentro das águas. (Veja Sanderson, 1970.)

O impacto do ataque dos danavas contra os ascetas foi, é claro, muito mais forte sobre a sociedade humana daquela época do que é hoje em dia o impacto das mutilações de gado e das atividades dos óvnis. Não obstante, encaixava-se, mesmo assim, no nível do terrorismo. Muito embora os danavas viessem lutando contra os devas pela supremacia total, em vez de tentarem invadir e ocupar abertamente a Terra, eles só faziam amedrontar as pessoas com nefastas táticas de terror. Como isto se assemelha ao que ocorre com as mutilações de gado e as manifestações de óvnis mais aterradoras, seria possível questionar o porquê desta forma de fazer as coisas. Com a análise de alguns outros exemplos, ficaremos conhecendo alguns motivos para isto.



## **A trama do Rãmâyana**

Segundo a trama básica do Rãmãyana, um ser poderoso chamado Rãvana ocupara uma região chamada Lankã na superfície da Terra e, daquela base de operações, andava causando consideráveis transtornos a grupos de seres muito diferenciados. Por esta razão, um grupo de devas, gandharvas e sábios, preocupados que eram com os assuntos da Terra, reuniram-se e fizeram o seguinte apelo ao Senhor Brahmã:

Ó abençoado Senhor, tendo sido favorecido por ti pela concessão de uma dádiva, o rãksasa Rãvana tem nos importunado sem parar. Vemo-nos, portanto, desamparados e forçados a suportar a terrível opressão dele! O Senhor dos rãksasas tem inspirado terror nos Três Mundos e, como subjugou os Guardiões da Terra, tem humilhado até o próprio Indra. Provocando os sábios, os yaksas, gandharvas, brãhmanas e outros seres, agora que se tornou intolerável pelo orgulho de estar sob tua proteção, ele vive os pisoteando.

Um detalhe importante revelado por esta declaração é que Rãvana conquistara a Terra. Pelo menos, ele havia subjugado os Guardiões da Terra. A Terra e suas redondezas eram, àquela época, habitadas por certos seres quase tão poderosos quanto o próprio Rãvana, que os enfrentava com o fim de estabelecer sua hegemonia. Afora isso, ele mandava saqueadores rãksasas fazerem ataques

noturnos a brãhmanas e ascetas que viviam na floresta, distantes das principais concentrações humanas. Isto lembra, é claro, as histórias sobre pessoas de remotas regiões do Brasil, atacadas por armas de feixe luminoso oriundas de óvnis.

No entanto, Rãvana não tentou ocupar terras humanas nem arrebanhar pessoas em reservas, como os colonizadores europeus fizeram com os índios americanos. Ao invés disso, ele só fazia gozar do luxo de sua mansão aérea (veja páginas 319-21), enquanto mandava capangas perpetrar atos de terrorismo. Na minha opinião, é possível fazer duas observações quanto a isto: em primeiro lugar, Rãvana não sentia atração pela vida na Terra e pelo ambiente humano. Tendo conquistado os Guardiões, a Terra era dele, mas ele e seu povo não tinham o menor interesse em invadir o nicho ecológico humano.

Em segundo lugar, o hábito de aterrorizar pessoas à noite revela algo sobre a psicologia de Rãvana. Tanto ele quanto os rãksasas e danavas em geral tinham um forte traço do tamo-guna, ou modo da ignorância. No nível da psicologia humana comum, encontramos a mesma espécie de característica em assassinos psicóticos ou ditadores loucos. Rãvana tinha um interesse especial em atormentar brãhmanas e ascetas por estas pessoas serem adoradoras dos devas, que eram velhos inimigos de Rãvana.

Podemos aprofundar nossa compreensão do ponto de vista de Rãvana a partir da resposta dada por Brahmã aos devas, gandharvas e sábios:

Eis uma maneira de causar o fim daquele ser perverso! "Que eu não seja destruído por gandharvas, yaksas, deuses ou rãksasas" — este foi o pedido de Rãvana. Mas, não ligando a menor importância à raça humana, ele não me pediu para fazê-lo invulnerável em relação ao homem; portanto, ninguém senão um homem poderá destruí-lo.

Rãvana achava os seres humanos de todo insignificantes, outro indício do motivo para ele não ter se preocupado com eles em particular. Mas foi justamente aí que ele caiu. Seguindo o conselho de Brahmã, os seres celestiais reunidos pediram ao Senhor Visnu que encarnasse na Terra como um aparente ser humano para exterminar Rãvana. Assentindo a tal pedido, o Senhor Visnu nasceu como Rãma, filho do rei Dasaratha de Ayodhyã.

Passado algum tempo, Rãvana ouviu falar da beleza de Sitã, a esposa de Rãma, e arquitetou um plano para raptá-la (veja páginas 292-93). Isto gerou um conflito entre Rãvana e Rãma, que acabou exterminando Rãvana com armas celestiais numa grande batalha.

Isto traz à tona outro ponto relativo aos seres humanos. Do ponto de vista de seres celestiais como Rãvana, os humanos são absolutamente inferiores e desimportantes. Por que, então, o Senhor Visnu, a fonte original de Brahmã e de todos os devas, concordou em viver entre eles como um deles?

A resposta, segundo a literatura védica, é que a forma humana de vida constitui uma vantagem singular para se fazer avanço espiritual. As formas subumanas de vida carecem da inteligência necessária para a contemplação espiritual, ao passo que os seres sobre-humanos tendem a se enredar no prazer de grande poder, beleza e longevidade. Mas a forma humana, com todas as suas provas e atribuições, proporciona uma passagem através da qual a alma pode ascender prontamente a etapas espirituais superiores. Uma vez que a preocupação primária do Senhor Visnu é com o destino da alma, para Ele era natural o interesse pela raça humana.

É curioso que esta mesma idéia tenha vindo à tona em uma das mensagens ufológicas canalizadas — seja qual for a verdadeira fonte delas. Eis uma citação de um comunicador chamado Hatonn, que disse representar a "Confederação de Planetas a Serviço do Criador Infinito":

Muitos de nós ora circulando em seu planeta desejaríamos ter a oportunidade que vocês têm, a oportunidade de estar dentro da ilusão e depois, pela geração do entendimento, usar os potenciais da ilusão. Esta é uma forma de granjear progresso no caminho espiritual e tem sido o anseio de muitos de nossos irmãos.

Eis uma citação do Bhāgavata Purāna acerca de uma consideração muito semelhante:

Como a forma de vida humana constitui a posição sublime para se atingir a realização espiritual,

todos os semideuses celestes falam o seguinte: Que maravilhoso estes seres humanos terem podido nascer na terra de Bhārata-varsa. (...) Tudo o que nós, semideuses, podemos fazer é aspirar a nascer como humanos em Bhārata-varsa para praticar serviço devocional, mas aqueles seres humanos já o estão praticando.

Bhārata-varsa é o domínio da breve forma de vida humana, e, portanto, se refere a este planeta Terra. Como a raça humana é importante do ponto de vista espiritual, autoridades superiores dentro do universo tendem a protegê-la, motivo pelo qual não é fácil seres mais poderosos a dominarem. Esta idéia também se manifesta sob outra forma na seguinte descrição das fadas, registrada na Irlanda pelo etnólogo Evans-Wentz:

As fadas são os seres mais magníficos que eu já vi. Elas são em muito superiores a nós, motivo pelo qual são chamadas de nobres. Não são uma classe trabalhadora, mas sim uma classe militar-aristocrática, são altas e de aparência nobre. São uma raça distinta entre a nossa e a dos espíritos, foi o que me disseram. Suas habilitações são tremendas. "Poderíamos eliminar metade da raça humana, mas jamais o faríamos", disseram, "pois estamos esperando a salvação."

Em suma, a literatura védica, muitas comunicações de óvnis e o folclore celta — todos sugerem a possibilidade de às vezes a sociedade humana ser afetada pelas atividades de seres mais poderosos, envolvidos sobretudo com seus

próprios interesses. No cumprimento de suas próprias incumbências, estes seres podem de quando em quando intervir na sociedade humana de formas que parecem misteriosas se encaradas a partir de uma limitada perspectiva humana, mas que fazem sentido dentro do complexo contexto de atividade deles. Estas intervenções poderão parecer nocivas ou benéficas, dependendo dos motivos subjacentes dos seres envolvidos. Elas não chegam a revelar os plenos poderes destes seres por uma série de motivos, variando desde leis de não-interferência de embasamento espiritual ao desprezo pela fraqueza dos insignificantes humanos.

## **A trama do Mahabharata**

Até aqui, analisei dois exemplos védicos de invasão da Terra por alienígenas. Em cada um dos casos, a maioria dos seres humanos experimentou estas invasões sob a forma de ataques noturnos esporádicos por parte de seres aterrorizantes que pareciam surgir do nada. Embora provocassem grande perturbação em quantos ouviam falar deles e fossem devastadores para quantos os experimentavam, os ataques não exerciam muito impacto sobre a sociedade humana como um todo. Há um exemplo, contudo, da tentativa, dos daityas e danavas de tomarem e governarem a sociedade humana, que forma a trama principal do Mahābhārata.

A história começa há muito tempo, quando a sociedade humana prosperava. As pessoas se dedicavam aos princípios da virtude, não pendendo à decadência caso passassem a experimentar algum sucesso material. No entanto, esta situação auspiciosa não perdurou. Assim como na história dos kãleya dānavas, a sociedade humana começou a ser afetada por eventos ocorridos em sistemas planetários celestiais. Eis o que sucedeu, conforme narrou o sábio Vaisampāyana ao rei Janamejaya:

Mas então, Ó melhor dos monarcas, justo quando a humanidade florescia, criaturas poderosas e demoníacas passaram a nascer das esposas de reis terrestres.

Certa feita, os divinos ādityas, administradores do universo, lutaram contra seus perversos primos, os daityas, e os eliminaram. Vendo-se privados de seu poder e de suas posições, os daityas começaram a nascer neste planeta, tendo o cuidado de calcular que seria fácil para eles se tornarem os deuses da Terra, submetendo-a a seu jugo demoníaco. E assim aconteceu, Ó poderoso, de os asuras passarem a aparecer entre diferentes criaturas e comunidades.

Tanto como no caso dos kãleya dānavas, esta tentativa envolveu atividades ocultas, e não uma invasão ostensiva da Terra por exércitos alienígenas. A técnica adotada pelas forças invasoras era entrar com seus corpos sutis nos ventres das esposas dos reis e desta maneira

nascer em famílias reais. Deste modo, assumiam controle dos governos terrestres e conseguiam explorar a Terra como bem entendiam.

Quanto mais estas criaturas demoníacas nasciam na Terra, menos a própria Terra conseguia suportar o peso da presença delas. Tendo caído de suas posições nos planetas superiores, os filhos de Diti e Danu surgiram então neste mundo como monarcas, dotados de força descomunal, e sob muitas outras formas. Ousados e arrogantes, virtualmente cercaram a Terra e suas águas, dispostos a eliminar quem se opusesse a eles.

Perseguiam os mestres, os regentes, os comerciantes e os trabalhadores da Terra, bem como todas as outras criaturas. Andando de um lado para o outro às centenas e aos milhares, passaram a exterminar as criaturas da Terra, deixando o mundo em pânico. Indiferentes à cultura divina dos brähmanas, ameaçavam os sábios sentados na paz de seus ãsramas na floresta, pois os chamados reis enlouqueciam com a força de seus corpos.

Reagindo a esta invasão, Bhümi, a deusa da Terra, aproximou-se do Senhor Brahmã e rogou a ele que a salvasse. Brahmã atendeu o pedido, ordenando que os devas encarnassem na Terra se valendo do mesmo estratagema dos asuras: "A fim de libertar a Terra deste fardo, cada um de vós deve nascer lá, por intermédio de vossas expansões dotadas de poder, e sustar a disseminação das forças demoníacas." Brahmã também solicitou ao Senhor



Visnu que aparecesse na Terra como um avatãra a fim de fazer frente às forças demoníacas, ao que Ele aquiesceu.

Passado algum tempo, diversos devas apareceram na Terra, quer entrando eles mesmos nos ventres de mães terrestres, quer fecundando mulheres terrestres e tendo com elas filhos que herdaram parte da natureza dévica paterna. Então, o Senhor Visnu apareceu como Krsna, o filho de Vasudeva e Deváki.

Com o auxílio dos devas encarnados, Krsna foi aos poucos aniquilando as forças dos dãnavas. Isto envolveu muitas estratégias complexas, um dos quais, a batalha fratricida entre os Pãndavas e os filhos de Dhrtarãstra, é o tema principal do Mahãbhãrata. Nesta batalha, a guerra celestial entre os devas e os asuras foi reencenada na Terra e, por arranjo de Krsna, as forças dos asuras foram enfim derrotadas.

Esta história complexa nos remete a diversas questões. Em primeiro lugar, muito se tem escrito hoje em dia a respeito de seres de outros planetas que reencarnam em corpos humanos como "Peregrinos" com o objetivo de levar a cabo algum propósito superior. Também se fala de "Intrusos", ou almas que se apossam de corpos já existentes cujas almas originais são desalojadas. Estes conceitos são semelhantes à idéia apresentada no Mahãbhãrata, segundo a qual os devas e asuras poderiam nascer na Terra para cumprir missões específicas.

Para entender esta idéia, é necessário ter um entendimento preliminar acerca da alma, do corpo

sutil e do processo de reencarnação. Curiosamente, estes assuntos, por mim abordados no próximo capítulo, vêm à tona repetidas vezes em casos de contato imediato com óvnis.

Outro detalhe: as invasões da Terra por forças hostis costumam proporcionar uma excelente oportunidade para a introdução de profundos ensinamentos éticos e espirituais na sociedade humana. Assim, a invasão de Rãvana resultou no advento do Senhor Rãmacandra, que ensinou a vida de um rei ideal. De forma semelhante, a invasão do Mahãbhãrata culminou em Krsna falando o Bbagavad-gitã. Uma pergunta interessante é: "Será que algo semelhante ocorrerá como resultado da situação de hoje?"

## **10**

### **Energias grosseiras e sutis**

Em agosto de 1975, um homem de 48 anos de idade se submetia a uma cirurgia de coração exposto. Meia hora após lhe tirarem o desvio cardiopulmonar, ele sofreu uma parada cardíaca e foi preciso revivê-lo com uma injeção de epinefrina no coração e dois tratamentos de choque elétrico. Ao acordar, ele se recordou da seguinte experiência:

Eu atravessava uma ponte de madeira por sobre um belo riacho de água cristalina e, do outro lado,

vi Jesus Cristo trajando um manto branquíssimo. Ele tinha cabelos negros e barba curta e muito negra. Seus dentes eram extremamente brancos e seus olhos, azuis, muito azuis. (...) Era diferente de quaisquer imagens que eu já vira. (...) Concentrei-me no manto branco e na possibilidade de provar a mim mesmo que de fato se tratava do Cristo. (...) Enquanto ali estive, o conhecimento, o conhecimento universal, descortinou-se para mim e eu desejei assimilar tudo aquilo para que, quando me fosse possível, eu pudesse mostrar às pessoas o que havia de fato ao redor delas. Só que não consegui trazer nada daquilo de volta comigo. Este é um exemplo típico de experiência extracorporal, ou EEC. Em semelhante experiência, a pessoa tem a impressão de estar deixando seu corpo físico mas, ao mesmo tempo, continua a ver, ouvir e pensar como um ser consciente. Por serem ocorrências comuns entre pessoas em condição física quase fatal, as experiências extracorporais também são chamadas de experiências de quase-morte, ou EQMs. Com o recente desenvolvimento de técnicas de reavivamento de pessoas que estão perto de morrer, tem aumentado bastante o número de relatos sobre semelhantes experiências, acerca das quais médicos, psicólogos e pesquisadores de fenômenos metapsíquicos têm escrito uma série de livros.

Embora para um observador externo seja difícil distinguir EECs de sonhos, quem as experimenta tende a julgá-las reais porque as mesmas, além de serem muito vívidas, acarretam um impacto

psicológico profundo. Isto se aplica à EEC supramencionada, toda ela ocorrida numa espécie de mundo onírico. Em muitos casos de EEC, contudo, a pessoa vê seu próprio corpo inconsciente a distância. Em alguns destes casos, pacientes dados como inconscientes em decorrência de uma parada cardíaca foram capazes de descrever com precisão os procedimentos médicos usados para reanimá-los. Eis o resumo do cardiologista Michael Sabom da descrição do revivescimento pós-ataque-cardíaco de um paciente, conforme este o presenciou durante uma EEC:

Sua descrição é de extrema precisão ao retratar a ocorrência, tanto da técnica de ressuscitamento cardiopulmonar quanto da seqüência em si do emprego desta técnica — i.e., choque no peito, massagem cardíaca externa, inserção de conduto de ventilação, administração de medicamentos e desfibrilação.

Sabom disse ter tido oportunidade de conhecer este homem muito bem, podendo constatar que ele não tinha mais que os conhecimentos de um leigo em medicina. Segundo também frisou o paciente de Sabom, antes daquela experiência, ele jamais assistira a documentários de tevê sobre casos de ressuscitamento cardíaco. Em sua EEC, ele presenciara detalhes vívidos dos procedimentos de ressuscitamento, muito embora seu coração não estivesse funcionando naquele momento e seu cérebro estivesse desoxigenado.

Se a experiência não passou de um sonho, como, então, o homem foi capaz de adquirir o conhecimento preciso dos detalhados procedimentos médicos contidos naquele sonho?

## **EECs e óvnis**

Tem havido bastante controvérsia quanto a como interpretar as experiências extracorporais — uns favorecem teorias baseadas em sonhos ou alucinações, outros advogam explicações paranormais. Em geral não incluem o assunto ufológico nestas discussões. No entanto, segundo constatações recentes, estariam sucedendo experiências extracorporais durante contatos com óvnis. Muitas testemunhas relatam ter experimentado viagens extracorporais durante raptos por óvnis, e outras relatam ter experimentado EECs espontâneas após seus contatos com óvnis. Isto acarreta toda uma nova controvérsia acerca das experiências extracorporais — controvérsia inevitavelmente vinculada ao corpo de observações e teorias desenvolvido em torno do fenômeno ufológico.

Segundo uma dessas teorias, as experiências extracorporais associadas a óvnis são, na verdade, percepções equivocadas de experiências de raptos fisicamente reais. Segundo outra teoria, na sua essência, os raptos por óvnis são ilusórios. Ainda segundo esta teoria, as EECs também são experiências alucinatórias geradas pela mente, talvez devido à influência de alguma energia

externa. Os raptos por óvnis e as EECs seriam compatíveis por ambos serem de natureza ilusória semelhante.

Segundo uma terceira teoria, os raptos por óvnis são eventos reais, podendo acontecer em nível grosseiro ou sutil de energia material; já as EECs são eventos reais em que a mente sutil se separa do corpo físico em caráter temporário. Num rapto por óvni, o corpo físico poderá ser levado a bordo de um óvni e, durante esta experiência, poderá ocorrer uma EEC ou não. Além disso, talvez alguns raptos por óvni façam parte de EECs e, neste caso, a mente sutil será levada a bordo de um óvni e o corpo grosseiro será deixado para trás. Examinarei estas teorias após dar alguns exemplos de experiências extracorporais associadas a óvnis.

Em primeiro lugar, conforme indicam certos relatos, as EECs são eventualmente induzidas por entidades humanóides do tipo associado aos óvnis. Exemplo disto é uma experiência relatada por Betty Andreasson. Em julho de 1986, diz ela, enquanto lia a Bíblia deitada no sofá de seu trailer, ela ouviu um zunido e viu um ser estranho se aproximar.

Naquela altura, teve a experiência de ver seu próprio corpo de um ponto de observação externo:

Vejo-me de pé e ao mesmo tempo deitada no sofá! Primeiro, o ser havia colocado uma caixinha ou algo parecido sobre o sofá e, então, eu me vi aparecer ali. Vejo-me de pé. (...) E me vejo andando na direção do ser. E depois me viro na direção do sofá e me abaixo para tocar em mim

mesma e — Ahhhh! — quando o faço, minha mão atravessa meu corpo!

Neste caso, o ser era do tipo gray padrão: "Ele tem uma cabeça calva e bem grande, pele acinzentada, grandes olhos castanho-escuros — olhos grandes — do tipo oblíquo, pequenos orifícios nas narinas e uma espécie de fenda no lugar da boca." Após assumir o estado extracorporal, Betty passou por uma experiência estranha envolvendo visões de esferas de cristal, a sombra transitória de uma ave gigantesca e uma nave esférica flutuando no ar. De certa maneira, isto faz lembrar as experiências de outros mundos que costumam ocorrer em EECs. No entanto, os alienígenas gray estiveram presentes durante toda a experiência.

Whitley Strieber recontou uma experiência muito semelhante: tendo acordado por volta das 4h30 em sua casa de campo, ele tentou induzir uma EEC usando métodos recomendados por Robert Monroe, famoso investigador de estados extracorporais. Ele disse ter visto a imagem de uma comprida e ossuda mão de quatro dedos de um ser gray apontando para uma caixa de sessenta centímetros quadrados sobre um piso acinzentado. Então, experimentou uma onda imprópria de desejo sexual, seguida de uma EEC. Viu-se flutuando acima de seu corpo. Viu seu gato, que devia estar em Nova York, e viu o rosto de um visitante gray do lado de fora de uma das janelas. Descobriu sua capacidade para se mover naquele estado extracorporal, e descreveu suas aventuras

ao passar por uma janela fechada e voltar por ela. Durante tudo isto, experimentou ser um "campo aproximadamente esférico".

Há, ainda, casos de pessoas tendo experiências extracorporais sem nenhuma causa óbvia, entrando em óvnis em estado extracorporal e fazendo contato com entidades ufológicas. Betty Andreasson, por exemplo, após voltar a se casar, desta vez com Bob Luca, relatou uma EEC conjunta durante a qual ambos entraram num óvni ocupado por típicos seres gray. Ali, ela encontrou descaracterizadas formas humanas envoltas em luz e reparou também estar naquele estado. Também viu as formas-luz descaracterizadas se transformando em bolas de luz e então de novo em formas-luz humanas.

Em outra experiência extracorporal com óvni, uma pessoa chamada Emily Cronin teve a experiência de estar parada ao lado de seu carro e, ao mesmo tempo, ver seu corpo adormecido dentro do carro. Aqui ela reconta esta experiência sob hipnose:

Emily: Não no carro. Mas estou no carro. Isto é absurdo.

McCall: Não se preocupe com isto. Só me diga o que está acontecendo.

Emily: Isto é absurdo! Não dá para fazer isto!

McCall: Não dá para fazer isto?

Emily: Você não pode estar no carro e fora do carro ao mesmo tempo. Isto é absurdo! Mas eu estou?



Depois disso, ela viu uma grande "bolha" brilhante pairando acima de algumas árvores à margem da estrada. Além de ter se comunicado por telepatia com inteligências invisíveis associadas àquele objeto, ela se deu conta de que toda manifestação de vida é uma coisa só e as inteligências não eram, na verdade, alienígenas.

No caso de Judy Doraty analisado no Capítulo 9 (páginas 387-89), a testemunha, Judy, experimentou estar parada ao lado de seu carro e, ao mesmo tempo, entrar num óvni e observar os acontecimentos dentro dele. Neste caso, Judy e outras testemunhas já tinham visto o óvni, a partir do ponto de vista normal de seus respectivos corpos físicos. Dentro do óvni, Judy alega ter presenciado entidades humanóides esquartejando um bezerro vivo para em seguida lançar seu corpo ao solo fazendo uso de uma haste de luz. A cena dentro do óvni, conforme isto parece sugerir, teve realidade física, e Judy a estava vendo assim como as pessoas às vezes observam seus próprios corpos em EECs.

Em geral, pessoas em sua condição corpórea normal não conseguem perceber alguém que esteja presente perto delas em estado extracorporeal. Segundo Judy relatou, no entanto, as entidades vistas por ela no óvni estavam cômicas da presença dela, tendo-se comunicado com ela por telepatia.

## **Os seres de manto branco**

Sob hipnose, Betty Andreasson se lembrou de, ainda adolescente, ter sido levada a bordo de uma nave alienígena, que adentrou um corpo d'água e foi até um complexo subterrâneo. Até esta altura, ela parecia estar viajando em seu corpo físico, pois a viagem parecia envolver grandes forças de  $m/s^2$  do tipo produzido por aceleração comum. No complexo subterrâneo, seres gray lhe disseram que ela seria levada para casa para ver o Uno. Eis a experiência desenrolada em seguida, conforme revivida através da regressão hipnótica:

Betty: Chegamos a uma parede de vidro e a uma porta grande, grande, grande, grande, grande. Ela é feita de vidro.

Fred Max: Tem dobradiças?

Betty: Não. Ela é tão grande e há... não consigo explicar. É como se fosse porta depois de porta depois de porta depois de porta. Ele pára ali e manda que eu pare também. Eu paro. Ele diz: "Agora você entrará pela porta para ver o Uno."

Estou ali parada e saindo de mim mesma! Há duas de mim! Há duas de mim ali! (...) a outra parece minha gêmea.

Assim após entrar em estado extracorporal, ela atravessou a porta:

Betty: Entrei pela porta e ela é muito brilhante. Não posso levá-lo mais à frente.

Fred Max: Por quê?

Betty: Porque... não posso fazê-lo atravessar esta porta.

Fred Max: Por que você está tão feliz?

Betty: É que, ah, não posso lhe falar sobre isto. (...) Não há palavras para explicar. É maravilhoso. É para todos. Só não posso explicar. Posso entender que tudo é uma coisa só. Tudo se encaixa perfeitamente. É lindo!

Isto soa como uma descrição típica da experiência da percepção de Brahman, estado de consciência almejado por yogues e místicos no mundo inteiro. Na tradição védica, existem diversas escolas de pensamento filosófico que abordam a natureza da percepção de Brahman. Analisarei este assunto com certa minúcia no Capítulo 11. Por ora, estou interessado no que aconteceu depois de concluída esta experiência.

Após deixar a porta do Uno, Betty alega ter encontrado misteriosos seres de manto branco: "Bem, estou do lado de fora da porta e há uma pessoa alta ali. Ele tem cabelo branco, veste um camisão branco e gesticula para que eu me aproxime dele. Seu camisão é cintilante, seu cabelo é branco, e seus olhos são azuis." Em contraste com os pequenos seres gray encontrados por ela até então, esta pessoa parecia um humano normal.

Ao analisar este caso, Raymond Fowler assinala a possibilidade de seres semelhantes terem sido avistados por oficiais da marinha italiana durante uma visão de óvni nas encostas do monte Etna em 4 de julho de 1978. Nesta ocasião, aterrissou um disco vermelho, pulsante e abobadado, e as testemunhas fizeram contato com "dois seres altos

de manto branco e cabelos dourados acompanhados por três ou quatro seres mais baixos que usavam elmos e trajes espaciais". Neste caso, os seres altos de manto branco foram vistos por oficiais militares que, segundo se presume, estavam em seus corpos físicos e num estado de consciência tido como normal.

Em EECs sem vinculação a óvnis, são freqüentes as referências a seres trajando mantos brancos. Um exemplo disto seria a EEC do cardiopata mencionada no início deste capítulo. É significativo que, apesar de esta testemunha ter encarado o ser de manto branco como sendo o Cristo, ele tenha mesmo assim observado: "Ele parecia diferente de quaisquer imagens que eu já vira." Ele nutria, é claro, certas dúvidas quanto a esta identificação. Também é interessante o fato de o encontro do homem com aquele ser ter sido acompanhado, tal como no caso de Betty Andreasson, por uma experiência mística envolvendo insinuações de conhecimento universal.

Temos aqui, portanto, três casos descrevendo seres com mantos brancos. Num deles, alguém parece ter sofrido um rapto por óvni em nível físico, para em seguida ter uma EEC acompanhada de experiência mística e por fim se encontrar com um ser deste tipo. Em outro caso, estes seres foram vistos junto de um óvni por oficiais militares que caminhavam em estado aparentemente normal. Em outro caso ainda, um ser deste tipo foi encontrado numa EEC desvinculada de óvnis e ocorrida durante uma emergência médica.

Jenny Randles analisa um caso, talvez relacionado aos acima citados, no qual uma EEC ocorrida por indução médica resultou num encontro com um ser alto de cabelos brancos surgido de um óvni. Esta experiência lhe foi relatada por Robert Harland, mágico profissional e, infelizmente, falso médium confesso. Segundo Harland contou a Randles, em 1964 ele precisou ir ao dentista para se submeter a uma delicada cirurgia oral. Ao lhe ser administrado um gás anestético, ele teve uma EEC. De uma perspectiva extracorporal, viu o dentista lhe martelar o joelho, fato mais tarde confirmado por este.

Até aqui, esta foi uma EEC típica da categoria associada a traumas físicos. Mas depois Harland viu um ser alto com longos cabelos brancos surgir através do teto e lhe explicar por telepatia que eles precisavam sair juntos. Ambos atravessaram o telhado e flutuaram para dentro de um óvni. Então, levaram-no para conhecer a nave, explicaram-lhe como ela funcionava e o incumbiram de transmitir uma mensagem sobre um holocausto terrível durante o qual a crosta da Terra se fenderia. Em seguida lhe disseram que ele teria de lutar para conseguir voltar a seu corpo. De fato, umas criaturinhas feias tentaram lhe impedir o regresso, mas ele logrou voltar mesmo assim — ao despertar, viu o dentista, preocupadíssimo, tentando o reanimar com golpes no peito. Ele quase morreu na cadeira.

Embora sempre se possa supor que os seres vistos nestes quatro casos não passavam de sonhos ou alucinações, isto suscita a pergunta de

por que pessoas, em situações independentes umas das outras, teriam sonhos tão semelhantes. Se deixamos a hipótese do sonho em segundo plano e consideramos a possibilidade de os seres existirem de fato, então a pergunta é: estes seres atuam em corpos físicos grosseiros ou em corpos feitos de algum tipo de energia sutil? As observações dos oficiais da marinha italiana sugeririam aqueles, enquanto as histórias do cardiopata e do Sr. Harland sugeririam estes.

## **Forma física ou forma sutil?**

Uma possível interpretação para estes dados desnorteantes seria aquela segundo a qual todos os raptos por óvnis são de natureza estritamente física. Nesta hipótese, as EECs são rejeitadas por serem tidas como uma idéia equivocada. Esta é a abordagem de David Jacobs, professor adjunto de história da Universidade de Temple, na Filadélfia, e ativo investigador de raptos por óvnis. Jacobs escreve o seguinte a respeito das percepções dos raptados.

Parte destas memórias e sonhos anômalos seria fruto da noção inconsciente que os raptados têm da ocorrência de suas Experiências Extracorporais. E comum a sensação, entre os raptados, de ter deixado o corpo de alguma forma, em geral na cama durante a noite. (...) Alguns raptados inconscientes alegam ter, não apenas

Experiências Extracorporais, como também experimentado Viagens Astrais. Eles sabem que, de alguma forma misteriosa, experimentaram um estranho fenômeno de deslocamento. (...) A única maneira pela qual logram conciliar o que lhes sucedeu é por intermédio da única explicação disponível — a viagem astral, por mais mal definida que esta seja.

De acordo com a idéia de Jacobs, os raptos por entidades ufológicas acontecem de fato, mas as experiências extracorporais constituem um conceito errôneo do estilo "nova era" adotado por raptados "inconscientes". Os raptados, sustenta ele, em geral abandonam suas idéias falsas sobre EECs tão logo se inteirem do que em verdade lhes aconteceu. Logo, "o conhecimento dos raptos acaba lhes proporcionando as respostas que eles procuravam, e a maioria deles se desvencilha de suas anteriores estruturas de crença, que jamais foram de todo satisfatórias".

Esta interpretação parece insatisfatória por anuviar a distinção entre (1) experiências de raptos no corpo físico durante as quais ocorre uma EEC e (2) experiências de raptos ocorridas em pleno estado extracorporal e acompanhadas por lembranças do corpo grosseiro sendo visto deixado para trás.

O mesmo pode ser dito da interpretação segundo a qual todas as experiências de raptos são de todo psíquicas ou mentais. Jenny Randles, por exemplo, utiliza relatos como o de Robert Harland para argumentar que os raptos por óvnis são

experiências induzidas, apenas em nível mental, em indivíduos dotados de susceptibilidade psíquica e criatividade visual, por alienígenas que "têm se aproveitado do poder da consciência para atravessar os abismos de espaço e buscar novas formas de vida".

Esta interpretação também anuvia a distinção entre os pontos (1) e (2). Se todas as experiências de raptos ocorrem inteiramente na mente, por que será, então, que algumas parecem, segundo as testemunhas, ocorrer no nível de experiência corpórea, enquanto outras, como a de Harland ou a de Emily Cronin, ocorrem em estado extracorporal?

## **Efeitos físicos posteriores aos raptos por óvnis**

Outra evidente objeção à teoria do tudo-mental é o fato de cicatrizes e doenças infecciosas terem sido associadas aos raptos por óvnis. Budd Hopkins é famoso por alegar que às vezes os raptados trazem cicatrizes, que eles atribuem direta ou indiretamente a contatos com óvnis. Um exemplo disto é Virgínia Horton, cujo contato com uma corça ilusório já foi mencionado aqui (páginas 290-91). Ela também falou de um corte profundo com sangramento profuso, mas indolor, contraído aos seis anos de idade. Em suas recordações conscientes, o corte era memorável porque na



época ela não conseguia explicar a origem dele à seus familiares. Sob hipnose, ela revelou um elaborado cenário de raptos protagonizado por alienígenas da típica variedade *gray* que a levaram para dentro de um recinto circular iluminado por uma difusa luz cinzenta perolada e fizeram o corte com alguma espécie de máquina. Conforme lhe explicaram, "precisamos de um pedacinho mínimo de você para nosso entendimento".

O célebre pesquisador ufológico Raymond Fowler também descreve, sob hipnose, uma apavorante e onírica experiência onde ele parece ter sido manipulado por seres que não podia ver. Esta pareceria ser uma boa candidata para uma experiência em nível apenas mental não fosse o fato de ter ocorrido na noite anterior ao aparecimento de uma misteriosa e inexplicada cicatriz em sua perna. Segundo disse um dermatologista, esta cicatriz se assemelhava à marca feita por uma biópsia de punção.

Fowler citou uma pesquisa sobre cicatrizes e outras seqüelas médicas deixadas por contatos com óvnis, realizada pelo Dr. Richard N. Neal, especialista em obstetrícia e ginecologia do Beach Medical Center, em Lawndale, Califórnia. Conforme sustenta Neal, as cicatrizes tendem a aparecer nos corpos de raptados de maneira coerente. Assim, "foram observadas cicatrizes na barriga da perna (incluindo algumas bem acima da tíbia), coxas, quadris, ombros, joelhos, coluna vertebral e nas laterais direitas das costas e da testa". Estas cicatrizes tendem a ser cortes bem

finos e retos com cerca de cinco ou sete centímetros de comprimento ou depressões circulares com cerca de 0,3 a um centímetro de diâmetro e com profundidade de no máximo 0,6 centímetro.

Também foram notadas outras espécies de marcas no corpo, tais como erupções, em geral de formato geométrico, na parte superior do peito ou nas pernas. Notaram-se ainda queimaduras de primeiro e segundo grau, bem como infecções e tumores incomuns. No Capítulo 9 (páginas 390 e 395), por exemplo, há dois exemplos de mulheres alegando graves infecções vaginais após raptos por óvnis envolvendo exames ginecológicos.

O próprio fato de as testemunhas de rapto relatarem exames físicos forçados sugere que suas experiências não são apenas mentais. O Dr. Neal salienta: "Os alienígenas tiram sangue, oócitos (óvulos) das fêmeas e espermatozóides dos machos, além de fazerem raspagem de tecido das orelhas, olhos, narizes, panturrilhas, coxas e quadris de suas 'cobaias'." Às vezes são inseridos tubos pelos umbigos das mulheres — uma operação descrita pelos captores de Betty Hill como sendo um teste de gravidez. Segundo foi observado, esta operação é semelhante a um procedimento de testagem ginecológica chamado laparoscopia, desenvolvido anos depois da experiência de rapto de Betty e Barney Hill em setembro de 1961.

Por fim, não devemos subestimar o controvertido assunto das sondas inseridas pelas entidades alienígenas no nariz de suas "cobaias". Segundo

afirma o Dr. Neal, "muitos raptados descrevem uma sonda fina com uma bola minúscula em sua extremidade sendo inserida na narina adentro — em geral, no lado direito. Eles chegam a ouvir um som de 'espremedura' à medida que a sonda parece ir penetrando o osso desta parte do corpo. Muitos terão hemorragia nasal logo após estes exames". Fowler e Hopkins dão exemplos destas ocorrências, tão comuns em relatos sobre óvnis. Até aqui, no entanto, ninguém parece ter conseguido examinar nem recuperar nenhuma destas sondas dos corpos das pessoas.

Seria possível postular que as pessoas imaginaram o motivo interno para elas imaginarem semelhantes coisas não está claro. Muitas pessoas raptadas por óvnis e que alegam ter passado por estas experiências são dadas como normais ao serem submetidas a testes de avaliação psicológica. Logo, não se pode atribuir o depoimento delas à processos mentais anormais. Conforme ainda se poderia postular, seres atuando num nível sutil teriam como invocar, nas mentes das pessoas, experiências traumáticas que resultariam em sintomas físicos. Há casos de pessoas que contraem ferimentos sangrentos chamados estigmas, aparentemente sob a influência de emoções religiosas intensas. Segundo também se relata, pode-se produzir um padrão específico de pele avermelhada, como se fosse uma cruz, por sugestão hipnótica. Será que os sintomas físicos de raptos por óvnis poderiam ser de igual maneira produzidos por alguma forma de influência psíquica?

Em resposta a isto, pode-se dizer, alguns casos de raptos envolvem vestígios físicos sobre objetos ou no solo que sugerem a presença de alguma interferência real no plano físico. Exemplos disto seriam os vestígios de solo relatados por Budd Hopkins no caso Kathie Davis, ou as estranhas manchas brilhantes surgidas no carro de Betty e Barney Hill após sua experiência com o óvni. Além disso, em certos casos de raptos, como aqueles de Travis Walton, William Herrmann e Filiberto Cardenas, o óvni deixa a pessoa raptada a quilômetros de distância do local do raptos.

## **Experiências de quase-morte (EQMs) com gafes administrativas**

Há sem dúvida uma porção de provas indicando a realidade física da manifestação dos óvnis enquanto veículos, bem como muitas provas sugerindo o transporte físico de pessoas para estes mesmos veículos. No entanto, em vista do fato de alguns raptos por óvnis parecerem envolver efetivas experiências extracorporais, devemos ter o cuidado de levar em conta a idéia de que efeitos físicos grosseiros podem ser ocasionados por traumas num plano mental sutil. A título de ilustração do que poderia suceder, consideremos o seguinte relato de uma experiência de proximidade com a morte ocorrida na Índia:

Em fins da década de 1940, um homem indiano chamado Durga Jatav sofreu por diversas semanas

de uma doença diagnosticada como tifo. A certa altura, devido à continuada frieza de seu corpo, sua família o deu como morto. Ele ressuscitou, contudo, e contou a sua família que dez pessoas o haviam levado para outro lugar. Após ele ter tentado escapar, elas lhe cortaram as pernas na altura dos joelhos para evitar outras tentativas. Em seguida, levaram-no para um lugar onde estavam sentadas umas quarenta ou cinquenta pessoas. Examinando os "papéis" dele, elas reconheceram ter pego o homem errado e mandaram seus captores levá-lo de volta. Tendo ele lhes chamado atenção para o fato de lhe terem cortado as pernas, mostraram-lhe diversos pares de pernas até ele reconhecer as suas. Depois de elas serem de alguma forma religadas ao seu corpo, advertiram-no para que não "esticasse" os joelhos até eles se curarem.

Após seu ressuscitamento, tanto sua irmã quanto uma vizinha repararam profundos vincos ou fissuras na pele da parte dianteira de seus joelhos, muito embora antes não existissem semelhantes marcas ali. Apesar de as marcas ainda serem visíveis em 1979, uma radiografia tirada em 1981 não acusou anormalidade alguma sob a superfície da pele. Poderia a experiência de ter as pernas cortadas num plano sutil ter causado aquelas marcas em suas pernas físicas?

Ian Stevenson coligiu uma série de provas indicando que os corpos de crianças dotadas de memória espontânea de outras vidas trazem às vezes sinais de nascença correspondentes a feridas contraídas durante aquelas vidas. São

cerca de duzentos casos deste tipo e em quinze deles Stevenson logrou associar sinais de nascença a relatos póstumos descrevendo o corpo anterior. Com relação a estes sinais de nascença, ele faz a seguinte observação: "Algumas marcas são apenas áreas de pigmentação mais concentrada; em outros casos, o sinal de nascença é tridimensional, numa área parcial ou inteiramente elevada, rebaixada ou franzida. Examinei no mínimo duzentos casos deste tipo e em muitos deles pelo menos eu não tive como distinguir das marcas de feridas cicatrizadas." A questão das cicatrizes é significativa em particular no que se refere aos raptos por óvnis.

No caso de Durga Jatav, é possível imaginar alguma influência psíquica injetando em seu cérebro a idéia de lhe terem cortado as pernas, o que, por sua vez, resultou nas fissuras em seus joelhos. No entanto, se o ferimento de uma vida pode afetar o corpo de outra, deve haver, então, o envolvimento de algo além do cérebro.

Podemos urdir uma explicação se introduzimos a idéia de que a alma, encerrada num corpo feito de energia sutil, é capaz de transmigrar de um corpo físico grosseiro para outro. Neste caso, pode-se supor que o ferimento fatal em uma vida traumatizou o corpo sutil, o que resultou em sinais de nascença no embrião em desenvolvimento na vida seguinte. De forma semelhante, seria possível supor que o corpo sutil de Durga Jatav foi traumatizado num plano sutil, o que resultou nas fissuras dos joelhos quando seu corpo sutil foi devolvido à seu corpo grosseiro.

A ação sutil parece poder produzir uma ampla variedade de efeitos físicos. Eis um exemplo envolvendo um homem chamado Mangal Singh, que experimentou uma EQM aos setenta anos de idade. Ele descreve sua experiência como segue:

Estávamos em 1977. Eu estava deitado num catre quando duas pessoas apareceram, ergueram-me e me levaram embora. Ouvi um zunido, mas não consegui ver nada. Então, deparei com um portão. Havia grama ali, e o solo parecia estar se inclinando. Lá estava um terceiro homem, que repreendeu os dois que haviam me trazido: "Por que trouxeram a pessoa errada? Por que não trouxeram o homem que mandamos vocês buscarem?" Os dois homens saíram correndo, e o terceiro homem lhes disse: "Voltem lá." Subitamente, vi dois caldeirões de água fervente, embora não houvesse fogo, nem lenha nem lareira. Então, o homem me empurrou com a mão e disse: "E melhor você voltar correndo." Só me dei conta de como era quente a mão dele depois daquele empurrão. Então compreendi por que a água dos caldeirões estava fervendo. O calor vinha das mãos dele.

Ao voltar a si, Mangal sentiu uma forte sensação de queimadura em seu braço esquerdo. Esta área ficou com o aspecto de um furúnculo e deixou uma marca residual após a cicatrização. Ele não parece ter conseguido descrever a aparência dos "homens" com os quais se encontrara.

As histórias de Durga Jatav e Mangal Singh fazem parte de um conjunto de dezesseis relatos indianos de experiências de proximidade com a morte, coligidos por Satwant Pasricha e Ian Stevenson. Nestes casos, observaram eles, é típico os mensageiros virem para levar a testemunha, em contraste com os casos ocidentais: nestes, em geral, a testemunha encontra outros seres apenas *após* o seu traslado para "outro mundo". Conforme também repararam Pasricha e Stevenson, suas testemunhas indianas naturalmente identificam estes mensageiros com os yamadūtas, ou agentes de Yamarāja, o senhor dos mortos segundo o hinduísmo tradicional.

Segundo também salientaram eles, as evidentes diferenças culturais entre as EQMs indianas e as ocidentais não demonstram necessariamente que estas experiências sejam meras invenções irrealis da mente. É possível que pessoas à beira da morte sejam tratadas de forma diferente em culturas diferentes por personalidades do plano sutil. Poderia haver diferentes políticas para grupos de pessoas com situações cármicas diferentes.

Segundo a literatura védica, a transmigração das almas é regulamentada pelos yamadūtas, ou servos de Yamarāja. Os yamadūtas, atuando como funcionários na hierarquia celestial, são dotados de poderes místicos, ou *siddhis*, que os capacitam a cumprir seus deveres. Pelas descrições que são feitas, tratam-se de criaturas de disposição muito negativa e amedrontadora. Não obstante, são



incumbidos por autoridades superiores da tarefa positiva de reformar a consciência de almas enredadas na ilusão da matéria.

Em geral, quando os yamadūtas levam uma pessoa, esta não logra voltar para contar sua história. Contudo, certos relatos védicos efetivamente mencionam alguns casos de pessoas que voltaram. O *Bhāgavata Purāna* conta a história de Ajāmila, um homem pecaminoso que proferiu "Nārāyana", um nome de Deus, ao ver os yamadūtas no momento de sua morte. Como resultado desta ação, diversos servos refulgentes de Nārāyana intervieram, mandando os yamadūtas não tocarem em Ajāmila. Seguiu-se um debate entre os yamadūtas e os servos de Nārāyana acerca das leis relativas a como se deve tratar almas prestes a partir. Por fim, os yamadūtas, dando-se por vencidos naquele debate, saíram de cena e Ajāmila foi então ressuscitado da morte aparente.

Há casos de contatos com óvnis envolvendo o tema captura-por-engano das EQMs indianas. No Capítulo 9 (páginas 389-94), apresentei a história de uma mulher e seu filho, raptados por seres estranhos e levados a bordo de um óvni enquanto andavam de carro perto de Cimarron, Novo México. Neste caso, a mulher e o menino foram fisicamente arrastados por "homens" estranhos. A mulher foi submetida a um doloroso exame físico, após o qual um "homem" alto e autoritário apareceu em cena e, zangado, declarou que não deviam ter trazido a mulher até ali e deviam levá-la de volta. Como se isso não bastasse, o homem

alto colocou sua mão sobre a testa da mulher e queimou-a. Isto faz lembrar os casos indianos de EQM, e o caso de Mangal Singh em particular.

No entanto, a mulher desenvolveu uma séria infecção vaginal após a experiência, aparentemente como resultado do exame feito no óvni. Acaso isto é devido a um exame sutil, ou teria sido provocado por um exame físico malfeito?

Outro exemplo para ilustrar o tema da captura por engano é uma história de contato relatada por Emily Cronin. (Este contato é diferente do mencionado antes, na página 419.) Naquela ocasião, Emily, seu filho pequeno e sua amiga Jan descansavam no acostamento de uma estrada chamada Ridge Route, perto de Los Angeles. Consciente, ela se lembrou de ter visto uma brilhante luz amarela, ouvido um estridente zunido que parecia ter efeito paralisante e sentido o carro tremer. Sob hipnose, ela falou de uma alta e estranha figura de preto que olhava pela janela traseira do carro e o sacudia. Dois outros seres semelhantes, parados perto do primeiro, alertavam-no por telepatia que aquilo era um equívoco e eles não deviam estar ali. Tendo Emily conseguido mexer um de seus dedos pelo forte exercício de sua vontade, o ruído parou, a luz e as criaturas sumiram e tudo voltou ao normal. Neste caso, a forma como a experiência terminou sugere ter a mesma ocorrido num plano sutil.

## **Ovnis e a reciclagem de almas**

É natural as EECs ocidentais ocorridas durante emergências médicas serem relacionadas à morte, e quem as experimenta costuma vinculá-las ao destino da alma na vida seguinte. Na Índia, é claro, estas experiências são associadas ao processo de transmigração, mediante o qual a alma, boiando no corpo sutil, é transferida para uma situação nova à hora da morte. Levando-se em conta todos os paralelos existentes entre as EECs e os raptos por óvnis, será que certas entidades ufológicas estariam envolvidas com a transmigração da alma? Aliás, a literatura sobre óvnis analisa idéias relacionadas a este assunto.

Segundo Whitley Strieber, por exemplo, seus visitantes lhe disseram: "Nós reciclamos almas." As experiências de Strieber sendo visitado o inspiraram com a seguinte idéia genérica: "Será possível que, além de a alma ser real, o fluxo de almas entre a vida e a morte seja um processo gerido pela consciência e norteado por iniciativas artísticas e tecnológicas?" Esta idéia é de todo védica, tanto quanto o é o conseqüente fato de nossas ações serem observadas e julgadas por seres que controlam nosso destino após a morte. Avaliando atitudes modernas, Strieber salienta: "Por termos nos enredado na ilusão de ignorar a realidade da alma, imaginamos que tudo quanto fazemos seja alguma espécie de segredo", e arremata indagando: "Quem nos está observando?"

A história a seguir oferece alguma pista sobre como estas idéias ocorreram a Strieber. Conforme

relatou ele, seus visitantes, invisíveis, dirigiram-lhe a palavra, alertando-o repetidas vezes para que não comesse doces. Após diversas semanas recebendo estas advertências, ele perguntou por que não devia comer doces, e eles lhe responderam: "Você verá."

Seis dias mais tarde, um conhecido lhe informou a respeito de uma mulher na Austrália que estava morrendo de diabete. Durante a noite anterior, a mulher vira sete homenzinhos "parecidos com cogumelos chineses" surgirem do teto acima da cama dela. Eles ergueram a mulher doente na direção do teto, mas, como ela protestasse, colocaram-na no solo. Então, veio-lhe uma visão: ela estava sentada num parque a vestir um delicado manto azul e a observar o sol se pôr enquanto um desolado vento soprava — todos símbolos da morte. Após esta experiência, a mulher definhou rapidamente. Segundo contaram a Strieber, é provável que a mulher, sendo bastante conservadora, não desse a mínima importância a assuntos como óvnis e visitantes humanóides.

Strieber tomou esta inesperada história da Austrália como uma resposta gráfica a sua pergunta a respeito de por que não comer doces. A história envolvia seres semelhantes à seus visitantes; envolvia a diabete, um distúrbio ligado ao metabolismo do açúcar no corpo; e foi contada por um conhecido do outro lado do mundo logo depois de ele ter feito a pergunta. Como o contato da mulher com os seres envolvia insinuações simbólicas da morte dela, seus visitantes, concluiu

ele, talvez tivessem certa ligação com o que acontece às pessoas após a morte.

É difícil determinar a relação entre os visitantes de Strieber e os yamadūtas védicos. Segundo indicam certas diferenças entre estes dois grupos, eles representam papéis diferentes; por outro lado, conforme sugerem certas semelhanças, talvez eles estejam intimamente relacionados entre si. De acordo com uma diferença, por exemplo, é normal os yamadūtas só atuarem no plano sutil, ao passo que, conforme sustentou Strieber, ele levou seu gato consigo ao ser raptado em certa ocasião — um indício de que sua viagem se deu no plano físico. Não obstante, também existem semelhanças. Por exemplo: os yamadūtas têm aparência estranha e amedrontadora, emanam um humor de forte negatividade, podem viajar no invisível e atravessar paredes e podem induzir humanos a terem EECs.

Observações semelhantes podem ser feitas a respeito dos seres responsáveis pelos diversos raptos de Betty Andreasson mas, no caso dela, há complicações adicionais. Durante um rapto por óvni, por exemplo, ela passou por uma experiência mística clássica, após o que viu seres de manto branco semelhantes àqueles associados às percepções místicas em EQMs ocidentais. Para termos um entendimento maior do que acontece neste caso, vamos precisar de muito mais informação. Estamos conhecendo, suspeito eu, alguns vestígios de um complexo sistema de controle universal envolvendo muitos tipos de seres inteligentes.

## **Reciclagem de almas e o governo**

Não representa surpresa alguma o fato de referências à alma, a EECs e à reencarnação virem à tona no registro sobre os óvnis e o governo americano. Além disso, parte deste material mostra vínculos com o testemunho de Strieber. Eis a história:

Nos sonhos ou visões descritos por Strieber, seus visitantes viviam num estranho cenário deserto, com prédios antigos construídos em penhascos, sob um céu de cor castanha amarelada. Já de acordo com Linda Howe, um oficial do serviço secreto da Força Aérea chamado Richard Doty informou-a em 1983 acerca de EBEs — Entidades Biológicas Extraterrestres — que estariam em contato com o governo americano. Supostamente, estas EBEs vêm de um planeta deserto onde vivem em prédios parecidos com aqueles dos índios pueblós. Segundo consta, uma delas teria informado a um coronel da Força Aérea que "nossas almas se reciclam, que a reencarnação é real. Trata-se do mecanismo do universo".

Isto estabelece um elo entre os visitantes de Strieber, os alienígenas com traços bem físicos mencionados em relação ao governo americano e a reencarnação. As semelhanças, de tão próximas, parecem nos colocar diante de duas alternativas. Ou Strieber escreveu seu livro incluindo material de histórias de EBEs vinculadas ao governo, ou estava fazendo um relato independente sobre

experiências que tendem a corroborar algumas daquelas histórias.

Há outra história que associa óvnis, EECs e o governo americano. Ela envolve o caso de plena realidade física ocorrido em outubro de 1973. Segundo consta, um óvni teria se aproximado de um helicóptero do exército voando de Columbus, Ohio, para Cleveland. Por volta das 11h02, os membros da tripulação avistaram uma luz vermelha no horizonte oriental que parecia estar no curso de colisão com o helicóptero. O piloto, capitão Lawrence J. Coyne, tentou se comunicar pelo rádio com um aeroporto próximo mas, após uma resposta inicial, perdeu o contato. Para evitar a colisão, ele fez o helicóptero dar um mergulho. Um objeto metálico em forma de charuto se posicionou bem acima do helicóptero, inundando-lhe a cabina com uma luz verde. Após um breve intervalo, o objeto prosseguiu na direção do oeste, mas Coyne descobriu que o helicóptero estava a mil metros e subindo a 300 metros por minuto, muito embora eles tivessem iniciado um mergulho a partir dos 750 metros. Bastou o objeto partir para o rádio voltar a funcionar.

Tudo isto teve testemunhas de solo. Passando de carro por uma estrada rural, uma família, composta por mãe e quatro filhos adolescentes, viu o encontro entre o objeto e o helicóptero e notou a luz verde. Além disso, Jeanne Elias, deitada em casa assistindo ao noticiário na televisão, ouviu o mergulho do helicóptero e escondeu a cabeça sob seu travesseiro. Seu filho de quatorze anos acordou e viu a luz verde, que

iluminou todo o seu quarto. Conforme explicou o famoso desmascarador de óvnis Philip Klass, o objeto era um meteoro.

Logo após este caso, o capitão Coyne relatou ter recebido uma chamada telefônica do "consultório do Cirurgião Geral do Ministério do Exército", perguntando-lhe se ele tinha tido algum sonho incomum após o incidente com o óvni. De fato, ele relatou um sonho vívido com uma EEC.

O sargento John Healey, um dos tripulantes do helicóptero, relatou: "De vez em quando, o Pentágono ligava para nós e nos perguntava se aquele incidente voltara a ocorrer para nós. E em duas das ocasiões de que me recordo, o que eles me perguntaram foi: número um, se alguma vez eu sonhara estar me separando de meu corpo; respondi que sim — eu sonhara que estava morto numa cama e que meu espírito ou algo semelhante estava flutuando, olhando para meu corpo jazendo morto na cama. (...) E também me perguntaram se eu alguma vez sonhara com algo de formato esférico. Isto na certa jamais ocorrera para mim." O Pentágono, prosseguiu ele, costumava ligar para Coyne para lhe fazer estas perguntas, indagando acerca dos membros da tripulação, e as pessoas do Pentágono pareciam acreditar no que ouviam. É de estranhar que alguém no Pentágono estivesse interessado na ligação entre óvnis e EECs.



## O físico, o sutil e o que está além

Em suma, como sugerem as provas disponíveis, os raptos por óvnis e os contatos imediatos podem ocorrer tanto em estado corpóreo normal quanto em estado extracorporeal. Naquele estado, os sentidos sutis da testemunha funcionam por intermédio dos órgãos sensoriais grosseiros (tais como os olhos e os ouvidos) e, neste, a percepção se processa diretamente através dos sentidos do corpo sutil. Também podem ocorrer experiências envolvendo uma combinação de fases intra e extracorporais. O caso Doraty (páginas 387-89), por exemplo, sugere ser possível a percepção por intermédio dos sentidos corpóreos grosseiros e dos sentidos sutis ao mesmo tempo. Isto se denomina bilocação.

Conforme também sugerem as provas, os próprios ocupantes dos óvnis podem operar tanto no plano físico quanto no sutil. Além de poderem perceber a forma sutil de um ser humano, eles podem providenciar para que um ser humano em estado extracorporeal os veja. Eles podem se fazer manifestos no plano físico e visíveis aos olhos comuns ou, então, tornar-se imanifestos e invisíveis. Podem, ainda, visibilizar seus veículos e outros acessórios, quer no plano grosseiro, quer no sutil.

O *Mahābhārata* também contém histórias indicando a capacidade, própria de determinados tipos de seres humanóides, de operar tanto no plano sutil quanto no plano corpóreo grosseiro. Eis

um exemplo indicando a possibilidade de isto ser feito por rãksasas, uma raça negativa e auto-centrada de humanóides.

Conta este relato que um rei chamado Kalmãsapãda certa vez teve a insolência de insultar e golpear o sábio Sakti porque este não quis lhe ceder passagem por uma estreita trilha na floresta. Então Sakti, filho do famoso sábio Vasistha, amaldiçoou o rei para ele se tornar um canibal.

Enquanto o rei e Sakti brigavam, Visvãmitra, inimigo de Vasistha e yogue poderoso, aproximou-se de modo invisível com o objetivo de conquistar algo para si. Após presenciar o acontecido e avaliar a condição mental do rei, Visvãmitra esperou até o rei regressar à capital de seu reino para então mandar um rãksasa se aproximar dele. Pela maldição do sábio e a ordem de Visvãmitra, o rãksasa conseguiu entrar no reino e obsedar o rei. Apesar de ser sobremaneira fustigado no seu íntimo pelo rãksasa, mesmo assim o rei lograva se proteger com sua própria força de vontade. Certo dia, um *brãhmana* pediu uma refeição com carne ao rei. A princípio, o rei pareceu se esquecer daquele pedido, mas, já tarde da noite, ao se lembrar, pediu a um cozinheiro que preparasse a refeição para o *brãhmana*, que aguardava em determinado lugar. Como não conseguisse encontrar carne alguma, o cozinheiro perguntou o que fazer ao rei. Naquele momento, influenciado pelo rãksasa, o rei mandou o cozinheiro obter carne humana. O cozinheiro obedeceu à ordem do rei, usando a carne de um prisioneiro executado.

Ao ver a refeição pronta, o *brāhmana* se deu conta de que ela era imprópria para comer, motivo pelo qual também amaldiçoou o rei a se tornar um canibal. Como resultado desta segunda maldição, o rāksasa teve como dominar o rei por completo. Assim, movido pela loucura e por um desejo de vingança, o rei passou a matar e devorar, primeiro Sakti e em seguida os demais filhos de Vasistha.

Os rāksasas foram mencionados no Capítulo 6 (páginas 292-93) com relação ao veado ilusório usado por Rāvana para raptar Sitã, e no Capítulo 8 (páginas 336-37) com relação a Bhima e Hidimbã, sua esposa rāksasi. Eram seres com corpos grosseiros de constituição robusta, sendo também conhecidos por sua mestria em poderes místicos.

Antes de conhecer Hidimbã, Bhima se empenhou numa intensa luta corpo a corpo com Hidimbã, o irmão dela, e o matou por estrangulamento depois de o esgotar no confronto. Este embate aconteceu todo no plano físico. Porém, na história do rei Kalmāsapāda, o rāksasa ordenado por Visvāmitra conseguiu atuar no plano sutil e obsedar o rei à maneira de um espírito malévolos tradicional.

Isto ilustra a idéia segundo a qual seres motivados sobretudo pela hostilidade seriam capazes de atuar tanto no plano de existência sutil quanto no grosseiro. A literatura védica descreve, ainda, um nível completamente transcendental de existência, sendo de igual maneira possível que seres dotados da qualificação adequada atuem tanto no plano transcendental quanto no físico. Apresentarei três relatos ilustrativos disto, de cerca de quinhentos anos atrás. Assim como as

histórias de óvnis aqui analisadas, estas histórias revelam uma desnorteante combinação de aparentes fenômenos físicos e fenômenos ocorridos em outro plano de existência.

Todos os três relatos são de natureza religiosa, pois têm a ver com adoração e meditação espirituais. Embora haja quem seja categórico em rejeitar a admissível evidência de semelhante material, eu discordo desta posição. Se há a possibilidade de os tantos e estranhos fenômenos mencionados neste livro serem verdadeiros, não faz sentido pensar que os fenômenos relatados em contextos religiosos sejam todos necessariamente falsos. De fato, será formada uma impressão desequilibrada, creio eu, se forem excluídos eventos de natureza espiritual positiva, ao mesmo tempo em que se dá ênfase à apresentação de eventos de caráter negativo ou, na melhor das hipóteses, neutro.

O primeiro exemplo envolve o santo vaisnava Narottama Dãsa Thãkura, que viveu na Índia do século XVI. Com regularidade, Narottama meditava sobre estar vivendo no mundo espiritual com sua *siddha-deba*, ou forma espiritual aperfeiçoada. Lá, ele servia a Krsna fervendo leite para Ele e, sob todos os aspectos, aquela era uma experiência concreta para ele. Na filosofia vaisnava, Krsna é o Senhor Supremo e vive no reino transcendental sob uma forma pessoal eterna. Naquele reino, muitos atos simples de serviço funcionam como meios para o intercâmbio de amor intenso entre Krsna e Seus devotos.

De vez em quando, o leite derramava e, em sua meditação, Narottama queimava as mãos tentando impedir que isto acontecesse. Contudo, ao despertar de seu devaneio, ele constatava estar com as mãos efetivamente queimadas de verdade.

Pode-se comparar esta história com as duas supramencionadas experiências de proximidade com a morte, nas quais resultaram efeitos físicos de experiências sutis. Conforme se poderia argumentar, em todos estes casos os efeitos físicos foram de alguma forma impressos no corpo por força do poder da mente, como consequência de intensas experiências mentais. Do ponto de vista védico, esta idéia é aceitável desde que entendamos que a mente do indivíduo envolvido estivera de fato funcionando em outro plano de existência. Porém, há algo mais neste caso do que alguma espécie de influência psicossomática da mente sobre o corpo. Para ilustrar este ponto, consideremos a seguinte história.

O santo vaisnava Srinivāsa Ācārya foi contemporâneo de Narottama Dāsa Thākura. Em certa ocasião, ele meditava nos passatempos do Senhor Caitanya, que é uma encarnação de Krsna. Srinivāsa meditava na forma de Krsna como o Senhor Caitanya colocando uma guirlanda de flores aromáticas ao redor de Seu pescoço e abanando-O com um leque de *cāmara*:

Enquanto servia ao Senhor desta maneira, Srinivāsa não conseguia manter sua compostura e, olhando para a forma magnífica do Senhor,

começava a manifestar sintomas de êxtase. Isto agradou o Senhor Caitanya, que então pegou a mesma guirlanda de flores que Srinivãsa lhe dera e a colocou ao redor do pescoço de Srinivãsa. Depois deste gesto amoroso do Senhor, a meditação de Srinivãsa se interrompeu; mas a guirlanda ainda adornava o seu próprio peito. Sua fragrância era diferente de todas quantas ele já experimentara.

Neste caso, um objeto observado em estado de transe em outro mundo apareceu sob forma física neste mundo. Por certo, isto não é um efeito psicossomático; porém, seria possível imaginar que, pelo poder paranormal da mente de Srinivãsa, carregada como estava de intensa emoção espiritual, a guirlanda se manifestara como um objeto físico. Agora, contudo, volto-me para o exemplo de um ser humano neste mundo se encontrando pela primeira vez com alguém de um reino superior e depois visitando aquele reino mediante o transe meditativo para outra vez se encontrar com a mesma pessoa.

Neste relato, um santo vaisnava chamado Duhkhi Krsnadãsa cumpria o serviço diário de varrer uma certa área sagrada na cidade de Vrndãvana, famoso lugar de peregrinação na Índia. Certo dia, enquanto fazia isto, deparou com uma tornozeleira dourada que parecia emanar uma aura extraordinária. Impressionado pela influência que o objeto exercia sobre sua consciência, ele o considerou muito importante, e por isso o enterrou num local secreto.

Pouco tempo depois, uma velha senhora veio ter com ele, perguntando-lhe pela tornozela e dizendo que ela pertencia a sua nora. Por causa da influência espiritual da tornozela, Duhkhi Krsnadāsa estava convencido de que ela devia pertencer a Rādhārāni, a eterna consorte de Krsna. Após uma longa conversa, a velha senhora acabou admitindo que ele tinha razão, e revelou sua verdadeira identidade como Lalitā-sundari, uma das criadas de Rādhārāni.

Naquela altura, Duhkhi Krsnadāsa desejou ver a forma verdadeira de sua visitante, mas ela disse que ele não seria capaz de suportar semelhante revelação. Após se convencer do desejo sincero de Krsnadāsa, contudo, ela por fim aquiesceu a seu pedido e revelou sua verdadeira e incomparável beleza. Após conceder a ele diversas bênçãos e recuperar a tornozela, ela desapareceu, e ele não conseguiu descobrir para onde ela fora.

Uma das bênçãos concedidas a Duhkhi Krsnadāsa foi uma marca especial de *tilaka* em sua testa, além de um novo nome, Syāmānanda. Como Lalitā o fizera jurar sigilo a respeito do seu encontro, Syāmānanda teve dificuldade para explicar a *tilaka* e o novo nome a seu *guru*, que ficou achando que ele só fizera inventá-los. Enquanto procurava resolver esta difícil situação, Syāmānanda se encontrou de novo com Lalitā-sundari. Desta vez, no entanto, ele se encontrou com ela adentrando seu plano transcendental em estado de meditação.

Neste caso, Duhkhi Krsnadāsa se encontrou com Lalitā-sundari neste mundo, em seu corpo físico,

além de também ter se encontrado com ela em outro mundo, que ele, sob sua forma espiritual, visitou por meio da meditação. Deste modo, tanto Duhkhi Krsnadasa quanto Lalitã-sundari conseguiram atuar em diferentes planos de existência. Também é significativo o fato de Lalitã-sundari ter sido capaz de assumir uma forma disfarçada.

Logo, tanto nas tradições védicas antigas quanto nas recentes há relatos de seres capazes de atuar em diferentes planos de existência. Estes seres poderão ostentar orientação materialista, como Visvãmitra Muni e o Rãksasa, ou poderão demonstrar avanço espiritual. Da mesma forma, a literatura sobre óvnis parece conter exemplos de atividade tanto no plano sutil quanto no plano físico grosseiro.

## **11**

### **Ovnis e Religião**

Em capítulos anteriores, apesar de o tema religião e óvnis ter vindo à tona numa série de ocasiões, eu o contornei enquanto analisava outros assuntos. Neste capítulo, tentarei confrontar este tema de maneira direta e chegar a um quadro coerente da relação entre a religião e as revelações associadas aos óvnis. Para começar, cumpre destacar a existência de uma visão proeminente da realidade, notória pela sua ausência em comunicações relacionadas a óvnis. É esta a visão de mundo da ciência moderna.



Segundo a moderna perspectiva científica, o universo físico constitui toda a realidade observável. Ele é composto de matéria e energia, que se transformam de acordo com leis que podem ser expressas em equações matemáticas. Nas teorias da física moderna, todos os fenômenos no universo se reduzem a estados vibracionais mutáveis de um campo quântico universal. Uma forma tosca de visualizar isto é imaginar ondas colidindo entre si num mar encapelado. Na teoria do campo quântico, todos os fenômenos podem ser considerados padrões de onda dotados de determinada qualidade imprecisa e parcialmente definida, qualidade conhecida como incerteza quântica.

Alguns cientistas sustentam a idéia de que o campo quântico é consciente, tendo, inclusive, procurado identificá-lo com a consciência unificada universal. Isto tem sido explorado, por exemplo, nas obras de Fritjof Capra, John Hagelin e David Bohm. No entanto, todas estas são tentativas de modificar a visão de mundo científica, fazendo-lhe enxertos superficiais de algumas idéias tiradas da escola filosófica védica do Advaita Vedânta. Na prática, os cálculos dos físicos não fazem referência alguma à consciência. Estes cálculos lidam estritamente com a causação material — com interações entre diversos tipos de ondas.

Outros cientistas, apesar de encararem Deus como a base da realidade, insistem no fato de Deus atuar exclusivamente no nível de sustentador da causalidade física. Por vezes, esta

proposta traduz a intenção de acrescentar categorias teológicas judaico-cristãs à visão de mundo científica, mas, também neste caso, os acréscimos são apenas cosméticos. Todos os fenômenos ocorrem de acordo com as leis da física; logo, os mesmos só podem ser entendidos com base nestas leis, não havendo nenhuma necessidade verdadeira de se consultar a opinião de Deus. Para os cientistas convencionais, todos os fenômenos objetivamente observáveis podem, em princípio, ser explicados com base na cega causação física.

Segundo entendem os defensores desta visão, a vida é um subproduto de processos físicos ocorridos sob circunstâncias muito especiais, em planetas de tamanho e composição determinados, situados a distância certa de estrelas adequadas. Em um de tais planetas, acumula-se uma sopa de elementos químicos orgânicos, formando um oceano primordial. Moléculas colidem entre si, formam elos e, de alguma forma, evoluem pouco a pouco até se transformarem em células vivas.

Então, ocorre um processo de evolução darwiniana. Após centenas de milhões de anos, as células, em seu processo de evolução gradual, transformam-se em organismos multicelulares. Alguns destes desenvolvem sentidos e sistemas nervosos, e somente então surge o primeiro vislumbre de consciência. Em alguns planetas, a evolução poderá enfim produzir criaturas, tais como os seres humanos, capazes de pensamento introspectivo e consciente.

No entanto, esta consciência é um mero subproduto de interações físicas de matéria ocorridas no cérebro. Tão logo o cérebro seja destruído, ou comece a ter graves lapsos de funcionamento, a consciência se apaga. Nada sobrevive à morte do corpo senão o próprio corpo, e este é um mero conjunto de moléculas que acabam se decompondo e talvez se incorporando a outros corpos.

Segundo esta filosofia, a humanidade é a única forma de vida tecnicamente avançada a ter evoluído neste sistema solar. Contudo, por haver a possibilidade de ter surgido vida inteligente em outros planetas do universo, foi desenvolvido o programa chamado Busca de Inteligência Extraterrestre (SETI) para serem ouvidos sinais de rádio de civilizações extraterrestres.

Muitos cientistas duvidam que outros seres inteligentes tenham sido capazes de superar os obstáculos ao vôo interestelar. Mas se existem de fato seres não-humanos operando naves aéreas na atmosfera da Terra, então, segundo as idéias científicas convencionais, estes seres devem ter vindo de estrelas distantes mediante tecnologia avançada. Não há outra possibilidade.

## **Ātmã, Brahman e a evolução da consciência**

Sem dúvida, esta filosofia científica materialista é aceita por muitas pessoas hoje em dia. Se ela é verdadeira, os ufonautas devem ser

supercientistas cósmicos, sendo de se esperar que façam e digam coisas incompreensíveis para nós. Não seria de se esperar, contudo, que eles fizessem declarações compreensíveis e em clara contradição com princípios científicos fundamentais. Todavia, segundo relatos, é exatamente isto que eles estão fazendo.

Em muitos contatos com óvnis, os ufonautas aparecem como taciturnos. Entretanto, há outros contatos nos quais, segundo se diz, eles transmitem elaborados discursos filosóficos. É freqüente isto acontecer em casos envolvendo contato amistoso. Também ocorre como uma das fases de alguns raptos por óvnis, inclusive aqueles que, sob outros aspectos, são assustadores e traumáticos. A filosofia apresentada pelas entidades, além da notória tendência em seguir um padrão coerente, contradiz radicalmente a ciência moderna. Esta filosofia pode ser resumida como segue:

Existe vida em todo o universo, e isto inclui um vasto número de seres que são muito semelhantes a nós em forma e comportamento. Podemos chamar estes seres de humanóides. Eles são conscientes e têm emoções reconhecíveis por humanos. Em geral, também são dotados de faculdades psíquicas bastante desenvolvidas.

Estes seres, tanto como nós, são almas que habitam corpos materiais. Sendo almas, transmigram de um corpo físico para outro. Existe um processo de evolução cósmica da consciência, mediante o qual as almas progridem pouco a pouco em seu desenvolvimento espiritual,

passando por experiências numa sucessão de corpos materiais.

O avanço espiritual acarreta o desenvolvimento do amor e da compaixão por todos os seres, acarretando, também, o desenvolvimento de conhecimento, inteligência e poderes psíquicos. Seres em altos níveis de avanço espiritual trabalham juntos e cooperativamente num sistema organizado de governo universal. Em contraste, a maioria dos humanos da Terra são tidos como bárbaros rudes e retardados em termos de desenvolvimento espiritual.

Afora o corpo grosseiro feito de elementos materiais conhecidos, existe um corpo sutil feito de energias mais refinadas e desconhecidas da ciência moderna. Há, ainda, diferentes planos de existência, o que podem ser considerados como realidades paralelas ou supradimensionais. Estes planos são habitados por humanóides, alguns dos quais são capazes de viajar de um plano para outro. Alguns destes seres também podem exercer controle sobre os corpos grosseiros e sutis de seres humanos e fazer com que estes se movimentem e se transformem de maneiras extraordinárias. (Por exemplo: eles podem fazer um corpo humano atravessar uma parede sólida.)

As formas de vida passaram a existir no universo por intermédio de um processo de criação. Apesar de este processo não ser explicado com nitidez, a idéia básica é que existe um Criador universal e natural responsável pela geração dos seres vivos. Mesmo soando bastante implausível do ponto de vista da teoria darwiniana da evolução, isto

explica a maneira pela qual formas parecidas à humana podem surgir em todo o universo.

Esta filosofia é panteísta. O Criador está presente em toda parte e atua em toda parte por intermédio da natureza. Encarado como impessoal, o Criador é, segundo se costuma dizer, quase incompreensível e inacessível.

No plano mais elevado, o Criador é considerado o Uno — o ser eterno e não-dual, pleno de consciência, amor e luz. A evolução da consciência, dizem ainda, acabará nos levando à fase de experimentar o Uno ou de nos fundirmos a Ele.

Esta é, em resumo, a filosofia embutida, em caráter pleno ou parcial, em muitas comunicações relacionadas a óvnis, inclusive aquelas obtidas por canalização e aquelas recebidas em contato direto como entidades ufológicas. Esta filosofia muito contradiz, e de maneiras muito importantes, o materialismo científico. Além disso, é tudo menos estranha, já que é exposta em inúmeros textos humanos, sendo bem conhecida para muitas pessoas.

Na Índia, esta filosofia de fusão no Absoluto impessoal sobressai no budismo e no sistema filosófico do Advaita Vedânta. Embora este sistema tenha sido identificado com o hinduísmo por muitos ocidentais, na Índia, tanto o Advaita Vedânta quanto o budismo contrastam com a filosofia do monoteísmo pessoal, chamada Vai.snava Vedânta, que é apresentada em textos védicos como o *Bbãgavata Purãna*. Segundo sustenta esta filosofia, a Verdade Absoluta é

peçoal por natureza, e por isso o Uno dos advaita vedantistas é tido como uma concepção incompleta do Ser Supremo. Falarei mais sobre o Advaita Vedãnta e o Vaisnava Vedãnta mais adiante neste capítulo.

Pelo menos para mim, a idéia de seres de aparência não-humana promovendo uma filosofia semelhante ao Advaita Vedãnta resultou inesperada e surpreendente. Não obstante, conforme sugerem muitas provas, algumas delas constantes em capítulos anteriores, isto está acontecendo. Passo agora a rever algumas destas provas, além de apresentar algum material adicional. Em seguida, farei algumas observações sobre o que tudo isso faz subentender com respeito à filosofia, ciência e religião.

## **Transmigração e planos superiores**

Segundo mencionei no Capítulo 5, Betty Andreasson, que foi raptada por óvni, falou de seres alienígenas vivendo em outros "planos" ou dimensões. Assim, ao lhe perguntarem se estes seres tinham como viajar para outras estrelas, ela respondeu que eles podiam viajar para algumas próximas à nossa Terra e para outras além dela. Ela esclareceu este ponto dizendo: "Além das nossas existem outras, mas elas estão num plano diferente. Encontram-se num espaço mais pesado." Segundo também salientou ela, eles podem ver o futuro e, embora o "tempo para eles

não seja como o nosso tempo, eles conhecem nossa dimensão de tempo".

Ela relatou ter sido conduzida pelo interior de um óvni por um ser do tipo *gray* que se identificou como Quazgaa. Ao falar por telepatia das intenções de seu grupo, este ser disse: "Motivados por grande amor, eles não podem deixar o homem prosseguir no rumo que está tomando. (...) Eles detêm tecnologia que o homem poderia usar. (...) O meio é o espírito — é uma pena o homem não buscar por este lado. (...) Se o homem simplesmente estudar a própria natureza, encontrará muitas das respostas para suas perguntas. (...) O homem as encontrará por intermédio do espírito. O homem não é feito só de carne e sangue."

Como Betty Andreasson é uma cristã fundamentalista, é de se esperar que ela teça comentários sobre o "amor" e "o espírito". No entanto, a idéia de um "plano diferente", ou de um "espaço mais pesado", não representa papel algum no pensamento cristão tradicional. Ou seja: também existem outros indícios de uma fonte não-cristã para as comunicações alienígenas de Betty.

Parece, por exemplo, que numa ocasião os visitantes alienígenas de Betty se apoderaram de sua fala durante uma sessão de hipnose. Naquele momento, ela disse, com entonação mecânica: "Vocês tentam buscar nas direções erradas. A simplicidade rodeia vocês sempre. O ar que vocês respiram, a água que vocês bebem, o fogo que os aquece, a terra que os cura. Simplicidade, cinzas



— ninguém faz caso de coisas que são necessárias. Poderes internos são subestimados. Por que pensar que vocês sabem viver? Simplicidade."

Esta declaração se refere aos elementos ar, água, fogo e terra. Estes elementos representam uma parte importante da filosofia sãrikhya da Índia, da antiga filosofia grega e das tradições herméticas medievais. Porém, como hoje em dia os cientistas os consideram categorias obsoletas, parece duvidoso que Betty Andreasson tenha sido instruída de alguma outra maneira na escola ou na igreja. A experiência de Betty da Fênix em cinzas (páginas 236-37) também envolveu um tema que, embora fizesse parte da antiga tradição egípcia, decerto não sobressai no cristianismo de hoje.

A idéia da existência de outros planos ou dimensões aflorou de maneira um tanto pungente na experiência de um artista comercial e sua esposa, que relataram terem sido mentalmente atraídos para um óvni por um homem alto e calvo trajando um bizarro manto azul (páginas 394-95). Segundo relatou o artista, ele foi submetido a um exame típico. Durante o exame, ele teve sua mente invadida à força, e lhe foram reveladas noções sobre dimensões superiores da realidade:

É como se eles estivessem escarafunchando a minha mente... e como se eu não tivesse nenhum controle sobre isto. Meu cérebro — é como se houvesse um túnel atravessando a minha mente até chegar na deles. (...) Nossas mentes estão

ligadas. Parece um tubo, talvez seja luz? E uma luz cinza, uma luz marrom-acinzentada, cinza-acastanhada. Parece que tudo foi tirado da minha cabeça. (...) Há um som terrível, mas não sei distinguir o que seja — só sei que é penetrante, agudíssimo. (...) E vem da minha cabeça! Minha cabeça se foi... é como se eu pudesse ver todos os meus pensamentos, como um grude. Tudo na minha mente está desnudado. Eu sei disso, mas eles também o sabem.

Em seguida, eles reapresentam a mesma idéia com alguns acréscimos:

Há mais coisas ainda por conhecer. Há mais para se conhecer sobre a vida, o mundo, tudo, enfim. Mais dimensões, coisas coexistindo. Existem outras dimensões... mais que três dimensões. Em toda parte, tudo funciona em conjunto. Tudo coexiste. Há diferentes dimensões às quais não temos acesso.

O pesquisador ufológico Don Elkins coligiu bastante material canalizado aparentemente oriundo de entidades de outros mundos. Este depoimento, observou ele, revela padrões bastante coerentes, muito embora se origine de muitos indivíduos de procedências e posições sociais muito distintas. É comum fazerem referências à alma, à reencarnação e a planos ou dimensões superiores. Uma entidade canalizada conhecida como Sut-ko, por exemplo, teria comunicado a seguinte informação:

Desde tempos imemoriais, mestres da Luz têm vindo à Terra, encarnando de outros planetas, de outros sistemas, inclusive de outras galáxias e dos reinos que vocês conhecem como os reinos de existência não-física ou superior; e grandes companhias de Luz encarnam, trazendo consigo a bandeira da Verdade, do Amor e da Luz.

Esta declaração é uma referência típica a seres superiores encarnando na Terra para ajudar a humanidade sofredora. Elkin cita a declaração de outro *contato* descrevendo a reencarnação conforme esta se aplica às pessoas na Terra:

À medida que evoluirmos para planos superiores de vida, encarnaremos em corpos muito mais etéreos do que aqueles ora usados por nós, assim como no passado usamos corpos quase incrivelmente mais grosseiros e vulgares do que aqueles que hoje consideramos nossos.

Já que muitas das comunicações citadas por Elkins contêm afirmações desvairadas e dúbias, não é possível provar que alguma delas tenha de fato se originado de seres de outros mundos. Porém, dada a surpreendente coerência temática destas comunicações, não creio ser fácil explicar a mesma em termos comuns. Elkins diz: "Pelo fato de eu ter observado mais de cem pessoas passarem por este processo [de canalização] e de ter lido milhões de palavras, publicadas e não-publicadas, de *contatos*, creio contar agora com

elementos para selecionar material bastante correlato deste grande volume de comunicações." Fica parecendo que o inconsciente típico americano nutre idéias de reencarnação e mundos etéreos ou "alguém" está tentando transmitir mensagens paranormais sobre estes temas.

Voltando-nos para um caso de contato face a face, um pastor batista do sul de Porto Rico alegou ter tido muitos encontros com humanóides do planeta Koshnak, na direção da constelação de Orion. Estes seres tinham aparência muito semelhante à das conhecidas entidades *gray*. Tinham rostos inexpressivos e em forma de melão, com lábios finos, narinas e ouvidos pouco desenvolvidos e grandes olhos "transpassados" e sem pupilas. Eram olhos verdes com raios cintilantes, tidos como intensos e interessantes.

Contudo, ao contrário dos contatos típicos com *grays*, este foi um caso clássico de *contato*. Os seres trataram o homem de maneira bem amistosa. Um deles, que se chamava Ohneshto, levou-o para passear em um de seus veículos, mostrou bases submarinas na Terra e, por telepatia, apresentou prolongados discursos filosóficos sobre o tempo, o espaço e os motivos da existência humana. Incluía-se aí referências a dimensões superiores:

Conforme disse ele, eles viajam nas sétima e oitava dimensões, desconhecidas dos humanos da Terra, estando cientes de 13 dimensões de ser. Ohneshto salientou referências em nossa Bíblia relativas a óvnis. A duração normal de vida deles,

disse ele, é de cerca de oitocentos a mil de nossos anos. (...) Segundo explicou ainda, eles podiam dar continuidade à vida para sempre com apenas uma célula do corpo. O eixo da Terra, disse Ohneshto, já mudou quatro vezes, segundo o que eles puderam investigar, e inclina-se aproximadamente a cada 20 ou 25 séculos.

Este caso se assemelha de muitas maneiras ao caso de Filiberto Cardenas analisado no Capítulo 5 (páginas 207-09). Também neste caso, as entidades contactantes falavam de outras dimensões. Segundo afirmou Cardenas, durante uma visita voluntária a uma das suas naves, eles lhe disseram que "são seres de outras dimensões, de outros mundos, mas que não são deuses, e não pretendem ser considerados como tais".

## **Panteísmo e impersonalismo**

Em uma série de relatos sobre comunicações relacionadas a óvnis, faz-se menção direta de alguma idéia sobre Deus. Que eu saiba, praticamente todas elas apresentam uma concepção panteísta ou impessoal do Supremo. As concepções impessoais descrevem o Supremo como uma força, energia ou estado último do ser que, mesmo sendo a fonte de todos os fenômenos, é desprovido de todos os atributos pessoais. Nesta categoria está incluída a concepção panteísta do Supremo, que identifica Deus com o universo. É possível contrastar estas idéias impessoais com a idéia de que Deus possui

características pessoais absolutas, bem como diversas energias e aspectos pessoais.

A menção de alguma concepção de Deus em comunicações de óvnis é compatível com o fato de muitas destas comunicações enfatizarem a espiritualidade. As idéias teológicas, todas em natural harmonia com a idéia segundo a qual os seres humanos têm uma dimensão espiritual, são incompatíveis, portanto, com visões de vida estritamente mecanicistas.

Ao mesmo tempo, concepções de Deus estritamente impessoais são incompatíveis com a devoção a um Ser Supremo pessoal. Embora bem poucas comunicações relacionadas a óvnis tendam a denegrir a concepção pessoal do Supremo, outras o fazem ao alegarem que os humanos da Terra costumavam por equívoco adorar visitantes extraterrestres como Deus ou como deuses. A implicação — às vezes detalhada de maneira explícita — é que as idéias antropomórficas acerca da Divindade surgiram a partir dos contatos extraterrestres com seres humanóides. Segundo outra evidente possibilidade, todos os seres parecidos aos humanos dentro do universo teriam tido a forma deles derivada de um original Criador de forma semelhante à humana, de modo que a forma humana é, na verdade, "deomórfica".

Segundo se relata em alguns casos, as entidades humanóides tecem breves comentários teológicos no decorrer de contatos imediatos aparentemente acidentais. Um homem de 25 anos de idade, por exemplo, relatou seu contato com seres estranhos

em julho de 1968 no Grodner Pass nos Alpes Dolomíticos italianos. Ele disse ter se encontrado com seres altos e magros com cabeças abobadadas e belos olhos orientais. Os seres, que estavam acompanhados por um pequeno robô, disseram-lhe por telepatia: "Vimos de um planeta numa galáxia distante" e "Tudo é Deus". Também advertiram quanto a uma vinda alteração de eixo, quando a crosta da Terra rachará e a vida estará em grande perigo.

Outra revelação teológica foi transmitida a Cynthia Appleton, 27 anos, mãe de dois filhos e morando em Aston, Birmingham, Inglaterra. Às 15h do dia 18 de novembro de 1957, ela foi ver se estava tudo bem com sua filhinha. De repente, sentiu uma opressão, como aquela que antecede uma tempestade, e viu um "homem" se materializar com um zunido perto da lareira. Foi uma aparição a princípio enevoada e depois nítida. Ele era alto e bonito, trajando uma veste justa de matéria parecida com o plástico encimada por uma gola de estilo "elisabetano". Ele respondeu às perguntas dela por telepatia, revelando ter vindo de um mundo de paz e harmonia a bordo de uma nave do tipo disco voador. Ele conseguiu transmitir uma imagem mental de tudo isso de maneira misteriosa.

Numa segunda ocasião, duas figuras semelhantes falaram com ela num inglês de estilo estranho, informando que eram projeções e que ela não devia tocá-las. Segundo uma das observações feitas por elas, "a própria Divindade habita o âmago do átomo". Segundo consta, não havia

nenhum livro na casa da Sra. Appleton, apenas jornais. As pessoas que a entrevistaram a descreveram como uma mulher jovial, simpática e sincera.

Embora esta afirmação sobre a Divindade pareça panteísta, também se pode dar uma interpretação mais ampla a ela. O *Brahma-sanihitã* diz que Deus habita dentro de cada átomo (em sânscrito, *paramãnu*, ou a *menor partícula*) e que inúmeros universos existem simultaneamente dentro de Deus. A idéia aqui é que Deus é uma Pessoa Suprema distinta da manifestação universal e, ao mesmo tempo, plenamente presente dentro de cada partícula de matéria.

O médium Robert Monroe, conhecido por suas investigações sobre viagens extracorporais, relatou ter recebido uma comunicação negando veementemente suas concepções de Deus até então. Isto envolveu um misterioso feixe de radiação que parecia emanar de um ponto no céu:

De repente me senti banhado e transfixado por um feixe luminoso poderosíssimo que parecia vir do norte, cerca de trinta graus acima do horizonte. Vi-me de todo impotente, sem nenhuma vontade própria, e senti como se estivesse na presença de um poder fortíssimo, em contato pessoal com ele. Dotado de inteligência de uma forma além de minha compreensão, desceu diretamente (pelo feixe luminoso?) para a minha cabeça, e parecia estar buscando cada detalhe de memória em minha mente. Fiquei mesmo amedrontado porque



me sentia impotente para fazer algo quanto àquela invasão.

Jacques Vallee comparou o feixe luminoso de Monroe aos feixes de luz constantes em obras de arte religiosa para retratar revelações de Deus. É interessante que, durante uma de suas aparições, o feixe luminoso transmitiu a Monroe um conceito muito frio e impessoal de Deus. Foi algo tão esmagador que chegou a fazer Monroe verter lágrimas de amargura. Disse ele: "Naquele momento, fiquei sabendo, sem nenhuma restrição ou esperança futura de alteração, que o Deus da minha infância, das igrejas, da religião no mundo inteiro não era quem pensávamos estar adorando."

Monroe parecia ter sempre pensado em Deus como se este fosse uma pessoa capaz de mostrar interesse por um de Seus adoradores. Porém, quem quer que tivesse sido responsável pelo feixe luminoso, fez questão de desiludi-lo deste conceito.

Como existem muitos relatos sobre feixes luminosos sondadores de mentes e oriundos do céu, mencionarei outro exemplo para mostrar a possível relação entre estes feixes e os óvnis. Trata-se da história de uma mulher moradora de Westchester, Nova York. Segundo a mulher relatou para a equipe de investigadores de J. Allen Hynek, em abril de 1983 ela foi despertada por um feixe de luz que entrou pela janela de seu dormitório. O feixe pareceu penetrar seu corpo e ela se sentiu paralisada. Disse ela:

Fiquei ali deitada uns dez minutos, e o tempo todo eu sentia como se minhas entranhas estivessem sendo esquadrinhadas, como se um médico estivesse examinando minhas entranhas. Eu estava aterrorizada, mas não havia nada que pudesse fazer.

Então, enquanto eu jazia ali, aquelas imagens começaram a lampejar em minha mente... imagens de luzes emitindo toda sorte de cores. Aí, pareceu haver alguém tentando falar comigo. Vi a imagem de um ser com pele argilosa e uma cabeça grande com olhos grandes. Ele não tinha cabelo nem boca. Eu não seria prejudicada de forma alguma, ele me assegurou, dizendo que estavam apenas me examinando.

Isto se assemelha, é claro, a muitas descrições de seres humanóides vistos em contatos imediatos com ovnis. Poderiam tais seres estar transmitindo doutrinas teológicas impessoais a Monroe? Existem outros relatos compatíveis com esta idéia. Segundo observo no Capítulo 10, o governo americano alega ter hospedado uma Entidade Biológica Extraterrestre, ou EBE, segundo a qual a reencarnação é real e "se trata do mecanismo do universo". Em 14 de outubro de 1988, um documentário de televisão intitulado *UFO Cover-up? Live (Acobertamento de óvnis? Ao vivo)* foi transmitido para todos os Estados Unidos. Este programa apresentava o depoimento de um suposto agente do serviço secreto americano chamado Falcon, que fez várias declarações sobre

esta EBE e sua raça de seres. Ao lhe perguntarem se esses alienígenas acreditam num Ser Supremo, Falcon respondeu: "Eles têm uma religião, só que é uma religião universal. Acreditam que o universo é um Ser Supremo."

As histórias de EBEs se associam, é claro, à complexa massa de alegações relativas a acobertamentos de óvnis, conspirações do governo e desinformação (páginas 137-42). Nelas se inclui, também, a história de Jesus Cristo sendo criado pelas EBEs. Como Cristo é adorado pelos cristãos como um Deus pessoal, quem quer que esteja por trás das histórias de EBEs parece ter algum interesse em solapar o teísmo pessoal e substituí-lo pelo panteísmo.

A história associando o governo a EBEs é um dos muitos relatos ligados a óvnis que atribuem a origem dos seres humanos modernos à manipulação genética de humanos primitivos por extraterrestres. Conforme salientei no Capítulo 5 (páginas 232-37), é comum estes relatos parecerem ser projetados para repudiar concepções pessoais de Deus. Como a história de contato extraterrestre de Eduard Meier é um dos exemplos mais elaborados disto, analisarei aqui seus pontos de vista teológicos com certa minúcia.

Segundo Semjase, a entidade feminina que fez contato com Meier: "Acima de tudo, apenas uma entidade possui o poder da vida e da morte sobre cada criatura. Esta é a CRIAÇÃO, e apenas ela, que regulamenta as leis sobre tudo e todos, leis irrefutáveis e dotadas de sua própria validade

eterna." Segundo enfatizou Semjase, não existe um Criador pessoal — a Criação suprema é estritamente impessoal. As religiões devotadas a um Deus antropomórfico, sustentou ela, têm gerado um efeito prejudicial sobre o espírito humano. A missão de Meier, disse ela ainda, é "trazer esta verdade à luz do mundo".

A filosofia apresentada por Semjase é muito semelhante à filosofia sãrikhya ateísta da Índia. Segundo entende esta escola de filosofia, dois são os ingredientes básicos formadores do universo: *prakrti*, ou matéria, e *purusa*, os seres vivos. *Prakrti* funciona segundo leis inerentes, sendo deste modo comparável à matéria e à energia como as entende a física moderna. No entanto, nas subcategorias de *prakrti* estão incluídos tipos sutis e etéreos de energia desconhecidos dos físicos de hoje.

Os seres vivos são partículas de consciência embutidas na matriz de *prakrti*. Cada ser consciente está situado dentro de coberturas corpóreas grosseiras e sutis feitas de *prakrti*, e todos estes seres transmigram de um corpo grosseiro para outro de acordo com leis universais. Também é possível seres vivos atuarem dentro de corpos de energia puramente sutil. É possível comparar isto com a filosofia de Semjase, que caracteriza almas em corpos produzidos pelas leis da Criação.

A filosofia sãrikhya ateísta é assim denominada por negar a existência de um supremo controlador pessoal do universo, e sustenta que *prakrti* e suas leis são supremas. Em contraste, o *Bbagavad-gitã*,

o *Bhāgavata Purāna* e outras obras védicas importantes expõem a chamada filosofia s̄arikhya teísta. No sistema teísta, tanto a *prakṛti* quanto os seres vivos conscientes são tidos como emanções energéticas de uma Pessoa Suprema eterna e consciente.

Na Índia, há uma antiga controvérsia entre quantos consideram o Ser Supremo como uma força impessoal e quantos O encaram como uma pessoa transcendental. Embora eu ainda não tenha podido dar a devida atenção a este assunto, mencionarei um ponto interessante que aflora na filosofia de Semjase.

Segundo salientou ela, as leis cósmicas que regem a Criação não são como as leis da física, com suas forças e cargas impessoais. Muito embora a Criação seja impessoal, suas leis são pessoais por natureza. Portanto, disse Semjase, as pessoas espiritualizadas de fato não oram em troca da satisfação de suas necessidades. Elas sabem que, "por causa do espírito todo-poderoso presente nelas, conseguirão tudo de que precisarem e, além disso, tudo que desejarem, contanto que tenham desejos afinados com a Lei Cósmica do amor a todos".

Bem, amor é algo que tem a ver com pessoas. Se a lei cósmica é impessoal por natureza, como pode, então, basear-se no amor? Observe-se que este problema não existe em teorias científicas modernas. Segundo a ciência moderna, o amor não passa de uma recente excrescência da evolução homínida na África, nada tendo a ver com a lei cósmica. Porém, se a qualidade pessoal

do amor está embutida na lei cósmica, então é natural querer saber o porquê dela existir. Ora, se existe uma Pessoa Transcendental por trás da lei cósmica, em resposta, a mesma lei foi entalhada de acordo com as intenções amorosas daquela pessoa.

Em sua análise das leis da Criação, Semjase também explica como matéria e energia são produzidas por idéias universais: "A energia é o resultado de — uma idéia... Isto remonta à própria criação original, tendo a primeira energia nascido de uma idéia. Em seguida, as forças do Espírito concentram esta idéia/energia de alta vibração e, quando a vibração diminui, resulta a matéria." A pergunta aqui é: Se a Criação é uma força impessoal, faz sentido dizer que ela tem idéias? Afinal, é normal associarmos idéias a um ser consciente.

Como os pontos filosóficos levantados por Semjase não constituem nada de novo na sociedade humana, isto nos leva a indagar de onde Meier os teria tirado de fato. Todos estes pontos são bem conhecidos na Índia, onde, segundo se sabe, Meier passou algum tempo. Talvez ele estivesse simplesmente expondo, pela boca de Semjase, idéias colhidas na Índia. Ou talvez tenha mesmo recebido uma visitante extraordinária que lhe ensinou estas coisas.

Podemos obter maiores esclarecimentos sobre este assunto considerando outra história de contato que é um tanto diferente daquelas analisadas até aqui. Em todas estas histórias, a entidade contatante tem sido um ser de aparência

não-humana. Volto-me agora para uma história cuja entidade consta como sendo humana.

Em novembro de 1919, Alice Anne Bailey, sentada sob a sombra de uma árvore numa encosta da Califórnia, descansava após ter deixado seus três filhos na escola. De repente, ela se soergueu, sobressaltada: "Ouvi algo semelhante a uma nota musical soando do céu, passando pela colina até chegar a mim. Depois, ouvi uma voz a dizer: 'Há alguns livros que se deseja que sejam escritos para o público. Você tem capacidade para escrevê-los. Você o fará?'" Embora a princípio ela se recusasse, mais tarde se deixou persuadir a fazê-lo. Com o passar do tempo, escreveu uma série de grossos volumes sobre metafísica e ocultismo que lhe foram ditados por meio de telepatia por um personagem conhecido como "o Tibetano". Entre eles, está incluído *A treatise on cosmic fire (Um tratado sobre o fogo cósmico)*, uma obra de 1.282 páginas.

A experiência de Bailey na encosta faz lembrar muitos contatos com óvnis, nos quais alguém recebe uma mensagem telepática precedida por um som agudo. No caso dela, no entanto, a mensagem telepática veio, supõe-se, de um ser humano vivendo no Tibete. (Ela também relatou ter recebido comunicações de um adepto tibetano por intermédio de um feixe de luz que veio parar em seu quarto.)

Comunicações telepáticas de místicos tibetanos? Alguém poderia se sentir tentado a rejeitar esta história de imediato por a considerar um disparate ultrajante, além de julgar Bailey uma tola iludida

ou uma charlatã conivente. Contudo, se é possível humanóides estranhos transmitirem comunicações telepáticas, por que deveríamos descartar a possibilidade de yogues humanos as transmitirem?

Como é comum acontecer, quanto menos se conhece uma história, mais fácil é descartá-la. A autobiografia de Bailey, que eu tive oportunidade de ler, parece retratá-la como uma pessoa racional e honesta. Bailey parece tão confiável quanto muitas das testemunhas mencionadas neste livro. Logo, é bem possível que tenha escrito seus livros da maneira por ela descrita. Devo enfatizar, é claro, que, não estou ao dizer isto, imputando nenhuma autoridade em particular a estes livros. Uma coisa é receber uma mensagem por telepatia (ou por qualquer outro meio) e outra coisa é a mensagem ser verdadeira.

Os livros de Bailey consistem em idéias tiradas do cristianismo, do budismo, de textos védicos e de tradições ocidentais de ocultismo, idéias organizadas por um intelectual sofisticado. Em minha opinião, embora representem uma síntese brilhante de idéias, demonstram uma forte tendência a distorcer alguns de seus elementos-fonte. Podem ser encarados como uma tentativa de incorporar o cristianismo no budismo.

Para entendermos a possível ligação deles com o fenômeno ufológico, consideremos os seguintes pontos dos ensinamentos do Tibetano:

1. Ele fez previsões de grandes desastres, inclusive sérios distúrbios no Alasca e na



Califórnia. Fez menção, em particular, a ações vulcânicas.

2. Fez previsões sobre futuros desenvolvimentos técnicos e políticos. Disse, por exemplo, que a energia do átomo seria aproveitada.

3. Disse que os humanos da Terra têm qualidades deploravelmente ruins: "O egoísmo, os motivos sórdidos, a pronta reação a impulsos malévolos pelos quais a raça humana tem se distinguido ocasionaram um estado de coisas sem paralelos no sistema."

4. Apresentou o Amor como sendo o "motivo propulsor para a manifestação", tanto em nível individual quanto em nível universal.

5. Os Mestres, disse ele, são adeptos ocultos que fazem parte do sistema de controle planetário e que vivem por períodos fabulosos de tempo. Apesar de serem avançadíssimos, ainda estão evoluindo. Deplorou os cultos à personalidade desenvolvidos em torno dos Mestres.

6. Disse que a religião devocional deve ser eliminada: "O Mestre Jesus está... trabalhando em colaboração com certos adeptos da linha científica, que — através da desejada união de ciência e religião — buscam despedaçar o materialismo do Ocidente por um lado e, por outro, a devoção sentimental de muitos devotos de todas as fés."

Declarações como as acima são freqüentes em relatos sobre comunicações ufológicas. São comuns as previsões de desastres e previsões políticas também são possíveis. Os humanóides

ufológicos quase sempre salientam as qualidades deploráveis dos seres humanos e, em certos casos, também enfatizam a importância do amor universal. Costumam dizer que vêm visitando a Terra há milhares de anos e que gozam de vidas longuíssimas. Salientam, ainda, o fato de terem sido adorados como deuses no passado, apesar de não o serem, e de ainda estarem evoluindo rumo à perfeição. Todos estes pontos afloram amiúde nos casos de Eduard Meier e Filiberto Cardenas, entre outros. Em particular, os pontos do Tibetano podem ser comparados com seis comunicações alienígenas relatadas por Cardenas:

1. Os alienígenas raptos de Cardenas previram grandes desastres e disseram que a Califórnia afundará no mar.
2. Fizeram diversas previsões sobre figuras públicas e a política internacional.
3. Criticaram a vaidade dos humanos e falaram de sua dificuldade ao tentarem lidar com eles.
4. Falaram longamente sobre o Amor universal.
5. Segundo disseram os alienígenas, eles vêm visitando a sociedade humana há quatro mil anos. Embora as pessoas costumassem adorá-los como a deuses, eles não são deuses.
6. Criticaram as religiões da Terra.

É significativo o fato de o objetivo declarado das comunicações de Bailey ser de "despedaçar o materialismo do Ocidente por um lado e, por outro, a devoção sentimental de muitos devotos de todas as fés". Em particular, a concepção

peçoal de Deus deve ser substituída pela remota e abstrata concepção do Supremo como "Aquele Sobre Quem Nada Se Pode Dizer".

Conforme se pode argumentar, um dos efeitos primários do fenômeno ufológico, para quantos o levem a sério, é fraturar-lhes a ocidental visão científica da realidade. Além disso, comunicações de óvnis contendo material teológico costumam promover uma concepção impessoal ou panteísta de Deus. Algumas delas fazem ataques específicos à base de fés devocionais em particular — notadamente o cristianismo.

Uma hipótese para explicar tudo isto é aquela segundo a qual certos seres dotados de faculdades místicas estariam tentando doutrinar a sociedade humana com uma filosofia espiritual baseada na evolução cósmica da consciência e numa concepção impessoal do absoluto. Alguns destes seres são humanóides que visitam as pessoas a bordo de óvnis e outros talvez sejam humanos como nós que teriam adquirido faculdades místicas pela prática da yoga. Quanto a estes, sua filosofia impessoal pode ter suas raízes em tradições históricas como o budismo e a filosofia indiana do Advaita Vedãnta. O propósito do programa de doutrinação poderia ser salvar a humanidade e a Terra dos perigos causados pelo materialismo moderno.

Segundo a perspectiva védica, não se descarta de forma alguma um programa conjunto de doutrinação levado a cabo por sábios humanos e humanóides ufológicos. A literatura védica descreve um mundo onde pessoas comuns e

yogues poderosos coexistem com variadas raças humanóides. Estas raças são dotadas de *siddhis* místicos, e muitas estão acostumadas a viajar em *vimãnas*. Segundo consta, filosofias espirituais baseadas em concepções impessoais de Deus são bastante proeminentes tanto entre os yogues quanto entre estes seres misticamente dotados.

Se algumas destas pessoas estão perturbadas com o atual estado de coisas na Terra, é natural que elas queiram usar suas próprias filosofias e tecnologias num esforço para lidar com esta situação. Isto poderia envolver a coordenação de diversas atividades por seres de uma série de grupos diferentes, com qualidades pessoais variando de *tamo-guna* a *sattva-guna* (páginas 379-80).

## **Compreensão de Brahman**

No Capítulo 10 (páginas 420-21), narro o rapto por óvni de Betty Andreasson, durante o qual a levam até uma porta imensa num complexo subterrâneo. Naquela altura, ela sai de seu corpo, atravessa a porta e tem a experiência do encontro com o Uno. Embora esta experiência lhe causasse grande felicidade, ela não conseguiu explicá-la:

*Betty.* É... não tenho palavras para explicá-lo. É algo maravilhoso. É para todos. Só não posso lhe falar a respeito. *Fred Max:* Não pode? Por que não?

*Betty:* Em primeiro lugar, é por demais impressionante e é... é indescritível. Não tenho palavras para descrevê-lo. Além do mais, me é simplesmente impossível fazê-lo.

*Fred Max:* *Disseram-lhe* para não compartilhar a experiência comigo?

Parece duvidoso que este depoimento tenha sido evocado pelas perguntas capciosas de Fred Max, o hipnotizador. Segundo tudo indica, na opinião dele, Betty não conseguia descrever sua experiência porque sua mente estava sob o controle dos alienígenas — uma idéia comum entre investigadores de raptos por óvnis. No entanto, parece claro o fato de ela não ter como descrever a experiência por esta estar literalmente além das palavras.

Um método típico usado para se tentar contornar bloqueios mentais inibindo a memória de uma pessoa é pedir à mesma, enquanto sob hipnose, para visualizar a experiência bloqueada como se a estivesse assistindo na tevê. Quando esta tentativa foi feita com relação à experiência de Betty ter visto o Uno, ela reagiu dizendo:

Ohhhh! Há uma luz brilhante saindo da televisão! Isto é fantástico! Há raios de luz, luz branca brilhante, como se [pausa] eles tivessem um projetor lançando sua luz para fora da televisão! Esta luz está ferindo meus olhos!

A literatura védica fala do Brahman como sendo uma luz branca indescritível que se caracteriza

pela unicidade, eternidade e felicidade ilimitada. Os investigadores ufológicos que estavam entrevistando Betty Andreasson não pareciam saber disto e, provavelmente, ela também não tinha a menor noção. Embora místicos católicos como Mestre Eckhart descrevam a percepção da unicidade última, em geral ela não figura em tradições fundamentalistas protestantes. Parece bastante provável que Betty tenha de fato tido aquela experiência com o Uno.

Carla Rueckert recebeu comunicações canalizadas da entidade Ra abordando idéias filosóficas relativas ao Uno (página 235-36). Ra alegava ser um complexo de seres ligados pela telepatia que teriam vivido outrora num nível supradimensional em Vénus e comunicado idéias monoteístas ao faraó Ikhnaton no antigo Egito. Hoje, contudo, o interesse de Ra é se fundir com o Uno e ensinar aos outros esta possibilidade. Logo, Ra disse: "Não podemos falar do que está além desta dissolução do eu unificado com tudo que existe, pois ainda almejamos nos tornar tudo que existe, e mesmo assim somos Ra. Deste modo, nossos caminhos prosseguem."

A compilação de material de *contato* por Don Elkin contém muitos exemplos expressando esta idéia. Eis três exemplos relatados por três *contatos* diferentes:

A separação é uma ilusão. Todas as coisas são uma coisa só: a criação. (...) você e aqueles a quem você serve são iguais: vocês são um só.

É impossível você se separar da criação, é impossível você se isolar da criação. Você é ela e ela é você.

E então, meus amigos, vocês e o Criador são um só, e vocês e o Criador têm iguais poderes. Pois esta é a verdade. Cada um de nós é o Criador.

Na Índia, há uma famosa escola filosófica chamada Advaita Vedānta, cuja meta é fundir o ego individual no Brahman uno. Como esta escola segue os ensinamentos védicos, ela sustenta que existe uma hierarquia celestial de reinos habitados e que as almas transmigram através de formas grosseiras e sutis nesses reinos. Mas ela também sustenta que, no nível final de entendimento, todos esses reinos são ilusórios e nada existe senão a Consciência Una, ou Brahman. Portanto, entendimento último significa se tornar idêntico ao Brahman, que é tudo que existe.

Esta filosofia é muito semelhante à filosofia sãrikhya ateísta. Segundo esta, o *mahat-tattva*, ou substrato fundamental da matéria, é tido como a causa final. Mas este substrato fundamental não é como a matéria morta conforme a conhecemos. Pelo contrário, "o *mahat-tattva* é a consciência total porque parte dele é representada em todos como o intelecto". Logo, o *mahat-tattva* é conceitualmente semelhante ao Brahman.

As duas filosofias diferem, sobretudo, na ênfase. A filosofia sãrikhya ateísta atrai uma pessoa desejosa de fazer progresso na vida material de uma maneira harmoniosa com a lei universal. Em

contraste, a filosofia do Advaita Vedānta atrai quem deseja abandonar a vida material e se fundir no absoluto. A meta dos pleiadianos, por exemplo, conforme Meier a apresenta, é viver uma vida material avançada obedecendo a Lei Cósmica, ao passo que o objetivo de Ra é atingir a Unicidade última.

Entretanto, a filosofia indiana não se resume apenas às escolas de s̄arikhya ateiſta e Advaita Vedānta. Segundo a filosofia vaisnava, o Brahman é a refulgência do corpo transcendental do Senhor Supremo e forma a atmosfera do mundo espiritual. A percepção de Brahman é apenas o ponto de partida de uma experiência espiritual superior — logo, encarar esta percepção como a meta derradeira é um obstáculo ao progresso espiritual.

O *Bhāgavata Purāna* é um dos principais textos védicos a apresentar a filosofia vaisnava do monoteísmo pessoal. Eis uma descrição, extraída deste texto, de uma jornada feita por Arjuna e Krsna Brahman adentro e para além dele:

Seguindo o disco Sudarsana, a quadriga ultrapassou a escuridão e atingiu a infindável luz espiritual do onipenetrante *brahma-jyoti*. Enquanto Arjuna contemplava essa ofuscante refulgência, seus olhos doíam, e por isso ele os fechou.

Daquela região, eles entraram num corpo aquático resplendente com ondas imensas sendo batidas por um vento poderoso. Dentro daquele oceano, Arjuna viu um palácio surpreendente e mais



radiante do que qualquer coisa vista por ele até então. Sua beleza era intensificada por milhares de colunas ornamentais ornadas com jóias brilhantes.

Naquele palácio estava a imensa e espantosa serpente Ananta Sesa. Ela cintilava brilhantemente com o resplendor emanando das jóias em Seus milhares de dosséis e se refletindo de Seus múltiplos e temíveis olhos. Parecia-se com o branco monte Kailãsa, e Seus pescoços e línguas eram azul- escuros.

Aí, Arjuna viu a onipresente e onipotente Suprema Pessoa Divina, Mahã-Visnu, sentada à vontade sobre a serpente-leito. Sua tez azulada era da cor de uma densa nuvem de chuva, Ele trajava uma bela veste amarela, Seu rosto era encantador, Seus grandes olhos eram muito atraentes, e Ele tinha oito belos e compridos braços. Suas copiosas mechas de cabelo se banhavam por todos os lados no brilho refletido de magotes de jóias preciosas que Lhe decoravam a coroa e os brincos. Ele portava a jóia Kaustubha, a marca de Srivatsa e uma guirlanda de flores silvestres.

Servindo àquele supremo de todos os Senhores estavam Seus criados pessoais encabeçados por Sunanda e Nanda; Sua *cakra* e outras armas sob suas formas personificadas; as potências Suas Consortes Pusti, Sri, Kirti e Ajã; e todos os Seus diversos poderes místicos.

Nesta passagem, a palavra *brahma-jyoti* significa resplendor Brahman. A potência chamada Ajã é a

energia da criação material. Entende-se que esta cena se desenrola inteira além do reino material. Se o *brahma-jyoti* nada mais é que a atmosfera de uma região espiritual superior, então, para parafrasear Ra, existe algo além da dissolução do eu unificado com tudo que existe. Segundo a filosofia vaisnava, uma vez dissolvido o cativo do ego material, a alma se torna livre para atuar num plano puramente espiritual.

Visto que a alma emana do Ser Supremo, existe uma relação de amor natural entre a alma e o Supremo. Este amor natural fica obscurecido quando a alma está em estado de consciência material. Ao atingir o Brahman, a alma alcança um estado neutro, quando sua natural tendência de amar se manifesta sem um objeto para o amor. Porém, ao ultrapassar este estado neutro, este amor se expressa sob a forma de serviço ao transcendental Senhor Supremo. Expressa-se, também, sob a forma de compaixão para com almas em cativeiro material que, embora perdidas no esquecimento, são todas partes integrantes do Senhor.

As três crianças para quem as revelações de Fátima foram feitas também tiveram uma aparente experiência do *brahma-jyoti*. Após a conversa inicial entre as crianças e a refulgente senhora, "ela abriu suas mãos e torrentes de luz intensa delas fluíram, comovendo as almas das crianças e fazendo com que elas se sentissem 'perdidas em Deus', a Quem elas reconheceram naquela luz". Esta descrição faz sentido do ponto de vista védico e também ilustra a idéia segundo

a qual um ser superior pode induzir um ser humano mais ou menos comum a ter uma experiência temporária do Brahman. Algo semelhante parece ter acontecido no caso Andreasson.

O *contato* Orfeo Angelucci também relatou uma experiência de percepção do Brahman, ocorrida enquanto ele estava a bordo de um óvni. Muitos ufólogos tendem a rejeitar como falsas as experiências de óvni de Angelucci, que foram de natureza espiritual e positiva. Em geral, os relatos sobre experiências prazerosas e satisfatórias são tidos como menos verossímeis do que os relatos sobre experiências desagradáveis ou embaraçantes. Muitos são, no entanto, os relatos sobre experiências positivas, e todos eles devem ser incluídos em qualquer exposição completa do fenômeno ufológico. Como sempre, a estratégia seria estudar os padrões surgidos em inúmeros relatos. É difícil dizer se Angelucci passou de fato pelas experiências por ele relatadas ou não, já que tudo de que dispomos é o seu depoimento pessoal.

Segundo disse Angelucci, em 23 de julho de 1952, como se sentisse mal, ele resolveu não ir trabalhar como mecânico da Lockheed Aircraft Corporation em Burbank, Califórnia. À noite, tendo saído para uma caminhada num lugar solitário perto dos aterros do rio Los Angeles, sentiu-se incomodado por estranhas sensações de prurido e um embotamento da consciência. De repente, viu diante dele um objeto luminoso, indistinto e em forma de iglu cuja solidez foi aumentando aos

poucos. Havia uma porta que levava ao interior extremamente iluminado do objeto. Ao entrar, ele se viu só num recinto abobadado com cerca de cinco metros de diâmetro, rodeado por bruxuleantes paredes de madrepérola. Vendo diante dele uma cadeira reclinável feita da mesma substância translúcida, sentiu-se impelido a se sentar nela. A porta então fechou-se, não deixando o menor sinal de sua existência, e o objeto aparentemente viajou pelo espaço exterior. Logo em seguida, uma janela se abriu na parede do recinto, e ele viu a Terra de uma distância de cerca de dois mil quilômetros. Uma voz passou a lhe falar, descrevendo a posição infortunada das pessoas materialistas da Terra e incitando-o a lhes revelar sua verdadeira natureza espiritual. A voz disse: "Cada pessoa na Terra tem um eu espiritual, ou desconhecido, que transcende o mundo e a consciência materiais e habita eternamente fora da dimensão do Tempo em perfeição espiritual dentro da unidade da supra-alma."

Após ouvir estes ensinamentos por algum tempo, Angelucci passou pela seguinte experiência:

Um ofuscante feixe luminoso branco se projetou da abóbada da nave. Momentaneamente, pareceu-me sofrer uma perda parcial da consciência. Tudo se expandiu numa grande e bruxuleante luz branca. Pareceu-me ser projetado para além do Tempo e do Espaço, ficando consciente apenas da luz, luz, LUZ! Cada passagem de minha vida na Terra resultou

*cristalina para mim — e então recobrei a memória de todas as minhas vidas anteriores na Terra...*

Estou morrendo, pensei. Já passei por este tipo de morte antes em outras vidas terrestres. Agora é a morte! Só agora estou na ETERNIDADE, SEM PRINCÍPIO E SEM FIM. Lentamente, então, tudo se resolveu em luz radiante, paz e beleza indescritível. Livre de toda a falsidade da mortalidade, mergulhei num mar intemporal de bem-aventurança.

Ao despertar para sua consciência normal, Angelucci se deu conta de que o objeto estava regressando à Terra. Voltando para casa, lembrou-se de uma sensação de ardor que sentira abaixo do coração enquanto esteve a bordo da nave. Descobriu ter sido marcado por um estigma consistindo num ponto vermelho rodeado por um círculo vermelho com o tamanho aproximado de um quarto de dólar. Esta foi a única prova tangível que ficou para demonstrar que a experiência dele ocorrera de fato.

## **O papel de Mãya**

Muitas ações e comunicações ligadas aos óvnis são compatíveis com a antiga visão de mundo védica. Algumas entidades ufológicas apresentam filosofias representando subconjuntos específicos do pensamento védico. Fala-se da alma e de sua evolução de consciência. Existem demonstrações práticas, não só de diferentes espécies de viagem

dos corpos grosseiro e sutil, mas também de etapas espirituais de consciência até se atingir a percepção de Brahman. Também há descrições teóricas destas etapas, em especial em casos de comunicação canalizada. Não sei, contudo, de alguma análise do amor pessoal e direto a Deus.

Este material transmite uma mensagem em geral positiva. Mas, ao mesmo tempo, muitos contatos com óvnis têm um aspecto menos auspicioso. Não é incomum serem relatadas comunicações de entidades ufológicas contendo informação duvidosa ou absurda, tais como a geringonça técnica relatada por William Hermann, ou a declaração de que os alienígenas vêm de "uma pequena galáxia próxima a Netuno". Além disso, conforme expus no Capítulo 9, existem os perturbadores raptos por óvnis e os indícios de atividade ufológica abertamente nociva.

De que maneira podemos entender tudo isto? Segundo uma idéia intrigante constante em algumas comunicações, existe uma lei cósmica de confusão que regulamenta a disseminação de informação para os seres humanos. Esta lei pode ajudar a explicar o motivo pelo qual as comunicações de óvnis parecem conter uma mistura desnorteante de disparate e informação possivelmente válida.

As entidades Ra mencionaram esta lei com relação à história sobre como elas construíram a Grande Pirâmide do Egito. Quando elas disseram tê-la construído por meio de formas-pensamento, perguntaram-lhes por que a criaram em blocos

distintos, como se a tivessem montado com pedras extraídas de ardosieira. Ra replicou:

Há uma lei que acreditamos seja uma das mais significativas distorções originais da Lei do Uno. Trata-se da Lei da Confusão. Vocês a chamam de Lei do Livre-Arbítrio. (...) Não era nosso desejo permitir que o mistério [da Grande Pirâmide] fosse desvendado pelos povos de modo a que passássemos a ser adorados como construtores de uma pirâmide miraculosa. Logo, ela parece ter sido feita, e não pensada.

Seja qual for a maneira pela qual a Grande Pirâmide foi construída de fato, esta Lei da Confusão merece ser levada em consideração. A idéia básica é que, a fim de preservar o livre-arbítrio dos seres humanos, faz-se necessário privá-los de certas informações e inclusive confundi-los com informações falsas.

Este conceito pode ajudar a explicar, não apenas o caráter desnorteante das comunicações de óvnis, como também a natureza evasiva de provas ufológicas em geral. É comum estas provas serem fortes o bastante para impressionar quantos tomam conhecimento delas, mas nunca chegam a ser espantosas ao ponto de se negar a um cético o seu próprio livre-arbítrio para resolver se deve as aceitar ou não. Pode-se mesmo conceber cenários, tais como a aterrissagem maciça de óvnis em Washington, que seriam convincentes o suficiente para excluir este exercício do livre-arbítrio. Acaso seria possível a Lei da Confusão estar sendo

aplicada ao fenômeno óvni de modo a se preservar a liberdade das pessoas de rejeitá-lo ou desconsiderá-lo por um lado e, por outro, simultaneamente se fornecer informações úteis para pessoas dispostas a aceitá-lo?

As idéias védicas podem proporcionar muitos esclarecimentos sobre a natureza da Lei da Confusão. Segundo os *Vedas*, o mundo material é talhado a partir de uma energia chamada *mâyã*. *Mâyã* significa ilusão, magia e o poder que cria a ilusão. Segundo a idéia védica básica, o universo é criado para ser um parque de diversões para almas que procuram gozar a vida separadamente do Ser Supremo. Se estas almas tivessem pleno conhecimento da realidade, então conheceriam a posição do Supremo e saberiam que semelhante gozo separado é impossível. Logo, o universo é criado como uma arena de ilusão, ou *mâyã*, na qual estas almas podem ir ao encalço de seus interesses separados.

Segundo outro aspecto da visão de mundo védica, o Ser Supremo deseja que as almas dominadas pela ilusão material dentro do universo voltem para Ele. Mas, para isto ter sentido, precisa ser voluntário. A alma, por sua essência verdadeira, tem liberdade para amar. Deste modo, se algum poder superior força a alma a agir, então não lhe é possível vivenciar esta essência. Por este motivo, o Ser Supremo procura dar à alma o conhecimento através do qual ela possa voltar ao Supremo de uma maneira delicada que não sobrepuje o seu livre-arbítrio.



Eis a perspectiva do *Bhãgavata Purãna* acerca da relação entre o Supremo e o mundo da ilusão:

Presto minhas reverências a Vãsudeva, a Suprema e Onipenetrante Pessoa Divina. Medito n'Ele, a realidade transcendente, que é a causa primordial de todas as causas, de quem surgem todos os universos manifestos, em quem eles habitam e por quem são destruídos. Ele é direta e indiretamente consciente de todas as manifestações, e é independente por não haver nenhuma outra causa além d'Ele.

Foi Ele apenas quem no princípio transmitiu o conhecimento védico ao coração de Brahmã, o ser vivo original. Assim como nos deixamos iludir pelas representações ilusórias de água vistas no fogo, ou de terra vista na água, mesmo grandes sábios e semideuses se deixam iludir por Ele. É apenas por causa d'Ele que os universos materiais, temporariamente manifestos pelas reações dos três modos da natureza, parecem reais, embora sejam irreais.

No Capítulo 7 (páginas 311-13), comparei o universo a uma realidade virtual manifesta dentro de um computador por obra de algum programador perito. Os habitantes de uma realidade virtual existem de fato fora do falso mundo gerado no computador, mas experimentam a ilusão de estarem dentro daquele mundo. Se tivessem como se esquecer de sua existência verdadeira, então a ilusão ficaria completa, e eles se identificariam por inteiro com seus corpos virtuais gerados no computador.

Segundo os *Vedas*, esta é a situação das almas condicionadas dentro do universo material.

Dentro da ilusão global de *mâyã*, existem muitas sub-ilusões. Enquanto a ilusão global nos faz esquecer a onipotência do Supremo, as sub-ilusões nos fazem esquecer a hierarquia na administração do cosmo, estabelecida pelo Supremo dentro do universo material. Todas essas ilusões dão margem a que a alma individual atue por livre-arbítrio, apesar de ela estar na verdade sob controle superior.

Ao mesmo tempo, as ilusões não chegam a ser fortes a ponto de incapacitarem um indivíduo desejoso de buscar a verdade. Se *mâyã* tivesse força suficiente para impedir qualquer esforço no sentido de se encontrar a verdade, então ela também teria força para bloquear o livre-arbítrio das pessoas. Segundo o sistema védico, o Ser Supremo providencia para que mestres desçam ao mundo material e dêem conhecimento transcendental às almas condicionadas. Por arranjo de *mâyã*, as pessoas sempre terão fartas desculpas para rejeitar esses mestres se assim o desejarem. No entanto, se desejarem conhecimento superior, também lhe serão fornecidas provas adequadas para elas poderem distinguir semelhante conhecimento da ilusão.

Nos últimos duzentos anos na Terra, tem-se desenvolvido o ponto de vista segundo o qual a vida é um mero processo físico-químico cuja evolução gradual teria durado milhões de anos. Segundo este ponto de vista, somos os produtos máximos da evolução neste planeta. Se existe

vida em alguma outra parte do universo, ela também precisou passar por um lento processo de evolução em planetas com condições adequadas. Portanto, é provável que haja formas de vida inteligente, quiçá superiores a nós, a salvo e distantes, e não temos por que nos preocupar com elas.

Este ponto de vista tem tudo para influenciar as pessoas da Terra no sentido de adotarem um programa de gozo e exploração livres. Infelizmente, porém, semelhante programa não apenas danifica a biosfera da Terra como também impede o caminho de avanço de quantos porventura desejem tomar conhecimento de sua natureza espiritual. Isto significa que, muito embora a moderna visão de mundo materialista desembarace o livre-arbítrio de certas pessoas, ela obstrui o livre-arbítrio de outras.

Talvez o fenômeno ufológico seja uma das formas pelas quais estejam sendo tomando providências superiores no sentido de paulatinamente se rever a moderna perspectiva materialista. Os cientistas estão tendo suas repreensões merecidas ao terem que se confrontar com impossíveis aeronaves que violam as leis da física. Seres dotados de poderes mágicos parecem nos mostrar que não somos a espécie máxima de vida. Todavia, ao mesmo tempo, os fenômenos ufológicos são evasivos, as comunicações são contraditórias e sempre há motivos para dúvidas.

Se é isto o que está acontecendo, suspeito de algo envolvendo arranjos complexos em torno de muitas formas de vida diferentes. Talvez a causa

direta de alguns fenômenos sejam seres no modo da escuridão que amedrontam as pessoas, mas, ao mesmo tempo, expandem-lhes a compreensão da vida e de suas faculdades. Talvez alguns desses fenômenos envolvam um autêntico protesto de seres vivendo em nosso próprio mundo e perturbados com nossas desventuras tecnológicas.

Outros fenômenos talvez envolvam programas de pregação levados a cabo por seres que têm uma mensagem a transmitir. Afinal, o proselitismo religioso não precisa estar limitado a humanos comuns. Estas mensagens poderão variar em qualidade e em profundidade e, em última análise, os indivíduos precisarão fazer uso de sua própria discriminação para decidir o que aceitar e o que rejeitar. Conforme sugeri acima, alguns seres que produzem luzes, sons agudos e comunicações telepáticas podem inclusive ser yogues humanos com faculdades místicas desenvolvidíssimas. Os eventos de Fátima (páginas 360-74) sugerem, também, o possível aparecimento na Terra de pessoas de planetas superiores, tomadas de compaixão pelo sofrimento humano.

Todas essas possibilidades são compatíveis com a tradição védica. Segundo antigos textos védicos, houve época em que as pessoas da Terra mantinham contato regular com muitas espécies de seres, de entidades negativas no modo da escuridão a grandes sábios em avançados estados de consciência espiritual. Os fenômenos modernos tendem a confirmar o quadro védico, o que também pode fazer parte do plano por trás dos

mesmos. Apesar de ainda se encontrarem à nossa disposição, os ensinamentos dos antigos sábios têm sido eclipsados pelas conquistas modernas da ciência e da tecnologia de orientação materialista. Talvez esteja chegando o tempo de eles serem levados a sério outra vez.

# Apêndices

## Apêndice

### Casos de óvnis vistos pela Força Aérea am

Esta tabela de casos de óvnis vistos por oficiais da Força Aérea americana foi extraída de *The UFO Evidence* de Richard Hall. Os relatos foram tirados dos arquivos do Comitê Nacional de Investigações sobre Fenômenos Aéreos (NICAP) em 1964, com datas variando de 1944 a 1961 e maior concentração de ocorrências em 1952 e 1953. Segundo observa Hall, após a promulgação do Regulamento 200-2 da Força Aérea em 26 de agosto de 1953, diminuiu bastante o número de relatos de visões de óvnis por oficiais da Força Aérea (veja páginas 108-09).

A tabela relaciona 91 casos. Destes, os vinte marcados com um asterisco são casos de óvnis que parecem seguir deliberadamente um avião da Força Aérea ou sobrevoar uma base militar a baixa altitude. Há também 24 outros casos, marcados por dois asteriscos, de aviões da Força Aérea perseguindo óvnis, ou sendo perseguidos ou repetidas vezes ameaçados por óvnis em vôo rasante. É difícil conciliar estas estatísticas com a conclusão da Força Aérea de que os óvnis jamais foram encarados como uma possível ameaça militar.







Fon  
te  
de  
bril  
han  
te  
luz  
ver  
mel  
ha,  
det  
ect  
ada  
pel  
o  
rad  
ar a  
1.7  
00  
km/  
h

--	--	--



T  
e  
nt  
ar  
a  
m  
in  
te  
rc  
e  
pt  
ar  
ó  
v  
ni  
e  
m  
ór  
bi  
ta  
a  
p  
ar  
e  
nt  
e  
d  
e  
1  
5.  
0  
0  
0  
m  
et  
ro  
s


	DE SC RIÇ ÃO E TES TE MU NH AS	
--	---	--

Obj  
eto  
s  
esf  
éric  
os  
azu  
is e  
bra  
nco  
s  
voa  
ndo  
vel  
oze  
s  
aba  
ixo  
da  
cob  
ert  
a  
de  
nuv  
ens  
,

Dis  
co

seg  
uiu  
bo  
mb  
ard  
eiro  
por  
cin  
co  
min  
uto  
s,

su  
min  
do  
em  
seg  
uid  
a.

Observação: o manual em torno do de um F-84 de T-6.

Dezoito ónis circulares em grupo, um ziguan do. son, outros pilotos.

	Ov ni seg uiu bo mb ard eiro por 30 min uto s. "De sco nhe cid o" ofic ial.	
--	--	--

	Objeto avermelhado com pequenas luzes brancas	
	Óvnis em alta velocidade detectados por radar durante visões em Washington, D.C.	



	Óv ni red ond o e pra tea do gira ndo em eix o ver tica l atr ave sso u vel	
--	---	--

oz  
a  
100  
gra  
us  
do  
céu  
em  
48  
seg  
und  
os,  
pas  
san  
do  
ent  
re  
dua  
s  
ma  
ssa  
s  
de  
nuv  
ens

	Doi s obj eto s azu is e bra nco s mu dar am de cur so. is de 2.0 00 hor as de vôo .)	
--	---	--

	Pilo to det ect ou óvn i pel o rad ar, viu luz ver de-	
	azii DE SC RIÇ ÃO E TES TE MU NH AS,	

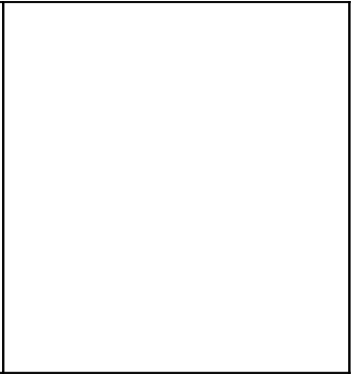
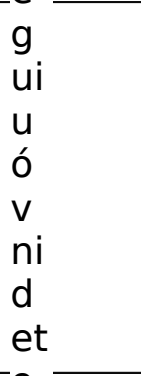
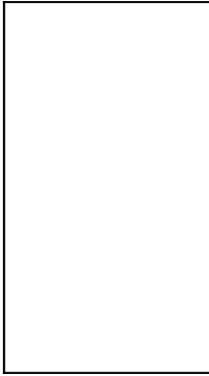
óvn  
i  
su  
miu  
vel  
oz.

	Três óvnis triangulares separados passaram velozes por bombardeiros	
--	--	--

a  
leste.  
Velocidade  
de  
1.900  
km/h.  
Oficiais  
"desconhecidos".

S  
e  
g  
u  
i  
n  
d  
o  
ó  
v  
n  
i  
s  
d  
e  
t  
e  
c  
t  
a  
d  
o  
s  
p  
o  
r  
r  
a  
d  
a  
r  
,  
v  
i  
u  
o  
b  
j  
e  
t  
o  
s  
c  
i  
n  
t  
i  
l  
a  
n  
t  
e  
s

S  
e  
g  
u  
i  
ó  
n  
v  
n  
i  
d  
e  
t  
e  
c  
t  
a  
d  
o  
p  
o  
r  
r  
a  
d  
a  
r  
,  
v  
i  
u  
g  
r  
a  
n  
d  
e  
l  
u  
z  
l  
a  
r  
a  
n  
j  
a  
-  
a  
m  
a  
r



Di  
v  
er  
so  
s  
ó  
v  
ni  
s  
d  
et  
e  
ct  
a  
d  
os  
p  
or  
ra  
d  
ar  
,  
pi  
lo  
to  
vi  
u  
lu  
ze  
s  
se  
m  
o  
v  
e  
n  
d

--	--	--	--

Ja  
to  
s  
se  
g  
ui  
ra  
m  
d  
oi  
s  
ó  
v  
ni  
s,  
q  
u  
e  
m  
a  
n  
o  
br  
a  
v  
a  
m  
d  
e  
v  
ol  
ta  
p  
ar  
a  
tr  
és



In  
v  
es  
ti  
g  
ar  
a  
m  
al  
v  
o  
n  
o  
ra  
d  
ar  
,  
vi  
ra  
m  
o  
bj  
et  
o  
o  
v  
ó  
i  
d  
e  
e  
m  
a  
n  
o  
br  
á  
v

--	--	--	--

S  
e  
g  
u  
i  
r  
a  
m  
ó  
v  
n  
i  
d  
e  
t  
e  
c  
t  
a  
d  
o  
p  
o  
r  
r  
a  
d  
a  
r  
,  
v  
i  
r  
a  
m  
e  
f  
o  
t  
o  
g  
r  
a  
f  
a  
r  
a  
m  
o  
b  
j  
e  
t  
o

--	--	--	--

Vi  
ra  
m  
o  
bj  
et  
o  
es  
c  
ur  
o  
e  
m  
fo  
r  
m  
a  
d  
e  
c  
h  
ar  
ut  
o  
b  
e  
m  
o  
n  
d  
e  
o  
ra  
d  
ar  
in  
di

--	--	--	--

A  
pr  
in  
cí  
pi  
o  
d  
oi  
s  
e  
d  
e  
p  
oi  
s  
se  
is  
di  
sc  
os  
"c  
o  
m  
b  
at  
e  
n  
d  
o"  
,  
as  
s  
u  
m  
in  
d  
o

T  
O  
R  
D  
E  
S  
C  
R  
I  
Ç  
Ã  
O  
E  
E  
T  
E  
S  
T  
E  
M  
U  
N  
H  
A  
S

--	--	--	--

O  
v  
ni  
ci  
rc  
ul  
ar  
c  
o  
m  
br  
il  
h  
a  
nt  
e  
fu  
se  
la  
g  
e  
m  
br  
a  
n  
c  
a  
so  
br  
e  
v  
o  
o  
u  
e  
m

Três grupos de grandes óvnis brilhantes em "formação" perfeita

Discosmanobraando em alta velocidade de pilotagem F-84.



Discopairo usuarios breas n u v e n s d u r a n t e s e t e m i n u t o s , a f a s t o u - s e v e l o z

O  
v  
n  
i  
"c  
o  
n  
t  
r  
o  
l  
a  
d  
o"  
e  
f  
a  
z  
e  
n  
d  
o  
m  
a  
n  
o  
b  
r  
a  
s  
e  
m  
a  
l  
t  
a  
v  
e  
l  
o  
c  
i  
d  
a  
d  
e  
e  
s  
c  
o

--	--	--	--

O  
bj  
et  
o  
ci  
nt  
il  
a  
nt  
e  
p  
as  
so  
u  
di  
v  
er  
sa  
s  
v  
ez  
es  
p  
el  
o  
a  
vi  
ã  
o,  
fe  
z  
m  
a  
n  
o  
br  
26

	Vi sã o a ol h o n u e p or ra d ar ó v ni s d et e ct a d os a 1 7. 0 0 0 k m /h	
--	---	--

O  
v  
n  
i  
c  
o  
m  
l  
u  
z  
e  
s  
g  
i  
r  
a  
t  
ó  
r  
i  
a  
s  
v  
e  
r  
m  
e  
l  
h  
a  
s  
,  
v  
e  
r  
d  
e  
s  
e  
b  
r  
a  
n  
c  
a  
s  
,  
a  
l  
é  
m  
d  
o

Formação em V de Luzeiras  
a  
se  
a  
pr  
o  
xi  
m  
ar  
a  
m  
d  
o  
a  
vi



	DE SC RIÇ ÃO E TES TE MU NH AS	
--	---	--



Ov  
ni  
circ  
ular  
ace  
lero  
u  
par  
a  
esc  
apa  
r do  
jato

,  
sen

Ov  
ni  
ova  
l  
cinz  
a.  
Pilo  
to  
de  
F-  
94  
e  
out  
ros.

Ov  
ni  
vist  
o a  
olh  
o  
nu.  
Pilo  
t de  
T-  
33.

Ov  
ni  
rod  
opi  
ant  
e  
co  
m  
luz  
es  
Vis  
ão  
por  
rad

ar e  
a  
olh  
o  
nu  
de  
bril

Ov  
ni  
apr  
oxi  
mo  
u-  
se  
do  
avi  
ão,  
pos  
tou-

se  
atr  
ás  
del  
e e  
seg  
uiu-  
o  
por  
bas  
tan  
te

tem  
po.

	Visões de óvnia a olho nu e por radar.	
	Luz vermelha brilhante aproximou-se do avião, pairou sobre ele e fugiu veloz ao ser perseguida.	

	Luz ver mel ha per to do fim da pist a de dec ola ge m, asc Cer ca de doz e ovn is disc óid	
	es bai xar am par a sob rev oar bas e dur ant e enc ont ro de artil hari a.	

	Óv ni neg ro em for ma de cha rut o sai ndo da est eira do jato em alta vel oci dad e. T- 33.	
--	--	--

DE  
SC  
RIÇ  
ÃO  
E  
TES  
TE  
MU  
NH

Per

seg

uiç

ão

tipo

"ga

to e

rat

o"

det

ect

ada

por

rad

ar e

vist

a a

olh

o

nu.

Ov

ni

fugi

u

do

jato

,

viro

u e

o

aco

mp

anh

ou

até

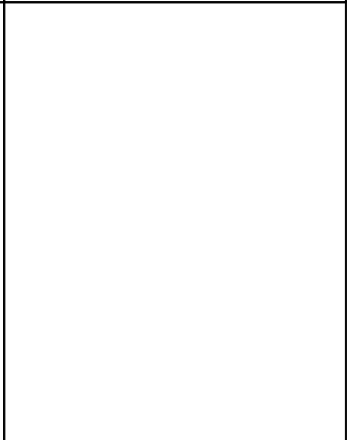
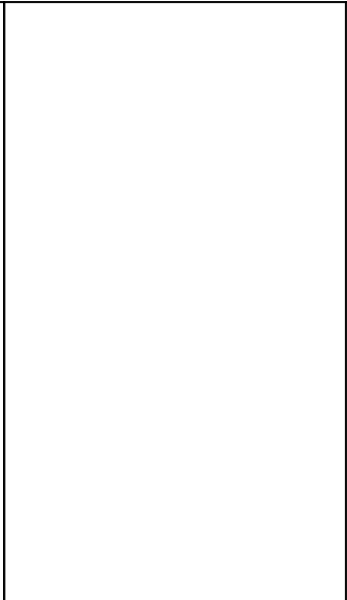
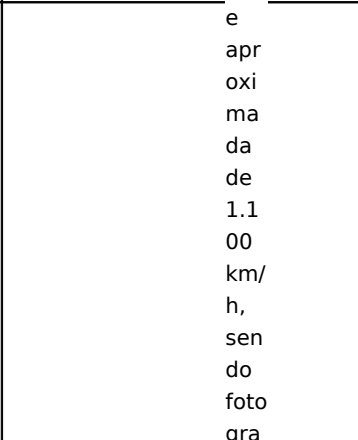
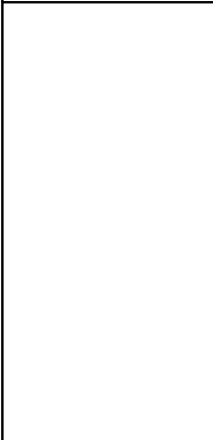
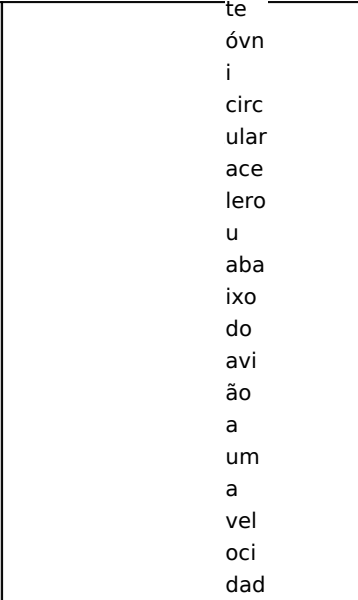
a

bas

e.

	Regulamento 200-2 da Força Aérea é decretado F-89 perseguiu óvni, luzes do avião e do óvni, i se fundiram na tela do radar, avião nunca foi encontrado. radar o.	
--	--	--

Bril  
han  
te  
óvn  
i  
circ  
ular  
ace  
lero  
u  
aba  
ixo  
do  
avi  
ão  
a  
um  
a  
vel  
oci  
dad  
e  
apr  
oxi  
ma  
da  
de  
1.1  
00  
km/  
h,  
sen  
do  
foto  
gra  
fad  
o  
pel  
a  
trip  
ula  
ção  
. A  
foto  
gra  
fia  
jam  
ais  
foi  
rev





	Visões de óvn Nov e óvn is esf éric os esv erd ead os sob rev oar am a áre a, e em seg uid a su mir am vel oze s, ten do sid o det ect ado s a cer ca de 5.1 00 km/ h.	
--	--	--

Qu  
atr

o

gra

nde

s

óvn

is

cint

ilan

tes

vist

os

por

obs

erv

ado

res

em

terr

a;

jato

s

enc

urr

alar

am

um

del

es,

em

seg

uid

a

mu

dar

am

de

dire

ção

e

saír

am

de

cen

a.

Inci

den

te

ofic

	DE SC RIÇ ÃO E TES TE MU NH AS	
--	---	--

Vis  
ão  
por  
rad  
ar e  
a  
olh  
o  
nu,  
qui  
nze  
óvn  
is  
Rel  
ato  
s  
sob  
re

óvn  
is  
vist  
os  
em  
am  
pla  
áre  
a  
do  
lest  
e  
am  
eric  
ano  
,  
jato  
s  
inte  
rce  
pta  
ram

-  
nos  
de  
mui  
tos  
pon  
tos.

Três  
óvnis  
red  
Visões  
de  
muitos  
óvnis

is  
ma  
nob  
Piloto  
teve  
seu  
radar  
desligado,  
perseguiu

óvnis  
circular  
,  
que  
ascend  
eu

em  
retirada  
a  
mais  
de  
3.500  
km/h.

Da  
cen

tral  
de  
rad  
ar,  
esc  
apa  
me  
nto  
ígn  
~  
Ov  
ni

elíp  
tico  
que  
ace  
lera  
va  
e  
ent  
rav  
a  
pel  
as  
nuv  
ens  
.

Rel  
ato  
coi  
nci

diu  
co  
m  
visã

o  
da  
gua  
rda  
cos  
teir

a  
de  
Cut  
ter

Seb  
ago

.

	Sei s bril han tes óvn is circ ular es ma nob ran do "co mo avi ões em co mb ate ".	
--	---	--

Rel  
ato  
sob  
re  
visã  
o a  
olh  
o  
nu  
e  
por  
rad  
ar,  
óvn  
i  
ma  
nob  
rou  
sob  
re a  
bas  
e,  
bai  
xou  
e  
asc  
end  
eu.  
Rel  
ato  
do  
NIC  
AP  
no  
ver  
ão  
de  
196  
1.  
Aná  
lise  
pos  
teri  
or  
do  
con  
sult  
or  
We  
bb

## Apêndice 2 Sobre a interpretação da literatura védica

No decorrer deste livro procurei apresentar a literatura védica com ela é, conforme o significado direto dos textos que a compõem. Naturalmente, muitas pessoas, questionando a justificativa para esta abordagem, irão perguntar se poderia haver ou não outras formas melhores de interpretar a literatura védica. Por isso, farei



uma breve apreciação deste assunto neste apêndice.

Em geral, as pessoas interessadas pela literatura védica podem ser enquadradas em diversos grupos, entre os quais se incluem os seguintes:

1. Seguidores estritos das principais sampradayas. Sampradaya é uma escola de pensamento baseada na literatura védica conforme a apresenta um grande acarya, ou mestre. Todas as principais sampradayas aceitam como verdadeira a existência do Controlador Supremo (Deus), da alma, do corpo sutil, da transmigração, dos mundos sutis e espirituais e de seres sobre-humanos que habitam estes mundos. Aceitam, também, a validade dos relatos históricos védicos. Embora algumas das sampradayas discordem entre si acerca da natureza de Deus, todas elas aceitam a literatura védica como a autoridade em que devem se basear quaisquer conclusões.

2. Aqueles que adotam a abordagem acomodacional da literatura védica. Na apologética cristã, “a condescendência é um estratagema ou princípio interpretativo do qual o interpretador lança mão para preservar o sentido válido encontrado num texto sem um literalismo estéril”. O método consiste em encarar o texto como conhecimento autêntico expresso em linguagem figurada e talvez acrescido de caprichosos embelezamentos poéticos. Com a introdução da ciência ocidental na Índia, a visão de mundo védica deparou com um forte desafio. Muitos hindus modernos têm reagido fazendo uso

da abordagem acomodatória de modo a alinhar a literatura védica à ciência moderna.

3. Aqueles que encaram a literatura védica como mitologia. As pessoas deste grupo tendem a ver esta literatura como um registro de fantasias irreais que foi aos poucos tomando corpo por obra de poetas pré-científicos. Este ponto de vista é sustentado por muitos eruditos que estudam a literatura védica em áreas tais como a indologia, a antropologia e a religião comparada.

Farei agora uma análise sucinta das estratégias de interpretação textual usadas por mim e pelas pessoas destes três grupos. Antes de mais nada, eu gostaria de distinguir entre uma apresentação direta de um texto, uma interpretação literal e uma interpretação figurada. Numa apresentação direta, considera-se o texto tal como ele é, sem necessariamente se arrogar o entendimento pleno do que ele significa. Numa interpretação literal, o intérprete presume poder entender por inteiro o texto de acordo com as definições léxicas de suas palavras. Numa interpretação figurada, as palavras são interpretadas segundo significados indiretos.

No caso de um texto oriundo de uma tradição cultural desconhecida, eu recomendaria uma apresentação direta, e é justamente esta a abordagem por mim adotada neste livro. Eu não recomendaria insistir de forma por demais veemente numa interpretação literal ou figurada — pelo menos não a princípio. Isto porque não é

fácil entender o significado de material escrito oriundo de outra cultura.

É possível definir o significado verdadeiro de um texto como sendo o significado pretendido pelo autor. O significado verdadeiro pode ser literal do ponto de vista do autor, ou pode ser figurado. Porém, se prematuramente tentarmos chegar à nossa própria interpretação literal ou figurada do texto, poderemos deixar escapar por completo o sentido pretendido pelo autor.

Que entendimento tinha o autor de suas próprias palavras? Se ele trabalhava no âmbito de uma tradição cultural consagrada, presume-se, então, que usava palavras de acordo com os significados aceitos naquela tradição. Mas uma pessoa abordando a tradição a partir de um ponto de observação estrangeiro poderá não achar tão fácil entender aqueles significados. Para entendê-los, o forasteiro poderá ter que se enfronhar naquela tradição cultural por bastante tempo e aos poucos assimilar significados através do uso e do contexto.

Alguns significados poderão diferir de tal maneira daquilo que uma pessoa está acostumada a pensar que ela ficará sem assimilá-los por muito tempo. Ela tenderá a tirar palavras do contexto entendido pelo autor e incuti-las num contexto imposto por seu próprio condicionamento cultural. Isto poderá levá-la a rejeitar o texto por julgá-lo absurdo, e semelhante rejeição poderá criar um estorvo ao entendimento verdadeiro.

Consideremos, por exemplo, a afirmação védica segundo a qual seres chamados devas vivem em

Svargaloka. Que significa Svargaloka? Segundo o dicionário Sânscrito-Inglês de Apte, significa: "1. a região celestial, 2. paraíso." Baseados em idéias modernas de astronomia, podemos achar que isto se refere a alguma região do espaço exterior. Logo, talvez julguemos ser absurdo dizer que os devas vivem em Svargaloka, já que isto significaria que eles devem estar flutuando no espaço junto de cometas e raios cósmicos.

Em capítulos anteriores, interpreto Svargaloka como se referindo a um domínio supradimensional que não se pode incluir no espaço tridimensional comum. Mas qual é a minha justificativa para ter apresentado esta idéia?

O dicionário não nos ajuda aqui, porque as palavras *região celestial* e *paraíso* não nos dizem se a região em questão é tridimensional ou supradimensional. Não há motivo para sondarmos os significados mais profundos de *celestial* e *paraíso*, uma vez que estes significados se relacionam com a cultura ocidental, e não à cultura védica.

Se nos voltamos para os textos védicos, estes não apresentam uma solução direta para este assunto, pois, pelo que pude verificar, não há palavras sânscritas que correspondam diretamente ao termo *supradimensional*. Qual é, então, a justificativa para eu introduzir este termo? Optei pela inclusão da idéia matemática de espaço supradimensional pelo fato de ela proporcionar uma explicação coerente de muitos pontos detalhados em textos védicos envolvendo modalidades de viagem e relações entre lugares

no universo. Esta idéia, suspeito eu, aproxima-nos mais do significado pretendido dos textos védicos do que a idéia de Svargaloka como sendo uma região comum do espaço exterior acima de nossas cabeças. No entanto, não me resta dúvida de que se trata apenas de uma aproximação. Para podermos apreciar o significado verdadeiro, teríamos de nos tornar profundos conhecedores da visão de mundo védica.

Esta idéia de Svargaloka como sendo supradimensional é uma interpretação literal, ou é figurada? Na verdade, embora se trate de um uso figurado do termo *supradimensional*, a idéia procura nos aproximar do significado verdadeiro de Svargaloka pretendido pelos autores védicos. Em geral, recomendo os interessados a se aterem rigorosamente aos textos originais, procurando, ao mesmo tempo, apreciar o significado por eles pretendido com base no contexto global. Como este é um processo lento, nosso entendimento em qualquer momento dado deverá ser encarado como experimental.

Conforme seria possível objetar, os textos védicos devem ter sido compostos por pessoas primitivas. Logo, não poderia Svargaloka ser referência a algo tão sofisticado quanto um reino supradimensional. Na certa, refere-se apenas ao céu bem acima de nossas cabeças.

O problema aqui é que mesmo pessoas em geral tidas como primitivas, tais como os aborígenes australianos, têm idéias sofisticadas que um ocidental poderá achar difícil assimilar. Que entendimento um aborígene tem do céu? Talvez

calhe de ser algo bastante difícil para o nosso entendimento. Isto se aplica mais ainda à literatura védica, que sem dúvida é sofisticada de muitas maneiras.

Seria possível, portanto, formular a seguinte pergunta: se é difícil apurar os significados verdadeiros dos textos védicos, não seria sensato consultar autoridades que tenham estudado estes assuntos a fundo e se ater às interpretações recomendadas por eles? A resposta é que, sem dúvida, esta é uma boa idéia, mas que autoridades deveremos escolher? As três opções relacionadas acima apresentam três grupos de possíveis autoridades: (1) as *sampradāyas* tradicionais, (2) pessoas que procuram acomodar idéias tradicionais a idéias modernas, e (3) eruditos em indologia.

Se quisermos realmente entender o significado original pretendido da literatura védica, não poderemos nos esquecer do primeiro grupo. A maioria das *sampradāyas* tradicionais enfatiza a apresentação direta. Tenho estudado particularmente os ensinamentos da *sampradāya* gaudiya vaisnava, que foi fundada por Caitanya Mahāprabhu no século XVI e descende da antiga escola de Madhvācārya.

Conforme tenho observado em muitas ocasiões, se um comentarista desta escola depara, num texto, com dois pontos aparentemente contraditórios entre si, ele só faz apresentá-los tais como eles são, com contradição e tudo. Alguém poderia dizer não ser inteligente fazer isto. Porém, a intenção do comentarista é de

preservar a tradição tal como ela é, e pronto. Chegando-se a um entendimento ou não, tal entendimento deve se basear nos textos originais que servem de alicerce para a tradição.

Em contraste, a abordagem das pessoas do segundo grupo procura tornar a literatura védica aceitável, dando uma interpretação indireta para afirmações védicas que pareçam discordar de idéias modernas. Isto acarreta interpretar certas afirmações de forma figurada e descartar outras por considerá-las embelezamentos feitos por poetas imaginativos demais.

Consideremos como uma pessoa de formação moderna reagiria à história do rapto de Arjuna por Ulüpi (veja Capítulo 6). Caso esta pessoa seja hindu, talvez opte por aceitar a existência de Arjuna como uma personalidade histórica. Contudo, poderá fazer objeção à história de Arjuna sendo arrastado para Nãgaloka por Ulüpi por concluir ser esta uma fantasiosa invenção poética. De acordo com a história, Arjuna foi levado Ganges abaixo; no entanto, em vez de chegar ao fundo do rio, ele entrou no mundo dos nãgas. Uma pessoa educada tende a rejeitar isto, porque sabe que tais coisas são impossíveis.

Entretanto, os dados sobre óvnis analisados neste livro contêm muitos relatos modernos de pessoas que parecem ser levadas através de matéria sólida por um ser misterioso. Para uma pessoa familiarizada com estes dados, o rapto de Arjuna por Ulüpi poderá parecer enquadrado no âmbito da possibilidade. Ao mesmo tempo, semelhante

pessoa poderá continuar julgando impossíveis outras facetas da história de Arjuna.

Como nossas idéias sobre o que parece possível tendem a mudar à medida que nosso conhecimento muda, não podemos usar estas idéias como o fundamento para uma interpretação indireta e permanente da literatura védica. Logo, ao invés de apresentar semelhante interpretação, é melhor apresentar os textos védicos tais como eles são e deixar que o entendimento do significado deles se desenvolva aos poucos. Isto se aplica em especial a um livro como este, cuja introdução de provas empíricas acerca de óvnis tenderá a alterar nossa idéia do que seja possível ou impossível.

Segundo se poderá objetar, no entanto, muitos eruditos das universidades encaram a literatura védica como mitologia acientífica que não se baseia na realidade. Portanto, ela não pode nos ajudar a entender o fenômeno ufológico. Provavelmente, não será possível justificar amplos estudos desta literatura, comparados com os dados sobre óvnis, na expectativa de a ciência evoluir assim.

Não seria difícil encontrar eruditos no campo da indologia para apoiar esta posição. Porém, devo salientar que os pontos de vista convencionais de eruditos desta área talvez não sejam tão objetivos e imparciais quanto seria de se esperar. De fato, esta área de conhecimento tem um histórico de preconceito religioso e étnico. Para verificar isto, vale considerar a história inicial da indologia.



Quando os britânicos começaram a colonizar a Índia no século XVIII, eles entraram em contato com os ensinamentos védicos. Isto logo deu origem a um conflito entre a sua fé cristã e a religião dos hindus. Este conflito envolvia, por um lado, a constatação de uma ameaça ao cristianismo por parte do hinduísmo e, por outro, a oportunidade de difundir o cristianismo pela conversão dos hindus. O aspecto ameaçador do hinduísmo foi salientado pelo pioneiro indólogo John Bentley em sua crítica a um inglês (provavelmente John Playfair) que escrevera em louvor aos escritos védicos. Bentley escreveu:

Ao tentar apoiar a antiguidade dos livros hindus contra fatos absolutos, ele sustenta todos aqueles horrendos abusos e imposições neles encontrados, sob a pretensa sanção da antiguidade. (...) Como se isso não bastasse, seu objetivo vai mais fundo ainda; pois, pelo mesmo método, ele se esforça no sentido de subverter o relato mosaico e enfraquecer o próprio fundamento de nossa religião: se acreditarmos na antiguidade dos livros hindus, conforme é desejo dele que o façamos, então o relato mosaico não passa de uma fábula, ou uma ficção.

Adotou-se uma estratégia de traduzir os livros védicos para o inglês de modo que pudessem ser usados para convencer os hindus da inferioridade e falsidade de sua religião. Com este objetivo, o coronel Boden doou uma farta quantia à Universidade de Oxford em 15 de agosto de 1811,

para a constituição de uma cadeira de Estudos Orientais. Monier Williams, que dirigiu esta cátedra até sua morte em 1899, escreveu:

O objetivo especial de sua [de Boden] magnânima doação foi de promover a tradução das escrituras para o inglês... de modo a capacitar seus compatriotas a proceder à conversão dos nativos da Índia à Religião Cristã.

O erudito alemão Friedrich Max Müller, vindo para a Inglaterra para assumir esta tarefa, publicou muitas traduções de textos védicos que ainda são considerados modelares. Em 1886, Müller escreveu o seguinte para a sua esposa:

Espero concluir a obra e estou convencido de que, ainda que não viva para ver isto acontecer, mesmo assim, minha edição e a tradução do Veda doravante darão testemunho de grande parte do destino da Índia e do crescimento de milhões de almas no país. Trata-se da raiz da religião deles, e estou certo de que lhes mostrar esta raiz é a única maneira de erradicar tudo o que dela derivou durante os últimos três mil anos.

A técnica usada por Müller e seus colegas era semelhante àquela conhecida por quantos tenham estudado o assunto ufológico: ridicularize o que você não entender e modifique-o usando termos corriqueiros. Por exemplo: os deuses são forças naturais personificadas e convertidas em ídolos

fúteis por sacerdotes astutos que perpetraram fraudes piedosas.

Hoje em dia, os indólogos em geral não estão interessados em converter os hindus ao cristianismo. No entanto, eles herdaram um legado de ridículo e mal-entendido dos fundadores de seu campo de conhecimento que continua a exercer sua influência. Encerrarei citando uma observação da usual tradução inglesa do *Visnu Purãna*, de Horace H. Wilson (originalmente publicada em 1865). Com relação aos *Purãna*, Wilson disse:

Eles podem ser isentados de subserviência a qualquer coisa exceto a impostura sectária. Foram fraudes piedosas para fins temporários: jamais emanaram de alguma combinação impossível dos Brahmans de modo a engendrar, para a antiguidade de todo o sistema hindu, quaisquer pretensões que este sistema não tem como sustentar por completo. Grande parte do conteúdo de muitos, alguma parte do conteúdo de todos, é autêntica e antiga. A interpolação ou o embelezamento sectários são sempre suficientemente palpáveis para serem excluídos, sem prejudicar o material mais autêntico e primitivo.

Nesta passagem, Wilson usa o tipo de linguagem negativa que é típica dos fundadores da indologia. Porém, admite que os *Purãna* contêm material antigo e autêntico. Este chamado material "primitivo" poderá nos proporcionar uma inusitada

perspectiva da realidade que nos ajudará a elucidar a natureza do fenômeno ufológico.

## **Apêndice**

### **Casos indianos contemporâneos**

Neste apêndice, apresentarei quatro histórias da Índia dos dias atuais que estão relacionadas aos temas analisados neste livro. As duas primeiras são acerca das experiências pessoais de Kannan (pseudônimo), um quarentão do sul da Índia. Nestas duas histórias, a única testemunha foi o próprio Kannan. As duas outras, também contadas por ele, envolvem testemunhas múltiplas, e a primeira delas não envolveu diretamente o próprio Kannan. Meu objetivo, ao apresentar estas histórias, é demonstrar que os fenômenos sendo relatados hoje na Índia apresentam paralelos tanto com fenômenos ufológicos americanos e europeus quanto com temas védicos tradicionais. Embora tivesse uma educação hindu tradicional, Kannan se rebelou contra ela na juventude, adotando idéias populares de ateísmo e ceticismo racional. No fim dos anos 60 e no começo dos 70, trabalhou para a TVS and Sons, importante indústria automobilística do sul da Índia. Durante este período, retomou seu interesse inicial por questões espirituais, passando a estudar diversos movimentos religiosos indianos populares. Passou algum tempo ligado à instituição de Sathya Sai Baba, e mais tarde se envolveu com o Movimento da Consciência de Krishna (ISKCON). Durante

vários anos, foi professor numa escola (*gurukula*) administrada pela ISKCON na aldeia de Mãyãpura, Bengala Ocidental, a terra natal de Caitanya Mahãprabhu, mestre religioso do século XVI.

## **A dama da varíola**

A primeira história tem a ver com os encontros que Kannan teve em sua infância com uma mulher misteriosa que o curou e alguns de seus amigos da varíola. É tradição entre as pessoas do sul da Índia adorar uma deusa, às vezes chamada Mariamma, que, segundo dizem, tem controle sobre esta doença. Segundo sugere a história, Kannan teve encontros com esta deusa ou com um ser semelhante. Quem quer que tenha sido, a chamarei de a dama da varíola.

Esta dama tem uma série de características que fazem lembrar entidades ufológicas relatadas amiúde. Ao mesmo tempo, a forma como Kannan a descreve condiz estreitamente com tradicionais relatos védicos sobre devas femininos (ou deusas). Os seis pontos seguintes resumem as características salientes da dama da varíola:

1. Ela aparecia em ocasiões de epidemias de varíola e, de forma mística, curava os enfermos.
2. Tinha a aparência clássica de uma mulher celestial, conforme a retratam esculturas de templos do sul da Índia. Tinha testa grande, cintura bem fina e seios fartos. Vestia-se com bastante elegância na tradicional moda védica.

Tinha um ar de autoridade, como o de uma pessoa muito aristocrática.

3. Kannan pôde perceber que ela respirava. Porém, ao mesmo tempo, o impacto que ela exerceu sobre ele foi mais parecido com aquele de uma bela pintura ou escultura do que o de um ser humano de carne e osso.

4. Ela flutuava no ar e atravessava objetos. Parecia estar "numa trilha diferente" e parecia usar portas e escadas humanas apenas por convenção social.

5. Comunicava-se por telepatia. Em certa ocasião, pareceu estar falando normalmente, mas o movimento de seus lábios não combinava com o som percebido. Kannan comparou isto à dublagem de um filme.

6. Era capaz de bloquear o pensamento de uma pessoa.

Os itens 4, 5 e 6 afloram repetidas vezes em relatos sobre entidades ufológicas, e, conforme salientei no Capítulo 6, estes itens se equiparam aos *siddhis*, ou poderes místicos, védicos. Segundo uma possível interpretação para estes paralelos, as entidades ufológicas, a dama da varíola e os humanóides descritos na literatura védica podem ter algo em comum. Todos eles podem ser seres reais da mesma natureza.

Além de ser apenas tosca a semelhança entre a aparência física da maioria das entidades ufológicas relatadas e aquela de humanóides védicos clássicos, as entidades ufológicas costumam ostentar roupas estranhas, variando de

estranhos macacões a algo encontrável numa loja de fantasias. Em contraste, a dama da varíola se enquadra perfeitamente na iconografia védica clássica. Isto levanta a inevitável questão da influência cultural. Acaso a experiência de Kannan foi influenciada por seu condicionamento cultural indiano? É interessante observar o fato de o próprio Kannan não saber praticamente nada a respeito dos contatos ocidentais com ovnis. Porém, quando lhe contei a respeito dos raptos por óvnis, ele aventou a hipótese de os seres relatados pelas pessoas serem um produto do condicionamento cultural ocidental.

Eis três possíveis relações entre os contatos com entidades relatados e o condicionamento cultural das testemunhas:

1. As pessoas relatam seres imaginários com características determinadas por sua cultura.
2. Seres reais aparecem para as pessoas sob formas que elas esperariam ver com base em sua cultura.
3. Seres reais aparecem para as pessoas de acordo com as normas culturais dos próprios seres, e isto influencia o desenvolvimento da cultura humana no decorrer dos séculos.

Como já analisei provas indicando o fato de muitos relatos sobre óvnis envolverem seres reais, creio poder sugerir que um levantamento minucioso de casos atuais de contatos indianos poderia indicar o fato de muitos deles também envolverem seres reais. Isto sugere que deve

haver muitos casos de contato incompatíveis com a opção 1, embora algumas pessoas possam de fato experimentar fantasias compatíveis com ela. Muitos casos de contato imediato, suspeito eu, talvez envolvam uma combinação das opções 2 e 3. A opção 2 parece se aplicar a casos de seres que adotam estilos de vestuário humano limitados estritamente a um momento específico da História. Um exemplo disto seriam os contatos com óvnis nos quais, segundo relatam, as entidades vestem trajes espaciais ou roupas ocidentais modernas.

A opção 3 pode se aplicar a casos onde seres aparecendo na sociedade indiana tradicional ostentam antigos estilos de vestuário védico. Também pode haver outras culturas tradicionais onde grupos específicos de seres exercem influência cultural por meio de suas próprias normas culturais no decorrer de longos períodos de tempo. (Isto lembra as culturas americana nativa e celta.) Em tais casos, a sociedade humana e os grupos de seres visitantes poderão formar uma unidade cultural ampliada. Sem dúvida, a antiga sociedade descrita na literatura védica parece ser um exemplo disto.

No Capítulo 10, chamei atenção para o fato de que as experiências indianas de proximidade com a morte seguem um padrão diferente daquele das EQMs ocidentais. Conforme sugere Ian Stevenson, estas talvez não sejam meras diferenças culturais. Talvez haja diferenças reais entre a experiência de morte na Índia e no Ocidente, e estas diferenças poderão depender de diferenças na política de



seres supradimensionais com relação aos indianos e aos ocidentais. Na minha opinião, as diferenças transculturais em experiências de contato imediato podem depender de diferenças de política semelhantes. Sendo assim, em culturas tradicionais, os seres supradimensionais poderão continuar a se relacionar com os humanos de acordo com normas antigas mas, nas modernas sociedades *high-tech*, poderão adotar outras modalidades de comportamento em resposta a circunstâncias mutáveis.

A dama da varíola pode ser um exemplo da modalidade tradicional de interação entre humanos e seres supradimensionais. No entanto, seja qual for a interpretação correta, eis a história:

A primeira vez foi quando tive varíola, e não havia ninguém em casa. Era de dia, talvez meio-dia, e eu vi aquela dama, com vestes compridas, compridas. Eram de um comprimento tão anormal que, se tentasse entrar pela nossa porta adentro, ela tropeçaria nelas. Ela estava na altura daquele fichário [um fichário de cerca de 1,50m de altura]. Tinha fisionomia fina, rosto comprido e cabelos encaracolados.

Eu estava cheio daquelas feridas de varíola, e aquilo estava me incomodando muito. Como minha mãe não estivesse ali, fiquei preocupado. Aquilo era demais para mim. Eu pensava: "Minha mãe não está aqui", e me sentia desamparado. Naquela vez, eu a vi àquela altura [1,50m]. Embora ela estivesse sentada, não havia nada ali, nada em que ela pudesse se sentar. Ela estava

sentada assim, com uma perna sobre a outra. Ela olhava para baixo e me dirigia a palavra — mas sem palavras. Ela me dizia coisas, mas não se ouvia som algum. Não era algo parecido com o idioma que eu falo, mas ela dizia, ou se poderia dizer que ela transmitia o seguinte de alguma forma: "Não se preocupe, em dois dias você estará bem. Tudo estará bem."

Aí ela disse que algumas crianças não resistiriam. A dois quarteirões de nossa casa há o que chamamos de setor policial. É onde ficam algumas residências de policiais. São casas de um só piso, alinhadas entre as cercas. Assim, ela me avisou: "No setor policial, algumas crianças não resistirão, mas nada lhe acontecerá."

Naquela ocasião, eu só estava preocupado com minha doença, e não tive o menor medo nem perguntei quem ela era ou por que pairava no espaço. Estas coisas jamais me ocorreram. Eu só queria saber de alguém que me dissesse: "Você ficará bom." Se não me falha a memória, aquela deve ter sido a primeira vez. Eu era bem pequeno. Quantos anos eu tinha? Uns quatro ou cinco. Talvez cinco. Aquela foi a primeira vez.

Encontrei-me com a dama de novo, pelo menos duas vezes, talvez três vezes, mas ela sempre aparecia quando havia um surto de varíola na cidade. Por incrível que pareça, duas crianças, que inclusive eram conhecidas nossas, morreram no setor policial. E eu me recuperei no segundo dia, muito embora ainda houvesse muitas feridas de varíola em meu corpo. Durante a noite do segundo dia, tive muita sede e quis beber um pouco

d'água. Disseram-me para não olhar no espelho, porque a doença nos deixa com uma aparência horrível. Porém, quando fui pegar um pouco d'água para mim, olhei no espelho para constatar que todas as feridas tinham secado. Embora isto tivesse acontecido em dois dias, todos achavam que eu ainda iria sofrer pelo menos mais duas semanas, e por isso me traziam folhas de *nim* e outros remédios para amenizar a ardência que eu sentia.

Mas eu percebi que aquela pessoa sempre aparecia quando havia um surto de varíola — é em pleno verão que ela irrompe. Hoje eles dizem que a têm sob controle por conta da vacina. Eu duvido muito, mas é o que eles dizem. Tradicionalmente, costuma-se realizar um festival nesta época porque dizem ser a varíola uma expansão de Durgã [a universal Mãe Divina]. Ela a traz e, estando satisfeita com você, não o deixa sofrer. Mas estou cem por cento certo de que aquela dama não era Durgã. Não se tratava de alguém tão elevado. Ao mesmo tempo, ela não era alguém deste planeta, disto tenho certeza. Ela tinha um ar de autoridade.

Outra vez, vi-a descendo a escada da casa de um amigo íntimo. Ali moravam quatro crianças, todas com varíola. As pessoas costumavam pedir a minha mãe que viesse ler as escrituras quando havia semelhantes surtos, ou quando alguém morria, ou quando estava para morrer. Existe uma história sobre Durgã. Minha mãe costumava lê-la como parte de uma cerimônia religiosa, acompanhada de um banquete. Eu costumava ir

com ela. Todas as quatro crianças que estavam com varíola estavam no andar superior da casa. Disseram às outras crianças: "Não subam até lá porque se trata de uma doença contagiosa. E é fácil de pegar." Como as crianças fossem minhas amigas, tive vontade de subir para vê-las. Mas todos foram terminantemente proibidos de fazê-lo.

Só consegui subir para o piso superior quando todos estavam entretidos com a cerimônia. À medida que eu subia, vi-a vindo na direção oposta, mas sem caminhar, sem galgar degrau por degrau. E, sugestivamente, ela estava com aquelas vestes compridas que não seriam necessárias apenas para lhe cobrir o corpo — uma roupa compridíssima. Era algo como um corte de fazenda lindíssimo.

E como desta vez já estava mais crescido, eu estudava as características dela. Antes, quando também sofria, eu não ficava reparando nela. Apenas via alguém me dizendo que eu ficaria bom. Mas desta vez eu olhei para ela prestando bastante atenção. Descrevo-a aqui segundo a segunda ou terceira vez que a vi. Ela vestia branco, branco puro — um branco especial, e não um branco qualquer, do tipo da coisa branca cremosa. Era uma roupa de alvura indescritível.

Seu cabelo era normal, mas talvez encaracolado. Embora não fosse negro como o de uma mulher do sul da Índia, não era alourado como o daqui [Estados Unidos]. Chamou-me a atenção o fato de a cintura dela ser finíssima. Mais tarde, estudei nas escrituras a respeito de quatro categorias de

corpos de mulher, bem como das apsarãs e dos gandharvas. Ela parecia um espírito celestial e tinha a cintura finíssima. Seria difícil relacionar uma cintura fina daquelas com o tamanho dos seus seios. Com um par tão farto de seios e uma cintura daquela finura, alguém daqui daria a impressão de estar para despencar a qualquer momento. Com aquela cintura finíssima e coxas compridíssimas, ela estava vestida com um *kacha* como se fosse um *dhoti* de *brahmacãri* da cintura para baixo. E aquele tecido comprido estava ligado por cima a um pedaço de tecido justo por trás, como se vê nas esculturas. Mas o traje dela, a roupa que ela usava, era compridíssimo.

Seu rosto tinha traços bem marcados. Ela era lindíssima e não chocava o olhar. Quem a vê sente estar demonstrando seu respeito a alguma pessoa digna de reverência. Você não sente o mesmo choque provocado por ver um duende [bhüta] ou um fantasma. Não há choque algum. Eu já tive visões de algumas formas de Durgã, mas a sensação neste caso é de que se está diante de um oficial militar. Durgã faz você se sentir assim, mas ela fa dama da varíola] não nos faz sentir isso. É como se um aluno cruzasse com o vice-reitor da faculdade caminhando pela calçada da universidade — mesmo sendo uma circunstância extra-oficial, você sabe que se trata de uma pessoa de alto cargo.

Enquanto descia a escada, ela me disse: "Seus amigos estão bem. Por você estar tão preocupado com eles, eu vim vê-los, e agora eles estão bem." Foi então que nutri o desejo de manter algum

contato com aquela pessoa. É uma escadaria assim e eu estou bem aqui. Fiquei ali parado de propósito na passagem dela. Acho que eu planejava dizer: "Por que não vem visitar nossa casa?" ou "Quando posso vê-la de novo?", ou algo assim. Mas algo que ocorre em muitos destes incidentes é que olham para você e o fazem "desligar o pensamento" — você fica sem capacidade de pensar nas coisas. Você se sente tão atraído a olhar para eles e apreciar a situação que, antes mesmo de conseguir pensar em algo, eles já se foram. Eles fazem isto sem o menor esforço.

Era assim que ela se locomovia — flutuando. Mas o movimento dela nada tinha a ver com o desenho da escada. Ela percorria um caminho diferente. A escada não fazia a menor diferença para ela, dava para perceber isto. Mas eis um detalhe interessante. Apesar de essas coisas não fazerem a menor diferença, eles usam as escadas para subir. Mas por que isto? Tenho uma resposta para esta pergunta, mas ela não se aplica a este caso. Eles usam a porta. Não precisam atravessar a porta, mas usam ela. Também usam as escadas. Em vez de pularem, usam as escadas.

Assim aparecia ela, para então simplesmente me atravessar no sentido de que ali estava e depois não estava mais. Eu olhava para trás de mim e lá estava ela com um grande sorriso no rosto, como se quisesse dizer: "Viu? Quando você tenta me conter e me pede algo, eu já fui embora." Um grande sorriso no rosto.

E ela tinha uma testa enorme. Temos estas quatro espécies de corpos humanos femininos, as quais são analisadas na escritura — nossas formas humanas femininas. Mas este ser não se enquadra em nenhuma das quatro.

Logo ela não é daqui. Mas, sem dúvida, eu não entendia essas coisas todas naquela época. É difícil para mim remontar àquela época e dizer exatamente o que eu sentia na ocasião, isto porque nos últimos tempos tenho entendido coisas que agora me confundem.

Na época acho que não dei muita importância a esta experiência. Mais tarde, após ter tido tantas outras experiências, isto se tornou muito importante para mim. Ela é uma *kuladevata*. Fui descobrir isto bem mais tarde. Uma linhagem familiar específica é protegida por semelhante pessoa. Como eu pertencço àquela linhagem familiar específica, ela teve um interesse especial por mim. Assim, como eu estava preocupado com aqueles meninos, ela os visitou, muito embora eles não sejam de nossa família.

Talvez eu a tenha visto uma vez mais, mas desta vez eu estava crescendo. Não atingira aquele ponto em minha vida em que passara a ter alguma espécie de descrença. Isto ainda não me acontecera. Disso eu me lembro.

Foi num festival. Existe um templo antiqüíssimo de Durgã naquela cidade — ela protege a cidade. Durante o festival de verão, eles fazem um chafariz em frente ao salão do templo. Ali eles colocam um limão, que sobe e desce na água. Eu ia lá todo dia para ver aquilo, e ficava ali parado,

olhando para o limão por um bom tempo. "Como conseguiram fazer isto com o limão?"

Tudo começava às quatro da tarde, quando ainda não havia quase ninguém no templo. Por volta das cinco, todos apareciam. Aí, eu dava um giro em torno do templo e voltava para dentro. Porque, como você sabe, quem dá um giro em torno do templo pode receber alguma bênção ou alguma coisa. Assim, se você se sente cansado, tenta fazer duas coisas ao mesmo tempo — caminhar e fazer alguma boa ação. Enquanto eu dava meu giro, nos fundos do templo faziam adoração às *kanyãs*, virgens.

De repente, num dos giros, lembrei-me daquela dama — num estalo de dedos. Bastou eu lembrar para ela de imediato aparecer sob uma figueira-de-bengala próxima a uma grande plataforma de cimento. Ali estava ela, bem em frente da plataforma. E ela estava numa ótima e bela pose, com um gesto de quem abençoa — como numa pose de dança. Eu andei com tanta rapidez na direção daquele local que era como se algo estivesse me puxando para lá. Cheguei tão perto dela que, se ela respirasse, segundo costumamos dizer, daria para sentir seu hálito no meu rosto.

Ela é muito alta comparada com nossas mulheres do sul da Índia e mesmo com as mulheres de Rajput. Parado perto dela, não senti o que sinto quando estou perto de pessoas normais, como minha irmã, por exemplo. Era como se eu estivesse diante de uma deidade ou de uma rosa. Mas, neste ínterim, pude ver exatamente o formato das mãos, os seios, as coxas e tudo. De



qualquer modo, eles não são como os membros do meu corpo. Assim, aquela foi a primeira vez que tive um bom entendimento de semelhante experiência. Essas pessoas existem. Embora tenham uma forma como nós, não é uma forma como a nossa.

A pele dela tinha uma cor mais bonita que a da minha mão. Mesmo diante daquela pele, não senti o mesmo que sentiria se estivesse perto de uma mocinha. Não foi bem assim. Era quase como se eu estivesse diante de uma bela pintura de Sarasvati, ou da forma de deidade de Durgã. Porque, como você sabe, a deidade é uma pessoa, e você não a encara como uma estátua de pedra. Você não pensa se tratar de uma estátua, mas sim de Sarasvati ou Durgã.

Mas, de qualquer modo, como eu estava bem perto dela, vi que ela respirava. E não passou nada de errado pela minha cabeça enquanto eu a olhava. Eu era muito respeitoso. Ela impunha aquele tipo de atmosfera quando estava presente. Você sente vontade de se prostrar e pedir alguma bênção ou algo assim.

Então ela disse que eles fazem um orifício no limão e, quando montam o chafariz, eles o colocam de jeito que ele suba e desça. Aí eu ri. Olhei em volta para ver se havia alguém por perto e não havia ninguém. Então, ela disse que, mesmo havendo uma pessoa por perto, ela não se daria conta de nada. Ela falou isto em meu idioma, e havia som. Pude ouvir aquele som. Também pude sentir o alento dela. Sua respiração era comparativamente muito lenta — como a de uma

pessoa doente. Mas ela tinha traços muito finos, belíssimos. E também notei que ela tinha uma pinta na testa, pois eu estava bem perto dela.

Reparei nos seus lábios. Embora se mexessem, não sincronizavam com as palavras. Na verdade, ela falava alguma outra coisa. Segundo analisei, ela devia estar falando alguma outra coisa, que eu podia entender por estar ouvindo meu idioma. Assim, achei que aquilo soava como uma dublagem de filme.

E aí ela disse: "Você será capaz de ver todos nós. Você verá muitos de nós." Ela me lembrou de que, ainda criancinha, sempre que me levavam aos templos, quando via Ganesa [um dos deus principais], eu o chamava de irmão mais velho em voz alta. Todos entoavam "*jaya Ganesa*" ou algo parecido, mas eu dizia "*anna*". *Anna* significa: "Ó irmão mais velho." Assim, ela mencionava que, assim como eu chamava Ganesa de *anna*, da mesma forma, disse ela: "Você tem contato conosco. E você está protegido." E completou: "Se não o estivesse, teria olhado para mim da mesma maneira que olharia para outra pessoa [i.e., com luxúria]." E arrematou: "Não, você está protegido. Nós podemos protegê-lo disto."

Então, ela disse: "Na verdade, enquanto você nutrir o desejo..." Embora eu esteja usando estas palavras agora, não foi bem assim que ela falou. Suas palavras eram mais simples e não tão filosóficas. Se você nutrir o desejo de desfrutar, então, não lhe daremos semelhante proteção. Assim disse ela, e de forma bem distinta: "Aprenda a ver em toda mulher uma expansão de

Durgã." E pôs a mão sobre minha cabeça. Aí, eu senti: "O meu Deus, que é isto?" Não era como aquilo que sentimos se alguém toca em nós. De repente, senti meu corpo esfriar. Esfriou mas foi uma experiência muito maravilhosa. Aquilo foi mais uma experiência do que um mero toque. Ela me acariciou assim por trás, na cabeça, como se faz com um menino. E aquilo me confortou de verdade, como se viesse de uma mãe afetuosa. De alguma forma, senti um grande respeito por aquela pessoa. Parecia uma pessoa muito respeitável ocupando uma posição superior que vem lidar com algum pobrezinho — como se a rainha tivesse vindo cumprimentar alguém. Aí eu lhe perguntei: "Será que vou vê-la outra vez, será que vou encontrá-la de novo?" Aí ela disse: "Só se você precisar de mim." Eu não a vi depois daquilo. Aquela foi a última vez.

## **A lança de Karttikeya**

A história a seguir apresenta uma indicação adicional da educação de Kannan. Esta história, apesar de ser bastante distinta de típicos relatos sobre contatos imediatos com óvnis, não parecerá incomum para pessoas familiarizadas com relatos sobre santos e místicos indianos. A experiência relatada por Kannan poderia ser classificada como uma "visão religiosa". Tanto quanto a história da dama da varíola e muitos relatos sobre óvnis, ela apresenta fenômenos, orientados por alguma

forma de inteligência, que parecem emergir de outra dimensão.

Neste caso, no entanto, os fenômenos estão vinculados de modo explícito à tradicional deidade védica chamada Kārttikeya. Na literatura védica, Kārttikeya é o principal chefe militar dos devas. Ele é filho do Senhor Siva, tendo sido criado por virgens que habitam a constelação Kṛttikā (as Plêiades). É notável que as pessoas da Índia ainda hoje relatem experiências explícitas relacionadas a tais deidades védicas.

Conforme uma característica desta história, Kannan parecia ter conhecimento incomum acerca de Kārttikeya — conhecimento este presumivelmente adquirido numa vida anterior. Isto combina com a afirmação da dama da varíola, segundo a qual Kannan manteria contato regular com seres superiores, estando ligado a eles de alguma maneira. Conforme salientei em capítulos anteriores, muitos *contatos* ufológicos também alegam ter uma relação especial com seres superiores, e alguns alegam, ainda, que isto remonta a uma vida anterior.

Eis a história:

Certa vez, fugi de casa e fui parar no templo de Sarigamesvara. É um templo de Siva, e Kārttikeya está ali. Eles têm a deidade de Kārttikeya, e têm um pavão e uma lança próxima do pavão. Este é o costume de adoração em templos de Siva. Eles mantêm o veículo da deidade à frente [i.e., o pavão] e, ao lado dele, a arma daquela deidade em particular.

Fui ao templo e fiz todas as coisas que se deve fazer neste caso. Eu costumava aprender que coisas devem ser feitas num templo de Siva sem fazer perguntas a ninguém. Eu sempre sabia onde me virar, onde me sentar e onde ficar em pé. Existe todo um cerimonial para se visitar o templo de Siva. O templo de Siva é uma réplica de Kailāsa, e o templo de Visnu é uma réplica de Vaikuntha. De modo que a etiqueta observada ao se entrar em Vaikuntha é a mesma que se deve observar no templo de Visnu. E, se é um templo de Siva, você faz tudo exatamente de acordo com o costume em Kailāsa.

Assim, eu costumava fazer isto com muita naturalidade. Eu dizia aos meus parentes: "Vocês devem fazer isto aqui e aquilo lá. Por que não fizeram isto aqui?" Apesar de haver algumas objeções a princípio, mais tarde, eles passaram a me levar sempre que queriam ir a algum templo de Siva. "Levem o Kannan que ele lhes explicará tudo." Eles achavam se tratar de alguma bênção especial a mim concedida.

Assim, realizei todo o cerimonial. Ele todo demora cerca de 45 minutos. Daí, vim até a área de Kārttikeya e me sentei. Eu costumava me sentar em pose de yoga, mesmo quando era bem pequeno, e ali me sentei e fiquei olhando para Kārttikeya. Esta deidade tem seis cabeças, monta um pavão e porta uma lança. Terminada a adoração no templo, o sacerdote saiu. Ele passou por mim, mas não me viu. Depois de sair, trancou a porta do templo. Não havia ninguém exceto os

deuses e eu. Assim, simplesmente fiquei ali sentado. Não adormeci nem fiz mais nada.

Passou a noite toda. No dia seguinte, o sacerdote apareceu e me perguntou se eu passei a noite sentado ali. Havia mulheres que freqüentavam o templo todos os dias, de manhã e à noite. Elas repararam em mim e ficaram curiosas. Que este menino está fazendo sentado aqui neste local? Eu olhei para elas, mas logo voltei a olhar para a lança. Aí, começaram a dizer "*Sadhu*", e logo uma pequena multidão me cercou.

As pessoas deixavam algumas oferendas na minha frente, algumas frutas. Então, apareceu o sacerdote e, vendo aquilo, me perguntou: "Onde está sua mãe? Que você está fazendo aqui? Por que está sentado deste jeito?" Embora procurasse encarar a situação normalmente, ele se sentia nervoso pelo fato de eu estar sentado daquele jeito. De modo que, naquela noite, após o *sandhya ārati*, ele veio até mim e disse: "Você vai ficar sentado aí deste jeito? Bem, se outro santo vier, que haveremos de fazer? Quando tiver fome, coma isto." Depois, disse: "Fique sabendo que não existe banheiro neste templo. Estou trancando a porta e saindo. Voltarei a vê-lo amanhã de manhã." Não respondi nada. Enquanto ele saía, eu simplesmente olhava para a lança.

Quando todo silenciou lá fora, surgiu uma lança de dentro daquela sala. Existe uma lança de pedra aqui, mas aquela lança parecia feita de luz. Ela veio de lá para então parar bem no lugar onde estava a lança de pedra — ficou pairando ali, movimentando-se para lá e para cá. Embora

parecesse feita de luz, era como o ouro — metálica. É de metal, mas contém tanto poder que você só vê a luz. Senti ser aquilo o que eu estivera esperando. Olhei para ela e fiquei muito feliz. Juntei as mãos em sinal de reverência. Durante todo aquele tempo, senti algo travado em meu corpo. Mas aquela sensação passou por completo, e eu me senti inteiramente normal.

Existe uma oração para a lança no idioma tâmil. Na verdade, é um *mantra*. Ele contém poder de semente. Surgiu aquele som. Ali estava o som — uma poderosíssima voz de cem ou duzentas pessoas cantando. Segundo diz a oração, a lança na mão de Skanda [Kārttikeya] dá proteção. Se alguém encarar isto como um fato, a proteção se consumará. Olhando para a lança, fazemos com que todos os fantasmas desapareçam, e esta lança é a destruidora de todos os inimigos dos devas. Entre as oito Laksūmis, ela oferece um banquete para a Laksūmi da coragem. Ela matou Surapadma. Surapadma era um demônio que obteve a bênção de só poder ser morto por uma criança de cinco anos. A oração prossegue narrando as glórias da lança. Assim, eu a ouvi como se fosse o som do oceano. Era como se duzentas pessoas estivessem cantando juntas.

Embora não houvesse ninguém no templo, eu não sentia o menor constrangimento, choque, temor, nada. Sentia-me inteiramente normal. Eu cantava acompanhando todo aquele som. Aí cantei um verso, e a lança veio desse jeito, talvez bem próxima assim. Então me levantei e prestei a ela minhas reverências plenas. Em seguida, pus-me

de pé e fiquei assim parado, e ela ficou bem ali, por uns dois ou três minutos. Aí, ela desapareceu num estalo de dedos. Enfim, sentei-me de novo e comi um pouco de fruta.

De manhã, o sacerdote apareceu, olhou para mim e disse: "Oh! Tão refulgente!" Aí, começou a vir a multidão. Era um dia especial para o templo de Sarigamesvara, terça-feira, dia de Siva. De modo que havia uma multidão ainda maior sentada na minha frente, e eu agora já estava normal. Uma senhora me perguntou se seu neto doente ficaria bom. Peguei uma fruta e dei a ela, e ela se foi. Eu distribuía todas as frutas. Bastava alguém me perguntar algo para eu lhe dar uma fruta.

Uma pessoa me fez uma pergunta a respeito de um santo chamado Kumãra-gurupara. Este é tanto o nome de um santo quanto um dos nomes de Kãrttikeya. Esta pessoa me perguntou se Kumãra-gurupara era Kãrttikeya, e eu lhe disse que não. Aquilo criou um certo rebuliço entre as pessoas. Como é que este menino sabe responder às perguntas? Aí, passaram a fazer perguntas sobre Kãrttikeya. Quais são os diferentes lugares sagrados de Kãrttikeya? E eu dizia que este lugar é especial para isto, este outro lugar é especial para aquilo. E passei a contar a respeito das glórias de Sarigamesvara, e depois falei dos sete templos de Siva na cidade. Mencionei muitas coisas que a maioria das pessoas desconhece.

Enquanto isso se desenrolava, apareceu uma senhora no templo que conhece nossa família, e ela os informou que eu lá estava. Ela disse: "Seu filho se tornou um grande *swamiji* lá. Todos o



estão ouvindo." A essa altura, eles já estavam me procurando fazia alguns dias. Naquele dia, meu irmão pegou sua bicicleta e apareceu no templo. Ele entrou ali e foi na direção de onde eu estava e me deu um tapa. "Você é um patife. Mamãe está chorando." Todos ali presentes vinham até ele e lhe diziam: "Este *sadhu* tem muito conhecimento, portanto não faça isto." Mas meu irmão não ficou nem um pouco impressionado, só fez me colocar na bicicleta e me levar de volta à casa.

## **Encontro com uma Jaladevata**

Na tradição indiana, Jaladevata é um ser que dá proteção a pessoas cujas vidas estejam correndo perigo num corpo natural de água em particular, tal como um lago ou o trecho de um rio. Eis a história de um encontro com uma Jaladevata acontecido recentemente em Mãyãpura, perto da cidade de Navadvipa na Bengala Ocidental (cerca de três horas de carro ao norte de Calcutá). Isto ocorreu perto do fim de junho de 1992. Mãyãpura é uma área de pequenas aldeias e templos rodeados por quilômetros de arrozais. Está situada num trecho de terra demarcado por um braço do Ganges, de um lado, e pelo rio Jalangi, do outro. A história foi recontada pela esposa de Kannan, que estava em Mãyãpura na ocasião e conhecia as pessoas envolvidas. Kannan traduzia enquanto ela contava a história em seu idioma nativo:

Alguns meninos da escola *gurukula* foram nadar no Ganges, e um menino de cinco anos chamado Bhāgavat foi com eles. Apesar de não saber nadar, ele resolveu acompanhar os outros porque todos eles estavam indo para lá. Os pais dele vinham bem atrás, e um dos meninos o levou de bicicleta. Assim, quando todos mergulharam no Ganges, o menino menor fez o mesmo, pensando: "Deve ser isto que devo fazer."

Os pais chegaram à margem do rio cerca de cinco ou seis minutos depois dos meninos, isto porque os meninos estavam de bicicleta. Perguntaram: "Onde está Bhāgavat?" E todos os meninos se entreolharam, dizendo: "Ué! Onde está ele?" Ninguém sabia. Então, Dvaipāyana, um dos meninos, mostrou à mãe: "Lá está Bhāgavat." Só dava para ver o dedo dele apontado acima da superfície da água. Apesar de a correnteza ser poderosíssima ali, eles o viram. Ele mantinha a mão erguida, só dava para ver o dedo, mas ele permanecia no mesmo lugar.

Ele não se mexia. Apesar da rapidez da correnteza, ele não se mexia. Aí, como a sua mãe já estivesse transtornada com a situação, Dvaipāyana, que sabe nadar, mergulhou no rio. Perto daquele lado do rio, há uma grande correnteza, só que, a uma pequena distância dali, há um banco de areia onde brincam as crianças que sabem nadar. Mas o menino estava do lado de lá, o lado da correnteza forte. Assim, Dvaipāyana mergulhou, nadou até lá e trouxe o menino, que não estava asfixiado. Ele estava normal.

Quando a mãe perguntou ao menino o que acontecera, ele disse que a correnteza o arrastara para dentro do rio. Quando estava prestes a se afogar, avistou uma senhora que o ergueu de dentro da água. Ela o segurava dentro da água. Ela tinha uma coroa, tinha brincos, estava muito bem vestida e parecia linda — e o mantinha seguro. De modo que, por algum tempo, ele sentiu que a correnteza o estava arrastando, mas, em seguida, as mãos dela o mantiveram seguro dentro da água. Foi isto o que ele disse. Ele não parava de dizer para sua mãe: "Aquela senhora era linda." E perguntava se aquela era a Mãe Ganges.

## Óvnis sobre Mãyãpura

A última história de Kannan é um típico relato sobre visão de óvni da categoria de luz noturna. Embora aquilo pudesse ser um meteoro, talvez esta hipótese seja descartada pelo fato de se ter dito que o objeto reduziu velocidade de rápida para lenta e voltando à velocidade rápida. Incluo esta história para demonstrar haver na Índia relatos sobre visões de óvnis.

A história demonstra, ainda, que uma pessoa de cultura indiana nativa identifica naturalmente semelhante fenômeno como um *vimãna*. É curioso o fato de Kannan ter usado um exemplo do *Rãmãyana* para argumentar que o óvni conseguia aumentar e diminuir de tamanho. Ele introduziu

esta idéia para explicar que alguém poderia estar voando em algo que parecia tão pequeno.

Nesta visão, não se observou diretamente uma mudança de tamanho, mas tais mudanças são mencionadas de vez em quando em relatos sobre óvnis. Betty Andreasson, por exemplo, relatou ter visto um óvni encolher numa razão de duas ou mais vezes, muito embora estivesse ocupado por dois humanos raptados e uns tantos seres ufológicos. Uma observação possivelmente relacionada a esta foi feita por Steven Kilburn, um raptado entrevistado por Budd Hopkins. Kilburn afirmou ter sido levado para um óvni que parecia muito maior por dentro do que por fora.

Eis a história de Kannan:

Eu sei que isto aconteceu durante a guerra do Golfo Pérsico, pois tive uma aula à noite ouvindo o noticiário da BBC sobre a guerra com os meninos do curso Bhakti Sãstri. Estávamos acompanhando Saddam Hussein bem meticulosamente — todos os movimentos dele. Então, eu colocava todos os meninos em frente da minha casa à noite. Dispúnhamos uma esteira no chão, acendíamos as luzes e depois ligávamos o rádio sob as estrelas. Certa vez, porém, ainda não era hora do noticiário da guerra, e eles estavam transmitindo uma conversa sobre um assunto irrelevante — as aulas de dança de Charlie Chaplin — que divertia os meninos. Era por volta das oito da noite, e eles estavam todos muito à vontade fazendo piadas sobre o programa do rádio.

Nós tínhamos duas cabanas, uma de frente para a outra, e estávamos sentados perto da cabana que servia de sala de estar. Sentado ali, olhei de repente para cima e vi uma luz azul muito brilhante sobre a outra cabana. Ela começava na estrela Dhruva, a estrela Polar, que pode ser vista por trás de nosso prédio comprido. Ela começava de lá e se locomovia com muita velocidade. Então, ao se aproximar da área de nosso templo, passou a se locomover bem devagar. Tinha uma cauda que era pequena no começo e ficava maior perto do fim. E dava para perceber com bastante nitidez que havia um objeto concreto na frente dela. Não era como uma estrela nem era muito alto.

Eu já o estava vendo quando um dos meninos disse: "Que é aquilo, Prabhu?" Aí, outro menino disse: "Que é aquilo? Que é aquilo?" Todos nos levantamos e ficamos olhando para ele. Éramos seis, cinco meninos e eu. Minha esposa estava na cozinha cozinhando algo, mas ela também saiu porque estávamos gritando: "Ei! Que é isto?" Talvez o objeto estivesse a uma altura equivalente a uma palmeira e meia acima do telhado da cabana, que não é muito alta. Tratava-se nitidamente de um objeto. A maioria dos meninos se concentrava na luz. Eu olhava para a parte dianteira, e pude constatar se tratar de um objeto. Não era uma estrela nem estava muito distante no céu. Estava bem ali. Além disso, girava em torno de si mesmo, mas foi bem lento ao sobrevoar a área pertencente ao Movimento da Consciência Krishna. Em seguida, tomou o rumo do rio Jalangi para o lado do *gosãla* [estábulo] ou talvez um

pouco mais adiante. E então acelerou. Era como se alguém reduzisse a velocidade do objeto para examinar algo.

Era algo muito interessante, e os meninos não paravam de fazer perguntas a respeito dele. Eu disse: "Bem, como vocês sabem, as pessoas respeitam Mãyãpura — deve haver alguém viajando nele." Mas, se o objeto inteiro parecia tão pequeno àquela altura, devia ser bem pequeno. Que poderia ser, então? Os meninos faziam toda espécie de perguntas. De qualquer modo, segundo meu entendimento, era na verdade um *vimãna*. Só que, por algum motivo, certos *vimãnas* podem aumentar ou diminuir de tamanho. Ao atravessarem determinadas áreas, eles aumentam ou diminuem de tamanho, conforme a área. Isto fica nitidamente evidente quando Hanumãn observa o *Puspaka-vimãna* em Sri Lankã. A princípio, tinha apenas dois assentos. Depois, foi ficando cada vez maior. E, por fim, quando Rãma voou nele, estava maior do que uma cidade. Ele levou todo o exército de vãnaras a bordo do *vimãna* para Ayodhyã, onde Sua coroação seria celebrada. Sendo assim, era um objeto maior do que uma cidade.

Só aos nossos olhos ele parece pequeno. Na verdade, estou certo de que era maior do que nossas quatro cabanas juntas. Eles apenas o diminuíram de tamanho naquela ocasião, provavelmente para atravessarem esta área tão respeitada...

Lembro-me distintamente de que pairava abaixo da altura de nossa concha acústica. Estava tão

próximo que não dava para fazer nada a respeito. Em Mãyãpura, os gaviões voam muito mais alto do que aquilo. Embora fosse algo anormal, ficamos de todo desamparados olhando para ele. Quando descrevi o acontecido para um cavalheiro muçulmano, um velho fazendeiro, ele me disse que no céu acima de Mãyãpura havia muitas coisas como aquela. As coisas vêm e vão. As pessoas vêm e vão — tantas coisas acontecem porque esta é a terra de Mahãprabhu. A terra dele fica colada à nossa por trás do *gosala*. Ele arrematou dizendo: "Não é de admirar que se vejam tais coisas no céu acima de Mãyãpura."